DANIEL



João Calvino

Digitalização Geral: jogois2006
Edição Geral: Escriba Digital



DANIEL

Capítulos 1 – 6

Volume 1

João Calvino

Tradução

Eni Dell Mullins Fonseca



Publicado em 1993 por Wm. B. Eerdmans Publishing Co. e The Paternoster Press. Edição baseada na tradução para o Inglês de T. H. L. Parker, da Série de Comentários de Calvino do Antigo Testamento, vol. 20.

Todos os direitos reservados.

Iª Edição em português, São Paulo, SP, 2000
Tiragem – 3.000 exemplares

Revisão final:
José André

Editoração:
Eline Alves Martins

Capa:
Eline Alves Martins

Distribuição:
SOCEP – Sociedade Cristã Evangélica de Publicações Ltda.
Rua Floriano Peixoto, 103 · Centro · Caixa Postal 98
13450-970 · Santa Bárbara D'oeste, SP
Telefax: (0**19) 455-1135 · e-mail: socep@dglnet.com.br

EDIÇÕES PARAKLETOS

Rua Clélia, 1254 · Cj. 5B · Vila Romana · 05042-000 · São Paulo-SP · Brasil
*Telefax: (0**11) 263-5123 · e-mail: parakletos@uol.com.br*

Índice

Prefácio à versão brasileira 07
Prefácio geral 11
Prefácio à versão inglesa 13
Nota bibliográfica 17
Dedicatória 19

1ª Exposição 35
2ª Exposição 49
3ª Exposição 62
4ª Exposição 75
5ª Exposição 88
6ª Exposição 100
7ª Exposição 111
8ª Exposição 124
9ª Exposição 135
10ª Exposição 146
11ª Exposição 158
12ª Exposição 171
13ª Exposição 183
14ª Exposição 196
15ª Exposição 208
16ª Exposição 220
17ª Exposição 233
18ª Exposição 245
19ª Exposição 257

20ª Exposição 270
21ª Exposição 283
22ª Exposição 296
23ª Exposição 309
24ª Exposição 322
25ª Exposição 334
26ª Exposição 345
27ª Exposição 357
28ª Exposição 368
29ª Exposição 380
30ª Exposição 392
31ª Exposição 404
Índice onomástico 417
Índice de referências bíblicas 421
Índice de palavras 423

Prefácio à versão brasileira

João Calvino, enquanto elaborava seus comentário dos livros bíblicos, costumava relacionar muitos dos aspectos do momento histórico do autor bíblico com vários aspectos de sua própria vida e da atividade da Igreja de nosso Senhor de seu tempo. Por exemplo, em seu comentário aos Salmos, ele via Davi em sua grande luta por sua vida e pela Igreja como algo similar a sua própria pessoa como reformador, em sua grande luta pela Igreja de seu tempo. Deus usou Davi, Daniel, os profetas, os apóstolos, os reformadores do século XVI; ele hoje usa homens e mulheres em seu reino, em todos os tempos e lugares, de forma vital. E essa forma vital se converte num marco na composição da história do mundo, especificamente da Igreja no seio da sociedade humana, como duas forças em constante colisão. Basta ler Apocalipse com isso em mente. Cristo não retirou sua Igreja do mundo, mas impediu que as portas do inferno prevalecessem contra ela. Os fracassos, as vitórias, os conflitos, o tempo de paz, tudo se entrelaça de forma extremamente complexa. Os governantes do mundo são, em geral, filhos do príncipe das trevas, porém são, ao mesmo tempo, 'servos' de Deus, a serviço de sua soberania, no cumprimento de seus propósitos. A Igreja hoje pode ser gloriosa; amanhã poderá estar envolta em trevas.

Propósito é um termo que sugere a existência de *Edições Parakletos*, no seio da Igreja, num ponto da história, para dar sua contribuição, ainda que de forma muitíssimo modesta, ao avanço do reino do Rei dos reis. Daniel nos inspira a reportar-nos a essa partícula mínima no reino de Deus, que é *Edições Parakletos*. Em nosso tempo, não

em outro, era preciso que o Deus dos patriarcas, dos profetas, dos apóstolos, dos reformadores da Igreja, também levantasse alguém para dar continuidade ao pensamento desses invictos reformadores. A Igreja das grandes nações logo fez seu povo conhecer a infinita contribuição desses gigantes da fé, menos o Brasil. Sabemos que essa lacuna sempre trouxe perplexidade a muitos no seio da Igreja brasileira. Ouso qualificar-me como membro dessa perplexa confraria, porém impotente diante de tão incomensurável desafio.

O comentário de Calvino a Daniel me inspira ousadia para visualizar o tempo de meu novo nascimento, numa pequenina igreja numa também pequena cidade do Triângulo Mineiro, Tupaciguara, há quarenta anos atrás. Dali fui para o Instituto Bíblico Eduardo Lane, em Patrocínio, também Minas Gerais. Uma de minhas primeiras tarefas escolares foi memorizar o *Breve Catecismo*. Desde então vivi indagando dos grandes da Igreja, ouvindo, lendo, meditando, sem jamais entender a razão por que a Igreja não fazia João Calvino falar português, quando Lutero, desde muito, já estava falando nosso idioma. Inconformado e impotente, como muitos nobres calvinistas brasileiros, orava, meditava e esperava que algum dia, em algum lugar, se erguesse alguém qualificado para tão gigantesca tarefa. Homens e mulheres de indiscutível cultura não faltavam nem faltam para pôr isso em obra. Faltava, sim, visão e disposição. Jamais pensei em minha pessoa; aliás, isso jamais poderia ocorrer, pois minha visão da pessoa e obra de Calvino é semelhante àquela do teólogo Karl Barth.* Esperava, sim, que o Supremo Concílio de nossa Igreja designasse alguém, ou um grupo de eruditos, para tal empresa.

Certo dia Deus me tirou do pastorado de igrejas goianas e me trouxe para ser um dos diretores da *Editora Cultura Cristã*, como parceiro do Presb. Antônio Soares e do grande teólogo, Rev. Sabatini Lalli. Quase oito anos ali, minhas aspirações visavam a ver aquela editora, órgão oficial da Igreja, realizar tal tarefa. Meu sonho, porém, nunca se concretizou. Muitos escritores continuam falando e

* *Teologia dos Reformadores*, Timothy George, p. 163, Sociedade Religiosa Vida Nova, São Paulo, SP.

escrevendo *sobre* o reformador. Não quero ler apenas *sobre* ele, quero lê-lo diretamente! Foi então que tive plena consciência de que o presbiterianismo brasileiro não era *realmente* calvinista.

Ao deixar a *Editora Cultura Cristã*, resolvi traduzir a segunda epístola de Paulo aos Coríntios comentada por João Calvino, como mero passa-tempo. Encontrei na Primeira Igreja Presbiteriana de São Bernardo do Campo, onde por cerca de dez anos sirvo a Deus (muito modestamente), na pessoa do Rev. Alceu Davi Cunha, dos Presbíteros Lauro Medeiros da Silva e Denivaldo Bahia de Melo, não só estímulo, mas também apoio financeiro. Com seu companheirismo leal, sacrificando-se financeiramente sem esperanças de retorno, começamos uma jornada de heróis, sem o sermos. Sempre envolvendo alguns dos eruditos da Igreja, como os Revs. Alceu Davi Cunha, Cleómenes A. de Figueiredo, Hermisten Maia Pereira da Costa, Boanerges Ribeiro, Carlos Aranha Neto, Álvara Almeida Campos, Ademar de Oliveira Godoy, Foulton Nogueira, o Presb. Antônio Soares e sua distribuidora SOCEP, e muitas outras pessoas, além de centenas de ardorosos leitores. Esses homens nos têm ajudado com profundo zelo. E assim temos hoje em português o décimo comentário de João Calvino. Costumo dizer que estamos fazendo o trabalho de "gente grande", brincadeira séria, pois realmente estamos fazendo algo que somente pessoas qualificadas deveriam fazer. Mas é assim que Deus usa pessoas: é ele quem qualifica com sua bênção, pois quando os grandes não fazem, os pequenos devem tentar. Hoje nosso esforço já é ponto de referência nas obras dos escritores evangélicos brasileiros e nos estudos dos seminários. Pastores, seminaristas, professores da Bíblia, teólogos, leigos de ambos os sexos e de todas as idades se deleitam com a acessível leitura dos comentários do reformador. Hoje somos uma empresa registrada e sediada, com Eline, minha filha e sócia, responsável por toda arte e editoração, com o firme propósito de publicar todas as obras de João Calvino, bem como outras obras preciosas.

Neste comentário envolvi mais alguém na tradução. Alguém que vi nascer e crescer; alguém que foi minha ovelha durante anos; alguém que, quando se dirige a mim, diz: "tio Valter!", porquanto em seu coração eu sou irmão de seus pais. De fato, Alan e Ézia são

meus amigos, irmãos, companheiros de longa data. Geraram Eni Dell, a tradutora deste volume, por cuja vida dou graças ao Senhor da Igreja.

Nossa oração, nosso anseio, é que o povo evangélico brasileiro acorde para o marasmo religioso que ora nos envolve e busque uma genuína reforma que vise à transformação da vida toda. Que a publicação de nossos livros não tenha que cessar por falta de recursos; que eles percorram todo o território brasileiro e se façam presentes na estante de todo amante da santa Bíblia. Que Calvino fale nossa língua em todos os seus comentários bíblicos e em todos os seus tratados. Que as editoras evangélicas se despertem para os grandes valores do passado e encham as igrejas da supina literatura evangélica, num movimento invencível, ainda que todas as portas do inferno se escancarem e de lá saiam todos os demônios para destruir o povo de Deus. Quando os filhos de Deus se acham revestidos do Espírito, que venham os profetas de Baal, os filisteus, os caldeus, as fornalhas, as covas de leões famintos, as arenas, os postes do martírio, as fogueiras ardentes, as guilhotinas, as masmorras, as armas modernas; que saiam em campo os exércitos do antigo dragão – nada poderá deter nem destruir o exército do Cordeiro!

Que este comentário seja uma grande bênção na Igreja de Deus. Aprendamos a admirar, a amar, a dar graças pela vida e obra do grande reformador. Se todos os ministros da Palavra tiverem pelo menos cinqüenta por cento do valor de Daniel, de João Calvino e de uma grande multidão de homens e mulheres tementes a Deus, em toda a história da Igreja de nosso Senhor Jesus Cristo, o fogo divino se alastrará por toda parte, e ninguém o poderá apagar. O Espírito Santo irá transformar sua Igreja e trazer à salvação a todos quantos têm seu nome inscrito no Livro da Vida do Cordeiro, e que só se salvarão através da proclamação do evangelho de Jesus Cristo; pela boca de seus santo arautos. Vem, Senhor Jesus!

Março de 2000
Valter Graciano Martins
Editor

Prefácio geral

João Calvino é amplamente conhecido como homem de um só livro – o autor da celebrada *Instituição da Religião Cristã*. Mesmo com toda a influência desse trabalho, o legado mais significativo de Calvino está em suas exposições da Bíblia – os sermões, preleções e comentários nos quais dispensou imensa energia ao longo de seu ministério em Genebra. As qualidades dessas obras têm sido sempre louvadas. Elas se mantêm acessíveis e instrutivas ao estudante moderno das Escrituras mais que qualquer outro *corpus* de exposição bíblica do século dezesseis.

As traduções para o inglês dos comentários de Calvino começaram a surgir logo após suas primeiras publicações. (Como é convencionalmente usada, a categoria de comentários engloba tanto as preleções quanto os assim chamados comentários; para uma distinção mais precisa, consulte T.H.L. Parker, *Calvin's Old Testament Commentaries* [Comentários de Calvino Sobre o Velho Testamento] [Edinburgh, 1986].) Uma versão completa de comentários sobre ambos, Velho e Novo Testamentos, foi produzida no século dezenove através dos esforços da Sociedade de Traduções de Calvino [Calvin Translation Society]. Os comentários referentes ao Novo Testamento foram recentemente retraduzidos sob a editoração de D. W. Torrance e T. E Torrance (Edinburgh, 1959-71). Tendo em vista a importância do Velho Testamento dentro da Tradição Reformada, tradição essa em que Calvino figurava como um dos mais significativos criadores, é mais do que apropriado que seus comentários sobre o Velho Testamento sejam semelhantemente encaminhados para uma nova tradução.

O objetivo da tradução é declarado de maneira simples – deixar Calvino falar com suas próprias palavras, tanto quanto isso se permite em outra língua. As anotações têm sido reduzidas ao máximo e a tentação de explicar os comentários de Calvino foi estritamente evitada. Esta tradução foi feita a partir das edições originais do século dezesseis. O único detalhe dessas edições não reproduzido nesta versão é o texto da Bíblia em hebraico, o que em algumas edições é posto lado a lado com a própria tradução latina de Calvino. Ao longo de sua tradução e comentários, Calvino geralmente cita palavras hebraicas. Nos lugares onde ele não fornece a transliteração destas, é fornecida uma entre colchetes, que são utilizadas para identificar tais adições. Por exemplo, quando Calvino inclui em seu texto palavras ou frases em grego ou francês sem traduzi-las para o latim, é fornecida uma tradução em inglês entre colchetes. A abreviatura 'Mg.', encontrada nas notas de rodapé, indica que a referência bibliográfica citada está na margem da edição do século dezesseis.

Em tarefa de tal magnitude, os editores se tornam devedores a outros tantos profissionais da mesma área. Desejamos prestar tributo particularmente aos editores-consultores por seu encorajamento, conselho e leitura crítica, e aos editores-contribuintes, entre os quais estão A.N.S. Lane, que penosamente checou as referências, J.G. McConville, que verificou o hebraico, D.C. Lachman, que forneceu a introdução bibliográfica, e R.C. Gamble, que auxiliou com os recursos do Centro Meeter. Agradecemos também ao Dr. Nigel M. de S. Cameron, primeiro diretor da Rutherford House, por sua enérgica contribuição ao colocar este projeto de tradução em andamento.

Nossa oração é que estas novas traduções capacitem a nova geração a apreciar as exposições do Velho Testamento feitas por um homem satisfeito em ser conhecido como mero servo da Palavra de Deus.

Editores Gerais
Rutherford House
17 Claremont Park
Edinburgh

Prefácio à versão inglesa

O leitor desacostumado aos comentários do Velho Testamento feitos por Calvino pode surpreender-se ao abrir este livro e encontrar uma série de preleções. Na verdade, a partir de 1555, todas as suas preleções sobre o Velho Testamento foram gravadas textualmente por um grupo de três estenógrafos e impressas imediatamente (erros óbvios eram corrigidos quando se lia para Calvino o texto no dia seguinte). Conseqüentemente, todos os seus comentários sobre os profetas, exceto Isaías, consistem em sermões direcionados a alunos em treinamento para o trabalho missionário, principalmente na França. Além desses estudantes, havia um grupo de ouvintes mais velhos – ministros de Genebra e vilarejos circunvizinhos, por exemplo, e refugiados com um pouco mais de instrução.

Seria de grande ajuda se explicássemos mais a fundo esta breve afirmativa, para que o leitor saiba como melhor abordar a obra de Calvino.

Em primeiro lugar, temos gravações textuais das preleções, quase não editadas (o 'quase' será em breve explicado), com várias divagações acidentais, além de familiaridades e repetições. Isso significa que devemos lê-las com um certo grau de indulgência, bem como pelo exercício da imaginação.

Com indulgência, para que não esperemos o estilo preciso e cuidadoso das *Institutas*. Qualquer pessoa discursando extemporaneamente, não importa o vigor de seu intelecto e seu domínio sobre os vocábulos, está sujeita a repetir-se e até, de vez em quando, a usar uma construção de palavras que fatalmente causará problemas sintáticos no final da senten-

ça. Não há poucas repetições, e ocasionalmente ocorre obscuridade de expressões.

A imaginação é também indispensável para esta leitura. Que o leitor se imagine dentro de um auditório lotado, principalmente de estudantes adolescentes. Eles estarão diligentemente tomando nota do que está sendo exposto pelo Sr. Calvino. Com freqüência, seus rostos erguidos registram sua incompreensão. O palestrante observa a falta de entendimento e repete o já expresso em outras palavras. Aqui e ali, os estudantes falham em compreender o latim, então Calvino repete tudo em francês.

Um importante aspecto a ser notado é que Calvino não só não utilizava anotações e ditava suas palestras, como também traduzia de improviso o texto bíblico do hebraico (e aramaico). Este fato explica as variedades de traduções da mesma palavra ou frase que encontramos em seus comentários. Também explica as freqüentes glosas do texto (as quais colocamos entre colchetes e imprimimos em caracteres romanos para diferenciá-las dos textos bíblicos em itálico). Em preparo para a palestra expositiva de Calvino, os alunos tinham uma aula de hebraico justamente sobre a passagem bíblica em questão.

Outra conseqüência deste aspecto é que, quando Calvino se serve de uma palavra hebraica, temos a oportunidade de verificar sua pronúncia hebraica (e, talvez, a pronúncia do século dezesseis em geral). Porque os registros são literais, as palavras hebraicas estão registradas tal como os escribas as ouviram, segundo a própria pronúncia de Calvino. Os escribas registravam essas palavras, não em seus caracteres hebraicos, mas com transcrições ou transliterações do alfabeto latino. Os caracteres hebraicos foram adicionados pelo editor (e essa é a qualificação feita anteriormente). É por essa razão que mantivemos as transcrições assim como foram registradas pelos escribas, com base na pronúncia de Calvino, e evitamos o refinamento desnecessário de apresentá-las também em suas formas modernas.

O teor das preleções pode ser visto de várias formas (e aqui nenhuma indulgência é necessária!). Podemos estudá-las como exemplos do estilo e método de palestras do século dezesseis. Estes estudos sobre Daniel foram, de início, reconhecidos como incomuns; "em geral, mais como preleções de história do que exposições sobre as Escrituras" foi

como um ouvinte os descreveu, e os editores de *Corpus Reformatorum*, no século dezenove, até hesitaram em incluí-los em suas publicações, pois não combinavam com a concepção moderna de um comentário. Outrossim, um historiador da França verá que estes estudos se mostram continuamente relevantes aos primórdios das guerras religiosas francesas. Ainda, o estudioso de Calvino e de sua teologia poderá ler seus comentários visando a chegar a um novo entendimento sobre a própria vida e pensamentos do escritor.

Em última instância, as palestras, apesar de toda a indumentária do século dezesseis, nos oferecem uma exposição válida sobre o profeta Daniel. Quaisquer que sejam os comentários sobre sua interpretação de lugares isolados e sobre a inocência de alguns juízos, permanece o fato de o cerne principal da obra ser coerente e teologicamente fundamentado. Em lugar das referências tradicionais às profecias sobre impérios, pessoas e eventos da era pós-Novo Testamento (Maomé, o Papa, o Império Romano, Napoleão, Hitler e outros), Calvino fixa uma fronteira inalterável em "Cristo e seu Evangelho". Para Calvino, todas as profecias se relacionam com a história do período entre a última parte da escravidão babilônica e as pregações dos apóstolos. Cristo é o fim da história clássica. Se suas preleções se resumissem apenas a lições de história, a mensagem de Daniel não seria relativizada à história clássica, e, sim, a história clássica a Jesus Cristo.

T.H.L.Parker

Nota bibliográfica

Calvino iniciou suas preleções sobre o livro de Daniel no dia 12 de junho de 1559 e as completou em meados de abril de 1560. Em sua dedicatória, no dia 14 de setembro de 1561, "a todos os sinceros adoradores de Deus que almejam o reino de Cristo justamente estabelecido na França", ele comparou a situação de Daniel e seus companheiros àquela dos santos perseguidos na França. Não sabemos se Calvino escolheu Daniel tendo em vista a luta dos santos perseguidos, mas permanece o fato de que, através da publicação de seus estudos, ele enxergou uma oportunidade providencial, oportunidade essa que lhe permitiria ilustrar ao povo francês como Deus prova a fé de seu povo através de várias dificuldades.

A primeira edição, a partir da qual esta tradução é feita, foi publicada com o título:

Ionannis Calvini Praelectiones in librum prophetiarum Danielis, Ionannis Budaei & Caroli Ionuillaei labore & industria exceptae... Genevae. M.D.LXI.

Foi publicada no ano seguinte uma tradução francesa, quase certamente não pelo próprio Calvino:

Leçons de M. Iean Calvin sur le livre des propheties de Daniel, Receuillies fidelement par Iean Budé et Charles de Ionuiller, ses auditeurs... Geneve: M.D.LXII.

A edição latina mais acessível é:

Calvini Opera 40-41 (*Corpus Reformatorum* 68-69; Braunschweig, 1889).

Uma tradução inglesa resumida das palestras sobre os primeiros seis capítulos, feita por A. Gilby, foi publicada sob o título:

Commentaries of that divine Iohn Calvine upon the Prophet Daniell [Comentários do doutor João Calvino sobre o Profeta Daniel], Londres: Iohn Daye, 1570.

A primeira, e até o momento a única, tradução inglesa completa foi feita por Thomas Myers sob os auspícios da Sociedade de Traduções de Calvino, e vem intitulada:

Commentaries on the Book of the Prophet Daniel [Comentários Sobre o Livro do Profeta Daniel], dois volumes, Edinburgh: Sociedade de Traduções de Calvino, 1852-1853.

Dedicatória

João Calvino

A todos os sinceros adoradores de Deus que almejam o reino de Cristo com justiça estabelecido na França. Graça e Paz!

Eu e você temos uma pátria em comum, uma nação cuja beleza atrai tantos estrangeiros de terras distantes. Ainda assim, tenho estado longe dela por vinte e seis anos e não me arrependo. Pois viver numa nação onde a verdade de Deus, a pura religião e a pregação da salvação eterna foram banidas, nação da qual o reino de Cristo foi lançado fora, não seria agradável ou desejável sobre hipótese alguma; o desejo por isso nem me tenta atualmente. No entanto, seria desumano e errado que me esquecesse da raça da qual descendo, cessando de preocupar-me por ela e amá-la. Penso que tenho dado claras provas de quão sincera e afetuosamente desejo ajudar meus compatriotas; pode ser que minha ausência tenha, na verdade, sido uma vantagem no fato de meus estudos lhes haverem produzido frutos mais ricos. A ponderação sobre tal benefício não só extingue todo meu sofrimento, como também torna meu exílio mais doce e feliz.

Por isso, porque durante todo esse tempo tenho lutado em prol de meus compatriotas franceses através de minhas publicações (e também, particularmente, não cessei de incitar os indolentes, espicaçar os pachorrentos, encorajar os pusilânemes, exortar os hesitantes ou inconstantes à perseverança), é mister que agora tome muito cuidado para que meu dever para com eles não cesse neste tempo de crise. Uma excelente oportunidade agora nos foi divinamente concedida. Pois, ao publicar as pre-

leções nas quais interpretei as profecias de Daniel, resultou que pude mostrar-lhes convenientemente, amados irmãos, como num espelho, que, nesta era, quando Deus desejou provar a fé de seu povo através de vários assaltos, em sua sabedoria maravilhosa, cuidou em sustentar suas mentes com velhos exemplos, para que nunca se desviem, nunca sejam quebrados até pelas mais violentas chuvas e tempestades; ou, no mínimo, se alguma vez titubeiem, não caiam totalmente. Porque, apesar de a pista de corridas designada aos servos de Deus estar juncada de muitos obstáculos, qualquer pessoa que considere este livro com cuidado descobrirá que ele contém tudo o que é útil para guiar um corredor disposto e enérgico desde o ponto de partida até o de chegada.

Primeiramente, vem a triste história, porém proveitosa, de como Daniel e seus amigos foram levados para o exílio, enquanto o reino de Deus e o sacerdócio ainda continuavam de pé. É como se Deus houvera designado a própria nata do povo eleito à ignomínia e à vergonha, passando pelas profundezas da aflição. Pois, em primeira instância, o que poderia ser mais vergonhoso do que aqueles jovens dotados de virtudes quase angelicais se tornarem presas, escravos de um conquistador arrogante, enquanto os desdenhadores mais vis e proscritos de Deus permaneciam seguros em suas casas? É justo que os santos recebessem por recompensa de seu fervor e inocência o sofrimento do castigo destinado aos ímpios, que, no mesmo instante, se parabenizavam com alegria por haverem escapado impunemente? Aqui, no entanto, para que não pensemos que os perversos se proliferem silenciosamente enquanto somos lançados na fornalha de provações, enxergamos em imagem vívida que, ao mesmo tempo que Deus livra o mais ímpio por certo tempo e até mostra benevolência para com ele, prova seus servos como o ouro e a prata.

Em segundo lugar, há um exemplo que ilustra uma sabedoria madura e uma temperança notável. Esses jovens tementes a Deus, ainda muito tenros em idade, estavam sendo provados por tentações da corte. Com uma nobreza um tanto heróica de mente, foram sóbrios e se elevaram acima das delícias postas diante de seus olhos. Mais ainda, foram capazes de desvencilhar-se das armadilhas do diabo. Quando perceberam que estavam sendo astuciosamente enganados, levados a abandonar o sincero louvor devido a Deus, firme e livremente rejeitaram a honra manchada por veneno, apesar de serem assim ameaçados de morte.

Há ainda um contexto mais feroz e amedrontador que abriga um exemplo memorável de perseverança. Os amigos de Daniel não foram intimidados por vis ameaças, que os poluiriam e os levariam a adorar a estátua. No fim de tudo, estavam prontos a manter a sincera adoração a Deus não somente com seu sangue, mas até mesmo diante da terrível execução a que foram apresentados. A bondade de Deus, que ilumina o resultado desse drama [*tragoedia*], ajuda, e muito, a nos enchermos de uma invencível confiança.

Uma competição e vitória mais ou menos parecidas são também registradas no tocante a Daniel. Ele preferiu enfrentar os leões ferozes a renunciar por três dias[1] uma pública confissão de fé. De outro modo, por pretensão isenta de fé, ele poderia ter exposto o santo nome de Deus às zombarias dos perversos. Entretanto, ao ser maravilhosamente salvo da cova dos leões, como se o fora de uma sepultura, triunfou sobre Satanás e sua legião.

Nesse caso, não encontramos filósofos debatendo sutil e imparcialmente sobre as virtudes à sua disposição; mas a constância infatigável da santidade de homens justos nos desafia com clara voz a imitá-los. Se porventura formos completamente inascessíveis ao ensino, então devemos aprender com esses mestres uma sábia prudência, para que não sejamos pegos se Satanás tentar prender-nos com lisonjas, ou se ele nos atacar com violência, estejamos prontos a frustrar seus assaltos com nosso desprezo da morte e de todo o mal. Se alguém objetar, dizendo que os exemplos de ambos os livramentos que recontamos eram raros, confesso francamente que não é sempre que Deus estende sua mão do céu para livrar seu povo dessa maneira. Na verdade, devia ser-nos suficiente que ele, solene e fielmente, declare que será o guardião de nossas vidas em qualquer situação de risco. E ainda, se bem lhe parecer, impedirá a fúria e as violentas investidas dos ímpios quando estivermos expostos às suas sanhas violentas. Mesmo assim, não deveríamos olhar apenas para o resultado, mas também nos determos em quão corajosamente aqueles homens se entregaram à morte para que pudessem defender a glória de Deus. O fato de terem sido salvos pela bondade divina não torna sua disposição menos merecedora de louvor, pois haviam se oferecido como sacrifício.

[1] Texto: *triduo* ("por três dias"); cf. Dn 6.7 etc. ("trinta dias")

É importante considerar quantas foram as perturbações que cruzaram o caminho do profeta durante os setenta anos de seu exílio. Por nenhum outro rei, com a excessão de Nabucodonosor, foi ele tão bem tratado, e até mesmo este descobriu-se ser um animal. Nas mãos dos demais sofreu crueldades, até que, com a queda repentina de Belsazar e a pilhagem da cidade, foi transferido para novos governantes – os medos e os persas. Sua invasão encheu a todos de espanto, e sem dúvida isso o assustou também. Apesar de singularizar-se como o favorito de Dario, ao ponto de sua escravidão ser quase tolerável, a inveja dos príncipes, com sua perversa conspiração, o colocava em grande perigo. No entanto, Daniel preocupava-se mais com a segurança comum da igreja do que com sua própria tranqüilidade; quanto sofrimento não sentiu, quanta ansiedade quando os negócios de Estado prometiam a seu povo uma interminável, dura e vil opressão! Ele cria na profecia de Jeremias,[2] com toda certeza. Todavia, vemos uma incomparável resistência no fato de sua fé não haver falhado após ter ficado tanto tempo em suspenso, quando, jogado de um lado para o outro por ondas tempestuosas e sucessivas, não se afogou.

Agora trato das profecias propriamente ditas. As mais antigas foram projetadas para os babilônios; em parte, porque Deus desejava adornar seu servo com uma insígnia definida, a qual seria capaz de compelir a nação mais orgulhosa e conquistadora a respeitá-lo; e, por outro lado, porque o nome de Daniel deveria ser digno de respeito entre os gentios, para que pudesse usar essa autoridade mais livremente no exercício do ofício profético entre seu próprio povo. Depois de se haver tornado famoso entre os caldeus, Deus o incumbiu de profecias mais importantes, profecias exclusivas ao povo eleito.

Ademais, Deus de tal maneira acomodou as profecias ao uso do povo de tempos passados, atenuando a tristeza com recursos oportunos e sustentando mentes hesitantes até o advento de Cristo, que tornou-as não menos relevantes para o nosso próprio tempo. Pois aquilo que foi previsto do flutuante e efêmero resplendor das monarquias e do estado perpétuo do reino de Cristo não é menos benéfico hoje do que o foi no passado. Deus nos mostra que todo poder terreno não fundamentado

[2] Jr 25.12; 29.10.

em Cristo está perecendo, e que uma rápida destruição ameaça a todos os reinos que se superexaltam, obscurecendo a glória de Cristo. Os reis que atualmente governam sobre seus vastos domínios descobrirão, a não ser que se submetam de livre vontade ao reinado de Cristo, através de dolorosa experiência, que um terrível juízo[3] também os aguarda. O que pode ser menos tolerável que ele, debaixo de cuja proteção sua dignidade permanece intacta, já esbulhado de seu direito? No entanto, vemos quão poucos deles admitem o Filho de Deus; não deixarão pedra sobre pedra, farão qualquer coisa para impedi-lo de cruzar suas fronteiras. Muitos ministros do rei também envidam todo seu cuidado e atividades em fechar os portões. Podem até dizer que são reis cristãos e alardearem que são excelentes "Defensores da Fé Católica";[4] todavia, tais vãs atitudes são facilmente refutadas se temos uma definição verdadeira e genuína do reino de Cristo. Pois seu trono ou cetro nada mais é que o ensinamento do evangelho. Somente quando todos, da mais alta à mais baixa estirpe, ouvirem sua voz, voz de serena docilidade para com suas ovelhas, e seguirem para onde quer que ele chame, é que sua majestade brilhará e seu reinado prevalecerá.

Neste ensinamento está contida uma religião de certeza e serviço legítimo a Deus. Nela prevalece a salvação eterna do homem e a verdadeira felicidade. Ainda assim, eles não só a repudiam em todo lugar, como também a expulsam com ameaças, terrores, ferro e fogo, usando de toda violência para exterminá-la. Quanta cegueira, que estranha cegueira, não permitir àqueles a quem o unigênito Filho de Deus chama gentilmente a abraçá-lo! Muitos, dos píncaros de seu orgulho, pensam que serão degradados se porventura admitirem sua inferioridade diante do supremo Rei. Outros se recusam a ter suas paixões amordaçadas; e, como a hipocrisia ocupa os sentidos de todos, amam a escuridão e receiam ser trazidos para a luz. No entanto, não há maldição pior que o medo de Herodes[5] – como se aquele que oferece o reino dos céus ao mais baixo e desprezível indivíduo do povo comum seria capaz de roubar impérios terrenos de monarcas! Além disso, é necessário apenas que

[3] Dn 5.26-28.

[4] Um título assumido por alguns reis europeus, Calvino, porém, tem em mente o rei da França.

[5] Mr 2.3, 16.

um olhe em direção aos outros para que uma união mútua os coloque a todos numa associação mortal sob o jugo da impiedade. Pois, se houvessem considerado seriamente as questões corretas e verdadeiras, se apenas tivessem abertos seus olhos, o conhecimento não seria obscuro.

Mas porque é um tanto comum ocorrerem sérias comoções quando Cristo se apresenta com seu evangelho, pensam somente na ordem pública e assim granjeiam uma honesta justificativa para rejeitarem o ensinamento divino. Concordo que qualquer mudança causadora de perturbações pode ser merecidamente reconhecida como detestável. No entanto, constitui séria injúria contra Deus se ele não houver nos outorgado o poder para estabelecer o reino de seu Filho enquanto quaisquer tumultos possíveis não sejam resolvidos. Mesmo se terra e céu fossem virados de cabeça para baixo, o serviço de Deus continuaria tão precioso que qualquer diminuição dele, por menor que seja, seria de mais peso que qualquer vantagem. Entretanto, aqueles que fingem que o evangelho é fonte de perturbações, derramam sobre ele verdadeira infâmia. Certamente é verdade que Deus troveja no evangelho, com voz tão poderosa que faz tremer os céus e a terra. Quando o profeta logra a aceitação de sua pregação pelo que diz, então temos um tremor feliz e desejável.[6] E, com toda certeza, se a glória de Deus não se faz preeminente até que toda carne seja humilhada, então o orgulho humano, que se opõe a essa glória e nunca se submete a ela de vontade própria, precisa ser lançado fora pela poderosa e forte mão do próprio Deus. Pois, se com a publicação da Lei toda a terra tremeu,[7] não surpreende que a força e a eficácia do evangelho surjam ainda mais majestosas. Portanto, deveríamos abraçar com maior prazer aquele ensinamento que soergue os mortos do inferno e abre as portas do céu para os indignos da terra; ensino que desencadeia um poder tão extraordinário que é como se todos os elementos estivessem de acordo para nossa salvação.

Mas olhe e veja! As chuvas e tempestades fluem de uma outra fonte. Os nobres e maiorais do mundo não se submetem livremente ao jugo de Cristo e as massas ignorantes rejeitam tudo o que é para sua salvação, antes mesmo de experimentar qualquer coisa. Alguns se alegram na imun-

[6] Ag 2.7.
[7] Mg. (margem), Êx 19.18.

dície, como os porcos. Outros organizam motins e massacres, como se houvessem sido instigados pelas Fúrias.[8] Mas, ainda a outros, o diabo completamente escraviza e excita com fúria especial, criando toda sorte de tumultos. Em conseqüência, surgem as trombetas, os conflitos e as batalhas quando aquele sacerdote romano, aquele Heliogábalo,[9] no comando de sua corte vermelha e sangrenta e de suas bestas chifrudas, marcha num ataque afoito contra Cristo, reforçado pela escória imunda de seu clero (da mesma panela todos eles chupam os nacos com os quais foram alimentados, mesmo sem uma elegância uniforme). Muitos famintos se oferecem como mercenários. Uma grande maioria de juizes, tão acostumados a se empanturrarem com suntuosos banquetes, brigam "Por cozinha e forno".[10] Mas, acima de tudo, de dentro dos conventos monásticos e dos covis sorbonistas,[11] veio a turba que inflama e abana as chamas. Omito os planos secretos e as vis conspirações – minhas melhores testemunhas poderiam ser os piores inimigos da santidade. Não nomearei ninguém. Basta sugerir alguns dos que são bem conhecidos de vós.

Nesta invasão confusa de tantos animais selvagens não surpreende que aqueles que consideram apenas os resultados complexos dos eventos estejam perplexos. No entanto, é injusto e vil de sua parte jogarem a culpa de sua falta de fé no santo evangelho de Cristo. Dado que, Aqueronte,[12] juntamente com suas Fúrias, engaja-se na batalha, ficará o Senhor Deus sentado ociosamente nos céus, abandonando e traindo sua própria causa? E quando ele se houver armado, será que a esperteza ou astúcia ou as violentas investidas do homem serão capazes de impedir a vitória divina? O papa, dizem alguns, tem a maioria do povo de seu lado – a justa recompensa pela descrença, que pode começar ao simples farfalhar de uma folha caindo! Ó ministros da coroa, por que sois tão mío-

[8] As Fúrias: as três filhas da Noite e de Aqueronte (ver nota 12).

[9] Heliogábalo: o imperador romano Marco Aurélio Antônio (d. 222), famoso por sua licenciosidade (também, Elagábalo).

[10] *pro culina et foco*: obviamente, uma variante sardônica (de Calvino? ou de Erasmo?) da frase clássica e comum *pugnare pro aris et focis*, "brigar por forno e lar" (literalmente, "por altares e fornos").

[11] Sorbonistas: uma referência à fanática e anti-reformista Faculdade de Sorbonne em Paris, a voz teológica da universidade.

[12] Aqueronte: um dos rios do inferno.

pes? "Deixai que Cristo parta, no caso de haver algum distúrbio". Então, logo vereis o quanto teria sido melhor ter Deus ao vosso lado, para confiardes em sua ajuda e desprezardes todos os vossos medos, em vez de provocá-lo para uma batalha, cuidando excessivamente para não enraivecer os perversos e vis.

Obviamente, quando tudo houver sido pesado, a superstição que até hoje prevalece entre os defensores do papa nada mais é que o mal bem apresentado; pois acreditam que ele não deve ser removido, principalmente em decorrência do medo do resultante prejuízo. Entretanto, aqueles que têm a glória de Deus em seus corações e são dotados de sincera piedade, deveriam ter um objetivo muito diferente – devotar todas as suas atividades a Deus, confiando todos os resultados à sua providência. Se ele não nos houvera feito promessa alguma, provavelmente deveríamos ter uma justa causa para o medo e a vacilação contínuos. Mas, como ele tão abundantemente declarou que nunca negaria ajuda no momento em que o reino de seu Cristo estivesse sendo mantido, a única maneira de agir corretamente é descansar nessa confiança.

Mais ainda, é vossa incumbência, amados irmãos, tomar prudente cuidado para que a verdadeira religião possa novamente readquirir uma posição sã; isto é, até onde cada um tiver o poder e a vocação. Não é necessário dizer o quanto tenho lutado para remover toda e qualquer ocasião geradora de tumultos até agora. Clamo aos anjos e a vós para testemunhardes diante do supremo juiz que não é de minha responsabilidade que o progresso do reino de Cristo não tenha sido calmo e inofensivo. De fato, julgo ser em decorrência de meu cuidado que pessoas particulares ainda não passaram dos limites.

Ora, apesar de Deus, através de seu maravilhoso poder, ter feito avançar a restauração de sua Igreja mais do que eu poderia ter imaginado, ainda precisamos lembrar-nos de que Cristo comanda seu povo – e que este precisa possuir sua alma em paciência.[13] A visão explicada por Daniel[14] é relevante aqui: a pedra que destruiu todos os reinos em guerra com Deus não foi formada por mãos humanas, e, por mais áspera e rústica que seja, cresceu até transformar-se numa grande montanha. Te-

[13] Mg. Lc 21.19.
[14] Dn 2.31-35.

nho-vos advertido sobre isso para que possais esperar silenciosamente em meio aos trovões e ameaças até que a última das nuvens vazias seja dispersa pelo poder celestial e, por fim, desapareça.

Mesmo assim, tenho plena consciência de quantas indignidades vós tendes sofrido durante os últimos seis meses – não contando os inúmeros fogos por que passastes durante trinta anos. Sei que, em muitos lugares, já conhecestes a violência de turbas revoltas, o bombardeio com pedras, os ataques com aço puro. Reconheço que vossos inimigos têm sondado e esperado e, repentina e inesperadamente, interromperam suas reuniões pacíficas com violência. Sei que alguns foram mortos em suas casas, outros nas ruas; corpos foram arrastados como num mero esporte; mulheres foram estupradas; até mesmo uma mulher grávida e seu bebê não nascido foram traspassados; casas foram quebradas e roubadas. No entanto, apesar de atrocidades ainda piores serem passíveis de acontecer no futuro, vós deveis mostrar que sois discípulos de Cristo, bem treinados em sua escola. Precisais cuidar para que nenhuma ação furiosa e intemperada dos perversos vos tire da moderação que até o presente mostrastes e que sozinha tem superado e quebrantado todos os seus assaltos.

E se vierdes a sentir-vos cansados por causa da longa batalha, lembrai-vos da grande profecia que retrata exatamente o estado da igreja. Naqueles dias, Deus mostrou a seu profeta quais conflitos, ansiedades, dificuldades e perigos os judeus enfrentariam desde o fim do exílio e sua volta triunfante à sua própria nação até o advento de Cristo. No entanto, isso contém uma analogia temporal; essas mesmas coisas são verdadeiras para nós – isto é, devem ser adaptadas para nosso uso. Daniel regozijou-se pela Igreja em miséria, por tanto tempo submersa num profundo dilúvio de maldades, quando deduziu, a partir de um cálculo dos anos, que o dia da libertação previsto por Jeremias[15] estava próximo. Mas o profeta recebeu a resposta de que o destino do povo seria mais duro quando fossem libertados e, como resultado, mal teriam tempo de recuperar-se da contínua sucessão de terríveis calamidades.

Sua esperança havia sido preservada por setenta anos, mas não sem amargura e dor profundas, além de um aborrecimento intenso. Agora,

[15] Mg. Jr 25.12, 29.10.

entretanto, Deus multiplicou o tempo em sete vezes e infligiu uma ferida quase mortal em seus corações. Declarou que quando o povo houvesse levantado suficientes forças após seu retorno e houvesse reconstruído a cidade e o templo, deveriam passar por um novo conjunto de provações. E não só isso, mas até mesmo em meio à sua primeira alegria, quando mal haviam experimentado a doçura de sua bondade, o Senhor os designou ao sofrimento. Que catálogo de desastres logo se seguiu! São amedrontadores ao ouvido e podemos imaginar quão sofridos e amargos devem ter sido para esse povo ignorante. Ver o templo profanado pela audácia de um tirano sacrílego, objetos sagrados maculados e manchados, todos os livros da Lei jogados no fogo, e toda a religião banida – que horrível visão! Ver todos aqueles que confessavam franca e abertamente que permaneciam firmes no louvor e adoração a Deus lançados no fogo – que homem fraco e débil poderia testemunhar tudo isso sem profundo desalento? No entanto, era a intenção do tirano levar os fracos de coração à apostasia através da ferocidade.

Sob os macabeus, um pouco de relaxamento parece ter sido dado ao povo, mas ele logo se dissipou em decorrência de massacres selvagens e nunca foi livre de aflições e desânimo. Isso tudo porque o inimigo era muito superior em número de homens e munições, e não havia nada mais a fazer, para todos os que se haviam armado em defesa da Igreja, a não ser esconder-se nas covas de animais selvagens ou vaguear pelas florestas em grande necessidade, completamente destituídos. Um outro tipo de provação se fez notar quando homens vis e sem fé, gabando-se falsamente de seu zelo, nas palavras de Daniel, juntaram-se a Judas (o macabeu) e a seus irmãos. Essa foi uma artimanha de Satanás, visando a espalhar a infâmia sobre o bando reunido por Judas, como se fossem bandidos.

Entretanto, a pior coisa para os justos foi quando alguns dos próprios sacerdotes tornaram-se ambiciosos e traíram o templo e a adoração a Deus com pactos vis. Isso não só pôs à venda o ofício sagrado, como também foi comprado por meio de disputas assassinas, com mortes até mesmo de pais. Aconteceu que, apesar do fato de todos os homens, de quaisquer classes, manterem a circuncisão e os sacrifícios, continuaram a profaná-los abertamente em todos os lugares usando de corrupções; de modo que, quando Cristo apareceu, era milagre raro al-

guém estar procurando o reino de Deus. São poucos os elogiados por fazer justamente isso.

Ora, em meio a toda a deformidade da Igreja, apesar das várias divisões ao redor do mundo, entre terrores pavorosos, a devastação do meio rural, a pilhagem de casas e os riscos de vida, a profecia de Daniel manteve-se na mente dos fiéis. No entanto, isso foi quando a religião ainda estava envolta em sombras escuras, quando o ensino estava quase extinto e quando os próprios sacerdotes estavam corrompidos e destruíam tudo o que era sagrado. Quão vergonhosa, pois, será nossa fraqueza se a lídima luz do evangelho, através da qual Deus nos mostra seu rosto de Pai, não nos soerguer, sobrepondo a todos os obstáculos, e nos fortalecer, criando em nós uma infatigável constância! Não há dúvida de que, naqueles dias, os servos de Deus incorporaram à sua própria era aquilo que os profetas haviam dito sobre o exílio babilônico, visando a suavizar sua infelicidade decorrente de dificuldades contemporâneas. Do mesmo modo, deveríamos fixar nossos olhos nos mistérios de nossos pais e não nos recusarmos a reunir-nos àquela Igreja da qual se disse: "Ó tu, aflita, arrojada com a tormenta e desconsolada! Eis que eu [te] assentarei";[16] a Igreja que, em outro lugar, após ter se lastimado dizendo que suas costas foram abertas pelos perversos à semelhança de um campo sulcado pelo arado, continuou regozijando-se porque suas amarras haviam sido cortadas pelo justo Juiz, para que não prevalecessem sobre ela.[17]

O profeta não nos encorajou a ter esperança e paciência utilizando apenas os exemplos daqueles dias. Somou a isso uma exortação, ditada pelo Espírito, que se estende a todo o reino de Cristo, pertencendo também a nós. Portanto, não se nos permita que se torne difícil sermos incluídos no número daqueles que ele afirma que serão testados pelo fogo e se tornarão puros (brancos, alvos);[18] pois todas as dificuldades da cruz foram mais que compensadoras pela felicidade e glória inestimáveis que ela carrega. A maioria das pessoas pensa que essas coisas não têm sentido algum. Não sejamos contaminados por sua preguiça e enfado, mas mantenhamos firme em nossos corações aquilo que o profeta logo declara, isto é, que os ímpios se comportarão impiedosamente porque não com-

[16] Mg., Is 54.11.
[17] Mg., Sl 129.1-4.
[18] Dn 11.35.

preendem. No entanto, os filhos de Deus serão dotados de compreensão para que possam apoiar-se no percurso certo do chamado divino.[19]

É também muito importante entender qual a fonte dessa cegueira irracional comum para que possamos nos deliciar nos ensinamentos celestiais. A grande maioria despreza a Cristo e seu evangelho, porque conseguem agradar a si mesmos sem medo algum e estão destituídos de qualquer consciência de seus males. A ira de Deus não lhes causa horror, nem instiga o desejo sincero e ardente pela redenção que sozinha nos redime do abismo eterno da destruição. Estão cativos, ou, melhor, enfeitiçados pelos prazeres, gratificações e outras ciladas, e não têm o menor interesse numa eternidade abençoada. São grupos sem número que rejeitam desdenhosamente o ensino do evangelho. Entre alguns podemos ver claramente o orgulho; entre outros, a fraqueza; entre alguns outros, uma espécie de embriaguez intelectual; entre ainda outros, uma indolência entorpecida. Mesmo assim, descobriremos que o desdém flui de um senso profano de segurança e que nenhum deles examina a si mesmo, visando a investigar suas misérias e procurar um remédio para elas. Quando a maldição de Deus cai sobre nós e sua justa vingança faz pressão ao nosso redor, seria insanidade monstruosa deixarmos de lado todo o cuidado e continuarmos a nos divertir como se nada tivéssemos a temer. Entretanto, é falha muito comum ver aqueles que são culpados milhares de vezes e que merecem mil mortes eternas acobertarem sua sonolência (ou, melhor, preguiça) com cerimônias fúteis, realizadas sem preocupação para com Deus.

Ora, Paulo nos diz que o evangelho tem o cheiro de morte para todas as mentes que Satanás enfeitiçou.[20] Portanto, se quisermos sentir seu sabor aqui nesta vida é mister que nos apresentemos diante do trono do juízo de Deus e, imediatamente, acusemos nossas consciências, para que sejamos atingidos por um temor real, reconhecendo o valor e a importância da reconciliação que Cristo granjeou para nós com seu precioso sangue. Por isso, o anjo,[21] para ganhar o respeito e a autoridade

[19] Dn 12.10.

[20] Mg., 2Co 2.16.

[21] Se *Angelus* é a leitura correta, a referência se faz a Dn 9.20-27; se emendado a *Apostolus*, a referência seria a 2Co 2.16. Talvez Calvino esteja transferindo inconscientemente as palavras de Paulo ao anjo.

da doutrina de Cristo, prega sobre a justiça eterna, que foi selada pelo sacrifício de sua morte e, ao mesmo tempo, expressa a maneira e o propósito pelos quais a iniqüidade deve ser destruída e expiada. Assim, enquanto o mundo continua deleitando-se em licenciosidade, que o conhecimento da condenação merecida nos amedronte e nos humilhe perante Deus. Enquanto os ímpios se entregam gananciosamente aos seus prazeres terrenos, abracemos com igual desejo o tesouro incomparável no qual se acha escondida a real bem-aventurança. Que nossos inimigos falem o quanto quiserem que seu único cuidado e preocupação é ter Deus propício para com eles. Enquanto pensarem que ele só pode ser invocado na incerteza, estão certamente derrubando o fundamento da salvação. Que ataquem nossa fé usando de quantas irritações quiserem, mas que deixemos bem claro que só através de seu benefício é que alguém pode desfrutar da prerrogativa de clamar a Deus, o Pai, livre e confiadamente, agarrando-se ao amparo de Cristo. Entretanto, nossas mentes são muito atraídas pelo mundo, e o zelo pela santidade nunca florescerá em nós como deveria até que aprendamos a levantar-nos e a exercitá-la em meditação e práticas contínuas da vida eterna. Neste aspecto, o vazio incrível da humanidade trai a si próprio. Apesar de quase todos os filósofos falarem claramente sobre a brevidade desta vida, nenhum deles aspira o que é eterno. Então, quando Paulo elogia a fé e o amor dos Colossenses, tem boas razões para dizer que são animados pela esperança que está preservada nos céus.[22] E, em outra instância, ao discorrer sobre o objetivo da graça revelada a nós em Cristo, o apóstolo afirma que quando tivermos renunciado a todos os desejos vis e terrenos precisamos ser instruídos a viver sóbria, justa e piedosamente neste mundo, aguardando a bendita esperança e o advento da glória do grande Deus e nosso Salvador Jesus Cristo.[23] Permiti que esta expectativa destrua todos os obstáculos e nos embaracem, e quanto mais o mundo estiver saturado da praga do epicurismo, mais sinceramente devemos lutar para alcançar o objetivo antes que também sejamos contaminados.

Mais ainda, apesar de ser necessária nossa compaixão e pena pela perdição voluntária de tão grande multidão, sabemos que estão corren-

[22] Mg., Cl 1.5.
[23] Mg., Tt 2.12-13.

do rumo a sua própria destruição como se fossem a ela destinados. Poderíamos até nos irritar com louca fúria se não nos lembrássemos da admoestação de Daniel que diz que a salvação indubitavelmente está preservada para todos os que têm seu nome registrado no Livro da Vida.[24] E apesar da eleição estar escondida no conselho secreto de Deus (que é a primeira causa de nossa salvação), ainda assim a adoção de todos os que são implantados no corpo de Cristo pela fé no evangelho é indiscutível.

Portanto, alegrai-vos com esse testemunho e segui em frente energicamente, traçando o percurso no qual já começastes bem. Se tiverdes que lutar ainda por muito tempo (e vos aviso de que haverá batalhas piores do que imaginais), e se a fúria dos perversos resultar em toda sorte de violência e eles incitarem todo o inferno, é preciso que vos lembreis de que o caminho foi traçado para vós pelo diretor celestial do concurso, cujas regras devem ser obedecidas mais rapidamente, pois ele suprirá seu próprio povo com forças até o fim.

Já que não seria certo abandonar o posto no qual Deus deseja que eu permaneça, dedico-vos este meu trabalho como garantia de minha preocupação em ajudar-vos até que minha peregrinação termine e que o Pai Celeste, em sua imensa bondade, me leve, juntamente convosco, para a herança eternal.

Que o Senhor vos guie com seu Espírito, meus mui amados irmãos! Que ele vos guarde com sua proteção de todos os desígnios de nossos inimigos e vos sustente com seu invencível poder.

Genebra, 19 de Agosto de 1561

[24] Dn 12.1.

DANIEL
1-6

Oração que João Calvino costumava fazer
no início de suas preleções:

Que o Senhor nos permita engajarmo-nos nos mistérios celestiais de sua sabedoria, para que progridamos em verdadeira santidade, para o louvor de sua glória e para nossa própria edificação.
Amém.

1ª Exposição

O livro do profeta Daniel vem em seguida. Sua utilidade é muito grande, não podendo ser expressa facilmente num resumo, e será melhor compreendida na medida em que for surgindo. Não obstante, lhes darei agora um pequeno antegosto do que virá, visando a preparar-nos para a leitura e despertar nosso interesse. Contudo, antes de fazer isso, permitam-me resumir brevemente o livro. A divisão também nos auxiliará em outro aspecto. Podemos dividir o livro em duas partes.

Daniel relata como granjeou autoridade até mesmo entre os perversos, pois era necessário que fosse colocado no ofício profético de maneira inusitada e extraordinária. Como bem sabemos, as coisas estavam em grande confusão entre os judeus, o que tornava difícil crer que houvesse algum profeta em seu meio. No início, é verdade, Jeremias ainda estava vivo, como também estava Ezequiel. Após o retorno do exílio, os judeus ainda tinham seus profetas. Todavia, Jeremias e Ezequiel haviam quase terminado seu percurso quando Daniel começou a exercer seu ofício profético. E ainda outros – Ageu, Malaquias e Zacarias –, como vimos, foram feitos profetas para exortar o povo de Deus. Portanto, seu ofício era, por assim dizer, restrito. Quanto a Daniel, mal podia ser reconhecido como profeta se Deus não o houvera levantado de maneira prodigiosa, como já foi citado anteriormente. Portanto, veremos como, até o final do capítulo seis,

ele foi divinamente adornado com uma ilustre insígnia, para que os judeus fossem bem assegurados (a não ser que desejassem ser maus e ingratos para com Deus) de que haviam sido presenteados com um profeta. Entre os babilônios, ele era muito conhecido e reverenciado. Se os judeus desprezassem àquele que era admirado até pelos gentios, não seria como se estivessem deliberadamente abafando e esmagando sob os pés a graça divina? Daniel, então, possuía uma insígnia certa e evidente, pela qual pudesse ser reconhecido como profeta de Deus e que colocava seu chamado acima de qualquer dúvida.

Logo depois vem a segunda parte, na qual Deus prediz, através dele, o que aguardava o povo eleito. Portanto, do capítulo sete até o final do livro, temos visões pertinentes particularmente à Igreja de Cristo. Nestes capítulos, o Senhor prediz o futuro, e esse aviso prévio era mais do que necessário. Havia sido tentação suficientemente difícil para os judeus suportarem setenta anos de exílio, mas após haver retornado para sua própria nação, Deus estendeu a libertação total de setenta anos para setenta 'semanas', aumentando o atraso em sete vezes.[25] As mentes de todos poderiam muito bem haver-se abalado e desanimado mil vezes, pois os profetas haviam falado tão majestosamente sobre a redenção que os judeus possivelmente esperavam, de um estado feliz e completamente abençoado, assim que fossem libertados da escravidão babilônica. No entanto, quando foram oprimidos por tantas aflições (e não por pouco tempo, mas por mais de quatrocentos anos, enquanto que permaneceram em exílio por apenas setenta anos), a redenção pode ter parecido um conto de fadas. Não há dúvida de que Satanás provou a várias pessoas, tentando fazê-las deixar o caminho – estaria Deus conduzindo um jogo quando os tirou da Caldéia e os levou de volta à sua pátria? É por isso que o Senhor mostrou a seu servo numa visão quantas e quão graves aflições aguardavam o povo eleito.

[25] A referência é a Dn 9.24. Consultem-se os comentários de Calvino a respeito deste versículo (Sociedade de Traduções de Calvino II, pp. 195-202).

Ainda mais, Daniel prevê de tal maneira que quase descreve historicamente coisas que ainda estavam escondidas. Isso também era necessário, pois em meio a tantas turbulências, o povo nunca teria idéia de que essas coisas foram relatadas divinamente a Daniel, a não ser que o testemunho divino fosse provado por um acontecimento real. Portanto, o homem santo precisava falar e profetizar sobre acontecimentos futuros como se estivesse narrando algo que já houvera ocorrido. Entretanto, veremos todas essas coisas em sua devida ordem.

Volto ao início, onde disse que deveríamos conhecer rapidamente a utilidade deste livro para a Igreja de Cristo. Em primeiro lugar, o assunto em si nos mostra que Daniel não falou com base em suas próprias idéias, mas que tudo o que proclamou havia sido ditado pelo Espírito Santo. Porque, se o profeta houvera sido dotado somente de sabedoria humana, como poderia ter conjeturado as coisas que devemos ver depois? Por exemplo, que outras monarquias surgiriam e destruiriam o império babilônico, que, naquela época, era o poder supremo do mundo? Além disso, como previu a vinda de Alexandre o Grande? Ou a de seus sucessores? Muito tempo antes de Alexandre nascer, Daniel profetizou sua chegada. Depois, prevê que seu reino não duraria, pois é, de uma vez, dividido em quatro 'chifres'. Outras coisas mencionadas por ele demonstram que, certamente, falava segundo o ditado proferido pelo Espírito Santo.

E mais confiança ainda pode ser adquirida através de outras narrativas – quando avisa quantas misérias a Igreja enfrentaria nas mãos de dois cruéis inimigos, a saber, o rei da Síria e o rei do Egito. Daniel lista seus pactos, relata os ataques inimigos em duas frentes e depois fala sobre as muitas mudanças. Tudo isso claramente apontado por ele foi tão verdadeiro, que é óbvio que Deus estava falando através de sua boca. É, portanto, muito bom e proveitoso que aprendamos com certeza que Daniel foi apenas um instrumento do Santo Espírito e que nada proclamou com base em suas próprias idéias.

Ora, o fato de lhe ser concedida autoridade para estabelecer a credibilidade de seus ensinamentos mais firmemente entre os judeus também se aplica a nós. Quão vergonhosa e vil é nossa ingratidão se não aceitarmos o profeta de Deus, a quem até os caldeus foram compelidos a honrar – caldeus que, sabemos nós, eram supersticiosos e dominados pelo orgulho e arrogância. Essas duas nações, os egípcios e os caldeus, estavam satisfeitas consigo mesmas, mais do que todas as demais. Os caldeus achavam que a sabedoria habitava somente entre eles e não estavam dispostos a receber Daniel, a não ser que fossem forçados a isso, nem queriam confessar que ele era um verdadeiro profeta de Deus, a não ser que essa informação lhes fosse arrancada.

Agora que a autoridade de Daniel foi estabelecida, devemos dizer algo sobre os assuntos dos quais tratava. Primeiramente, a interpretação de sonhos. O primeiro sonho de Nabucodonosor, como veremos, estava relacionado ao assunto mais importante de todos; isto é, que tudo o que é esplêndido e poderoso no mundo passa, enquanto somente o reino de Cristo permanece estável e só ele é perpétuo. No segundo sonho de Nabucodonosor, faz-se evidente a maravilhosa perseverança de Daniel, pois foi muito ofensivo humilhar o maior monarca do mundo como fez: "Tu te isentas da raça humana e desejas ser louvado como Deus. De agora em diante, deverás ser um mero animal." Hoje em dia, ninguém teria coragem de profetizar assim diante de monarcas, nem se atreveria a conceder-lhes um aviso educado se houvessem pecado. Portanto, quando Daniel audaciosamente disse ao rei Nabucodonosor sobre a desgraça que o esperava, deu memorável e rara prova de sua constância. Isso também selou seu chamado, mostrando que sua força vinha do Espírito de Deus.

É mister que prestemos atenção à segunda parte, onde verificamos como Deus cuida de sua Igreja; ou seja, a providência que o Senhor estende é clara ao mundo inteiro. Se mesmo um pardal não cai sem sua permissão, ele indubitavelmente cuida da

raça humana.[26] Assim, nada acontece conosco por acaso, mas, neste livro, Deus faz uma luz iluminar-nos, para que saibamos que ele governa a Igreja, tornando-a especial alvo de seu zelo.

Se um dia as coisas estiveram em confusão no mundo, ao ponto de imaginar-se que Deus estava a dormitar no céu e esqueceu-se da raça humana, isso se deu durante a grande mudança daqueles dias, ou, melhor, mudanças – muitas e múltiplas e várias. O coração mais intrépido poderia ter desmaiado, pois não havia fim para as guerras. Agora, o Egito era dominante; nesse momento, havia tumultos na Síria. Quando tudo estava virando de cabeça para baixo, o que se poderia dizer a não ser que o mundo era negligenciado por Deus e que os infelizes judeus foram enganados quanto à sua crença de que o Senhor, seu libertador no passado, surgiria como guardião de sua segurança para sempre? Pois, apesar de todas as nações estarem envolvidas juntamente nesses muitos desastres, o resultado da vitória dos sírios sobre os egípcios foi o abuso de poder demonstrado através da retaliação contra os judeus, deixando Jerusalém aberta à pilhagem como se fosse uma recompensa pela vitória. Se o outro lado fosse vitorioso, vingavam sua injúria sobre os judeus ou buscavam a compensação neles. Portanto, de ambos os lados, este infeliz povo era saqueado; e, até mesmo depois de haver regressado à sua própria nação, estavam em pior situação do que haviam estado enquanto exilados ou quando eram inquilinos em nações distantes. Todavia, o aviso de que essas coisas aconteceriam foi o melhor dos apoios no qual apoiar-se.

Nos dias de hoje precisamos aplicar a mesma doutrina a nosso próprio proveito. Vemos, como num espelho, ou retrato, Deus demonstrando desvelo por sua Igreja, até mesmo quando parece haver-se descartado dessa preocupação. Vemos que é de acordo com seu propósito que os judeus foram expostos aos insultos de seus inimigos. Mas, por outro lado, devemos compreender

[26] Mg., Mt 10; Lc 12; isto é, Mt 10.29-31; Lc 12.6-7.

que foram maravilhosamente preservados; de fato, por um poder divino maior e mais poderoso do que se houvessem levado uma vida quieta, livre de molestações. Essas coisas, porém, devem ser aprendidas nos capítulos sete a nove.

Ora, quando Daniel numera os anos até o advento de Cristo, que testemunho fiel e claro temos com que nos opormos a Satanás e a todas as chacotas dos ímpios! Pois é certo que o livro de Daniel existia e foi lido antes que tudo isso acontecesse. Ele enumera setenta 'semanas' e diz que então Cristo viria. Portanto, deixem que todos os homens perversos e insensatos venham e sigam em frente proclamando em alta voz sua insolência para que todos possam ouvir! Quando tudo terminar serão destruídos, convencidos de que Cristo é o verdadeiro Redentor prometido por Deus desde a fundação do mundo. Porque o Senhor não quis que ele fosse revelado sem uma demonstração infalível que superasse todas as provas dos matemáticos. É, portanto, particularmente notável que, após Daniel haver falado sobre as várias aflições da Igreja, tenha previsto o tempo em que Deus desejava revelar seu Filho unigênito ao mundo.

O que o profeta também declara sobre o ofício de Cristo é um dos mais importantes princípios de nossa fé. Pois falou não somente de seu advento, mas também previu que, então, as sombras da Lei seriam abolidas porque Cristo traria consigo seu cumprimento. E, quando profetizou a morte de Cristo, também falou do propósito de sua morte – apagar o pecado através do sacrifício pessoal, concedendo a justiça eterna.

Finalmente, devemos também observar que, até mesmo enquanto treinava nossos antepassados para carregarem suas próprias cruzes, também nos avisa que o estado da Igreja não seria tranqüilo após a revelação de Cristo, mas que os filhos de Deus teriam que lutar até o final de seus dias, não desejando o fruto da vitória até que os mortos se levantem e o próprio Cristo nos acolha em seu reino celestial.

Neste momento, precisamos compreender em suma, ou pelo menos sentirmos o antegosto de quão útil e frutífero nos é este livro.

Agora passo às palavras propriamente ditas, porque, como já disse anteriormente, desejava apenas acrescentar algumas coisas; e, em todo caso, sua leitura demonstrará melhor quais os frutos que devemos colher em cada um dos capítulos.

Capítulo 1

1 No ano terceiro do reinado de Jeoaquim, rei de Judá, veio Nabucodonosor, rei de Babilônia, a Jerusalém, e a sitiou.

1 Anno tertio regni Jehoiakim regis Jehudah venit Nebuchadnezzar rex Jerosolyma Babylonis, et obsedit eam.

2 O Senhor lhe entregou nas mãos a Jeoaquim, rei de Judá, com parte dos utensílios da casa de Deus; a estes levou-os para a terra de Sinear, para a casa de seu deus e colocou os utensílios na casa do tesouro de seu deus.

2 Et tradidit Deus in manum regis Jehoiakim Regem Jehuda, et partem vasorum domus Dei, et traduxit ea in terram Sinear in domum dei sui quod vasa posuerit in domo thesauri dei sui.

Daniel data sua transição para a escravidão com seus companheiros – no terceiro ano do reinado de Jeoaquim. Aqui surge uma pergunta difícil. Nabucodonosor começou a reinar durante o quarto ano do reinado de Jeoaquim. Como, pois, poderia atacar Jerusalém no terceiro ano e levar consigo cativos a seu bel-prazer? Alguns intérpretes resolvem esta questão com o que me parece ser uma conjetura insignificante: que "quarto ano" deve referir-se ao seu início, de modo que o tempo passa a ser compreendido como "terceiro ano". No entanto, no capítulo dois, vemos Daniel sendo levado perante o rei durante o segundo ano de seu reinado. Novamente, os estudiosos escapam desse novo problema com outra solução. Dizem que os anos não eram numerados a partir do início do reinado, mas que esse era o segundo ano desde a derrota dos judeus e a captura de Jerusalém. Entretanto, isso é artificial e forçado.

Uma conjetura mais provável parece-me ser a de que o profeta estava referindo-se a Nabucodonosor, o Primeiro, ou, pelo menos, colocando o reinado de Nabucodonosor, o Segundo, durante a vida de seu pai. Sabemos que existiram dois reis com este nome, o pai e seu filho; mas, visto que o filho desempenhou atos vários e memoráveis, foi cunhado de "o Grande". Portanto, qualquer referência que fizermos daqui em diante a Nabucodonosor, só poderá ser entendida como ao segundo, ou seja, ao filho. Josefo[27] afirma que esse filho foi enviado por seu pai contra os egípcios e os judeus. A causa da guerra teria sido o fato de os egípcios estarem freqüentemente instigando os judeus a se rebelarem e a se livrarem do jugo imposto pelos babilônios. Assim, Nabucodonosor, o Segundo, deflagrou guerra contra o Egito quando seu pai faleceu e voltou para casa com toda pressa, temendo ser substituído por um golpe. Josefo acredita que ele deixou a expedição e voltou para casa a fim de certificar-se de que as coisas continuavam estáveis. E não há nada de absurdo nisso; aliás, é muito comum chamar de rei ao governante que, não obstante, divide o reino em parceria com seu pai. Portanto, interpreto tudo isso como se segue: "No terceiro ano do reinado de Jeoaquim, veio Nabucodonosor, por ordens e sob o comando de seu pai" – ou, se se preferir, veio o velho Nabucodonosor. Portanto nenhuma das duas visões é absurda, não importa se tomamos o pai pelo filho.

Assim, veio Nabucodonosor, **rei de Babilônia, a Jerusalém**, isto é, pela mão de seu filho, e sitiou a cidade; ou, se outra exposição for preferível, ele mesmo estava presente – ou, ainda, que estava presente para batalhar é também uma leitura plausível. Entretanto, isso aconteceu no terceiro ano do reinado de Jeoaquim.

Neste trecho, os intérpretes também se enganam. Josefo diz que tudo isso ocorreu durante o oitavo ano.[28] No entanto, ele

[27] Josefo, *Antigüidades dos Judeus* 10:6; 10:11:1.
[28] Josefo, *Antigüidades* 10:6:1.

nunca lera o livro de Daniel. Era homem pouco instruído, sem muito conhecimento das Escrituras. Creio que nunca lera os três primeiros versículos de Daniel. Era um juízo divino muito horrendo imaginar que um sacerdote pudesse ser um homem tão estúpido quanto Josefo. Mas, em outra citação minha, parece que ele sucedeu a Metasthenes.[29] Também cita outros quando discorre sobre a queda da monarquia. Todavia, essas coisas são bastante consistentes; ou seja, que a cidade foi primeiramente tomada durante o terceiro ano do reinado de Jeoaquim e que alguns nobres de linhagem real (entre eles Daniel e seus amigos) foram levados cativos como uma espécie de prêmio pelo triunfo. Mais tarde, quando Jeoaquim se rebelou, foi tratado um pouco mais severamente, assim como Jeremias havia predito.[30] Assim, Daniel já havia sido levado, enquanto Jeoaquim ainda governava o reino mesmo como um vassalo do rei Nabucodonosor.

A profecia de Jeremias cumpriu-se; isto é, os primeiros figos foram os melhores. Aqueles que foram levados escravos por último pensavam que estariam em melhor situação que os demais. No entanto, o profeta logo os desengana dessa fútil e orgulhosa pretensão e mostra que os primeiros cativos foram tratados mais gentilmente do que o restante do povo que havia permanecido seguro em casa. Assim, creio que Daniel tenha sido um dos primeiros cativos. E, à luz desse fato, podemos perceber quão incompreensíveis são os juízos divinos. Se alguém em toda a terra era irrepreensível naquela época, esse alguém certamente era Daniel. Ezequiel o cataloga entre os três homens justos capazes de aplacar a ira de Deus.[31] Havia virtude tão extraordinária em Daniel, que era como se fosse um anjo celestial entre os mortais. Mesmo assim, foi levado para o exílio e viveu como escravo do rei de Babilônia, enquanto outros, que haviam pro-

[29] Isto é, Megasthenes, um historiador grego contemporâneo de Alexandre. Consulte-se Josefo, *Antigüidades*, 10:11:1.
[30] Mg., Jr 24; isto é, 24.1-10.
[31] Mg., Ez 14; isto é, 14.12-20.

vocado a ira do Senhor contra si, de tantas maneiras, viviam silenciosamente em seus ninhos. O Senhor não os privou de sua terra natal, nem os cortou de sua herança, sinal e promessa de adoção. Qualquer um que tentar descobrir por que Daniel se encontrava entre os primeiros cativos, simplesmente revela sua própria insanidade.

Aprendamos a admirar os juízos divinos, os quais suplantam a todos os nossos pensamentos, e também lembremo-nos das palavras de Cristo: "Se em lenho verde fazem isso, que será em lenho seco?"[32] Como mencionara anteriormente, havia uma santidade angélica em Daniel, e apesar disso ele foi arrastado ignominiosamente ao exílio e educado entre os eunucos do rei. Se isso aconteceu a homem tão santo, que desde a infância havia se dedicado inteiramente à piedade, que prazer o nosso por Deus querer livrar-nos! Pois, o que realmente merecemos? Quem ousaria comparar-se a Daniel? Como diz o velho provérbio, não somos dignos nem mesmo de desatar as correias das sabdálias de seus pés.

Não há dúvidas de que Daniel desejava mostrar que, mesmo durante o tempo em que tudo isso estava acontecendo, era presente extraordinário e singular de Deus que esta provação não o dominasse, nem foi capaz de desviá-lo do verdadeiro caminho da santidade. Quando Daniel percebeu que era, se assim podemos dizer, um exemplo de desgraça, mesmo assim não deixou de louvar a Deus de maneira pura. Entretanto, quando diz que o rei Jeoaquim havia sido divinamente entregue nas mãos do rei Nabucodonosor, sua expressão foi capaz de remover qualquer ofensa das mentes dos piedosos. Pois, se Nabucodonosor houvera sido superior, o próprio Deus pareceria ter-lhe dado diretriz, e então sua glória teria sido ultrapassada. Todavia, aqui Daniel afirma expressamente que o rei Nabucodonosor sitiou Jerusalém e conquistou o povo, não usando de seu próprio poder ou

[32] Mg., Lc 23; isto é, 23.31.

estratégia, nem por meio de fortuna ou acaso, mas, sim, porque Deus desejava humilhar seu povo. E assim Daniel põe em andamento a providência e o juízo divinos, para que não concluíssemos que a captura de Jerusalém significava a quebra da aliança de Deus com Abraão e sua descendência.

O profeta fala especialmente dos utensílios do templo. Põe ênfase nisso, pois a noção poderia soar um tanto absurda às mentes dos crentes: Por que Deus desejaria isso? O templo de Deus sendo despojado por um homem vil e impiedoso! O Senhor não jurou que ali seria seu lugar de descanso? – "Este é para sempre o lugar do meu repouso; aqui habitarei, pois o preferi".[33] Se algum lugar no mundo deveria possuir a distinção de inconquistável, firme e intato, esse lugar seria o templo de Deus. Mas quando foi saqueado, quando seus utensílios sagrados foram profanados e, ainda mais, quando um rei pagão carregou para o templo de seu deus tudo o que dantes fora consagrado ao Deus vivo, essa provação não poderia (como já disse antes) ter balançado a fé até dos mais santos? Indubitavelmente, nenhum deles foi tão forte ao ponto de não ser repentinamente assaltado por essa tentação: "Onde está Deus? Por que ele não está defendendo seu templo? Apesar de não habitar no mundo e não ser enclausurado por paredes de pedra ou madeira, escolheu esta para ser sua casa, e os profetas têm nos assegurado de que ele está assentado entre os querubins.[34] O que isso significa então?" Como já afirmei, Daniel nos lembra aqui do juízo divino e nos diz de forma sucinta que não deve parecer-nos estranho que o Senhor visite apóstatas vis e impiedosos com castigo tão severo, pois sob a palavra 'Deus' ocorre uma tácita antítese.[35] O Senhor não entregou Jeoaquim nas mãos de Babilônia sem boa razão. Assim, Deus

[33] Mg., Sl 132; isto é, 132.13-14.

[34] Mg., Sl 80 e 99; Is 37 etc.; isto é, Sl 80.1; 99.1; Is 37.16.

[35] Aqui, "tácita antítese" significa "uma conseqüência implícita". *Porque* Deus é Deus, *portanto* Ele pune a Jeoaquim.

o transformou em presa, para que pudesse aplicar castigo pela rebeldia de povos vis.

Então, o profeta prossegue:

3 Ordenou o rei a Aspenaz, chefe de seus eunucos, que trouxesse *alguns* dos filhos de Israel, assim da linhagem real como os príncipes.	3 Et mandavit Rex Aspenazo principi eunuchorum, ut educeret e filiis Israel et ex semine regio, et ex principibus.

Neste trecho, Daniel continua sua história e mostra porque ele e seus companheiros foram levados embora. O rei havia ordenado que lhe trouxessem não o povo comum, mas, sim, jovens provenientes da alta aristocracia, para que se pusessem diante dele; ou seja, lhe ministrassem. À luz desse fato, deduzimos que Daniel e seus amigos eram jovens de distinção e superioridade, nascidos em berços reais ou, pelo menos, filhos de pais da alta sociedade. O rei fez isso para enfatizar que era ele quem estava no controle. Pode ser também que tivesse um plano mais sutil de usá-los como reféns. Esperava (como veremos adiante) que, se os educasse em sua corte, eles se tornariam traidores e inimigos dos judeus, podendo assim tirar vantagem deles. Novamente, o rei esperava que, sendo de berço real, os judeus se mostrassem mais submissos por medo de gerarem perigos para os exilados; isto é, os parentes do rei e dos nobres.

Quanto às palavras: ele chama Aspenaz "chefe dos eunucos", com este último vocábulo ele quer dizer garotos que eram criados na corte do rei numa escola para nobres. Pois é muito improvável que esse Aspenaz fosse o superintendente sobre os governadores. Inferimos desta passagem que os garotos estimados pelo rei e mantidos em posições de honra estavam sob seu cuidado.

'Eunucos', em hebraico, é *sarisim*. Entretanto, esta palavra se refere a qualquer supervisor. Potifar foi chamado por esse nome,[36] e mesmo assim tinha uma esposa. O nome é utilizado por todas

[36] Mg., Gn 37, 40; isto é, 37.36; 40.3-4.

as Escrituras para designar os sátrapas de um rei, mas, porque esses eram escolhidos dentre os filhos da nobreza, não é provável que fossem castrados e, em decorrência, alcunhados de eunucos (pois Josefo, em sua ignorância, afirma que esses rapazes judeus haviam sido castrados).[37] Todavia, já que os eunucos eram os favoritos entre os reis orientais, os rapazes comumente chamados por esse nome eram os que o rei educava numa espécie de escola para nobres, para que, em seu devido tempo, pudesse transformá-los em governadores de suas várias províncias.

Assim, o **rei ordenou que alguns dos filhos de Israel, da linhagem real e da nobreza, fossem trazidos**. É assim que esta frase deve ser entendida. Ele não ordenou que lhe trouxessem jovens do povo comum, mas, sim, da linhagem real, para que ficasse bem claro que ele era vitorioso e que podia fazer com eles o que bem entendesse. Por 'nobres' pretende-se aqueles que desfrutavam de influência junto ao rei de Judá. E, como veremos mais adiante, Daniel pertencia a esse grupo.

Alguns acreditam que פרתמים, *partemim*, se deriva de *Perah*, isto é, o Eufrates. E por 'governadores' entendem aqueles a quem as províncias às margens do Eufrates eram confiadas. No entanto, isso não se enquadra na presente passagem, a qual se relaciona aos judeus. Então, verificamos que a palavra é utilizada num sentido geral e deve incluir todos os nobres.

O restante veremos amanhã.

Deus Todo-Poderoso, em qualquer momento que nos mostrares o espelho tão claro de tua providência maravilhosa e teus juízos no meio dos povos da antigüidade, concede-nos a certeza de que também estamos debaixo de tua mão e proteção. Com esse apoio, que possamos esperar qualquer coisa que nos assalte, sabendo que serás nosso Anjo da guarda e nunca abandonarás nossa segurança; para que possamos clamar a

[37] Josefo, Antigüidades 10:10:1.

ti silente e confiadamente, aguardando com coragem qualquer perigo oculto nas transformações deste mundo. Que nos mantenhamos firmes, sustentados por tua Palavra infalível e descansemos em tuas promessas, sem duvidar que Cristo, a quem entregaste por nós, e que por tua vontade é o Pastor de todo teu rebanho, cuidará de nós de tal maneira que nos guiará por todo o curso de nossa batalha, não importa quão sofrida e turbulenta seja, até que cheguemos ao descanso celestial que ele comprou para nós através de seu sangue. Amém.

2ª Exposição

Logo segue-se o quarto versículo:

4 Jovens sem nenhum defeito, de boa aparência, instruídos em toda sabedoria, doutos em ciência e versados em conhecimento, e que fossem dotados de força para assistirem no palácio do rei; e lhes ensinasse a cultura e a língua dos caldeus.

4 Pueros, quibus nulla esset macula et pulchros aspectu, et intelligentes in omni prudentia, et intelligentes scientiam, et diserte exprimentes cognitionem, et in quibus vigor, ut starent in palatio regis, et ad docendum ipsos literaturam et linguam Chaldæorum.

Na prelcção de ontem, vimos que ao supervisor, ou mestre dos eunucos, fora ordenada a busca de jovens nobres de linhagem real ou de casas principescas. Ora, Daniel descreve as qualidades que Nabucodonosor exigia. Precisavam ser jovens [garotos] (não meninos de sete ou oito anos, e, sim, adolescentes) sem nenhum defeito; isto é, em quem não houvesse nada defeituoso, mas fisicamente íntegros; e que fossem de boa aparência; ou seja, masculinos e de bela aparência. Além disso, ele adiciona: instruídos em toda sabedoria, doutos em ciência e, finalmente, versados em conhecimento (aqueles que tomam este particípio como ativo parecem estar certos, pois, de outra maneira, seria ele uma repetição fraca e insípida. Portanto, considero que, neste caso, a referência é aos eloqüentes, àqueles que fazem mais que compreender – pois muitos são os que, em suas mentes, estão cientes do significado de algo, mas não conseguem expressá-lo a outros. A habilidade de auto-expressão não é dada a todos).

Portanto, Daniel põe as duas coisas aqui – que deveriam ter conhecimento e também ser aptos a expressar seus pensamentos.

E que fossem dotados de força: pois כח, *coah*, é quase sempre usada para força, como vemos em Isaías 40: "Os que esperam no Senhor renovam suas forças";[38] isto é, "serão renovados em seu vigor". Novamente: "Minha força falha" (Salmo 22);[39] ou seja, "secou-se meu vigor". Portanto, à sabedoria, aprendizado e eloqüência, ele soma força ou vigor; ou, ainda, atividade física, que é a mesma coisa.

Para assistirem no palácio do rei e lhes ensinasse a cultura *(erudição)* – não consigo traduzir o termo ספר, *sepher*, de outra maneira. Literalmente, quer dizer "uma carta"; mas também significa 'ensinamento' ou 'instrução' – e a língua dos caldeus.

Agora vemos que o rei pediu que lhe trouxessem jovens nobres de sangue real ou principesco, não tendo em vista somente sua alta descendência, mas também porque sua intenção era selecionar como servos aqueles que fossem talentosos, bem nascidos, como dizem, bons oradores e capazes de fazer bem o que lhes fosse requerido, além de, também, desfrutarem de excelente saúde física. Sem dúvida nenhuma, ele desejava mantê-los em seu favor para atrair alguns outros judeus. Então, depois de serem investidos de autoridade, pudessem (se a situação assim o exigisse) tornar-se governadores designados sobre a Judéia e reinar sobre sua própria nação, mantendo-se, contudo, servos do império babilônio.

Este era o propósito do rei. Portanto, não temos razões para louvá-lo por sua generosidade. Pois o fato de ele correr após seus próprios benefícios está mais do que claro. Mesmo assim, verificamos que a bondade e liberalidade humanas não eram tão desprezadas naquela época como são hoje e têm sido durante os

[38] Is 40.31.
[39] Sl 22.15.

últimos séculos. Uma vez que tanta barbárie tem prevalecido no mundo, é quase uma desgraça ter homens nobres reconhecidos entre os instruídos e cultos. A mais alta condecoração para os nobres é a completa falta de instrução, e eles têm deixado claro que não eram clérigos (para usar o vocábulo comum). E se algum nobre for treinado como erudito, é com vistas à pretensão de se obterem bispados e abadias. Assim, como ia dizendo, quase tinham vergonha de adquirir conhecimento. Entretanto, vemos que a era da qual Daniel estava falando não se mostrava tão bárbara., pois o rei dava ordens para a educação dos jovens que desejava ter entre seus próprios príncipes. Na verdade, isso vinha puramente de motivos utilitários (como já foi dito), mas, mesmo assim, devemos notar que esse era o costume.

O requerer deles erudição e experiência pode parecer absurdo, pois eram muito jovens para receberem tanta sabedoria, tão grande erudição ou habilidade. No entanto, sabemos que os desejos de um rei eram um tanto exagerados. Quando, para sua satisfação, ordenam isso ou aquilo, sempre se põem acima das nuvens. Assim também procedeu Nabucodonosor! E Daniel, relatando suas ordens, o retrata com um tom régio: o rei ordenou que fossem escolhidos alguns jovens incríveis e que em cada um se manifestasse algo grandioso. Não há, na verdade, razão para discutirmos atiladamente o significado de "sabedoria, conhecimento e prudência". O rei simplesmente queria que fossem trazidos garotos; adolescentes, espertos e com tanta disposição que fossem aptos e estivessem prontos a aprender, sendo bons oradores por natureza e possuidores de físico robusto.

Pois o texto continua afirmando que lhes **fosse ensinada a erudição e a língua dos caldeus**. E assim descobrimos que o rei Nabucodonosor não estava exigindo médicos formados, mas, sim, garotos de boa estirpe (assim como já enfatizamos anteriormente); isto é, dotados com qualidades inatas e raras, dos quais grandes coisas poder-se-iam esperar. Se ele tinha a intenção de educá-los liberalmente na cultura dos caldeus, isso implica que tam-

bém não desejava que já fossem perfeitos e instruídos intelectualmente. Pelo contrário, estava estudando suas naturezas. Seu propósito em ensinar-lhes a língua da Caldéia[40] era o de fazê-los afastar-se gradualmente de sua própria nação, esquecendo-se de que eram judeus e até mesmo acostumando-se ao estilo caldaico de vida, porquanto a língua é um especial vínculo de comunicação.

Quanto à 'erudição' propriamente dita, podemos perguntar se era parte da lei que Daniel e seus companheiros aprendessem essas artes saturadas de fraude. Pois temos notício de como eram os ensinamentos dos caldeus. Professavam conhecer o destino de todos os homens – assim como hoje ainda existem muitos impostores neste mundo, os que se autodenominam 'genethliacs'.[41] Há muito tempo atrás, usaram mal um título de honra, se autodenominavam *mathematici* – como se fossem matemáticos isentos das artimanhas e ilusões do diabo! Foi justamente por utilizarem esse título que os Césares associaram os 'caldeus' e os 'matemáticos' em suas leis, e a meu ver os dois vocábulos são sinônimos. No entanto, a solução é simples. Os caldeus não só cultivavam a astrologia que se chama 'judiciária', como também eram habilidosos na verdadeira e genuína astronomia. Pois os antigos escritores afirmam que o curso das estrelas era observado pelos caldeus, visto que nenhuma região no mundo era tão plana que permitisse uma visão tão ampla de todos os horizontes. Assim, os caldeus estavam em posição favorável para estudarem os céus expostos tão amplamente à visão humana, e eram totalmente abertos ao estudo da astronomia. Mas, visto que os espíritos dos homens também se volvem para as fúteis curiosidades, não se contentavam com a ciência legítima, e assim cedem às imaginações vãs e perversas. Porquanto não passa de

[40] Calvino usa o termo "língua da Caldéia" para o que atualmente é chamado de "aramaico imperial".

[41] *Genethliacs*: aqueles que calculam a natividade. Calvino demonstra não ter um conhecimento preciso dos diferentes tipos de mágicos babilônios; e por isso utilizei a tradução literal do vocábulo *genethliaci*.

loucura o que esses 'genethliacs' ensinam sobre o destino dos indivíduos.

E assim, Daniel teve a oportunidade de aprender aquelas artes; ou seja, a astronomia e outras ciências liberais – assim como está escrito que Moisés era também instruído em todas as ciências egípcias,[42] e sabemos que os egípcios eram um povo contaminado por semelhantes aberrações. Todavia, de ambos, Moisés e nosso profeta, podemos dizer que foram instruídos sobre astronomia e outras ciências liberais. Todavia é incerto se o rei ordenou que se aprofundassem mais em tais assuntos. Devemos, porém, ter em mente que Daniel não se deixara seduzir ao ponto de emaranhar-se completamente naqueles embustes de Satanás, pois, como veremos em breve, ele absteve-se de toda comida e bebida reais. Assim, minha opinião é que, não importa o que o rei ordenara, Daniel contentava-se com a pura e genuína ciência das coisas naturais. Como já dissemos anteriormente, o propósito do rei era meramente egoísta. Ele tencionava que Daniel e seus companheiros trocassem de nacionalidade e rejeitassem a seu próprio povo, como se fossem caldeus nativos.

Então ele prossegue:

5 E o rei lhes determinou uma ração diária proveniente da porção da comida real e do vinho que ele bebia. E que assim fossem educados por três anos, ao cabo dos quais pudessem assistir diante do rei.

5 Et constituit illis rex demensum diei in die suo ex frusto cibi regis, et ex vino potus ejus. Et ut educarentur annis tribus: et a fine illorum starent coram rege.

Neste versículo, Daniel também mostra que o rei mandou que aqueles que haviam sido trazidos da Judéia fossem tão bem alimentados ao ponto de se embriagarem com os deleites para que se esquecessem de sua própria raça. Pois sabemos que, se em algum canto do mundo existe algo sagaz, o tal reina nos palácios reais. Portanto, quando Nabucodonosor percebeu que es-

[42] Mg., Atos 7; isto é, 7.22.

tava lidando com um povo implacável e inflexível (e sabemos que os judeus eram espírito duro e quase indomável), decidiu engajar servos que voluntariamente se submetessem; daí suas tentativas em agradá-los com encantos. Foi por essa razão que determinou para eles **uma ração de sua própria comida e bebida** – assim como ainda hoje constitui a mais elevada honra nos corredores principescos *d'être servi de la bouche* ["ser servido da mesa (do rei)"]. Nabucodonosor queria que Daniel e seus amigos fossem não só mantidos de maneira esplêndida, mas até mesmo real, como se fizessem parte da família do rei. Ainda assim, eram cativos e exilados, pois ele os havia arrancado violentamente de sua terra natal, tomando-os como troféus de guerra (como dissemos ontem). E assim, percebemos que ele não agiu dessa maneira em virtude de sua liberalidade, mas para que cressem que era virtuoso, alimentando os infelizes exilados com sua própria comida e bebida. No entanto, como dantes foi mencionado, com astúcia tentou conquistar os garotos para que chegassem a preferir ser caldeus, e não judeus, renegando, assim, seu próprio povo. Esse era o intuito do rei, mas veremos que Deus dirigiu Daniel e seus amigos através de seu Espírito para que percebessem que eram armadilhas do diabo e também se abstivessem da comida e bebida reais, temendo a contaminação. Todavia, todas essas coisas serão discutidas mais adiante em seu devido tempo. Neste momento, só estamos preocupados com a sagacidade do rei. Ora, ele ordena que fossem alimentados todos os dias com uma porção de sua bebida e comida. Essa pequena porção era oferecida diariamente aos exilados não por receio dos gastos, mas porque o rei desejava que a comida preparada para si e para os demais príncipes fosse a mesma destinada a eles.

Ele soma a isso a ordem para que **assim fossem educados por três anos**; ou seja, até que estivessem suficientemente treinados nas ciências da Caldéia, bem como até que falassem a língua fluentemente. Três anos era tempo suficiente para ambas as coisas, porque ele selecionara rapazes habilidosos, que aprendi-

am línguas e ciências facilmente. Eram dotados de grande habilidade natural, e não há nada de surpreendente nesse prazo de três anos exigido pelo rei.

Por último, ele diz ao cabo deles; isto é, "dos três anos". Já dissemos que este texto não poderia indicar os jovens, como se a seguir o rei escolhesse apenas alguns dentre eles. Pois veremos na hora certa que um certo período de tempo foi determinado. Não há, portanto, necessidade de uma longa refutação, pois é certo que o profeta estava referindo-se ao fim dos três anos. Esta afirmação foi feita um pouco antes de pudessem permanecer no palácio, mas a mesma também deve ser compreendida em referência ao tempo, fato que temos mencionado reiteradamente. Portanto, não foram trazidos imediatamente à presença do rei; isso era simplesmente o que se esperava deles no futuro. Quando o narrador diz que o rei ordenou que permanecessem para que, mais tarde, fossem usados em seu serviço, Daniel está dizendo a mesma coisa duas vezes – que haviam recebido uma educação esplêndida porque o rei os queria como servos em sua mesa e para outras tarefas.

Continua:

6 Entre eles se achavam, dos filhos de Judá, Daniel, Hananias, Misael e Azarias.	6 Et fuit in illis ex filiis Jehudah Daniel, Hananiah, Misael, et Azariah.
7 E o chefe dos eunucos lhes pôs outros nomes, a saber: a Daniel, o de Beltessazar; a Hananias, o de Sadraque; a Misael, o de Mesaque; e a Azarias, o de Abede-Nego.	7 Et imposuit illis princeps eunuchorum nomina: imposuit inquam, Danieli Balthazar, et Hananiæ Sadrak, et Misael Mesack, et Azariæ Abednego.

Aqui, o profeta chega ao que é estritamente relevante a seu propósito. Ele não pretende narrar uma história, mas, sim, fornecer sucintamente os fatos necessários, para que compreendamos como Deus o preparou para si e depois o ungiu para o exercício profético. Portanto, após haver relatado que os jovens foram tirados da linhagem real e de famílias nobres, que tinham bons dotes naturais, eram hábeis, comunicavam-se bem e eram

fortes fisicamente, só agora menciona que ele e seus amigos estavam entre esse número. Omite os demais, porque não há nada de valioso para se mencionar sobre eles. E, como já disse, o relatado até agora foi feito de forma quase incidental. Agora, no entanto, precisamos observar o propósito do profeta – que ele (e seus três amigos) foram levados para o exílio e premiados com uma excelente educação no palácio do rei Nabucodonosor, para que mais tarde pudesse tornar-se também governante – colocando seus companheiros na mesma categoria. Ele não diz que fazia parte da casa real, mas simplesmente que era da tribo de Judá, mas é provável que pertencesse a um família ilustre e nobre, pois os reis preferem levar indivíduos para o governo de seu próprio povo, em vez de escolher líderes entre outras nações. Além disso, o reino fora cortado de Israel, e pode ser que, por modéstia, Daniel não tenha enaltecido sua própria raça, nem abertamente proclamado que nascera de uma família renomada e nobre. Ele contentou-se com a sucinta afirmação de que ele e seus companheiros faziam parte da tribo de Judá e haviam sido criados entre os filhos da nobreza.

Ele diz que **seus nomes foram mudados** – para que o rei pudesse apagar de seus corações e mente a memória de sua própria nação, forçando-os a rejeitarem suas origens. Quanto às interpretações, creio que o que já foi dito é suficiente.[43] Naturalmente, não sou inquisitivo quanto a nomes obscuros, especialmente os nomes caldeus. Dos nomes hebraicos, sabemos que o destinado a Daniel significava ou "juiz de Deus" ou "juízo de Deus". Portanto, se seus pais lhe deram esse nome por incentivo secreto e divino, ou proveniente do uso popular, Daniel foi chamado por esse nome para que pudesse ser juiz da parte de Deus. O mesmo se aplica aos outros. A interpretação de Hananias é certa: que recebeu "misericórdia do Senhor". Misael significa "procurado [ou pedido] de Deus". Azarias, igualmente, quer di-

[43] Ou seja, pelo professor de hebraico (vejam-se pp. 63, 81, 160).

zer "a ajuda de Deus" ou "aquele a quem Deus ajuda". Todavia, todas essas coisas já lhes foram melhor explicadas. Só as mencionei porque a mudança não se deu de maneira fortuita. Para nosso propósito, é suficiente saber que os nomes foram mudados visando a abolir de seus corações a memória do reino de Judá. Alguns hebreus afirmam que esses eram nomes de reis magos.

O que quer que seja, o intuito do rei era seduzir as mentes desses garotos para que não mais tivessem laços comuns com o povo eleito, mas se degenerassem nos caminhos da Caldéia. Daniel não podia fazer nada para impedir que o chefe, ou mestre, dos eunucos mudasse seu nome; não estava em seu poder impedi-lo – e o mesmo se aplica a seus amigos. Para eles, era suficiente reter a memória de sua nação, fato que Satanás buscou bloquear completamente por meio desse artifício. No entanto, a mancha da servidão lhes era uma grave tentação, pois quando eus nomes foram mudados, o rei ou Aspenaz, o supervisor, desejava forçá-los à submissão, para que, sempre que ouvissem o novo nome, esse soasse como um emblema[44] de sua escravidão, tremulando diante de seus olhos. Vemos, pois, o propósito dessa mudança de nomes – para que os desgraçados exilados estivessem agudamente atentos ao fato de não serem livres, mas de estarem cortados da nação de Israel, e que, por essa marca ou símbolo, estavam presos à servidão do rei de Babilônia e de sua corte. Esta era uma provação severa. Mas não importava o quanto os servos de Deus eram insultados perante os homens, contanto que nenhuma corrupção os contaminasse. Pois segue-se que foram divinamente conduzidos e permaneceram puros e íntegros; tanto que Daniel logo depois afirma:

8 Resolveu Daniel firmemente não contaminar-se com a porção da comida do rei nem com o vinho que ele bebia; então procurou o chefe dos eunucos que lhe permitisse não contaminar-se.

8 Et posuit Daniel super cor suum, ne polluerctur in portione cibi regis, et in vino potuum ejus: et quæsivit a magistro Eunuchorum, ne polluerctur.

[44] Lendo-se *indicium* ('sinal', 'marca') para *indicium* ('julgamento').

Neste texto, Daniel mostra que suportou o que não podia recusar nem escapar; no entanto, tomou cuidado para não se distanciar do temor do Senhor e para não renunciar seu próprio povo. Antes, preocupou-se em manter a memória de sua nação e permaneceu seguro e irrepreensível, um servo sincero de Deus.

Ele afirma então que **determinou em seu coração não se contaminar com a comida e bebida do rei e que pediu ao governador**, sob cujos auspícios ele vivia, para não ser forçado a essa situação. Aqui se pergunta se a comida e bebida eram tão importantes ao ponto de Daniel esquivar-se delas. Pois isso nos parece um tipo de superstição, ou pelo menos Daniel aparenta hipercrítica ao rejeitar a comida e bebida reais. Estamos cientes de que aos puros, todas as coisas são puras – uma regra válida em todas as eras. Não lemos nada igual sobre José, e é bem provável que, mais tarde, Daniel se servisse de comida indiferentemente, no tempo em que desfrutou de grande honra junto ao rei. Portanto, esse não era seu comportamento comum. Assim, pode muito bem parecer um zelo impensado e atribuí-lo (como se disse antes) a um espírito hipercrítico. "Se Daniel rejeitou a comida real só temporariamente, seria caprichoso e inconstante de sua parte permitir tal liberdade mais tarde, quando previamente se abstivera. Mas, se ele estava agindo sensata e racionalmente, por que não continuou em seu propósito?" Respondo: Daniel absteve-se dos esplendores da corte, no início, porque tinha medo de emaranhar-se. Era lícito que tanto Daniel quanto seus companheiros ingerissem qualquer tipo de comida ou bebida. Entretanto, ele percebeu o intuito do rei. Sabemos quão facilmente podemos ser encurralados e enganados, especialmente quando somos tratados com distinção, e a experiência nos mostra o quanto é difícil manter nossas cabeças em meio à riqueza, pois o exagero segue celeremente a fartura. Isso é extremamente comum, e a virtude da temperança, em meio à abundância de comidas e bebidas, é muito rara.

Ainda assim, não foi essa a razão completa de Daniel. Não

temos aqui um mero louvor de sua sobriedade e continência (muitos distorcem esta passagem, transformando-a num louvor ao jejum, dizendo que a maior virtude de Daniel era sua preferência por ervas em lugar das delícias da corte). Daniel desejava guardar-se dos excessos de comida e bebida, não somente porque via um certo perigo em ser atraído por elas, mas porque decidiu em seu coração não experimentar a comida da corte para que, mesmo sentado àquela mesa, pudesse continuar nutrindo a memória de seu povo. Ele desejava viver na Caldéia, de maneira tal que pudesse lembrar-se de que era um exilado e cativo, mas ainda procedente da santa raça de Abraão.

Agora entendemos o propósito de Daniel. Ele não estava simplesmente mirando a temperança quanto a comida ou prazeres, mas desejava evitar as armadilhas de Satanás que via a sua volta. Não há dúvida de que ele estava ciente de sua própria fraqueza, e é louvável de sua parte sua desconfiança em si mesmo e o desejo de fugir para longe de todos os laços e armadilhas. Porque, como disse anteriormente, o que o rei tinha em mente era sem dúvida uma rede diabólica destinada a apanhar o pássaro. Daniel recusou a armadilha – indubitavelmente, Deus iluminou a mente de seu espírito para que ele atentasse no devido tempo. Portanto, não desejando cair nas malhas do diabo, livremente absteve-se da comida e bebida reais. Este é o resumo da passagem.

Podemos indagar-nos por que Daniel reivindica para si esse louvor, quando seus companheiros também agiram da mesma forma; pois ele não foi o único a rejeitar a comida e a bebida do rei. Mas, para que seus ensinamentos tivessem mais peso e autoridade, seus ouvintes precisavam saber que, desde sua infância, ele fora governado pelo Espírito de Deus. Portanto, expressa que ele, em particular, falou não com a intenção de gabar-se, mas visando a ganhar crédito para seus ensinamentos e mostrar que Deus o havia, por muito tempo, polido e formado para o ofício profético. Mesmo assim, devemos também notar que Daniel era o líder entre seus amigos, pois isso tudo não teria entrado em

suas cabeças e poderiam ter se corrompido se Daniel não os houvera avisado. Assim, Deus desejava que Daniel fosse o líder e mestre de seus companheiros para trazê-los a essa abstinência.

Ora, também podemos inferir que qualquer um de nós, dotado com a mais rica graça do Espírito, tem a obrigação de instruir outros. Não é suficiente alguém ser temperante e, ensinado pelo Espírito de Deus, ater-se à sua tarefa, a não ser que também estenda sua mão a outros e tente uni-los consigo na comunhão da piedade, do temor e do louvor a Deus.

Tal exemplo é posto diante de nós em Daniel, que não só rejeitou os prazeres da corte, que poderiam tê-lo deixado embriagado – mas seriam como veneno para ele – como também admoestou e persuadiu a seus amigos a fazer o mesmo. Eis a razão por que ele denomina de 'poluição' ou abominação a degustação da comida real. Em si mesmo, com já disse, isso não era abominável. Daniel era livre para comer e beber à mesa do rei. No entanto, era uma abominação por causa de sua conseqüência. Antes daquele tempo, quando já se encontravam na Caldéia, os quatro indubitavelmente haviam ingerido comida como todos os outros e se permitido comer tudo quanto se pusesse diante deles. Não pediram verduras quando ficaram numa pensão durante sua jornada, mas começaram a pedi-las quando o rei tentou contaminá-los com suas delícias e seduzi-los a preferir sua nova situação em vez de retornar a seu próprio povo. Quando perceberam as armadilhas armadas para eles, o fato de desfrutarem das festas e comerem da mesa do rei tornou-se uma poluição ou abominação. Devemos, portanto, tomar nota da razão por que Daniel se via contaminado caso passasse a viver suntuosamente e bebesse e comesse tudo o que lhe era provido pelo rei – pois (como já mencionei) ele estava ciente de sua própria fraqueza e queria manter-se atento em todo tempo, para que não fosse apanhado pelas malhas e decaísse da santidade e do louvor a Deus, degenerando-se nos costumes caldeus, como se houvera sido criado entre eles e fora simplesmente um de seus príncipes.

Deixarei o restante para amanhã.

Deus Todo-Poderoso, permite que, enquanto formos peregrinos neste mundo, tomemos comidas e bebidas para a enfermidade de nossa carne sem nunca nos corrompermos, sem sermos levados para longe da sobriedade; que nos lembremos de usar a abundância para nos abstermos mesmo quando tivermos tudo. Permite também que suportemos pacientemente a pobreza e a fome e que comamos e bebamos livremente de tal forma a pôr a glória de teu nome diante de nossos olhos, e que nossa frugalidade nos conduza a aspirar aquela plenitude através da qual seremos completamente renovados, quando a glória de tua face aparecer-nos nos céus, por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

3ª Exposição

9 Ora, Deus concedeu a Daniel misericórdia e compreensão da parte do chefe dos eunucos.

9 Dederat autem Deus Danielem in clementiam et miserationes coram prefecto eunuchorum.

Ontem, Daniel relatou o que havia pedido ao chefe a quem havia sido confiado. Agora, insere esta frase para contar-nos que seu pedido não fora em vão; o chefe dos eunucos o tratara com bondade. O pedido teria sido considerado um crime capital se ele houvera traído a Daniel e contado tudo ao rei. É improvável que o profeta tenha usado o vocábulo 'poluir' ou que, franca e rudemente, tenha chamado a comida real de 'imunda'. No entanto, o que ele agora relata poderia ser inferido facilmente de suas palavras; isto é, que ele pediu ao chefe dos eunucos permissão para comer verduras, pois não achava lícito ingerir a comida do rei. Mencionamos esta razão ontem, mas o rei de Babilônia poderia logo ter se inflamado se soubera disso: "Como? Dou honra a esses cativos. Poderia tratá-los da mesma maneira como trato os escravos, mas os alimento com delícias como se fossem meus próprios filhos. Ainda assim desprezam minha comida como se eu próprio estivesse poluído."

Essa, pois, é a razão por que Daniel menciona aqui que estava sob as graças do chefe dos eunucos. Pois (como veremos no próximo versículo) o chefe meramente recusou seu pedido. Onde estava seu favor? Apesar de não conceder a Daniel o que havia

pedido, demonstrou uma bondade incomum ao não contar tudo ao rei (bajuladores à procura de favores têm um jeito rápido de maquinar acusações!). Por outro lado, pode ser que o chefe já soubesse que isso havia sido concedido a Daniel por seu servo. Se houvesse qualquer cumplicidade da parte do chefe dos eunucos, essa seria visível no favor e misericórdia que Daniel menciona. A intenção do profeta não é duvidosa; ele não hesitou em escolher o caminho que o manteria puro e íntegro; nem se macularia com os prazeres da corte babilônica. Explica como escapou do perigo com a ajuda do chefe dos eunucos que o tratou bondosamente quando poderia tê-lo entregado diretamente nas mãos da morte.

A forma das palavras deve ser observada: Deus o colocou em graça e misericórdia diante do chefe dos eunucos. Ele poderia ter utilizado a expressão comum e dito que estava no favor; mas atribui à beneficência divina o fato de encontrar um homem ímpio tão bondoso e bem disposto. A frase, como explicada anteriormente,[45] é comum em hebraico. Por exemplo, o Salmo 106 diz: "Deus colocou os judeus sob misericórdia perante os gentios quando os levou cativos";[46] isto é, fez com que os vitoriosos não os tratassem com demasiada crueldade como de início fizeram. Pois sabemos de que maneira dura, severa e até desdenhosa os judeus eram tratados. Quando a desumanidade suavizou-se, o profeta atribui tudo a Deus, que colocou seu povo "sob misericórdia". O resumo disso tudo é que Daniel se voltou à misericórdia e bondade de um coração humano que, em certo sentido, não é geralmente muito gentil.

Relata isso para que nos preparemos melhor para nossa tarefa se algum dia enfrentarmos alguma dificuldade quando Deus nos chamar. Freqüentemente pode acontecer de não conseguirmos obedecer às ordens e exigências divinas sem enfrentarmos

[45] Veja-se p. 56, nota 43.
[46] Sl 106.46.

os riscos físicos. A preguiça e suavidade nos consomem e evitamos a cruz. Todavia, visando a nos encorajar na obediência a Deus e a seus mandamentos, Daniel diz aqui que encontrou favor da parte do chefe dos eunucos, porque o Senhor achou justo que seu servo encontrasse favor enquanto mantinha-se fiel a sua tarefa. Então, aprendemos a lançar nossos cuidados e preocupações sobre Deus quando o terror nos ameaça no mundo, ou quando os homens nos ameacem, nos impedindo de vivermos segundo os padrões divinos. Sabemos que o poder de transformar os corações daqueles que rugem contra nós e de nos livrar de qualquer perigo está nas mãos de Deus. Esta, portanto, é a intenção de Daniel ao dizer que o chefe dos eunucos foi mui bondoso para com ele.

Também deduzimos uma doutrina geral deste versículo – que os corações humanos são governados por Deus. Quando bem lhe parece, suaviza o duro ferro e transforma lobos em ovelhas. Quando redimiu seu povo do Egito, também lhe concedeu favor perante os egípcios, tanto que levaram consigo vários utensílios preciosos.[47] É certo que os egípcios haviam sido hostis para com os israelitas. Por que, pois, lhes deram algumas possessões pessoais que eram estimadas e preciosas? Porque o Senhor plantou um novo sentimento em seus corações. Ou, ainda, porque o Senhor é capaz de irritar aqueles que outrora foram nossos amigos para que se nos tornem hostis. Saibamos, portanto, que ambas as coisas estão debaixo do poder de Deus – a transformação dos corações em bondade e, igualmente, o endurecimento de corações que, previamente, haviam sido bondosos. Sem dúvida alguma, é verdade que todos possuem determinado temperamento desde sua formação uterina. Alguns são ferozes, selvagens e sedentos por sangue; outros são amigáveis, bondosos e gentis. Essa variedade provém da ordenação secreta de Deus; entretanto, o Senhor não só forma cada gênio no útero, como também, em dias específicos, e até em momentos específicos, muda os sen-

[47] Êx 3.21-22.

timentos de uma pessoa de acordo com sua boa vontade; da mesma maneira que, às vezes, cega as mentes humanas ou as acorda do torpor. Pois podemos ver o homem mais insípido possuir sagacidade ou tramar planos extraordinários para o que faz; enquanto outros, possuindo uma excelente perspicácia, tornam-se estúpidos quando o de que mais precisam é de juízo e discrição.

Portanto, devemos lembrar-nos de que as mentes e corações humanos são tão governados pela secreta instigação de Deus, que ele muda seus sentimentos à medida em que vê a necessidade. Então, não há razão para temermos em demasia nossos inimigos. Apesar de rugirem e cuspirem sua fúria e estarem cheios de selvageria, ainda podem ser transformados pelo Senhor. Assim, aprendamos com o exemplo de Daniel, mantendo-nos firmes em nosso curso, não nos voltando para os lados, mesmo quando o mundo inteiro se nos oponha; pois, para Deus é muito fácil remover toda e qualquer oposição. Quando o Senhor desejar nos livrar, encontraremos pessoas bondosas que já foram muito cruéis. Mantenhamos em mente tanto o senso de palavras, como também o propósito do profeta neste versículo.

Ele continua:

10 Disse o chefe dos eunucos a Daniel: Tenho medo de meu senhor, o rei, que determinou vossa comida e vossa bebida; por que, pois, veria ele vossos rostos mais abatidos do que o dos outros jovens de vossa idade? Assim poríeis em risco minha cabeça para com o rei.

10 Et dixit præfectus eunuchorum Danieli, Timeo ego Dominum meum regem qui, constituit cibum vestrum, et potus vestros: quare videbit facies vestras tristes, præ pueris, quis sunt vobis similes, et obnoxium reddetis caput meum regi.

Daniel enfrenta a rejeição por parte do chefe dos eunucos. E, certamente (como já mencionei antes), a bondade do homem foi louvada, não porque concordou com o desejo e súplicas de Daniel, mas porque manteve em segredo algo que poderia ter colocado o profeta em grande perigo. Suas próprias palavras traem sua humanidade; pois, apesar de negar sua solicitação, pede desculpas de modo amigável, usando palavras gentis, como se dissesse que o faria com prazer se não temesse a fúria do rei.

Eis, portanto, o resumo de tudo. O chefe dos eunucos não ousava deferir o pedido de Daniel, mas agiu bondosamente para com ele e seus amigos, livrando-os de um perigo mortal.

Ele diz que temia o rei que determinara a comida. Aqui ele não deve ser culpado por temer a um mortal mais do que ao Deus vivo, pois ele não tinha conhecimento algum do Senhor. Apesar de, talvez, compreender que o pedido de Daniel proviesse de motivos sinceramente religiosos, não conseguia imaginar que esse desejo tivesse alguma coisa a ver com ele. Cria que os judeus tinham sua seita particular; no entanto, a religião babilônica estava em primeiro lugar em sua vida. Muitas pessoas comuns crêem que estamos certos ao rejeitarmos as superstições, porém permanecem no erro de acreditarem que, para eles, é lícito viver segundo a antiga maneira em que foram criados e a qual passou de geração para geração. Por isso, usam ritos que se dispõem a vê-los rejeitados por nós. Portanto o chefe dos eunucos poderia ter uma opinião correta acerca de Daniel e seus companheiros, sem ser tocado por qualquer desejo de aprender como uma religião diferia de outra. Simplesmente apresenta a justificativa de não poder satisfazer o desejo de Daniel, porquanto o rei o interpretaria como uma ofensa capital.

Então o profeta prossegue.

11 E Daniel disse a Melzar a quem o chefe dos eunucos havia encarregado de cuidar de Daniel, Hananias, Misael e Azarias:

11 Et dixit Daniel ad Meltsar, quem constituerat præfectus eunuchorum super Danielem, Hananiah, Misael, et Azariah,

12 Experimenta teus servos dez dias; e que se nos dêem legumes a comer e comeremos, e água a beber, que bebamos.

12 Proba servos tuos diebus decem, et apponantur nobis de leguminibus, et comedemus, et aquæ, quas bibamus.

13 Então se veja diante de ti nossa aparência e a dos jovens que comem a porção da comida do rei; e, segundo vires, age com teus servos.

13 Et inspiciantur coram facie tua vultus nostri, et vultus puerorum, qui vescuntur portione cibi regis: et quemadmodum videris fac cum servis tuis.

Ao ouvir Daniel a resposta do chefe dos eunucos – que não poderia aceitar seu pedido –, apelou para o servo. Pois o chefe

dos eunucos tinha muitos servos sob seu poder, o que é comum no caso de grandes governadores. É provável que a posição de supervisor fosse equivalente à de *le Grand Écuyer*[48] na França de hoje. Este, portanto, era um dos servos responsáveis por Daniel e seus companheiros. O profeta tinha uma solução para esse problema e conseguiu seu desejo – ainda assim, não sem certo grau de engenhosidade, como veremos. Entretanto, isso mostra a constância incomum de Daniel. Quando tentou, e não obteve sucesso, não desistiu. Quando não nos desanimamos diante das rejeições e não cremos que nosso caminho esteja interditado, isso equivale uma prova de fé real e genuína. Portanto, se não retrocedermos da reta vereda, em vez de tentar outras vias, mostramos que de fato a piedade está radicada em nossos corações.

Seria admissível que Daniel se resignasse após a primeira rejeição. Pois quem seria capaz de dizer que ele não fizera o que podia? No entanto, superou o obstáculo, e quando não conseguiu nada do governador-chefe, aproximou-se de seu servo. E o fez de maneira extraordinariamente sábia, pois o servo não poderia fazer a mesma objeção que acabamos de ouvir do chefe dos eunucos. Sem dúvida alguma, ele conhecia algo acerca do pedido de Daniel, sua rejeição e recusa. Portanto, Daniel antecipou a objeção do servo e lhe mostrou como concordar sem correr riscos. Era como se houvera dito: "Nós não tivemos êxito com o chefe dos eunucos, porque ele temeu por sua vida. Então pensei em outra solução; solução através da qual poderás satisfazer nossos desejos sem seres pessoalmente incriminado. O caso será inteiramente secreto. Experimenta teus servos dez dias e nos dês uma chance; permite que comamos apenas legumes e que nos dês apenas água para bebermos. Ora, se após esse período nossos rostos estiverem belos e saudáveis, não haverá suspeição

[48] *magni Scutarii*: em francês *le Grand Écuyer*, o escudeiro real. Neste caso, é óbvio que se pretende grifar *Écuyer de bouche*, o funcionário que supervisionava o preparo da comida.

alguma, ninguém desconfiará que não nos tens alimentado bem, obedecendo às ordens do rei. O teste será seguro para ti e terás tanta razão para preocupação quanto nós; por isso, não há razão para rejeitares nosso pedido". Indubitavelmente, quando Daniel fez tal proposta, o Espírito de Deus estava direcionando sua sabedoria e agindo para que pedisse daquela forma. Foi um dom singular de Deus que Daniel conseguisse influenciar a mente do servo que tinha controle sobre ele. Mas, novamente precisamos lembrar-nos de que o profeta assim falou, não impulsivamente ou sob sua própria iniciativa,[49] mas pela ação do Espírito Santo. Se Daniel tivesse inventado este plano sozinho, sem que o Senhor lhe assegurasse um resultado feliz, não seria sábio, e, sim, precipitado. Portanto, não há dúvida de que ele sabia, por intermédio de uma revelação secreta, que tudo sairia bem e de acordo com suas intenções, caso o servo lhes permitisse comerem apenas legumes. Por essa razão, disse que falava tendo unicamente o Espírito como seu líder e mestre.

Também é muito útil observar que, freqüentemente, nos permitimos embarcar em aventuras apenas para, no final, nos desapontarmos porque nos deixamos influenciar por nosso próprio sentido carnal e não consideramos o que seria agradável a Deus. Não surpreende ver os homens conceberem esta ou aquela esperança quando finalmente descobrem que foram enganados; pois não há uma pessoa sequer que não imponha sobre si suas tolas esperanças, ninguém que não desaponte a si próprio. Não devemos prometer-nos tudo o que desejamos. Portanto, prestemos atenção ao exemplo de Daniel; ele não assumiu nem tentou fazer as coisas que vimos com base num insensato entusiasmo, nem tampouco falou sem refletir; pelo contrário, foi certificado pelo Espírito Santo de Deus daquilo que viria a ocorrer.

E continua, dizendo: **Que legumes nos sejam servidos para que comamos e água para que bebamos.** Vemos que esses qua-

[49] Lê-se *motu* ('movimento') para *metu* ('medo').

tro jovens não se abstiveram da comida real por medo de tocar aquilo que era impuro. Pois a lei jamais proibiu beber vinho, exceto aos nazireus,[50] e permitia a ingestão de carne, que era abundante na mesa do rei. Por que razão, pois, foram eles tão escrupulosos? Porque, como dissemos ontem, Daniel não desejava viciar-se com os prazeres da corte; hábito que rapidamente o faria perder sua nacionalidade. Assim, desejava alimentar-se não somente de forma frugal, como também até insatisfatoriamente, nunca agradando-se de qualquer forma. Apesar de haver-se criado no meio das mais altas honrarias, ele foi sempre, por assim dizer, irmanado à desgraça dos cativos. Não precisamos procurar algum outro motivo para a abstinência de Daniel. Poderia haver-se alimentado só de pão e de outras comidas naturais, mas contentou-se com legumes, para que pudesse lamentar e nutrir sua mente com a memória de sua terra natal – que logo seria esquecida se houvera mergulhado nos esplendores da corte.

E prossegue:

14 Ele atendeu, e os experimentou dez dias.	**14** Et audivit eos in hoc verbo, et probavit eos decem diebus.
15 E no fim dos dez dias, suas aparências eram mais belas, estavam eles mais robustos do que todos os jovens que comiam da porção da comida do rei.	**15** Et a fine decem dierum visus est vultus eorum pulcher, et *ipsi* pinguiores carne præ omnibus pueris, qui comedebant portiones cibi regii.

O resultado foi um milagre. Daniel não se tornou pálido e fraco em conseqüência da parca comida; ao contrário, sua aparência era tão saudável como se houvera comido regaladamente. Diante desse fato, devemos deduzir algo que já mencionei. Foi por iniciativa divina que ele persistiu firmemente em sua intenção de não corromper-se com a comida real. Pelo que aconteceu, Deus confirmou que ele era o autor do pedido solene e do plano de Daniel e seus companheiros. Obviamente, é certo que o pão em si não tem o poder de nos sustentar. Somos nutridos por uma bênção secreta de Deus, assim como ele disse pelos lábios

[50] Mg., Nm 6; isto é, 6.1-4.

de Moisés: "Não só de pão viverá o homem";[51] ou seja, o pão em si não fornece energia ao homem. O pão em si não contém vida. Como, pois, pode ele nos trazer vida? Ora, o pão não tem virtude inerente, mas somos alimentados pela Palavra de Deus – isto é, porque Deus determinou que nossa vida fosse sustentada pela comida. Por isso ele permeia o pão com virtude, mas devemos notar bem que nossas vidas não são mantidas com pão ou alguma outra comida, e, sim, com a bênção secreta de Deus. Moisés, aqui, não estava falando do ensinamento ou da vida espiritual; ele diz que nossa vida corpórea é alimentada pela graça de Deus, que comunica seu próprio ofício divino ao pão e às demais comidas. Portanto, eis uma verdade geral: seja qual for a comida que ingerirmos, somos alimentados e sustentados pelo gracioso poder do Senhor.

Todavia, o exemplo que Daniel aqui relata é único. Deus mostrou através daquele evento (como já mencionei) que Daniel e seus amigos se mantiveram puros e saudáveis, contentando-se apenas com legumes e água. Ora, devemos notar, em primeiro lugar, que precisamos tomar muito cuidado para não nos tornarmos escravos de nossas gargantas, ao ponto de sermos seduzidos para longe de nossa responsabilidade, obediência e temor a Deus, quando deveríamos estar vivendo frugalmente e nos abstendo de festas extravagantes. Hoje, vemos várias pessoas crendo que a sua é a pior das cruzes – quero dizer, quando não se alimentam com refeições suntuosas, ou com todo tipo de comida. Outros se tornam tão duros em decorrência do esplendor, que sem o qual não conseguem viver nem se satisfazer com a moderação. Como resultado, estão sempre emaranhados em sua própria imundície; não conseguem desistir dos prazeres da mesa. Entretanto, Daniel nos mostra claramente como, em certas ocasiões, Deus não só reduz os homens à pobreza, como também às vezes lhes é necessário renunciar a todos os prazeres. Daniel (como vimos on-

[51] Mg., Dt 8; isto é, 8.3.

tem) não atribuiu virtude à abstinência a essa ou àquela comida. Tudo o que até agora relatou foi com o intuito de levar-nos a participarmos da advertência prévia do perigo de renunciar seus costumes no seio de uma raça estrangeira, envolvendo-se de maneira tal com a vida babilônica ao ponto de esquecer-se de que era um filho de Abraão. Ainda assim, era necessário renunciar aos prazeres da corte. Apesar da disponibilidade das comidas de luxo, ele livremente as rejeitou como se constituíssem uma poluição mortal – não (como vimos antes) em si mesmas, mas por causa de suas conseqüências.

Portanto, quando Moisés fugiu do Egito, passou para uma nova vida, muito diferente da que levara anteriormente. Pois vivera elegante e suntuosamente na corte real, como se fosse o neto do rei. Mais tarde, entretanto, no deserto, viveu frugalmente e teve até que lutar por sua próprica comida. Segundo o apóstolo,[52] ele avaliou as riquezas do Egito como sendo inferior à cruz de Cristo. Por quê? Porque não podia, ao mesmo tempo, ser reconhecido como um egípcio e também conservar a graça que fora prometida aos filhos de Abraão. Seria uma espécie de negação continuar a viver para sempre na corte real.

Como resultado, devemos compreender que, se conseguirmos sentir fome quando Deus nos conduz às dificuldades e necessidades, esse é um verdadeiro teste de nossa frugalidade e temperança – e o será mais ainda se voluntariamente conseguirmos renunciar os prazeres que estão a nosso dispor e que podem nos prejudicar. Sobreviver agora apenas com legumes e água seria mera tolice – às vezes pode haver mais intemperança em legumes do que nas melhores e mais suntuosas comidas! Se algum doente desejar legumes e comidas desse gênero, os quais não visam a seu bem, certamente será condenado e chamado de intemperante. No entanto, se ingerir uma comida boa e rica (como dizem) e, assim, nutrir a si próprio, será louvado como um ho-

[52] Mg., Hb 11; isto é, 11.26.

mem frugal. Nutrir paixão por água e continuar a ingeri-la continuamente, enquanto se recusa o vinho, não é, como bem sabemos, nada louvável.

Por isso, se porventura percebermos a grandeza da virtude de Daniel, que não nos detenhamos no tipo de comida em questão, mas volvamos nossos pensamentos para seu propósito. Ele pretendia viver o máximo possível sob o governo do rei de Babilônia sem renunciar os costumes de sua raça e sem esquecer-se de que era um israelita. E, sem fazer tal distinção, Daniel não poderia incentivar-se nem livrar-se nem acordar de seu torpor. (Assim como, se uma comida decente se acha disponível, não nos conservamos facilmente em nossas tarefas.) Era mister que Daniel praticasse diante deles algum ato de distinção clara e extraordinário para demonstrar que era separado dos caldeus; daí pedir ele legumes e água.

Finalmente, este texto nos ensina que, mesmo que tenhamos só raízes ou folhas de árvores; mesmo que a terra não produza a menor das sementes, o Senhor pode abençoar-nos com maior quantidade de força e energia físicas do que possuem aqueles que desfrutam de ilimitada abundância. A liberalidade de Deus ao nos suprir com pão e vinho e outras comidas, indubitavelmente, não pode ser desprezada. Porquanto Paulo toma ambas as coisas como motivo de louvor – ele sabe ter fartura, assim como sabe sofrer necessidades.[53] Quando o Senhor nos dá comida e bebida com abundância, temos condição de beber vinho e ingerir comida de bom grado sóbria e frugalmente. Ao contrário, quando Deus nos tirar o pão e o vinho, e precisarmos jejuar, saibamos que sua bênção nos é suficiente no lugar de qualquer alimento. Pois vemos Daniel e seus amigos saudáveis e bem nutridos, alimentando-se apenas de legumes. Por que ocorreu tal coisa senão porque o Senhor, que foi capaz de sustentar seu povo no deserto apenas com o maná, quando não havia nenhum outro

[53] Mg., Fl 4; isto é, 4.12.

alimento,[54] hoje transforma em maná comidas que antes nos seriam venenosas? Pois se alguém perguntar aos médicos se legumes e tal sorte de substância são adequados para a saúde, dirão que tais coisas são muito prejudiciais. E dizem a verdade.

Não obstante, quando não tivermos escolha entre grande variedade de comidas para obtermos aquilo que melhor se ajuste à nossa fraqueza, e se nos contentarmos com ervas e raízes, o Senhor pode nutrir-nos tão fartamente como se pusesse diante de nós uma lauta mesa, repleta de todas as delícias da culinária. Pois assim como a temperança não está na comida, e, sim, no paladar (pois se o fausto nos instiga a desejar uma comida inferior, ainda assim continuamos intemperantes; e se comermos uma comida superior, isso não significa interrupção em nossa temperança), assim devemos conservar o mesmo com respeito às propriedades da comida – que não é a qualidade inerente dessa ou daquela comida que nos sustenta, e, sim, a bênção de Deus, segundo bem lhe parecer. Pois às vezes notamos os filhos dos ricos magros e fracos, mesmo quando são bem cuidados. Notamos crianças que vivem no campo com um aspecto maravilhoso, de rosto cheio e de corpo bem nutrido; e no entanto comem o que conseguem encontrar – às vezes até mesmo coisas muito nocivas. Uma vez que lhes falta comidas excelentes, o Senhor, com sua bênção, lhes provê frutas básicas, carne de porco, bacon e coisas afins; e ainda ervas para a cozinha, aparentemente as piores, lhes fazem um bem maior do que todas as delícias dos abastados. Isso, pois, deve também ser observado nas palavras de Daniel.

E prossegue:

16 E aconteceu que Melzar tomou para si a porção da comida deles e o vinho que deviam beber e lhes deu legumes.	16 Et factum est, ut Melsar tolleret sibi portionem cibi illorum et vinum potionum eorum, et daret illis legumina.

Quando Melzar viu que poderia transigir com Daniel e seus

[54] Mg., Êx 16; isto é, 16.4-36.

amigos sem correr risco algum (de fato percebeu que poderia até mesmo tirar vantagem de tudo isso), mostrou-se bem-humorado e bondoso. Não havia necessidade de discutir o assunto! Pois, freqüentemente, qualquer oposição nos desanima, se esperamos obter algo, ou logo desistimos, se o que desejamos exige um esforço grande demais. Entretanto, quando o prêmio está em nossas mãos e não há risco algum, nos mostramos totalmente favoráveis. Portanto, percebemos o que Daniel quis dizer neste versículo: que Melzar percebeu que lhe seria útil, e que poderia lucrar com a comida que fora destinada aos jovens, servindo-lhes apenas legumes.

Mas devemos observar também o que Daniel tem em mente. Ele deseja esclarecer aqui que o favor que conservou a ele e a seus amigos saudáveis e fortes não poderia ser atribuído a homens. Em que sentido? No fato de que ele jamais teria apresentado o pedido ao homem Melzar se não soubesse que o mesmo lhe seria infalivelmente atendido. Pela maneira como Melzar consultou seu próprio bem-estar, vantagem pessoal, e desejou evitar qualquer argumento ou problema, podemos facilmente deduzir que não se podia atribuir a Daniel e seus companheiros o atendimento de seu pedido. Tudo foi tão afortunadamente dirigido pela providência de Deus que o homem se fez bondoso. E o Senhor mostra claramente que todo louvor deve ser rendido a ele, com o fim de incitar a gratidão de Daniel e seus amigos.

Deus Todo-Poderoso, que nós hoje, que vivemos entre tantos inimigos, com o diabo incessantemente a causar-nos novos problemas e com o mundo todo contra nós, saibamos que já amarraste Satanás e que todos os ímpios estão sujeitos a tua vontade; que os volves em qualquer direção que desejares, dirigindo seus corações. Que aprendamos através da experiência que estaremos sempre protegidos e seguros sob a proteção de tua mão, assim como nos prometeste, e sejamos capazes de seguir o caminho de nosso chamamento até que, por fim, cheguemos ao bendito descanso que está preparado para nós nos céus por intermédio de Cristo, nosso Senhor. Amém.

4ª Exposição

17 Ora, a esses quatro jovens Deus deu conhecimento e a cultura em toda erudição e sabedoria; mas Daniel possuía discernimento em todas as visões e sonhos.

17 Et pueris illis quatuor, dedit, *inquam*, illis Deus cognitionem et scientiam in omni literatura et sapientia: et Daniel intellexit in omni visione et somniis.

Aqui o profeta apresenta o que já mencionamos – a razão por que ele obteve autoridade foi para que pudesse cumprir mais frutiferamente as tarefas de profeta. Ele precisava destacar-se com marcas nítidas, para que os judeus, primeiramente, e depois os estrangeiros, ficassem cientes de ser ele dotado com o espírito profético. Parte dessa graça foi concedida a seus três amigos. No entanto, ele os superou a todos, pois o Senhor Deus o havia separado para um serviço singular. Devemos tomar nota desse propósito, pois seria fútil dizer que essa foi uma recompensa a eles paga por Deus em virtude de sua frugal e até mesmo mínima ingestão de alimento, e de sua voluntária abstinência dos prazeres da corte. O propósito de Deus era bem diferente. Ele queria, como já dissemos, exaltar a Daniel para que este pudesse mostrar eficazmente que o Deus de Israel era o único Deus. E também porque tencionava que os amigos de Daniel, no futuro, ocupassem altos cargos na política governamental, destacou-os com uma porção do Espírito. Entretanto, é importante que mantenhamos nossos olhos em Daniel, pois, como já mencionamos, o Senhor antes determinou que fosse ele profeta, e queria,

por assim dizer, condecorá-lo com sua insígnia oficial, para que seus ensinamentos já encontrassem uma recepção de antemão preparada. Diz ele, portanto, a estes quatro jovens (isto é, 'rapazes') **foram dados conhecimento e cultura em toda erudição e sabedoria**; Daniel, porém, foi dotado com o singular dom da interpretação de sonhos e discernimento de visões.

Ao falar Daniel aqui de 'erudição', sem dúvida ele tem em mente apenas as artes liberais, e não a todas aquelas artes mágicas que, se já não eram praticadas então, mais tarde proliferaram entre os caldeus. Todavia, sabemos também que entre os descrentes não havia sinceridade alguma. Já sugerimos antes que Daniel não se deixara manchar pelas superstições que então eram altamente valorizadas por aquela nação. Eles corrompiam a astronomia, insatisfeitos com a genúnia ciência. No entanto, Daniel e seus amigos foram treinados entre os caldeus de tal maneira que não se engajaram naqueles pseudo-exercícios, ou, melhor, corrupções, as quais devem ser sempre distinguidas da verdadeira ciência. Também seria absurdo dizer que Deus aprova tais artes mágicas, quando elas, como todos nós sabemos, são estritamente proibidas e condenadas pela Lei em Deuteronômio 18.[55] Desde então, Deus abominava as superstições mágicas como truques do diabo, e não teria havido se Daniel e seus amigos fossem divinamente dotados com o dom de progredir excelentemente em toda a erudição da Caldéia. Isso deveria, portanto, restringir-se à ciência natural e legítima.

Quanto ao próprio Daniel, diz que **ele também tinha discernimento de visões e sonhos**. Conhecemos, à luz de Números 12, as duas maneiras pelas quais os profetas poderiam entender qual era a vontade de Deus.[56] Ali Deus, reprovando a Arão e Miriã, diz que, ordinariamente, sempre que quisesse revelar seu propósito aos profetas, falaria com eles "através de

[55] Dt 18.10-12.
[56] Nm 12.6.

visões e sonhos". Moisés, entretanto, era isento dessa ordem comum; ele conversava com Deus face a face, boca a boca. Portanto, sempre que quisesse fazer uso dos profetas, era por meio de visões ou através de sonhos que o Senhor lhes revelava o que queria fosse transmitido ao povo. De modo que, ao afirmar aqui que *Daniel tinha discernimento de sonhos e visões,* isso equivalia dizer que ele fora dotado com espírito profético. Seus amigos eram excelentes doutores e mestres de todo conhecimento, mas somente Daniel era profeta de Deus.

Isso é melhor confirmado pelo que já se disse: que Daniel fora condecorado com a insígnia divina para que pudesse depois encarregar-se do ofício profético com maior confiança e para que seus ensinamentos pudessem receber maior crédito. É claro que o Senhor poderia tê-lo formado num só instante. Ele poderia ter atingido a todos com um terror ou reverência tal que, num instante, todos teriam abraçado seus ensinamentos. Todavia, quis exaltar seu servo gradativamente, para que ele surgisse no momento certo e com sólida experiência. Todos saberiam que essas marcas tinham sido impressas nele durante anos, distinguindo-o da comum e ordinária posição social dos homens.

E então prossegue:

18 Ao final dos dias em que o rei decretara fossem trazidos, o chefe dos eunucos os trouxe à presença de Nabucodonosor.

19 E o rei falou com eles; e entre todos não foram achados outros como Daniel, Hananias, Misael e Azarias; então passaram a assistir na presença do rei.

20 E toda palavra, sabedoria e discernimento, fazendo-lhes o rei perguntas, achou-os dez vezes mais doutos do que todos os 'genethliacs' e astrólogos que havia em todo seu reino.

18 Et a fine dierum, quibus edixerat. Rex ut producerentur, introduxit eos princeps eunuchorum coram Nebuchadnezzar.

19 Et loquutus est cum illis rex: et non inventus est ex omnibus sicut Daniel, Hananiah, Misael, et Azariah, et steterunt coram rege.

20 Et in omni verbo, sapientia et intelligentia, quod sciscitatus est ab eis rex, invenit eos decuplo supra omnes genethliacos et astrologos qui erant in toto regno ejus.

Então relata Daniel como ele e seus amigos foram trazidos no tempo designado. O rei fixara três anos para que fossem

treinados em toda a erudição dos caldeus. Portanto, o chefe dos eunucos os trouxe à presença do rei. Daniel afirma que ele e seus amigos foram aprovados pelo rei como sendo superiores a todos os demais. Através dessas palavras ele confirma o que já dissemos anteriormente – que o Senhor os havia, por um longo período de tempo, adornado com tanta graça, que se destacaram na corte do rei. O próprio rei reconheceu que havia algo bem diferente neles. Portanto, o rei e todos os seus aduladores não podiam deixar de olhar com respeito para esses quatro rapazes. Portanto, Deus queria realçar sua própria glória: pois, sem dúvida alguma, o rei se viu forçado a admirar Aquele que os fez superiores a todos os caldeus. Porquanto o rei não poupara gastos nem trabalho na educação de seu próprio povo, e ao ver esses estrangeiros, esses cativos, sobressaindo-se aos seus dessa maneira, certamente sentiria uma pontada de inveja. Mas, como já afirmamos, foi assim que Deus quis exaltar a si próprio na pessoa de seus servos, para que o rei se visse forçado a reconhecer que havia algo de divino nesses rapazes.

Então, donde vinha sua excelência? Os caldeus se gabavam de que eles mesmos eram sábios por natureza e que todas as demais nações eram bárbaras. Portanto, quando os judeus se revelaram tão preeminentes, segue-se que o Deus a quem adoravam é Aquele que distribui a cada um, da maneira como quer, perspicácia e *insight* [percepção]. Pois ninguém possui inerentemente uma boa inteligência; esta provém de uma graça concedida do céu. Portanto Deus tinha que ser glorificado quando Daniel e seus amigos se destacassem entre todos os caldeus de forma tão magnífica. É costume do Senhor lançar seus inimigos à perplexidade diante de seu poder, mesmo quando tudo fazem para fugir da luz. Pois qual era o alvo do rei Nabucodonosor senão o de apagar toda e qualquer memória de Deus? Senão para que tivesse a seu redor judeus de ascendência nobre que pudessem atacar a religião na qual nasceram? Esse era o plano de Nabucodonosor. Todavia, Deus frustou o propósito do tirano e fez com

que seu próprio nome resplandecesse ainda com maior fulgor.

E prossegue:

21 E Daniel prosseguiu ainda até o primeiro ano do rei Ciro.

21 Et fuit Daniel usque ad annum primum Cyri regis.

Os intérpretes fazem muita ponta de lança deste versículo; pois veremos mais adiante que a Daniel foi mostrada uma visão no terceiro ano do rei Ciro. Alguns apresentam a solução bastante fraca, dizendo que Daniel ainda 'existia' naquele momento, e que ainda não havia morrido no início do primeiro ano do reinado de Ciro. Outros explicam a palavra הָיָה, *haiah*, como "ser subjugado". Entretanto, isso é bem inconsistente com a história. Portanto, está correta a opinião daqueles que dizem que Daniel "viveu até o primeiro ano do rei Ciro", significando que ele exerceu seu ofício como profeta – embora não o expressem de maneira tão clara. Todavia prefiro explicar mais claramente o que afirmam de forma obscura. Pois afirmam que a mudança pode ser observada após sua ida para a Média. Podemos, porém, tomar essas palavras num melhor sentido, ou seja, que Daniel desfrutava de grande reputação entre os caldeus e assírios, e era reconhecido como um profeta ilustre. Também sabemos que ele interpretou a visão do rei Belsazar na mesma noite em que este morreu.

O termo *fuit*, *ele foi*, é simples e absoluto, mas depende do que vem antes – que ele sempre desfrutou de crédito e autoridade como profeta entre os reis de Babilônia. Esta, portanto, é a síntese do versículo.

Ora, no capítulo 2, Daniel relata como Deus o trouxera ao palco para dar início ao ofício profético para o qual fora destinado. Obviamente, o Senhor havia, como já dissemos, impresso nele marcas definidas pelas quais pudesse ele ser reconhecido como profeta. Mas, a essa altura, Deus pretendia, através do evento, provar o poder da graça que ele conferira a Daniel. Em primeiro lugar, ele simplesmente narra a história, e então chega à interpretação do sonho.

Eis, portanto, o início do capítulo:

Capítulo 2

1 E no segundo ano do reinado de Nabucodonosor, este sonhou sonhos; e seu espírito perturbou-se, e seu sono foi-lhe interrompido.

1 Anno autem secundo regni Nebuchadnezzar somniavit Nebuchadnezzar somnia: et contritus fuit spiritusejus, et somnus ejus interruptus est ei.

Aqui Daniel diz que o rei Nabucodonosor sonhou no segundo ano de seu reinado. Isso parece entrar em conflito com o que vimos no capítulo 1. Pois se Nabucodonosor capturou Jerusalém no primeiro ano de seu reinado, como poderia Daniel já estar classificado entre os homens sábios, entre os astrólogos? Nesse tempo, ele seria apenas um estudante. Também é fácil de se perceber, à luz do contexto, que ele e seus amigos foram então promovidos para ministrarem perante o rei. Essas coisas, portanto, aparentam inconsistência, ou seja, que Daniel e seus amigos se submeteram a treinamento durante o primeiro ano do reinado de Nabucodonosor; mas que, no segundo ano, ele já corria risco de vida por pertencer ao grupo de magos. Alguns (como já mencionamos em outros lugares) datam o segundo ano a partir da captura e queda da cidade. Dizem que Nabucodonosor foi chamado rei desde o tempo em que tomou posse da monarquia estabelecida. Antes de haver destruído a cidade e o templo, bem como o povo, ele não poderia ser reconhecido como um monarca solidamente estabelecido. Por conseguinte, referem-se a essa data da captura da cidade, como já dissemos.

Não obstante, inclino-me para outra e mais provável opinião de que ele havia reinado em associação com seu pai. E já expliquei que sua campanha contra Jerusalém nos tempos de Jeoaquim foi em decorrência de uma comissão de seu pai, e que ele voltou à Caldéia da expedição egípcia por medo de alguém tentar um golpe. Ele queria impedir qualquer insurreição. Portanto, não há nada de absurdo em dizer que Nabucodonosor reinou

antes que seu pai houvesse morrido, já que ele fora chamado para dividir o trono. Depois disso, reinou sozinho, e no segundo ano de seu reinado ocorreu o evento ora relatado. Não há nada forçado nesta explicação; ela é consistente com a história. Por essa razão, prefiro esta opinião.

Ele diz que **ele sonhou sonhos**, não obstante relata apenas um sonho. Mas não surpreende que isso fosse expresso no plural, pois que tantas coisas estavam envolvidas nesse sonho.

A isso ele soma que **seu espírito perturbou-se**, para fazer-nos entender que o sonho era algo fora do comum. Pois esse não foi o primeiro sonho que Nabucodonosor teve em sua vida, nem sentia-se terrificado todas as noites ao ponto de mandar chamar todos os seus magos. Portanto, havia nesse sonho algo de extraordinário, o qual Daniel quis expressar por meio destas palavras. Não sei se realmente cabe aqui a tradução um tanto estranha do final do versículo, **seu sono foi interrompido**; e a outra exposição, feita por nosso irmão Dominus Antony,[57] adequa-se melhor – que "seu sono estava sobre ele"; ou seja, ele começou a dormir novamente. Portanto, o sentido genuíno e simples das palavras parece-me ser que *seu espírito estava confuso*; isto é, um terror extremo apoderou-se dele e então percebeu que o sonho vinha de Deus. Então, como se houvera sido atingindo por um raio, caiu no sono novamente, como se estivesse morto. Enquanto se preocupava incessantemente com a interpretação do sonho, finalmente aquietou-se, um tanto estupefato, e dormiu. Esta é também a razão por que ele esquecera o sonho, como veremos adiante.

E prossegue:

2 E o rei ordenou que chamassem os astrólogos, os adivinhos, os feiticeiros e os caldeus, para que declarassem ao rei seus sonhos; e eles vieram e apresentaram-se diante do rei.

2 Et edixit rex ut vocarentur astrologi, et conjectores, et divinit, et Chaldei, annuntiarent regi somnia sua: et venerunt et steterunt in conspectu regis.

[57] Isto é, Antoine Chevalier, professor de hebraico na Academia de Genebra, anteriormente tutor de francês da futura rainha Elizabeth I da Inglaterra.

Este versículo demonstra mais claramente o que acabei de dizer. O sonho foi tal que o rei sentiu que viera de Deus. O que o fez chamar os magos não foi primariamente seu sonho, mas, sim, seu terror. Ele não conseguia descansar, mesmo quando voltava a dormir. O sonho parecia um ferro em brasa em seu cérebro. O Senhor não permitia que ele descansasse, mas fazia com que sua mente voltasse a agitar-se, até que a interpretação do mesmo fosse dada.

Autores profanos não estão errados ao catalogar os sonhos entre as adivinhações. Por certo que falam de formas variadas, visto não haver entre eles nada certo nem sólido. Todavia, nutrem a convicção firmemente radicada de que os sonhos têm algo a ver com a profecia. Seria fútil e infantil estender isso a todos os sonhos, não importa quais, de maneira tal que alguns não deixam sequer um sonho sem interpretação, e assim se expõem ao ridículo. Porquanto sabemos que os sonhos ocorrem por diferentes razões; por exemplo, em decorrência de nossos pensamentos durante o dia. Se penso muito sobre algo durante o dia, isso volta à minha mente no período da noite, posto que ela não se acha tão engajada no sono que não possa reter algum resquício de compreensão, mesmo que esta esteja oculta. A experiência nos ensina de forma cristalina que nossos pensamentos diários têm seguimento em nosso sono. Além disso, muitos sonhos são gerados com base em várias condições da mente ou do corpo. Se alguém leva para a cama a tristeza – por exemplo, em decorrência da morte de um amigo ou de alguma perda, ou por algum ferimento que lhe tenha ocorrido, ou por qualquer sorte de problemas – a preparação mental conceberá sonhos confortáveis. O próprio corpo gera sonhos. Vemos aqueles que se acham febris ora imaginando fontes para sua sede, ora fogos, e em outros momentos toda espécie de imaginações. Também percebemos que a intemperança perturba o sono dos homens. Homens bêbados são envolvidos por um frenesi de sonhos. Por isso surgem muitas causas naturais no que diz respeito aos sonhos. Em

conseqüência, pretender buscar o presságio ou razões definidas em todos eles é fútil demais para expressar-se com palavras.

Mas, por outro lado, é certo que alguns sonhos possuem a qualidade de presságio. Omito o que relatam as velhas histórias. Mas é verdade que o sonho de Calpurnia, mulher de Júlio César, não poderia ter sido fictício, pois, antes que fosse morto, já era largamente proclamado: "César foi morto", justamente como ela sonhara.[58] O mesmo se pode dizer sobre o médico de Augusto. No dia da batalha de Fársalus, ele lhe disse que Augusto deixasse a barraca, e no entanto não havia razão alguma para que o médico ordenasse que ele fosse carregado em sua liteira para fora da barraca, exceto porque sonhara ser isso indispensável. Onde residia a necessidade? Estava além da conjectura humana. O acampamento de Augusto foi destruído naquele momento.[59] Indubitavelmente, muitas dessas histórias não passam de fábulas, mas tenho sido seletivo. E ainda não mencionei os sonhos relatados na Palavra de Deus. Porquanto estou afirmando algo que até mesmo o pagão se verá obrigado a admitir.

Aristóteles tinha prazer em rejeitar qualquer sentimento por uma divindade (porquanto ele era intolerante quanto a esta questão e procurava comprimir a natureza de Deus dentro da esfera da compreensão humana e abarcar tudo com seu próprio discernimento). Não obstante confessou que os sonhos nem sempre provinham do acaso, mas que havia em alguns deles um μαντική [*mantike*]; ou seja, certo caráter de presságio. Ele debate a origem dos sonhos, a que parte da mente pertencem, se são 'intelectivos' ou 'sensitivos' e se põe, por fim, do lado do último, mas só até onde eles são 'imaginativos'. Mais tarde, quando pergunta: "Os sonhos são causas ou algo semelhante?", se inclina para o ponto de vista de que são mais sintomas de incidentes [*acciden-*

[58] Plutarco. *Vidas*: *César* 63.

[59] Dio Cássio. *História romana* 47:41 (Calvino confunde as batalhas de Fársalus e de Filipos).

tia] do que acontece por acaso. Ele não consegue admitir que os sonhos sejam divinamente enviados, e para explicar isso diz que muitos homens estúpidos sonham e têm o mesmo tipo de sonhos que os mais sábios. E então se volve para as bestas brutas, pois algumas delas, como os elefantes, sonham. Portanto, já que os sonhos são comuns entre as bestas brutas, e já que os sábios sonham mais raramente do que o mais crasso dos idiotas, a Aristóteles parece improvável que os sonhos sejam divinamente enviados. Por conseguinte, ele nega que sejam θεόπεμπτα [*theopempta*, "enviados de Deus"] ou θεῖα [*theia*, "divinos"], mas afirma que são δαιμόνια [*daimonia*, "enviados do diabo"]; isto é, ele inventa um certo meio-termo entre o divino e o demoníaco. E sabemos em que sentido os filósofos tomam o termo 'demoníaco', o qual nas Escrituras tem um sentido ruim. Aristóteles diz, portanto, que os sonhos são enviados por inspirações etéreas e não por Deus. Porque, afirma ele, a natureza humana não é divina, mas inferior; todavia, é superior à terra; ou seja, é angelical.[60]

Cícero discute isso longamente no livro 1 de Sobre o Presságio[61] (embora refutar, no livro 2, algumas das coisas que dissera anteriormente quando era um acadêmico).[62] Entre outros argumentos para provar que existem deuses, ele adiciona os sonhos: "Se há algum presságio nos sonhos, segue-se que há uma certa divindade nos céus. Não obstante, não que a mente humana não possa conceber qualquer sonho sem a inspiração celestial". O raciocínio de Cícero é válido: "se há algum presságio nos sonhos, então há uma certa divindade".[63]

Observe-se também a distinção que Macrobius faz – ainda que desastradamente confunda *genera* e *species*[64] (pois ele não era

[60] Aristóteles. *Sobre o Presságio Através de Sonhos*.

[61] Cícero. *Sobre o Presságio* 1:20:39 – 1:30:65, apresentando uma visão estóica.

[62] Acadêmico = platônico cético. Em *Sobre o Presságio* 2, Cícero refuta os argumentos do livro 1.

[63] Cf. Cícero. *Sobre o Presságio* 1:5:9 – 1:6:10 (refutado por Cícero, 2:60:124 etc.)

[64] Macrobius. *Comentário* sobre *O sonho de Scipio* de Cícero, onde analisa os diferentes tipos de sonhos (3:1-11).

um homem de são juízo, e, sim, um rapsodista que amontoava sem ordem e sem método coisas que ia expressando). Ora, que isso seja estabelecido, que a opinião de que há alguma sorte de presságio ligado aos sonhos é fixada com boa razão nos corações de todos.

Portanto temos também o adágio de Homero: ἐκ διός ἐστιν ὄναρ [*ek dios estin onar*, "um sonho vem de Zeus"].[65] Ele não entende isso de modo geral ou promíscuo para qualquer sorte de sonhos, mas quando introduz seus personagens, os heróis, também diz que foram divinamente avisados em seus sonhos.

Então chegamos ao sonho de Nabucodonosor.

Neste sonho, duas coisas precisam ser observadas. Em primeiro lugar, que toda sua memória foi perdida e apagada. Em segundo lugar, que não havia interpretação para ele. Em outra instância, vemos um sonho lembrado, e ainda assim com interpretação desconhecida. Entretanto, aqui Nabucodonosor não só estava perplexo quanto à interpretação do sonho, mas, visto que a própria visão desaparecera, sentia duplamente, perplexidade e ansiedade. Ora, quanto ao primeiro ponto, que Daniel era capaz de fornecer a interpretação, não há nada novo nisso. Ocasionalmente, se não raramente, sucede que alguém sonha sem um mito [*figura*] ou mistério [*acnigma*]; ou seja, reconhece a substância do sonho e não tem necessidade alguma de um adivinho [*coniector*] (pois chamam *coniectores* os intérpretes de sonhos). Isso, como eu disse, acontece, mas só raramente. É muito comum em sonhos, porém, Deus falar alegórica ou enigmaticamente. E isso é conhecido não somente entre os gentios, mas também entre os próprios servos do Senhor. Quando José sonhou que foi adorado pelo sol e pela lua, ele não sabia o que isso significava. Quando seu feixe foi louvado pelos feixes de seus irmãos, ele não compreendeu seu significado. Ele conta os sonhos francamente a seus

[65] Homero. *A Ilíada* 1:63.

irmãos.[66] Deus, portanto, falou com ele através de sonhos, de uma forma quase enigmática, até que a interpretação viesse.

O sonho do rei Nabucodonosor foi semelhante. Vemos que Deus também revela sua vontade aos descrentes, mas não claramente; para que vendo, não vêem; é como se alguém lhes oferecesse um livro fechado, ou palavras de um livro selado.[67] Como está escrito em Isaías, Deus fala aos incrédulos por lábios gaguejantes e uma língua estranha.[68] A vontade de Deus foi revelada ao rei Nabucodonosor de tal maneira que ele ainda estava perplexo, e mesmo estupefato. Todavia, o sonho não lhe poderia ter utilidade alguma até que Daniel fosse trazido como intérprete, como veremos adiante. Não significa que Deus quisesse manter o rei em suspense, senão que apagou toda a memória do sonho para aguilhoá-lo ainda mais. Visto que alguns negligenciam aqueles sonhos dos quais não se lembram, Deus plantou um ferro em brasa, como já afirmamos, nas profundezas da mente deste incrédulo para que não conseguisse descanso mental algum, senão que continuasse sonhando mesmo quando acordado. O Senhor o arrastava para si com cordas secretas. Eis, portanto, a razão pela qual Deus não concedeu imediatamente a interpretação do sonho e ainda extirpou a memória dele do coração do rei até que ambas fossem recebidas de Daniel.

Deixaremos o restante para amanhã.

Deus Todo-Poderoso, de quem procede todo dom perfeito – e embora alguns homens superem a outros em inteligência e clareza mental, ninguém possui nada de si mesmo, mas distribuis a cada um de acordo com tua graciosa liberalidade – permitas que usemos qualquer entendimento dado por ti para a verdadeira glória de teu nome. Permitas também que o que quer que nos seja dado possamos, com humildade

[66] Mg., Gn 37; isto é, 37.5-10.
[67] Mg., Is 29; isto é, 29.10-12.
[68] Mg., Is 28; isto é, 28.11.

e modéstia, entender que vem de ti e que cuidemos bem para nos mantermos em sobriedade, não desejando demais ou corrompendo o conhecimento verdadeiro e genuíno das coisas, mas permanecendo na simplicidade para a qual nos chamas. Permitas também que não mais nos prendamos a coisas terrenas, mas que aprendamos a elevar nossas mentes à verdadeira sabedoria de conhecer-te como o verdadeiro Deus, e dá-nos a obediência à tua retidão. Que estejamos contentes com apenas esta coisa, obedecer-te e nos consagrar inteiramente a ti, para que teu nome seja glorificado durante toda nossa vida, através de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

5ª Exposição

Ontem vimos que os adivinhos foram, pela ordem do rei, chamados não só para explicar seu sonho, mas também para dizer-lhe o que ele havia sonhado, visto que o havia esquecido.

Ele menciona quatro tipos [*species*] de magos, ou pelo menos três com uma subespécie [*genus*] somada como um quarto: portanto, sucintamente discorrerei sobre como os vejo. Muitos interpretam חרטומים, *hartummim*, como 'genethliacs', enquanto אשפים, *assaphim*, acreditam que eram médicos. Quanto ao primeiro, não gostaria de discuti-lo com demasiada ênfase. Entretanto, não vejo justificativa alguma para o segundo. Dizem que estes eram médicos que, com base na pulsação da veia ou artéria, eram capazes de diagnosticar a saúde de um homem. Todavia, isso não tem base alguma, e subscrevo, antes, o conceito daqueles que crêem que os astrólogos é que eram chamados por esse nome. Em terceiro lugar estão os מכשפים, *mecasphim*, a quem chamam de 'encantadores'. Outros, entretanto, mudam o significado e afirmam que esses eram os astrólogos que julgavam as coisas pertinentes ao futuro ou previam coisas ocultas com base na posição das estrelas. No entanto, não posso oferecer nada mais senão dizer que não conseguimos estabelecer com exatidão o que as palavras significam em hebraico. Pois quando uma coisa está morta e enterrada, quem será capaz de distinguir entre os

termos da arte desconhecida? כשדים, *casdim*, não tenho dúvida, foi posto como uma categoria [*genus*]. Apesar de ser um nome nacional, os magos o adotaram como próprio por causa de sua excelência, como se eles possuíssem a nobreza e superioridade da raça inteira. E sabemos que o nome era comum por toda a Grécia e Itália. Qualquer um que afirmasse ser capaz de prever o futuro ignoto, valendo-se das estrelas ou com base em outros métodos de adivinhação, era denominado 'caldeu'.

Quanto às outras três palavras, não tenho dúvida de que eram termos de honra. Esta é a razão pela qual se denominavam 'matemáticos', como se não houvesse nenhuma outra erudição no mundo além deles. Mas, apesar de possuírem fundamentos sólidos, é indubitável que eram saturados de superstições. Havia os 'arioles'[69] e os adivinhos; e sabemos que sua linha particular de estudos envolvia a aplicação de augúrios. Portanto, apesar de serem altamente recompensados entre seus compatriotas, foram condenados pela Lei de Deus. Qualquer cultura que reivindicassem possuir não passava de mero embuste. Eram chamados de magos, como um nome geral, e eram também denominados 'caldeus' (um pouco mais adiante, ao enfatizar que falavam diante do rei, o profeta não enumera os três tipos, mas diz simplesmente 'caldeus').

É surpreendente que Daniel e seus amigos não fossem convocados entre eles. Pois deveria tê-los convocado entre os primeiros; pois o rei os havia achado, como já foi mencionado, dez vezes mais doutos que os magos e todos os 'arioles' que habitavam seu reino. Já que suas habilidades eram conhecidas pelo rei, por que, pois, os esqueceu enquanto todos os adivinhos compareceram, incumbidos de tarefa tão penosa? É possível que o rei os houvesse omitido por depositar mais fé em seus próprios compatriotas, ou porque os achasse suspeitos e não quisesse divulgar

[69] Ariole: aquele que adivinha através de augúrios. Como no caso do vocábulo 'genethliaes', preservei a tradução literal de *arioli*.

seu segredo aos cativos de cuja confiabilidade e lealdade ainda não tinha certeza. Esse bem que poderia ser o caso. Entretanto, precisamos considerar mais de perto o propósito de Deus. Por isso, não duvido que o esquecimento do rei tenha-se motivado pela providência divina, pois ele não queria que seu servo Daniel e os outros se envolvessem, desde o início, com os magos e 'arioles'. Em conseqüência disso, Daniel não foi chamado juntamente com os demais para que sua profecia subseqüente fosse ainda mais prodigiosa.

Então prossegue:

3 E disse-lhes o rei: Tive um sonho; e para sabê-lo, está perturbado meu espírito.

4 Os caldeus disseram ao rei em aramaico: Ó rei, vive eternamente! Diz o sonho a teus servos, e daremos a interpretação.

3 Et dixit illis rex, Somnium somniavi, et contritus est spiritus meus, ad sciendum somnium.

4 Et dixerunt Chaldæi regi Syriace, Rex in eternum vive: dic somnium servis tuis, et expositionem indicabimus.

Em primeiro lugar, Daniel relata a presunçosa confiança dos caldeus ao se atreverem a prometer uma interpretação de um sonho ainda desconhecido. O rei diz que estivera perturbado ao tentar entender seu sonho – pelo quê insinua que alguma sorte de enigma fora divinamente posta diante dele. Portanto, aqui ele confessa sua ignorância; e a importância da questão pode ser deduzida pelo teor de suas palavras. Ao declarar o rei que gostaria de inquirir sobre algo obscuro e profundo, algo que estava além de seu entendimento, e, acima de tudo, ao confessar que seu espírito estava perturbado, os caldeus deveriam sentir-se tomados de ansiedade ou um tanto apreensivos. Todavia, simplesmente apresentaram-se audaciosamente como os melhores intérpretes de sonhos, tão logo o compreendessem.

Ao dizerem: **Ó rei, vive eternamente!**, esta não é uma mera e simples oração. Estão convidando o rei a animar-se e a alegrar-se, porque eles são capazes de livrá-lo de toda e qualquer preocupação ou problema através de uma rápida explicação do sonho. Sabemos o quanto os impostores são liberais em suas pala-

vras – em decorrência disso, temos o ditado do antigo poeta: "Enriquecem os ouvidos e esvaziam as bolsas".[70] E, certamente, os inquisitores que se nutrem de vento e são levados por tais armadilhas merecem receber vento em seus ouvidos. Mas é fato conhecido que, no passado, não havia ninguém mais confiante do que um astrólogo – um homem descontente com a verdadeira ciência, mas fazendo vaticínios sobre a vida ou a morte e prevendo toda sorte de evento. Alegam que nada se lhes fica oculto. Afirmemos, em termos gerais, que transformar a adivinhação de sonhos numa arte é estultícia e temeridade. Pois, ainda que haja alguma (aliás, uma infalível) interpretação de sonhos, como eu disse ontem, ainda assim, como veremos mais adiante, ela não deve ser considerada como uma ciência verídica, e, sim, como um dom especial de Deus. Assim como o profeta não deduzirá, com base em determinadas razões, o que ele dirá, mas, sim, explicará os oráculos de Deus, também aqueles que desejam interpretar os sonhos não terão as mesmas regras a seguir. Entretanto, se o Senhor revelar o que ele planejou, por meio de sonho, então aquele que é dotado com um determinado dom deve assumir o papel de intérprete. Propriamente falando, estas são coisas antitéticas e inconsistentes: ciência geral, perpétua, e revelação especial. Quando Deus reivindica para si a revelação do que já foi impresso na mente de alguém por meio de um sonho, segue-se que isso não pode ser classificado como uma arte ou ciência; todavia, os homens devem aguardar a revelação do Espírito. Portanto, o fato de os caldeus, tão impudentemente se auto-apresentarem como bons intérpretes de sonhos, não só revela sua precipitação como também se desmascaram como meros charlatães, que fingiam possuir uma ciência que não é ciência, como se através de suas adivinhações pudessem prever o que o sonho real significava.

E então prossegue:

[70] *Cf.* Aulus Gellius. *Noites Clássicas* (*Attic Nights*) 14:1:34.

5 Respondeu o rei, e disse aos caldeus: A palavra se foi de mim. Se não me fizerdes saber o sonho e sua interpretação, sereis despedaçados e vossas casas serão feitas em monturos.

5 Respondit rex et dixit Chaldæis, Sermo a ne exiit, si non indicaveritis mihi somnium et interpretationem ejus, frusta efficiemini, et domus vestræ ponentur sterquilinium.

Aqui o rei demanda dos caldeus mais do que sua profissão poderia comportar. Pois, como já dissemos, embora em sua obtusa jactância tenham prometido uma interpretação para o sonho, o que quer que fosse, nunca alegaram que poderiam dizer a alguém o que ele havia sonhado. Por isso vemos que o rei agira injustamente não considerando o que haviam proferido e quais eram os limites da arte e da ciência (se é que existia alguma ciência nisso!).

Ao afirmar que a coisa ou a palavra se havia evaporado de sua mente, podemos admitir um de dois sentidos, pois מִלְּתָה, *millethah*, pode ser entendido como "decreto ou lei", como veremos adiante. Portanto, podemos ler esta passagem da seguinte maneira: (o decreto) 'fluiu'. Entretanto, uma vez que logo a seguir ele repete a mesma frase quando parece ter compreendido o sonho (aliás, no v. 8), a explicação do fato de o rei haver dito que seu sonho havia desaparecido se adequa muito bem. Deixo isso indeciso.

Observemos cuidadosamente uma vez mais o que mencionamos ontem. O terror estava tão profundamente impresso no coração do rei, que ele não conseguia ter paz interior. Além disso, ele não conseguira discernir suficientemente para que um mínimo de sabor da revelação fosse sentido. Ele parecia um touro picado por uma mutuca, correndo para todos os lados e rolando no chão. Tal era o furor desse infeliz rei só porque Deus o importunara com aquelas torturas assustadoras. Mesmo assim, a memória do sonho estava completamente apagada de sua mente. Apesar disso, ele declarou que o sonho de fato ocorrera, e já que os magos, ao realçarem os limites de sua ciência, gabavam-se de ser os intérpretes dos deuses, o rei não tinha dúvida de conseguir deles o que jamais haviam afirmado. A arrogância rece-

be sua merecida recompensa quando os homens, inflados em sua perversa confiança, presumem com respeito a outros que longe estão de ser seus iguais, e todo pensamento de modéstia se esvai, desejando ser reconhecidos como espíritos angelicais. Indubitavelmente, o Senhor queria tornar a estúpida gabolice, tão comum entre os caldeus, em alvo de risos, quando o rei laconicamente ordenou que lhe dissessem o sonho antes que se lhe oferecessem sua explicação.

Em seguida acrescenta ameaças, agora francamente tirânico. A não ser que revelassem o sonho, seria seu fim. Sua ameaça não é de uma execução ordinária; ele diz que os aniquilará, se tomarmos a declaração *haddamin* no sentido de 'pedaços'. Se a tomarmos simplesmente como 'sangue', será uma ameaça de morte. Seja o que for, o rei estava nitidamente furioso. Nisso, Nabucodonosor era pior que qualquer besta selvagem. Pois como poderiam os caldeus ser culpados por não conhecerem o sonho real? Nunca haviam afirmado que podiam fazer isso, como veremos mais adiante; nenhum rei jamais ordenou o que está acima da capacidade humana. Portanto, notamos que havia uma fúria selvagem no rei enquanto ameaçava de morte, ou, melhor, com uma execução cruel, os magos e 'arioles'. Os tiranos geralmente dão rédeas soltas às suas paixões, pois acreditam que qualquer procedimento lhes é lícito. Daí o bom ditado dos poetas trágicos: "Já que ele assim o quer, então é legal".[71] E Sófocles tinha boas razões quando diz que qualquer um que cruzar a soleira de um tirano joga fora sua liberdade.[72] Entretanto, se coletássemos todos os exemplos disso, dificilmente encontraríamos outro como Nabucodonosor. Portanto, presume-se que a mente do rei foi impelida por tamanha e demoníaca fúria que propôs-se infligir terrível castigo sobre os caldeus, os quais, neste caso, eram ino-

[71] *Quod libet, licet*. cf. Seneca, *Trojans* (As troianas) 336-37 e freqüentemente em outros escritores.

[72] Fragmento 788 em A. Nauck, ed., *Tragicorum Graecorum Fragmenta* (Leipzig, 1856), p. 253.

centes. Sabemos que eram impostores; sabemos que todo mundo era enganado por seus embustes; sabemos que mereciam a morte (pois, de acordo com a lei, dizer-se possuidor do poder de fazer previsões através das artes mágicas demandava a pena de morte);[73] mas, com respeito ao rei, nenhum crime poderia ser posto sobre as cabeças deles. Então, por que ameaçá-los de morte? Porque assim o Senhor planejara efetuar um milagre, como veremos. Pois se o rei houvera permitido que os caldeus se fossem, teria imediatamente reprimido a ansiedade que o havia atormentado e preocupado. O caso também seria menos conhecido do povo. Deus, portanto, continua a torturar a mente do rei, para que, como já dissemos, ele se precipitasse de vez em fúria. A feroz e selvagem ameaça foi suficiente para pôr a todos em polvorosa. Pois não há dúvida de que tanto os da alta quanto da baixa estirpe tremeram quando ouviram da chamejante fúria do rei. Essa, pois, é a síntese de tudo, e devemos observar o propósito da providência divina, porque ele queria que o rei se incendiasse sem moderação.

E prossegue:

6 Mas se me declarardes o sonho e sua interpretação, uma dádiva e um prêmio e grandes honras recebereis de minha face. Portanto, declarai-me o sonho e sua interpretação.

6 Et si somnium, et interpretationem ejus indicaveritis, donum, et munus, et honorem, vel *pretium*, magnum accipietis a face mea: propterea somnium, et interpretationem ejus indicate mihi.

Aqui o rei muda de tom. Procura testá-los com a esperança de lucros a fim de convencê-los a contar-lhe seu sonho. Então, por um lado os aterroriza, buscando arrancar deles o relato do sonho e sua interpretação, se necessário for, de má vontade. Mas, no caso de se deixarem seduzir por belas palavras, ele toma esta direção e lhes promete **uma dádiva e um prêmio e honras**. Ou seja, ele oferece uma recompensa liberal se lhe contassem seu sonho e o interpretassem fielmente.

[73] Mg., Lv 20; isto é, 20.27.

Daqui deduzimos o mesmo elemento expresso por todas as histórias – que os magos ganhavam bem com suas predições e conjeturas. Os eruditos hindus, no entanto, eram homens de vida frugal e austera, e de modo algum gananciosos por lucros. Sabemos que viviam um tipo de vida em que nem dinheiro nem mercadorias nem nada era necessário. Contentavam-se em comer raízes, não careciam de roupas e dormiam no chão. Portanto, a avareza era ignorada entre eles. Todavia, para os caldeus, sabemos que andavam por todos os lugares fazendo com que os simples e simplórios pagassem suas dívidas através de artimanhas. O rei, portanto, estava seguindo um costume popular quando prometeu recompensa; uma recompensa vultosa, por sinal.

Aqui, porém, é preciso observar que os caldeus difundem suas profecias inicialmente movidos pelo desejo de lucro. Quando a ciência se torna venal não pode impedir sua própria adulteração com vários vícios. Por isso, quando Paulo fala dos corruptores do evangelho, ele os denomina de 'mercadores'.[74] Pois a partir do momento em que o lucro se transforma em alvo, ele não pode deixar de degradar imediatamente (como já dissemos) mesmo os bons professores de outrora, pervertendo toda a sinceridade em falsidade. Quando a avareza reina, lá você encontrará a lisonja, a complacência servil e a astúcia. Em suma, a verdade é completamente escamoteada. Por essa razão, não surpreende que os caldeus estivessem tão entregues ao logro quando seu único alvo envolvia o que poderiam lucrar da situação ou quanto dinheiro conseguiriam granjear para si. Com certeza, é perfeitamente justo que professores honestos recebam seu salário de fundos públicos. Mas se alguém tornar-se alvo da avareza (como já se mencionou) toda a pureza de seus ensinamentos inevitável e necessariamente será pervertida e degradada.

À luz desta passagem podemos uma vez mais perceber quão ansioso estava o rei; pois não economizaria gastos para ter a

[74] Mg., 2Co 2; isto é, 2.17.

interpretação de seu sonho pelos lábios dos caldeus. Por outro lado, estava furioso com eles, como se não lhe fornecessem o que a recompensa oferecida merecia.

E então prossegue:

7 Responderam segunda vez, e disseram: Exponha o rei seu sonho a seus servos, e lhe daremos a interpretação.

8 Tornou o rei, e disse: Verdadeiramente percebo que quereis ganhar tempo, porque sabeis que a palavra se foi de mim.

7 Responderunt secundo, et dixerunt, Rex somnium exponat servis suis, et interpretationem indicabimus.

8 Respondit rex et dixit. Vere novi ego quod tempus redimitis, quia scitis quod exierit sermo a me.

Juntemos a próxima frase:

9 Mais ainda, se não me fizerdes saber o sonho, há um só veredicto para vós. E uma palavra mentirosa e corrupta preparastes para proferir diante de mim até que o tempo mude. Portanto, dizei-me o sonho, e saberei que sois capazes de explicar a interpretação.

9 Propterea si somnium non indicaveritis mihi, una hæc sententia *est*; et sermonem mendacem et corruptum praeparastis ad dicendum coram me, donec tempus mutetur; propterea somnium narrate mihi, et cognoscam quod interpretationem ejus mihi indicetis.

Aqui ele relata a justificativa dos magos. Afirmam, e com razão, que sua arte nada mais é capaz de fazer além de apresentar a interpretação de um sonho. Todavia, o rei quer saber qual era seu sonho. À luz deste fato, uma vez mais fica claro que ele estava sob a influência de uma sorte de fúria monstruosa, a qual era completamente indomável. Às vezes os reis fervilham de fúria, mas uma palavra cautelar os aquieta. O seguinte provérbio é muito verdadeiro: "O furor é quebrantado por uma palavra branda".[75] No entanto, já que a resposta perfeitamente justa dos adivinhos não diminui o furor real, deduz-se que ele se deixara possuir totalmente por uma fúria demoníaca. Entretanto, tudo isso, como já afirmamos, era direcionado pelo propósito secreto de Deus, visando a tornar a explicação de Daniel ainda mais prodigiosa.

Então solicitam que o rei relate seu sonho, e uma vez mais

[75] Pv 15.1.

prometem que estarão prontos a dar a interpretação. Tudo isso, porém, revelava grande arrogância, como já afirmamos. Em momento tão arriscado, eles deveriam, no mínimo, ter dominado um pouco seu orgulho e fútil jactância. Sua persistência em tão estulta gabolice e ludíbrio demonstra que haviam sido entorpecidos pelo diabo. Aqueles que estão por demais envolvidos em suas artes supersticiosas, procurarão presunçosamente manter sua loucura. Os adivinhos deram um claro exemplo disso, demonstrado na maneira como continuaram sustentando seu [pseudo] conhecimento da interpretação de sonhos.

Então segue-se o protesto do rei. **Eu sei**, diz ele, que estais ganhando **tempo, porque sabeis que a coisa se foi de mim**, ou, **a palavra foi decretada**, se tomarmos o significado anterior. O rei aqui os acusa da pior duplicidade: os magos não possuem o que proclamam ter; desejam livrar-se dessa [duplicidade] porque sabem que o rei esqueceu totalmente seu sonho. Portanto, é como se ele dissesse: "Vós prometeis dar-me uma interpretação precisa do sonho, mas isso é mentira. Se eu vos relatasse o sonho, seria fácil constatar vossa arrogância, porque não seríeis capazes de explicar o mistério [*aenigma*]. Mas, embora sabeis que esqueci o sonho, quereis que vo-lo diga". Entretanto, **procedeis assim apenas para ganhardes tempo**, afirma ele. "Então escondeis vossa ignorância e ainda nutris o conceito de que sois eruditos. Se meu sonho tivesse ficado gravado em minha memória, eu poderia facilmente comprovar vossa ignorância, pois não sois capazes de fazer o que alegais".

Portanto vemos o rei acusando os adivinhos ainda de outra farsa – que são impostores, iludindo as pessoas com falsos pretextos. Ele lhes diz que merecem morrer se não lhe relatarem seu sonho. Este é um argumento negativo e falho. No entanto, não surpreende que os tiranos sempre encontrem justificativas para sua barbárie. Apesar disso, devemos ter em mente aquilo que já mencionei, ou seja, que os adivinhos mereciam as reprimendas, porque eram balões vazios, fazendo falsas promessas

de que eram capazes de conjeturar o futuro a partir de sonhos, augúrios e coisas afins. Quanto ao rei, porém, não havia nada mais injusto do que imputar tal crime aos magos. Pois, ainda que enganassem os outros, também enganavam a si próprios, estando cegos e mesmo enfeitiçados por sua fútil crença em tal pseudo-sabedoria. Tampouco pretendiam enganar o rei. Pois criam que algo repentino lhes aconteceria e seriam capazes de livrá-lo de toda ansiedade. Todavia, o rei os agride o tempo todo numa cega investida de selvageria. Portanto, devemos observar a causa principal – ele está sendo torturado por Deus e não conseguirá ter um minuto de paz até que tenha ouvido a explicação de seu sonho.

Em seguida, acrescenta: **Se não me fizerdes saber o sonho, este veredicto permanece**; ou seja, "o que já foi decretado sobre vós. Não perguntarei quem é individualmente culpado ou quem deseja me enganar, mas eliminarei totalmente todo o colegiado de magos. Em suma, nenhum escapará à execução se não me disserdes tanto o sonho quanto sua interpretação".

Logo a seguir, acrescenta: **Vós preparastes uma palavra mentirosa e corrupta para proferirdes aqui perante mim** – e isso elimina vossas escusas. Novamente o rei protesta contra a fraude e a malícia das quais eles ainda não estavam cientes. É como se dissesse que estavam deliberadamente buscando capciosos pretextos para enganá-lo. Porém afirma: **uma palavra corrupta e mentirosa ou enganosa**; isto é, "vossas escusas são repugnantes" ou, como dizemos coloquialmente, "fedem". 'Se houvesse alguma justificativa plausível, eu aceitaria o que estais dizendo; todavia, vejo que não há nada em vossas palavras além de falácia, fraude que cheira a podre". Portanto, agora vemos que o rei não só estava furioso com a recusa dos adivinhos de contar-lhe seu sonho, como também acusou-os de um erro ainda mais grave, ou seja, de pronunciarem algo repugnante e desejarem deliberadamente rir às suas custas.

Então prossegue: **Dizei-me o sonho e então saberei**, ou "à

luz do quê poderei saber", "que vós sois capazes de interpretar fielmente sua substância". Aqui o rei adota outro argumento com o fim de acusar os magos de dissimulação: "Vós vos gabais de que a interpretação de meu sonho não vos é difícil. Em que vos baseais para afirmar isso? Porquanto ainda não conheceis o sonho propriamente dito. Se eu vos contar o sonho, sereis capazes de dizer qualquer coisa que vos venha à mente. Entretanto, estou indagando sobre um sonho que está velado tanto de mim quanto de vós; e tudo o que podeis dizer é: "Quando ele nos disser o sonho, o restante será fácil." Só saberei se sois bons e habilidosos intérpretes de sonhos, se puderdes relatar-me este sonho. Uma coisa depende da outra. E sois muito presunçosos sobre o que ainda vos é desconhecido. Portanto, enquanto correis tão precipitadamente e procurais persuadir-me de que conheceis a interpretação [do sonho], estais tentando lograr-me também com isso. Ambas as coisas, vossa precipitação e vossa falácia, se revelam pelo jogo que insistis em jogar comigo. Eis a síntese.

O restante vem amanhã.

Deus Todo-Poderoso, visto que em nossa peregrinação terrena necessitamos diariamente dos ensinamentos e diretrizes de teu Espírito, permite que dependamos tanto de tua Palavra quanto de tua secreta inspiração, com verdadeira modéstia, para que não tomemos sobre nós responsabilidades demasiadas. Ajuda-nos a estarmos conscientes de nossa própria ignorância, cegueira e estupidez, e a sempre fugirmos em direção a ti, não sendo atraídos aqui e acolá pela astúcia de Satanás e dos ímpios. Mas que permaneçamos firmes em tua verdade e que nunca nos desviemos dela, enquanto nos orientas ao longo do curso de nossa vocação, até chegarmos à glória celestial de teu reino, que para nós foi conquistado pelo sangue de teu Filho unigênito. Amém.

6ª Exposição

10 Os caldeus responderam na presença do rei e disseram, Não há mortal sobre a terra que possa explicar a palavra do rei. E portanto nenhum rei ou príncipe ou governador jamais exigiu semelhante coisa dalgum mago, encantador ou caldeu.

10 Responderunt Chaldæi coram rege, et dixerunt, Non est homo super terram qui sermonem regis posset explicare; propterea nullus rex, princeps, vel prefectus rem consimilem exquisivit ab ullo mago, et astrologo, et Chaldæo.

Os caldeus novamente se justificam por não serem capazes de relatar ao rei seu sonho. Na verdade, estão dizendo que isso não faz parte de sua arte ou ciência, e que não há precedente algum para fazer-se tal interrogação aos eruditos – para que respondessem tanto *de facto* quanto *de jure*, como dizem. Eles certamente afirmaram ser intérpretes de sonhos; no entanto, suas conjeturas não conseguiam abarcar os sonhos propriamente ditos, mas só se responsabilizavam pela interpretação dos mesmos. Obviamente, esta era uma justificativa justa. Entretanto, o rei não a admitiu. Ele estava movido de fúria (como dissemos ontem), e isso por um impulso secreto de Deus, visando a que o rei viesse a desmascarar os magos, 'arioles' e astrólogos como meros impostores que enganavam o povo. E devemos ter continuamente nossos olhos voltados para o propósito que Deus tinha, ou seja, exaltar seu servo Daniel e isentá-lo da categoria comum. Também acrescentam que nenhum rei ou príncipe jamais agiu dessa maneira em relação aos magos e eruditos.

Então ele prossegue:

11 E a palavra sobre a qual o rei pergunta é preciosa; e ninguém há que a possa explicar diante do rei, senão os deuses, cuja habitação não é com os homens.

11 Et sermo de quo rex inquirit pretiosus est; et nullus est qui possit exponere coram rege, nisi dii, quorum habitatio cum carne non est ipsis.

Acrescentam que aquilo que o rei procura excede a compreensão humana. Indubitavelmente, essa foi uma confissão relutante; pois, como dissemos previamente, eles haviam granjeado tal fama decorrente de sua sabedoria, que a plebe acreditava que não existia nada oculto deles, nada lhes era desconhecido. Ao confessarem sua ignorância neste assunto, sem dúvida estavam buscando segurança na fuga. Em perigo extremo, foram forçados a recorrer até mesmo a tal subterfúgio.

Pode-se perguntar por que dizem aqui ser 'preciosa' a palavra pela qual o rei indaga. Pois eles não sabem o que o rei sonhou. Donde, pois, vem a preciosidade? Entretanto, não é de se estranhar que os ansiosos e golpeados, movidos por medo extremo, falem demais e de maneira insensata. Dizem que **a coisa é preciosa** – colocam algumas lisonjas em suas demais justificativas para suavizarem o furor do rei e assim escaparem da morte iminente com que ele os ameaça. **A palavra sobre a qual o rei pergunta é preciosa** – e ainda, isso poderia mui provavelmente significar que aquilo não era algo comum, que o sonho do rei fora divinamente enviado e depois repentinamente sepultado no esquecimento. Portanto, deve haver algum mistério aqui, e não é sem razão que os caldeus afirmem que esse negócio, ou 'coisa', era grande e complexo demais para a capacidade comum da mente humana.

Então acrescentam: **não pode haver nenhum outro intérprete senão os deuses** (ou, 'anjos'). Alguns aplicam isso aos anjos. Sabemos, porém, que entre os adivinhos adorava-se uma multiplicidade de deuses. Portanto, é mais simples explicá-lo como entre sua multidão de deuses imaginários. Eles tinham, é

claro, deuses menores. Pois todas as nações nutriram sempre a fantasia de que havia um Deus supremo, que reinava solitariamente. E abaixo dele inventaram deuses menores. E cada um fabricava para si um deus de acordo com seus próprios anseios. Aqui, portanto, eles os denominam de 'deuses' em sua linguagem comum característica, dando vazão a sua opinião pessoal. Entretanto, pode-se identificá-los com os *genii* ou deuses do ar. Pois sabemos que todos os descrentes estavam imbuídos da opinião de que existiam deuses intermediários. Os apóstolos lutaram diligentemente contra o erro antigo. E sabemos que os livros platônicos estão abarrotados da doutrina que diz que entre o *numen* celestial ('divindade') e os seres humanos existem demônios ou *genii* agindo como mediadores. Por essa razão, tais palavras são facilmente compreendidas, tendo em mente que os caldeus criam que somente os anjos eram intérpretes, não porque possuíssem uma visão bíblica genuína e clara acerca dos anjos, mas porque vigorava entre eles a doutrina platônica ou a superstição sobre os *genii*, os quais habitam os céus e mantêm relações com o deus mais elevado, ao mesmo tempo que são 'parentes' dos mortais. Porque os humanos estão envoltos em carne, não podem elevar-se aos céus a fim de entender todos os seus segredos. Daí, presume-se que o rei agiu injustamente ao exigir deles um ofício divino ou angelical. Esta justificativa é também verossímil. No entanto, os ouvidos do rei estavam surdos, e se achava dominado por sua fúria. Deus o dirigia com as Fúrias, para que não tivesse descanso algum.

Daí, pois, sua violência, à qual Daniel acrescenta:

12 Então o rei, em sua grande ira e fúria, ordenou que todos os sábios de Babilônia fossem mortos.	12 Pràpterea rex in ira et indignatione magna edixit ut interficerent omnes sapientes Babylonis.

A ameaça que vimos anteriormente era terrível; agora, porém, Nabucodonosor vai ainda mais longe. Ele não simplesmente ameaça os caldeus com a morte, mas de fato ordena que sejam executados. Outro exemplo assim dificilmente se encontrará em toda a

história. Entretanto, precisamos ter sempre em mente a causa: ele estava sob terrível turbulência mental, porque o Senhor planejara pôr em evidência a seu servo Daniel, a fim de tornar-se um espetáculo diante de todos. E tudo isso era uma preparação para seu reconhecimento da parte de todos. Isso foi feito publicamente a fim de que os sábios de Babilônia fossem desmascarados como falsários, os quais prometiam mais do que podiam comprovar. Fossem eles dotados da mais alta erudição, ainda assim não teriam o dom de revelação que Daniel possuía. Por isso o rei emitiu sua ordem e a todos condenou à morte. É também possível que tenha ele percebido, então, algo em que jamais pensara antes, ou seja, que havia muita inanidade em suas afirmações e muitos truques mágicos em toda sua arte. Quando sua prática supersticiosa falhou, a fúria do rei imediatamente veio à tona. (Vemos os que, no linguajar popular, se consideram muito devotos explodirem em fúria, como a tenho chamado, quando compreendem que sua adoração fictícia não traz proveito algum, e a amaldiçoarem seus ídolos e a odiarem o que até então havia sido objeto de sua confiança.) Portanto, pode ser que Nabucodonosor haja agora descoberto neles as imposturas nesse assunto vital, quando anteriormente tal idéia nem havia passado por sua cabeça. Ele percebe que era enganado e que, ao mesmo tempo, se achava diante de um caso em extremo desconcertante, e em ansiedade tal, por haver sido deixado sem qualquer conselho da parte daqueles de quem havia esperado tudo, e por isso está cem vezes mais furioso do que se houvera começado com calma.

Em seguida, ele prossegue:

13 E o decreto saiu, e os sábios estavam sendo mortos. E buscaram a Daniel e a seus companheiros, para que fossem mortos.	13 Et edictum exiit et sapientes interficiebantur: et quærebant Daniel et socios ejus ad interficiendum.
14 Então Daniel procurou saber o propósito e decreto por Arioque, chefe da guarda do rei, que tinha saído para matar os sábios de Babilônia.	14 Et tunc Daniel sciscitatus est *de* consilio et edicto ab Arioch principe satellitum regis, qui exierat ad interficiendum sapientes Babylonis.

15 Ele replicou e disse a Arioque, comandante do rei: Por que o decreto se apressa da presença do rei? Então Arioque explicou o caso a Daniel.

15 Respondit et dixit ipsi Arioch præfecto regis, Ad quid edictum festinat è conspectu regis? Tunc rem patefecit Arioch ipsi Danieli.

Pelas palavras, parece que alguns dos sábios já haviam sido mortos. Pois Daniel não foi procurado para morrer entre os primeiros. Quando os adivinhos e caldeus foram indiscriminadamente arrastados para a execução, Daniel e seus amigos se achavam sob o mesmo perigo. E ele diz expressamente, o **edito saiu**; isto é, foi feito público (esta frase às vezes também ocorre em latim), e os sábios estavam sendo mortos. Então Daniel também foi procurado. O rei nunca permitiria que seu decreto, uma vez sancionado, fosse tratado levianamente. Se houvera ordenado isso publicamente, e nenhuma execução ocorresse, não haveria sido ridículo? Portanto presumimos, por inferência, ser provável que muitos dos adivinhos e caldeus já haviam sido mortos.

Ora, apesar de a causa do rei não ser legal, eles foram condenados a uma punição justa. Pois (como dissemos ontem) mereciam ser exterminados. A peste tinha que ser removida, o mais depressa possível. Se Nabucodonosor fosse como Davi ou Ezequias ou Josias, poderia tê-los exterminado a todos com boa razão e purgado a terra de tal poluição.

Ele, porém, transgrediu em deixar-se dominar por sua excessiva fúria. No entanto, Deus lançou sobre os caldeus uma punição justa. E essa advertência visava a beneficiar a todo o povo, mas eles estavam endurecidos em seu erro, e sem dúvida alguma se fizeram ainda mais imperdoáveis, tornando-se cegos ante o juízo divino.

Que Daniel também estava destinado à execução quando nem mesmo fora convocado pelo rei, mostra quão injustos são os decretos daqueles reis que não se dão ao trabalho de inquirir devidamente sobre os casos que julgam. Nabucodonosor freqüentemente ouvira falar de Daniel e fora forçado a admirar sua habilidade e seu singular dom de sabedoria. Como, pois, poderia

esquecê-lo quando necessitava de conselho, o qual somente ele poderia oferecer-lhe? Portanto, vemos que, apesar de o rei haver cuidadosamente inquirido sobre o sonho, não assumira uma atitude realmente séria. Pois sem dúvida surgiria em sua mente o pensamento: "Já percebeste o incrível dom de sabedoria celestial que os judeus cativos possuem? Convoca-os em primeiro lugar". Portanto, a negligência do rei, deixando de convocar a Daniel, pelo menos juntamente com os demais, está descoberta. Dissemos que isso era administrado pela secreta providência de Deus, que não desejava que seu servo se associasse com aqueles ministros de Satanás, cuja ciência consistia em nada mais que truques e ilusões. E, quanto ao rei, vemos que ele negligenciou o dom de Deus e, por assim dizer, ocultou a luz posta diante dele.

Agora ele arrasta Daniel para a morte. Já disse que os tiranos, comumente, são injustos e se nutrem de terrível violência, porque não podem dar-se ao trabalho de investigar um caso. Ainda assim, vemos como Deus maravilhosamente livra os seus das garras da morte, como acontece a Daniel. Pois pode parecer-nos um milagre que Arioque poupasse a vida de Daniel enquanto assassinava os demais – e esses, nativos. Como, pois, sucedeu de Daniel desfrutar de mais benevolência que os caldeus, quando não passava de estrangeiro e cativo? Porque sua vida estava nas mãos de Deus e sob sua proteção, o qual ofuscou a mente e deteve as mãos do comandante a fim de não o matar imediatamente. E diz-se que Daniel perguntou acerca do propósito e do decreto. Alguns o traduzem, "prudente e sagazmente"; e עטה, *etah*, significa 'prudência', como também טעם, *teem*, metaforicamente, é traduzido por 'compreensão', quando significa 'gosto'. Mais adiante, porém, veremos *teem* traduzido por 'decreto'; e já que esse significado parece encaixar-se melhor aqui, eu o admito. Daniel estava indagando ao comandante qual era o decreto e propósito do rei. Arioque também é chamado de: chefe da guarda do rei. Alguns o traduzem "dos executores"; outros, "dos cozinheiros". Pois טבח, *tabah*, significa 'matar'; entretanto, o título

dele derivado significa "um cozinheiro". Potifar foi chamado assim em Gênesis 39[76] – o homem para quem José foi vendido. A mim parece um tanto absurdo dizer que Potifar era o comandante de carrascos. Mas, se dissermos que Arioque era o comandante dos cozinheiros, dificilmente se enquadraria em seu ofício ser ele enviado a matar os caldeus. Por essa razão, prefiro interpretá-lo mais comedidamente, ou seja, que ele era o chefe da guarda. Pois, como já disse, Potifar foi chamado רב טבחים, *rab tabbahim*, e só aqui a pronúncia é modificada.

E prossegue: **Daniel também disse: Por que o decreto se apressa da vista do rei?** À luz destas palavras, parece que Daniel estava indiretamente acusando o furioso rei e também sua ingratidão; sua fúria, porque não investigou cuidadosamente o bastante, antes de decretar uma penalidade tão cruel; e sua ingratidão, porque agora ele arrasta à morte alguém que, apesar do conhecimento real de suas qualidades, não fora consultado. Quando, pois, diz 'apressa', não tenho dúvida de que ele estava indicando erro no rei por não haver sido convocado ou ouvido, e ainda assim estava sendo chacinado juntamente com o restante, como se fosse igualmente culpado (ou seja, se os caldeus fossem culpados a esse respeito). A síntese de tudo é que não havia razão para que o rei demonstrasse tanta pressa; se houvera indagado mais atentamente talvez encontrasse o que desejava.

Em seguida acrescenta que **Arioque explicou o assunto a Daniel.** À luz desse fato, parece que, até então, Daniel permanecera ignorante de todo o caso. Por isso, podemos imaginar quão assustado ele estava. Permanecera em completa ignorância, e agora, repentina e incrivelmente, estava sendo arrastado para a execução. Ele precisava ser fortalecido por Deus a fim de recompor-se e implorar algum prazo ao comandante e ao rei, para que pudesse relatar ao rei seu sonho e fornecer sua interpretação. Para Daniel poder manter-se em boa forma carecia-se de uma

[76] Gn 39.1.

extraordinária bênção divina; de outra maneira, sua mente ter-se-ia entorpecido pelo terror. E sabemos como, nas crises repentinas, perdemos nossa postura e nossos corações se perturbam. Quando, pois, nada acontece a Daniel, é certo que sua mente estava sendo governada pelo Espírito de Deus.

Em seguida, ele acrescenta:

16 E Daniel entrou e pediu ao rei que lhe designasse um tempo, e ele revelaria ao rei o significado.

16 Et Daniel ingressus est, et postulavit a rege, ut tempus daret sibi, et expositionem afferret regi.

Este versículo não contém nada novo, a não ser que devemos observar algo que não foi expresso. O comandante aceitou o pedido de Daniel e o levou ao rei, embora estivesse um tanto apreensivo, pois sabia quão furioso o rei estava. Deixar de cumprir seu decreto imediatamente era em extremo ofensivo. Mas, como já mencionei, visto que Deus havia posto Daniel sob sua proteção, ele converteu a mente do comandante a tamanha bondade que este não hesitou em levar Daniel ao rei.

Outra coisa pode ainda ser inferida do contexto, ou seja, que Daniel obteve o que pediu. Pois o texto diz que **ele voltou para sua casa**; sem dúvida porque ele havia obtido do rei um dia de prazo, para cumprir sua promessa no dia seguinte. Todavia, é surpreendente que isso lhe fosse permitido, pois o rei queria que seu sonho fosse relatado sem delonga. Daniel não apresenta expressamente as razões que apresentou ao rei, mas, provavelmente, confessou o que veremos em momento oportuno – que ele não era dotado com tal discernimento ao ponto de explicar os sonhos, senão que esperava, pela bênção divina, que voltaria no dia seguinte com uma nova revelação. O rei nunca teria dado sua permissão se Daniel transpirasse dúvida ou não declarasse que esperava por uma revelação secreta de Deus. Ele logo teria sido rejeitado, provocando ainda mais a ira real. (E é comum em hebraico omitir-se algo de seu lugar próprio e considerá-lo depois em outro contexto.) Entretanto, quando modestamente confessa a verdade, que ele não poderia satisfazer o rei até ter recebido

do Senhor o que ele fielmente lhe transmitiria, o rei concede o tempo. E veremos isso mais claramente adiante.

Ele prossegue:

17 Então Daniel veio para sua casa, e abriu a palavra a seus amigos Hananias, Misael e Azarias.

18 E para que pedissem por misericórdia da face do Deus do céu sobre este segredo, a fim de que Daniel e seus amigos não fossem mortos com o restante dos sábios de Babilônia.

17 Tunc Daniel in domum venit, et Hananiæ, et Misaeli, et Azariae sociis suis sermonem patefecit.

18 Et misericordias ad petendum a facie Dei coelorum super arcano hoc, ut ne interficerentur Daniel et socii ejuscum residuo sapientum Babylonis.

Vemos com que propósito e confiança Daniel pediu tempo. Seu propósito era implorar a graça de Deus. E estava confiante porque sabia que estava à marcê de um duplo castigo se o rei fosse desapontado em sua esperança. Se no dia seguinte ele regressasse de mãos vazias, o rei não se contentaria em ordenar uma morte rápida e direta; ao contrário, demonstraria para com Daniel uma terrível crueldade, como se este dele zombasse. Indubitavelmente, pois, Daniel esperava por aquilo que realmente obteve – que o sonho do rei lhe fosse revelado.

Por isso propõe a seus amigos que implorem pelas misericórdias de Deus juntamente com ele. Daniel já se achava de posse do poderoso e extraordinário dom da interpretação de sonhos; mais ainda, como já vimos, ele era o único profeta de Deus. Pois Deus costumava revelar seu propósito aos profetas, quer por meio de sonhos, quer através de visões.[77] Daniel havia recebido ambos. À luz do fato de Misael, Hananias e Azarias se lhe associarem em oração, deduzimos que não tinham razão alguma para o cultivo da ambição ou da vanglória. Pois se houvessem nutrido por Daniel alguma inveja, não poderiam ter orado de comum acordo. Porquanto não haviam inventado suas próprias orações individualmente; apenas oraram para que a interpretação do sonho fosse revelada a Daniel. Disso percebemos que

[77] Mg., Nm 12; isto é, 12.6.

eles sinceramente concordaram em suas orações e que todo o orgulho e ambição e vanglória se puseram longe deles.

Além disso, vale a pena ressaltar que está escrito que eles **imploraram a misericórdia de Deus**. Pois, a despeito de não chegarem à presença do Senhor como culpados, e visto que esperavam ser graciosamente atendidos no que pediam, utilizam-se da palavra 'misericórdia'. Todas as vezes que fugimos para Deus em busca de socorro para nossas necessidades, nossos olhos e pensamentos devem sempre estar voltados para sua misericórdia. Pois é tão-só sua soberana generosidade que o faz bondoso para conosco.

O que se diz no final do versículo, **para que não perecessem juntamente com aqueles que restavam dos sábios de Babilônia**, alguns interpretam como se os quatro amigos estivessem preocupados com a vida dos adivinhos, desejando livrá-los da morte. Mas ainda que buscassem o bem-estar de todos os homens, não resta dúvida de que estavam separando-se dos magos e caldeus, pois seu conceito era totalmente diferente do deles.

Então prossegue:

19 Então o segredo foi revelado a Daniel numa visão noturna: e assim Daniel bendisse o Deus do céu.	19 Tunc Danieli in visione noctisarcanum patefactum est: tunc Daniel be,nedixit Deum cœli.

Aqui podemos depreender que Daniel não vacilou, nem orou com seus amigos dominado pela dúvida. Pois devemos ter em mente a admoestação de Tiago: "Aqueles que duvidam, e temem e oram a Deus com hesitação, são indignos de ser ouvidos. Não pense tal homem", diz Tiago, "que alcançará alguma coisa do Senhor, deixando-se agitar de um lado para o outro como as ondas do mar".[78] Portanto, já que Deus promete estar atento às orações, é evidente que Daniel orou com plena confiança, convicto de que sua vida seria alvo do cuidado divino. Sentiu igualmente que Deus não atormentava a mente do rei Nabucodono-

[78] Mg., Tg 1; isto é, 1.6-8.

sor por nada, senão que preparara um extraordinário e memorável juízo. Convencido disso, ele nutre uma fé inabalável, e ora ao Senhor como se já houvera recebido segundo seu pedido. E, por outro lado, vemos que Deus nunca fecha seus ouvidos quando é invocado justa e sinceramente – como também é afirmado no Salmo: "Ele está perto de todos os que o invocam – porém, em verdade".[79] No entanto, não pode haver verdade alguma onde a fé é inexistente. Já que Daniel permeara sua oração com fé e sinceridade, por isso foi diretamente ouvido, e, numa visão noturna, o segredo do sonho lhe foi revelado.

Não posso avançar mais agora.

Deus Todo-Poderoso, visto que nos encontramos em perigo todos os dias e em todos os momentos, não só da selvageria de um único tirano, mas todo o mundo é incitado contra nós pelo diabo e os príncipes deste mundo estão armados e prontos para nos destruir, permite que possamos sentir e que possas mostrar-nos através da própria experiência que nossas vidas estão em tuas mãos e que tu serás um fiel guardião e não permitirás que um só cabelo de nossas cabeças caia; mas que nos guardarás de tal maneira que os ímpios também saberão que hoje não nos gloriamos em teu nome em vão, não te invocamos em vão. E quando tivermos experimentado teu cuidado paternal em todo o curso de nossas vidas, permite que, por fim, alcancemos a bendita imortalidade que nos prometeste e que está guardada para nós nos céus através de Jesus Cristo, nosso Senhor Amém.

[79] Mg., Sl 145; isto é, 145.18.

7ª Exposição

20 Daniel falou e disse: Bendito seja o nome de Deus para sempre e sempre; sua é a sabedoria, e seu é o poder.

20 Loquutus est Daniel et dixit, Sit nomen Dei benedicitum a seculo et in seculum: ejus est sapientia, et robur ipsius.

Neste versículo, Daniel prossegue em sua narração. Ele agradece a Deus que o sonho de Nabucodonosor lhe fosse revelado. Resume as palavras que utilizou: Bendito seja o nome de Deus, diz ele, para sempre e sempre. Isso é algo que deveríamos pedir diariamente; quando oramos que o nome de Deus seja santificado, uma perpetuidade fica indicada em tal forma de oração. Aqui, porém, Daniel se transborda de louvores a Deus com grande fervor, reconhecendo sua singular bênção em livrar, a ele e a seus amigos, da morte, contra toda esperança. E quando o Senhor confere uma prodigiosa bênção a seus servos, então nutrem muito mais motivado para louvá-lo; como disse Davi: "O Senhor colocou um novo cântico em minha boca".[80] E duas vezes usa Isaías a palavra: "Que Deus tem dado razão para um cântico novo e diferente, pois tem tratado maravilhosamente sua igreja".[81] Dessarte, não há dúvida de que Daniel desejava louvar a Deus de uma maneira incomum, uma vez que experimentara esta excepcional graça de ser resgatado de morte iminente.

[80] Mg., Sl 40; isto é, 40.3.
[81] Mg., Is 42; isto é, 42.9-10.

Depois disso, ele acrescenta, **de quem**. O relativo é tomado, aqui, como uma partícula causal, para que fosse transmitido, porque **sua é a sabedoria e seu o poder**. As partículas acrescentadas podem ser confirmativas e tomadas como uma partícula exclusiva, como se ele estivesse dizendo que há um Deus a quem o louvor tanto do poder quanto da sabedoria é merecido. Porque, separados dele, ambos seriam buscados em vão.

Entretanto, parece que esta ação de graça não se enquadra na presente ocasião. Pois Daniel deveria ter celebrado os louvores de Deus pela manifestação da visão, contentado-se somente com isso. No entanto, aqui ele proclama a glória de Deus em decorrência de ambos, seu poder e sua sabedoria. Quando as Escrituras pretendem distinguir o verdadeiro Deus de todos os deuses inventados, utiliza estes dois princípios – que Deus governa todas as coisas por sua mão e as mantém debaixo de seu domínio; e, então, que nada fica escondido dele. Estas duas coisas não podem separar-se quando a majestade de Deus está sendo considerada. Vemos os homens fabricarem coisas para si, e então chegam a possuir uma incontável miscelânea de deuses, atribuindo a cada um seu próprio ofício. Isso porque não conseguem contentar-se com uma simples unidade no tocante a Deus. Outros inventam uma espécie de semideuses. Tais são todos aqueles que falam demais sobre "a presciência nua". Confessam que nada pode ocultar-se de Deus, mas que ele prevê todas as coisas; e a isso atribuem todas as previsões que são feitas nas Escrituras. O que dizem é verdade. Não obstante, com isso ofuscam a glória de Deus – não, eles o esmiúçam completamente; pois fazem dele um mero Apolo, cuja função nos tempos antigos era a de prever o futuro (de acordo com o que os ímpios pensavam). Portanto, quando buscavam a previsão do futuro, Apolo tinha o poder de revelar isso ou aquilo. Há muitos hoje crendo que Deus é assim, que ele prevê todas as coisas; mas, ou ele guarda seus segredos, ou deliberadamente se retrai do governo do mundo. Em suma, a "presciência de Deus", por esse prisma, é insípida e constitui uma especulação infundada. Como disse, roubam a Deus uma parte de

sua glória e, o quanto são capazes, o partem em pedaços. Entretanto, quando as Escrituras desejam assegurar o que é próprio de Deus, juntam estas duas coisas inseparavelmente: que Deus prevê todas as coisas no sentido emque nada há que se possa ocultar de seus olhos; e, então, que ele mesmo determina o que há de vir, governa o mundo de acordo com sua vontade; nada acontece por acaso, senão unicamente em consonância com seu governo. Portanto, Daniel agora toma este princípio, ou estes dois princípios, a saber, que somente o Deus de Israel merece o nome de Deus, pois somente a ele pertencem a sabedoria e o poder. Lembremo-nos, portanto, de que Deus é defraudado de seu justo louvor quando esses dois princípios não são mantidos intactos – que ele tem diante dos olhos todas as coisas, e que ele governa o mundo para que nada aconteça alheio à sua vontade.

Todavia, uma vez que ainda seria insípido (que a sabedoria e o poder pertencem tão-somente a Deus, e que se acham somente nele) se a sabedoria fosse brilhar no mundo e o poder também fosse capaz de ser conhecido, ele imediatamente continua dizendo:

21 E ele mesmo muda os tempos e as divisões dos tempos, estabelece reis e destrona reis. Ele dá sabedoria aos sábios e entendimento àqueles que são entendidos.

21 Et ipse mutat tampor,a, et articulos temporum: constituit reges et admovet reges: dat sapientiam sapientibus, et scientiam iis qui scientiam cognoscunt.

Por meio dessas palavras, Daniel põe com mais clareza o que poderia ficar obscuro. Ele ensina que Deus é a fonte da sabedoria e do poder, a tal ponto que não mantém dentro de si o que lhe pertence com exclusividade, mas o faz resplandecer por todo o céu e terra. E devemos atentar para isso cuidadosamente. Pois aparentemente não revestiu-se de sublimidade a afirmação de Paulo de que somente Deus é sábio.[82] Entretanto, quando reconhecemos que a sabedoria de Deus se expõe diante de nossos olhos em todos os quadrantes do céu e da terra, percebemos melhor como e em que

[82] Mg., Rm 16; isto é, 16.27.

sentido Paulo afirmou que somente Deus é sábio. Deus, portanto, como já disse antes, não mantém a sabedoria presa em seu íntimo, mas a faz fluir através do mundo inteiro.

A síntese deste versículo é que todo o poder e a sabedoria que se revelam no mundo são testemunhas do poder e sabedoria de Deus. É ingratidão humana ver que, quando os homens encontram algo digno de louvor, em si mesmos ou em outros, eles imediatamente se apropriam do mesmo como se lhes pertencesse por direito. Assim a glória de Deus é apoucada, mas isso se deve à perversidade humana em face da auto-revelação divina. No entanto, aqui somos ensinados que, ao invés de desmerecer o poder e a sabedoria de Deus, toda sabedoria e poder vistos no mundo realçam os de Deus ainda mais. Portanto, compreendamos a intenção do profeta – Deus estende diante de nossos olhos, como espelhos, tais testemunhos de seu poder e sabedoria, quando as coisas mudam no mundo, quando os homens são poderosos em sabedoria, quando alguns são exaltados bem alto e outros precipitados bem abaixo. A experiência nos ensina que essas coisas não são decorrentes das artimanhas humanas ou de qualquer equilíbrio da natureza. Reis supremos caem e outros recebem as mais elevadas honras. Daniel então nos diz que não devemos olhar somente para os céus buscando o poder e sabedoria divinos, pois eles nos são manifestados aqui na terra e são, diariamente, exemplos postos diante de nossos olhos. Então percebemos como estes dois versículos se encaixam bem. Ele dissera que a sabedoria pertence tão-somente a Deus; agora demonstra que o Senhor não a oculta em seu íntimo, senão que no-la revela, para que então saibamos, através da experiência comum, que qualquer sabedoria existente flui dele, e que ele é sua única fonte. Nosso pensamento deve ser exatamente o mesmo acerca de seu poder.

Portanto, é **ele quem muda os tempos e as divisões dos tempos**. Sabemos que tudo se imputa à fortuna quando o mundo passa por mudanças incertas, de modo que todos os dias alguma coisa realmente muda. E os não-religiosos deduzem desse fato que

todas as coisas são transformadas por um impulso cego. Outros dizem que a raça humana é o brinquedo de Deus, e que os homens são jogados de um lado para o outro como bolas. Todavia, como já disse, não há nada de inusitado em que, aqueles de mente perversa e corrupta, enxergam todas as obras divinas sob a pior das luzes. Quanto a nós, nutramo-nos do que o profeta aqui ensina, a saber, que todas as mudanças [*revolutiones*], como são chamadas, são testemunhas do poder de Deus e indicam que as atividades humanas são divinamente governadas. Pois é indispensável que sustentemos um ou outro: ou que a natureza domina as atividades humanas, ou que a fortuna muda, aqui e acolá, as coisas que deveriam marchar tranqüilamente em frente. No que diz respeito à natureza, seu sistema seria regular se Deus, em seu singular propósito, como bem lhe parecesse, não promovesse mudanças nas condições dos tempos. Os filósofos que atribuem à natureza o domínio supremo são muito mais coerentes do que o restante, os quais põem a fortuna nos píncaros mais elevados. Pois se admitirmos o que estes últimos pretendem, ou seja, que as atividades humanas são transformadas pelo impulso da fortuna fortuita, donde, pois, vem essa fortuna? Se lhes pedirmos uma definição, o que responderão? É claro que são compelidos a reconhecer que o título 'fortuna' constitui um conceito vazio. No entanto, nem Deus nem a natureza terão lugar algum num governo vazio e, por assim dizer, mutável do mundo, onde todas as coisas marcham para suas formas terrenas de maneira desordenada. Se isso for admitido, a doutrina de Epicuro certamente fará sentido; porque, se Deus renunciar o controle supremo do mundo, e se todas as coisas acontecerem por acaso, então o Senhor deixou de ser. Entretanto, em tais mudanças ele está estendendo sua mão para reivindicar para si o domínio do mundo.

Portanto, lembremo-nos de que, em todas as mudanças que continuamente sucedem e nas quais a aparência do mundo é, em certo sentido, renovada, a providência divina brilha e que as coisas não fluem em fluxo invariável; porque, o que só é próprio de Deus não pode ser atribuído à probabilidade. Deus, afirmo, de tal forma

transforma os impérios e a alternação dos tempos, que podemos aprender a mirá-lo em confiança. Se o sol nascesse e se pusesse da mesma maneira, ou se pelo menos existisse uma simetria anual definida sem mudanças fortuitas, não teríamos dias mais curtos no inverno e mais compridos no verão. Daí podermos inferir que haveria uma ordem certa na natureza; e dessa forma Deus seria, por assim dizer, deposto de seu domínio. Mas quando os dias do inverno são diferentes dos de verão; quando a primavera nem sempre apresenta o mesmo aspecto – às vezes é chuvoso ou nevoento, às vezes nos fornece o calor do verão; novamente, quando os verões são tão variáveis que nenhum ano é igual ao outro; quando o tempo muda em horas ou minutos e os céus se vestem de um novo aspecto – quando vemos todas essas coisas, Deus está, de certo modo, nos despertando a fim de não permanecermos estupidamente atados às nossas próprias e torpes idéias e imaginemos que a natureza é uma espécie de divindade, assim privando a Deus de sua legítima honra e transferindo para todas as nossas concepções aquilo que ele reivindica exclusivamente para si. Se nessas coisas comuns os homens se vêem forçados a reconhecer a providência divina, se qualquer mudança muito importante acontecer (como quando Deus transfere impérios e, por assim dizer, transfigura o mundo), não deveríamos, pois, demonstrar-nos muito mais afetados – a não ser que sejamos bem estúpidos?

Portanto, com boa razão Daniel aqui corrige a perversa opinião que domina a mente de quase todos, ou seja, que, ou o mundo é transformado pelo acaso, ou a natureza é a suprema divindade. Pois ele assegura que é Deus quem muda os tempos e causa as vicissitudes. Todavia, ele está falando estritamente dos impérios, como o contexto o demonstra, que o Senhor designa e destrona reis. Afigura-se-nos difícil de acreditar que é por intermédio de Deus que reis são postos em seus tronos, e em seguida também depostos. Pois cremos que um império é conquistado por esforço ou por direito hereditário, ou simplesmente pela fortuna. Deus é deixado de lado quando a diligência humana, ou o poder, ou a boa

fortuna, ou algo semelhante, é dessa forma exaltado. Por isso, se diz no Salmo: "Nem do oriente, nem do ocidente; mas é Deus o único juiz".[83] Aí, o profeta ri do discurso (como o chamam) dos sábios, os quais reúnem todos os seus argumentos para provar que os impérios vêm aos homens, ou por meio de seu próprio planejamento e poder, ou através da boa fortuna, ou por outros meios humanos inferiores. "Olha ao seu redor, onde quer que seja", diz ele, "que desde o nascer até o pôr-do-sol não encontrará razão que explique por que um e não o outro está no poder. O Senhor, portanto, é o único juiz" – ou seja, o governo permanece sob o exclusivo poder de Deus. Portanto, também nesta passagem se diz que o Senhor estabelece reis e os remove quando bem lhe parece.

Este excelente argumento poderia ser discorrido de forma mais plena; visto, porém, que a mesma ocasião se repetirá, em várias outras passagens, no momento estou apenas tocando de leve no que o versículo contém. Pois o espólio dos reinos e sua ruína e mudanças serão freqüentemente mencionados. Por essa razão não quero sobrecarregá-los com tudo o que tenho em mãos. Será o bastante mostrar a intenção de Daniel.

Em seqüência, ele acrescenta: **ele dá sabedoria aos sábios e entendimento àqueles que são dotados de entendimento.** Nesta segunda oração, o profeta confirma o que já afirmamos: a sabedoria de Deus não está oculta na escuridão, senão que nos é revelada. Pois Deus diariamente nos dá disso claras e seguras evidências. Aqui ele também corrige a ingratidão humana; toda vez que retraem o louvor da excelência de Deus e o atribuem a si próprios, se chegam bem próximos do sacrilégio. Por isso, Daniel declara que não existe sabedoria nos homens, exceto aquela advinda de Deus. Alguns, é claro, são sábios; podem ser até mesmo muitíssimo inteligentes. Entretanto, deve-se perguntar se ela vem deles próprios. Daniel mostra que os homens são engenhosos e invejosos quando reivindicam para si alguma coisa, principalmente quando todos se

[83] Mg., Sl 75; isto é, 75.6-7.

sentem dominados de admiração por eles; pois nada possuem de si mesmos. Quem se gabará de ser sábio por meio de suas próprias forças? Aquele que criou a sabedoria a qual assume? Já que, então, Deus é o único autor tanto da sabedoria quanto da erudição, dons com os quais ele adorna os homens, elas não obscurecem sua glória, e sim deveriam enaltecê-las.

22 'Ele revela coisas profundas e escondidas; Ele conhece o que em trevas, e com Ele mora a luz'.

22 Ipse patefecit profunda et abscondita: cognoscit quod in tenebris, et lux cum eo habitat.

Ele insiste e confirma a mesma linha de pensamento: que é através do Espírito de Deus que todos os homens mortais adquirem todo o entendimento e luz que possuem. Vai mais longe ainda do que nunca neste versículo. Pois havia dito, em termos gerais, que os homens são sábios e entendem através da bênção divina. No entanto, agora ele suscita uma questão particular – diz que, onde há inteligência rara e incomum, ali brilha mais claramente o dom de Deus. É como se estivesse afirmando que é de acordo com a medida de sua liberalidade que o Senhor distribui aos mortais em particular toda e qualquer sagacidade e/ou inteligência que porventura venham possuir, mas que adorna alguns com tamanho discernimento, que parecem ser intérpretes pessoais dele mesmo. Assim, aqui ele fala do dom profético propriamente dito – como se estivesse afirmando que a bondade divina é vista não só na prudência comum dos homens (pois nenhum deles é tão retrógrado ao ponto de não distinguir entre o certo e o errado e não possuir alguns padrões de governo para suas vidas), mas que nos profetas há algo além do comum, o que torna a sabedoria de Deus ainda mais maravilhosa aos nossos olhos. Donde vem a habilidade dos profetas para profetizarem acerca de coisas ocultas, de penetrar além dos céus, de transcender a todos os limites? É isso comum aos homens? Portanto, já que ele supera a capacidade do homem comum, o profeta, pois, ensina que o benefício e o poder divinos, juntos, merecem muito mais louvor, pois *"Ele revela as coisas escondidas e secretas"*.

E nesse sentido que ele acrescenta que *a luz mora com ele*; como

se afirmasse que Deus é muito diferente de nós, já que estamos envoltos por infindas nuvens ou escuridade, mas que para o Senhor tudo é claro, de modo que ele nunca hesita, não faz perguntas, não é impedido pela ignorância [humana]. Portanto, agora percebemos a intenção do profeta.

Aprendamos, porém, desta passagem a render louvores a Deus; louvores esses que a maior parte da terra usurpa para si em audacioso sacrilégio, mas que o Senhor mostra pertencer-lhe. Lembremo-nos de dar a Deus o crédito por toda a inteligência e discernimento que temos. Mesmo que em nós exista apenas uma gota do senso comum, somos por isso devedores a Deus; pois seríamos como o gado ou as pedras, se por seu intuito secreto ele não nos houvera dado a inteligência. Mas, mesmo que alguém se destaque e se torne a fascinação de quase o mundo inteiro, esse também deve submeter-se humildemente a Deus e reconheça que está em dívida ainda maior, pois recebeu mais que outros. Pois quem foi que o separou, senão Deus? Quanto maior a inteligência com que algum de nós é honrado, mais deve o tal magnificar a bênção divina, lançando para longe de si tudo o que é negativo.

Em terceiro lugar, aprendemos que a compreensão das coisas espirituais é um raro e singular dom do Espírito Santo, e que é especialmente neste ponto que o poder de Deus se revela conspícuo. Portanto, estejamos atentos àquele diabólico orgulho com que quase todo o mundo se acha injustificadamente embriagado e entumecido. Neste aspecto, devemos especialmente glorificar a Deus, pois ele não só nos adornou com a prudência comum para que a distinção entre o bem e o mal pudesse existir entre nós, como também nos levantou acima da natureza comum e de tal forma nos iluminou para que pudéssemos compreender o que, de outra maneira, excederia infinitamente nossa apreensão.

Ora, ao afirmar Daniel que **a luz mora com Deus**, devemos apresentar uma antítese tácita; pois ele indica, como já mencionei, que os homens estão envoltos em muitas trevas, e por isso tateiam

em seu caminho em densa escuridão. Aqui, o lugar de moradia do homem é indiretamente comparado com o santuário de Deus. É como se o profeta dizesse que em lugar algum existe a pura e genuína luz, salvo em Deus somente. Assim, quando ficamos em casa – isto é, em nosso próprio estado – precisamos vagar pela escuridão ou, pelo menos, deixar-nos envolver por um denso nevoeiro. O intuito de tais palavras é que não deveríamos nos contentar com nosso próprio entendimento, senão esperar de Deus a luz que tão-somente nele habita. Portanto, lembremo-nos de que Deus "habita em luz inacessível"[84] – salvo quando ele estende sua mão em nossa direção. Portanto, se desejamos participar da luz divina, que tomemos cuidado com a presunção. Tenhamos presente em mente nossa ignorância e peçamos ao Senhor que nos ilumine. Sua luz não nos será inacessível, caso seu Espírito nos eleve acima do próprio céu.

Em seguida, ele acrescenta:

23 Confesso-te, ó Deus de meus pais, e louvo ao Senhor que me deu sabedoria e poder; e agora me fizeste saber o que te pedimos: que nos fizeste saber o caso do rei.

23 Tibi confiteor, Deus patrum meorum et laudo ego, qui dedist mihi sapientiam et robur, et nunc notificasti mihi quae postulavimus abs te; qui negotium regis patefecisti nobis.

Daniel dirige seu discurso a Deus. Diz ele: **A ti confesso, ó Deus de meus pais, e te louvo.** Aqui ele distingue mais claramente o Deus de Israel de todas as invenções das nações. Pois ele não usa um epíteto vazio quando louva "o Deus de meus pais". Ao contrário, ele pretendia reduzir a nada a multidão de deuses que todas as demais nações haviam inventado. Daniel os rejeita como fúteis e falsos, e mostra que tão-somente o Deus de Israel era digno de todo o louvor.

Entretanto, ele não fundamenta a glória de Deus sobre a autoridade de seus pais, como fazem os papistas. Quando desejam acrescentar algum sublime poder, quer a Jorge quer a Catarina, ou a outros refugos de sua invenção, declaram a quantos séculos tem

[84] Mg., 1Tm 6; isto é, 6.16.

persistido seu erro. Desejam que um consenso humano aprove o que já foi recebido como um oráculo. Todavia, se a religião estiver baseada no consenso humano, que tipo de estabilidade terá ela? Sabemos que não há nada mais fútil que o pensamento humano. "Se o homem", diz o profeta, "for pesado em balanças contra a vaidade, a vaidade pesará mais". Nada, portanto, é mais ignóbil do que aquele princípio, a saber, pensar acerca de religião em termos do consenso de muitos anos.

Aqui, porém, Daniel louva o Deus de seus pais em virtude de aqueles pais serem filhos de Deus. A adoção sagrada pela qual o Senhor escolheu Abraão e toda sua descendência era uma força poderosa no seio do povo judeu. Portanto, Daniel, aqui, não está exaltando a homens, como se pudessem, ou devessem, acrescentar a Deus o que desejassem. Quando afirmou que *"o Deus de Israel era o Deus de seus pais"*, foi simplesmente porque ele era parte da progênie que Deus adotara. Em suma, ele contrasta o Deus de Israel com todos os ídolos dos gentios, visando a estipular uma marca distintiva na aliança propriamente dita e na doutrina celestial, na qual o Senhor revelara-se aos santos pais. Pelo fato de os gentios carecerem de algum oráculo e seguirem seus próprios sonhos, Daniel aqui, com razão, fala do *"Deus de meus pais"*.

Em seguida ele acrescenta: **porque me deste sabedoria e poder**. Quanto à sabedoria, é bastante evidente a razão por que Daniel rendeu graças ao Senhor. Foi porque ele recebera (como afirma um pouco mais adiante) a revelação do sonho, e também porque fora previamente revestido com o espírito profético e de visões, como registrou em 1.17. Aqui, porém, podemos perguntar o que ele quer dizer com *'poder'*. Pois ele não desfrutara de elevada posição entre os homens, nem fora um comandante em guerra. Em síntese, não apresentara nenhuma prova de poder extraordinário pelo qual devesse agradecer a Deus. Todavia, Daniel estava olhando para o princípio no qual se mantinha, a saber, que o Deus de Israel se fizesse reconhecido como o único e verdadeiro Deus, pelo fato de que, qualquer poder e sabedoria existentes no mundo fluí-

am dele, como de uma fonte. É de acordo com esse princípio que ele então fala de si próprio e de todos os demais. Pois é como se dissesse: "Se há em mim poder ou entendimento, eu os atribuo inteiramente a ti, pois te pertencem". Certamente, a despeito de Daniel nunca haver sido um rei ou comandante, a grandeza invencível de mente que nele divisamos não deve ser considerada destituída de valor. Por isso ele merecidamente reconhece como divino tudo quanto, neste aspecto, lhe fora conferido. Em suma, seu propósito é tornar-se completamente vazio para que possa imputar a Deus o que é exclusivamente dele. No entanto, ele o expressa em termos breves, como já foi dito, porque já compreendera a prova da divindade sob a 'sabedoria' e sob o 'poder'.

Em seguida, ele acrescenta: **porque me fizeste saber o que pedimos; nos revelaste a pergunta do rei**. Parece contraditório louvar ele ao Senhor por pessoalmente haver recebido a revelação do sonho, para então unir a si os demais. A revelação não foi comum a todos; foi somente para ele. A solução é simples. Em primeiro lugar, ele deixa claro que foi-lhe especialmente dado saber o sonho do rei e entender sua interpretação. Isso uma vez confessado, ele estende a bênção a seus amigos; e merecidamente, pois, apesar de ainda não saberem o que Deus conferira a Daniel, o profeta mesmo recebeu, portanto, o favor por todos eles – todos haviam sido libertados da morte, e também suas orações haviam sido ouvidas. Quando souberam que não haviam orado em vão, sua fé foi mui fortalecida e confirmada. E dissemos que não houve ambição alguma em suas orações, orando cada um por algo em seu próprio favor, visando a que granjeassem honra e estima aos olhos do mundo. Não houve nada disso. Era-lhes suficiente que glorificassem o nome de Deus entre os ímpios. O fato de também haverem sido salvos da morte foi um benefício a mais provindo de Deus. Portanto, Daniel merecidamente diz que o sonho real, bem como sua interpretação, foram-lhe revelados, e isso em seguida transfere também para seus amigos.

Todo-Poderoso Deus, a despeito de tantos testemunhos de tua glória estarem diante de nossos olhos diariamente, somos cegos e escondemos a luz sob nossa ingratidão; permite que agora pelo menos aprendamos a abrir nossos olhos – não, abre-os por nós pela ação de teu Espírito –, para que, considerando os muitos, grandes e extraordinários benefícios pelos quais te revelas a nós e asseguras o testemunho de tua eterna divindade – para que, reconhecendo tudo isso, possamos progredir na escola da santidade e então aprendermos a atribuir-te todas as nossas faculdades, que nenhum louvor reste para nós mesmos, mas que possamos exaltar somente a ti. E quanto mais condescenderes em declarar-te liberal para conosco, mais ainda possamos aplicar-nos a uma adoração fervorosa, devotando-nos inteiramente a ti, não deixando vestígio algum de louvor endereçado a nós mesmos, mas preocupando-nos apenas a que toda a glória descanse somente em ti e que possa brilhar em todo o mundo, através de Cristo, nosso Senhor Amém.

8ª Exposição

24 E assim Daniel foi ter com Arioque, ao qual o rei constituíra para destruir os sábios de Babilônia. Portanto, ele entrou e assim lhe disse, Não destruas os sábios de Babilônia. Leva-me ao rei, e revelarei ao rei a interpretação.

24 Itaque ingressus est Daniel ad Arioch, quem prefecerat rex ad perdendum sapientes Babylonis: venit ergo, et sic loquutus est ei, Sapientes Babylonis ne perdas: introduc me ad regem et interpretationem regi indicabo.

Antes de Daniel levar a mensagem ao rei, ele cumpriu (como foi visto ontem) seu justo dever de fidelidade. Ele declarou sua gratidão a Deus pela revelação do segredo. No entanto, agora diz que **foi ter com Arioque, que havia sido enviado pelo rei a matar os magos, e pediu que não os matasse, pois ele tinha a revelação** – sobre a qual falaremos depois. Aqui não se pode observar que alguns dos adivinhadores já haviam sido mortos, como disse anteriormente. Pois Arioque nunca teria ousado adiar, nem mesmo por uns poucos dias, uma vez recebida a ordem do rei. Mas, depois que Daniel pediu mais tempo, concedeu-lhe mais um prazo. Arioque, por ordem do rei, parou de perseguir os adivinhos. Daniel agora lhe pede que poupe o restante.

Entretanto, isso não aparenta muita sabedoria, pois era preferível que aquelas artes mágicas fossem completamente abolidas. Vimos anteriormente que elas são truques do diabo. Em resposta, pode-se dizer que, apesar de Daniel enxergar muitas faltas e corrupções nos magos e em sua arte ou ciência (ou profissão falsa e enganadora), mesmo que em princípio fosse justificável, ele não

desejava, sem mais cerimônia, destruir o que havia procedido de Deus. Para mim, porém, Daniel parece ter tido outro propósito. Pois, apesar de os magos poderem haver sido completamente destruídos sem grandes perdas, ele estava, ao invés disso, olhando para o caso propriamente dito; e essa é a razão pela qual desejava poupá-los. Freqüentemente sucede que os maus, aqueles que merecem um número infindo de mortes, são conduzidos a julgamento; no entanto, se não há um motivo plausível contra eles, devemos poupar suas vidas – não porque o mereçam, mas porque devemos cumprir sempre a eqüidade e a reta conduta. Portanto, é provável que, quando Daniel tomou conhecimento da ordem tirânica do rei, de chacinar os adivinhadores, viu que não havia razão alguma para tal, e que estavam sendo mortos em decorrência de uma cruel e selvagem violência. Portanto, creio que Daniel não poupou os magos em prol de si próprio. Certamente desejava salvá-los, mas por outra razão – era de esperar-se que Deus infligisse castigo sobre eles. Sua iniqüidade ainda não havia amadurecido suficientemente para que fossem arrastados ao castigo apenas em decorrência da fúria real. Não surpreende, pois, que Daniel quisesse impedir tal barbárie o quanto lhe fosse possível.

Em seguida, ele continua:

25 Então Arioque depressa levou Daniel ao rei, e lhe disse: Achei um homem dentre os filhos dos cativos de Judá, que revelará ao rei a interpretação.

25 Tunc Arioch cum festinatione introduxit Danielem ad regem, et sic locutus est ei, Inveni virum ex filiis captivitatis Jehudah, qui interpretationem regi notam faciet.

Aqui poderia surgir a pergunta sobre como e quando Daniel foi conduzido perante o rei, e Arioque falasse como se tudo isso fosse uma novidade. Pois Daniel já havia pedido ao rei (como já vimos) um tempo para orar. Então, por que Arioque agora se gaba de **ter encontrado um homem dentre os cativos de Judá**, como se estivesse falando sobre alguém obscuro e desconhecido? Entretanto, é possível que Daniel tenha pedido tal prazo a Arioque. Pois sabemos através de histórias quão difícil era granjear acesso aos

reis. Portanto, é plausível a conjetura de que Arioque foi um intermediário quando o rei concedeu tempo a Daniel. Ou podemos dizer que as palavras não devem ser atribuídas meramente a Arioque, mas que Daniel desejava mostrar que tipo de jactância há entre os aduladores que sempre louvam grandeloqüentemente seu próprio ofício. Assim, estaria Arioque refrescando a memória real; ele encontrara a Daniel e, por fim, obtivera aquilo que o rei tão ardentemente desejava. No entanto, não vou me demorar demasiadamente sobre este ponto; porque, ou Arioque estava explicando mais claramente ao rei que Daniel era alguém capaz de interpretar o sonho, ou estava ligando isso com o que já havia acontecido – ou Daniel fez seu pedido diretamente, ou o próprio Arioque havia procurado o rei pedindo prazo para Daniel. Ele pôs *"filhos da transmigração"* ou *"cativeiro"*, na forma costumeira das Escrituras para 'cativos', a despeito de o termo ser coletivo.

Então prossegue:

26 O rei respondeu e disse a Daniel, cujo nome era Beltessazar: Tu tens capacidade de fazer-me saber o sonho que vi e sua interpretação?

26 Respondit rex, et dixit Danieli cujus nomen *erat* Baltesazzar, Estne tibi facultas ad notificandum mihi somnium quod vidi, et interpretationem ejus.

O rei utiliza estes vocábulos porque já havia perdido as esperanças de uma interpretação quando percebeu que a todos os adivinhos faltavam discernimento e compreensão sobre o assunto. Ainda assim, acreditara que não havia sabedoria exceto nos magos. Por isso, quando seu problema ficou sem solução, dificilmente poderia esperar por melhor solução vinda de outra fonte, estando a mesma impregnada (como já disse) daquele erro. "Tu realmente tens capacidade?" Não há dúvida alguma de que Deus arrancou esta pergunta do orgulhoso rei para que sua graça pudesse brilhar ainda mais intensamente em Daniel. Quanto menos esperança tivesse o rei, mais digna de reverência seria a revelação. Como veremos mais adiante, o rei estava, por assim dizer, estupefato e um tanto aturdido, prostrado em terra aos pés deste prisioneiro. É por isso que Daniel registra que o rei fez uma tal pergunta.

Então prossegue:

27 Respondeu Daniel ao rei e disse: O segredo que o rei exige, nem sábios, nem magos, nem astrólogos, nem 'genethliacs' o podem revelar ao rei.

28 Mas há um Deus nos céus que revela os segredos; pois mostrou ao rei Nabucodonosor o que acontecerá no fim dos dias. O teu sonho e a visão de tua cabeça, teu leito, são estes:

27 Respondit Daniel regi, et dixit, Arcanum quod rex postulat sapientes, magi astrologi, genethliasi non possunt indicare regi.

28 Sed est Deus in cœlis, qui revelat arcana; et indicavit regi Nebuchadnezzar quid futurum sit in fine dierum: somnium tuum, et visio capitis tui super lectm tuum, hæc est.

Aqui Daniel responde que não é de surpreender-se que o rei não tenha achado entre seus magos o que procurava – porque Deus o havia inspirado com esse sonho, acima da capacidade da compreensão da mente humana. Alguns intérpretes acham que essa é apenas uma condenação das artes mágicas. Todavia, não sei se isso é cabível. Creio que é mais uma comparação entre o sonho do rei e os limites da ciência dos adivinhos. (Sempre excluo as superstições, as quais corrompem a verdadeira e genuína ciência. Mas no que diz respeito aos princípios, já dissemos que a astronomia e o estudo da ordem natural não podem ser absolutamente condenados.)

A substância de tudo isso parece-me ser que o sonho real não estava dentro do escopo da ciência humana, e que os mortais não possuem tal percepção ao ponto de serem capazes de apreender o que o sonho significava. Deus havia revelado coisas ocultas; tais coisas precisam de uma revelação especial por parte do Espírito. Portanto, a pressuposição da afirmação de Daniel – que os encantadores e astrólogos e afins não foram capazes de explicar o sonho do rei, e que não eram qualificados para ser seus intérpretes – foi que o sonho não era natural e não possuía afinidade alguma com a razão humana, senão que constituía uma revelação especial do Espírito. Paulo, semelhantemente,[85] ao focalizar o evangelho, coloca todo o entendimento humano em seu devido lugar; porque aqueles que são muito espertos ou que são eruditos pensam que são capazes de

[85] Mg., ICo 2.14.

entender qualquer coisa. Entretanto, a celestial doutrina do evangelho constitui um mistério; mistério tal que não pode ser apreendido até mesmo pelo mais erudito e experto dos homens. Significa isso o mesmo que as palavras de Daniel, que os magos e astrólogos e 'genethliacs' não estavam em condição de explicar o sonho do rei, porque este não era nem natural nem humano.

E isso aparece mais claramente no contexto quando o profeta acrescenta: **há um Deus nos céus que revela os segredos.** Pois aqui tomo בְּרַם, *beram*, como sendo uma partícula adversativa. Ele põe a revelação de Deus em oposição às adivinhações e interpretações dos magos, pois todas as ciências humanas estão presas, por assim dizer, dentro de suas fronteiras e limites. Portanto, Daniel está afirmando que aqui se faz necessário um dom singular do Espírito Santo. O Deus que revelou a Daniel o sonho real com toda certeza distribui entendimento e *intuição* a qualquer um, de acordo com sua boa vontade. Por que, pois, alguns são muito inteligentes e outros, estúpidos ou morosos? Por que alguns conseguem progredir no entendimento humano e nas artes, enquanto outros são indiferentes e quase inúteis? Como explicar isso, senão porque Deus mostra, através dessas diferenças, que a decisão de iluminar as mentes humanas ou de deixá-las lerdas e obtusas está em suas mãos e vontade?

Portanto, já que é Deus quem concede todo o entendimento que existe no mundo, o que Daniel aqui afirma não se harmoniza com o senso geral. A não ser que esta antítese se refira às espécies, seria ou supérflua ou maçante. Assim, sigamos o que se dirá no próximo versículo, ou seja, que os magos e astrólogos não podiam explicar o sonho do rei por haver Deus levantado o rei Nabucodonosor acima da capacidade comum, para mostrar-lhe por meio de seu sonho o que estava por vir. Dessarte, afirma ele: **há um Deus nos céus que revela os segredos; ele está mostrando ao rei Nabucodonosor o que há de vir.** Ele confirma o que já dissera antes, que o rei não podia pressupor o que Deus lhe mostrara através do sonho. Pois freqüentemente sucede que, quando as mentes humanas se ocupam de um assunto, elas formam algumas deduções.

Todavia, Daniel exclui os meios humanos e diz que este sonho procedeu do Espírito de Deus.

Ele acrescenta: o que **acontecerá** no **fim**, ou, no término, *dos dias*. Pergunta-se o que ele quer dizer com 'término'. Os intérpretes concordam que isso deve referir-se ao advento de Cristo; no entanto, não explicam por que o advento de Cristo está em pauta por este vocábulo. Além disso, não é de todo obscuro que o advento de Cristo receba o título de *término* dos dias, pois ele foi uma espécie de renovação do mundo. Ainda hoje o mundo está em revolução, assim como estava há muito tempo atrás antes de Cristo manifestar-se. Mas, como veremos mais adiante, Cristo veio para esse fim, para que pudesse renovar o mundo. E porque o evangelho é, por assim dizer, a perfeição de todas as coisas, diz-se que estamos nos últimos dias, ou dias terminais. Daniel também compara todas as eras que precederam ao advento de Cristo com este "término de dias". E portanto Deus quis mostrar ao rei Nabucodonosor o que, por fim, viria a acontecer, quando monarquia tivesse aniquilado monarquia. Ele queria mostrar que, finalmente, haveria um fim para tais mudanças, porque o reino de Cristo viria. Toco neste ponto só de leve, pois há muitas coisas que ainda precisam ser expressas.

Diz ele:**O sonho e a visão de tua cabeça, em teu leito, são estes.** Pode parecer absurdo que Daniel aqui afirme que explicará ao rei qual foi seu sonho e qual sua interpretação, e ainda fale de outras coisas. No entanto, ele não acrescenta nada de irrelevante e não devemos nos perguntar por que afirma que "esta foi a visão do rei e este seu sonho". Pois ele precisava instigar o rei mais e mais, para fazê-lo mais atento ao sonho e à sua interpretação. E também é digno de nota que o profeta insista nisso para que o rei se convence de que Deus era o autor do sonho sobre o qual perguntava a Daniel. Porque as palavras são pronunciadas em vão a não ser que os homens estejam solidamente convictos de que o que lhes está sendo exposto procede de Deus. Hoje, muitos alegremente ouvem qualquer coisa que possa ser dita sobre o evangelho, mas isso não os toca interiormente. O que concebem é evanescente e imediata-

mente foge deles. Por essa razão, a reverência é o fundamento do verdadeiro e sólido entendimento. Daniel não está, portanto, fugindo de apresentar uma explicação do sonho e de relatar o sonho propriamente dito; senão que está preparando o orgulhoso rei para ouvi-lo, mostrando-lhe que não sonhara em vão e que aquilo não foi simplesmente mero produto de seus pensamentos, mas que fora divinamente ensinado e avisado acerca de coisas ocultas.

Então prossegue:

29 Sobre teu leito, ó rei, teus pensamentos se avultaram a respeito do que há de ser depois disto; e Aquele que revela segredos te contou o que há de ser.

29 Tibi, rex, cogitationes tuæ super lectum tuum ascenderunt, quid futurum esset posthac; et qui revelat arcana exposuit tibi quid futurum esset.

Ele novamente confirma o que acabei de afirmar (pois tenciona imprimir isso na mente do rei) – Deus foi o autor de seu sonho –, para que o rei pudesse preparar-se com sobriedade, modéstia e até mesmo docilidade para ouvir a interpretação. Pois, a não ser que houvesse sido tocado profundamente, ele poderia ter desprezado a interpretação de Daniel. Pois vemos homens não lucrando absolutamente nada, seja por orgulho, seja por descuido, mesmo que Deus lhes fale de forma familiar. Devemos obedecer esta ordem, a fim de estarmos preparados para ouvir a Deus e aprender a pôr, por assim dizer, um freio em nós mesmos todas as vezes em que ouvirmos o sacro nome de Deus, para que não rejeitemos ou, pelo menos, nos encolhamos ante a consideração que Ele põe diante de nós. Esta, portanto, é a razão pela qual Daniel repete que o rei Nabucodonosor fora divinamente ensinado acerca de coisas que estavam por vir.

Na primeira oração, ele afirma que os pensamentos do rei se **avultaram**. É uma expressão hebraica e caldaia. Eles dizem que os pensamentos se avultam quando reviram coisas em suas mentes ou cabeças – como vimos ante: "Esta visão estava em sua cabeça"; porque a sede da razão está na cabeça. Por isso, Daniel diz que o rei estava ansioso acerca do futuro. Os grandes monarcas meditam

sobre o que acontecerá após sua morte (e é possível que alguns sonhem com um império do mundo inteiro para si!); e é provável que o rei Nabucodonosor estivesse ponderando sobre essas idéias. Entretanto, logo se segue que ele foi incapaz de dar um passo adiante em suas cogitações sem que Deus lhe revelasse o futuro; pois é seu ofício próprio (afirma ele) **revelar coisas ocultas**. E certamente veremos que os homens se torturam em vão quando meditam continuamente em seu íntimo sobre as coisas que transcendem suas mentes. O rei Nabucodonosor continuaria a exaurir-se a troco de nada a não ser que fosse ensinado por um oráculo. Oculta nestas palavras está algo de grande importância: **aquele que revela segredos contou ao rei o que será** – ou seja, "não te pertence reivindicar este sonho como propriamente teu ou como um produto de tua mente; Deus te deu esta graça especial, planejando informá-lo sobre mistérios que, de outra maneira, estariam sempre ocultos de ti; pois nunca terias penetrado tais altitudes".

Em seguida acrescenta:

30 E eu, não em sabedoria que haja em mim ante todos os viventes, este segredo revelado a mim, mas para que eu pudesse explicar a interpretação ao rei, e para que conhecesse os pensamentos de seu coração.

30 Et ego, non in sapientia quae sit in me prae cunctis viventibus, arcanum hoc patefactum *est* mihi; sed ut interpretationem regi exponerem, et cogitationes cordis tui cognosceres.

Aqui Daniel antecipa uma objeção que Nabucodonosor poderia fazer: "Se somente Deus é capaz de revelar segredos, onde, pergunto eu, tu entras, um mero mortal?" Portanto, Daniel antecipa sua pergunta e transfere toda a glória para Deus, confessando francamente que não há nada de propriamente seu na interpretação que traz, mas que é, por assim dizer, empurrado pela mão de Deus e é seu intérprete, não com base em sua inteligência inata, mas porque foi do agrado do Senhor fazer dele seu ministro nesse assunto e utilizar seu trabalho. Portanto, diz ele: **A mim foi revelado este segredo**. Por meio destas palavras, ele declara, de maneira suficientemente clara, que foi encarregado da interpretação do sonho por intermédio de um dom especial dado por Deus.

E expressa mais claramente que o dom era supernatural, como se diz, quando afirmou: **não em sabedoria que haja em mim.** Pois se Daniel houvera superado o mundo inteiro em entendimento, ainda assim não haveria sido capaz de adivinhar o que o rei de Babilônia sonhara. Com certeza ele era eminente em inteligência e erudição; fora dotado com os mais nobres dons, como já foi dito; mas não poderia haver chegado ao que agora suplica a Deus em sua oração – não podia, digo, chegar àquilo nem por meio de seu zelo ou por seu estudo ou por quaisquer outros meios humanos. E assim vemos que Daniel, aqui, exclui expressamente não só o que os homens falsamente reivindicam para si, como também tudo o que Deus confere 'naturalmente'. Pois estamos cientes de que os homens irreligiosos também são dotados de excelente inteligência e extraordinários dons; entretanto, são eles chamados 'naturais', porque, ao dar tais exemplos, Deus deseja que seus dons brilhem na raça humana. Todavia, Daniel também reconhece que fora dotado de uma mente incomum (porque assim Deus quis) e que também era erudito (porque Deus havia abençoado seus estudos). Apesar de confessar isso, ele ainda põe a revelação num nível mais alto. E assim vemos que os dons do Espírito variam entre si, pois Daniel era quase um homem dual, por assim dizer, nos dons com os quais o Senhor quisera que fosse adornado. O fato de haver ele progredido tão bem em todas as ciências, de possuir uma inteligência tão ágil e aguçada, já demonstramos ser fruto inteiramente da mera liberalidade de Deus. No entanto, ele também põe essas coisas em seus devidos lugares e proclama o dom singular de Deus na exposição do sonho.

Este segredo, portanto, não foi revelado a mim por causa de sabedoria que porventura esteja em mim e acima de todos os mortais. Daniel não está declarando que ele superava a todos os mortais em sabedoria, como alguns falsamente costumam torcer suas palavras. Ele está deixando a questão indecisa; como se dissesse: "Isso não deve ser atribuído à sabedoria [humana]. Fosse eu o mais esperto de todos os homens mortais, toda minha destreza não

teria validade alguma. Mesmo que eu fosse um completo idiota, Deus teria planejado me colocar como seu ministro com o fim de interpretar-te teu sonho. Portanto, não olhes para mim querendo uma solução humana, mas aceita o que digo como se eu houvera caído diretamente dos céus, pois sou o instrumento do Espírito de Deus." Este é o simples significado das palavras. À luz disso, porém, também aprendemos a dar ao Senhor o louvor devido somente a ele – que está em seu poder iluminar nossas mentes para que entendamos os mistérios celestiais. Pois, mesmo que sejamos dotados, pela natureza, com a mais elevada inteligência, e mesmo que seja isso um dom de Deus, ainda assim é um dom limitado, por assim dizer, dom que não remonta aos céus. Portanto, é preciso que aprendamos a deixar com Deus o que lhe pertence, como nos exorta Daniel neste versículo.

Em seguida ele acrescenta: **mas para que eu pudesse revelar a interpretação ao rei e tornar conhecidas as cogitações de seu coração.** Daniel utiliza o plural,[86] mas indefinidamente; como se quisesse dizer: "Deus até agora te manteve em suspenso, mas não foi em vão que ele colocou este sonho em tua cabeça. As duas coisas estão unidas – que Deus revelou este segredo, e que agora ele me trouxe aqui como seu intérprete". Percebemos o que Daniel tencionava. Porque Nabucodonosor poderia aqui alegar: "Por que Deus me atormenta assim? Qual é o sentido de tal perplexidade, que eu sonhe e então o sonho se vá de mim e sua interpretação me seja desconhecida?" Já que Nabucodonosor poderia ter discutido com Deus, Daniel o antecipa e lhe mostra que seu sonho ou visão não lhe havia sido dado em vão, senão que Deus agora mostraria o que estava faltando – ou seja, que Nabucodonosor se lembrasse de seu sonho e, ao mesmo tempo, soubesse qual era seu propósito e significado.

[86] Calvino confunde o significado do verbo ('Eu posso revelar') com a sua forma plural indefinida em hebraico.

Deus Todo-Poderoso, já que desejas que sejamos diferentes das bestas brutas e, portanto, imprimes a luz da compreensão em nossas mentes, permite que aprendamos a reconhecer e magnificar este dom singular, e que possamos nos empregar no entendimento daquelas coisas que nos levarão à reverência de teu governo; e que também possamos distinguir o senso ordinário que nos tens dado da iluminação de teu Espírito e do dom da graça, para que somente tu sejas glorificado, para que sejamos implantados pela fé no corpo de teu Unigênito Filho; e também pedimos de ti o aumento e a ampliação da mesma fé até que tu finalmente nos tragas a manifestação total da luz, quando, feitos como a ti, veremos e desfrutaremos de tua glória face a face, no mesmo Cristo, nosso Senhor. Amém.

9ª Exposição

31 Tu olhaste, ó rei, e eis uma grandiosa imagem, e seu resplendor era precioso; estava em pé diante de ti; e sua aparência era terrível.

32 A cabeça dessa imagem era de fino ouro;[87] o peito e os braços, de prata; o ventre e as coxas, de bronze.[87]

33 As pernas, de ferro;[87] os pés, em parte de ferro e em parte de barro.

34 Tu estavas olhando até que uma pedra foi cortada, sem o auxílio de mãos, e feriu a imagem nos pés, os quais eram de ferro e de barro, e os quebrou.

35 Então o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro foram quebrados ao mesmo tempo, e eram como as varreduras das eiras no estio; e o vento os levou e o lugar deles não foi encontrado; e a pedra que feriu a imagem,se tornou em grande montanha e encheu toda a terra.

31 Tu rex videbas, et ecce imago una grandis, imago illa magna, et splendor ejus pretiosus stabat coram te, et species ejus terribilis.

32 Hujus imaginis caput ex auro bono, pectus ejus et brachia ejus ex argento, venter ejus et femora ejus ex ære, *æs*.

33 Crura ejus ex ferro, pedes ejus partim ex ferro, et partim testa.

34 Videbas, quousque excisus fuit lapis, qui non ex manibus, et percussit imaginem ad pedes qui erant ex ferro et testa, et contrivit eos.

35 Tunc contrita sunt simul ferrum, testa, æs, argentum, et aurum: et fuerunt quasi quisquiliæ ex area æstivali: et abstulit ea ventus, et non inventus est locus eorum; et lapis qui percusserat imaginem,fuit in montem magnum, et implevit totam terram.

Embora aqui se relate o sonho, Daniel ainda não chega à interpretação. No entanto, não podemos prosseguir sem discutir esse

[87] Nestes três casos, Calvino dá o nominativo após o ablativo (governados pela preposição). Por que? Meramente para substituir uma tradução próxima com uma mais correta como em 5.2ss.? No segundo caso, a razão pode ter sido o desejo de remover a ambigüidade em *aere*, que é o ablativo de ambos *era* ('ar') e *aes* ('bronze'), mas isso mal se aplica aos outros dois.

fato. Quando chegarmos à interpretação, confirmaremos o que foi dito anteriormente e o elaboraremos na medida em que o contexto permitir.

Aqui Daniel fala da imagem que o rei Nabucodonosor viu. Ela consistia de ouro, prata, bronze e ferro; todavia, seus pés eram uma mistura, em parte de ferro e em parte de barro. Sobre a natureza da visão já falamos, mas a repetirei rapidamente. O rei Nabucodonosor não viu a imagem em pauta com seus próprios olhos, senão que era uma espécie de revelação, a qual sabia com certeza ter sido posta diante dele por um deus. Ele poderia ter se livrado de sua ansiedade e ficado livre, mas Deus apoderou-se dele, bem preso em tormentas, até que Daniel viesse como seu intérprete.

Portanto, **Nabucodonosor viu uma imagem**. Qualquer um, em seu são juízo e disposto a expor a mente do profeta de maneira honesta, indiscutivelmente entenderá isso como as quatro monarquias, uma seguindo após a outra. Os judeus,[88] quando sobrecarregados com este oráculo, confundem os impérios turco e romano. Mas sua ignorância e desonestidade são facilmente refutadas. Pois quando desejam escapar de se ver forçados a confessar que Cristo tem se manifestado no mundo, despejam repugnantes calúnias que não necessitam de qualquer refutação. Todavia, algo ainda precisa dizer-se sobre eles em seu devido lugar. Enquanto isso, o que eu disse é verdade, ou seja, que os intérpretes que possuem pelo menos um moderado juízo e certa medida de honestidade explicam toda esta passagem como retratando as monarquias babilônica, persa, macedônica e romana. E o próprio Daniel deixa isso suficientemente claro pelo que afirma em seguida. Ainda assim, pergunta-se por que Deus representou estas quatro monarquias pela imagem. Pois isso parece incongruente: os romanos não tinham nada em comum com os assírios. Além disso, é geralmente conhecido como

[88] Por 'os judeus', Calvino quer dizer comentaristas rabínicos em particular. A linguagem imoderada que usualmente utiliza contra eles (veja-se também p. 150, etc.) era extrema até mesmo para o seu tempo francamente polêmico.

os medos e persas venceram os caldeus – que Babilônia foi assaltada e Ciro, como vencedor, transferiu o império para os persas e medos. Portanto, poderia parecer absurdo que ele ponha em destaque apenas uma imagem. Entretanto, é improvável – de fato, poder-se conhecer com facilidade – que Deus não estava pensando aqui num consenso (o qual não existia entre nenhuma das quatro monarquias), mas, sim, no estado do mundo inteiro. Dessarte, sob este símbolo, Deus pretendia descrever o estado futuro do mundo até o advento de Cristo. É por esta razão que Deus une esses quatro impérios, tão diversos entre si que o segundo nasceu da destruição do primeiro; o terceiro, da destruição do segundo. Esse é um dos pontos.

Ora, também se pode perguntar, em segundo lugar, por que Daniel concede ao reino babilônico o ilustre título *'ouro'*; pois sabemos que ele não passava de uma gigantesca tirania; e sabemos que os assírios eram da mesma estirpe. Todavia, agora estavam ligados aos caldeus. Porque sabemos que, depois que Nínive foi destruída, os caldeus fizeram de Babilônia a capital do reino, para que pudessem assegurar-se da sede do império. Se considerarmos os fundamentos da monarquia, apesar de certamente descobrirmos que os assírios eram bestas monstruosas, cheios de avareza, crueldade e latrocínio, ainda assim os caldeus os superavam em todos estes vícios. Por que, pois, chamar aquele império *"a cabeça"*? Por que denominá-lo *"a cabeça de ouro"*? Quanto ao título, 'cabeça', não surpreende que Daniel lhe atribuísse uma posição suprema, como sendo superior às monarquias contemporâneas. E não causa surpresa o fato de que aqui ele também é superior a Nínive, pois aquela cidade já havia sido destruída e aqui estamos lidando com o futuro.

Portanto, o império caldeu era o primeiro na ordem do tempo e recebeu a alcunha de 'ouro' num sentido relativo. À medida em que o mundo foi ficando cada vez pior, também medos e persas, que governavam todo o Oriente sob Ciro, eram piores do que os assírios e caldeus. Até os poetas pagãos falam de quatro eras: ouro, prata, bronze e ferro. Eles não mencionam o barro, mas não há dúvida de que tomaram por empréstimo suas idéias de Daniel. Se

alguém objetar dizendo que Ciro destacou-se nas mais elevadas virtudes, e chegou a ser um espírito quase heróico, ao ponto de as histórias celebrarem sua prudência e atividade, e outros dons, respondo que, neste momento, não estamos preocupados com a pessoa de um homem, mas com a condição contínua do império persa. Portanto, é bem provável que, comparando o império dos medos e persas ao império babilônico, e chamando-o 'prata', é porque a moral se tornara pior, como já foi dito. A experiência também demonstra que o mundo sempre piora e, paulatinamente, se deteriora em vícios e corrupções.

Quanto ao império macedônio, não deveria parecer estranho que fosse comparado ao bronze; pois temos notícia do espírito selvagem que possuía Alexandre. Que sua amabilidade lhe granjeou o favor dos historiadores é um fato bem notório. Se apreendermos bem qual era sua natureza, então compreenderemos que ele respirava crueldade desde sua infância. Quão terrível é ver num menino já aflorar a inveja e o ciúme! Ao ver seu pai subjugar as cidades da Grécia através da guerra ou da persistência ou por outros truques perversos, ele chorava de inveja, porque pensava que seu pai não lhe havia deixado nada para fazer.[89] Se um garoto podia encher-se de tanto orgulho, nossa dedução é que não existia nele nenhum resquício de humanidade. E qual era seu propósito e alvo ao incumbir-se de uma expedição com o fim de fazer de si próprio rei dos reis, a não ser que estivesse descontente, não com suas riquezas pessoais, mas com o mundo todo? Sabemos que ele chorou quando ouviu de um biruta filósofo que havia outros mundos. 'O quê! Então ainda não possuí um mundo?'[90] Se um mundo só não era suficiente para um pequeno homúnculo, de que modo, como os eventos o demonstraram, poderia fracassar em eliminar toda a humanidade? Ele não poupou derramamento de sangue; onde quer que chegava e o que quer que invadia, era como uma furiosa tempestade que a tudo destruía.

[89] Plutarco, *Vidas: Alexandre 5*.
[90] Valerius Maximus, *Palavras e atos memoráveis* 8:14 ext. 2.

Além disso, não deveríamos restringir à pessoa de Alexandre o que se diz da monarquia da qual fora ele o príncipe e fundador. Isso deve estender-se a todos os seus sucessores. E conhecemos a horrível selvageria que habitava. Pois antes de dividir-se seu império em quatro partes (isto é, os reinos da Ásia, Síria, Egito e Macedônia), descobrimos quanto sangue se derramou. Deus tirou toda a progênie de Alexandre. Talvez houvesse vivido em casa e tido filhos, e depois deixado um nobre e famoso memorial para a posteridade. No entanto, Deus exterminou da terra toda aquela linhagem. Até sua mãe de oitenta anos foi morta à espada – também sua mulher, filhos e irmão (que não desfrutava de sanidade mental); em suma, foi um horrível exemplo da ira divina sobre a descendência de Alexandre, para mostrar a todas as eras como a sua crueldade desgostara o Altíssimo. Mas se seguirmos através do império macedônico até o final, quando Perseu foi vencido, e quando Cleópatra foi morta no Egito e morto também Ptolomeu, o Egito foi mantido sob o poder do império romano, como também o foram a Síria e a Ásia – se visualizarmos todo esse tempo não ficaremos surpresos de o profeta Daniel denominar aquela monarquia de 'bronze'.

O fato de chamar o império romano de 'ferro' provém de que, como já observei, a referência é ao mundo todo em geral. Os homens eram tão vis em sua natureza, que os vícios e a moral pervertida continuavam a aumentar até que atingiram o mais alto patamar. E se considerarmos por que os romanos se comportavam e governavam de modo crudelíssimo, então entenderemos a razão por que seu domínio é aqui denominado por Daniel de 'ferro'. Pois, embora aparentemente florescesse certa economia política entre eles, somos informados do quanto eram ambiciosos, avarentos e cruéis. Raramente se encontrará uma nação que estivesse tão carregada dessas três epidemias quanto a romana. Já que eram tão dados a essas e outras doenças, não é de se surpreender que o profeta os tenha difamado, preferindo os macedônios, os persas e os medos, e até mesmo os assírios e caldeus.

Ora, ao dizer: **os pés da imagem eram em parte de ferro e**

em parte de barro, a referência não é à queda que ocorreu quando Deus depôs aquela monarquia e a esmiuçou, por assim dizer, em pequenos pedaços. O império caldeu caiu. Depois disso, quando os macedônios conquistaram o Oriente, uniram a si essa monarquia, de sorte que os medos e os persas os serviam. A mesma coisa sucedeu com os macedônios. No fim, foram vencidos pelos romanos, e todos os reis que sucederam a Alexandre foram depostos. Entretanto, quando a vontade de Deus foi depor a monarquia romana, isso foi feito de maneira diferente. O império romano caiu de tal forma que concorda nitidamente com esta profecia; sem um inimigo externo, caiu sozinho. De modo que fica bastante claro que ele foi aniquilado por Cristo, como o demonstra o sonho do rei Nabucodonosor. É claro que, naturalmente, não há nada estável no mundo desde o seu começo, e as palavras de Paulo são verdadeiras, dizendo que a aparência deste mundo vai passando.[91] Pela palavra 'aparência' ele tem em mente que tudo o que é nobre no mundo é na verdade uma mera sombra passageira. Portanto, ele acrescenta que é transitório tudo aquilo que fascina nossos olhos. Mas, como disse, foi através de um método diferente que Deus planejou destruir o império caldeu, e depois o persa, e por fim o macedônio; pois, no caso dos romanos, foi mais claramente revelado que, por seu advento, Cristo eliminou tudo o que era esplêndido, magnífico e maravilhoso no mundo. Eis, portanto, a razão pela qual Deus expressamente atribui aos romanos pés de barro. É bastante dizer isso sobre os quatro impérios.

Então, em terceiro lugar, é passível de dúvida por que se diz que Cristo **quebrou a imagem da montanha**. Pois se Cristo é a eterna sabedoria de Deus, através do qual os reis governam,[92] parece um tanto incongruente que por meio de seu advento tenha ele destruído a ordem política, a qual sabemos ser por Deus aprovada, e por seu poder determinada e estabelecida. Respondo que os impé-

[91] Mg., ICo 7.31.
[92] Mg., Pv 8.15.

rios terrenos são, como dizem, 'acidentalmente' mantidos e destruídos por Cristo. Pois se os reis executam bem o seu ofício, é evidente que o reino de Cristo não se põe contra seu governo. Então, como é possível que Cristo derrube os reis com uma vara de ferro, quebrando-os e esmagando-os e reduzindo-os a nada?[93] Porque seu orgulho é indomável e erguem suas cabeças acima dos céus e gostariam, se pudessem, de arrebatar Deus de seu trono. É por isso que sentem a mão de Deus contra eles, porque não conseguem submeter-se-lhe – ou seja, não suportam sujeitar-se-lhe.

Ainda outra pergunta, porém, pode surgir: quando Cristo se revelou, as monarquias caldaica e a persa já desde muito haviam caído; e os sucessores de Alexandre também haviam sido destruídos. A solução é correta se mantivermos aquilo que eu disse em primeiro lugar, ou seja, que aqui, sob uma única imagem, está retratada a condição de toda a terra. Embora tal coisa não haja ocorrido num instante, veremos que procede e que as palavras do profeta não eram vãs, ou seja, que Cristo destruiria todas as monarquias. O fato de a sede do império oriental ser mudada, e Nínive demolida, o fato de os caldeus conquistarem a supremacia, tudo isso foi o resultado do reto juízo de Deus. Cristo era até então o Rei do mundo. Aquela monarquia foi desfeita por seu poder. O mesmo deve-se dizer dos persas. Pois quando caíram de uma vida rígida e sóbria numa imunda e infame licenciosidade; quando devastaram de maneira selvagem outras nações; quando não conseguiam saciar-se com as pilhagens; então, finalmente, foi preciso que o governo passasse de suas mãos, e Alexandre executou o juízo divino. O mesmo aconteceu a Alexandre e a seus sucessores. Portanto, o profeta quer dizer que, antes que se revelasse ao mundo, Cristo já possuía o supremo poder nos céus e na terra, a fim de quebrar todo o orgulho e violência, e o reduzisse a nada.

"No entanto, Daniel diz que a imagem foi destruída quando o império romano foi quebrado. E assim vemos que em ambos, o

[93] Mg., Sl 2.9.

Oriente e outras regiões, estão reinando os monarcas supremos com temível poder". Respondo que devemos ter em mente o que afirmei ontem, ou seja, que o sonho foi dado ao rei Nabucodonosor para que pudesse entender o que iria acontecer até a renovação do mundo. Deus não pretendia mostrar ao rei de Babilônia além do fato de que haveriam quatro monarquias, as quais aterrorizariam o mundo inteiro e, por seu esplendor, colocariam todos os demais poderes terrenos à sombra e atrairiam para si todos os olhos e mentes; e que, depois disso, viria o Cristo que depõe tais monarquias. Portanto, Deus pretendia informar ao rei Nabucodonosor apenas esses fatos.

E é preciso que observemos o propósito do Espírito Santo. Aqui não há menção de nenhum outro reino, porque eles não haviam se desenvolvido suficientemente para serem dignos de comparação com as quatro monarquias. Enquanto os assírios e os caldeus reinavam, não contavam nenhum rival entre seus vizinhos. Todo o Oriente lhes obedecia. Era admirável que Ciro, vindo de uma região retrógrada, tão facilmente conseguisse cumular tamanha riqueza e ocupar tantas províncias quase num instante. Ele assemelhava-se a um redemoinho, destruindo todo o Oriente. O mesmo pode dizer-se da terceira monarquia. Se Alexandre e seus sucessores forem tomados como um todo, não havia reino no mundo que se igualasse ao seu poder. Os romanos tiveram que negociar e lutar com seus vizinhos, por algum tempo, e não tiveram paz dentro de seus próprios territórios. Então, quando a Itália, a Grécia, a Ásia e o Egito se tornaram sujeitos aos romanos, estes se tornaram o mais famoso império de todos, porque, então, todo o poder e glória do mundo se acharam abarcados por seus braços.

Então podemos notar por que Daniel mencionou esses quatro reinos e por que o advento de Cristo constituiu o *terminus ad quem*. (Quando digo, 'Daniel', deve-se entender o sonho.) Indubitavelmente, Deus visava ao conforto[94] dos judeus, para que seus espíri-

[94] Lendo-se *consolare* por *consulere* ('cuidado por, ter consideração para').

tos não falhassem quando os relâmpagos, primeiramente da monarquia caldaica, então a persa, por fim a macedônia, e agora a romana, atingissem e destruíssem o mundo inteiro. Pois, quais seriam seus pensamentos no tempo em que o rei Nabucodonosor sonhou com os quatro impérios? O reino de Israel já estava completamente destruído; dez tribos foram levadas para o exílio; o reino de Judá também foi reduzido a quase um deserto. A cidade de Jerusalém certamente ainda estava de pé; mas onde estava o reino? Em completa ignomínia e desgraça; a semente de Davi reinava na tribo de Judá somente por tácito consentimento – aliás, reinava somente em parte. Mais tarde, embora hajam sido liberados para retornar, sabemos quão desditosos e aflitos viviam. E quando Alexandre, aquela tempestade, varreu todo o Oriente, sabemos que enfrentaram perigo extremo. Depois, foram freqüentemente saqueados por seus sucessores. A própria cidade foi reduzida a quase um ermo, seu templo foi profanado. E quando suas condições estavam em sua melhor forma, ainda assim eram tributários, como veremos mais adiante. Certamente era necessário que suas mentes fossem nutridas em tão grande e trevosa desordem.

Eis, pois, a razão por que Deus deu ao rei de Babilônia o sonho acerca das monarquias. Se o próprio Daniel houvesse sonhado, os crentes não haveriam tido base tão firme sobre a qual confirmar sua fé. Mas o sonho real foi comentado em quase todo o Oriente, e quando sua interpretação se tornou bem conhecida, os judeus puderam recobrar o ânimo em seu próprio tempo, bem como nutrir boa esperança com base no aviso prévio de que as quatro monarquias não mudariam por acaso. Pois Deus, que determinou o futuro ao rei Nabucodonosor, também determinou o que haveria de ocorrer e o que ele planejou que ocorresse. Já que os judeus sabiam que os caldeus estavam reinando por um decreto celestial, e que um império pior estava por vir e que, em terceiro lugar, eles teriam que continuar em servidão aos macedônicos e que, finalmente, os romanos seriam os conquistadores e senhores de toda a terra (sempre, como já disse, por meio de um decreto celestial) –

quando, pois, consideraram tudo isso e também ouviram que o Redentor que lhes fora prometido seria o Rei para sempre, e que todas as monarquias, não importa quão magnificamente brilhassem por um curto tempo, não teriam estabilidade alguma, certamente que este não lhes foi um ânimo de pouco magnitude. Portanto, agora compreendemos o propósito de Deus ao planejar que o que ainda estava oculto fosse proclamado por todos os recantos – para que os judeus transmitissem a seus filhos e netos o que ouviram da boca de Daniel, e também para que esta profecia durasse e se lhes tornasse um monumento e memorial por memoráveis tempos.

Então, quanto às palavras propriamente dito, ele diz: **havia uma imagem altiva e grandiosa; seu resplendor era precioso e sua aparência terrível**. Por estas afirmativas, Deus desejava antecipar alguma dúvida que porventura os judeus pudessem nutrir quando vissem os impérios, cada qual tão resplandecente em sua própria época. Quando os judeus, que então eram cativos, vissem os caldeus tão formidáveis diante do mundo inteiro e tidos em tão alto grau, quase que adorados por outras nações, o que haveriam de pensar? Que ainda havia esperança; Deus levantara seus inimigos com tanto poder, que sua ganância e crueldade eram como um redemoinho insaciável. Eles podiam decidir de uma vez por todas que estavam afundados num profundo abismo sem nenhuma esperança de livramento.

E até mesmo quando o império foi transferido para os medos e persas, e permitido o retorno para suas casas, sabemos quão poucos fizeram uso desta generosidade e como o restante foi ingrato. De qualquer maneira, quando os poucos judeus retornaram à sua própria terra, tiveram que lutar diariamente com seus vizinhos; dificuldades amontoavam-se sobre suas cabeças; e se tivessem seguido seu bom senso, não teriam posto os pés para fora da Caldéia, Assíria e os outros países orientais; melhor lá do que em seu próprio país com todos os seus vizinhos hostilizando-os. E naquele tempo, já que eram tributários e considerados praticamente escravos e escória e em condições tão desprezíveis, a tentação ainda per-

manecia. Pois se eram o povo de Deus, por que ele pelo menos não revelava o mínimo de consideração por eles ao ponto de salvá-los de tão selvagem tirania? Por que não lhes dava o descanso e o livramento de tantos problemas e injúrias? Todavia, quando o reino macedônio predominou, então maior foi a desgraça. Pois eram expostos quase que diariamente à pilhagens, e toda sorte de crueldade era usada contra eles. Quanto aos romanos, sabemos quão insolentemente governaram. Pois, embora Pompeu, na primeira invasão, não haja despojado o templo, depois de algum tempo se tornaram mais ousados, e Crasso, um pouco depois, não deixou absolutamente nada. Por fim vieram os massacres horríveis, dificilmente qualificáveis de naturais. Quando, pois, os judeus consideraram estas coisas, fazia-se necessário que se lhes consolasse de que, afinal, o Redentor viria, aquele que destruiria todos estes impérios.

Não posso explicar agora o fato de Cristo ser chamado uma pedra cortada sem o auxílio de mãos humanas, e então ser honrado por outros títulos.

Todo-Poderoso Deus, já que somos estrangeiros neste mundo e nossas mentes poderiam facilmente tornar-se obcecadas e nosso juízo escurecido quando nos deparamos com o poder fulgurante dos ímpios e a noção de quão terríveis são para conosco e para com todos os outros; permite que possamos erguer nossos olhos para o alto e considerar o grande poder que colocaste em teu Unigênito Filho – ou seja, que ele possa reinar sobre nós e nos governar pelo poder de seu Espírito, e que nos mantenha em sua promessa e proteção e destrua o mundo inteiro para nossa salvação; para que possamos descansar tranqüilamente sob seu governo e lutar corajosamente com a paciência que ele nos ordena e recomenda, até que, por fim, nos nutramos do fruto da vitória prometida a nós e que será revelada em teu reino celestial. Amém.

10ª Exposição

Explicamos o propósito de Deus em dar ao rei Nabucodonosor o sonho sobre as quatro monarquias e o reino de Cristo que as levaria ao seu fim – que isso foi feito não tanto para o bem do rei, mas para que o restante dos fiéis pudesse ter algum conforto e apoio durante as grandes revoluções que ainda viriam em sua direção, e que, de fato, eram iminentes. Pois fora-lhes prometida a redenção e os profetas exaltaram em termos magnificentes aquele benefício singular de Deus. Portanto, seus espíritos poderiam muito bem ter falhado em meio àquelas grandes mudanças que logo se concretizaram. Assim, o Senhor desejava apoiar suas mentes, para que durante todas as revoluções e agitações eles ainda pudessem permanecer firmes e esperar paciente e sossegadamente por seu Redentor prometido. Entretanto, Deus também queria tornar todos os caldeus inescusáveis; pois o sonho do rei era bem conhecido por todos os recantos; e ainda assim praticamente ninguém lucrou com ele, pelo menos no que dizia respeito ao reino eterno de Cristo. E esse era o ponto-chave do sonho, como veremos mais adiante. A intenção de Deus, acima de todas as outras, era cuidar de seus eleitos, para que não se desesperassem em face daquelas 'revoluções' (como eles as chamam) que poderiam parecer contradizer tantas profecias que lhes prometiam não somente a liberdade, mas uma felicidade estável, perpétua e contínua sob a mão divina. Portanto, conservemos em mente o propósito de Deus com este sonho.

Então a explicação pode ser examinada. Mencionamos algumas de suas partes, mas o próprio Daniel deverá abrir caminho para que possamos prosseguir avante. Em primeiro lugar, ele diz:

36 Este é o sonho; e diremos sua interpretação diante do rei.

37 Tu, ó rei, és o rei dos reis, a quem o Deus do céu conferiu o reino, o poder, a força e a glória.

38 E onde quer que os filhos dos homens habitem, os animais do campo e as aves dos céus, ele os colocou em tuas mãos e te fez governador sobre tudo. Tu és a cabeça de ouro.

36 Hoc est somnium: et interpretationem ejus dicemus coram rege.

37 Tu rex, rex regum *es*, cui Deus cœlorum regnum, potentiam et robur dedit, et gloriam tibi.

38 Et ubicunque habitant filii hominum, bestia agri, et volucris cœlorum, dedit in manum tuam, et præfecit te omnibus: tu ipse caput *es* aureum.

Daniel aqui declara que a cabeça de ouro da estátua era o reino de Babilônia. Sabemos que os assírios retinham o domínio antes de a monarquia ser transferida para Babilônia. Mas porque não eram suficientemente poderosos para serem considerados como os únicos governantes daquela parte do Oriente, o império babilônico é colocado em primeiro lugar. Em seguida, deve-se cuidadosamente observar que Deus não desejava que fosse relatado aqui algo que já houvesse acontecido. Sua intenção era que o povo pudesse, no futuro, depender desta profecia e descansar nela. Portanto, seria supérfluo narrar qualquer coisa sobre os assírios, império esse que já havia caído. Entretanto, os caldeus ainda teriam o domínio por um certo período de tempo; isto é, aproximadamente setenta anos ou, no mínimo, sessenta. Assim, Deus desejava manter a mente de seus servos em suspenso até o final desta monarquia; depois disso, incitaria uma nova esperança até que a segunda monarquia passasse; para que mais tarde ainda pudessem descansar pacientemente sob a terceira e quarta monarquias; e, no fim, saberiam que o tempo era propício para o advento de Cristo. Esta é a razão pela qual Daniel aqui coloca a monarquia e/ou posição caldéia em primeiro lugar.

Não há dificuldade alguma nisso, pois ele afirma que o rei Nabucodonosor era a cabeça de ouro da estátua. Mas o motivo pelo qual ele o chama, *'cabeça de ouro'*, podemos deduzir à luz do próxi-

mo contexto – que a solidez era então maior do que sob o império dos persas e medos. Obviamente, é verdade que os caldeus eram ladrões selvagens, e sabemos o quão detestável era Babilônia em relação a todos os adoradores piedosos e sinceros de Deus. No entanto, já que as coisas sempre se deterioram, ainda havia uma condição tolerável no mundo sob aquela monarquia. É por isso que Nabucodonosor é chamado 'cabeça de ouro'. Todavia, isso não deve apontar para sua pessoa. Na realidade, estende-se a todo o seu reino e a todos os seus sucessores, dentre os quais estava Belsazar, o pior de todos os blasfemadores de Deus. À guisa de comparação, aqui somos informados que ele faz parte da cabeça de ouro. Mas para mostrar que não estava elogiando o rei, Daniel imediatamente explica a razão pela qual Nabucodonosor era a cabeça de ouro – porque Deus o havia posto no comando de todas as suas terras. Todavia, isso parece ser comum a todos os reis, quem quer que sejam. Pois nenhum deles governa senão pela vontade de Deus. Isso em parte é verdade; no entanto, o profeta quer dizer que Nabucodonosor foi levantado de maneira especial para estar bem acima de todos os demais monarcas.

E então prossegue:

39 E depois de ti se levantará outro reino, inferior a ti; e outro, um terceiro reino, que será de bronze; e ele reinará sobre toda a terra.

39 Et post te exsurget regnum aliud inferius te, et regnum tertium aliud quod *erit* æneum: et dominabitur in tota terra.

Neste versículo, Daniel inclui uma segunda e terceira monarquias. A segunda, diz ele, não seria inferior ao reino caldaico em poder e riqueza. Pois, apesar de o império caldaico estender-se por toda parte, ele não passava de um anexo da monarquia dos persas e medos. Ciro primeiramente subjugou os medos, e apesar de fazer seu sogro Cyaxares seu sócio no trono, expulsou seu avô materno e tomou posse de todo o reino medo sem sequer uma batalha. Depois disso, conquistou também os caldeus e os assírios, sem mencionar os lídios e outras nações da Ásia Menor. E então vemos que seu reino é chamado inferior, não porque tinha menos esplendor

ou riqueza aos olhos humanos, mas porque o futuro estado do mundo, sob aquela segunda monarquia, seria inferior; assim como as corrupções e os vícios crescem e ficam cada vez piores. É verdade que Ciro foi um governante sábio; mas, mesmo assim, era sanguinário e em extremo ganancioso, um homem tão dominado pela ambição e avareza, que ignorou toda a humanidade e atacou indiscriminadamente, como o fazem as bestas selvagens. E se julgarmos corretamente seu caráter, descobriremos ser verdade o que disse o profeta Isaías,[95] ou seja, que ele possuía um apetite insaciável por sangue humano. Ao mesmo tempo, devemos observar que a passagem não está falando somente dos reis em particular, mas de seus conselheiros e também de todo o povo. E portanto Daniel com razão declara que o segundo reino será inferior ao primeiro, não por ser inferior a Nabucodonosor em dignidade ou riqueza, mas porque o mundo ainda não se degenerara ao estado que alcançou posteriormente. Pois quanto mais essas monarquias se espalhavam, mais proliferava a licenciosidade no mundo – é na prática que aprendemos isso facilmente.

À luz desse fato se faz evidente quão tolos, e quase loucos, são todos aqueles que suspiram por reis poderosos demais. É semelhante a alguém que deseja um rio muito turbulento, como disse Isaías ao repreender tal estultícia.[96] Quanto mais célere o rio corre, e quanto mais fundo e mais cheio ele se torna, mais inundará e causará danos a toda a região rural. Portanto, são por demais insanos aqueles que suspiram por monarcas supremos, pois é inevitável que, quanto maior for o domínio de um homem, mais se afastará da ordem legal. E isso aconteceu sob a monarquia dos persas e medos.

Então, segue-se a descrição da terceira monarquia. Ela é chamada *'bronze'*, não tanto por sua dureza, mas por ser inferior à segunda. Na mesma proporção em que a prata difere do bronze, o

[95] Mg., Is 13.18; isto é, 13.15-18.
[96] Mg., Is 8.7; isto é, 8.7-8.

profeta ensina que a segunda difere da terceira. Os rabinos confundem essas duas monarquias, pretendendo compreender sob a segunda o reino grego, como o chamam. No entanto, revelam tanto sua grosseira ignorância quanto sua desonestidade; pois não são enganados por mera ignorância, mas deliberadamente pretendem subverter o que as Escrituras aqui ensinam sobre o advento de Cristo. Não se sentem envergonhados por nada. Assim misturam confusamente a história e fazem pronunciamentos dogmáticos sobre coisas desconhecidas – digo, desconhecidas não no sentido em que são capazes de enganar até mesmo aqueles de medíocre alcance no conhecimento da história, mas que são tão obtusos que não enxergam absolutamente nada. E, entre outras coisas, mencionarei rapidamente o seguinte. Em vez de Alexandre, filho de Filipe, põem Alexandre, filho de Mammea, o qual tomou posse do império romano quando este já havia perdido metade de suas províncias. Era um jovem ignóbil, e foi morto de maneira ignominiosa, em sua tenda, por suas próprias tropas. Tampouco chegou a reinar, mas viveu como um pupilo sob a autoridade de sua mãe. E, mesmo assim, os judeus não se envergonham de distorcer e aplicar a Alexandre, filho de Mammea, o que pertence ao rei da Macedônia. Mas, como veremos mais tarde, tanto a malícia quanto a ignorância são facilmente refutáveis pelo contexto.

Aqui Daniel relata brevemente que haveria uma terceira monarquia. Ele não descreve como a mesma seria; não a explica francamente; outro lugar, porém, veremos o que ele está predizendo. Agora ele interpreta o sonho do rei de Babilônia de acordo com a visão que lhe fora apresentada acerca das quatro monarquias. Mas depois um anjo lhe confirmou tudo numa visão, aliás muito mais claramente, como veremos no momento certo. Portanto, não há dúvidas de que o que se diz sobre o império de bronze pertence ao reino macedônio. Todavia, como podemos afirmar isso com tanta convicção? Simplesmente à luz da descrição do quarto império, a qual é mais completa e, por assim dizer, indica especificamente o que veremos novamente em outro lugar, ou seja, que o impé-

rio romano era como os pés, em parte de barro, em parte de ferro.

Portanto, assim diz:

40 E o quarto reino será forte como o ferro; pois, assim como o ferro a tudo quebra e esmiuça; e assim como o ferro quebra todas as coisas, assim ele esmagará e quebrará.

40 Et regnum quartum erit robustum instar ferri: quia sicuti ferrum conterit et comminuit omnia, et sicuti ferrum contundit omnia hæc, conteret et contundet.

41 E o fato de teres visto os pés e os dedos, em parte de barro de oleiro e em parte de ferro, o reino será dividido e a força do ferro estará nele, pois que viste o ferro misturado com tijolo de barro.

41 Quod autem vidisti pedes et digitos partim ex luto fictili, et partim ex ferro: regnum divisum erit: et de fortitudine ferri erit in eo, propterea vidist ferrum mixtum cum testa luti.

42 E os dedos dos pés eram em parte de ferro e em parte de terra; assim, uma parte do reino será forte e outra será fraca.

42 Et digiti pedum partim ex ferro, et partim ex terra, ex parte regnum *illud* erit robustum, et ex parte erit fragile.

43 Assim como vistes o ferro misturado com o tijolo de barro, eles se misturarão entre si na semente do homem e um não se ligará ao outro, assim como o ferro não se mistura ao tijolo.

43 Quod vidist ferrum commixtum testæ luteæ, commiscebunt se inter se in semine hominis, et non cohærebunt alius cum alio, sicuti ferrum non miscetur cum testa.

Aqui se descreve o quarto império. É possível que isso se refira aos romanos, pois sabemos que os quatro sucessores de Alexandre foram finalmente vencidos. Em primeiro lugar, Filipe, rei da Macedônia; em seguida, Antíoco. Entretanto, Filipe não perdeu nada de seu próprio reino; apenas o renunciou às cidades livres da Grécia. Estava, portanto, inteiro ainda, com a exceção do pagamento de tributos a Roma por um período de alguns anos, em decorrência dos gastos advindos da guerra. Antíoco também foi forçado a aceitar as condições de seu vencedor, e foi levado para além do Monte Tauro. No entanto, a Macedônia foi reduzida a uma província, quando os persas foram derrotados e capturados. A mesma coisa sucedeu mais tarde aos reis da Síria e da Ásia. O último a sofrer foi o Egito, ocupado por Augusto, pois sua linhagem reinara até este ponto, e Cleópatra foi o último deles, como já é bem conhecido. Assim, visto que estas três monarquias haviam sido engolidas pelos romanos, o que o profeta diz aqui cabe muito bem – assim como o

ferro a tudo esmiuça, quebra e destrói, assim essas três monarquias seriam esmiuçadas e esmagadas pelo império romano. Não é irrelevante o fato de ele mencionar, entre as monarquias, o governo da república; pois sabemos que, na verdade, apenas alguns detiveram o poder entre o povo. Era comum denominar de império qualquer sorte de governo, bem como chamar àquele povo de senhor de toda a terra.

O profeta os compara ao 'ferro', não em virtude de sua dureza (embora expressamente coloque isso como uma razão), mas porque há ainda outro motivo para a semelhança – por serem piores que todos os demais, superando em crueldade e ferocidade tanto os macedônicos como os persas e os medos. Pois, apesar de celebrarem suas próprias virtudes em termos magnificentes, se alguém, em sã consciência, considerar a maneira como se comportavam, verá que sua atitude constituía a mais selvagem de todas as tiranias demonstradas por alguma das outras. Eles se gabavam de ter tantos reis quanto senadores; mas nossa descrição será melhor dizendo que eram um bando de ladrões e tiranos. Dificilmente um dentre cem demonstrava o mínimo sinal de retidão, seja quando enviado a alguma província, ou quando se tornava um magistrado. No que diz respeito ao corpo daquele império, era um esgoto imundo. E é por isso que o profeta dirá que aquela monarquia era composta em parte de ferro e em parte de barro. São notórias as desavenças internas sob as quais lutavam. E, nesse aspecto, o profeta não precisa de mais interpretação, pois afirma que essa mistura de ferro e barro, a qual se liga muito mal, era um sinal de dissidência; nunca haveria um acordo. Portanto, *"o reino será dividido"*.

Mesmo assim, ele acrescenta que haveria um pouco de mistura, porque **se misturarão entre si na semente humana**; ou seja, haverá inter-relacionamentos e a união mútua que deverá promover a amizade, mas que tudo acabará em nada. Alguns apontam aqui para a aliança entre Pompeu e César; contudo, isso é fraco. O profeta está falando de um governo contínuo. Se procurarmos a estabilidade em algum império, certamente ela preferirá florescer

num estado 'democrático', ou, pelo menos, 'aristocrático', e não numa ditadura. Quando todos são subservientes, o rei não pode confiar tranqüilamente em seus súditos e permanecer sem contínua tensão. No entanto, quando todos são sócios num império, e até mesmo os mais baixos procuram algum bem no governo comum, aí, como se diz, deverá florescer uma estabilidade mais sólida. Todavia, Daniel declara que, mesmo se houvesse um governo comum pelo senado e pelo povo (pois, 'assim como é a dignidade do senado, assim será a majestade do povo'[97]), aquele império seria transitório. Em seguida, apesar de alguns serem parentes ou sócios, isso não impediria que lutassem selvagemente entre si, ao ponto de destruírem seu próprio império. Desse modo, um vivo retrato do império romano nos é pintado aqui pelo profeta quando diz que *"era como o ferro"*, ainda que *"estava misturado com o tijolo"*, ou barro. Pois, através de suas guerras civis, eles destruíram a si próprios após haver alcançado os píncaros da fortuna. No momento basta sobre as quatro monarquias.

Ora, pergunta-se por que Daniel afirmou que **a pedra que foi cortada da montanha destruirá todos estes impérios** – pois, à primeira vista, não parece coadunar-se com o reino de Cristo, pois este veio muito depois que a monarquia de Babilônia foi destruída, e os persas e os medos foram vergonhosamente depostos por Alexandre, e, finalmente, quando todas as conquistas de Alexandre foram divididas em quatro reinos, os romanos subjugaram todas essas terras. Portanto, parece absurda sua afirmação de que "uma pedra virá da montanha, a qual quebrará todos os impérios". Todavia, a solução é correta, como já disse anteriormente. Daniel não está relatando o que seria completado num momento; ele apenas deseja mostrar que os reinos do mundo são passageiros e que há um único reino eternal. Ele não está preocupado com o tempo ou o método da queda dos impérios caldeu e persa; está comparando

[97] Provavelmente um eco de um ou mais dos éditos ciceranos unindo *dignitas* e *maiestas*; e.g. *Part. Orat.* 105 (citado por Quintiliano, *Institutio* 7:3:35).

o reino de Cristo com todas aquelas monarquias que mencionara. E devemos ter sempre em mente o que já mencionei – o profeta falou em conformidade com a compreensão do vulgo e acomodou seu estilo aos crentes, a quem desejava oferecer apoio, para que pudessem suportar os choques severos que eram iminentes.

E assim, quando fala de todas as terras e todas as nações, se alguém objetar dizendo que havia outros impérios no mundo naquela época, a resposta é simples – o profeta não estava descrevendo aqui o que iria acontecer ao mundo todo em eras futuras, mas apenas o que os judeus veriam. Porque os romanos governaram em muitos lugares antes de penetrarem a Grécia. Conhecemos duas províncias na Espanha; sabemos que após o fim da segunda Guerra Púnica eles dominaram o Mar Adriático e indubitavelmente todas as ilhas a ele pertencentes; além disso, possuíam a Gália Cisalpina e outras regiões. Entretanto, nenhum registro é feito deste império até que ele se tornasse conhecido aos judeus. Pois poderiam ter caído em profundo desespero ao não enxergarem o fim imposto por tantas tempestades que quase soterraram o mundo; eram de todos os homens os mais miseráveis, e as calamidades, várias e constantes, não cessaram no mundo inteiro. Devemos então ter isso em mente, pois, do contrário, toda esta profecia seria fraca e também infrutífera em relação a nós.

Volvo agora ao reino de Cristo. Afirma-se que o reino de Cristo esmagaria todos os impérios terrenos – não completamente, mas por 'acidente', como dizem. Porquanto Daniel aqui toma um princípio que era bem notório dos judeus, ou seja, que aquelas monarquias são contrárias ao reino de Deus. Pois os caldeus destruíram o templo de Deus e tentaram de todas as formas exterminar a piedade do mundo. Quanto aos persas e aos medos, embora dessem ao povo liberdade para retornar, sabemos que mais tarde os reis dos medos e dos persas se enfureceram contra este desditoso povo, de sorte que a maioria escolheu viver em cativeiro e não em sua terra natal. Por fim, veio a fúria macedônia. Apesar de terem poupado os judeus por algum tempo, sabemos quão violentas e freqüentes

foram as invasões da Judéia pelos reis da Síria e os reis do Egito, e quão cruelmente trataram aqueles pobres peregrinos; como os pilhavam e os roubavam de todas as suas possessões. Quanto sangue inocente foi derramado! Sabemos que, por fim, a crueldade de Antíoco alcançou uma extensão tal de mandar queimar todos os livros proféticos, como se a totalidade da religião fosse com isso destruída.[98] Não surpreende, pois, que Daniel contraste, aqui, o reino de Cristo com tais monarquias. Quanto aos romanos, sabemos de que maneira e quão arrogantemente desprezaram o nome *cristão*; tentaram de todas as formas erradicar o evangelho e o ensinamento da salvação do mundo, porquanto essas coisas constituíam uma abominação para eles. Conhecemos tudo isso. Portanto, para alertar os fiéis sobre qual seria sua condição futura até o advento de Cristo, Daniel afirma que todos os impérios do mundo se poriam contra Deus e que todos os reis e monarcas supremos seriam cruéis e vis inimigos dispostos a extinguir toda e qualquer santidade – se de fato tal estivesse em seu poder. E assim os exorta a suportar a cruz, para que, por fim, não cedessem quando confrontados por tais misérias e infelicidades; para, a despeito de tudo, continuarem no caminho de seu chamado até que o Redentor prometido surgisse. Já dissemos que isso era 'acidental', porque certamente todos os reinos deste mundo estão fundamentados no poder e beneficência de Cristo; mas era necessário que fosse estabelecida uma prova memorável da ira de Deus contra todos os que tão furiosa e opostamente se levantam contra o Filho de Deus, o Rei supremo.

Então Cristo é comparado a **uma pedra cortada da montanha**. Alguns, de forma incorreta, restringem esta afirmação à geração de Cristo, pelo fato de haver ele nascido de sua virgem mãe sem haver ela tido qualquer relação sexual com um homem. E então ele diz, **cortada da montanha sem mão humana** (como vimos), porque ele seria enviado por Deus, para que seu império fosse distinto dentre todos os demais impérios terrenos, como sen-

[98] Mg., I Macabeus 1.59; isto é, 1.56.

do divino e celestial. Agora, pois, podemos compreender a finalidade da metáfora.

Quanto à palavra *'pedra'*, Cristo não é chamado 'pedra' no mesmo sentido do Salmo 118.22, Isaías 8.14, Zacarias 3.9 ou em qualquer outro lugar. Pois lá, o vocábulo 'pedra' é atribuído a Cristo porque a Igreja está fundamentada nele. Nessas passagens, a perpetuidade de seu reino também é indicada assim como aqui; entretanto, como já disse, os termos devem ser distinguidos. Pois acrescenta-se que Cristo foi "uma pedra cortada sem mão humana", porque desde o princípio ele quase não tinha a beleza e a forma requeridas pela percepção humana.

E também há uma tácita antítese entre a grandeza que o profeta logo mencionará e seu começo. **Há de descer**, afirma ele, **uma pedra cortada da montanha, e aquela pedra se tornou em grande montanha e encheu toda a terra**. Percebemos que o profeta os avisa de que o princípio do reino de Cristo seria desprezível e vil aos olhos do mundo. Não havia nele nada excelente para se ver. Pois, como se diz em Isaías: "É nascido um rebento do tronco de Jessé";[99] a linhagem de Davi era destruída de toda dignidade, o nome real jazia totalmente enterrado; a coroa, esmagada sob os pés; assim como está registrado em Ezequiel.[100] Portanto, Cristo inicialmente apareceu abjeto e humilde. Todavia, maravilhosamente e além de qualquer expectativa e pensamento, ele subiu a uma magnitude infinita, ao ponto de encher toda a terra. Portanto, agora vemos quão apropriadamente Daniel fala do reino de Cristo.

Do restante, porém, falaremos amanhã.

Deus Todo-Poderoso, permite que nos lembremos de que residimos temporariamente neste mundo; que nenhum esplendor de riqueza e poder e sabedoria terrenos ofusquem nossos olhos; permite, porém, que dirijamos sempre nossos olhares e todos os nos-

[99] Mg., Is 11.1.
[100] Mg., Ez 21.27; isto é, 21.25-27.

sos sentidos para o reino de teu Filho, e nos apeguemos totalmente a ele. Então, nada nos impedirá de apressar-nos no caminho de nossa vocação até que, por fim, passemos pelo espaço imensurável e cheguemos ao objetivo que puseste diante de nós, e para o qual a proclamação de teu evangelho hoje nos convida. E, por fim, tu nos reunirás naquela bendita eternidade que para nós foi conquistada pelo sangue de teu próprio Filho, nem nunca seremos levados para longe dele, mas seremos sustentados por seu poder e, finalmente, erguidos por ele acima de todos os céus. Amém.

11ª Exposição

Partindo das palavras do próprio profeta, agora devemos explicar mais claramente o que dissemos ontem sobre o reino eternal de Cristo. Quando ele relata o sonho, afirma que a pedra cortada da montanha sem o auxílio de mãos [humanas] era o quinto reino; reino através do qual os quatro reinos da visão mostrada ao rei Nabucodonosor seriam quebrados e destruídos. Agora devemos verificar se este é ou não o reino de Cristo. As palavras do profeta prosseguem assim:

44 E nos dias daqueles reis, o Deus do céu suscitará um reino que não será jamais disperso, e esse reino não será deixado a um povo estranho. Esmiuçará e consumirá todos aqueles reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre.

45 Mais ainda, de fato viste a pedra cortada do monte, e sem o auxílio de mãos; pedra essa que fez em pedaços o ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro. O grande Deus mostrou ao rei o que há de ser futuramente. Verdadeiro é o sonho, e fiel sua interpretação.

44 Et in diebus illis regum illorum suscitabit Deus cœlorum regnum, quod in seculum non dissipabitur, et regnum *hoc* populo alieno non derelinquetur: confringent et conteret omnia illa regna, et ipsum stabit perpetuo.

45 Propterea vidisti, nempe e monte excisum lapidem et absque manu, qui confregit ferrum, æs, testam, argentum et aurum: Deus magnus patefecit regi quid futurum esset postero tempore: et verum est somnium, et fidelis interpretatio ejus.

Os judeus concordam conosco que esta passagem só pode ser entendida como sendo o reino eternal de Cristo, e alegremente, para não dizer gananciosamente, se apropriam, para a glória de sua raça, de tudo o que lêem nas Escrituras. Freqüentemente torcem muitos dos testemunhos para que tenham de que se gabar infantil-

mente de seus privilégios. Portanto, não negam que o sonho dado ao rei babilônio apontava para o reino de Cristo. O fato de ainda estarem esperando o seu Cristo é onde diferem de nós. Isso os compele a corromper a profecia em vários aspectos, pois se permitem que o quarto império, ou quarta monarquia, aponte para os romanos, se vêem forçados a concordar com o evangelho, o qual testifica que o Cristo prometido na Lei já se revelou. Pois aqui Daniel assevera claramente que o Cristo viria após o final da quarta monarquia. Então recorrem a infeliz refúgio, dizendo que a quarta monarquia deve ser compreendida como o reino turco, o qual denominam "o reino dos ismaelitas". E para isso, confundem os impérios romano e macedônio. Que autoridade, porém, existe para edificarem um império a partir de dois impérios tão diferentes? Dizem que os romanos se originaram dos gregos. Se aceitarmos isso, então de quem se originaram os turcos? Não vieram eles das montanhas caspianas e da Ásia Maior? Os romanos buscam no Ílium suas origens. Entretanto, Tróia já havia desaparecido quando esta profecia se cumpriu. E qual é a razão disso, quando não possuíam identidade alguma após mil anos? E os turcos, após um período ainda maior, aliás seiscentos anos depois, repentinamente irromperam como um dilúvio. Como puderam formar um reino a partir de tamanha variedade de eventos e distâncias temporais? Mais ainda, não apresentam característica alguma que não seja comum a todas as nações. Levam-nos de volta aos primórdios do mundo para fazerem fusão de uma nação a partir de duas. Essa mistura, portanto, carece completamente tanto de razão quanto de autoridade. Não há dúvida de que pela expressão "quarto reino" Daniel queria dizer os romanos. Porquanto vimos ontem como aquele império finalmente pereceu em decorrência da discórdia interna, e não de uma desintegração natural. Não era uma única monarquia, mas uma democracia, e todos se viam como reis e se inter-relacionavam. Tal conexão deveria ter sido um elo muito firme de perpetuidade. Todavia, Daniel declarara antes que, mesmo que se inter-relacionassem e possuíssem alianças mútuas, o reino não seria uma

comunidade, mas pereceria por meio de suas próprias querelas. Em suma, é suficientemente claro que as palavras do profeta só podem ser interpretadas como sendo o império romano, e não podem ser forçadas a significar o império turco.

Também me referirei brevemente ao que nosso irmão Dominus Antony[101] me sugeriu; algo que ouviu de um rabino, um tal de Barbinel,[102] que parece ter sido mais esperto que os demais. Ele procura mostrar, através de seis argumentos principais, que este quinto reino não pode referir-se ao nosso Cristo – isto é, a Jesus, filho de Maria. Em primeiro lugar, ele apoia-se no fato de que, já que os quatro reinos eram terrenos, não podem ser comparados ao quinto reino, a não ser que este esteja na mesma categoria. De outra maneira, afirma ele, seria uma comparação imprópria e absurda. Como se as Escrituras, a todo momento, não comparassem o reino celestial de Deus com os reinos terrenos! Pois não é necessário e nem apropriado que uma comparação combine em todos os detalhes. Embora Deus haja mostrado ao rei de Babilônia as quatro monarquias terrenas sob o manto de uma figura, não significa que a natureza do quinto reino carecesse de ser exatamente a mesma; poderia ser completamente diferente. De fato, se considerarmos tudo cuidadosamente, notaremos inevitavelmente algumas diferenças entre aqueles quatro e o último. Portanto, constitui um argumento frívolo do rabino inferir que o reino de Cristo precisaria de ser visível, pois, do contrário, não corresponderá àqueles reinos.

Sua segunda linha de ataque contra nós é a seguinte: "Se a religião constituía a diferença entre os reinos, segue-se que os babilônios, os persas e os macedônios, todos tinham a mesma religião. Pois sabemos que todas aquelas nações adoravam a ídolos e eram viciadas em superstições". A resposta a tão frágil tergiversação é

[101] Isto é, Chevalier (veja-se p. 81, nota 57).

[102] Isaac ben Judah Abarbanel (ou Abrabanel ou Abravanel), comentarista judeu-hispânico do Pentateuco e dos Profetas (1437-1509), que no ano de 1497 produziu um comentário sobre Daniel, *Ma'yene ha-Yeshu'ah* (Mananciais de Salvação) (Ferrara, 1551); consultar B. Netanyahy, *Don Isaac Abravanel* (Filadélfia, 1972), pp. 209-16.

simples: Os quatro reinos não diferiam simplesmente quanto a religiões distintas, mas em que Deus tomou dos babilônicos seu poder e transferiu a monarquia para os medos e persas. Mais tarde, os macedônios subiram ao poder pela mesma providência divina. E, finalmente, os romanos, havendo todos os demais reinos sido eliminados, obtiveram o governo de todo o Oriente. E já mostramos qual foi o propósito do profeta. Ele simplesmente desejava ensinar aos judeus a não se desesperarem quando vissem toda sorte de agitações no mundo – aliás, uma confusão assombrosa e assustadora, pois aqueles tempos seriam submetidos a muitas mudanças. Mas, por fim, o rei que fora prometido viria. Então o profeta desejava exortar os judeus à paciência e mantê-los, por assim dizer, em suspenso, esperando por Cristo. Portanto, não distinguiu as quatro monarquias em termos de religião, mas em que Deus, de certo modo, envolveu o mundo numa roda quando uma única sorte excluiu a outra, para que os judeus pudessem aplicar suas mentes e todos os seus sentidos à esperança da redenção que lhes fora prometida no advento de Cristo.

O terceiro argumento, no qual esse rabino descansa, pode ser refutado sem muito alarde. Ele deduz, à luz das palavras do profeta, que o reino de nosso Cristo, o filho de Maria, não era o reino do qual falava Daniel, o qual afirma expressamente que esse reino não passaria nem mudaria: **ele não será deixado a outro povo** [ou, "a estranhos"]. No entanto, os turcos, afirma ele, ocupam um bom espaço do globo; além disso, a própria religião está dividida entre os cristãos e muitos abominam o ensinamento do evangelho. Segue-se, portanto, que Jesus, o filho de Maria, não era o rei sobre o qual Daniel falava – isto é, no sonho dado ao rei de Babilônia, o qual Daniel explicou. Contudo, ele nesciamente imagina e toma por irrefutável o que também lhe negaremos, ou seja, que o reino de Cristo seja visível. Pois embora os filhos de Deus estejam dispersos e não sejam capazes de ostentar uma grande reputação, ainda assim é irrefutável que o reino de Cristo se mantém firme e ileso; ou seja, em sua natureza, porquanto é um reino invisível e

não aparente. Não foi sem propósito que Cristo declarou: "Meu reino não é deste mundo".[103] Ao dizer isso, ele quis excluir seu reino da categoria e número ordinários. Assim, apesar de os turcos terem se espalhado por todos os recantos, e também de o mundo estar cheio de blasfemadores de Deus e de os judeus ocuparem uma parte dele, ainda assim o reino de Cristo não cessa de existir, não é "transferido a estranhos". Portanto, o raciocínio não é somente frágil, mas até mesmo pueril.

Então segue-se o quarto argumento. Ele considera como sendo um tanto absurdo que Cristo, que nasceu sob Otaviano, ou César Augusto, fosse o rei profetizado por Daniel. "Pois", afirma ele, "o início da quarta e quinta monarquias seria idêntico; o que é absurdo. A quarta monarquia precisou durar um certo período de tempo e depois ser sucedida pela quinta". Aqui ele não só trai sua própria ignorância, mas também sua obtusidade irracional; como se Deus houvera cegado todas aquelas pessoas a fim de se transformarem em meros cães impudentes. (Tenho freqüentemente falado com muitos judeus. Nunca vi um pontinho sequer de santidade, nem uma migalha de verdade ou honestidade, muito menos discerni qualquer senso comum em qualquer judeu.) No entanto, pensando ser tão esperto e sincero, trai sua cínica ignorância. Pensava que o começo da monarquia romana estivesse na pessoa de Júlio César. Como se o reino macedônio não fosse ainda abolido quando os romanos possuíram a Macedônia e a transformaram numa província! – quando fizeram com que Antíoco se ajoelhasse! Quando a terceira monarquia, ou seja, a Macedônia, começou a declinar-se, a quarta, a romana, começou a ascender-se. É preciso que nos apeguemos bem firmemente a este ponto – e a razão assim o exige –, pois, a não ser que aceitemos que a quarta monarquia teve início quando a terceira cedeu seu lugar e classificação, como as coisas concordarão entre si? Devemos, portanto, observar que o profeta, ao falar sobre as monarquias, não estava pensando nos Césares. De

[103] Mg., Jo 18.36.

fato, o que vimos sobre os laços de sangue não podem, de maneira alguma, aplicar-se aos Césares – como disse ontem, aqueles que o restringem apenas a Pompeu e Júlio César são ineptos e carecem de opinião sólida sobre esta questão. Pois o profeta geralmente fala do estado e continuação de todo o povo. Apesar de todos se relacionarem entre si, o império não era estável; se auto-destruíam internamente quando lutavam contra seu próprio sangue e carne. Assim sendo, deduzimos que aquele rabino se fez ridículo quando acrescentou um absurdo, dizendo que Cristo não era o filho de Maria que nasceu sob o governo de Augusto. Em silêncio, passarei por sobre a frágil idéia de que o reino de Cristo começou com seu nascimento.

Ele ainda apresenta um quinto argumento: Constantino e outros imperadores professaram a fé cristã. Afirma ele: "Se aceitarmos que Jesus, filho de Maria, foi o quinto rei, por que então o império romano ainda continuou enquanto ele reinava? Pois quando a religião de Cristo florescia, quando ele era adorado e reconhecido como o único Rei, aquele reino não deveria estar separado de seu reino. Quando, pois, sob o governo de Constantino e seus sucessores, Cristo obteve glória e poder entre os romanos, sua monarquia não podia ser separada da dos romanos". Todavia, a solução é simples. Aqui, o profeta mede o fim do Império Romano a partir do período em que ele começou a despedaçar-se. No que tange ao início do reino de Cristo, já disse que não estaria ele apontando para o tempo de seu nascimento, mas para a pregação do evangelho. E desde que o evangelho começou a ser proclamado, como bem sabemos, a monarquia romana foi dispersada e por fim desapareceu completamente. Então, o império não durou até Constantino e os outros, pois sua condição era diferente. Sabemos também que nem Constantino, nem os demais imperadores, eram romanos. Já com Trajano, o império começou a transferir-se para um estrangeiro. Roma era governada por estrangeiros. Sabemos com que monstros Deus mais tarde oprimiu o povo romano. Nenhum foi mais infame, mais ignominioso, do que vários dos imperadores. Se alguém examinar todos os livros de história, dificilmente

encontrará em outro lugar governadores tão monstruosos quanto Heliogábalo, ou outros como ele, em Roma. Mantenho silêncio quanto a Nero e Calígula; estou falando apenas dos estrangeiros. Portanto, o Império Romano foi abolido depois que o evangelho começou a ser pregado e Cristo foi proclamado em todos os lugares do mundo. Portanto, notamos aqui a mesma ignorância que demonstrou aquele rabino em seus demais argumentos.

Eis o último: visto que o Império Romano ainda existe em certa medida, o que aqui se afirma sobre a quinta monarquia não pode referir-se para o filho de Maria. Pois é necessário que o quarto império chegue ao seu fim se o quinto rei tiver que iniciar seu reino a partir do período em que Cristo ressurgiu dos mortos e foi pregado ao mundo. Como anteriormente, respondo que o Império Romano findou-se e foi abolido desde o tempo em que Deus, com grande poder e humilhação, transferiu todo o poder para os estrangeiros – não somente a guardadores de porcos, mas a monstros horrendos; de modo que teria sido preferível se o título, 'romano', houvesse sido completamente apagado, em vez de continuar em tamanha desonra. Assim vemos desvanecer o sexto e último argumento.

Quis juntar essas coisas irrelevantes para que se pudesse conhecer que ineptos argumentadores são os judeus quando lutam contra Deus e furiosamente se apressam a atacar a lídima luz do evangelho.

Então volvo-me às palavras de Daniel. Ele afirma que **um reino viria o qual destruiria todos os demais reinos**. Ontem explicamos como Cristo destruiu aquelas velhas monarquias que chegaram ao seu fim bem antes de seu advento. Porquanto Daniel não pretende ensinar o que Cristo iria fazer em determinado momento, mas, sim, o que aconteceria a partir do período do exílio até a revelação de Cristo. Se mantivermos este objetivo firme na memória, o contexto não apresentará dificuldade alguma. O resumo de tudo é este: apesar de os judeus serem testemunhas de muitos impérios poderosos, que os encheriam de medo e terror, de fato deixando-os quase estupefatos, ainda assim estes reinos não teriam nenhuma

estabilidade ou solidez, pois eram contrários ao reino do Filho de Deus. Isaías pronuncia uma maldição sobre todos os reinos que não servem à Igreja de Deus.[104] Quando, pois, todas essas monarquias, em sua diabólica intrepidez, se levantarem contra o Filho de Deus e a verdadeira piedade, terão que ser destruídas, e se concretizará a maldição divina através do profeta e neles tornada pública. E assim Cristo destruiu todos os impérios do mundo. Atualmente, o império turco é proeminente em riqueza, população e poder. No entanto, não constituía o propósito divino mostrar o que aconteceria após a revelação de Cristo. Ele apenas desejava que os judeus fossem admoestados a não abdicarem-se sob tão pesado fardo, quando novos tiranos surgissem no mundo e eles se deparassem com constante e ininterrupto perigo. Deus queria preparar suas mentes com coragem. E a única maneira para levá-los a isso seria indagando pela redenção prometida e sabendo que todos os impérios do mundo, sem fundamento em Cristo nem unidos ao reino de Cristo, são passageiros e transitórios.

O Deus do céu, afirma ele, **suscitará um reino que não será jamais disperso**. É importante observar aqui o caráter de perpetuidade do reino de que fala Daniel. Ele não deve restringir-se apenas à pessoa de Cristo, mas aponta para todos os santos e o corpo completo da Igreja. Cristo, certamente, é por si mesmo eterno, porém nos comunica sua eternidade, pois sustenta a Igreja no mundo e também nos convoca à esperança de uma vida melhor e, por seu Espírito, nos impele a uma vida incorruptível. Portanto, o reino de Cristo possui uma dupla perpetuidade, separada de sua pessoa, ou seja, em todo o corpo. Pois ainda que a Igreja seja freqüentemente dispersa, a fim de que nada ofusque os olhos humanos, ainda assim ela nunca está totalmente destruída, mas Deus a preserva através de seu oculto e incompreensível poder, para que permaneça sempre até o fim do mundo. Em segundo lugar, existe outra perpetuidade nos crentes individualmente: ao nascerem de novo, de semente in-

[104] Mg., Is 60.12.

corruptível, criados novamente pelo Espírito de Deus, e então serem não somente filhos mortais de Adão, mas levando em si uma vida celestial, pois é vida o Espírito que neles habita, assim como Paulo afirma em Romanos 8.[105] Assim, devemos crer que, sempre que as Escrituras afirmarem que o reino de Cristo é eterno, este deve estender-se a todo o corpo da Igreja e não pertencente somente à sua pessoa. E notamos que esse reino será eterno a partir do tempo em que o ensino do evangelho começar a ser proclamado. Pois ainda que a Igreja esteja, em certo sentido, enterrada, ainda assim Deus dá vida a seus eleitos até na sepultura. Ora, como aconteceu de os filhos da Igreja surgirem, pessoas que formam, por assim dizer, um povo novo, recentemente criado, conforme registrado no Salmo 102?[106] Nesta passagem aparece claramente quão maravilhosamente o remanescente foi salvo por Deus, mesmo quando não existia ninguém mais aos olhos humanos.

O profeta acrescenta: esse reino não será deixado a um povo estranho. Por meio destas palavras o profeta tenciona dizer que este reino não pode ser transferido para outro, como aconteceu em outros casos. Dario foi vencido por Alexandre e sua descendência foi, em certo sentido, exterminada. Por fim, Deus destruiu a amaldiçoada nação macedônia de modo que ninguém restou para reclamar descendência daquela família. Quanto aos romanos, apesar de sempre existir ali uma sombra de uma nação, foram vergonhosamente governados por estrangeiros e bárbaros e homens repletos de desonras e incontáveis vilanias. No que diz respeito ao reino de Cristo, porém, ele não pode ser nem usurpado do império que lhe foi dado nem podemos nós, seus membros, perder aquele reino do qual ele nos fez herdeiros. Cristo, pois, tanto em si mesmo quanto em seus membros, governa fora de qualquer perigo de mudança, pois em sua pessoa ele sempre permanece são e salvo. Quanto a nós, visto que somos salvos por sua graça e ele nos aceita em sua

[105] Mg., Rm 8.10.
[106] Mg., Sl 102.19; isto é, 102.18.

fidelidade e proteção, não corremos risco, como disse, e a nossa salvação é infalível. Pois a herança que permanece sendo nossa nos céus não pode ser usurpada. Nós, que também somos "guardados pelo seu poder mediante a fé" (segundo as palavras de Pedro),[107] podemos, através da fé, permanecer salvos e descansados, porquanto o que quer que Satanás planeje, ainda que o mundo exiba todas as suas armas pesadas para nos destruir, permaneceremos seguros em Cristo. Vemos, pois, como as palavras do profeta deveriam ser compreendidas quando afirma que este quinto império não seria transferido para outro e/ou deixado a outro povo.

Quanto à última cláusula, **destruirá e quebrará todos aqueles reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre**, não é necessária nenhuma delongada explicação. Expusemos de que maneira o reino de Cristo destruiria todos os impérios terrenos dos quais Daniel antes falara – ou seja, o que quer que se pusesse contra o unigênito Filho de Deus necessariamente teria que desaparecer e perecer miseravelmente. O profeta exorta a todos os reis da terra a "beijar o Filho".[108] Já que nem os babilônios, nem os persas, nem os macedônios, nem os romanos se sujeitaram a Cristo (pelo contrário, empregaram toda a sua força na luta contra ele e se tornaram inimigos de toda santidade), tiveram então que ser destruídos pelo reino de Cristo. Pois, apesar de o reino persa não mais existir quando Cristo se revelou ao mundo, sua memória era maldita diante de Deus, porque aqui Daniel não está lidando apenas com coisas óbvias aos olhos humanos, mas leva nossas mentes a um nível mais alto – isto é, para que saibamos que em parte alguma, senão unicamente em Cristo, podemos encontrar o verdadeiro apoio no qual descansar. Portanto, ele declara que fora de Cristo tudo o que é esplêndido e poderoso no mundo, e rico e forte, é momentâneo e passageiro e de pouquíssimo valor.

No versículo que se segue ele confirma esta afirmativa – **Deus**

[107] Mg., 1Pe 1.5.
[108] Mg., Sl 2.12.

mostrará ao rei da Babilônia o que acontecerá nos últimos dias, quando lhe mostra a pedra cortada do monte sem o auxílio de mãos [humanas]. Já dissemos que Cristo foi cortado da montanha sem o auxílio de mãos humanas por ter sido enviado por Deus, para que os homens não reivindicassem nada para si mesmos – assim como, ao tratar da redenção de seu povo, Deus diz por meio de Isaías: "Visto que o Senhor não encontrou um ajudador no mundo, ele armou a si mesmo com suas próprias armas e com seu próprio poder".[109] Portanto, visto que Cristo foi enviado pelo Pai celestial, e por nenhum outro, declara-se ser *"cortado, não por mãos [humanas]*. E devemos também realçar o que acrescentei em segundo lugar – que o humilde e abjeto começo de Cristo deve ser considerado pelo fato de ser ele como uma pedra bruta e sem polimento. Quanto ao monte, não tenho dúvidas de que Daniel pretendia ensinar aqui que a origem de Cristo seria sublime e acima de todos os mundos. Portanto, em minha opinião, ele quis dizer, através da metáfora do monte, que Cristo não surgiria da terra, senão que viria da glória do Pai celestial – como também é declarado pelo profeta: "E tu, Belém Efrata, tu és o menor entre os príncipes de Judá; mas de ti me sairá o Rei em Israel e sua origem será desde os dias da eternidade".[110] Aqui Daniel antecipa as absurdas imaginações a que todos nós nos entregamos. Visto que tal dignidade não se manifestou em Cristo no princípio, tal como a que é vista nos reis da terra (e até hoje ele reina, por assim dizer, sob a ignomínia da cruz), muitos o desprezam e não reconhecem valor algum nele. Portanto, agora Daniel ergue nossos olhos e mentes para o alto, ao afirmar que esta pedra **foi cortada do monte**. Não obstante, se alguém preferir entender *'monte'* como o povo escolhido, não farei objeção; para mim, porém, tal possibilidade me parece remota à luz do genuíno sentido do profeta.

Finalmente, ele acrescenta: **Verdadeiro é o sonho, e fiel sua**

[109] Mg., Is 63.5.
[110] Mg., Mq 5.2.

interpretação. Neste ponto Daniel, firme e corajosamente, assegura que ele não estava apresentando adivinhações dúbias, senão que estava explicando ao rei Nabucodonosor o que ele havia recebido de Deus. Portanto, aqui ele reivindica autoridade profética para que o rei de Babilônia pudesse saber que ele era o intérprete fiel e confiável de Deus. E sabemos que os profetas sempre falavam com esta confiança; do contrário, todos os seus ensinamentos seriam inúteis. Se nossa fé estiver baseada na sabedoria dos homens ou em outras coisas, continuamente vacilará. Assim, devemos assumir nossa posição sobre este fundamento: o que colocam diante de nós provém de Deus. Esta é a razão pela qual os profetas tão veementemente insistem sobre este ponto, para que seu ensino não seja considerado de invenção humana. Por isso, também a essa altura Daniel primeiramente diz *"verdadeiro é o sonho"*, como se estivesse dizendo que este não era um sonho comum (do portal de chifre, para usar uma fábula poética),[111] nem violento, do tipo que as pessoas com distúrbios mentais possuem, ou aqueles que comem ou bebem demais, ou até decorrentes de alguma condição física, como a melancolia e a cólera, e assim por diante. Ele diz, portanto, que o sonho do rei de Babilônia constituía um verdadeiro oráculo. Depois acrescenta: *"e fiel sua interpretação"*, onde, assim como na cláusula seguinte, ele novamente reivindica a autoridade de um profeta, caso Nabucodonosor viesse a duvidar de que estava sendo divinamente ensinado para compreender a veracidade do sonho.

Então ele prossegue:

46 Então o rei Nabucodonosor se prostrou rosto em terra e adorou a Daniel, e ordenou que lhe sacrificassem uma oblação e suaves perfumes.	46 Tunc rex Nebuchadnezer cecidit in faciem suam, et Danielem adoravit: et oblationem, et suffitum odoriferum, jussit illi sacrificari.

Quando se diz que o rei de Babilônia **se prostrou rosto em terra**, deve-se entender a ação em parte como louvor e em parte

[111] Homero. *A Odisséia* 19:562: 'Dois são os portais dos sonhos umbrosos; um é talhado de um chifre e um de marfim' – os 'marfim' são enganosos, os 'chifre' verdadeiros; Virgílio. *Aeneida* 6:893-94.

também como culpa. Era um sinal de devoção e modéstia o ato de prostrar-se diante de Deus e de seu profeta. Sabemos quão indomável é o orgulho dos reis; notamos que agem como loucos; não crêem que pertencem ao número dos meros mortais, tão cegos se acham em decorrência do esplendor de sua grandeza. Nabucodonosor era o monarca mais preeminente da época. Era-lhe difícil fazer com que sua mente glorificasse a Deus. Mais ainda, o sonho que Daniel acabara de explicar não poderia ter-lhe sido agradável. Ele começou a enxergar que sua monarquia era amaldiçoada por Deus e pereceria na ignomínia; outras monarquias, ainda no futuro, foram estabelecidas nos céus; e a despeito de poder extrair algum conforto da destruição dos demais reinos, ainda assim era muito difícil para ouvidos sensíveis ouvir que o reino florescente, que todos pensavam ser perpétuo, seria de curta duração, e até um tanto transitório. Então, o ato de prostrar-se diante de Daniel foi, como já disse, tanto um sinal de devoção, pois reverenciava a Deus e abraçava a profecia que, de outro modo, poderia ter sido vexatória e amarga para ele, quanto um sinal de modéstia por haver-se humilhado perante o profeta de Deus. Por estas coisas, portanto, o rei babilônio pode ser, com justiça, louvado.

Todavia, a natureza da culpa, neste ato de reverência, será discutida amanhã.

Todo-Poderoso Deus, já que nos tens revelado, através de tantos e tão claros e substanciais testemunhos, que não devemos esperar por nenhum outro Redentor senão aquele que uma vez foi revelado por ti e cujo poder eternal e divino selaste com tantos milagres e prometeste, tanto através da pregação do evangelho quanto com o selo de teu Espírito em nossos corações, e diariamente nos confirmas o mesmo através da experiência, permite que possamos manter-nos firmes e inabaláveis nele, nunca nos desviando dele e nossa fé nunca aniquilada, o que quer que Satanás tente contra nós. Mas permite que perseveremos no curso de teu santo chamado, para que por fim possamos ser arrebanhados para aquela bem-aventurança eternal e descanso perpétuo que foi ganho para nós pelo sangue de teu Filho. Amém.

12ª Exposição

Ontem dissemos que certamente pode-se considerar digno de louvor o fato de o rei Nabucodonosor prostrar-se diante de Daniel após ouvir o sonho e sua interpretação. Pois ele deu alguma prova de piedade quando, na pessoa de Daniel, adorou o verdadeiro Deus, assim como se esclarecerá mais adiante. Ele também provou que era disciplinável, mesmo quando a profecia poderia havê-lo exasperado – pois os tiranos quase nunca suportam alguma diminuição de sua autoridade. Contudo, ele não pode ser completamente eximido em todos os aspectos. Ainda que confessasse que o Deus de Israel era o único Deus, contudo transfere parte de sua adoração para um homem mortal. Aqueles que justificam essa ação não consideram suficientemente que os gentios confundem céu e terra; ainda que seu ímpeto original esteja certo, volvem imediatamente às suas superstições.

Não há dúvida de que a confissão que veremos logo a seguir foi parcial. Pois Nabucodonosor não estava verdadeira e realmente convertido à genuína piedade, de modo a desvencilhar-se de seus erros. Mas parcialmente reconhecia que o supremo poder estava nas mãos do Deus de Israel. Tal reverência não corrigiu toda a sua idolatria, mas, por um impulso repentino, como disse, confessou que Daniel era servo do verdadeiro Deus. Mesmo assim ele não deixou seus erros costumeiros, e logo depois voltou à prática de uma loucura ainda maior, como veremos no próximo capítulo. Da

mesma maneira, vemos Faraó dando glória a Deus, mas apenas momentaneamente,[112] porque ainda era obstinadamente orgulhoso e cruel, e se caráter nunca sofreu mudança alguma. Temos que julgar o rei de Babilônia sob a mesma luz, mas num nível diferente, pois o rei Nabucodonosor não era tão obstinadamente orgulhoso quanto Faraó. Ambos mostraram algum sinal de reverência ao ponto em que nenhum dos dois se sujeitou verdadeira e vigorosamente ao Deus de Israel. Ele adorou a Daniel, não porque pensasse que ele fosse Deus, mas porque os gentios confundem branco e preto – além disso, sabemos que até os mais estúpidos têm, em princípio, alguma noção de haver um Deus único. Pois ninguém jamais negou que houvesse uma Deidade suprema, mas o homem continuou a fabricar sua multidão de deuses; eles até mesmo transferem parte da adoração da divindade para os mortais. O rei Nabucodonosor estava emaranhado nesses erros, e não é de admirar que tenha adorado a Daniel e, ao mesmo tempo, confessado que havia um Deus único.

Atualmente, também vemos no papado que todos confessam esta verdade, e ainda assim o nome de Deus é rasgado em pedaços – não em título, mas de fato, pois dividem a adoração de Deus para que cada um possa ficar com uma parte do espólio ou presa. O que a experiência nos ensina agora é o que Daniel relata.

Obviamente, é verdade que tal adoração era então comum entre os caldeus. Os habitantes do leste são sempre imoderados em suas cerimônias, e sabemos que os reis eram adorados lá como deuses. Mas, visto que se utiliza aqui o vocábulo 'sacrifício' e depois 'oferta', מנחה, *minha*, é certo que ele adorou a Daniel sem ponderar, como se o profeta fosse um semideus caído do céu. Portanto, devemos concluir que o rei Nabucodonosor agiu erroneamente quando atribuiu tal honra a Daniel. Pois existe uma certa moderação na reverência prestada aos profetas sacros; eles não devem ser exaltados acima de sua condição. E sabemos bem em que condição

[112] Mg., Êx 9.27; 10.16.

o Senhor os levanta – para que ele tenha a total preeminência e para que todos os seus médicos e profetas e servos se mantenham em seus devidos lugares.

Pergunta-se a razão por que o profeta permitiu ser adorado. Pois, como já dissemos, se Nabucodonosor pecou, a tolerância do profeta não tem justificativa alguma. Há quem se sinta inseguro e procure escusá-lo. É verdade que, se houvera passado por sobre isso em silêncio, teríamos de confessar que ele havia contraído alguma culpa em decorrência das corrupções da corte. É difícil viver lá sem ser prontamente infectado com algum virus. A defesa de um homem, até o mais perfeito deles, não nos deve ser de tanta importância quanto a prevenção de nossa forte ligação ao princípio de que nada deve desviar-nos da honra devida a Deus, e que agimos perversamente quando tantas vezes deixamos que a adoração pertencente ao Todo-Poderoso seja transferida para as criaturas. É possível que Daniel tenha rejeitado e refreado a insensatez do rei de Babilônia; entretanto, deixo esta questão suspensa, pois a mesma não é esclarecida, ainda que pareça-me muito difícil que o profeta se haja calado quando vê a honra de Deus sendo parcialmente transferida para si – pois com isso seria cúmplice no sacrilégio e impiedade. E isso dificilmente ocorreria a um santo profeta de Deus. Contudo, sabemos que muitas coisas foram omitidas em suas narrativas, e Daniel não estava relatando o que foi feito, e, sim, o que o rei ordenou que se fizesse. Ele se prostrou rosto em terra – mas, o que aconteceria se Daniel lhe mostrasse que tal atitude era ilícita? E quando ordenou que sacrifícios fossem oferecidos, Daniel poderia também ter rejeitado tamanha iniqüidade. Pois se Pedro corretamente corrigiu o erro de Cornélio,[113] o qual era mais tolerável, porquanto Cornélio só queria honrar a Pedro de maneira comum – se o apóstolo não tolerou tal ato, senão que imediatamente o repreendeu, o que se dizer do profeta? Todavia, como já afirmei, não ouso escolher nenhum dos lados – exceto ser provável a conjetura

[113] Mg., Atos 10.26; isto é, 10.25-26.

de que o servo de Deus tenha recusado essa tão inoportuna honra. Certamente, caso o haja permitido, nada mais teria a dizer de si mesmo senão que havia pecado. Como já disse anteriormente, é mui difícil viver entre as corrupções da corte sem contrair algum vício, não importa quão puro se procura ser – assim como vemos também na pessoa de José. A despeito de haver se entregado completamente a Deus, ainda permitia um pouco da língua egípcia em seu discurso, mesmo na forma de imprecação.[114] E assim como isso representava-lhe um erro, o mesmo pode dizer-se de Daniel.

Continuemos:

47 Respondeu o rei a Daniel, e disse: Certamente o teu Deus é o Deus dos deuses, o Senhor dos reis, o revelador de segredos, pois foste capaz de revelar este segredo.

47 Respondit rex Danieli, et dixit, Ex vero Deus vester ipse *est* Deus deorum, et dominus regum, et revelator arcanorum, quod potueris revelare arcanum hoc.

Desta confissão outra coisa não transparece, senão piedade, santidade, integridade e sinceridade. Por essa razão, pode muito bem ser vista como testemunho de genuína conversão e arrependimento. Mas, como acabei de dizer-lhes, os gentios são com freqüência arrebatados em sua admiração por Deus; e então confessam sobejamente, e demoradamente, qualquer coisa que os adoradores de Deus possam pedir. Contudo, é um ato momentâneo; continuam embaraçados em suas superstições. Deus está arrancando deles palavras piedosas; entretanto, em seu interior continuam apegados a seus erros, e logo depois simplesmente voltam a agir de acordo com os antigos hábitos – um exemplo memorável disso virá mais adiante. Seja o que for, era a vontade de Deus que sua glória fosse proclamada pela boca deste rei pagão, que ele fosse um arauto de seu poder e divindade. Porquanto isso constituía um benefício especialmente para os judeus; ou seja, o remanescente que ainda se encontrava ileso. Porque a maioria deles havia se desviado, como sabemos muito bem. Porque era-lhes fácil degenerarem-se da verdadeira adoração devida a Deus, e quando foram levados para o

[114] Mg., Gn 42.15.

exílio, já eram idólatras e apóstatas, já haviam renegado o Deus vivo. Portanto, só um pequeno número dentre os santos permaneceu, e era neles e no fortalecimento de suas mentes que Deus estava pensando quando arrancou do rei da Babilônia esta confissão.

Todavia, isso também teve outra utilidade, pela qual tanto o rei como todos os caldeus e assírios ficaram ainda mais inescusáveis. Pois se o Deus de Israel era verdadeiramente Deus, por que Bel manteve sua posição? Deus é o Deus dos deuses – devemos, porém, acrescentar imediatamente que ele é o inimigo dos falsos deuses. Portanto, vemos aqui que Nabucodonosor confundiu luz e escuridão, branco e preto, quando confessou que o Deus de Israel era supremo acima dos deuses e, mesmo assim continuou adorando os outros deuses. Pois se ao Deus de Israel se reconhece seu direito, então todos os ídolos devem desaparecer. Logo, Nabucodonosor se revela incoerente quando se expressa nesses termos. Contudo, como disse, ele se deixa arrebatar completamente, e não tem domínio sobre si ao proclamar liberalmente o poder do único Deus.

Ora, no tocante às palavras que ele utiliza: Certamente o teu Deus é o Deus dos deuses, a partícula não é de forma alguma supérflua, quando diz: "Certamente". Ao falar assem, ele está confirmando. Pois se alguém lhe perguntasse se Bel e os demais ídolos eram verdadeiramente adorados como deuses, ele poderia responder com base numa idéia preconcebida de que assim o eram, mas ficaria em dúvida. (Todas as superstições continuam sendo confusas, e se eles francamente defenderem suas superstições de forma mais obstinada, isso é oriundo da temeridade, pois que o diabo lhes sugere, e não procede de seu próprio discernimento. Em poucas palavras, não são mestres de suas mentes quando ousam asseverar que suas superstições são divinas e santas.) Entretanto, aqui é como se Nabucodonosor estivesse renunciando a seus erros – como se estivesse dizendo: "Até agora tenho acreditado que existiam outros deuses, mas agora mudei de idéia. Pois estou convencido de que teu Deus é o principal de todos os deuses". E, com certeza, se ele sinceramente houvera dito isso, teria percebido que estava co-

metendo séria injúria contra seus ídolos, caso existisse alguma divindade neles. Pois sabemos que o Deus de Israel era profundamente odiado e até mesmo abominado pelas nações gentílicas. Ao exaltá-lo acima de todos os deuses, ele coloca em seus devidos lugares a Bel e a toda a turba de falsos deuses que os babilônios adoravam. Contudo, como já dissemos, ele se deixara arrebatar demasiadamente, falando irrefletidamente. Era uma espécie de 'entusiasmo'; o Senhor o tornou embotado e em seguida o transportou ao assombro e então à proclamação de seu poder.

Ele também o chama Senhor dos reis; portanto, reivindicando a ele o reinado supremo sobre a terra. Portanto, significa que o Deus de Israel não só suplanta a todos os deuses, mas também está no comando deste mundo. Pois se ele é o "Senhor dos reis", todos os povos estão debaixo de sua mão e autoridade. Porquanto as pessoas comuns como um todo não podem ficar isentas do poder de Deus, já que ele mantém os próprios reis sob seu domínio. Portanto, agarremo-nos ao que estas palavras significam – que todo e qualquer deus adorado está subordinado ao Deus de Israel, porquanto ele está acima de todos os deuses; ademais, que sua providência governa o mundo, para que povos e reis estejam sob seu domínio e todas as coisas sejam governadas segundo sua vontade.

O rei acrescenta que Deus é o revelador de segredos. Esta é uma das evidências da Deidade, como já dissemos em outro lugar. Pois quando Isaías quis provar que havia um só Deus, ele formulou estes dois princípios: que nada acontece senão de conformidade com o governo de Deus, e a isso ele acrescenta a presciência de todas as coisas.[115] Essas duas coisas estão unidas como que por uma corrente inquebrável. Apesar de Nabucodonosor não entender bem o que realmente significava o caráter da divindade, a não ser quando impelido por um instinto secreto do Espírito de Deus, mesmo assim proclamou retumbantemente o poder e a sabedoria de Deus. Portanto, confessou que o Deus de Israel suplanta a todos

[115] Mg., Is 48.3, 4, 5 etc.

os deuses – pois mantém o controle sobre todo o mundo e nada lhe é desconhecido.

E ainda acrescenta a razão: **porque Daniel pôde revelar o segredo**. Ainda assim, esta parece uma razão dúbia. Pois ele acredita que o mundo é governado somente pela mão de Deus, uma vez que Daniel lhe revelara o segredo; todavia, isso não tem nada a ver com poder. A resposta, porém, é simples. Pois dissemos em outro lugar que não devemos imaginar que Deus seja como Apolo, que simplesmente pode prever o futuro. E sem dúvida é pouco demais atribuir a Deus uma mera presciência, como se o resultado final dos fatos dependesse de outra coisa fora de sua vontade. Contudo, afirma-se que Deus prevê o futuro por já haver determinado o que deseja que aconteça. Assim, Nabucodonosor, com razão, deduz que o domínio do mundo inteiro está nas mãos de Deus, porquanto ele faz pronunciamento sobre as coisas futuras. Porque, a não ser que o futuro descanse em sua vontade, ele não poderia prever isso ou aquilo de maneira infalível. Portanto, quando ele prediz o futuro, devemos concluir com certeza que todas as coisas estão por ele estabelecidas, para que nada aconteça fortuitamente, senão para que se cumpra tudo quanto ele decretou. Devemos aprender com isso que não é suficiente que se celebre a sabedoria e o poder de Deus aos gritos, como se diz, a não ser que, ao mesmo tempo, se lancem fora todas as superstições da mente e se creia que existe um único Deus, dizendo a todos os mais para que arrumem suas malas e partam. Porque nenhuma outra confissão mais completa poderia ser exigida, além da que se faz aqui. E ainda mais, vemos que Nabucodonosor sempre esteve enredado nas imposturas de Satanás, porque desejava manter seus falsos deuses e pensou ser suficiente ceder a primazia ao Deus de Israel.

Aprendamos a limpar nossas mentes de toda superstição, para que o único Deus possa ocupar todos os nossos pensamentos. Nesse ínterim, precisamos observar que sério e terrível juízo aguarda os papistas e seus associados, que no mínimo imbuiram-se dos rudimentos da piedade. Confessam que há um só Deus supremo,

mas o misturam a uma grande multidão e, por assim dizer, despedaçam seu poder e sabedoria, bem como obscurecem o que aqui é declarado por um rei pagão. Porque os papistas não só dividem o poder de Deus, para que cada um de seus santinhos possa reivindicar para si alguma parte, como também, quando falam do próprio Deus, imaginam que ele prediz todas as coisas [como um mero profeta]. Todavia crêem que todas as coisas acontecem contingentemente, visto que Deus criou o homem com livre-arbítrio e em seguida deixou todos os eventos em suspenso, para que o céu e a terra, em conivência com os pecados ou méritos humanos, então desempenhem seu ofício, posicionando-se contra os homens. Obviamente, é verdade que nem a chuva nem o calor nem as nuvens nem um bom tempo nem qualquer outra coisa acontece senão por determinação divina, e qualquer coisa adversa constitui um sinal da sua maldição e tudo quanto é próspero e desejável constitui um sinal de seu favor; essa é uma grande verdade. Todavia, quando os papistas enunciam o princípio da vontade do homem, notamos que Deus é despojado de seu direito. Portanto, aprendamos com isso a dar a Deus não menos que aquilo que lhe foi imputado por um rei pagão.

Ele continua:

48 Então o rei engrandeceu a Daniel, e lhe deu esplêndidas e grandes recompensas, e o pôs sobre toda a província de Babilônia, e como chefe supremo sobre todos os sábios de Babilônia.

48 Tunc rex Danielem magnificavit, et munera præclara, et magna dedit ei, et constituit eum super totam povinciam Babylonis, et magistrum procerum super omnes sapientes Babylonis.

Aqui ele acrescenta mais uma coisa – que o rei Nabucodonosor exaltou o profeta de Deus e o adornou com as mais altas honrarias. Já mencionamos a adoração equivocada que ele mesmo praticou e ordenou que outros prestassem. No que diz respeito às recompensas e ao governo, não podemos condenar nem a Nabucodonosor por honrar ao servo de Deus tão favoravelmente, nem a Daniel em permitir ser tão condecorado. Todos os servos de Deus devem, é claro, ter o cuidado de não tirar proveito de seu ofício.

Particularmente sabemos que se constitui uma doença muitíssimo pestilenta quando os profetas e mestres amam o dinheiro ou se prontificam a receber presentes. Porquanto, onde o dinheiro não é desprezado, muitos vícios necessariamente proliferam; todos os homens avarentos e gananciosos adulteram a Palavra de Deus como mercadores.[116] Portanto, todos os profetas e ministros de Deus deveriam tomar especial cuidado para não devotarem seus pensamentos às recompensas. No que diz respeito a Daniel, porém, ele foi discreto ao receber o que o rei lhe ofereceu, assim como também era lícito a José aceitar o governo de todo o Egito.[117] Indubitavelmente, Daniel tinha em mente algo mais que sua mera vantagem pessoal. Pois não é crível que fosse ele um mercenário, depois de tão pacientemente suportar o exílio, e que preferiu, além disso, com risco de vida, abster-se da comida real em lugar de alienar-se do povo de Deus. Ele preferiu a ignomínia da cruz (pois naquela época o povo de Deus era oprimido) à riqueza e prazeres e honras; portanto, quem é capaz de cogitar que ele se deixasse cegar pela avareza ao ponto de receber recompensas? Visto, porém, que viu os filhos de Deus desgraçada e cruelmente pisados pelos caldeus, quis ajudá-los em suas misérias o quanto pudesse. Assim, já que sabia ser isso para o alívio e conforto de sua nação, permitiu que fosse nomeado governador de uma província. E a mesma razão o levou a buscar altos cargos para seus amigos, como se acha registrado:

49 E Daniel pediu ao rei, e este constituiu a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego sobre o trabalho da província de Babilônia. Daniel, porém, no portão do rei.

49 Et Daniel petiit a rege; et constituit super opus provinciæ Babylonis Sidrach, Mesach, et Abednego: Daniel autem *erat* in porta regis.

Aqui se pode notar alguma ambição no profeta, pois foi atrás de honras para seus amigos. Quando o rei espontaneamente lhe ofereceu o governo, ele pôde aceitá-lo por medo de ofender o orgulhoso monarca. Havia uma certa necessidade nisso. No entanto,

[116] Mg., 2Co 2.17.
[117] Mg., Gn 41.40.

qual, perguntamos, foi a fonte de seu pedido ao rei para que concedesse administração aos outros? Como já sugeri, Daniel poderia aqui ser suspeito de ambição. Ele também poderia ser acusado de ter tirado proveito do ensinamento que lhe fora divinamente revelado. Mas, em vez disso, seu pensamento estava posto em seu próprio povo; ele queria levar algum conforto aos oprimidos. Porque, então, os caldeus reinavam sobre seus escravos de forma tirânica, e sabemos que os judeus eram praticamente odiados pelo mundo inteiro. Portanto, quando Daniel se viu movido por piedade e buscou um pouco de alívio para o povo de Deus, não há razão para que o acusemos de algum erro. Ele não era impelido por lucro pessoal; não se sentia ávido por honras, para si ou para seus amigos; mas se convencera da habilidade de seus amigos em prover ajuda para os judeus em seus problemas. Por isso, a autoridade que obtém para eles tinha como única alvo os judeus, para que fossem tratados com mais humanidade, para que sua condição não fosse tão àrdua e desumana, tendo agora por governadores seus próprios conterrâneos, os quais visariam o seu bem-estar de forma fraternal. Agora percebemos que, neste aspecto, Daniel pode ser justamente escusado, sem nenhuma dissimulação ou sofisma. Porque o caso é por si mesmo suficientemente claro, e é fácil de deduzir-se à luz do fato deque Daniel era piedoso e humano e não pecava no que fazia.

Quando se diz que **ele estava no portão do rei**, não devemos entender que ele era o porteiro. Alguns dizem que ele estava "no portão" porque lá era o lugar onde tinham o costume de administrar justiça. No entanto, estão transferindo para os caldeus o que as Escrituras ensinam sobre os judeus. Eu o interpreto de maneira mais simples, a saber, que Daniel era o governador na residência do rei, de modo que exercia ali governo supremo; e este sentido é mais procedente. Sabemos também que o acesso ao rei, entre os caldeus e assírios, costumava ser demasiadamente difícil. Por conseguinte, declara-se que "Daniel estava no portão", no sentido em que ninguém podia entrar no palácio real a não ser com seu endosso.

Então prossegue:

Capítulo 3

1 O rei Nabucodonosor fez uma imagem de ouro; sua altura era de sessenta côvados, sua largura de seis. Levantou-a na planície de Dura, na província de Babilônia.

1 Nebuchadnezer rex fecit imaginem ex auro, altitudo ejus cubitorum sexaginta, latitudo cubitorum sex: erexit eam in planitie Dura, in provincia Babylonis.

É provável que o rei Nabucodonosor não tenha erguido essa estátua logo depois. O profeta não diz quantos anos se passaram, mas é mais provável que quando fez a estátua muito tempo havia transcorrido desde que confessou que o Deus de Israel era o supremo Deus. Entretanto, já que o profeta guarda silêncio, não há necessidade de argumentarmos sobre o que é incerto. Alguns dos rabinos acreditam que a estátua fosse erguida como uma expiação, como se Nabucodonosor quisesse espantar para longe seu sonho – isto é, o efeito de seu sonho – através desse talismã mágico, como o designam. Todavia, sua conjetura é no todo fútil.

Pergunta-se agora se Nabucodonosor deificou a si próprio ou erigiu essa estátua a Bel, o principal dos deuses entre os caldeus, ou se criou algum deus novo. Muitos se inclinam para o ponto de vista de que ele desejava pôr-se entre os deuses inumeráveis. Eu, porém, não sei se isso é certo – particularmente não parece. Pelo contrário, parece que Nabucodonosor consagrou a estátua a um dos deuses. Não obstante, estando a superstição sempre ligada à ambição e ao orgulho, é provável que Nabucodonosor fosse compelido a erigir essa estátua pela concupiscência da glória e pelo orgulho. De tempos em tempos, pessoas supersticiosas gastam grandes somas na construção de templos ou na fabricação de ídolos. Se alguém perguntar qual seu objetivo, a resposta será imediata, ou seja, que o fazem para a honra de Deus. Mas, mesmo assim, não há sequer um que não ponha em primeiro plano sua própria fama e reputação. Portanto, a adoração devida a Deus é tratada pelos supersticiosos quase como nada; ao contrário, preferem granjear para si o favor e a estima dos homens. Que esse era o propósito do rei Nabucodonosor, eu o admito francamente – aliás, tenho quase cer-

teza disso. Não obstante, havia uma aparência de piedade em tudo isso, pois ele fingiu que pretendia adorar a Deus.

À luz desse fato, o que mencionei anteriormente se torna mais claro – o rei Nabucodonosor ainda não se havia convertido verdadeiramente, não em seu coração. Pelo contrário, continuava bem preso aos seus erros, mesmo quando atribuiu glória ao Deus de Israel. Portanto, como já dissemos, a confissão foi isolada e anômala; pois agora o que ele nutrira em seu coração vem à tona. Porque ele não estava revertendo à sua própria natureza, como dizem, quando levantou a estátua, mas, sim, sua impiedade foi descoberta, a qual estivera escondida por algum tempo. Sua esplêndida confissão poderia ter sido considerada como testemunho de transformação. Todos teriam dito que ele era um novo homem, se Deus não desejasse esclarecer que ele ainda estava emaranhado e preso nas correntes de Satanás – e ainda viciado em seus erros. Portanto, Deus quis pôr em evidência este exemplo para que soubéssemos que Nabucodonosor foi sempre impiedoso, não importa o quanto se deixou compelir a dar glória ao Deus de Israel.

Deus Todo-Poderoso, já que nossas mentes possuem tantos cantos escondidos e que nada é mais difícil do que limpá-los completamente de toda a invenção e falsidade, permite que possamos honestaamente examinar-nos; e derrama a luz de teu Espírito sobre nós para que verdadeiramente reconheçamos nossos vícios secretos e empurremo-los para longe de nós, para que somente tu sejas nosso Deus, e para que a verdadeira piedade conquiste nosso coração e possamos oferecer-te serviço íntegro e imaculado; e também que possamos viver em sã consciência no mundo; cada um de nós plenamente engajado em sua própria condição, de modo a cuidar do bem de seus irmãos antes que de si mesmo; para que, por fim, possamos tornar-nos participantes da verdadeira glória que tens preparado para nós nos céus por meio de Cristo, nosso Senhor Amém.

13ª Exposição

Em nossa última exposição começamos a analisar a estátua de ouro que Nabucodonosor ergueu e estabeleceu no campo ou planície de Dura. Dissemos que essa estátua por certo foi erigida por uma questão religiosa, mas a ambição do rei tirano era o motivo prevalecente – algo que nos é possível perceber sempre no supersticioso. Embora se escondam sempre por trás do nome de Deus, e até mesmo se persuadam de estaren adorando a Deus, não obstante, o que sempre os impele em frente é o orgulho, o desejo de ser notado pelo mundo. Tal era o estado de espírito do rei Nabucodonosor com sua estátua. Seu próprio tamanho nos revela isso. Pois o profeta diz que **a altura da estátua era de sessenta côvados, e a largura, seis**. Aliás, a despesa para tão imponente corpanzil teria sido enorme, pois a imagem foi forjada em ouro. É claro que, provavelmente, esse ouro fosse coletado de suas muitas pilhagens e furtos; mas, seja como for, podemos facilmente perceber, o que antes dissemos, que este rei pagão ofereceu louvor a Deus em termos que seu verdadeiro intuito era que a memória de seu próprio nome fosse anunciada entre as gerações que ainda estavam por vir. E a região em que colocou a imagem sugere a mesma coisa. Pois sem dúvida alguma o profeta está indicando um lugar bem conhecido, muito freqüentado, ou em decorrência de sua procura, ou por alguma outra razão.

Portanto, quanto ao objetivo pessoal do rei, dissemos que é inconsistente a conjetura daqueles que acreditam que a estátua foi erigida em expiação pelo sonho. É mais provável, uma vez que os judeus se espalharam por todas as regiões da Assíria e Caldéia, que a imagem tenha sido erguida a fim de que esses estrangeiros que foram levados para o exílio, arrancados de sua terra mãe, não introduziram nenhum novo costume. Esta hipótese tem, de certa forma, alguma veracidade. Nabucodonosor sabia que os judeus eram tão devotados ao Deus de seus pais que se tornaram alienados a qualquer superstição dos gentios. Portanto, nutria temores de que seduzissem muitos em prol de sua opinião. Então, propôs-se impedi-los através do estabelecimento de uma nova estátua e pela ordem para que todos os seus súditos a adorassem. Nesse ínterim, notamos que o conhecimento do Deus de Israel, cujo poder e glória havia ele a pouco tempo celebrado, desapareceu imediatamente de sua mente. Pois agora esse memorial de vitória é erguido como um insulto a ele, como se houvera sido conquistado juntamente com os ídolos das outras nações. Contudo, como dissemos noutra instância, Nabucodonosor nunca reconhecera sinceramente o Deus de Israel, senão que se vira forçado a confessar, em obediência a um impulso repentino, que ele era o único e supremo Deus, vivendo sempre mergulhado em suas próprias superstições. A confissão foi a de um homem estupefato; não procedeu de uma genuína inclinação do coração.

Vejamos agora o restante:

2 Então o rei Nabucodonosor mandou reunir os sátrapas, os prefeitos e governadores, os juízes, os tesoureiros, os magistrados e os conselheiros e todos os oficiais das províncias, para que viessem à dedicação da imagem que o rei Nabucodonosor havia erguido.

3 Então se juntaram os sátrapas, prefeitos, questores, magistrados, juizes, pares e todos os governadores das pro-

2 Tunc Nebuchadnezer rex misit ad congregandum satrapas, duces, et quæstores, primates, *vel proceres*, judices, magistratus, optimates, et omnes præfectos provinciarum, ut venirent ad dedicationem imaginis, quam erexerat Nebuchadnezer rex.

3 Tunc congregati sunt satrapæ, duces, proceres, quæstores, magistratus, judices, optimates, et omnes præfecti

víncias se reuniram para a consagração da imagem que Nabucodonosor o rei tinha levantado; e estavam em pé diante da imagem que Nabucodonosor tinha levantado.

provinciarum ad dedicationem imaginis, quam erexerat Nebuchadnezer rex: et steterunt coram imagine quam erexerat Nebuchadnezer.

Continuemos com o contexto, pois está tudo ligado.

4 Então o arauto apregoou em alta voz, A vós outros é ordenado, ó povos, nações e línguas,

4 Et præco clamabat in fortitudine: Vobis edicitur, populi, gentes, et linguæ,

5 Assim que ouvirdes o som da corneta, da flauta, do alaúde, da harpa, do saltério, da **sinfonia**, e de todos os instrumentos musicais, vos prostreis e adoreis a imagem de ouro que o rei Nabucodonosor ergueu.

5 Simulacaudieritis vocem cornu, *vel*, *tubæ*, fistulæ, citharæ, sambucæ, psalterii, symphoniæ, et omnia instrumenta musices: ut procidatis, et adoretis imaginem auream, quam erexit Nebuchadnezer rex.

6 E todo aquele que não se prostrar e não a adorar, será na mesma hora lançado numa fornalha de fogo ardente.

6 Et quisquis non prociderit et adoraverit, eadem hora, projicietur in medium fornacem ignis ardentis, *vel*, *ardentem*.

7 Portanto, assim que todos os povos ouviram o som da corneta, da flauta, do alaúde, da harpa, do saltério e de todos os instrumentos musicais, todos os povos, nações e línguas se prostraram e adoraram a imagem de ouro que o rei Nabucodonosor erguera.

7 Itaque simulatque, *eadem hora atque*, audierint omnes populi vocem cornu, fistulæ, citharæ, sambucæ, psalterii, et omnium instrumentorum musices, prociderunt omnes populi, gentes et linguæ adorantes imaginem auream, quam erexerat Nebuchadnezer rex.

Notamos que Nabucodonosor desejava estabelecer a religião entre todas as nações sob as quais ele então reinava, a fim de que nenhum distúrbio ocorresse no meio de uma sociedade pluralista. E era de se temer que tal desacordo viesse a estremecer o governo. E por isso é fácil de presumir que o rei estava pensando especialmente em sua própria paz e bem-estar. Os príncipes, quando expedem decretos acerca da adoração a Deus, costumam olhar para aquilo que lhes agrada, e não para o que Deus ordena. E desde o princípio, tal audácia e imprudência têm ocorrido no mundo, de modo que aqueles investidos de autoridade sempre ousaram fabricar deuses. Daí vão ainda mais longe e ordenam a adoração dos deuses que fabricaram.

É oportuno observarmos a divisão de três tipos de deuses:

os 'filosóficos', os 'políticos' e os 'poéticos'. Os deuses aos quais chamam de 'filosóficos' são aqueles em quem há alguma razão natural para a adoração. Obviamente, é verdade que os filósofos se mostram completamente insensatos quando disputam tanto sobre a essência quanto sobre a adoração devida a Deus. Ao seguirem suas próprias idéias, necessariamente não chegam a parte alguma. Porquanto Deus não pode ser apreendido pela mente humana.[118] É mister que ele se revele através de sua Palavra; e é à medida em que ele desce até nós que podemos, por nossa vez, subir até os céus. Não obstante, os filósofos, em suas disputas, dão alguma prova de veracidade, a fim de que não pareçam estar proferindo disparates irracionais. No entanto, os poetas têm inventado qualquer coisa que desejam e enchido o mundo com os erros mais disparatados, e ao mesmo tempo mais abomináveis. Todos os teatros reivindicaram suas vazias divagações, e assim as mentes das massas foram de imediato assenhoreadas pelas mesmas loucuras. Sabemos que a mente humana é passível de vaidade. Entretanto, quando o diabo acende o fogo, vemos eruditos e ignorantes arrebatados por ele. Assim sucedeu que se convenceram de que o que costumavam ver representado no teatro era a plena verdade.

Contudo, também havia uma religião estável entre os gentios, fundada na autoridade de gerações passadas. Chamavam a esses deuses de 'políticos', porque eram recebidos por uma 'política' de consenso comum. E aqueles que se consideravam sensatos diziam que o que os filósofos ensinavam sobre a natureza dos deuses não apresentava nenhuma vantagem, pois exterminava todas as observâncias públicas e as coisas que haviam sido aceitas sem questionamento. Pois tanto os gregos quanto os latinos, bem como algumas nações bárbaras, adoravam certos deuses que acreditavam haver nascido; isto é, confessavam ter sido mortais. Todavia, os filósofos retinham pelo menos o princípio

[118] Mg., 1Co 2.14.

de que os deuses eram eternos. Se os filósofos fossem ouvidos, a autoridade de gerações passadas teria fracassado. Portanto, até o mais sensato dos homens não se envergonharia de dizer, como já ouvi relatado antes, que a filosofia deveria ser mantida separada da religião.

No que diz respeito aos poetas, os filósofos foram forçados a ceder aos caprichos das massas, mas, ao mesmo tempo, ensinaram que era nocivo o que os poetas aparentavam e inventavam sobre a natureza dos deuses. Portanto, havia no mundo quase que uma só regra comum de adoração a Deus; esse era, por assim dizer, o alicerce da piedade. Ela excluía outros deuses que porventura eram adorados à parte daqueles que haviam sido legados por gerações passadas. E esse é o ponto principal do oráculo de Apolo, a quem Xenofonte,[119] na pessoa de Sócrates, especialmente louva – que em cada cidade seus próprios deuses deveriam ser adorados. Pois quando Apolo foi consultado sobre qual religião era a melhor, ele ordenou (para que os erros pelos quais todas as nações se encontravam embriagadas fossem abraçados) que não deveria haver nenhuma mudança no estado público, mas que a melhor religião para qualquer pessoa ou cidade era aquela que fora recebida desde a antigüidade mais remota.[120] Esta foi uma impostura fenomenal do diabo; ele não queria que as mentes humanas fossem despertadas para considerar em seu âmago o que era certo, mas os conservou em letargia, garantindo que "a autoridade augusta dos anciãos é tudo o de que você precisa". Como já disse, o ápice da sagacidade entre os gentios era que o consenso reinava em lugar da razão. Mesmo assim, os que reinavam ou detinham o poder ou posição assumiam uma espécie de direito de fazer novos deuses. Assim, vemos muitos templos dedicados a deuses inventados, simplesmente porque se achavam armados de autoridade.

[119] Mg., Xenofonte. *In Comment* [Em comentário]; isto é, *Memorabilia* 4:3:16.
[120] Mg., Cícero. *On Laws* 2, [Sobre as leis 2]; isto é, 2:16:40; cf. 2:11:27.

Portanto, não surpreende que Nabucodonosor haja tomado a liberdade de erguer um novo deus. É possível que ele tenha dedicado a estátua a Bel, que acredita-se ser o Júpiter dos caldeus. Nada obstante, ele ainda pretendia introduzir uma nova forma de religião, sob o pretexto de que sua memória seria celebrada pelas gerações futuras. Virgílio fortuitamente ridiculariza tal tolice, quando afirma: "E ele aumenta o número de deuses com seus altares".[121] Ele quer dizer que, apesar de os homens erigirem muitos altares em suas terras, o número de deuses não aumenta nos céus. Portanto, Nabucodonosor, com seu único altar, aumentou o número de deuses; isto é, introduziu um novo rito, para que a estátua fosse seu próprio monumento, por assim dizer, e seu nome proclamado enquanto aquela religião durasse. Enquanto isso, percebemos quão descontrolado se afigurava ao abusar de seu poder. Ele não perguntou aos seus magos o que era legal e nem considerou consigo mesmo se aquela religião era legítima ou não. Cego pelo orgulho, quis impor uma religião a todos, e o que ele decretou carecia de aprovação. À luz desse fato concluímos quão falsos são os gentios quando fingem que seu objetivo é adorar a Deus, quando de fato querem ser seus superiores. Não permitem qualquer pensamento lúcido ou correto; não aplicam suas mentes ao conhecimento de Deus. Qualquer coisa que lhes agrade pretendem ser legal. Assim, não adoram ao próprio Deus, mas sua própria produção.

Tal era o orgulho do rei Nabucodonosor, assim como se revela à luz do decreto: o rei Nabucodonosor mandou reunir todos os sátrapas, os prefeitos e governadores etc. para virem à consagração da imagem que o rei Nabucodonosor havia erguido. O vocábulo, 'rei' ,é sempre acrescentado, exceto num lugar, como se o ofício real elevasse os mortais a tamanha altura que lhes desse o direito de fabricar deuses. E vemos o rei de Babilônia reivindicando esse direito – que a estátua que ele (não

[121] Mg., *Aeneida* 7; ou seja, 7:211.

uma pessoa particular, não um homem do povo, mas o próprio rei) erguera deveria ser adorada como sendo deus. Uma vez que o rei desfruta de preeminência no mundo, os reis não reconhecerão que só permanecerão em sua posição legítima se perseverarem em obediência a Deus.

E ainda hoje vemos todos os reis terrenos inchados por esse tipo de orgulho. Eles não perguntam o que é consistente com a Palavra de Deus e o que é a piedade genuína; mas porque consideram apenas os erros legados pelas gerações do passado, dão a estes a sua aprovação real e pensam que o seu pré-julgamento é final – no caso de Deus ser adorado de forma diferente do que lhes parece bom e do seu decreto.

Quanto à dedicação, sabemos que era costume entre os gentios consagrar suas estátuas e imagens antes de as adorarem. Atualmente, o mesmo erro reina no papado. Enquanto as imagens ainda estão com o escultor ou pintor não há veneração. Mas tão logo a imagem é consagrada, seja por uma piedade particular (os papistas a chamam de 'devoção') ou por uma cerimônia pública e solene, 'Deus' é feito de um tronco de árvore, de uma pedra, de pigmentos. Entre suas formas de exorcismo, os papistas têm cerimônias definidas para a consagração de estátuas e imagens.

Assim Nabucodonosor, quando desejou que essa sua imagem fosse considerada como se fosse Deus, a consagrou com cerimônia solene – como se disse, este era um costume entre as raças gentílicas. Aqui ele não está falando das massas (pois todos não seriam capazes de reunir-se), mas os governadores e nobres são intimados a vir e trazer consigo seus muitos cabos eleitorais. Então podem passar adiante o edito do rei e cada um cuidará que um monumento seja erigido em seu próprio território, de modo a aparentar que todos os seus súditos estavam adorando a Deus, a estátua que fora erguida pelo rei.

Então o texto continua declarando que todos os sátrapas, todos os governadores, os juízes, os prefeitos, os tesoureiros,

os magistrados, os conselheiros e todos os oficiais vieram e ficaram em pé diante da imagem que o rei Nabucodonosor havia erguido. Não surpreende que os governadores tenham se submetido à ordem do rei! Eles não tinham nenhuma outra religião salvo a que haviam recebido de seus pais. No entanto, muitos foram dominados mais pela obediência que deviam ao rei do que pela antigüidade. Portanto hoje, se algum rei inventa uma nova superstição, imediatamente se verá uma mudança súbita em todos os seus governadores e em todos os aduladores e nobres. Por quê? Porque nem sequer temem a Deus, nem o reverenciam sinceramente, mas apenas apegam-se à palavra do rei e o bajulam como escravos. O que agrada ao rei é aprovado por todos eles – com estrepitoso aplauso se assim for necessário. Portanto, não surpreende que os nobres caldeus, que nunca tiveram idéia alguma de como é o verdadeiro Deus, nem provaram o sabor da genuína piedade, se prontificaram de imediato a adorar a estátua. Mas à luz disso deduzimos que nada é firme, nada é estável entre os gentios; indivíduos que não foram instruídos na escola de Deus o que significa a verdadeira religião. Pois oscilam a todo instante ao sabor de qualquer brisa. Assim como as folhas se movem quando o vento sopra por entre as árvores, assim também todos os que não estão enraizados na verdade de Deus oscilarão e serão lançados para frente e para trás quando algum vento começa a soprar. O decreto régio não constitui uma brisa leve, e, sim, uma violenta tempestade. Pois ninguém pode opor-se impunemente aos reis e a seus editos. Por isso, sucede que os que não se acham solidamente plantados na Palavra de Deus, e não entendem absolutamente nada do que é a verdadeira piedade, são arrastados pela investida de tal pé-de-vento.

Em seguida ele acrescenta que um arauto proclamou em alta voz, ou "à multidão". E esta última tradução cabe muito bem, pois o arauto apregoou no meio da multidão quando havia um grande aglomerado de povos – o reino babilônico abrangia várias províncias naquele tempo. O arauto, pois, apregoou em

alta voz: A vós outros é ordenado, ó nações, povos e línguas. Isso era suficiente para atingi-los com terror, ou seja, que o rei ordenava que, sem exceção, todas as províncias adorassem ao seu ídolo. Porquanto cada um vigiava seu vizinho, e qualquer indivíduo que visse tão grande multidão sendo obediente não ousaria discordar. Assim caiu por terra toda a liberdade.

Então prossegue: Assim que ouvirdes o som da trombeta – ou o som da corneta- do alaúde, da flauta, do saltério, da harpa etc., que vos prostreis e adoreis a imagem. Mas qualquer um que não se prostrar será na mesma hora lançado numa fornalha de fogo ardente. Eles ficariam ainda mais assustados quando o rei Nabucodonosor sancionasse seu ímpio rito com castigo tão selvagem. Qualquer morte comum não o satisfaria; ele ordenou que qualquer um que não adorasse a estátua fosse jogado no fogo ardente. Esta ameaça de castigo revela mui claramente que o rei suspeitava que alguns lhe eram insubordinados. Se os judeus não estivessem misturados com os caldeus e assírios, que sempre adoraram os mesmos deuses, não teria havido nenhuma resistência (e também porque era costume em todos os lugares que os deuses aprovados pelos reis fossem adorados). Portanto, tudo indica que a estátua havia sido deliberadamente erguida como teste do rei, se aqueles que ainda não se acostumaram às superstições gentílicas seriam obedientes. Ele planejara apagar a memória da sincera santidade dos filhos de Abraão e corrompê-los de uma vez por todas, para que pudessem seguir os costumes habituais e adaptar-se à vontade do rei e ao consenso do povo entre o qual viviam. Todavia, veremos isso mais adiante.

Quanto à adoração propriamente dita, ela consistia num simples gesto. O rei Nabucodonosor não ordenou uma profissão de fé verbal de que aquilo[122] era Deus – ou seja, de que havia na

[122] Leia-se *illam* (= estátua ou imagem, ambos sendo substantivos femininos) por *illum* (masculino).

estátua uma divindade à qual se devia prestar adoração. Era suficiente que se declarasse isso por meio de um gesto visível ou físico. Vemos, pois, que todos os que fingem estar adorando ídolos são com justiça condenados por idolatria, mesmo quando se justificam dizendo que o fazem, não de coração, mas apenas em virtude do medo, porquanto são forçados pelas ordens do rei. Tal justificativa é, no mínimo, muito fraca. Vemos que este rei ou tirano, embora fabricasse a imagem pela astúcia do diabo, exige nada mais, nada menos, que todo o povo e todas as nações se ajoelhem perante a estátua. Dessa forma, com toda certeza, ele teria alienado os judeus da adoração pertencente ao único e verdadeiro Deus, como se o extorquissem deles. Porquanto Deus preceitua, em primeiro lugar, que o adoremos interiormente, e em seguida também verbalizemos uma profissão de fé externa. O principal altar, no qual Deus é adorado, deve estar situado dentro de nós, pois Deus é adorado espiritualmente através da fé, de orações e de outros ofícios de piedade.[123] A confissão exterior deve ser forçosamente acrescentada, não só para que nos exercitemos na adoração a Deus, mas também para que nos ofereçamos inteiramente a ele, tanto no corpo quanto na mente, assim como Paulo preceitua[124] – em suma, para que ele nos possua inteiramente. Isso, portanto, quanto à adoração e ao castigo.

Novamente, ele prossegue: **Assim que ouviram o som das trombetas e o som dos muitos instrumentos, todas as nações, todos os povos, todas as línguas se prostraram e adoraram a imagem que o rei Nabucodonosor erguera.** Aqui devemos ter em mente uma vez mais o que eu disse: que todos os mortais estão prontos a prestar obediência a seus reis. Seja o que for que lhes ordenem, eles prontamente o aceitam, contanto que não seja duro ou nocivo demais; celeremente carregarão os mais pesados fardos a fim de agradar a seus reis. Todavia, deve-se

[123] Mg., Jo 4.24.
[124] Mg., 1Co 7.34; 1Ts 5.23.

também notar que estão sempre mais dispostos a desempenhar um papel corrupto. Se o rei Nabucodonosor houvera ordenado que o Deus de Israel fosse adorado e que todos os templos pagãos fossem destruídos juntamente com seus altares, que outrora existiram em toda sua jurisdição, sem dúvida alguma grandes tumultos haveriam surgido. Porquanto o diabo de tal maneira enfeitiça as mentes dos homens que eles se apegam obstinadamente aos erros que em tempos passados assimilaram. Os caldeus e os assírios, bem como o restante, nunca teriam sido trazidos à obediência sem muita dificuldade. Agora, porém, dado o sinal, imediatamente se prostram e adoram a estátua de ouro.

Aprendamos aqui a contemplar, como num espelho, nossa natureza – e para esse fim, que nos mantenhamos sob a Palavra de Deus e nunca sejamos removidos de uma fé genuína, jamais nos amolecendo com a força de uma constância invencível, não importa o que os reis ordenem. Que nos ameacem com mil mortes; não podem destruir nossa fé. Pois, a não ser que Deus nos segure com seu freio, imediatamente daremos lugar a tudo o que é imprestável. Mas, especialmente, se algum rei introduzir corrupções, somos subitamente arrebatados, porque, como já disse, somos inerentemente inclinados às formas imperfeitas e perversas de culto.

Novamente o profeta repete a palavra 'rei', para nos dizer que toda a multidão não considerava o que seria agradável a Deus ou que a adoração deveria ser santa e íntegra, mas que estavam contentes somente com o desejo do rei. O profeta condena essa hipercomodidade, e com razão. Portanto, aprendamos com isso a não sermos movidos pela vontade dos homens a abraçar essa ou aquela religião. Nosso principal objetivo deve ser buscar diligentemente o tipo de adoração que agrada a Deus. Por conseguinte, precisamos de discernimento, para que não nos lancemos impetuosamente nas superstições.

Quanto aos instrumentos musicais, reconheço que eles fo-

ram usados pela Igreja de Deus e, aliás, por ordem divina. Entretanto, o povo de Deus tinha uma maneira e os caldeus outra. Pois a despeito de os judeus usarem trombetas e alaúdes e instrumentos musicais nos louvores a Deus, eles não estavam impingindo isso sobre o Senhor como um rito inerentemente santo. Havia um outro propósito nisso – Deus desejava levantá-los de qualquer maneira quando se mostravam preguiçosos (pois sabemos que nosso interesse na santidade é sempre frio, a não ser quando somos espicaçados). Deus, portanto, usou esses estímulos para fazer com que os judeus o adorassem com zelo mais fervoroso. Contudo, os caldeus pensavam que satisfaziam a Deus quando reuniam muitos instrumentos musicais. Porquanto, como é habitual, avaliaram Deus conforme sua própria intuição. Seja o que for que nos agrade, cremos que será também do agrado de Deus. Daí aquela grande quantidade de cerimônias no papado. Nossos olhos se enchem com tal esplendor e cremos haver cumprido nossa obrigação para com Deus, como se sua alegria fosse a mesma que sentimos. Esse é um erro muitíssimo crasso. E assim, no que tange ao alaúde, à trombeta e aos outros instrumentos musicais com os quais Nabucodonosor ornamentou a adoração de seu ídolo, não há dúvida de que faziam parte dos erros – e devemos dizer o mesmo quanto ao ouro. Deus certamente queria que seu santuário fosse esplêndido, não porque o ouro ou a prata ou as pedras preciosas lhe sejam em si mesmas agradáveis, mas queria confiar sua glória ao povo, para que debaixo daquelas figuras pudessem reconhecer que tudo o que exista de precioso deve ser oferecido somente a Deus, porque esses lhe são sagrados. Todavia, apesar de os judeus terem muita pompa, ou seja, demonstrarem um esplendor magnífico em sua adoração exterior a Deus, ainda assim permanecia o princípio de que Deus deve ser adorado espiritualmente. Os gentios, porém, até mesmo quando inventam deuses estúpidos para si tirados de suas próprias cabeças, então também desejam adorá-los conforme seu próprio discernimento, e acreditam que a perfeição da santidade

está no canto mavioso, na possse de grande abundância de ouro e prata e em se ter contorno e forma magnificentes em seus sacrifícios.

O restante deixaremos para amanhã.

Deus Todo-Poderoso, visto que sempre e de maneira desgraçada nos perdemos em nossos pensamentos e, quando tentamos te adorar, não fazemos nada a não ser profanar a pura e verdadeira adoração de tua divindade e somos mais facilmente levados a superstições depravadas, permite, pois, que permaneçamos na obediência pura de tua Palavra e nunca nos desviemos para lado algum; e armemo-nos com o poder invencível do Espírito, para que não nos rendamos a qualquer terror ou ameaça humana, mas permaneçamos firmes na reverência de teu nome até o fim; e não importa o quanto o mundo ruja atrás de seus erros diabólicos, que jamais nos desviemos do caminho certo, porém nos mantenhamos firmes no curso certo para o qual tu nos convidas até que a corrida chegue a seu fim e cheguemos àquele descanso abençoado que está guardado para nós nos céus por meio de Cristo, nosso Senhor. Amém.

14ª Exposição

8 E então imediatamente homens caldeus aproximaram-se gritando acusações contra os judeus.

9 Falaram e disseram ao rei Nabucodonosor: Ó rei, vive eternamente.

10 Tu, ó rei, baixaste um decreto pelo qual todo homem, quando ouvir o som da corneta, da flauta, do alaúde, da harpa, do saltério, da sinfonia e a música de todos os instrumentos, deve prostrar-se e adorar a imagem de ouro.

11 E que qualquer um que não se prostrar e não adorar, será lançado no meio da fornalha de fogo ardente.

12 Há homens judeus que constituíste sobre a administração da província de Babilônia – Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Esses homens não fizeram caso de ti, ó rei. Eles não servem a teu deus e não adoram a imagem de ouro que levantaste.

8 Itaque statim, appropinquarunt viri Chaldæi, et vociferati sunt accusationem contra Iudæos.

9 Loquuti sunt, et dixerunt Nebuchadnezer regi, Rex, in æternum vive.

10 Tu, rex, posuisti edictum, ut omnis homo cum audiret vocem cornu, *vel*, *tubæ*, fistulæ, citharæ, sambucæ, psalterii, et symphoniæ, et omnium instrumentorum musices, procideret, et adoraret imaginem auream.

11 Et qui non procideri, et adoraverit, projiciatur in medium, *vel*, *intra*, fornacem ignis ardentis.

12 Sunt viri Iudæi, quos ipsos posuisti, *id est*, *præfecisti*, super administrationem, *vel*, *opus*, provinciæ Babylonis, Sadrach, Mesach, et Abednego, viri isti non posuerunt ad te, rex, cogitationem, deum tuum non colunt, et imaginem auream quam tu erexisti non adorante.

Ainda que o profeta aqui não afirme abertamente a intenção daqueles que acusaram a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, podemos inferir pela probabilidade do resultado que esse foi um plano tramado quando o rei erigiu a imagem de ouro. Pois notamos que eles foram observados; e conforme dissemos ontem, Nabucodonosor parece haver seguido o objetivo comum dos reis.

Embora orgulhosamente desprezassem a Deus, ainda assim utilizam a religião como uma arma a fim de manter forte sua autoridade; e com esse único objetivo fingem adorar a Deus para manter o povo submisso. Visto que havia judeus entremeados com os caldeus e assírios, o rei desejava antecipar alguma rebeldia. Por essa razão colocou a estátua num lugar muito freqüentado como prova ou teste para ver se os judeus estavam dispostos a adotar as formas religiosas babilônicas.

Entrementes, esta passagem nos ensina que, pelo menos por suposição provável, o rei fora incitado por seus conselheiros, porque criam ser indigno que escravos estrangeiros fossem governadores da província de Babilônia. Pois haviam sido levados para o exílio como legítimos despojos de guerra. Portanto, já que os caldeus viam tudo isso como errado, foram movidos pela inveja a apresentar ao rei seu conselho. Pois, como lhes era possível detectarem tão repentinamente que os judeus não haviam prestado adoração e veneração à estátua, especialmente Sadraque, Mesaque e Abede-Nego? O que aconteceu revela claramente que eles estavam, por assim dizer, de olhos abertos para verem o que os judeus fariam. Conseqüentemente, podemos facilmente deduzir que haviam preparado tal calúnia desde o início, quando elaboraram o plano do rei para a construção da estátua.

A luz do modo turbulento com que acusaram os judeus, notamos também que estavam dominados pela inveja e pelo ódio. Podemos até mesmo dizer que estavam queimando-se de zelo, como os supersticiosos que planejam impor leis sobre o mundo inteiro; e a crueldade fez deles criaturas ainda piores. No entanto, fica em evidência que o ciúme tomou posse dos caldeus e os levou a acusar os judeus de maneira altissonante.

Contudo é incerto se falavam da nação toda, em geral, ou seja, de todos os exilados, ou somente indicaram aqueles três. É provável que a acusação se haja restringido apenas a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, pois se esses três se quebrantassem, a

vitória sobre o restante seria fácil. Porquanto poucas pessoas resolutas e decididas de mente e alma se poderia encontrar no meio de todo o povo. Por isso, é provável que aqueles famigerados quisessem atacar homens que sabiam ser denodados e resolutos acima de todos os demais. Também queriam degradá-los da posição de honra na qual não toleravam vê-los. Entretanto, pergunta-se por que Daniel foi poupado; pois não faz sentido que ele se dissimulasse quando o rei ordenou que sua estátua fosse adorada; isto é, aquela que erguera. Pode ser o caso que tenham deixado Daniel em paz temporariamente, sabendo que o rei o havia exaltado. E apresentaram acusação contra esses três, porque podiam ser oprimidos mais facilmente e sem muita artimanha. Creio que foi essa malícia que os levou a não citar Daniel juntamente com os três, temendo que o coração do rei se abrandasse em favor dele.

Agora apresenta-se a forma da acusação: **Ó rei, vive eternamente.** Esta era uma saudação comum. Em seguida, acrescenta-se: **Tu, ó rei.** Isso é enfático, como se estivessem dizendo: "Tu baixaste um decreto sob o teu poder real, pelo qual todo homem, quando ouvir o som da trombeta (ou, 'corneta'), do alaúde, da flauta, do saltério e dos instrumentos musicais, deve prostrar-se diante da imagem de ouro. Mas aquele que recusar-se a fazer isso deverá ser lançado numa fornalha de fogo ardente. Mas aqui estão homens judeus a quem fizeste governadores da administração da província de Babilônia". Para torná-los ainda mais degradantes, acrescentam que os acusam de ingratidão pelo fato de que, elevados a honra tão invejável, desprezam a ordem real e seduzem a outros, com seu exemplo, a semelhante desobediência. Portanto, notamos que isso foi expresso para realçar seu crime: **o rei os fez governadores da província de Babilônia. Esses homens não adoram a imagem de ouro e não servem a teus deuses** – isso constitui o principal crime. E ao longo de todo este discurso observamos que o único objetivo dos caldeus era condenar a Sadraque, Mesaque e Abe-

de-Nego pelo crime de não obedecerem à ordem do rei. Não estão falando da própria religião deles, pois não serviria aos seus propósitos se trouxessem a lume o fato de os deuses que adoravam serem ou não dignos de tal louvor. Por isso o que não os beneficiaria omitem, e utilizam outra arma, dizendo que o rei seria desprezado caso Sadraque, Mesaque e Abede-Nego não adorem a imagem, visto que o rei o havia ordenado pela proclamação de seu edito.

Aqui, percebemos uma vez mais que os supersticiosos não aplicam suas mentes ou diligência a uma sã investigação sobre como devem adorar a Deus de maneira apropriada ou piedosa. Negligenciam isso e só vão aonde sua própria audácia e desejos os levam. Desde então tal precipitação é posta diante de nós pelo Espírito Santo como um espelho, para que aprendamos que nosso louvor só pode ser aprovado por Deus se o mesmo repousar sobre a pura verdade. Por isso, a autoridade dos homens deve ser considerada imprestável e/ou inválida. Pois, a menos que estejamos certos de que a religião que seguimos é agradável a Deus, qualquer contribuição que os homens fizerem será deficitária. Diante disso, ao vermos aqueles homens santos sendo acusados do crime de ingratidão, bem como de rebelião, não há razão alguma para ressentimento de que o mesmo sucede nos dias de hoje. Aqueles que nos difamam, nos acusam de obstinação, de descaso pelas ordens dos reis – os quais procuram envolver-nos em seus próprios erros. Todavia, como veremos novamente, temos uma defesa simples e à mão. Enquanto aguardamos, temos que suportar tal infâmia perante o mundo como se fôssemos obstinados e intratáveis. E no que diz respeito à gratidão – se nos cumulam com mil insultos, suas calúnias devem ser suportadas pacientemente por enquanto, até que o Senhor, nosso campeão, derrame a sua luz sobre a nossa inocência.

Então ele continua:

13 Então Nabucodonosor, irado, ordenou que fossem chamados Sadra-

13 Tunc Nebuchadnezer cum iracundia et excandescentia, jussit adduci Sa-

que, Mesaque e Abede-Nego. A estes homens trouxeram perante o rei.

14 E Nabucodonosor falou e lhes disse: É verdade, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que vós não servis a meus deuses, e que não adorais a imagem de ouro que ordenei?

15 Agora, pois, estai prontos assim que ouvirdes o som da corneta, da flauta, do alaúde, da harpa, do saltério, da sinfonia e música de todos os instrumentos, vos prostrareis e adorareis a imagem que fiz. Porque, se não a adorardes, no mesmo instante sereis lançados no meio de uma fornalha de fogo ardente. E quem é aquele deus que vos livrará de minha mão?

drach, Mesach, et Abednego: viri autem illi adduxerunt coram rege.

14 Loquutus est Nebuchadnezzer, et dixit illis, Verumme, Sadrach, Mesach, et Abednego, deos meos non colitis, et imaginem auream quam statui, non adoratis?

15 Nunc ecce parati eritis, simulac audieritis vocem cornu, *vel*, *tubæ*, fistulæ, citharæ, sambucæ, psalterii, symphoniæ, et omnium instrumentorum musices, ut procidatis, et adoretis imaginem quam feci. Quoad si non adoraveritis, eadem hora projiciemini in medium fornacis ignis ardentis; et quis ille Deus qui eruat vos e manu mea?

Esta narrativa claramente nos mostra que os reis fingem piedade simplesmente pelo fato de terem seus olhos voltados para sua própria grandeza, pondo-se a si próprios no lugar de seus deuses. Tal coisa é uma grande anomalia, a saber: que o rei Nabucodonosor insulte aqui a todos os deuses, como se não houvesse poder algum nos céus a não ser aquele reconhecido por ele. Que deus, pergunta ele, **poderá livrar-vos de minha mão?** Por que razão, pois, servia ele a um deus? Simplesmente para manter o povo sob seu controle e assim estabelecer sua tirania; não porque algum sentimento de piedade haja entrado, de maneira furtiva, em sua mente.

Em primeiro lugar, Daniel relata que o rei ficou furioso, enraivecido. Pois nada irrita mais a um rei do que ver suas ordens rejeitadas. Querem que todos sejam obedientes, até mesmo quando o que ordenam seja em extremo injusto. No entanto, tudo indica que, depois, o rei consegue dominar-se, quando pergunta a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego se estão ou não preparados para adorarem seu deus e a imagem de ouro. Ao falar-lhes nesse tom hesitante, oferecendo-lhes ainda uma escolha aparentemente espontânea, é possível antever certa moderação nas palavras. Pois é como se os liberasse da acusação sob a condição

de deixar-se persuadir no futuro. Não obstante, sua fúria ainda refervia sob a enganosa aparência de moderação, porquanto logo em seguida ele acrescenta: **Se não obedecerdes, sereis lançados numa fornalha de fogo ardente.** Finalmente, ele se prorrompe em horrível sacrilégio e blasfêmia, dizendo que não existia deus capaz de livrar esses homens santos de sua mão.

Observamos na pessoa de Nabucodonosor o tipo de orgulho com que os reis se deixam enfunar, mesmo quando fingem algum interesse pela santidade. Pois, naturalmente, nenhuma reverência pelo verdadeiro Deus os toca, senão que pretendem que tudo quanto se ordena por sua boca seja acatado por todos. Dessa forma, como eu disse, colocam-se no lugar de Deus em lugar de se empenharem em reverenciá-lo e declarar sua glória. Esta é a intenção das palavras que ele usa: que **ele ergueu a estátua que fizera.** É como se dissesse: "Não cabe a vocês decidir se devem ou não adorar a imagem. Minha ordem lhes é suficiente. Não ergui essa imagem sem prévia reflexão e uma boa causa. Sua obrigação é simplesmente obedecer-me." Vemos, pois, que ele arroga para si o poder supremo, até mesmo para inventar um deus. Pois aqui a questão não é política; Nabucodonosor quer que a estátua seja adorada como Deus, simplesmente porque ele assim o decretara, simplesmente porque publicara seu edito.

Contudo, devemos ter sempre em mente aquilo sobre o qual falei brevemente, ou seja, que tamanho exemplo de orgulho nos é exibido para que aprendamos que não devemos, precipitadamente, assumir essa ou aquelo conceito religioso; devemos antes ouvir a voz de Deus e descansar em sua autoridade e vontade. Porque, se nos entregarmos aos homens não haverá fim para os nossos erros. Portanto, embora os reis sejam excessivamente orgulhosos e selvagens, devemos agarrar-nos a esta regra: que nada agrada a Deus senão aquilo que ele mesmo ordenou em sua Palavra; e o princípio da verdadeira devoção consiste na obediência devotada somente a ele.

Quanto à blasfêmia, ela revela ainda mais claramente o que eu já disse, ou seja, que embora os reis professem algum devotamento à piedade, todavia desprezam toda divindade e não nutrem outra intenção senão a de exaltar sua própria grandeza. Fazem uso do nome de um deus qualquer a fim de conseguirem para si maior veneração; e se a mudança diária de cem deuses lhes trouxer alguma vantagem, nenhum sentimento religioso os refreará. Porquanto para os reis terrenos, pois, a religião não passa, em grande parte, de pretexto; não há reverência e nenhum temor por Deus em suas mentes, assim como o demonstra este rei pagão. **Quem é aquele deus?**, diz ele. Não faz exceção alguma. Alguém pode replicar que ele estava falando comparativamente e defendendo a glória de seu próprio deus, ao qual adorava, mas quando profere tal blasfêmia contra todos os deuses, o que o impulsiona é uma intolerável arrogância, uma fúria diabólica.

Neste momento, analisemos o ponto principal ou decisivo, no qual Daniel relata quanta perseverança demonstraram Sadraque, Mesaque e Abede-Nego:

16 Sadraque, Mesaque e Abede-Nego responderam e disseram ao rei: Ó rei Nabucodonosor, não estamos ansiosos quanto a essa palavra, o que devemos te responder.

16 Responderunt Sadrach, Mesach, et Abednego, et dixerunt regi; Nebuchadnezer, non sumus soliciti super hoc sermone, quid respondeamus tibi.

17 Olha! o nosso Deus, a quem servimos, é poderoso para livrar-nos da fornalha de fogo ardente, e ele nos resgatará de tua mão, ó rei.

17 Ecce est Deus noster, quem nos colimus, potens, *id est*, *potest*, liberare nos e fornace ignis ardentis, et e manu tua, rex eruet.

18 E se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, e nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste.

18 Et si non, notum sit tibi, O rex, quod deos tuos nos non colimus, et imaginem auream quam erexisti, non adorabimus.

O essencial a considerar nesta história é que esses três homens santos permaneceram firmes e corajosos no temor do Senhor ainda quando sabiam que corriam risco de morte instantâneo. A morte se achava diante de seus olhos, e ainda assim não

se desviaram do curso certo, mas colocaram a glória de Deus acima de suas próprias vidas – ou, melhor, acima de centenas de vidas, caso fosse preciso tantas e isso estivesse ao seu alcance. Daniel não relata todas as suas palavras, mas nos dá apenas um pequeno resumo. Mesmo assim, o que temos reflete mui claramente o poder invencível do Espírito Santo com que estavam armados. De fato, foi uma ameaça amedrontadora, quando o rei disse: **Se não estiverdes preparados, ao som da trombeta, a vos prostrardes diante da estátua, será o vosso fim e imediatamente sereis lançados numa fornalha de fogo ardente.** Quando assim o rei vociferou, como humanos que eram, poderiam muito bem haver perdido a coragem. Pois sabemos o quanto a vida nos é preciosa e que tipo de horror nos invade a mente quando pensamos na morte. No entanto, Daniel recapitula todos esses detalhes para que saibamos que, quando os servos de Deus são guiados pelo Espírito, eles possuem inexpugnável fortaleza para não se renderem às ameaças nem recuarem diante de nenhum terror.

Então respondem ao rei: "Não há necessidade de uma longa deliberação". Pois ao dizer que não se sentem ansiosos, sua intenção é mostrar que a questão já foi resolvida. Assim também como naquela memorável frase de Cipriano registrada por Agostinho,[125] quando os aduladores tentavam convencê-lo a salvar sua vida (pois o imperador agiu relutantemente quando o condenou à morte); portanto, quando esses aduladores insistiram a que salvasse sua vida pela negação da santidade, ele respondeu que em assunto tão santo não poderia deliberar sobre coisa alguma. E é assim que esses homens santos falam: **Não estamos preocupados** – ou seja, não nos envolveremos numa decisão sobre o que é proveitoso, o que é prudente; absolutamente não. Já decidimos que não nos deixaremos dissuadir da adoração sincera a Deus, por nenhum motivo deste mundo." Se desejarmos ler: "Não é necessário que te respondamos", o significado será o mesmo.

[125] Agostinho, *Sermão* 309:4:6.

Pois revelam que é em vão que o medo da morte seja posto diante deles; porquanto já determinaram, e isso está profundamente arraigado em seus corações, ou seja, que não se esquivarão um palmo sequer da verdadeira e legítima adoração devida a Deus. Além do mais, usam uma dupla razão para rejeitarem a proposta do rei. Dizem que Deus possui suficiente poder e condição para os libertar; e, em segundo lugar, ainda que tenham de morrer, nem assim atribuem tanto valor à vida ao ponto de negar a Deus em troca de seu prolongamento. Eles se declaram prontos a morrer, caso o rei obstinadamente os obrigue a adorar a estátua.

Esta é uma passagem muitíssimo digna de nota. Pois esta primeira resposta precisa ser comentada: quando os homens nos tentam a negar a Deus, que fechemos nossos ouvidos e não demos chance a qualquer deliberação. Porque, enquanto pensamos em discutir se é legítimo ou não desistir desta adoração pura, começamos a injuriar injustamente a Deus, seja qual for nossa razão. Quem dera fosse bem conhecido por todos que a glória de Deus é infinitamente transcendental, tão vital que tudo deve ser posto em seu devido lugar quando há alguma intenção de diminuir ou de obscurecer aquela glória. Entretanto, atualmente a falácia leva muitos a pensarem que é certo pesar em balança, por assim dizer, se não seria preferível desistirmos da verdadeira adoração devida a Deus por algum tempo, caso alguma vantagem se nos apresente do outro lado. Assim como hoje vemos dissimuladores (dos quais o mundo está repleto) apresentando suas justificativas a fim de encobrirem seus crimes, quando ou adoram ídolos com os ímpios ou negam a genuína piedade, ora indiretamente, ora pública e claramente. "Ó que acontecerá?", pergunta aquele que possui alguma posição: "Vejo o quanto posso lucrar se simplesmente fingir um pouquinho e não revelar o que verdadeiramente sou. Pois tanta sinceridade não só feriria a mim, pessoalmente, como também a outros. Se o rei não conta com ninguém para aplacar a sua ira de vez em quando, os perversos estarão cada vez mais livres para conduzi-lo a toda sorte de bar-

baridades. Deve haver alguns intermediários para ouvir e observar o que os maus estão planejando. Então, se não abertamente, pelo menos às ocultas podem evitar o perigo que paira sobre as cabeças dos santos". Quando fazem tais observações, crêem haver agradado a Deus.

Como se Sadraque, Mesaque e Abede-Nego não pudessem encontrar alguma justificativa! Como se não pudessem imaginar: "Ei! Temos algum recurso para ajudar nossos irmãos. Quanta barbaridade e crueldade existiria se os inimigos declarados da religião nos vencessem! Farão tudo a seu alcance para vencer e apagar do mundo nossa nação e a memória da santidade. Não seria melhor se cedêssemos por um período ao edito tirânico e violento do rei em vez de deixar a posição vacante para que homens furiosos a ocupem; homens esses que dominarão nossa desditosa nação que já sofre além da medida?" Digo que Sadraque, Mesaque e Abede-Nego poderiam reunir todos esses pretextos e dissimulações para escusarem-se de sua perfídia se, para escaparem do perigo, simplesmente dobrassem seus joelhos diante da imagem de ouro. Ao contrário, não fizeram isso. Por isso, como já disse anteriormente, o direito divino permanece integral quando seu louvor é inabalável e verazmente estabelecido; e uma vez que somos convencidos disso, não há nada que importe tanto ao ponto de tornar lícito e correto qualquer desvio, o mínimo que seja, da confissão que ele nos ordena e nos impõe em sua Palavra. Resumindo: a ausência de preocupação que deve caracterizar os verdadeiros adoradores de Deus se opõe aqui a todos os ardilosos e desonestos planos que tramam os inimigos; que, por amor à vida, perdem a causa dessa vida, como foi expresso pelo poeta pagão.[126] Pois qual é o objetivo de se viver senão para servir à glória de Deus? Todavia, perdemos a razão dessa vida por amor a ela – ou seja, quando o desejo de viver neste mundo é grande demais, não conseguimos visualizar

[126] Juvenal, *Satires* [Sátiras] 8:84.

o propósito dessa vida. Portanto, Daniel estabelece a simplicidade que os filhos de Deus devem seguir contra todas as lógicas que os dissimuladores utilizam para encobrir e dissimular seus crimes.

Dessa maneira, não estamos ansiosos. Por quê? Porque já decidimos que a glória de Deus nos é mais valiosa do que milhares de vidas e do que qualquer outra coisa que nosso senso carnal possa oferecer. Assim, quando esse grande ânimo se agiganta, todos os subterfúgios desaparecem. E também não se preocuparão aqueles que são chamados a enfrentar o perigo em testemunho da verdade. Pois, como já disse antes, seus ouvidos estarão fechados contra todas as tentações de Satanás.

E quando acrescentam que Deus é suficientemente poderoso para livrar-nos; e, se não, ainda assim já estamos preparados para morrer, mostram o que deve elevar nossas mentes acima de todas as tentações – que nossa vida é preciosa para Deus. E ele é poderoso para nos salvar se assim quiser. Já que contamos com suficiente proteção de Deus, cremos que não há melhor forma de salvar nossas vidas senão por meio de uma total submissão à sua proteção e de uma total entrega de nossas preocupações a ele.

Então, observemos na segunda cláusula que, mesmo que o Senhor deseje irradiar sua glória por intermédio de nossa morte, isso constitui um sacrifício legítimo [e agradável]; sacrifício esse que lhe será oferecido. A piedade sincera só florescerá em nós se nossas almas estiverem em suas mãos; isto é, se nossas vidas estiverem sempre prontas a se sacrificar.

Isso, portanto, é o que brevemente me propuz fazer; com a graça de Deus, amanhã explicarei o restante.

Deus Todo-Poderoso, ao vermos os ímpios arrebatados por suas imaginações impuras com tamanha força e enfunados com tanta arrogância, aprendamos a verdadeira humildade e assim nos sujeitemos ao Senhor para que possamos aguardar sempre tua voz e não nos comprometermos com nada

salvo por ordem tua; e também que, quando tivermos aprendido que tipo de adoração te agrada, persistamos nele firmemente até o fim, não movidos de nossos lugares nem desviados de nossos caminhos por perigos, ameaças, violência, mas perseverando na obediência à tua Palavra de modo que possamos provar nosso zelo e submissão; e então, que tu possas nos reconhecer como teus filhos, para que, por fim, nos reunamos naquela herança eternal, a qual tens preparada para todos os membros de Cristo, teu Filho. Amém.

15ª Exposição

Dissemos ontem que a constância de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego se fundamentava em duas coisas: em estarem plenamente convictos de que Deus era o guardador de suas vidas e que seu poder os livraria da morte iminente se assim fosse a vontade dele; e também porque determinaram corajosa e destemidamente que morreriam se Deus quisesse que um sacrifício dessa natureza lhe fosse oferecido. Mas, o que Daniel relata sobre aqueles três também é pertinente a nós. Portanto, é certo inferirmos esta doutrina geral quando o perigo nos ameaça em virtude do testemunho da verdade: em primeiro lugar, que aprendamos que nossas vidas estão nas mãos de Deus; em segundo lugar, que nos preparemos corajosa e destemidamente para encontrar a morte. Quanto ao primeiro ponto, a experiência nos ensina que grande número se afasta de Deus e invalida a confissão de fé, já que não conseguem crer que há em Deus força suficiente para nos livrar. Obviamente, é verdade que todos dirão: "Deus tem cuidado de nós, e nossas vidas estão colocadas em suas mãos e vontade". Raramente, porém, um em cem terá esta afirmação gravada de forma profunda e segura em seu coração. Pois cada um procura uma maneira de preservar sua própria vida, como se Deus não possuísse poder algum. Portanto, quem realmente tira proveito da Palavra de Deus é aquele que aprende que sua vida está sob os cuidados do Senhor e que

sua proteção nos basta. Qualquer um que tenha alcançado esta fase será capaz de enfrentar centenas de riscos, pois não hesitará em marchar para onde tenha sido chamado. A única coisa que nos livrará de todo o temor e apreensão é o fato de Deus poder livrar a seus servos de mil mortes, conforme está escrito nos Salmos: "A ele pertencem os problemas da morte".[127] A morte parece consumir tudo, mas é desse abismo que Deus resgata a quem ele quer. Esta convicção deveria bastar para encher-nos de inabalável e inexpugnável constância.

Entretanto, é indispensável que aqueles que põem o cuidado de suas vidas e sua segurança em Deus estejam certos de sua posição, para que não duvidem de que estão defendendo uma boa causa. E o mesmo também se expressa nas palavras que Sadraque, Mesaque e Abede-Nego proferiram: **Olha, o nosso Deus, a quem servimos.** Ao mencionar o serviço de Deus, declaram que contam com um apoio seguro, visto que não estão agindo precipitadamente, mas, na verdade, são servos do verdadeiro Deus e estão sendo oprimidos por defenderem a santidade. Eis a diferença entre os mártires e os loucos que freqüentemente se mantêm firmes quando simplesmente sofrem o castigo por suas tentativas malucas; tentativas essas com o intuito de virar tudo de cabeça para baixo.[128] (Pois encontramos muitos cujos transtornados procedem de seus excessos.) Se porventura sofrem o castigo, não devem ser contados entre os mártires de Deus. Pois, como declara Agostinho, a *causa* é que faz o mártir, não o castigo.[129] Portanto, há nestas palavras uma significação implícita, quando os três asseveram que servem a Deus; pois dessa forma se gloriam no fato de estarem enfrentando o perigo que vêem diante de si, não precipitadamente, mas por amor do verdadeiro louvor de Deus.

[127] Mg., Sl 68.21; isto é, 68.20.
[128] A referência é aos anabatistas.
[129] Agostinho. *Contra Cresconius* 3:47:51, e sempre.

Chegamos agora ao segundo ponto: **Se não for da vontade de Deus nos resgatar da morte, fica sabendo, ó rei, que não serviremos os teus deuses.** Primeiramente, disse que, se devemos apresentar-nos dispostos e firmes para enfrentarmos alguma disputa, nossa vida deve estar comprometida com Deus, pois o certo é sujeitarmo-nos à sua vontade, estarmos confiados em suas mãos e abrigar-nos em sua proteção. Além disso, não nos deve atrapalhar o anseio por esta vida terrena e tão passageira, impedindo-nos de professar a divina verdade franca e alegremente. A glória de Deus deve ser-nos mais preciosa do que centenas de vidas. Não podemos ser testemunhas do Senhor se não pusermos de lado todo o nosso anseio pela vida, pelo menos até onde pudermos pôr a glória de Deus em primeiro lugar. Entrementes, precisamos observar que isso não pode ocorrer a menos que sejamos imbuídos da esperança de uma vida melhor. Pois quando a promessa da herança eternal não toma posse de nossos corações, não conseguimos separar-nos do mundo. Pois anelamos por viver, e esse anelo não nos pode ser arrebatado salvo se a fé o dominar. Como diz Paulo: "Não que desejemos ser despidos, mas revestidos".[130] Paulo entende que os homens não conseguem ser alegres e naturalmente deixar-se levar pelo anseio de uma separação do mundo, a não ser que, como eu disse, a fé seja vitoriosa. Todavia, ao entendermos que nossa herança está nos céus e que somos peregrinos na terra, então nos despiremos daquele apego pela vida terrena a que nos entregamos de forma tão ansiosa. Assim, existem duas coisas que preparam os filhos de Deus para o martírio, de sorte que não hesitem em oferecer-se, a si e a suas vidas, a Deus, em sacrifício: se estiverem convencidos de que suas vidas estão guardadas por Deus, e que ele será, com certeza, seu redentor, se assim lhe aprouver; em segundo lugar, quando se erguerem acima do mundo e aspirarem, com esperança, pela vida eternal e celestial, de modo que se prontifiquem a renunciar o mundo.

[130] Mg., 2Co 5.4.

E há que observar-se grande coragem nas palavras: **Fica sabendo, ó rei, que não serviremos aos teus deuses nem adoraremos a estátua que levantaste.** Porquanto aqui acusam indiretamente o rei por falar muito sobre si mesmo, quando deseja que a religião se erga ou caia de acordo com sua vontade. "Tu levantaste uma estátua – entretanto, sua autoridade é destituída de importância, porque sabemos ser uma ficção o deus que desejas seja adorado sob a estátua. O Deus a quem servimos se nos revelou. Por isso sabemos que ele é o criador dos céus e da terra; ele resgatou do Egito a nossos pais; também foi de sua vontade fôssemos punidos quando nos trouxe para o exílio. Portanto, visto que possuímos uma grande prova de fé, não nos importamos nem um pouco, nem com teus deuses nem com teu poder."

E prossegue:

19 Então Nabucodonosor foi dominado pela fúria, e o aspecto de seu rosto transformou-se contra Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, e então ordenou que a fornalha fosse aquecida sete vezes mais do que de costume.

20 E ordenou a homens destacados por sua força que estavam sob sua guarda, que atassem a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego e os lançassem na fornalha de fogo ardente.

19 Tunc Nebuchadnezer repletus fuit iracundia, et forma facici ejus mutata fuit erga Sadrach, Mesach, et Abednego: loquutus est, jussit, *vel*, *edixit*, accendi fornacem uno septies, *hoc est*, *septuplo*, magis quam solebat accendi.

20 Et viris præstantibus robore, *vel*, *robustis virtude*, qui erant in ejus satellitio mandavit ut vincirent Sadrach, Mesach, et Abednego, ut projicerent *illos* in fornacem ignis ardentis.

À primeira vista, aqui parece que Deus está abandonando a seus servos, visto que não os socorre prontamente. O rei ordena que sejam lançados na fornalha de fogo. Nenhuma ajuda aparece dos céus. Portanto, esta foi uma prova intensa e extremamente real de sua fé. Entretanto, como já vimos, eles já haviam sido treinados para suportar qualquer coisa. Pois responderam tão corajosamente não simplesmente porque tinham certeza de que Deus os socorreria aqui e agora, mas porque haviam decidido enfrentar a morte. Porquanto uma vida superior se assenhoreou de suas mentes de tal maneira que voluntariamente desistiram da presente. Por essa razão é que não estavam aterrorizados pela

temível ordem do rei, mas mantiveram-se em seu curso – ou seja, em suportar a morte intrepidamente pelo serviço de Deus. Não havia nenhum terceiro caminho aberto para eles quando lhes foi dada a escolha: ou se lançariam nos braços da morte ou renunciariam o serviço do único e verdadeiro Deus.

Por meio desse exemplo, somos ensinados a meditar a respeito da vida imortal e praticar sua verdade enquanto ainda temos tempo, para que, se parecer bem ao Senhor, não hesitemos em renunciar nossas vidas pela confissão da verdade. Porque somos por demais timoratos. Portanto, quando isso se torna realidade, somos dominados pelo medo e pelo impacto – simplesmente porque, quando não somos acossados por nenhum perigo, inventamos para nós mesmos uma proteção fútil. Portanto, enquanto somos agraciados com o tempo, que apliquemos nossas mentes à meditação sobre a vida futura, para que possamos considerar o mundo como uma nulidade e, na medida que houver necessidade, estejamos preparados para derramar nosso sangue em testemunho da verdade. Porque esta história nos é contada, não só para que vaidosamente anunciemos, estimemos e admiremos a virtude de três santos, senão que sua constância é posta diante de nós como um exemplo a ser imitado.

Quanto ao rei Nabucodonosor, Daniel mostra uma vez mais, como num espelho, quão grande é o orgulho dos reis e quão arrogantes são quando não vêem um costume sendo praticado a seu bel-prazer. Com certeza, uma mente férrea teria se derretido como efeito de tal resposta, ao ouvir o que ouvimos, a saber, que Sadraque, Mesaque e Abede-Nego confiaram suas vidas à mão divina, quando o rei ouviu que não podiam ser demovidos de sua fé pelo medo da morte. No entanto, ele está meramente dominado pela ira. Quanto à sua fúria, devemos considerar o quanto Satanás é eficiente quando possui e usa os homens. Não há moderação alguma neles, mesmo que anteriormente hajam mostrado um vislumbre de virtude bela e extraordinária. Nabucodonosor fora dotado de muitas virtudes, como já vimos. Mas

quando o diabo se punha a perturbar-lhe a mente, nele nada podia ser visto senão selvageria e barbárie.

Entrementes, lembremo-nos também de que nossa constância é agradável a Deus mesmo quando não seja imediatamente frutífera aos olhos do mundo. Muitos procuram satisfazer seus prazeres porque acreditam que seriam precipitados na morte inutilmente, caso se denunciassem. E muitos se escusam por não lutar mais destemidamente pela glória de Deus, a pretexto de que isso seria escarnecer do serviço e sua morte seria infrutífera. Todavia, lemos o que Cristo declara,[131] que se morrermos pelo testemunho da doutrina celestial, tal ato constitui um sacrifício agradável a Deus, mesmo que a geração perante a qual damos testemunho do nome de Deus seja adúltera e perversa, e até mesmo empedernida contra nossa perseverança.

Tal exemplo é posto diante de nós, provindo desses três homens santos. Apesar de Nabucodonosor enfurecer-se ainda mais ante sua confissão pública, todavia tal franqueza foi agradável a Deus. Nem tinham eles motivo algum para sentir-se arrependidos, mesmo que não vissem, tal como desejavam, o fruto de sua perseverança.

O profeta também traz a lume uma circunstância que demonstra a fúria real: ordenou que a fornalha fosse aquecida sete vezes mais do que o comum; também: dentre seus guardas encarregou seis dos mais fortes para atarem os homens santos e os lançassem na fornalha de fogo. Contudo, em virtude do resultado imediato, torna-se evidente que tudo isso não foi feito senão pela ação secreta de Deus. O diabo também poderia obscurecer o milagre para que toda a dúvida não fosse removida. Entretanto, o fato de o rei ordenar que a fornalha fosse aquecida sete vezes mais do que o normal e escolher os guardas mais fortes, tornando-os responsáveis pela execução, prova que Deus, ao livrar seus servos, já havia removido de antemão toda e qual-

[131] Mg., Mt 5.11; 10.32; Mc 8.38.

quer dúvida; de sorte que da escuridão uma luz ainda mais clara brilha, ante a tentativa satânica de obscurecê-la. Portanto, Deus está habituado a frustrar os ímpios; e quanto mais astuciosamente atacam sua glória, mais ele irradia sua glória e sua doutrina. Por isso aqui, como numa imagem, Daniel descreve o rei Nabucodonosor nada omitindo quando desejou imbuir de medo a todos os judeus por meio de um castigo extremamente cruel. E contudo seus planos de nada serviram, salvo para revelar ainda mais claramente o poder e a graça de Deus em prol de seus servos.

Então prossegue:

21 Então aqueles homens foram presos com seus mantos, seus turbantes e suas túnicas; e foram lançados na fornalha de fogo ardente.

21 Tunc viri illi vincti sunt, *vel*, *ligati*, in suis chlamydibus, et cum tiaris suis: in vestitu suo: et projecti sunt in fornacem ignis ardentis.

22 Visto ser a ordem do rei urgente e haver ele ordenado que a fornalha fosse excessivamente aquecida, os homens que estavam levantando Sadraque, Mesaque e Abede-Nego foram mortos pelas cinzas quentes do fogo.

22 Propterea quod urgebat, *vel*, *festinabat*, *ad verbum*, præceptum regis, et fornacem vehementer jusserat accendi, viros illos qui extulerant Sadrach, Mesach, et Abednego occidit favilla, *alii vertunt flammam*, ignis.

23 E estes três homens, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, caíram atados no meio do fogo da fornalha.

23 Et viri illi tres Sadrach, Mesach, et Abednego ceciderant in medium fornacis ignis, ardentis vincti.

Aqui Daniel relata o milagre pelo qual Deus resgatou seus servos. No entanto, há duas partes no milagre: esses três homens santos caminhavam em segurança no meio do fogo; porém a chama ou as cinzas quentes consumiram os guardas que os haviam lançado dentro da fornalha. O profeta cuidadosamente registra as coisas que demonstraram o poder de Deus. Diz ele: já que a **ordem do rei era urgente** (isto é, já que o rei tão furiosamente ordenou que a fornalha fosse superaquecida) aqueles homens que cumpriram a execução foram tragados pelas cinzas quentes do fogo. Porque no décimo oitavo capítulo do livro de Jó, שביבא, *sebiba*, é tomada como "cinzas quentes", ou "centelhas", ou "calor extremo". O sentido do profeta não é de forma alguma obscuro; o calor excessivo devorou e consumiu os fortes guardas, mas Sadra-

que, Mesaque e Abede-Nego caminhavam por sobre os carvões abrasantes, no fogo e nas chamas. Não estavam simplesmente à beira do fogo. É como se o profeta dissesse que os guardas reais foram mortos simplesmente pelo vapor, enquanto que o fogo não exercceu efeito algum sobre os santos servos de Deus.

Ele afirma então que estes **três homens caíram dentro da fornalha de fogo**. Ao dizer que *caíram*, sem dúvida não podiam socorrer a si próprios nem recorrer a qualquer forma de escape. Então ele acrescenta, *caíram atados*. Portanto, teriam sido, naturalmente, sufocados no impacto com o fogo, e imediatamente queimados. Todavia, permaneceram intactos e, quando se viram desatados, caminharam dentro da fornalha. E assim vemos tão grande manifestação do poder de Deus, a qual o diabo jamais poderia obscurecer com suas invenções. Em meio ao calor extremo, as cinzas do fogo, as centelhas devorando os guardas, Deus assim confirma que tudo era resultado de sua mão. Conseqüentemente, o propósito da história consiste em que os três homens santos foram salvos milagrosa e inesperadamente.

Este exemplo é posto diante de nós para que aprendamos que nada é mais seguro do que tomar a Deus como guardião e defensor de nossas vidas. Ainda assim, não devemos positivamente esperar que sejamos preservados do perigo, pois notamos que esses homens santos determinaram duas coisas: esperavam pela libertação divina se com isso houvesse proveito, mas também não hesitaram em defrontar-se com a morte, destemidamente, submissos à vontade de Deus. Mesmo assim, ainda devemos deduzir desta história que Deus é suficiente protetor se porventura quiser prolongar nossas vidas. E sabemos que nossas vidas são-lhe preciosas. Portanto, é uma escolha sua resgatar-nos do perigo ou conduzir-nos a uma vida melhor, em consonância com seu beneplácito. Em Pedro temos um exemplo de ambas as coisas.[132] Pedro uma vez foi tirado da prisão quando devia ser

[132] Atos 12.3-19.

executado no dia seguinte. Naquele momento, Deus mostrou que velava pela vida de seu servo. Por fim, Pedro sofreu a morte; então não houve qualquer milagre. Por quê? Porque ele concluíra o curso de sua vocação. Sempre que for oportuno, Deus usará seu poder e nos salvará; contudo, se ele nos levar à morte, decidamos em nossos corações que não nos há nada melhor do que morrermos, e que é prejudicial o prolongamento de nossas vidas. Este, pois, é o resumo do ensinamento que deduzimos desta história.

Então ele prossegue:

24 Então o rei Nabucodonosor tremeu muito e levantou-se apressadamente; falou e disse aos seus conselheiros: Não lançamos nós três homens atados dentro do fogo? Responderam e disseram ao rei, É verdade, ó rei.

25 Tornou ele e disse, Vejo, porém, quatro homens soltos, andando pelo fogo, e estão a salvo; e o rosto do quarto é semelhante a um filho de Deus.

24 Tunc Nebuchadnezer rex contremuit, et surrexit in festinatione, *celeriter*: loquutus est, et dixit consiliariis suis: An non viros tres projecimus in fornacem ligatos? *vinctus*? Responderunt, et dixerunt regi, Vere, rex.

25 Respondit, et dixit, Atqui ego video viros quatuor solutos, ambulantes in igne, et nulla noxa in ipsis est: et facies quarti similis est filio Dei.

Aqui Daniel relata que o poder de Deus manifestou-se aos homens gentios – tanto ao rei quanto aos seus bajuladores que haviam planejado a morte dos santos homens. Portanto, diz ele que o **rei tremeu muito** diante do milagre. Deus geralmente força os ímpios a reconhecerem seu poder. Ainda quando estarrecidos e endurecidos em todos os seus sentidos, contudo, querendo ou não, são forçados a sentir o poder de Deus. Daniel mostra que isso aconteceu ao rei Nabucodonosor.

Afirma ele: **Ele tremeu muito e levantou-se rapidamente, e falou aos seus companheiros: Não lançamos nós na fornalha três homens atados?** Quando responderam: "É verdade", não há dúvida de que Nabucodonosor foi tomado por inspiração divina (ou seja, por um instinto secreto vindo de Deus) a questionar seus companheiros; por certo também que a confissão lhes foi arrancada à força. Porquanto Nabucodonosor poderia ter ido

à fornalha imediatamente, Deus, porém, queria provocar essa confissão, arrancá-la de seus inimigos de tal modo que, juntamente com o rei, confessassem que Sadraque, Mesaque e Abede-Nego foram resgatados, não por meios terrenos, mas pelo maravilhoso e insólito poder de Deus. Portanto, observemos que estes homens ímpios foram testemunhas do poder divino, não espontaneamente, mas porque Deus pôs essa pergunta nos lábios do rei, e também porque não permitiu que escapassem ou se ocultassem; tiveram que confessar que era verdade.

E Nabucodonosor diz que quatro homens caminhavam pelo fogo, e o rosto do quarto era semelhante a um filho de Deus. Aqui não há dúvida de que Deus enviou um de seus anjos para encorajar os santos homens com sua presença, a fim de que não recuassem. Pois representava uma cena temível ver a fornalha ardendo daquela maneira e sendo eles lançados para dentro dela. Deus, portanto, desejava aliviar sua angústia com esse conforto e acalmar sua aflição enviando-lhes um anjo para ser seu companheiro. Sabemos que às vezes muitos anjos são enviados em defesa de um homem, conforme lemos sobre Eliseu.[133] E é uma regra geral: "Ele deu aos seus anjos ordens a teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos".[134] Novamente: "Os anjos acampam-se ao redor daqueles que temem a Deus".[135] Isso foi especialmente veraz no tocante a Cristo, mas estende-se a todo o corpo da Igreja e a cada membro individualmente. Deus então tem seus exércitos em prontidão para manter seu povo em segurança. Mas lemos também que, com freqüência, um anjo é enviado a toda uma nação. Deus não carece de anjos quando utiliza suas ações; mas é por esse meio que ele nos ajuda em nossa fraqueza. Com freqüência deixamos de magnificar seu poder como devíamos, e então ele manda seus anjos para, como dissemos, corrigir nossas dúvidas.

[133] Mg., 2Rs 6.15.
[134] Mg., Sl 91.11.
[135] Mg., Sl 34.8; isto é, 34.7.

Um anjo foi enviado a esses três homens. Quando Nabucodonosor o chama de "filho de Deus", não estava pensando que o mesmo fosse Cristo. Entretanto, sabemos ser uma crença comum entre todas as nações que os anjos eram filhos de Deus, porque algo de divindade resplandecia neles. Assim, indiscriminadamente chamavam qualquer anjo de "filho de Deus". É de acordo com esse costume popular que Nabucodonosor afirma que o quarto é semelhante a filho de Deus. Pois ele, estando cego por tantos e depravados erros (como vimos anteriormente), não conseguiu reconhecer o unigênito Filho de Deus. Se alguém disser que esse foi um exemplo de inspiração divina, tal afirmação seria fraca e forçada. Que a simplicidade nos satisfaça, ou seja, que o rei Nabucodonosor estava falando em linguagem popular, dizendo que um dos anjos fora enviado àqueles três homens porque, como já disse, os anjos, naquela época, eram chamados "filhos de Deus". As Escrituras falam nesses termos,[136] mas Deus nunca permitiu que o mundo fosse tão esmagado ao ponto de não restar nenhuma semente de sã doutrina, pelo menos como testemunho aos gentios – isto é, para torná-los ainda mais indesculpáveis, como trataremos mais plenamente na próxima preleção.

Deus Todo-Poderoso, já que nossas vidas não passam de um momento, um mero nada e uma névoa, permite que aprendamos a lançar todos os nossos cuidados sobre ti e de tal maneira dependermos do Senhor, que não duvidemos de que, quando for para nosso bem, o Senhor será nosso Libertador de todos os perigos que nos ameacem. Então, que também aprendamos a desprezar e ser indiferentes em relação às nossas vidas, especialmente em prol do testemunho de tua glória, para que estejamos prontos a partir assim que o Senhor nos chamar deste mundo. E que a esperança da vida

[136] Mg., Sl 89.7 etc.

eterna esteja tão arraigada em nossos corações, que possamos voluntariamente deixar o mundo e aspirar com toda nossa mente a bendita eternidade, a qual tu testificas por meio do evangelho, a qual está preparada para nós nos céus e a qual teu Unigénito Filho conquistou para nós pelo seu próprio sangue. Amém.

16ª Exposição

26 Então Nabucodonosor aproximou-se da entrada da fornalha de fogo ardente. Ele falou e disse: Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, servos do Deus Altíssimo, saí e vinde! Então Sadraque, Mesaque e Abede-Nego saíram do meio do fogo.

26 Tunc accessit Nebuchadnezer ad ostium fornacis ignis ardentis: loquutus est et dixit, Sadrach, Mesach, et Abednego servi Dei excelsi, egredimini, et venite. Tunc egressi sunt Sadrach, Mesach, et Abednego e medio ignis.

Aqui se descreve uma mudança súbita num rei não menos orgulhoso do que cruel. Vimos anteriormente quão audaciosamente ele ordenou a ímpia adoração aos servos de Deus, e quando viu que não obedeceram sua ordem, enfureceu-se sobremaneira contra eles. Então Daniel declara que em pouco tempo seu orgulho foi controlado e sua crueldade aplacada. No entanto, devemos observar que o rei não estava tão mudado ao ponto de desvencilhar-se imediatamente de seu caráter e suas tortuosas veredas. Afetado pelo repentino milagre, ele naturalmente deu glória a Deus, mas não passou de uma reação momentânea; ele não se converteu. Exemplos desse tipo deveriam ser cuidadosamente analisados, pois muitos medem o caráter de uma pessoa à luz de uma só ação. Contudo, os piores zombadores de Deus podem sujeitar-se-lhe temporariamente, e não dissimuladamente a fim de serem vistos pelos homens, mas com uma disposição sincera. Pois é Deus quem os compele por seu poder; eles, porém, ainda conservam seu orgulho e sua indisciplina íntimos. Tal foi a conversão do rei Nabucodonosor. Estupefato pelo milagre,

não pôde resistir a Deus por mais tempo. Mas isso não durou, como veremos um pouco mais adiante.

E então percebemos que os ímpios, os quais não são realmente regenerados pelo Espírito de Deus, são freqüentemente compelidos a adorar a Deus, porém apenas parcialmente; esse enaltecimento não permanece uma essência uniforme ao longo de todo o curso de sua vida. Quando, porém, Deus regenera os seus, concomitantemente assume seu governo neles até o fim, e os anima à perseverança, fortalecendo-os através de seu Espírito. Mesmo assim, devemos notar que Deus é glorificado por essa conversão temporária e evanescente dos réprobos, porque, quer queiram quer não, eles o reconhecem pelo menos por um instante. E por esse meio seu grande poder se faz notório. Portanto, Deus adequa para sua glória aquilo que não traz lucros aos réprobos, senão que, ao contrário, os conduz a um juízo mais sério. Nabucodonosor, ao reconhecer o Deus de Israel como o Supremo e único Deus, tornou-se menos desculpável. Logo depois, subitamente voltou às suas superstições.

O texto diz, portanto, que **ele aproximou-se da entrada da fornalha e assim falou: Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, servos do Deus Altíssimo, saí e vinde.** Um pouco antes, ordenava que sua estátua fosse adorada e proclamada como a suprema divindade nos céus e na terra – simplesmente porque essa era sua vontade. Nós o vimos reivindicar tanto para si, ao ponto de sujeitar a religião e a adoração pertencentes a Deus a seu arbítrio, ou, melhor, permissão. Agora, porém, como se fosse um novo homem, chama Sadraque, Mesaque e Abede-Nego "servos do Deus Altíssimo". Em que categoria isso colocava a ele e a todos os caldeus? Simplesmente na categoria daqueles que adoram os deuses e ídolos fictícios, os quais inventa para si próprios. Deus, porém, arrancou esta frase do cruel e orgulhoso rei, da mesma maneira que os criminosos, quando forçados pela tortura, dizem o que não querem. Portanto, Nabucodonosor confessou que o **Deus de Israel é o Deus Altíssimo**, como se houvera

sofrido torturas, e não espontaneamente, quando somos impelidos por um estado de espírito livre. Ele não estava dissimulando aos olhos dos homens, como disse; sua mente, porém, não era nem pura nem equilibrada; ele falava efusivamente só em decorrência desse impulso parcial. Também devemos acrescentar que esse foi um impulso impetuoso, não voluntário.

Depois disso, Daniel relata que seus amigos **saíram do meio** do fogo. Com essas palavras, ele uma vez mais traz a lume o milagre. Pois Deus poderia ter extinguido o fogo da fornalha. No entanto, ele queria que o fogo ardesse à vista de todos para que o poder da liberação fosse ainda mais realçado.

E devemos notar que *os três homens caminhavam dentro da fornalha* antes de o rei ordenar que saíssem, porquanto Deus não lhes dera ainda nenhuma ordem. Percebiam que permaneceram sãos e salvos no meio da fornalha; sentiam-se felizes com a presente benção de Deus e não se dispunham a sair até que fossem convocados pela voz real. Assim como Noé quando estava na arca e viu que sua segurança estava na arca, e nada fez até que lhe fosse ordenado sair.[137] Semelhantemente, Daniel esclarece que seus amigos não deixaram a fornalha até que o rei assim ordenou. Então, enfim compreenderam que o que ouviam da boca do rei era a vontade de Deus – não que fosse ele um profeta ou mestre, mas porque haviam sido jogados dentro da fornalha por sua ordem. Portanto, quando ele os chama para fora, sabem que seu sacrifício se consumou e então passam, por assim dizer, da morte para a vida.

E prossegue:

27 E os sátrapas, príncipes, governadores e conselheiros do rei se ajuntaram para olhar aqueles homens, que o fogo não teve poder sobre os seus corpos, e os cabelos de suas cabeças não

27 Et congregati sunt satrapæ, duces, præfecti, et consiliarii regis ad conspiciendos viros illos, quod non dominatus esset ignis corporibus eorum, et pilus capitis eorum non adustus esset,

[137] Mg., Gn 8.16; isto é, 8.13-18.

estavam chamuscados e suas vestes não estavam mudadas e o cheiro de fogo não os alcançara.

et vestibus eorum non esset mutatus, et odor ignis non pervasisset, *vel*, *non penetrasset*, ad eos.

Então Daniel relata que os sátrapas, os príncipes, governadores e conselheiros do rei se reuniram. O vocábulo 'reunir' ou 'ajuntar' é equivalente a 'conferenciar'. Portanto, com um assunto de tamanha importância para discutir, eles se reuniram. E esse detalhe também fortalece o milagre. Pois se eles se sentissem estupefatos por ele, qual seria o valor de se colocar esse poder, esse grande poder de Deus, diante dos olhos de cegos? Deus os atinge com assombro, mas não ao ponto de ficarem completamente atordoados. Isso é o que Daniel quer dizer quando afirma que *eles estavam reunidos*. Após haverem discutido o assunto entre si, ele diz que se reuniram para verificar essa manifestação do incrível poder de Deus.

Ele enumera muitos detalhes que mostram mais claramente que aqueles três homens foram salvos por um meio que outro não era senão uma *bênção* singular de Deus. Porque diz que o fogo não teve poder sobre seus corpos; depois, que os cabelos de suas cabeças não estavam chamuscados; em terceiro lugar, que suas vestes não estavam alteradas; e, finalmente, o cheiro do fogo não os havia penetrado ou, "em suas roupas". Pois ele expressa mais através desta palavra, *'cheiro'*, do que se simplesmente dissesse que "o fogo não havia penetrado". Porque poderia ocorrer de o fogo não consumir um corpo, mas ainda chamuscá-lo ou sapecá-lo. Quando, porém, nem mesmo o cheiro de queimado atinge o corpo, o milagre se torna ainda mais evidente. Portanto, agora compreendemos a intenção do profeta. Em suma, ele relata que a razão por que essa bênção de livramento era tão clara quanto o cristal, não em virtude de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego haverem saído em segurança da fornalha, mas porque os sátrapas, governadores e príncipes foram testemunhas do poder de Deus. E seu testemunho poderia ter sido de maior valor se todos os judeus tivessem sido especta-

dores dessa graça divina, pois não teria sido afiançado[138] por eles. Todavia, já que era certo que estes representavam os inimigos confessos da verdadeira santidade, seguramente teriam escondido o milagre se tal coisa estivesse em seu poder. Entretanto, Deus os arrasta involuntariamente, forçando-os a ser testemunhas oculares, forçando-os a confessar o que não podia ser admitido com um mínimo resquício de dúvida.

Então prossegue:

28 Nabucodonosor falou e disse: Bendito seja o Deus destes homens, a saber, de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que enviou seu anjo e resgatou seus servos, que confiaram nele e mudaram a palavra do rei e entregaram seus corpos em vez de servirem ou adorarem todos os deuses e não ao seu próprio Deus.

28 Loquutus est Nebuchadnezer, et dixit, Benedictus Deus ipsorum, nempe Sadrach, Mesach, et Abednego, qui misit angelum suum, et eripuit, *servavit*, servos suos, qui confisi sunt in ipso, et verbum regis mutarunt, et tradiderunt corpora sua, ne colerent, vel adorarent omnem deum, præter Deum suum.

Tal confissão não era uma natureza ordinária. À luz do resultado final, fica em evidência que o rei Nabucodonosor fora levado por um impulso súbito e que não havia em seu coração nenhuma raiz viva de temor do Senhor. Repito isso para que possamos saber que o arrependimento não está situado num ou noutro ato, mas exclusivamente na perseverança, de acordo com a afirmação de Paulo: "Se vivemos pelo Espírito, também andemos no Espírito".[139] Ali ele ordena que os crentes sejam constantes em comprovar que são verdadeiramente regenerados pelo Espírito de Deus. Portanto, Nabucodonosor, como que arrebatado pelo entusiasmo, celebrou o Deus de Israel; contudo, ainda misturava com seus ídolos o verdadeiro Deus. Por isso, não havia nele a menor sombra de sinceridade. Os ímpios não ousam levantar-se contra Deus com maior ousadia quando sentem seu poder, mas esforçam-se por aplacá-lo através de alguma penitência de sua invenção, sem se desfazerem de seu mau caráter.

[138] Ou, 'crido' (*neque enim creditum fuisset Iudaeis*).
[139] Mg., Gl 5.25.

Fica bem evidente que Nabucodonosor nunca deixou de ser ele mesmo, salvo quando Deus arrancou dele esta confissão: **Bendito**, disse ele, seja o **Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego**. Por que não o chamou de *meu Deus*? Isso poderia ser justificado se ele houvesse se rendido genuinamente ao Deus de Israel e renunciado suas superstições passadas. Mas não foi isso que ele fez. Por isso, sua confissão era fictícia. Não que ele desejasse obter graça ou favor perante os homens, como já afirmei; entretanto, ele enganou a si próprio, da mesma forma que os hipócritas costumam fazer. Ele declara que o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego é *bendito*. Se isso fosse dito sinceramente, ele teria, ao mesmo tempo, amaldiçoado seus ídolos, pois a glória do único e verdadeiro Deus não pode ser exaltada sem que todos os ídolos sejam reduzidos a nada. Pois, no que está fundamentado o louvor pertencente a Deus senão em ser ele exaltado acima de todos os outros? Se algum outro se lhe opõe como se fosse deus, sua majestade é como se fosse sepultada em profunda escuridão. Desse fato podemos inferir que Nabucodonosor, ao bendizer o Deus de Israel, não foi impactado por genuíno arrependimento.

Ele acrescenta **que enviou seu anjo e resgatou seus servos**. Aqui Daniel mostra mais claramente que Nabucodonosor não havia se convertido de forma tal que abraçasse o Deus de Israel e realmente o adorasse de todo seu coração. Por quê? Porque a piedade está sempre fundamentada no conhecimento do verdadeiro Deus; e isso requer ensino. Nabucodonosor sabia que o Deus de Israel era o Deus Altíssimo. Como? Simplesmente com base na manifestação de seu poder. Pois ele o viu com seus próprios olhos; por isso não podia fechar os olhos mesmo se quisesse. E, portanto, confessa que o Deus de Israel é o Deus Altíssimo somente porque um milagre assim o impele. Entretanto, como já disse, isso não é o suficiente para uma piedade genuína se o ensino não lhe for acrescido – ou, melhor, for colocado em primeiro lugar. Confesso, é evidente, que os homens

não se dispõem a crer [genuinamente] através de milagres. Contudo, se milagres comprovados são vistos à parte do conhecimento oriundo diretamente da Palavra de Deus, tal fé será transitória e sem raízes. E isso é ilustrado de maneira bastante clara pelo exemplo posto diante de nós. Vemos, pois, no rei Nabucodonosor uma fé meramente parcial, pois ele focalizou toda sua atenção no milagre e contentou-se com um mero espetáculo sem perguntar quem era o Deus de Israel e no que consistia sua lei. Nem interessou-se por um mediador. Em suma, ele desprezou toda a essência da piedade e agarrou-se precipitada e unicamente a uma parte.

Exemplos disso vemos diariamente em muitos homens irreligiosos. Deus freqüentemente os humilha para que corram para ele em busca de auxílio. Todavia, suas mentes ainda permanecem emaranhadas, e não renunciam suas superstições nem preocupam-se em saber o que vem a ser o verdadeiro serviço de Deus. Para que nossa obediência seja aprovada por Deus, é preciso que nos apeguemos ao princípio de que nada lhe agrada senão a fé [que vem dele mesmo].[140] No entanto, a fé não pode originar-se de qualquer milagre, de qualquer senso do poder divino. Ela também necessita de instrução. Os milagres servem apenas como preparação ou como confirmação da santidade; eles não podem, por si mesmos, conduzir os homens ao verdadeiro serviço de Deus.

É surpreendente que um rei pagão diga: **um anjo fora enviado por Deus**. Mas também é suficientemente claro, à luz dos escritos de autores profanos, que sempre se conheceu algo acerca dos anjos. Isso era, por assim dizer, uma prolepse, algo como uma convicção antecipada. Assim como todas as nações se convenceram da existência de uma divindade, assim também havia algum traço, ainda que obscuro, de uma crença em anjos. E quando um pouco antes Daniel diz que o quarto indivíduo dentro da fornalha foi chamado pelo rei babilônio de "filho de Deus", en-

[140] Mg., Rm 14.23.

tão, como expliquei, Nabucodonosor declarava que tinha alguma idéia acerca dos anjos. Agora afirma mais expressamente que "Deus enviou seu anjo". Que os anjos trazem socorro aos crentes eleitos já foi mencionado em termos breves – e não é de meu feitio demorar desnecessariamente em pontos de doutrina. É bastante dizer, no que respeita à presente em pauta, que até os ímpios, que não costumam aprender nada sobre Deus, muito menos sobre a santidade, se deixam imbuir do princípio de que Deus costuma empregar as atividades dos anjos em socorro de seus servos. Por essa razão Nabucodonosor ora afirma que *um anjo fora enviado por Deus para resgatar seus servos.*

Agora ele acrescenta que confiaram nele, o que também é digno de nota, pois reitera a razão por que esses três homens foram tão maravilhosamente salvos – porque depositaram sua esperança em Deus. A despeito de Nabucodonosor ser quase como a madeira ou a pedra no que diz respeito à instrução da fé, Deus ainda quis, por meio dessa pedra, por esse pedaço de madeira, nos instruir e nos deixar envergonhados e nos acusar do pecado da incredulidade, já que não conseguimos entregar nossas vidas à sua vontade e corajosamente enfrentar perigos todas as vezes que isso se faz necessário. Porque, se nos convencêssemos de que Deus é o guardião de nossas vidas, asseguradamente nenhuma ameaça, nenhum terror, nenhuma morte nos impediria de continuarmos em nossos deveres. Entretanto, falta de confiança é causa de covardia; e todas as vezes que nos afastamos do reto caminho, todas as vezes que defraudamos a Deus de sua honra, todas as vezes que solertemente nos revelamos negligentes, nossa incredulidade se manifesta e se torna quase tangível.

Portanto, se nosso desejo é que nossas vidas sejam protegidas pela mão de Deus, aprendamos a entregar-nos inteiramente a ele. Por certo que ele não trairá nossa esperança, contanto que descansemos nele. Vemos com clareza que o futuro para Sadraque, Mesaque e Abede-Nego era incerto. Ainda assim, tal fato não diminuiu sua esperança e confiança. Eles utilizaram estas duas possi-

bilidades: *ou* Deus nos resgatará da fornalha de fogo, *ou*, se é para morrermos, ele nos salvará de uma maneira ainda mais prodigiosa, levando-nos para seu reino. Embora não ousassem prometer a si o que deles era oculto, ainda assim colocaram suas almas nas mãos guardadoras de Deus. Eles mereceram o elogio que Nabucodonosor lhes fez, dizendo que *confiaram em seu Deus*.

Em seguida ele acrescenta que **mudaram o edito do rei** – ou seja, não o consideraram; ao contrário, o rejeitaram, porque tinham a posse de uma autoridade superior. Pois toda e qualquer pessoa que olha para Deus, facilmente menospreza a todos os mortais e a tudo o que se afigura esplêndido e majestoso no mundo inteiro. E essa seqüência é digna de nota, a saber, onde a confiança é posta como fundamento, e a coragem e constância em que Sadraque, Mesaque e Abede-Nego foram treinados lhe são somadas. Pois todo aquele que descansa no Senhor nunca pode ser demovido de cumprir seus deveres. E a despeito de enfrentar muitos obstáculos, ainda assim está, por assim dizer, sustentado nas alturas pelas asas da confiança. Ora, aquele que sabe que Deus está de seu lado se sente superior ao mundo inteiro, de sorte que os cetros ou diademas dos reis não representarão ameaça alguma nem temor algum. Pelo contrário, ele se erguerá acima de qualquer majestade terrena que porventura encontre e jamais se desviará de seu curso.

Logo em seguida ele acrescenta: **ofereceram seus corpos não ao serviço nem à adoração de algum deus senão de seu próprio Deus**. O que o rei pagão foi forçado a enaltecer nesses três homens, muitos cristãos professos de hoje procuram enfraquecer. Pois concebem uma fé sepultada no coração, não produzindo nenhum fruto de confissão. Algumas pessoas desejam roubar de Deus a honra que lhe é devida; mas, ao mesmo tempo, tentam pôr uma venda em seus olhos, por assim dizer, no caso de ele perceber a injúria que lhe estão fazendo. Não há dúvida de que Deus pretendia que esses detalhes fossem relatados pelo seu profeta para tornar seus embustes ainda mais detestáveis a nossos

olhos. São condenados pela Palavra de Deus; são indignos. Aqui Nabucodonosor é designado como seu mestre, censor e juiz.

E deve-se também observar isso cuidadosamente. Nabucodonosor exalta esses três homens por haverem menosprezado a ordem real de adorar outro deus, e não o seu. Por que, pois, ele misturou o Deus deles com toda uma turba de outros deuses? Porque ele não se afastara de seus erros nem se entregara completamente ao Deus de Israel, abraçando sua verdadeira adoração. Por que louvar em outros o que ele mesmo não praticava? No entanto, isso é muito comum. Pois vemos a virtude louvada e todavia ignorada, como afirma alguém.[141] Porque muitos desejam cumprir seus deveres somente por meio de suas línguas (ou bocas). E embora Nabucodonosor pareça, a seus olhos, estar falando sinceramente, ele não fizera um auto-exame. Não obstante, isso removeu todo e qualquer pretexto para justificativas, pois ele não poderia alegar ignorância e erro quando assegurara, com sua própria boca, que nenhum outro deus deveria ser adorado. Assim, hoje em dia, aqueles que desejam ser conhecidos como cristãos se sentem envergonhados se não se distanciam de todas as superstições ímpias e não se consagram inteiramente a Deus, conservando seu verdadeiro culto. Também deveríamos trazer em nossa lembrança que o rei Nabucodonosor não só enalteceu a constância desses três homens por não terem adorado aquele deus, mas, ao mesmo tempo, também reconheceu que o Deus de Israel era o verdadeiro Deus. À luz desse fato, segue-se que todos os demais eram fictícios e meras invencionices. No entanto, isso foi expresso em vão, pois Deus não adentrara seu coração profundamente, como ele faz ao operar em seus eleitos quando os regenera.

E prossegue:

29 E por mim foi decretado o edito pelo qual todo povo, nação e língua	29 Et a me positum est, *hoc est*, ponitur, edictum, ut omnis populus, natio,

[141] Mg., Juvenal. *Sátira* 1; isto é, 1:74 (*probitas laudatur et alget*).

que trouxer algo contra o Deus destes homens, ou seja, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, será desmembrado em pedaços e sua casa reduzida a latrina. Porque não há outro Deus que possa livrar desta maneira.

et lingua quæ protulerit *aliquid* transversum, contra Deum ipsorum, nempe Sadrach, Mesach, et Abednego, in frusta fiet, et domus ejus *in* latrinam, *vel*, *in sterquilinium*, redigetur: quia non est Deus alius qui possit servare hoc modo.

Aqui Nabucodonosor é empurrado (precisamos utilizar essa palavra) para frente ainda mais. Como já dissemos, ele não abraça sinceramente o serviço do Deus único nem abandona seus erros. Ao publicar esse edito, é como se Deus estivesse empurrando-o violentamente para frente. O edito em si é piedoso e louvável. Já dissemos, porém, que Nabucodonosor foi levado por um impulso cego e selvagem, uma vez que a piedade não havia criado raízes em seu coração. Ele foi sempre obcecado por milagre, e por isso sua fé era de um caráter parcial, e com ela havia um medo confuso de Deus. Por que então Nabucodonosor agora aparenta ser um defensor da glória de Deus? Porque está aterrorizado pelo milagre. Assim, sem nenhum outro impulso ele podia ser mantido firmemente no temor de um único Deus. Em suma, o zelo que mostra não passa de uma disposição de ânimo transitória.

E é oportuno saber isto, pois testemunhamos muitos sendo levados por um impetuoso entusiasmo querendo enaltecer a glória de Deus. Mas uma vez que lhes falta discernimento e bom senso, isso não lhes pode ser creditado. Muitos se desviam ainda mais, como vemos acontecer no papado. Existem muitos editos de reis e príncipes evolando por aí, mas se alguém pergunta por que razão são tão ardentes ao ponto de não poupar nem o sangue humano, alegam que é seu zelo por Deus. Contudo, sem a luz do verdadeiro conhecimento, isso é mera loucura. Devemos, pois, afirmar que nenhuma lei pode ser elaborada, nem qualquer edito promulgado sobre religião e serviço de Deus, nos quais o genuíno conhecimento do Senhor não brilhe. Nesse edito, Nabucodonosor foi totalmente razoável; entretanto, como já disse, o decreto foi apenas o resultado de uma sua parcial disposição de

ânimo. Aqueles que agora desejam ser reconhecidos como príncipes cristãos comportam-se desequilibradamente sob o pretexto de zelo, derramando sangue inocente como bestas selvagens e cruéis. Por quê? Porque não distinguem entre o verdadeiro Deus e os ídolos. Amanhã, porém, muitas outras coisas serão ditas sobre isso, e portanto agora passarei brevemente por sobre aquilo que será tratado mais a fundo. Pois então terá seu lugar oportuno.

Portanto, todo povo, e nação e língua que falar algo perverso contra seu Deus. Nabucodonosor uma vez mais exalta o Deus de Israel. Onde, porém, aprendera que Deus é o Altíssimo? Simplesmente pela demonstração de seu poder. E ele desprezou o principal elemento, ou seja, entender, à luz da Lei e dos profetas, quem é aquele Deus e qual sua vontade. Daí, percebemos que ele enaltece a glória divina tão-somente num aspecto. O principal elemento em seu serviço e na verdadeira piedade ele passa por alto e omite.

E sem a mais leve pena, ele acrescenta: que seja reduzido a pedaços e que sua casa seja transformada em monturo aquele que falar insultantemente contra o Deus de Israel. Disso deduzimos que sua severidade não deve ser completamente condenada quando defende a adoração devida a Deus com selvagens penalidades. Não obstante, era preciso que houvesse um julgamento justo do caso. Mas isso também deixarei em suspenso até amanhã.

Agora acrescenta-se: porque não há outro deus capaz de livrar desta maneira, confirma ainda mais o que já mencionei, ou seja, que o rei Nabucodonosor não estava pensando na lei quando elaborou seu edito, não considerando as demais partes da piedade; ele só estava um tanto comovido e impelido pelo milagre, ao ponto de não poder tolerar, muito menos desejar, que algo desrespeitoso fosse declarado contra o Deus de Israel. Portanto, bastava isso para merecer culpa no edito, ou seja, que ele nem mesmo perguntou quem era Deus, a fim de munir-se de razão para publicar tal decreto.

Finalmente, ele acrescenta:

30 Então o rei fez prosperar a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego na província de Babilônia.	30 Tunc rex prosperare fecit, Sadrach, Mesach, et Abednego, in provincia Babylonis.

Isso parece de somenos importância, mas não foi acrescentado sem bons motivos: nos ensina que o milagre foi confirmado por toda a província e região. Todos os caldeus sabiam que esses três homens, que foram lançados na fornalha ardente, possuíam, então, autoridade real, e que foram restaurados às suas posições de honra. Já que isso realmente acontecera, o poder de Deus não podia permanecer oculto. É como se Deus houvera enviado três arautos por toda aquela região; arautos que anunciaram por toda parte quão maravilhosamente haviam sido resgatados da morte, e isso através de uma extraordinária bênção divina. Não obstante, deve-se também entender que todos os deuses então adorados na Caldéia não passavam de invenção humana, já que aquele "deus supremo", cuja estátua Nabucodonosor erguera, fora desprezado, ao passo que fora aprovada a verdadeira constância em seguir o Deus que salvara da morte a seus servos.

Deus Todo-Poderoso, já que te fizeste conhecido a nós no ensinamento de tua Lei e Evangelho, e também diariamente condescendes em revelar-nos, de maneira familiar, tua vontade, permite que permaneçamos firmes na verdadeira obediência àquele ensino no qual a perfeita retidão se nos manifesta, e que nunca sejamos demovidos de teu serviço; e, seja o que for que nos aconteça, que estejamos preparados a sofrer mil mortes em vez de nos desviarmos da verdadeira profissão da piedade na qual saibamos descansar nossa salvação; e que possamos de tal forma glorificar teu nome que nos tornemos participantes daquela glória que nos foi conquistada pelo sangue de teu Unigênito Filho. Amém.

17ª Exposição

Capítulo 4

1 O rei Nabucodonosor, a todos os povos, nações e línguas, que habitam em toda a terra; paz vos seja multiplicada.

2 Pareceu-me bem fazer conhecidos os sinais e maravilhas que o Deus Altíssimo tem feito para comigo.

3 Quão grandes são os seus sinais! E as suas maravilhas, quão poderosas! Seu reino é um reino sempiterno, e seu domínio de geração em geração.

1 Nebuchadnezer rex omnibus populis, nationibus, et linguis; quæ habirant in tota terra, pax vobiscum multiplicetur.

2 Signa et mirabilia quæ fecit mecum Deus excelsus pulchrum coram me enarrare.

3 Signa ejus quam magna *sunt*! et mirabilia ejus quam fortia! regnum ejus regnum seculare, et dominatio ejus cum ætate, et ætate.

Alguns anexam esses versículos no final do capítulo 3, mas não parece haver razão plausível para isso. Fica suficientemente claro, à luz do contexto, que aqui se relata um edito sob o nome do rei, contendo, ao mesmo tempo, um registro do que aconteceu. Portanto, Daniel aqui descreve o discurso do rei. Em seguida, relata o que lhe aconteceu e, finalmente, reverte a narrativa para a primeira pessoa. Portanto, aqueles que separam esses três versículos do contexto do capítulo 4 não parecem levar em conta, suficientemente, o propósito e a linguagem do profeta. Pode parecer forçado e destituído de harmonia dizer ele que descreve o discurso do rei babilônio, para depois falar em seu nome e em seguida trazer de volta o rei. Não obstante, tal alternação forne-

ce um sentido que não é nem ambíguo nem obscuro, e não há razão alguma para preocuparmo-nos com isso. Agora vemos como todas essas afirmações se unem, e as explicaremos em seus devidos lugares.

A essência do capítulo está no fato que, embora Nabucodonosor haja claramente ensinado que o Deus de Israel era o único que devia ser adorado, e embora no momento haver imposto tal confissão, ainda assim, uma vez que não deixou suas superstições e uma vez que sua concepção do verdadeiro Deus era coisa de momento, foi lhe aplicada a justa pena por tamanha ingratidão. Todavia, Deus quis cegá-lo mais e mais, como costuma fazer com os réprobos e, às vezes, até mesmo com os eleitos. Pois quando cumulam pecado sobre pecado, Deus afrouxa as rédeas e lhes dá liberdade de decisão ou ação. Depois disso, ou ele estende sua mão, e os conduz de volta pelo uso de seu poder oculto, ou até mesmo os força à obediência e os humilha pelo uso de seus bordões. Foi assim que ele agiu em relação ao rei de Babilônia. Ponderaremos sobre seu sonho um pouco adiante.

Neste momento, devemos observar brevemente que o rei foi de tal maneira avisado, que por fim sentiu não ter como justificar-se de seu comportamento excessivamente obstinado. De fato, Deus poderia, com justiça, haver chamado sua atenção assim que viu que o rei não havia sinceramente voltado para ele. Antes, porém, de executar o castigo final sobre ele (o qual veremos em seu devido tempo), o Senhor quis adverti-lo, no caso de haver alguma esperança de arrependimento. E apesar de aparentar aceitar com a mais profunda humildade aquilo que Deus lhe revelara através do sonho, o qual o próprio Daniel interpretara, o que ele confessou com sua boca não era o que havia em sua mente. E ele o demonstra claramente, pois quando deveria estar receoso e vigilante, no entanto ainda apegou-se a seu orgulho e gabou-se de ser o rei dos reis e Babilônia a rainha de todo o mundo. Por isso, havendo falado tão audaciosamente, atitude já avisada pelo profeta, percebemos que o sonho não lhe fizera

bem algum. Entretanto, foi assim que Deus planejara torná-lo ainda mais indesculpável. Ainda que nenhum fruto surgisse de imediato, após um bem longo período de tempo, quando Deus tocou sua mente, ele então pôde reconhecer melhor que o seu castigo havia sido infligido por Deus. Portanto, esse sonho foi um portal de ingresso e, de certo modo, uma preparação para o arrependimento. À semelhança da semente que parece apodrecer na terra antes de dar fruto, assim também Deus às vezes trabalha por processos e normas lentos que acabam sendo, por fim, frutíferos e eficazes, quando por muito tempo pareciam infrutíferos.

Agora chego-me às palavras. O prefácio ao edito reza: **O rei Nabucodonosor, a todos os povos, nações e línguas, que habitam em toda a terra** – isto é, debaixo de seu domínio; ele não quis que com isso se compreendesse a Cítia ou a França ou outros países distantes; todavia, falou orgulhosamente, pois seu império espalhava-se por todos os lugares. Semelhantemente, constatamos que os romanos, que não reinavam tão extensivamente, consideravam Roma o centro do império de todo o mundo. Por essa razão, Nabucodonosor aqui proclama grandiloqüentemente o tamanho de sua monarquia, pois envia seu edito *"a todos os povos, nações e línguas, que habitam em toda a terra"*.

Em seguida, acrescenta: **Pareceu-me bem relatar os sinais e maravilhas que o Altíssimo Deus tem feito para comigo.** Não há dúvida de que, afinal, ele sabia que o castigo que contraíra sobre si era em decorrência de sua ingratidão, deixando de render sinceramente e de todo o coração glória ao único e verdadeiro Deus, voltando às práticas de suas superstições – ou, melhor, quando jamais as abandonara. Portanto, vemos que o rei Nabucodonosor foi disciplinado várias vezes antes de beneficiar-se das chibatas divinas. Não devemos sentir-nos surpresos se o Senhor às vezes erguer contra nós sua mão, pois os frutos atuais e nossa experiência demonstram que somos indolentes ou, para falar mais francamente, completamente estúpidos. Quando Deus

pretende guiar-nos ao arrependimento, ele tem que reiterar os golpes com mais freqüência; porque, ou não somos movidos mesmo quando disciplinados por sua mão, ou, se parecemos acordar por um período, depressa nos afundamos outra vez em nosso torpor íntimo. Assim, é necessário que o castigo seja reiterado várias e várias vezes.

E percebemos isso na presente história como num espelho. Contudo, foi por uma bênção singular de Deus que Nabucodonosor por fim rendeu-se, depois de o Senhor havê-lo açoitado tantas vezes. Não se sabe, entretanto, se essa confissão proveio de um quebrantamento verdadeiro e genuíno. Deixo esse ponto sem solução. Ainda assim, não há dúvida de que Daniel citou esse edito para mostrar que o rei foi finalmente compelido a confessar que o Deus de Israel era o único Deus. E ele declarou isso a todos os povos e nações sob seu domínio. Nesse ínterim, também devemos observar que o decreto do rei de Babilônia foi elogiado e louvado pelo Espírito. Porquanto Daniel não tinha nenhum outro propósito aqui, e cita o edito sem qualquer outro objetivo, senão para mostrar o resultado da conversão no rei Nabucodonosor. Por essa razão, é além de toda e qualquer controvérsia que o rei Nabucodonosor testificou de seu arrependimento, exaltando o Deus de Israel entre todos os seus povos e ameaçando castigar a todos quantos falassem injuriosamente contra ele.

Esta passagem foi várias vezes citada por Agostinho contra os donatistas.[142] Estes queriam escapar imunes de castigo quando voluntariamente perturbavam a Igreja, ao corromperem a sã doutrina, e até mesmo quando se permitiram agir como bandidos. Pois na época tornou-se notório que alguns foram por eles assassinados, e outros castrados. Com isso permitiram-se fazer qualquer coisa, porém pretendiam que seus crimes permanecessem impunes. Particularmente, agarravam-se ao seguinte prin-

[142] Mg., *Epístola* 166 (*Aos donatistas*) *et al.*; isto é, *Epístola* 105:2:7. Cf. *Epístolas* 93:3:9; 185:2:8.

cípio: "Nenhuma castigo deve ser infligido sobre aqueles que diferem de outros em doutrinas religiosas".

Vemos alguns ainda hoje lutando por isso de forma muito gananciosa. Fica em plena evidência o que realmente querem. Pois se alguém os examina de perto, logo verá que são ímpios zombadores de Deus. No mínimo, não querem que algo seja definido na religião; por isso, lutam para enfraquecer e, quanto neles houver força, arrancar todos os princípios da santidade. Sinceramente brigam pela impunidade e negam que os hereges e blasfemos devam ser castigados, de modo tal que lhes seja lícito vomitar seu veneno. Assim é aquele cão Castellio[143] – e seus correligionários e o restante daquela casta. Os donatistas foram iguais em sua época. E assim, como já mencionei, em vários lugares Agostinho cita esse testemunho e mostra que a negligência dos príncipes cristãos é vergonhosa quando toleram hereges e blasfemadores e não declaram, juntamente com o rei Nabucodonosor, a glória de Deus com as devidas conseqüências. A despeito de jamais haver-se convertido verdadeiramente, ele promulgou esse edito em obediência a um certo impulso secreto. De qualquer maneira, todos os homens modestos e pacíficos deveriam saber muito bem que o decreto de Nabucodonosor foi enaltecido por esta aprovação do Espírito Santo. Se esse for o caso, segue-se que é dever dos reis a defesa da adoração devida a Deus e a vingança contra os blasfemadores profanos que tentam aniquilar sua adoração ou adulteram a verdadeira religião com seus desvarios, quebrando assim a unidade da fé e perturbando a paz da Igreja. Isso surge claramente do contexto do profeta.

Mas, primeiro Nabucodonosor diz: **Pareceu-me bem relatar os sinais e maravilhas que Deus tem feito para comigo.** De início, ele parcialmente declarou que coisas o Senhor maravilhosa-

[143] Castellio: antigo diretor de escola em Genebra, que liderou um grupo protestando contra a execução de Servetus. O seu livro, *Se os hereges devem ser perseguidos ou não*, foi publicado em 1554.

mente fizera em seu favor. Todavia, isso foi fortuito. Agora, portanto, depois de ser reprovado por Deus uma segunda e uma terceira vez, finalmente confessa que é glorioso declarar as maravilhas e sinais do Senhor. Depois disso, fez uma manifestação: **Quão grandes são seus sinais! Quão poderosas são suas maravilhas! Seu reino é um reino sempiterno, e seu domínio de geração em geração.** Não resta dúvida de que Nabucodonosor desejava incitar seus súditos a uma leitura muito cuidadosa de seu edito, para que percebessem o quanto era importante que se devotassem ao verdadeiro e único Deus.

Indubitavelmente, é ao Deus de Israel que ele chama de *"Deus Altíssimo"*. Porém não se sabe se ele renunciou ou não às suas superstições. Prefiro inclinar-me à conjetura oposta, de que não deitou fora seus erros, senão que simplesmente se deixou compelir a render glória ao Deus supremo. Por isso chegou a reconhecer o Deus de Israel, mas ainda o associava a deuses inferiores como aliados ou companheiros – da mesma maneira que todos os incrédulos crêem existir alguma deidade suprema, mas concebem uma multidão de deuses. Daí Nabucodonosor confessar que o Deus de Israel era o Deus Altíssimo; não obstante, não chegou a corrigir a idolatria que então proliferava sob seu domínio; o fato é que ele fez uma confusa mistura dos falsos deuses com o Deus de Israel. Conseqüentemente, ele não deixou suas corrupções. É evidente que celebrou a glória do Deus Altíssimo de maneira magnificente. Entretanto, isso não era suficiente; não sem que antes abolisse todas as superstições, de modo que somente a religião designada pela Palavra de Deus tivesse lugar, e sua adoração se expandisse pura e sólida. Em suma, este prólogo poderia ser uma indicação de uma grande conversão, mas veremos imediatamente que Nabucodonosor não estava interiormente limpo de seus erros. Devemos sentir-nos muito abalados, vendo o rei ainda emaranhado em tantos erros, e ao mesmo tempo arrebatado pelo milagre provindo do poder divino que, não conseguindo expressar seus pensamentos, afirma:

"Quão grandes são seus sinais e quão poderosas suas maravilhas!"

E acrescenta: seu reino é um reino permanente, e seu domínio de geração em geração. Aqui ele confessa que o poder de Deus não depende da escolha humana; um pouco antes ele dissera que a estátua que fora erguida deveria ser adorada porque ele assim o havia decretado pelo seu poder. Agora põe de lado muito de seu orgulho ao confessar que o reino de Deus é perpétuo.

Então a narrativa tem seguimento (pois até aqui tivemos o prefácio, para que o edito fosse de maior utilidade entre seus súditos e para que prestassem atenção a este importante assunto):

4 Eu, Nabucodonosor, estava em casa tranqüilo, e próspero em meu palácio.	4 Ego Nebuchadnezer quietus, *aut, felix*, eram domini meæ, et florens, *aut, viridis*, in palatio meo.
5 Vi um sonho, e ele me aterrorizou, e em meu leito me perturbaram os pensamentos e as visões de minha cabeça.	5 Somnium vidi, et exterruit me, et cogitationes super cubile meum et visiones capitis mei conturbaverunt me.
6 E por mim foi expedido um decreto, para que fossem levados à minha presença todos os sábios de Babilônia que pudessem revelar-me a interpretação do sonho.	6 Et a me positum fuit decretum, ut adducerentur, *hoc est, accerserentur*, coram me omnes sapientes Babylonis, qui interpretationem somnii patefacerent mihi.

Aqui Nabucodonosor explica como, finalmente, chegou ao conhecimento do Deus Altíssimo. Sua referência não é às evidências prévias que já tivera; mas, já que seu orgulho foi finalmente domado por este sonho final, agora este é seu único assunto. Ainda assim, não há dúvida de que ele está recordado de sonhos anteriores e condenando sua própria ingratidão ao ocultar atos tão poderosos de Deus e ao relegar a perverso esquecimento as grandes bênçãos que o Senhor lhe havia confiado. Portanto, aqui ele está simplesmente falando do último sonho, o qual veremos em seu devido tempo.

Antes de chegar ao sonho, porém, ele afirma que estava tranqüilo; שלה, *seleh*, significa 'tranqüilo' e também 'feliz'. E uma vez que a prosperidade torna os homens excessivamente confiantes, o vocábulo se refere metaforicamente ao excesso de confiança

em sua própria capacidade. Davi, ao pronunciar o mesmo veredicto sobre si, usa a mesma palavra – isto é, uma derivada desta: "Disse na minha tristeza",[144] ou "na minha quietude". Alguns traduzem שלוה, *saluah*, por 'abundância'; mas, melhor dizendo, ela significa ou 'quietude' ou 'prosperidade'. Aqui, então, Nabucodonosor menciona um detalhe de tempo para nos dizer que foi dominado por Deus quando a prosperidade o havia deixado bêbado e quase entorpecido. E não surpreende que isso tenha acontecido, pois constitui um dito comum e antigo – "A saciedade gera a licenciosidade";[145] sabemos que os cavalos fartos são recalcitrantes e tudo fazem para desvencilhar-se de seus cavaleiros. Os homens são iguais. Pois se Deus os trata mais bondosa e liberalmente, correm soltos, selvagens; tornam-se insolentes para com todos os mortais e tentam desvencilhar-se do jugo do próprio Deus. Em suma, esquecem-se de que são meros homens.

E se isso ocorreu a Davi, o que será daqueles destituídos de religião ou daqueles que ainda são em extremo devotados ao mundo? Pois Davi confessou que havia sido tão enganado por sua paz e prosperidade, que disse a si mesmo que não tinha de que temer: "Disse em minha prosperidade [ou, 'em minha quietude'], não serei abalado". E depois acrescenta: "Tu, ó Senhor, me castigaste e fiquei conturbado".[146] Se, pois, Davi prometeu a si próprio paz contínua no mundo, só porque Deus o havia livrado por algum tempo, quanta suspeita deveríamos nutrir de nossa tranqüilidade, de modo a não jazermos refestelados em nossa própria imundície! Não foi sem razão que Nabucodonosor declarou que estava quieto em minha casa, próspero em meu palácio, pois esta era a causa de sua auto-segurança, orgulho e menosprezo a Deus; menosprezo esse demonstrado de uma maneira excessivamente confiante.

[144] Mg., Sl 30.7; isto é, 30.6.
[145] Erasmo, *Adages* III [Adágios III]. vii. 53.
[146] Mg., Sl 30.7.

Em seguida ele acrescenta que viu um sonho e ficou perturbado. Aqui, indubitavelmente, ele quis distinguir seus próprios sonhos dos sonhos ordinários, os quais sempre provêm ou de um cérebro super-ativo, ou do que estávamos pensando no dia anterior, ou de outras causas, como já vimos em outro momento. (Pois não precisamos repetir aqui o que já tratamos sobejamente.) É suficiente que entendamos resumidamente que o sonho através do qual Deus preveniu o rei de futuro castigo era iminente, pois o mesmo era distinto de outros sonhos, os quais são ou violentos, ou passageiros ou sem sentido. E assim ele afirma que *"viu um sonho"*, mas de tal forma que estava acordado. Pois acrescenta: tive pensamentos em meu leito e fui perturbado pelas visões de minha cabeça. Este acúmulo de palavras resulta simplesmente nisto: que a visão ou sonho foi um oráculo celestial, e sobre isso vamos falar mais profundamente adiante.

Ele prossegue dizendo que um decreto foi expedido por ele para que todos os sábios de Babilônia fossem convocados; aqueles que podiam explicar, ou 'revelar', a interpretação do sonho. Sem dúvida alguma o rei sempre sonhava, mas não era todo dia que convocava os magos, *arioles* e astrólogos e tantos quantos possuíssem a arte da adivinhação – ou pelo menos a reivindicavam. Ele não os consultava em cada um de seus sonhos. Todavia, Deus gravara em seu coração uma marca distintiva com a qual selara este sonho; e foi por isso que o rei não pôde ter sossego até ouvir sua interpretação. Por essa razão é que vimos anteriormente como a autoridade do primeiro sonho (aquele sobre as quatro monarquias e o reino eterno de Cristo) foi confirmada, de modo que o rei entendeu ter ele vindo do céu. Mas há uma certa diferença entre esse sonho e aquele que explicamos dantes. Pois Deus apagou da memória do rei Nabucodonosor o sonho das quatro monarquias, e foi necessário que Daniel trouxesse à tona perante o rei o sonho e, ao mesmo tempo, apresentasse sua interpretação. Naquela época, Daniel era menos conhecido. Pois, ainda que tenha progredido muito, ao ponto de

destacar-se entre todos os caldeus, ainda assim o rei Nabucodonosor o teria admirado menos se simplesmente houvesse sido o intérprete do sonho. Assim, Deus desejava conquistar maior respeito para seu profeta e sua mensagem profética ao unir duas funções num só homem – dizer qual era o sonho e explicar seu significado e propósito. Neste outro sonho, Daniel é apenas o intérprete. Porquanto Deus já havia provado suficientemente que ele era dotado de espírito celestial, de modo que Nabucodonosor não mais o convocaria meramente como um dos magos, mas o distinguiria sobre os demais.

Depois disso, ele diz:

7 Então vieram os magos, os astrólogos, os caldeus e os filósofos, e eu declarei o sonho perante eles, e eles não me revelaram sua interpretação.

7 Tunc ingressi sunt magi, astrologi, Chaldæi, *hoc est*, *sapientes*, et physici, *vel*, *mathematici*, et somnium, *inquit*, exposui ego coram ipsis, et interpretationem ejus non patefecerunt mihi.

Neste versículo, Nabucodonosor reconhece que foi em vão que convocou todos os magos e *arioles*. Segue-se que toda sua ciência não passava de um engodo, ou, pelo menos, Daniel pôde explicar o sonho sem recorrer a alguma atividade humana, mas que o mesmo proveio de revelação divina. Esta conclusão é aceita à luz do fato de que Nabucodonosor expressamente tencionava declarar que Daniel não fora instruído por homens a interpretar sonhos, mas que esse era um singular dom do Espírito. Pois presumia que, se existisse alguma ciência ou método de adivinhação, este estaria com os magos, *arioles*, prognosticadores e com os demais caldeus, os quais brasonavam de possuir a perfeita sabedoria. Era acima de toda e qualquer controvérsia que os astrólogos e o restante desfrutassem de tamanha arte de adivinhação, que nada, dentro da compreensão humana, lhes escapava. Consequentemente, o oposto também se deduz, ou seja, que Daniel foi divinamente instruído, porque, se fosse simplesmente um mago ou astrólogo, não teria ele também se devotado ao estudo prolongado da arte? Portanto, Nabucodonosor quis exal-

tar Daniel acima de todos os sábios, como se quisesse dizer que ele era um profeta celestial.

E isso transparece melhor no que se segue, quando acrescenta:

8 Por fim Daniel foi trazido perante mim, cujo nome é Beltessazar, segundo o nome de meu deus, e no qual há o espírito dos deuses santos. E eu relatei o sonho perante ele.

8 Quousque tandem coram me introductus est Daniel cujus nomen Beltsazar secundum nomen dei mei, et in quo spiritus deorum sanctorum: et somnium coram ipso narravi.

9 Beltessazar, chefe dos magos, eu sei que o espírito dos deuses santos está em ti, e nenhum segredo te embaraça, explica as visões do sonho que vi e sua interpretação.

9 Beltsazar princeps, *vel*, *magister*, mogorum, quia ego novi quod spiritus deorum sanctorum in te *sit*, et nullum arcanum te anxium reddit, visiones somnii mei quod vidi, et interpretationem ejus expone.

Aqui o rei de Babilônia dirige-se a Daniel de maneira muito elogiosa, porque percebe que fora decepcionado por seus próprios doutores. Disso deduzimos que ele nunca teria chegado ao verdadeiro Deus se não fosse compelido por necessidade. Porque Daniel não era nem desconhecido, nem vivia ausente ou longe. Na verdade, percebemos que ele estava no palácio. Então, por que, podendo o rei consultar a Daniel desde o princípio, ele o omitiu? Por que convocou os demais magos, de todos os lugares, valendo-se de um edito? À luz desse fato, tudo indica (como eu disse) que ele jamais deu glória a Deus, salvo quando constrangido por mais profunda necessidade. Portanto, ele nunca sujeitou-se espontaneamente ao Deus de Israel, e fica bastante claro que as provas de piedade que às vezes demonstrava não passaram de impulsos ocasionais. Seu humilde pedido dirigido a Daniel nos mostra que ele possuía um caráter adulador. Quando os orgulhosos não necessitam de ajuda externa, são enfunados e ninguém é capaz de tolerar sua insolência. Mas quando se vêem levados a extremo, preferem sucumbir do que solicitar o favor de que necessitam. Tal, pois, era o caráter desse rei. Em seu coração desprezava a Daniel, e deliberadamente o ignorou em favor de seus magos. Não obstante, depois percebeu que ainda continuava em dificuldades, e que não conseguiria remédio em

nenhum outro senão em Daniel, seu último recurso. Portanto, ele agora esquece-se de sua arrogância e suavemente fala ao santo profeta de Deus.

Amanhã, porém, continuarei com o restante.

Deus Todo-Poderoso, já que colocas aqui diante de nossos olhos um exemplo extraordinário, através do qual podemos aprender que a grandeza de teu poder não pode ser suficientemente celebrada por palavras humanas, e já que ouvimos que o rei ímpio, cruel e orgulhoso, foi o arauto desse poder, permite que, após ter condescendido em revelar -te a nós de maneira familiar em Cristo, possamos nos dedicar num genuíno espírito de humildade a dar-te glória, e devotarmo-nos completamente a ti, para que não só com nossos lábios e línguas, mas também através de nossas ações, possamos declarar que para nós tu não és somente o verdadeiro e único Deus, mas também o nosso Pai, após ter nos adotado em teu Unigênito Filho, até que, por fim, possamos desfrutar daquela herança eterna que está separada para nós no céu, por meio do mesmo Cristo, nosso Senhor. Amém.

18ª Exposição

9 Beltessazar, chefe dos magos, já que o espírito dos deuses santos está em ti, e nenhum segredo te escapa; relata-me as visões de meu sonho; o sonho que eu vi, e sua interpretação.

Ontem dissemos que o rei Nabucodonosor se fez súplice a Daniel, porque chegara a extremos. Ele primeiro não solicitou o profeta, mas consultou seus próprios magos. Portanto, aquele que antes menosprezara, agora é compelido a respeitar.

Ele o chama de Beltessazar. Indubitavelmente, esse nome magoava profundamente o profeta. Quando criança, outro nome foi-lhe sussurrado por seus pais; por eles, o profeta sabia que era judeu e que tinha suas origens na nação santa e eleita. Que seu nome foi então mudado (como já disse noutra instância), sem dúvida alguma, foi por causa da sagacidade do tirano, para que, pouco a pouco, ele se esquecesse de sua própria raça. Ao mudar seu nome, o rei Nabucodonosor pretendia fazer com que este santo servo de Deus renegasse sua nação. Todas as vezes que era chamado por esse nome, tal coisa certamente lhe constituía uma grande e ferina pedra de tropeço. No entanto, ele não possuía remédio algum para esse mal; era um prisioneiro e sabia que tinha que lidar com um povo vitorioso, orgulhoso e cruel. Além disso, no versículo anterior ele dissera que Nabucodonosor lhe dera o nome em virtude de seu próprio deus. Visto que Daniel tinha um nome real, que lhe fora dado por seus pais por deter-

minação divina, Nabucodonosor desejava apagar aquele santo nome, chamando-o de 'Beltessazar', como se isso fosse uma grande honra – palavra essa provavelmente derivada do nome de seu ídolo. Isso duplicou o sofrimento do profeta; ou seja, sentir-se maculadodo por laivo tão fétido, ao ponto de ver incluso em seu nome um ídolo tão notório. Todavia, era necessário que tolerasse esse mal juntamente com os demais castigos divinos. Dessa maneira, Deus treinou seu servo de muitas formas para que pudesse carregar a cruz.

Agora, quando o rei o chama de *"chefe dos magos"*, é também indubitável que a mente do santo profeta se viu torturada. Outra coisa não desejava senão ser distinguido dos magos: indivíduos que enganavam o mundo todo com seus embustes e truques. Pois embora os astrólogos possuíssem erudição e alguns princípios dignos de louvor, sabemos que conspurcaram toda sua erudição. Portanto, a Daniel não lhe agradou ouvir que era considerado um deles; contudo, não podia livrar-se da calúnia. E assim vemos que sua paciência foi divinamente de várias maneiras testada.

Então Nabucodonosor acrescenta: **Porque eu sabia que o espírito dos deuses santos está em ti.** Muitos o traduzem por 'anjos', e essa interpretação não me desagrada, como já mencionei noutro lugar. Pois era notória entre todas as nações que existia algum Deus supremo; entretanto, criam que anjos eram deuses menores. Seja o que for, Nabucodonosor aqui trai sua ignorância em não haver alcançado o conhecimento do verdadeiro Deus, revelando estar ainda emaranhado em seus erros pregressos e dominado pela crença em vários deuses, como desde o início estivera imbuído de tal superstição. Esta seqüência poderia ser traduzida no singular, como alguns de fato o fazem, mas isso seria muito forçado, e a razão pela qual o fazem é em extremo fraca. Pois crêem que Nabucodonosor realmente se convertera. Contudo, tal farsa é demonstrada por todo o contexto. Obcecado por essa opinião, procuram livrá-lo de toda e qualquer culpa. Mas já que está claro que Nabucodonosor incluiu em seu edito

muitas provas de sua antiga ignorância, não há razão alguma para que mudemos qualquer coisa do significado direito dos vocábulos. Assim, ele atribui a Daniel um espírito divino; entretanto, ainda imagina uma pluralidade de deuses.

O espírito dos deuses santos está em ti, afirma ele, **e nenhum segredo te é vedado.** אנס, *anas*, alguns a traduzem como "te é difícil". Todavia, ela corretamente significa 'forçar' ou 'compelir'. Assim, aqueles que traduzem: "Não há segredo que esteja além de ti", se distanciam do sentido genuíno. Aqueles que a interpretam como "te é difícil" é possível que sua tradução seja tolerável; entretanto, fariam melhor se traduzissem a frase como se segue: "Nenhum segredo te deixa aflito ou perplexo". Se os gramáticos estão certos ao dizerem que א é uma letra servil, aquele significado caberia bem. Pois נסה, *nasa*, quer dizer 'testar' ou 'provar' e também significa 'elevar'. Poderíamos traduzi-lo: "Nenhum segredo te é sobremodo elevado", isto é, "para tua mente"; ou: "Nenhum segredo constitui uma prova para ti", como se estivesse afirmando que Daniel era dotado de um espírito divino, de modo que nada do que dissesse poderia ser testado; isto é, não se cogitava em examinar sua erudição, porquanto a resposta lhe era fácil e ao alcance. Mesmo assim, ainda é necessário prestar atenção ao que ele disse: "nenhum segredo te deixa aflito ou perplexo."

Nabucodonosor sabia disso. Por que, pois, não o convocou assim que começou a preocupar-se? Daniel poderia livrá-lo de toda preocupação; portanto, sua ingratidão é traída quando convoca seus magos em busca de conselho, ignorando assim a Daniel. Vemos, pois, que o rei estava sempre tentando escapar de Deus, até que foi arrastado à força em direção a ele. Por conseguinte, é evidente que ele não era realmente convertido. Pois a penitência é voluntária; dizem-se arrependidos aqueles que, com mentes renovadas, volvem-se espontaneamente para o Deus de quem antes haviam se alienado. Isso não pode acontecer sem fé e sem o amor de Deus.

Em último lugar, ele pede para que ele relate o sonho e a sua interpretação. Todavia, o sonho não lhe era desconhecido e ele mesmo o narra a Daniel. Há, portanto, algo desnecessário nas palavras, mas o significado não é ambíguo – Nabucodonosor pede apenas que seu sonho lhe seja explicado.

Ele continua:

10 E as visões de minha cabeça quando eu estava em meu leito; vi, e eis uma árvore no meio da terra, e sua altura era grande.

10 Visiones autem capitis mei super cubile meum, Videbam, et ecce arborem in medio terræ, et altitudo ejus magna.

11 A árvore cresceu e tornou-se forte, e sua altura chegou até ao céu; e era vista até aos confins da terra.

11 Crevit, *multiplicata est*, arbor, et invaluit, et altitudo ejus pertigit, *hoc est*, *ut altitudo ejus pertingert*, ad cœlos, et conspectus ejus ad extremum totius, *vel*, *universæ*, terræ.

12 Seu galho era formoso, e seu fruto abundante, e havia nela comida para todos; debaixo dela os animais do campo achavam sombra; e em seus ramos moravam as aves do céu, e todos os seres viventes se mantinham dela.

12 Ramus ejus pulcher, et fructus ejus copiosus, et esca omnibus in ea: sub ea umbrabat bestia agri: et in ramis ejus habitabant aves cœlorum, et ex ea alebatur omnis caro.

Os próximos versículos devem ser acrescentados:

13 E vi nas visões de minha cabeça quando eu estava em meu leito, e eis que um vigilante, um santo desceu do céu.

13 Videbam *etiam* in visionibus capitis mei super cubile meum, et ecce vigil et sanctus descendit e cœlis.

14 Ele clamava com força e disse assim: Derrubai a árvore, cortai-lhe as folhas, quebrai-lhe seus ramos e espalhai seu fruto; que os animais fujam de sua sombra, e as aves de suas folhas.

14 Clamavit in fortitudine, *hoc est*, *fortiter*, et ita loquutus est, Succidite arborem, et diripite folia ejus, excutite ramos ejus, et dispergite fructus ejus: fugiat bestia ex umbra ejus, *de subtus*, *ad verbum*, et aves ex frondibus ejus, *vel ex ramis ejus*.

15 Mas deixai a cepa com as raízes na terra, e em cadeia de ferro e de bronze, na erva do campo; e que seja molhada pela chuva do céu, e sua porção seja com os animais na erva da terra.

15 Tanden imum radicum ejus in terra relinquite, et in vinculo ferri, *hoc est*, *ferreo*, et æneo, in herba agri, et pluvia cœlorum irrigetur, et cum bestia sit portio ejus in herba terræ.

16 Que seu coração humano se transforme e lhe seja dado um coração de animal. E passem sete tempos sobre ele'.

16 Cor ejus ab humano, *simpliciter*, *ab homine*, mutent, et cor bestiæ detur ei: et septem tempora transeant super eam.

Aqui, Nabucodonosor narra seu sonho, cuja interpretação virá em seu devido tempo. Visto, porém, que a narração seria fraca, e mesmo inútil, a menos que já tenhamos dito algo sobre a essência, é necessário que tratemos disso apenas superficialmente. O restante pode ser adiado.

Em primeiro lugar, sob a figura de uma árvore, o próprio Nabucodonosor é prefigurado. Não que ela corresponda ao rei em todos os aspectos, mas porque Deus estabeleceu impérios no mundo com o fim único de que fossem como árvores, cujos frutos todos os mortais pudessem comer e sob cuja sombra pudessem descansar. No entanto, esse desígnio divino triunfa para que os tiranos, não importa quão distantes estejam de um reinado moderado e justo, sejam forçados, queiram ou não, ser 'árvores'; pois é preferível viver sob o mais selvagem dos tiranos do que sem nenhum governo. Podemos imaginar que somos todos iguais; mas, afinal, qual é o resultado de tanta anarquia? Nenhum dará lugar ao outro; cada um tentará qualquer coisa que possa. O resumo de tudo será a licenciosidade para pilhagem e saque, fraude e assassinato. Em suma, as rédeas dos desejos de todos os homens estarão soltas. É por essa razão que afirmo que uma tirania é melhor, e pode prevalecer mais facilmente, do que a anarquia, pois onde não há governo, também não há ninguém para reinar e manter o restante preso aos seus deveres. E assim, aqueles que crêem que aqui o rei é descrito como homem dotado de extraordinárias virtudes estão argumentando muito sutilmente. O rei Nabucodonosor não era excepcionalmente reto e justo. Entretanto, sob essa figura, Deus designou mostrar com que propósito ele teria o mundo dominado por certa ordem política; e esta é a razão pela qual ele designa os reis, os monarcas e outros magistrados.

Em segundo lugar, ele desejava mostrar que, embora os tiranos e outros governantes que se esquecem de seus deveres não exibam o que Deus pôs sobre eles, ainda assim a graça divina sempre brilha em todos os impérios. Os tiranos lutam para apa-

gar completamente toda e qualquer luz de retidão e justiça e para tudo confundir. Todavia, o Senhor os sustenta de uma forma secreta e incompreensível, para que se vêem forçados a fazer algo proveitoso em prol da humanidade, quer queiram quer não. Eis o que devemos guardar dessa figura ou imagem da árvore.

Quando acrescenta: **as aves do céu habitavam em seus ramos e os animais viviam de sua comida**, tal referência deve ser aos homens. Pois ainda que os animais do campo extraiam alguma vantagem da ordem política, bem sabemos que a constituição política foi ordenada por Deus para o bem dos homens. Portanto, não há dúvida de que toda esta passagem é metafórica. Na verdade, estritamente falando, ela constitui uma alegoria; pois a alegoria nada mais é do que uma metáfora contínua. Se Daniel houvera apenas retratado o rei sob a figura da árvore, isso já seria uma metáfora. Ao continuar seus paralelos, seguindo o mesmo fio de pensamento, a história se torna em alegórica.

Então ele afirma, **as bestas do campo habitam sob a árvore**, porquanto somos protegidos pelo abrigo do governo. Caso contrário, nenhum calor do sol queimaria e chamuscaria mais os homens infelizes do que se vivessem desamparados desse abrigo; abrigo sob o qual Deus quer que vivam em paz. Também **as aves do céu se aninham nos galhos e folhagem**. Alguns, de forma bem sutil, fazem distinção entre aves e feras. Para mim, basta dizer que a intenção do profeta é que os homens de qualquer posição social divisam pequenas vantagens provindas da proteção dos príncipes. Se vivessem sem tal apoio, seria melhor que vivessem entre os animais selvagens do que destruindo-se mutuamente. Entretanto, tal inevitavelmente aconteceria se reconhecêssemos quanta soberba nos é inerente e quão cego é nosso amor próprio e quão turbulentos são nossos desejos. Por sermos assim, Deus mostra neste sonho que, não importa qual seja nossa posição social, necessitamos do abrigo do governo.

Através dos vocábulos *'forragem'* e *'comida'* e *'abrigo'*, ele tenciona mostrar as várias vantagens que nos são dadas pela or-

dem política. Alguém pode objetar dizendo que nunca necessitou de líderes em qualquer das áreas de sua vida. Mas se considerarmos todas as circunstâncias da vida, veremos que este benefício divino nos é necessário em todos os aspectos.

O que ele acrescenta: **sua altura era grande** e que **e aumentou de modo que chegou até ao céu; e era vista até aos confins da terra**, se restringe à monarquia babilônica. Havia outros impérios no mundo naquela época, mas eram fracos ou, no mínimo, de segunda categoria. Os caldeus eram tão dominantes que nenhum outro rei sequer chegava perto de sua grandeza e poder. Já que então Nabucodonosor era tão extraordinário, não surpreende que ele aqui especifique a altura da árvore, "que alcançou até ao céu". E ainda, que a altura era visível até aos confins da terra.

Entretanto, é totalmente absurdo que alguns rabinos pretendam que Babilônia seja colocada no centro da terra, situada na mesma linha ou paralelo com Jerusalém. E aqueles que afirmam que Jerusalém era o ponto central da terra são tão pueris quanto os bebês. Contudo, homens como Jerônimo[147] e Orígenes[148] e outros escritores antigos mantêm como princípio infalível que Jerusalém era o centro da terra. Pois acreditam que ela estava situada no eixo central do mundo. Por isso merecem a zombaria do cínico que, quando pediram-lhe que indicasse o centro da terra, tocou com sua bengala a terra sob os seus pés. E quando objetaram, dizendo que esse não era o umbigo da terra, ele disse: "Então meçam a terra vocês mesmos!"[149] Quanto, porém, a Jerusalém, é evidente que nada do que imaginam pode ser comprovado. Aquele arrogante Barbinel[150] quis também parecer um

[147] Jerônimo. *Comentário sobre Ezequiel* 5.5: 'O profeta aqui declara que Jerusalém está situada no centro da terra, mostrando que a cidade é o umbigo da terra'.
[148] Orígenes. *Fragm. Ex Catenis* sobre Sl 74.12, ed. J. B. Pitra, *Analecta Sacra*, vol. III (Veneza, 1883), p. 99.
[149] Fonte não encontrada.
[150] Barbinel: veja-se p. 160, nota 102.

filósofo. No entanto, não há nada mais débil do que os judeus quando vão além das explicações gramaticais. O Senhor de tal maneira os cegou e os entregou a uma mente reprovável, que designou que fossem espelhos de uma terrível cegueira e um monstruoso estupor. E aquele indivíduo sem qualquer valor revela a sua obtusidade nos mínimos detalhes.

No tocante ao que ele agora diz, **seus ramos eram formosos e seu fruto abundante**, a referência pode ser à opinião popular das massas. Pois sabemos como seus olhos são ofuscados pelo esplendor dos príncipes. Qualquer um que domine o restante no exercício de seu grande poder passa a ser adorado por todos; se deixar dominar de tal forma por sua admiração, que não sobra nenhum são juízo. Quando Sua Majestade Imperial ou Sua Majestade Real surge, todos ficam imediatamente pasmos e histéricos. Pois acreditam não ser correto contemplar o que pode estar dentro desses príncipes. Visto que havia tanta riqueza e poder no rei Nabucodonosor, não é de se admirar que o profeta diga: *"seus galhos eram formosos e seu fruto abundante"*. Mesmo assim, devemos ter em mente o que eu disse anteriormente, ou seja, que a bênção de Deus é conspícua nos príncipes, mesmo quando se acham longe do cumprimento de suas obrigações; porquanto Deus não permite que sua graça seja completamente extinta neles. Por isso são forçados a dar algum fruto. Qualquer sorte de governo que seja firme constitui uma visão muito mais bela do que onde haja uma igualdade popular, cada pessoa vigiando seu vizinho. E à luz disso é também relevante o que ele afirma, a saber, que ela **era a comida e bebida de todos**, como já expliquei antes.

Segue-se a segunda parte do sonho. Até agora ele descreveu a beleza e excelência do estado de Nabucodonosor sob a figura da vetusta árvore, que fornecia sombra às bestas e as alimentava com seu fruto, além de propiciar em seus galhos ninhos para as aves do céu. Agora, segue-se o corte da árvore: **Vi**, afirma ele, **nas visões de minha cabeça quando estava em meu leito**, e eis

que um vigilante, um santo desceu do céu. Não há dúvida de que por 'vigilante' ele quer dizer um anjo. O mesmo é também chamado de 'santo'; não obstante, isso constitui uma perífrase para 'anjo'. São merecidamente chamados por esse título, porque estão continuamente atentos para executar as ordens divinas. Não precisam dormir; também não comem nem bebem, senão que subsistem numa vida espiritual. A razão pela qual não precisam dormir é que possuímos sono em decorrência da comida e da bebida. Em suma, estão sempre acordados porque não possuem corpos, em decorrência de sua natureza espiritual.

Faz-se esta afirmação não só quanto à sua natureza, mas também expressa seu ofício. Visto que Deus sempre os tem à mão, às suas ordens, e porque os designa para que levem a cabo suas ordens, são chamados de 'vigilantes'. No Salmo temos "Anjos que executem sua vontade"[151] – porque correm daqui para acolá em velocidade que para nós é incompreensível, e voam do céu para a terra, de um extremo para o outro, do leste para o oeste. Portanto, visto que os anjos se dispõem e se prontificam de tal forma a executar as ordens divinas, são merecidamente chamados de 'vigilantes'. Também são intitulados 'santos', porque não estão infectados pela imundície humana. Vivemos saturados de muitas máculas, não só porque habitamos a terra, mas porque de nosso primeiro pai contraímos uma doença que corrompeu todas as partes do corpo e da mente. Por conseguinte, Nabucodonosor desejava distinguir os anjos dos mortais pelo uso deste título. Pois a despeito de o Senhor santificar seus eleitos aqui e agora, enquanto ainda viverem no cárcere de sua carne, nunca atingirão a santidade angelical. Portanto, faz-se aqui a diferença entre anjos e homens. Nabucodonosor não foi capaz de compreender isso sozinho, mas foi divinamente instruído para entender que a queda de sua árvore não seria causada por homens, mas pela determinação divina.

[151] Mg., Sl 103.20.

Depois acrescenta que **um anjo clamou com grande voz: Derrubai a árvore, cortai-lhe as folhas, quebrai-lhe seus ramos,** espalhai [ou, lançai fora] **seu fruto; e que os animais fujam de sua sombra e as aves não vivam em seus galhos.** Por meio desta figura, Deus queria anunciar que o rei Nabucodonosor seria como uma besta selvagem por determinado tempo. Pois não devemos achar absurdo, mesmo que forçado, que a árvore seja despojada de um coração humano. Sabemos que as árvores não possuem outra forma de vida além aquela chamada 'vegetativa'. Portanto, a dignidade ou excelência de uma árvore não pode ser diminuída por ser privada de um coração humano. Pois a mesma nunca possuiu um coração humano. Mas, ainda que a expressão seja forçada, não contém nenhum disparate, porquanto Daniel agora renuncia sua linguagem alegórica. De fato, o sonho alegórico de Nabucodonosor foi tal que Deus o permeou de algo, à luz do qual, ele pudesse deduzir que sob a imagem da árvore outra coisa estava implícita. Assim, o anjo profere a ordem com o fim de arrancar e lançar fora o coração humano da árvore, depois que fora cortada, bem como cortar e lançar fora seus galhos e frutos. Então ordena que o coração de um animal lhe fosse dado, para que sua porção estivesse com as bestas selvagens e ferozes. Entretanto, como isso será repetido em outro lugar, faço-lhe alusão brevemente. O resumo de tudo é que o rei Nabucodonosor, por algum tempo, seria despojado não só de seu império, mas também do discernimento humano, para que em nada diferisse das bestas, já que seria julgado indigno de ocupar até mesmo um lugar servil entre a plebe. Ainda que a seus próprios olhos ele havia se exaltado acima de toda a raça humana, foi de tal maneira abatido que não pôde ocupar sequer o último lugar entre os mortais.

Imediatamente depois, segue-se a natureza de seu castigo, quando acrescenta: **E se passem sete tempos sobre ele;** e **Não corte a cepa com as raízes na terra, mas deixe que seja molhada pela chuva do céu; e que sua porção seja com os animais.** A despeito de ser este um castigo por demais duro e terrível, o

rei Nabucodonosor foi expulso da sociedade dos homens e se converteu num ser que se assemelhava aos animais selvagens; mesmo assim, vale ressaltar que Deus não o arrancou pelas raízes, mas permitiu que as mesmas permanecessem, para que a árvore se reerguesse e crescesse novamente, e mesmo fosse posta em seu devido lugar e recobrasse novo vigor em suas raízes. O que Daniel tem em mente é que o castigo infligido sobre o rei Nabucodonosor foi um castigo pelo qual Deus, a despeito de tudo, deu provas de sua misericórdia. Ele não o destruiu completamente, mas o poupou, deixando-lhe parte da raiz.

Alguns argumentam aqui com base na mitigação do castigo, dizendo que o Senhor se arrepende quando percebe que aqueles a quem açoitou com sua vara se quebrantam; todavia, não sei se isso procede. Pois, como disse anteriormente e como veremos novamente e com mais clareza, não houve no rei Nabucodonosor uma conversão genuína. Por conseguinte, o fato de Deus não querer pressioná-lo, levando-o ainda mais longe, deve-se atribuir a sua misericórdia. Porque até quando parece castigar os pecados dos homens imoderadamente e sem medida, ele deixa pelo menos um leve sabor de sua misericórdia em todos os castigos temporais, para que os réprobos também se mantenham indesculpáveis. Pois é falsa a tese de que os castigos não são mitigados até que a culpa seja perdoada – como vemos no caso de Acabe.[152] Pois Deus não perdoou a culpa daquele rei ímpio, senão que restringiu-se de aplicar-lhe um castigo mais duro, em virtude de ele aparentar alguns sinais de arrependimento. Também podemos ver a mesma coisa no rei Nabucodonosor. Deus não pretendia arrancar suas raízes (e isso refere-se à metáfora da árvore), mas queria que **sete tempos se passassem**. Alguns entendem a expressão como significando sete semanas, enquanto outros a interpretam como equivalente a sete anos – porém trataremos disso mais detidamente noutro lugar.

[152] Mg., 1Rs 21.29; isto é, 21.27-29.

Agora, finalmente deve-se observar que, mesmo durante um tempo quando a vingança divina parecia erguer-se contra o rei infeliz, algumas bênçãos ainda se lhe achavam entremeadas. Isso é indicado pelas palavras: **E sua porção seja com os animais na erva da terra** (ou seja, permita que ingira alguma comida e, desse modo, sustente sua vida) e que seja **molhada**, ou lavada, **pela chuva do céu**. Porquanto Deus tem em mente que, embora quisesse castigar o rei Nabucodonosor e mostrar-lhe aquele temível exemplo de sua ira, refletiu sobre o que ele poderia suportar e então temperou seu castigo, para que ele não se queixasse no futuro. Então resolve alimenta-lo com as bestas da terra, porém não deixa de receber a lavagem do orvalho do céu.

Deus Todo-Poderoso, já que enxergamos o quanto nos é difícil suportar a prosperidade sem quase perdermos nossos sentidos, esquecendo-nos de que somos mortais, permite que nossa fraqueza esteja sempre diante de nossos olhos e nos mantenhas humildes, para que possamos dar-te a glória e, ensinados por ti, aprendamos a proceder com prudência e temor, sujeitando-nos a ti para nos comportarmos modestamente em relação a nossos irmãos, para que nenhum desdenhe ou despreze o outro, mas se esforce a fim de mostrar obediência e submissão em todos os caminhos, até que, por fim, tu nos reúnas naquela glória que nos foi conquistada pelo sangue de teu Unigênito Filho. Amém.

19ª Exposição

17 A palavra contida no decreto dos vigilantes e o pedido na palavra dos santos, é de que os viventes saibam que o Altíssimo é soberano no reino dos homens, e que ele o dá a quem quer, e que eleva até o mais humilde dos homens sobre ele.

17 In decreto vigilum verbum, et in sermone sanctorum postulatio, ut cognoscant viventes, quod dominator *sit* excelsus in regno hominium: et cui voluerit tradet illud, et humilem, hominum eriget super ipsum.

Neste versículo, Deus confirma o que havia mostrado no sonho ao rei babilônio. Afirma que ao rei fora ensinado algo verdadeiro, porquanto assim fora decidido perante Deus e os anjos. O resumo de tudo é que Nabucodonosor deveria aprender que não poderia escapar ao castigo; castigo sobre o qual contemplara no sonho uma simples ilustração. No entanto, há certa ambigüidade nas palavras. Os intérpretes fazem da segunda cláusula um cavalo-de-batalha. Dizem que os anjos formulam uma pergunta cuja resposta consiste em que o rei de Babilônia constitui um exemplo às futuras gerações de que o poder do único Deus é supremo. Quanto a mim, porém, isso se afigura um tanto forçado. Quanto ao termo פתגמא, *pithgama*, significa 'palavra', entre os caldeus. Contudo, a meu ver, ele é apropriadamente tomado como 'edito', conforme vemos no primeiro capítulo de Ester.[153] E esse significado se adequa melhor; o edito foi promulgado num decreto, para que não fosse mera palavra solta ou uma visão fútil; Deus, porém, determi-

[153] Et 1.19.

nou mostrar ao rei o que já estava decretado e estabelecido nos céus. Então podemos compreender a intenção do profeta.

Mas há ainda outra pergunta. Aparenta absurdo atribuir poder direto aos anjos, pois dessa maneira parecem igualar-se a Deus. Sabemos que Deus é o único Juiz, e que portanto é próprio de sua soberania decidir como bem lhe agrada. Na medida em que isso se transfere para os anjos, é como se detraísse parte do poder supremo de Deus; pois não é digno admitir-se que haja sócios de sua majestade. Todavia, bem sabemos que não é raro, nas Escrituras, ver o Senhor associar a si os anjos, não como seus iguais, mas como seus ministros; e, ainda, ministros aos quais atribui a grande honra de julgá-los dignos de serem convocados ao seu conselho. Os anjos, portanto, são freqüentemente chamados de conselheiros de Deus. Por isso, este texto também diz que decretaram juntamente com Deus, não como se partisse de sua própria vontade ou em si mesmos, como se diz, mas porque concordaram com o juízo divino.

Entrementes, precisamos observar que aqui lhes é atribuído um duplo papel. Pois, na primeira cláusula, Daniel os faz subscritores de Deus no decreto, e depois diz que *'pedem'*. E isso também se harmoniza muito bem, porque os anjos aspiram e lutam para que todos os mortais se tornem humildes, para que somente Deus seja exaltado, e daí o que porventura obscureça sua glória seja posto em seu devido lugar. É verdade que os anjos rogam. Bem sabemos que para eles não há algo melhor do que adorar a Deus e ter todos os mortais como seus companheiros. Todavia, quando contemplam o orgulho e a arrogância dos homens violando o domínio divino, indubitavelmente rogam que Deus obrigue a todos os orgulhosos e desafiadores a submeterem-se à sua autoridade.

Portanto, agora percebemos por que Daniel afirma **isso foi transformado em edito no decreto dos vigilantes e uma solicitação em suas palavras**; como se estivesse dizendo: "Todos os anjos estão contra ti. Basta um consentimento, uma palavra, e eles te acusarão diante de Deus por obscureceres sua glória o máximo

que podes; e Deus concorda com seus veredictos e determina que sejas abatido, tornando-te desprezível e ignominioso perante o mundo inteiro". E este decreto é testificado por todos os anjos, como se fosse uma decisão conjunta tomada por Deus e por eles próprios. Porque sua concordância ou consenso poderia resultar numa poderosa confirmação em relação ao rei pagão. Não há dúvida de que Deus, conforme seu método usual, acomodou a visão à esfera da compreensão desse homem individualmente; homem que nunca fora instruído nas Leis, mas que simplesmente se imbuíra de terrível e confusa consciência de uma deidade, a qual não conseguia distinguir entre Deus e os anjos. Apesar disso, é uma afirmação verdadeira que o edito foi promulgado pelo decreto comum de toda a multidão celestial e ao mesmo tempo por seus rogos. Pois tamanha é a loucura dos homens, que chegam a planejar assenhorear-se e apropriar-se do que é peculiar e exclusivamente de Deus, e os anjos se entristecem profundamente à vista da menor detração da glória divina. Este parece-me ser o sentido genuíno.

O que se segue, se adequa muito bem: **para que os mortais saibam que Deus é o soberano no reino dos homens.** Pois Daniel marca o fim da solicitação, ou seja, que os anjos desejam que Deus mantenha seu direito inalterado e não desmerecido pela ingratidão humana. Os homens, porém, não podem atribuir a si nem ainda a menor bagatela sem despojar a Deus do louvor que lhe pertence de forma exclusiva. Por isso, os anjos imploram que Deus lance ao pó todos os soberbos e não permita seja ele defraudado de seu próprio direito, senão que mantenha em sua posse todo o seu poder perfeito e intacto.

O seguinte deve igualmente ser cuidadosamente observado, **que os mortais saibam que o Altíssimo é o soberano no reino dos homens.** Até mesmo os piores homens confessam que Deus tem o poder supremo (pois não ousam, com suas blasfêmias, arrancá-lo de seu trono celestial); no entanto, imaginam que pelo uso de sua própria diligência, recursos ou outros meios, são capazes de conseguir e também preservar seus reinos neste mundo. Os

incrédulos, pois, alegremente encerrariam a Deus nos céus, da mesma forma que Epicuro inventou um deus que desfrutasse de suas delícias em pleno ócio. Portanto, Daniel mostra que Deus seria despojado de seu direito a menos que "seja conhecido por sua soberania sobre o reino dos homens", ou seja, sobre a terra, para humilhar a quem lhe aprouver. Consequentemente, também está escrito no Salmo: "Não é do Oriente, não é do Ocidente, mas é dos céus que vem o poder".[154] E noutro lugar: "É Deus quem ergue do monturo o necessitado".[155] Ainda, no cântico da santa virgem: "Ele derruba os orgulhosos de seus tronos, e exalta os humildes e simples".[156] Todos confessam isso, mas dificilmente um em cem realmente crê que Deus reina sobre a terra de tal sorte que nenhum outro é capaz de se exaltar ou de permanecer numa posição em extremo elevada; entretanto, esta é a bênção peculiar de Deus.

Já que é tão difícil convencer os homens disso, Daniel expressamente afirma aqui que o **Altíssimo** é o **soberano sobre o reino dos homens**; isto é, não é só no céu que ele manifesta seu poder, mas também governa a raça humana e designa a cada um sua posição ou lugar. **E Ele o dá a quem quer**. Ele fala dos vários impérios no singular, mas é como se quisesse dizer que, pela vontade divina, alguns são exaltados e outros abatidos, e que tudo quanto sucede, assim é do agrado de Deus. A síntese de tudo é: a condição de cada um é divinamente atribuída. Nem sua própria ambição, nem engenhosidade, nem sabedoria, nem recursos, nem ajuda externa é de alguma valia para aqueles que aspiram uma elevada posição, a não ser que Deus os erga, por assim dizer, com mão estendida. Paulo ensina a mesma coisa fazendo uso de palavras diferentes: "Não há autoridade que não proceda de Deus".[157] Mais adiante, Daniel repete com freqüência a mesma afirmação.

Ele acrescenta: **levantará sobre ele o mais humilde dentre**

[154] Mg., Sl 75.7; isto é, 75.6-7.
[155] Mg., Sl 113.6; isto é, 113.7.
[156] Mg., Lc 1.52.
[157] Mg., Rm 13.1.

os homens. Numa mudança tão clara, o poder de Deus brilha ainda mais forte, pois levanta do monturo aqueles que haviam sido ofuscados e desprezados, pondo-os acima até mesmo dos reis. Quando isso acontece, os infiéis afirmam que Deus está fazendo um jogo e que os homens são, por sua mão, arremeçados para cima como se fossem bolas; ora sobem, ora são arremeçados para o chão. Mas não levam em conta a causa. A razão é que Deus deseja fornecer claras evidências de que todos nós estamos à mercê de sua vontade, de tal modo que nosso estado depende dele. Visto que não o compreendemos para nós mesmos, exemplos precisam ser postos diante de nossos olhos; exemplos nos quais somos forçados a ver o que quase todos nós ignora. Agora temos a afirmação do profeta como um todo; os anjos imploram a Deus, através de orações incessantes, que declare aos mortais seu poder e lance por terra os orgulhosos que acreditam distinguir-se por sua própria virtude e diligência, ou através da sorte ou do auxílio humano. Pedem que Deus lance bem longe o orgulho incrédulo; os anjos rogam que ele os abata e dessa forma revele que ele é o Rei e Soberano, não só do céu, mas também da terra.

Ora, isso não aconteceu apenas a um rei; pois sabemos que as histórias estão repletas de tais exemplos. Pois, de que antecedentes, de que posição social, os reis freqüentemente eram feitos? E como não havia no mundo um orgulho maior do que aquele do Império Romano, podemos descobrir o que lá aconteceu. Porquanto Deus produziu certa monstruosidade, a fim de que tal espetáculo pusesse os gregos, e todos os habitantes do Oriente, e os espanhóis, e os italianos, e os franceses em estado de estupor. Porquanto não existia nada mais monstruoso do que alguns dos imperadores. Sua origem era tão infame e vergonhosa, que Deus não poderia haver demonstrado de maneira mais clara que os impérios não eram transferidos pela vontade dos homens, nem adquiridos por seu poder, propósito e grandes exércitos; senão que se encontravam todos debaixo de sua mão, a fim de pôr no comando a quem bem lhe aprouvesse.

Continuemos:

18 Eu, rei Nabucodonosor, vi este sonho; e tu, Beltessazar, narra sua interpretação; porquanto todos os sábios de meu reino são incapazes de revelar-me sua interpretação. Tu, porém, o podes, porquanto está em ti o espírito dos deuses santos.

18 Hoc somnium vidi ego Rex Nebuchadnezer: et tu Beltsazar, interpretationem enarra, quoniam cuncti sapientes regni mei non potuerunt interpretationem patefacere mihi: tu vero potes: quia spiritus deorum sanctorum in te.

Aqui Nabucodonosor reitera o que dissera anteriormente – que estava buscando a interpretação de seu sonho. Ele sabia que lhe fora mostrado algo de caráter figurativo; entretanto não conseguia entender o propósito de Deus, nem mesmo determinar sua intenção. Por isso buscou a competência de Daniel para a solução. Ele assegura que viu um sonho, para que Daniel pudesse voltar toda sua atenção para sua interpretação.

E pela mesma razão, acrescenta que **todos os sábios de seu reino haviam sido incapazes de explicar o sonho**; trecho no qual reconhece, pelo menos em parte, que todos os astrólogos e adivinhos, bem como o restante daquela tribo, que professavam saber tudo, revelaram-se inúteis e falsários. Alguns eram áugures, alguns vaticinadores, outros intérpretes de sonhos, outros astrólogos (não só aqueles que investigavam o curso e a ordem e as distâncias das estrelas e suas propriedades, mas também pretendiam pressagiar o futuro através do curso das estrelas). Embora reivindicassem grandiloqüentemente o conhecimento supremo de todas as coisas, Nabucodonosor admite que não passavam de impostores. Pois reconhece que Daniel fora dotado com um espírito divino. Dessa forma exclui todos os sábios de Babilônia de possuirem tal dom, pois pela experiência aprendera que eles não possuíam o Espírito de Deus. Ele não afirma precisamente isso, mas, à luz de suas palavras, pode-se facilmente deduzir que o rei descobrira que todos os sábios caldeus eram fúteis.

Na segunda cláusula, ele exclui Daniel de seu número e, ao mesmo tempo, indica a razão – porque era ele distinguido por um espírito divino. Portanto, Nabucodonosor aqui atribui a Deus o que lhe

pertence, bem como reconhece que Daniel é seu profeta e ministro.

O fato de chamar os anjos de *"deuses santos"* não deveria, como já disse noutro lugar, parecer estranho a um pagão que não havia sido treinado na verdadeira doutrina da piedade, mas simplesmente provara alguns desses elementos. Não obstante, sabemos que, na opinião popular, os anjos eram confundidos com o próprio Deus. Por conseguinte, Nabucodonosor estava falando no sentido popular, quando afirma que o espírito dos deuses santos habitava em Daniel.

Então prossegue:

19 Então Daniel, cujo nome era Beltessazar, ficou estupefato por cerca de uma hora, e seus pensamentos o turbavam. O rei respondeu, e disse: Beltessazar, não deixes que o sonho e a interpretação te perturbem. Beltessazar respondeu, e disse: Senhor meu, que o sonho seja para os que te têm ódio, e sua interpretação para teus inimigos.

19 Tunc Daniel, cui nomen Beltsazar, obstupefactus fuit circiter horam unam: et cogitationes ejus turbabant eum. Respondit rex et dixit, Beltsazar, sominium et interpretatio *ejus* ne conturbet te, *terreat*. Respondit Beltisazar et dixit, Domine mi, sominum *sit* inimicis tuis, et interpretatio ejus hostibus tuis.

Aqui Daniel relata que ficara, em certa medida, estupefato. E isso atribuo à tristeza que o santo profeta concebeu do terrível castigo que Deus revelava sob a figura. Pode parecer estranho que Daniel fosse tocado pela tristeza quanto ao desastre que sobreviria ao rei de Babilônia. Pois ainda que Nabucodonosor fosse um tirano cruel, ainda que haja brutalmente perseguido a Igreja de Cristo, quase destruindo-a, ainda assim era o dever de Daniel, como seu súdito, orar por ele. Porquanto Deus, pela boca de Jeremias, ordenou expressamente aos judeus agissem assim: "Orai pela prosperidade de Babilônia; pois em sua paz estará vossa paz".[158] Após o findar dos setenta anos, era natural que os devotos servos de Deus buscassem a liberdade. Mas até aquele momento (o qual fora também previsto pelo profeta), não seria correto odiar o rei ou orar pela vingança de Deus. Porquanto sabiam que o justo castigo de Deus havia sido infligido; sabiam também que esse homem fora

[158] Mg., Jr 29.7.

posto sobre eles, e o mesmo devia ser visto como alguém que fora posto como rei legítimo. Portanto, já que Daniel fora tratado humanamente pelo rei, e além disso fora levado para o exílio de conformidade com as leis da guerra, era seu dever manter-se leal para com seu rei, ainda que esse homem haja afligido o povo de Deus com tremenda tirania. Tal fato em si foi a razão pela qual Daniel sentiu-se triste diante do doloroso oráculo. Alguns acreditam que foi 'inspiração'. No entanto, minha explicação parece mais adequada, visto que não diz simplesmente que ele ficara estupefato, mas também que sentira-se perturbado ou aterrorizado em seus pensamentos.

Enquanto isso, devemos observar que os profetas experimentavam sentimentos mistos quando Deus denunciava seus iminentes juízos por meio deles. Então, sempre que Deus apontava os profetas como arautos de catástrofes severas, eles experimentavam sentimentos ambíguos. Por um lado, compadeciam-se dos homens infelizes cuja destruição sabiam estar próxima. Mas, por outro lado, corajosamente proclamavam o que fora divinamente ordenado; e a tristeza nunca os impedia de cumprir suas obrigações pronta e resolutamente. Aqui podemos perceber ambos os sentimentos em Daniel. Constituía um afeto correto condoer-se de seu rei, de modo a ficar quase mudo por aproximadamente uma hora. Mas o fato de o rei aqui dizer-lhe que tivesse bom ânimo e não se preocupasse, ilustra a auto-segurança daqueles que jamais compreenderam a vingança divina. O profeta está aterrorizado, mas não está em perigo. Deus não o ameaçou. O próprio castigo que vê preparado para o rei até mesmo lhe imprimiu alguma esperança de futura libertação. Por que, então, estava atemorizado? Até mesmo os crentes, quando Deus os livra e se revela misericordioso e gracioso para com eles, não conseguem olhar para seus juízos sem medo. Porquanto sabem que eles mesmos estão sujeitos aos mesmos castigos, a menos que o Senhor os trate com indulgência. Além disso, nunca se despem de seus sentimentos humanos, e a misericórdia os constrange quando contemplam os incrédulos destruídos ou, pelo menos, a vingança pendente sobre suas cabeças. Assim, por essas duas

razões, eles se tornam tristes e pesarosos. Os infiéis, porém, até mesmo quando Deus publicamente os indicia e põe seu castigo diante de seus olhos, continuam indiferentes; permanecem estúpidos ou publicamente zombam de seu poder e, até que sejam pesadamente pressionados, tomam as ameaças divinas como se não passassem de fábulas.

É um tal exemplo que o profeta nos mostra no rei da Babilônia. Beltessazar, diz ele, não deixes que teus pensamentos te turbem; não deixes que o sonho e sua interpretação te assustem. Todavia, Daniel temia por si próprio. Não obstante, como já disse, os crentes temem, embora sintam que Deus é gracioso para com eles; entretanto, os ímpios, enquanto dormitam em segurança, são indiferentes, portam-se com tranqüilidade diante de qualquer ameaça.

Daniel acrescenta a razão de sua tristeza. *Senhor meu*, afirma ele, que este sonho seja para os que te têm ódio, e sua interpretação para teus inimigos. Daniel aqui explica por que estava tão confuso; isto é, porque desejava evitar que tão terrível castigo fosse aplicado à pessoa do rei. Pois ainda que merecidamente pudesse odiá-lo, todavia reverenciava o poder que divinamente lhe fora entregue. Aprendemos, pois, à luz do exemplo do profeta, a orar por nossos inimigos, aqueles que procuram nossa ruína; especialmente a orar pelos tiranos, se for do agrado de Deus que nos sujeitemos às suas concupiscências. Pois ainda que sejam indignos de receber qualquer porção de bondade, mesmo assim, pelo fato de só reinarem pela intervenção da vontade divina, suportemos humildemente tal fardo – e isso, no dizer de Paulo, não meramente em virtude do temor, mas por causa do dever de consciência.[159] Do contrário, seríamos tidos por rebeldes, não só contra eles, mas também contra o próprio Deus. Mas, por outro lado, Daniel mostra que não é debilitado por algum sentimento de misericórdia, nem ainda timorato no resoluto cumprimento de sua vocação.

[159] Mg., Rm 13.5.

Pois diz:

20 A árvore que viste, que [era] grande e forte, e cuja grandeza chegou até o céu e a visão dela a toda a terra;

20 Arborquam vidisti, quæ magna *erat* et robusta, et cujus magnitudo pertingebat ad cœlos, et aspectus ejus ad totam terram.

21 E sua folhagem, formosa, e seu fruto, abundante; e na qual havia sustento para todos; debaixo da qual viviam os animais do campo, e em cujos ramos as aves dos céus descansavam;

21 Et folium ejus pulchrum *erat*, et fructus ejus copiosus: et in qua, cibus cunctis: sub qua habitabant bestiæ agri, et in cujus ramis quiescebant aves cœli.

22 És tu mesmo, ó rei, que te multiplicaste e fortaleceste, de modo que tua grandeza multiplicou-se e chegou até o céu, e teu poder, até a extremidade da terra.

22 Tu *es* ipse rex, qui multiplicatus es et roboratus, ita ut magnitudo tua multiplicata fuerit, et pertigerit ad cœlos, et potestas tua ad fines terræ.

Notamos aqui o que brevemente já mencionei, ou seja, que Daniel cumpriu seu dever para com o rei de tal maneira a ainda permanecer ciente de seu ofício profético e a não debilitar-se ao levar a cabo a ordem de Deus. Devemos tomar nota de uma diferença. Não há nada mais difícil para os ministros da Palavra do que manter-se nessa via intermediária. Em seu zelo, alguns estão sempre trovejando e esquecendo-se de que eles mesmos são homens; não demonstram sinal algum de boa vontade, mas pressagiam a pura acrimônia. O resultado é que não possuem autoridade alguma e todas as suas admoestações se tornam odiosas. Expõem a Palavra de Deus à aversão e ao descrédito quando, sem nenhum sinal de pesar ou de συμπάθεια [*sympatheia*],[160] de forma por demais desumana atemorizam aqueles que são pecadores. Outros são preguiçosos, pior ainda, são falsos aduladores, enterrando os crimes mais sérios. Sempre alegam que nem os profetas nem os apóstolos foram tão fervorosos ao ponto de, em seu zelo, carecerem de afeição humana. Por isso é que pintam tal quadro com suas lisonjas, visando a destruir criaturas infelizes. Nosso profeta, porém,, como todos os mais, revela aqui um meio termo, o qual deve ser conservado por todos os ministros de Deus. Por essa razão é que

[160] συμπάθεια: sentimento de solidariedade; simpatia.

Jeremias sentiu-se triste e amargurado em relação às suas profecias antagônicas;[161] não obstante, ele não se desviou de sua liberdade de exprobrar, e nem mesmo da mais sombria das ameaças: ambas as coisas vinham de Deus. Todos os outros são iguais – pois isso ocorre reiteradamente nos profetas. Portanto, aqui Daniel, por um lado, se condói do rei; mas, por outro, sabendo que é o arauto da vingança divina, não se deixa dissuadir ante o perigo de falar ao rei sobre o castigo, o qual fora tratado levianamente.

Disso também inferimos que ele não se sentia dominado pelo medo do tirano – muitos não ousam proferir sequer uma palavra quando a embaixada a eles confiada é por demais desagradável e pode levar os ímpios incréus à loucura. Daniel, portanto, não se deixara dominar por tal temor – mas simplesmente pedira a Deus que pudesse lidar bondosamente com seu rei. Pois aqui ele afirma: **És tu mesmo, ó rei.** Ele não fala duvidosa ou ambiguamente nem usa termos obscuros, nem ainda utiliza variadas justificativas; pelo contrário, intimorata e claramente declara que o rei Nabucodonosor é representado pela árvore que viu. Daí, **a árvore que viste [era] grande e forte, sob cujos galhos habitavam os animais do campo, em cujos ramos aninhavam-se os pássaros,** diz ele, **és tu, ó rei.** Por quê? **Tu te tornaste grande,** afirma, **e forte; tua grandeza alcança os céus e teu poder, os confins da terra.**

E o que vem agora?

23 E que o rei viu um vigilante e um santo descer do céu, que disse: Cortai a árvore e destruí-a; mas deixai na terra a cepa com as raízes, e numa cadeia de ferro e de bronze na erva do campo; e que seja molhada pelo orvalho do céu e sua porção seja com os animais do campo, até que passem sobre ele sete tempos.

24 Esta é a interpretação, ó rei, e o decreto do Altíssimo, que diz respeito a meu senhor, o rei.

23 Et quod vidit rex, vigilem, et sanctum descendere è cœlis, qui dixit: Succidite arborem, et dispergite eam: tantummodo imum radicum ejus in terra relinquite: et *sit* in vinculo ferri et æris in herba agri, et rore cœlorum proluatur, et cum bestiis agri portio ejus, donec septem tempora transeant super eam.

24 Hæc interpretatio, rex, et decretum excelsi est, quod spectat ad dominum meum regem.

[161] Mg., Jr 9.1.

Daniel prossegue no mesmo tema com perseverança inquebrantável – a destruição iminente do rei de Babilônia. É verdade que ele o chama de 'senhor', e isso é feito com sinceridade; todavia, como embaixador do Rei Altíssimo, não hesita em exaltar a Palavra que lhe foi designada por alguém ainda maior. Porquanto isso é comum a todos os profetas, àqueles que se levantam contra montanhas e montes, como se diz em Jeremias. Esta afirmativa também é digna de nota: "Eu te constituí sobre reinos e povos, para que arranques e plantes, construas e destruas".[162] Deus se propõe reivindicar tal reverência para sua Palavra, de modo que não exista nada tão magnífico e tão esplêndido no mundo que não lhe dê lugar. Daniel confessou que, humanamente falando e pela ordenação política, o rei era seu senhor, mas ainda persistiu na incumbência a ele confiada.

Que tu, ó rei, diz ele, **viste um vigilante descer do céu** – ele ainda está falando de um anjo. E dissemos por que as Escrituras denominam os anjos de 'vigilantes' – porque estão sempre em prontidão para cumprirem as ordens de Deus. E sabemos que o Senhor executa, através de suas mãos, o que decretou, e isso, como disse, os anjos estão prontos a fazer. Outra vez, também são vigilantes em defesa dos santos. Mas aqui a palavra 'vigilante' é geral e se refere àquela prontidão com que os anjos são dotados, para que, seja o que for que Deus ordene, seja imediatamente cumprido, com a máxima presteza.

Então: **tu viste um vigilante descer dos céus, dizendo: Cortai a árvore e destruí-a** *etc.* Ele repete o que já havia sido dito, que o tempo do castigo é aqui limitado; porquanto Deus poderia apagar o rei de Babilônia e toda sua memória, mas quis amenizar o castigo. Portanto, ele acrescenta a limitação: **até que passem sete tempos**. Ainda nada disse sobre esses 'tempos'. Não obstante, é provável o ponto de vista daqueles que acreditam que o número é indefinido – ou seja, "até que passe um longo tempo". Alguns crêem que significa 'meses', outros 'anos'. Contudo, inclino-me conscien-

[162] Mg., Jr 1.10.

temente para a primeira interpretação; a saber, que Deus não queria castigar o rei Nabucodonosor por apenas um curto período de tempo, para que não parecesse ser esse seu procedimento habitual; mas já que sua intenção era fornecer um extraordinário exemplo a todas as gerações, planejou prolongar seu castigo por um longo período. Isso, pois, refere-se à soma de sete anos. E sabemos que o número sete, por indicar perfeição, significa, nas Escrituras, um longo tempo.

Deus Todo-Poderoso, sempre que colocares diante de nós nossos pecados e, ao mesmo tempo, te declarares o Juiz, faz com que não usemos mal tua tolerância e guardemos para nós mesmos um estoque de vingança maior através de nossa indolência e obtusidade; mas permitas que temamos oportunamente e prestemos muita atenção a nós mesmos, e nos atemorizemos de tal maneira por causa de tuas ameaças que, atraídos também pela tua bondade, livremente nos submetamos a ti e nada busquemos mais do que uma total consagração a tua obediência, para que teu nome seja por nós glorificado em Cristo, nosso Senhor. Amém.

20ª Exposição

25 E te expulsarão dentre os homens e tua morada será com os animais do campo, e dar-te-ão a comer ervas como aos bois, e molhar-te-ão com o orvalho do céu; e sete tempos passar-se-ão por sobre ti, até que reconheças que o Altíssimo é o soberano sobre o reino dos homens, e que ele o dá a quem quer.

25 Et te expellent ab hominibus, et cum bestiis agrestibus erit habitatio tua: et herba sicut boves te pascent, et rore cœlorum te irrigabunt: et septem tempora transibunt super te, donec cognoscas, quod dominator *sit* excelsus in regno hominum, et cui voluerit det illud.

Daniel prossegue em sua explicação do sonho. O versículo anterior, o qual expus ontem, trata do fato de que o sonho era acerca do rei Nabucodonosor. Não obstante, ele precisava ser expresso, porque, para o rei, as notícias eram tristes e amargas. E sabemos quão vergonhoso é para os reis não só serem eles colocados em seus devidos lugares, mas também de serem convocados a comparecer perante o trono de justiça de Deus, lugar onde são cobertos de ignomínia e opróbrio. Pois sabemos que a prosperidade sobe à cabeça até mesmo do populacho. O que, pois, não faria ela aos reis, além de levá-los a olvidarem sua condição humana e pensarem que estão isentos de todas as dificuldades e problemas? Porquanto não se consideram como parte da ordem comum da humanidade. Por isso, em virtude de Nabucodonosor ser quase incapaz de tolerar esta mensagem, o profeta lhe diz em poucas palavras que a queda da árvore era uma figura da ruína que o ameaçava.

A isso ele dá agora seguimento detalhadamente, e diz: Eles te

expulsarão dentre os homens; tua morada será com os animais do campo. Ao falar Daniel previamente sobre as quatro monarquias, sem dúvida alguma o rei, de início, ficou exasperado. Contudo, afigurava-se-lhe muito mais difícil e menos tolerável ser comparado a animais selvagens, sabendo que seria riscado do número dos homens; e, além disso, que seria banido para os campos e florestas com o fim de pastar ao lado das bestas. Se Daniel houvera dito que ele seria apenas despojado de suas honrarias reais, a gravidade da ofensa teria sido amenizada. Mas quando se viu exposto a tamanha ignomínia, indubitavelmente enraiveceu-se em seu íntimo. Entretanto, Deus amainou sua fúria para que o rei não tencionasse revidar que acreditava ser um insulto. Pois vemos à luz do contexto a seguir que ele não se arrependera. Nutrindo sempre o mesmo orgulho mental, ele, indubitavelmente, prova ser cruel. Porquanto esses dois vícios vão sempre juntos. Todavia, o Senhor refreou sua loucura, de modo que salva o santo profeta.

Enquanto isso, vale ressaltar a constância do ministro de Deus. Ele não deu ao rei dicas indiretas sobre o que iria acontecer, mas relatou claramente e por meio de muitas palavras que vergonhosa e desonrosa condição o aguardava. **Eles te expulsarão**, afirma ele, **dentre os homens**. Se houvera dito: "Tu serás como mera porção da multidão humana, em nada diferindo do populacho", já seria um duro golpe. Ser o rei, porém, expulso da sociedade humana, de tal sorte que nem um único canto lhe sobraria, e não se lhe permitiria viver nem mesmo entre os rebanhos de gado ou as manadas de porcos, é possível a qualquer pessoa fazer idéia de quão detestável tudo isso lhe parecia. Ainda assim, Daniel não hesita em declarar tal juízo.

E as palavras que se seguem têm o mesmo ou semelhante peso. **Tua morada**, diz ele, **será com os animais do campo; eles te alimentarão com ervas**. O plural deve ser tomado como infinitivo, e pode muito bem ser traduzido como: "Tu te alimentarás de ervas; serás molhado com o orvalho do céu; tua morada será com os animais selvagens". Não me agrada, porém, a maneira sutil com que alguns filosofam suprindo o vocábulo 'anjos'. Obviamente admi-

to ser procedente; todavia, o profeta está simplesmente falando do iminente castigo sobre o rei de Babilônia; ou seja, que este seria reduzido a profunda humilhação, em nada diferindo das bestas brutas. Tal liberdade de expressão, como disse, é digna de nota, para que aprendamos que os servos de Deus, a quem é dado o ofício de ensinar, não podem fielmente desincumbir-se de sua função a não ser que ignorem e desdenhem de toda a arrogância do mundo.

Em seguida, aprendamos também, com o exemplo do rei, a não ser obstinados e irreverentes quando Deus nos ameaçar. Pois ainda que o rei Nabucodonosor não se arrependesse, como já se disse e virá a lume novamente à luz do contexto, ainda percebemos que ele permitiu deixar-se ameaçar por um juízo terrível. Portanto, se nós, que diante dele não passamos de lixo, não toleramos as ameaças divinas quando essas se nos apresentam, ele será nossa testemunha e juiz, pois estava de posse de um poder imenso e, mesmo assim, não ousou reagir contra o profeta.

Ora, no final do versículo reitera-se a afirmação, a qual já foi explicada: **até que reconheças**, diz ele, **que o Altíssimo é o soberano no reino dos homens, o qual** ele dá **a quem quer**. Esta expressão ensina uma vez mais o quanto nos é difícil atribuir a Deus o supremo poder. É verdade que, com a língua, somos grandes arautos da glória divina. Não obstante, não existe ninguém que não restrinja seu poder, quer usurpando um pouco dele para si, quer transferindo-o para alguma outra coisa. Especialmente quando Deus nos eleva a algum patamar de honra, esquecemo-nos de que somos homens e defraudamos a Deus de sua honra e tudo fazemos para pormo-nos em seu lugar. Essa doença é de difícil cura, e o castigo que Deus infligiu sobre o rei de Babilônia equivale a um aviso a nós dirigido. Visto que um castigo leve teria sido suficiente, caso sua loucura não estivesse tão arraigada, por assim dizer, em suas entranhas mais profundas – a loucura de homens reivindicando para si o que é propriedade de Deus. Portanto, faz-se necessário um antídoto realmente violento para ensinar-lhes a modéstia e a humildade.

Atualmente, os monarcas exibem em seus títulos que são reis, duques e condes "pela graça de Deus".[163] Quantos, porém, falsamente reivindicam o patrocínio divino simplesmente para poderem assegurar seu próprio poder supremo? Pois, freqüentemente, que valor existe "pela graça de Deus" nos títulos dos reis e príncipes? Tão-somente para que não reconheçam nenhum outro superior, como dizem. Ainda assim, o Senhor (escudo por trás do qual se ocultam) se agradará em esmagá-los sob seus pés. Acham-se por demais distantes para considerarem com sinceridade que é por meio de sua bênção que reinam. Portanto, é pura pretensão blasonarem-se, dizendo que em seus reinos se gloriam em *"Dei gratia"*. Já que é assim, podemos julgar com facilidade quão soberbamente os reis pagãos desprezam a Deus, mesmo quando não usam falsamente seu nome como escudo de defesa, do mesmo modo como o fazem esses indivíduos sem valor; indivíduos esses que publicamente zombam de Deus e profanam a palavra *'gratia'*.

Então prossegue:

26 E quanto ao que disseram, de deixar a cepa da árvore com suas raízes, teu reino ser-te-á mantido até que conheças que há um poder no céu.

26 Et quod dixerunt de relinquenda radice stirpium arboris, regnum tuum tibi stabit, ex quo cognoveris quod potestas *sit* cœlorum.

Neste versículo, Daniel termina a interpretação do sonho e ensina ao rei Nabucodonosor que Deus não o tratará tão severamente, ao ponto de não permitir que haja lugar para sua misericórdia. Assim, ele ameniza o extremo rigor do castigo, para que Nabucodonosor nutrisse certa esperança de perdão e clamasse a Deus, arrependido – exortação mais clara virá em seguida. Todavia, Daniel já o prepara para o arrependimento, ao afirmar que **o reino se lhe manterá**. Deus poderia expulsá-lo da sociedade humana, de modo a permanecer para sempre com os animais selvagens. Ele poderia até mesmo expulsá-lo de vez deste mundo. No entanto, é sinal de sua misericórdia que deseje Deus restaurá-lo não só a uma

[163] *Dei gratia*: parte do título de alguns monarcas europeus, inclusive do rei da França. Ainda é vista em algumas das moedas britânicas como se segue: *Dei gratia Reg.* ou *D.G. R.*

posição de segunda classe, mas à sua própria dignidade, como se se houvera mantido são e salvo. Portanto, vemos que o sonho seria proveitoso ao rei Nabucodonosor, contanto que não desprezasse a santa admoestação do profeta – mais ainda, contanto que não fosse ingrato para com Deus. Pois Daniel não só previu a iminente hecatombe, como também, ao mesmo tempo, trouxe-lhe uma mensagem de reconciliação. Portanto, a divina instrução teria sido vantajosa se ele não fosse intratável e obstinado, como sucede com a maioria das pessoas. Contudo, com base nesse fato inferimos uma doutrina geral: quando Deus estabelece um termo a seus castigos, ele está nos convidando ao arrependimento. Porquanto o Senhor nos oferece uma prelibação de sua misericórdia, para nutrirmos esperança de que ouça nossas súplicas, quando lhe pedirmos auxílio vigorosa e sinceramente.

Entretanto, devemos observar o que Daniel acrescenta na segunda parte do versículo: **até que conheças que há um poder do céu**. Porquanto, sob estas palavras, existe uma promessa de graça espiritual; promessa de que Deus não só castigará o rei babilônio, com vistas a humilhá-lo, mas também operará em seu íntimo e mudará sua mente, como no final ele o faz, ainda que tarde demais. Logo: "até que conheças", afirma ele, "que há um poder do céu". Já disse que aqui é prometida a graça do Espírito; pois sabemos quão pequena é a vantagem da qual os homens desfrutam, mesmo quando Deus reitera o golpe centenas de vezes. Pois tal é a dureza e obstinação de nossos corações, que nos tornamos cada vez mais empedernidos à medida que Deus nos chama ao arrependimento. Indubitavelmente, Nabucodonosor teria se assemelhado a Faraó, a menos que Deus não só o humilhasse com castigos externos, mas também adicionasse os impulsos íntimos de seu Espírito, de forma a permitir ser instruído e a sujeitar ao juízo e poder celestiais. Isso, portanto, é o que Daniel pretendia quando afirmou: "até que conheças". Pois Nabucodonosor, por sua espontânea vontade, jamais teria chegado a tal conhecimento sem ser tocado pela ação secreta do Espírito.

E acrescenta: que **há um poder no céu**; ou seja, que Deus governa o mundo e detém o domínio supremo em suas mãos. Porque ele aqui contrasta céu e terra; isto é, a todos os mortais. Pois quando os reis vêem tudo calmo em seus reinos e que não há ninguém que os amedronte, acreditam estar fora de qualquer perigo, como dizem; e quando desejam que seu estado seja conservado, mantêm um olho em tudo – mas nunca erguem seus olhos para o céu; como se a preservação de seus reinos não tivesse nada a ver com Deus, como se ele não levantasse a quem quer e abatesse a todos os soberbos. Portanto, como se estivesse fora da esfera de operação divina, os príncipes deste mundo nunca consideram que "há um poder do céu"; contudo, como se diz, olham para a esquerda e para a direita, para a frente e para trás. É por essa razão que Daniel diz que existe um poder celestial. Pois, assim como mencionei, existe uma tácita antítese entre Deus e todos os mortais; como se o Senhor estivesse dizendo: "para que conheças que Deus reina, assim como viste anteriormente".

E prossegue:

27 Portanto, ó rei, que meu conselho te agrade, e possas redimir teus pecados pela justiça, e tuas iniqüidades, usando de misericórdia para com os pobres; e eis que haverá prolongamento em tua paz.

27 Propterea, rex, consilium meum placeat apud te, et peccata tua justitia redimas, et iniquitatem tuam in misericordia erga pauperes: ecce erit prolongatio paci tuæ.

Por não haver acordo entre os intérpretes sobre o significado das palavras, e porque a essência do ensinamento depende parcialmente disso, devemos observar, em primeiro lugar, que מלכי, ***milchi***, neste caso, é equivalente a "meu conselho". Alguns o traduzem "Rei, meu rei". Ambas as palavras derivam da mesma raiz, מלך, ***malach***, que significa 'reinar'. No entanto, essa palavra às vezes significa 'conselho', e não há dúvida de que é assim que deve ser interpretada neste versículo. Portanto, "que meu conselho te agrade e que possas redimir teus pecados".

O vocábulo פרוק, ***peruk***, é aqui traduzido por 'redimir'. Todavia, ele freqüentemente significa ou 'quebrar/cortar' ou 'separar'

ou 'esmiuçar'. Portanto, neste lugar pode ser traduzido por 'separa' (ou, quebra/corta) teus pecados pelo uso de misericórdia e humanidade; como se estivesse dizendo "Põe termo ao pecado, para que possas iniciar um novo caminho, para que tua crueldade se transforme em bondade e tua tirânica violência se converta em misericórdia". Mas isso não é realmente importante, pois o vocábulo com freqüência significa 'liberar' ou 'salvar'. Esta passagem não admite 'salvar'; e também seria sem simetria dizermos: "Solta teus pecados pela prática da justiça". Por conseguinte, prontamente adoto o sentido de que Daniel exorta o rei de Babilônia a mudar sua vida, a romper com os pecados com os quais convivia por tanto tempo.

E assim chegamos ao final do versículo: **eis que haverá uma cura para o teu erro**. Como já disse, os gregos o traduzem: "e talvez haja cura". Mas o outro sentido parece fluir melhor; como se estivesse dizendo: "Este é o remédio apropriado e verdadeiro". Outros o traduzem: "prolongamento", já que אֲרֻכָה, *arach*, significa "levar avante". Ao mesmo tempo, eles mudam o significado do outro vocábulo. Afirmam: "Haverá um prolongamento de tua paz ou descanso". Este sentido é tolerável, mas o outro concorda melhor com as regras gramaticais. Além disso, também é mais geralmente aceito: "este é o remédio apropriado para o erro". Um sentido diferente poderia até ser deduzido, apesar de que, no que tange às palavras, nada mudaria: "haverá (ou seja, "que haja") um remédio em teus erros"; isto é, "aprenderás a ser curado por meio de teus erros". Porquanto a indulgência diária aumenta o mal ou o pecado, como bem sabemos. Por isso, esta última parte pode ser compreendida como se Daniel prosseguisse sua exortação, como se estivesse dizendo: "É hora de abandonares teus erros. Até agora teu bom senso falhou, entregando-te a desenfreada licenciosidade. Que haja, pois, em tua ignorância boa dose de moderação; abre teus olhos e por fim entende que precisas arrepender-te".

Agora me volvo para a essência do ensinamento. **Que meu conselho te seja agradável**, diz ele. Aqui Daniel trata o rei pagão com mais brandura; com mais benevolência do que se estivesse

pregando para seu próprio povo, pois com eles teria exercido sua autoridade profética. No entanto, sabia que o rei não conhecia nem mesmo os rudimentos básicos da piedade, e portanto simplesmente assume o papel de conselheiro, pois não era nenhum *doctor ordinarius*.[164] As convocações de Nabucodonosor não eram um acontecimento diário em sua vida; e nem foi chamado porque o rei desejasse submeter-se a sua instrução. Logo, Daniel tinha em mente com quem estava lidando e que tipo de homem era o rei, e temperou suas palavras, dizendo: *"que meu conselho seja aprovado por ti"*.

A seguir explica seu conselho em poucas palavras: **Quebra** (ou "lança fora"), diz ele, **teus pecados pela [prática da] justiça, e tua iniqüidade usando de misericórdia para com os pobres**. Indubitavelmente, Daniel pretendia exortar o rei ao arrependimento; no entanto, toca apenas num de seus aspectos, o que bem sabemos ser [uma atitude] bem comum entre os profetas. Quando chamam o povo de volta à vereda irrepreensível, nem sempre descrevem por inteiro o que significa arrependimento, nem o definem em termos gerais, descrevendo-o por meio de sinédoque[165] ou pelos deveres externos da contrição ou por alguma parte dela. Daniel segue esse costume. Quando nos perguntam o que é arrependimento, respondemos que é a conversão de uma pessoa ao Deus de quem se achava alienada. Entretanto, tal conversão se encontra simplesmente nas mãos, nos pés e na língua? Ao contrário disso, ela tem início na mente, depois no coração e só então se transfere para as atividades externas. O verdadeiro arrependimento, portanto, tem seu início na mente do indivíduo, para que, aquele que deseja premiar-se demais, renuncie sua própria argúcia ou rejeite sua insensata confiança em sua própria razão; e ainda, que domine seus depravados afetos e os submeta a Deus; finalmente se seguirá a vida exterior. Contudo, as atividades constituem apenas testemunhos da compunção.

[164] *Doctor ordinarius*: nas universidades medievais, um palestrante regular, oposto aos ocasionais, em determinado assunto.

[165] Sinédoque: termo retórico que denota a indicação de toda uma entidade por uma de suas partes.

Porque o arrependimento, como já disse, é uma coisa por demais excelente para ter sua raiz visível aos olhos humanos. Somente através de seus frutos é que declaramos nosso arrependimento. Mas, visto que as obrigações da segunda tábua (da Lei) de certa forma despertam a mente de uma pessoa, os profetas, ao impor a contrição, freqüentemente trazem a lume somente a obrigação do amor, assim como Daniel o faz aqui.

Portanto, **redime** (ou, 'quebra/corta', ou 'lança fora') **teus pecados**, diz ele. Como? **pela justiça**. Não há dúvida de que a palavra 'justiça' significa o mesmo que 'graça' ou 'misericórdia'. Entretanto, aqueles que traduzem 'graça' por 'fé' distorcem de forma violenta as palavras do profeta. Porquanto sabemos que nada é mais freqüente no hebraico do que dizer uma e a mesma coisa usando duas expressões distintas. Daí, já que aqui Daniel fala de pecados e iniqüidade no mesmo sentido, deduzimos também que justiça e misericórdia não devem ser diferenciadas. O segundo vocábulo expressa melhor o que ele entendia por justiça. Quando as pessoas percebem que suas vidas precisam ser transformadas, inventam muitas 'exéquias'[166] (nome esse que não merecem), porque não olham para aquilo que agrada a Deus, nem para o que ele ordena em sua Palavra; irrefletidamente, lançam sobre Deus seus próprios caprichos – como vemos acontecer no papado. O que há de justo e santo por viver-se lá? Simplesmente andam a esmo daqui para acolá, pretendendo peregrinações votivas, erguendo estátuas, instituindo missas, como as chamam, jejuando num dia e noutro e colecionando bugigangas sobre as quais Deus não pronunciou uma única sílaba. Portanto, visto que os homens se distanciam tanto do conhecimento da verdadeira justiça, o profeta aqui acrescenta 'misericórdia' em sua explicação; como se estivesse dizendo: "Não pensem que agradarão a Deus por meio de pompas externas que causam deleite nos que são carnais e dados às coisas terreais; aqueles que avaliam o

[166] Obséquias (latim *obsequia*): no sentido de atos de obediência solenes, por vezes cerimoniosos. Consulte *A New English Dictionary* (O novo dicionário de inglês), ed. J. A. H. Murray, s.v. 'Obsequy'.

Senhor com suas próprias mentes e, portanto, de forma incorreta. Não permitam que esta falsidade os engane, mas aprendam que a verdadeira justiça está na misericórdia para com os pobres".

Nesta segunda cláusula também há uma sinédoque. A verdadeira justiça não se restringe apenas a esta palavra, senão que abarca todos os demais ofícios do amor. Por isso devemos portar-nos fielmente para com os homens, não defraudando nem a ricos nem a pobres; não oprimindo ninguém; respeitando os direitos de cada um. Todavia, essa forma de discurso deveria ser-nos familiar, se fôssemos pelo menos um pouco versados na doutrina dos profetas. Seja o que for, Daniel tencionava mostrar sucintamente ao rei de Babilônia o que significa viver em sociedade – cultivando a fé e a integridade entre os homens; contudo, sem negligenciar a primeira tábua da Lei. Porquanto o serviço de Deus é mais precioso do que toda a justiça humana; ou seja, a justiça que os homens cultivam entre si. Entretanto, conhece-se a verdadeira justiça por meio de testemunhos externos, conforme já mencionei. E ele fala da segunda tábua e não da primeira, porque, enquanto os hipócritas fingem servir a Deus com suas muitas cerimônias, entregam-se a toda sorte de selvageria, a toda sorte de pilhagem e de fraude, de tal forma que não há entre eles uma lei que regule a reta convivência entre vizinhos. E visto que os hipócritas escondem sua malícia por trás desse simulacro, Deus nos dá uma pedra de toque, como dizem, quando nos convoca aos deveres do amor.

Ora, no que tange ao final do versículo, dissemos que pode extrair-se dele um duplo sentido. Se mantivermos o futuro do indicativo, **E eis que haverá um remédio**, então teremos a confirmação da instrução anterior; como se dissesse que ela não deve ser ministrada através de métodos longos e indiretos; mas que essa é a única medicina. Ou, se preferir uma palavra de exortação, também caberá bem: "Permite que este seja o antídoto para teus erros"; ou seja: "Dagora em diante, não te sacies como tens feito até então, mas abre teus olhos e vê quão desgraçada e cruelmente tens vivido, e assim esmera-te para curares teus erros".

O fato de os papistas abusarem desta passagem como prova de que Deus se agrada de penitências é muito frívolo, e até mesmo ridículo, quando olhamos atentamente para sua doutrina, vendo-os definirem as penitências, chamam-nas "obras de supererrogação". Se alguém cumprir o que Deus ordenou em sua Lei, ainda não será capaz de penitenciar seus erros. Isso os papistas são forçados a admitir. O que permanece então? Tentando oferecer a Deus mais do que ele nos ordena. A isso denominam de "obras indevidas". Todavia, Daniel não está exigindo do rei Nabucodonosor nenhuma obra de supererrogação; ele está exigindo justiça, e depois nos mostra que a vida de uma pessoa só é corretamente ordenada quando a bondade é forte e exuberante em nosso meio, especialmente quando exercemos misericórdia para com os pobres. Certamente não há nenhuma supererrogação aqui! Pois qual seria o propósito da Lei? Portanto infere-se que isso não pode ser classificado como 'penitência', e que os papistas são tão estúpidos quanto repugnantes.

E mesmo que concordemos com eles neste ponto, ainda assim não significa que os pecados são redimidos perante Deus, como se a obra compensasse a culpa, ou 'penalidade', para usar sua fraseologia. Eles não asseveram que a culpa é redimida por meio de penitências; isso é uma coisa. Mas quanto à 'penalidade', afirmam que esta é remida. Entretanto, devemos averiguar se isso concorda com a intenção do profeta. Não estou discutindo aqui acerca de uma palavra. Concordo com eles que o vocábulo pode ser tomado no sentido de 'remir' – "remir seus pecados". Todavia, devemos checar se tal redenção se concretiza no juízo divino ou entre os homens. E é certo que Daniel está pensando em quão cruel e desumanamente Nabucodonosor se comportara, em quão tiranicamente perseguira seus súditos, em quão arrogantemente desprezara os pobres e miseráveis. E é em virtude de ele haver-se lançado completamente na iniqüidade que Daniel lhe mostra a medicina. E não será nenhum absurdo se essa 'medicina' for considerada como sendo 'redenção' ou 'libertação', porque remimos nossos pecados entre os homens

quando lhes damos satisfações. 'Redimo' pecados com meu vizinho se, após havê-lo injuriado, tento reconciliar-me com ele; reconheço que pequei, e dessa forma 'redimo' meu pecado. Contudo, não se segue que os pecados são expiados à parte do juízo divino, como se a beneficência mostrada por mim fosse algum tipo de compensação. E assim descobrimos que os papistas são ineptos e nésci-os quando roubam ao profeta suas palavras em seu próprio proveito.

Ora, afinal pergunta-se por que Daniel exortou o rei Nabucodonosor "a romper ou redimir seus pecados". Porque, ou a exortação veio por acidente (o que seria mero absurdo), ou provinha do decreto celestial (assim como o sonho real era a promulgação de um edito, como vimos antes). Se isso foi determinado diante de Deus, não poderia de forma alguma ser modificado. Portanto, seria inútil anelar pela redenção de pecados. Se seguirmos a outra explicação, não restará nenhuma dificuldade. Mas, mesmo se admitirmos que o profeta está falando aqui da remissão de pecados, sua exortação não é inútil. Porque, embora o rei Nabucodonosor tenha que preparar-se para suportar o castigo de Deus, ainda assim lhe seria de grande valor saber que Deus é misericordioso, e que também era capaz de reduzir o tempo que sua obstinada malícia havia prolongado. Não que Deus fosse mudar seu decreto, mas por ele freqüentemente declarar através de ameaças que gostaria de tratar os homens com mais benevolência e temperar o rigor de sua vingança, como transparece de vários outros exemplos. Isso, portanto, não teria sido inútil no caso de alguém tratável, nem era o intuito da exortação de Daniel ao rei Nabucodonosor remir seus infrutíferos pecados. Ele poderia esperar algum perdão mesmo se houvera sofrido castigo. Outrossim, apesar de nem mesmo um dia haver diminuição nos sete anos, seria um grande passo se o rei a tempo se humilhasse perante Deus, para que pudesse obter o prometido perdão. Visto que um tempo definido fora fixado, ou, pelo menos, indicado pelo profeta, isso constituía um grande auxílio para o rei que desejava fazer petição ao seu juiz, caso já estivesse preparado para receber o perdão.

Disso concluímos que esta doutrina é útil sob todos os aspectos, já que ela é verdadeira em relação a nós. Mesmo assim, devemos estar preparados para os castigos divino; no entanto, há não pouco nem comum alívio das misérias quando nos submetemos a Deus de maneira tal que nos convencemos de que ele, pelo contrário, nos será favorável porquanto vê o nosso descontentamento, pois nota que repudiamos nossos pecados em nosso coração.

Deus Todo-Poderoso, faz com que aprendamos a tolerar todas as adversidades com paciência e saibamos que, sempre que formos afligidos neste mundo, estarás exercendo o ofício de Juiz contra nós, para que desta maneira possamos obstruir tua vingança, condenando-nos a nós mesmos com genuína humildade, e que, confiados em tua misericórdia, corramos sempre em tua direção, descansando no Mediador que nos outorgaste, teu Unigênito Filho, e assim busquemos em ti o perdão, praticando tão-somente a genuína penitência, não com invenções vazias e inúteis, mas com evidências sérias e verdadeiras – que nutramos o amor e a fidelidade genuínos entre nós e, desta forma, também demos testemunho do temor de teu nome, para que possas ser verdadeiramente glorificado em nós pelo mesmo Cristo, nosso Senhor. Amém.

21ª Exposição

28 Todas estas coisas se cumpriram ao rei Nabucodonosor.

29 Ao cabo de doze meses, passeava ele pelo palácio real que está em Babilônia.

30 O rei falou e disse: Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa do reino com meu grandioso poder, e para o mérito de minha glória?

31 A palavra estava ainda nos lábios do rei, quando desceu uma voz do céu: A ti se diz, ó rei Nabucodonosor, o reino já lhe foi removido.

32 E serás expulso dentre os homens, e tua morada será com os animais do campo; e far-te-ão experimentar ervas como o gado. E passar-se-ão sete tempos por sobre ti, até que aprendas que o Altíssimo é o governante sobre o reino dos homens, e que o dá a quem quer.

28 Hoc totum impletum fuit, *vel*, *incidit*, super Nebuchadnezer regem.

29 In fine mensium duodecim, in palatio regni, quod est in Babylone, deambulabat.

30 Loquutus est rex et dixit, An non hæc est Babylon magna, quam ego ædificavi in domum regni, in rebore fortitudinis meæ, et in pretium, *vel*, *excellentiam*, decoris mei?

31 Adhuc sermo *erat* in ore regis, vox e cœlis cecidit, Tibi dicunt, rex Nebuchadnezer, regnum *tuum* migravit, *vel*, *discessit*, abs te.

32 Et ex hominibus te ejicient, et cum bestia agri habitatio tua: herbam sicuti boves gustare te facient: et septem tempora transibunt super te, donec cognoscas quod dominator *sit* excelsus in regno hominum, et cui voluerit det illud.

Depois que Nabucodonosor declarou ser Daniel o mensageiro do iminente juízo divino, ainda continua dizendo de que forma Deus executaria o castigo com que ameaçara pelos lábios do profeta. Ele fala na terceira pessoa, mas sabemos que a mudança de pessoa ocorre mui freqüentemente nas línguas hebraica e caldáica. Portanto, o rei não contou a Daniel tudo o que falara, mas dá apenas um resumo. Por essa razão é que ele agora introduz o rei como

narrador, e continua falando através de sua pessoa. Não há nada que nos deva preocupar nessa diversificação, pois o significado não é obscuro. No primeiro versículo, Nabucodonosor afirma que o sonho explicado por Daniel não fora sem efeito. Então mostra, à luz de seu cumprimento, que o mesmo era um oráculo divino, porque, como todos sabemos, os sonhos se desvanecem. Entretanto, visto que Deus cumpriu em seu próprio tempo o que mostrara ao rei de Babilônia por meio de um sonho, fica claro que esse sonho não foi um extravagante pesadelo, e, sim, uma revelação definida do futuro castigo que ameaçava o rei.

Ele também expressa o modo desse castigo. Daniel diz que, quando se passou um ano e o rei estava passeando pelo seu palácio, começou a gabar-se de sua majestade, e no mesmo instante uma voz ecoou do céu e repetiu o que ele já ouvira em seu sonho. Depois disso, ele relata como o rei seria expulso da sociedade humana e viveria por um longo tempo entre os animais selvagens, de modo a em nada diferir deles.

Quanto às palavras: visto que aqui se usa מהלך, *mehalleeh*, alguns acreditam que o rei estava passeando pelo telhado de seu palácio; fato que lhe propiciava uma visão de todas as partes da cidade. Pois sabemos que os orientais caminham pelos telhados de suas moradias. No entanto, não interpreto esta passagem tão sutilmente, pois o profeta parece não indicar outra coisa senão que o rei se achava, então, num momento de deleite e que desfrutava de extraordinários pensamentos sobre sua majestade. No restante da passagem não há obscuridade.

Então chegamos à essência da passagem. Alguns pensam que Nabucodonosor fora tocado pelo arrependimento quando advertido sobre a ira divina, e que, portanto, o tempo do castigo fora adiado. Contudo, isso não me parece provável. Prefiro dispor-me a outro ponto de vista, ou seja, que Deus reteve sua mão até o final do ano, para que a soberba do rei pudesse ser ainda mais inescusável. Pois não é possível que não tenha ele ficado perplexo com a voz

do profeta, como se o próprio Deus estivesse trovejando do céu – ou, melhor, atingindo-o com um raio. Ele não demonstra qualquer sinal de mudança. É óbvio que não nego que ele teria ficado aterrorizado ao som do primeiro aviso; isso deixo indeciso. O que quer que tenha ocorrido, não creio que Deus o livrasse por certo tempo por haver demonstrado algum sinal de arrependimento. Admito que ele, às vezes, favorece os réprobos quando os vê humilhados.

Um extraordinário e suficiente exemplo nos é posto diante dos olhos na pessoa do rei Acabe. Ele nunca se arrependeu sinceramente; mas ao perdoar o ímpio e obstinado rei, em sua malícia, Deus se propôs revelar o quanto a [sincera] penitência lhe agrada.[167] O mesmo se poderia dizer de Nabucodonosor, se as Escrituras o houvera transmitido. Contudo, quanto nos é permitido deduzir das palavras do profeta, Nabucodonosor persistiu em seu orgulho até que sua displicência chegou ao limite máximo. Pois era intolerável que, depois de se ver ameaçado por Deus, o rei continuasse em sua obstinada soberba; constitui uma monstruosa insensibilidade permanecer ele demasiadamente ocioso, mesmo que viesse a viver mais cem anos após a ameaça. Em suma, creio que o castigo era iminente; ainda assim, embora haja ficado aterrorizado no momento, não se desfez da soberba e arrogância de sua mente. Entrementes, aquela previsão podia parecer vazia; e é provável que, depois de um longo tempo, o que ouvira já houvesse desaparecido de sua mente, porquanto cria que já escapara – os ímpios estão acostumados a abusar da tolerância divina, e assim acumulam para si um maior estoque de vingança, conforme Paulo afirma em Romanos 2.[168] Portanto, pode ser que não tenha dado importância à previsão, e por isso foi se tornando paulatinamente endurecido.

De qualquer forma, nada mais se pode inferir do contexto a não ser que o aviso do profeta foi inútil nesse momento; pior ainda, que o oráculo pelo qual Nabucodonosor fora convocado ao

[167] Mg., 1Rs 21.29; isto é, 21.27-29.
[168] Rm 2.4-5.

arrependimento também fora inútil. Se nele existisse o mínimo traço de sanidade, certamente teria buscado refúgio na misericórdia divina; teria se inquirido como chegara a provocar tanto a ira de Deus; teria se devotado totalmente aos serviços do amor; como até então havia exercido opressiva tirania contra todos, assim mostraria também aplicação na benevolência, conforme a exortação do profeta. Ele, porém, longe está de fazer isso, ao contrário, continua a vomitar vanglórias, demonstrando com isso que sua mente estava era saturada com orgulho e de desprezo por Deus.

Nota-se aqui um certo espaço de tempo. Com isso fica evidente que Deus suspende seus juízos quando os que aparentam ser completamente incuráveis revelam sinais de possível arrependimento; todavia, os réprobos abusam da bondade e tolerância divinas, pois se tornam ainda mais determinados quando crêem que Deus aposentou-se de seu ofício de Juiz, quando, por algum tempo, os deixa de levar em conta.

Ao cabo de doze meses, então, o rei estava passeando pelo seu palácio. Ele falou e disse. Esta dupla expressão significa que o rei falou, por assim dizer, em resultado de orgulho premeditado. Pois o profeta poderia simplesmente dizer: "Disse o rei"; mas, na verdade, ele diz: "Ele falou e disse". Sei que era costume unir esses dois vocábulos nas línguas hebraica e caldaica; entretanto, nesta passagem, creio que a repetição é enfática, ou seja, que o rei, de certo modo, haja vomitado o que já havia ingerido e, por assim dizer, digerido em sua mente.

Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei como um palácio real, e isso com a força de meu poder? A qual construí para a excelência de meu esplendor? Nestas palavras não notamos qualquer blasfêmia direta que fosse por demais ofensiva a Deus. No entanto, devemos considerar que o rei falou desse modo com o intuito de reivindicar tudo para si, como se estivesse no lugar de Deus. E isso também pode ser inferido das palavras: *"Não é esta"*, diz ele, *"a grande Babilônia?"* Ele se vangloria da grandeza de sua

cidade, como se quisesse, como fazem os gigantes, contrastá-la com o céu. *"que eu"*, afirma ele. O pronome aqui me parece ser enfático – *"que eu edifiquei, e isso com a força de meu poder"*, diz ele. Notamos que ele usurpa a Deus de toda a honra, e a reivindica totalmente para si.

Contudo, antes de avançar mais, temos que ponderar por que ele afirma que Babilônia foi construída por ele. Pois todos os historiadores concordam que a cidade fora edificada por Semíramis. Ora, bem depois disso, Nabucodonosor canta em seu próprio louvor a fundação da cidade. No entanto, a solução é fácil. Pois sabemos que os reis terrenos usam qualquer método ao alcance para arruinar a glória de outrem, visando tão-somente a sua preeminência e a aquisição de um nome imortal. Especialmente quando fazem alguma mudança em prédios ou palácios ou cidades, então procuram aparecer como os construtores iniciais, e dessa maneira apagam a memória daqueles por quem as bases foram estabelecidas. Daí, é provável que Babilônia tenha sido melhorada e desenvolvida pelo rei Nabucodonosor; por isso ele transferiu para si toda a glória, quando, na verdade, a maior parte deveria ter sido atribuída a Semíramis ou Ninus. Esse é o teor dos discursos dos tiranos; ou seja, a maneira como os tiranos amiúde e comumente roubam o louvor pertencente a outras pessoas.

"Eu construí", diz ele, *"pela força de minha mão"*. Agora fica fácil de perceber por que Deus se ofendera com essa jactância do rei de Babilônia – isto é, com essa sacrílega ousadia de dizer que a cidade fora construída pelo uso de sua força. Todavia, Deus comprova que o louvor lhe pertencia; e merecidamente, pois "Se o Senhor não edificar a casa, em vão vigia a sentinela".[169] Portanto, embora os homens labutem arduamente na construção de suas cidades, isso de nada lhes adianta se Deus pessoalmente não estiver à frente do trabalho. Portanto, quando Nabucodonosor se exalta e contrasta o vigor de sua força com a de Deus e sua graça, isso

[169] Mg., Sl 127.1.

constituiu uma intolerável bazófia. E é por essa razão que Deus tenha se inflamado tanto contra ele.

Portanto, saibamos que este exemplo prova o que as Escrituras tão reiteradamente insistem em dizer – que Deus resiste os soberbos, humilha sua imponência e não tolera sua arrogância.[170] No presente exemplo temos confirmado o fato de Deus proclamar por toda parte que é o inimigo de todos os soberbos, como se o Senhor quisesse mostrar-nos, como num espelho, uma imagem de seu juízo. Essa é uma das coisas.

E também devemos observar a razão pela qual Deus declara guerra contra todos os soberbos – porque não podemos erguer nossas cabeças bem alto, qualquer que seja a altura, sem declarar guerra contra Deus. Pois dele é o governo, o poder; em suas mãos está nossa vida; separados dele nada somos e nada podemos fazer. Portanto, todo aquele que pretenda isso ou aquilo para si, detrai de Deus aquilo que pertence. Portanto, não surpreende que Deus declare não suportar mais a altaneira arrogância dos homens, porquanto o desafiam publicamente quando usurpam para si mesmo que seja a menor coisa. Obviamente, é claro que os homens constróem cidades através de árduo trabalho e que merecem louvor os reis que edificam cidades ou as melhoram – contanto que permaneça inalterado o louvor que pertence a Deus. Todavia, quando os homens se elevam e procuram fazer com que sua própria força atraia a atenção, estão tentando enterrar, o máximo possível, a bênção divina. Por isso é necessário que Deus cite em juízo sua sacrílega audácia, como já dissemos anteriormente.

Além disso, a vaidade do rei é traída por sua declaração: **Eu a construí como um palácio real e para a excelência de meu esplendor.** Por meio destes vocábulos, ele não esconde que durante toda sua atividade construtora estivera pensando em sua própria glória, para que sua fama fosse proclamada às futuras gerações.

[170] Mg., Sl 18.28 (isto é, 18.27); Tg 4.6; 1Pe 5.5.

Em suma, ele desejava ser famoso no mundo inteiro, tanto em sua própria época como também depois de sua morte, de maneira que, perto dele, Deus se tornasse uma nulidade – e, como já mencionei, todos os soberbos procuram usurpar o lugar de Deus.

Então prossegue: **A palavra ainda estava na boca do rei quando uma voz ecoou do céu: A ti se diz, ó rei Nabucodonosor, que teu reino já passou de ti.** Neste ponto, Deus não avisa o rei de Babilônia, nem por boca do profeta, nem por um sonho noturno, mas ele mesmo envia uma voz do céu. Já que nem um oráculo celestial, nem a explicação do profeta, domara a inflada soberba do rei, então uma voz ressoa do céu, voz que o encherá de mais temor. Deus está calejado de lidar assim com pessoas emperdenidas e inflexíveis. Ele anuncia iminente castigo sobre elas pela instrumentalidade de seus profetas; mas quando vê que não são tocadas nem afetadas, então duplica o terror, até que venha a execução final – assim como aconteceu a esse tirano.

Portanto, **a palavra ainda estava na boca do rei quando uma voz se fez ouvir**. Percebemos que, num instante, Deus refreia a loucura dos que se exaltam excessivamente. Contudo, não surpreende que a voz fosse ouvida tão repentinamente, já que ao rei Nabucodonosor fora dado um tempo para arrependimento. Na forma da expressão: **A ti se diz**, não devemos preocupar-nos com 'quem' diz. Alguns o restringem aos anjos; contudo não gosto disso. Parece, antes, haver sido extraído do idioma comum "A ti dizem"; ou seja, "É dito a ti", como se fosse confirmado pelo consentimento público.

Portanto, **A ti dizem, ó rei Nabucodonosor**. Deus não o trata simplesmente pelo nome, mas o prefixa com a palavra 'rei'; não como um tratamento honroso, mas como zombaria, bem como para arrancar do rei todos os aplausos com que fora enganado. "Tu te embebedaste com teu presente esplendor, com todos te adorando, e te esqueceste de tua fragilidade. Entretanto, tal majestade e poder reais não impedirão que Deus te deite no chão. E visto que não estás disposto a humilhar-te espontaneamente, o reino passou

de ti". Isso era quase inacreditável, pois a posse total do reino estava nas mãos de Nabucodonosor. Ninguém demonstrava qualquer hostilidade; ele havia domesticado a todos os seus vizinhos; sua monarquia era um terror para todas as nações. Mesmo assim, Deus declara: *"o reino passou de ti"*. E isso corrobora a infalibilidade do oráculo, para que Nabucodonosor soubesse que o tempo já se cumprira e que o castigo não mais poderia ser adiado; porquanto ele zombara da indulgência divina.

E prossegue: **E serás expulso dentre os homens, e tua morada será com os animais do campo** (ou, "bestas selvagens"); e **far-te-ão experimentar ervas como o gado**. Alguns crêem que Nabucodonosor foi transformado num animal, mas isso é muito brutal e absurdo. Portanto não devemos imaginar que ocorrera alguma metamorfose. Senão que foi tão rejeitado pela sociedade humana que, salvo sua forma humana, ele em nada diferia das bestas selvagens; mais ainda, com aquele banimento ocorreu tamanha desfiguração, que ele se transformou numa visão horrível – como veremos mais adiante, todos os pelos de seu corpo cresceram de maneira tal que aparentavam as penas de uma águia, e suas unhas eram como as garras de pássaros. Eis o que se assemelhava com os animais, pois o resto conservou sua forma humana.

Não se sabe se Deus atingiu o rei com a demência, de modo a fugir e esconder-se por algum tempo, ou se foi expulso por uma revolta ou conspiração dos nobres, ou mesmo com o consentimento de todo o povo. A última hipótese é duvidosa, pois a história dessa época não nos é conhecida. Nabucodonosor, porém, ou foi dominado pela insanidade, ou, vendo-se louco, deixou a sociedade humana, ou foi expulso, como freqüentemente sucede aos tiranos. O fato de haver ele vivido com os animais por algum tempo constituiu um exemplo memorável. E ainda é provável que ficasse totalmente bestializado; Deus lhe conservou a forma humana, mas lhe tirou a razão, o que transparecerá melhor à luz do contexto.

Portanto: **serás expulso dentre os homens; tua morada será com os animais do campo**; e também: **far-te-ão experimentar**

ervas como o gado. Isto é: "privado de todos os prazeres, até mesmo de alimento comum e barato, não encontrarás nenhum outro alimento senão aquele que o gado come. Portanto, pastarás grama como se fosse um animal selvagem".

E passar-se-ão sete tempos sobre ti. Falei um pouco antes dos sete tempos. Alguns os restringem a dias, mas isso fica totalmente fora dos limites, não só da razão, mas também da probabilidade. Tampouco os explico como meses, pois que seria um espaço de tempo muito curto. Portanto, é mais provável a opinião dos que os estendem a sete anos; pois se Nabucodonosor fora banido por uma revolta, então não teria sido chamado novamente com tanta rapidez. Além disso, já que Deus planejara mostrar através de sua pessoa um exemplo a ser lembrado para todo o sempre, não há dúvida de que o rei foi banido da vida comunitária por um longo tempo. Pois se o castigo houvera sido de apenas sete meses, então os juízos divinos seriam ignorados pelo mundo. Daí, para que Deus pudesse gravar tal castigo mais profundamente nos corações de todos, preferiu protelá-lo – não por apenas sete anos (pois já expliquei que um determinado número é estipulado por uma questão de incerteza), mas por um tempo muito longo.

"Passar-se-ão sete tempos sobre ti", afirma ele, até que aprendas que o Altíssimo governa o reino dos homens. Este é o propósito do castigo, como já dissemos. Pois não repetirei o que disse anteriormente. Entretanto, é preciso ter em mente que Deus suaviza a dureza do castigo, tornando-o temporário. Além disso, o castigo tem um propósito definido – para que Nabucodonosor por fim se arrependesse, pois não poderia fazê-lo sem experimentar a vara [divina] – da mesma forma que o antigo provérbio afirma que os idiotas nunca são chamados de volta à sanidade sem um duro tratamento. E assim, para que se submetesse a Deus, o rei Nabucodonosor teve que suportar as chibatadas, já que não extraíra proveito algum das santas advertências e ainda do oráculo divino. Deus não trata a todos da mesma maneira. Portanto, temos aqui um especial exemplo de sua bondade, tornando útil e proveitoso o castigo que

infligira sobre o rei Nabucodonosor. Pois os réprobos se tornam cada vez mais embrutecidos contra Deus; são ainda arrebatados e excitados pela fúria. Foi especial prova da graça que Nabucodonosor fosse castigado pela mão divina só por um tempo e por fim haver-se arrependido e aprendido que Deus detém o domínio de toda a terra.

Ele afirma que Deus **é o soberano sobre o reino** dos homens. Nada é mais intolerável para os tiranos do que convencer-se de que se acham debaixo do poder de Deus. Naturalmente confessam a uma só voz que reinam "pela graça de Deus", não obstante crêem que receberam seu reino, ou pela força, ou pela fortuna, e que o mantêm por suas próprias defesas, planos e recursos. Até onde lhes é possível, rejeitam a Deus, deixando-o fora do governo do mundo, enquanto se ufanam com falsa convicção que mantêm suas posições por seu próprio poder ou determinação. Portanto, ao começar Nabucodonosor a crer que *"Deus é o soberano sobre o reino dos homens*, isso não constituiu nenhum progresso ordinário. Os reis planejam colocá-lo no meio do caminho, ou seja, entre eles e as massas. Admitem que as massas estão abaixo de Deus, mas acreditam que elas estão fora da ordem comum e, no interesse de seus próprios caprichos, inventam para si o privilégio de que não se acham sob a mão e o domínio de Deus. E, como disse, era algo inusitado que Nabucodonosor finalmente aprendesse que *"Deus reina sobre a terra"*. Em sua maioria, os tiranos o trancafiam no céu e acreditam que ele está suficientemente satisfeito com sua felicidade pessoal, e que não se envolve nos assuntos humanos. Portanto, **para que saibas que ele é o rei.**

Em seguida, ele acrescenta a qualidade desse domínio – que **Deus exalta a quem quer e aos demais lança abaixo.** Deus é o rei, não só porque por sua universal providência ele sustém o mundo, mas porque ninguém pode, exceto por sua divina vontade, conquistar o governo. A alguns ele cinge a corda, a outros ele descinge, como está escrito no livro de Jó.[171] Portanto, não devemos inventar

[171] Mg., Jó 12.18.

um poder divino inativo, mas devemos associá-lo, por assim dizer, a uma "ação presente". Sejam os reis tiranos, sejam os santos e justos, só obtêm o poder e são totalmente governados pelo secreto conselho de Deus. Do contrário ele não seria o Rei do mundo.

E prossegue:

33 No mesmo instante a palavra se cumpriu sobre o rei Nabucodonosor, e foi expulso dentre os homens, e passou a comer erva como os bois, e seu corpo foi molhado pelo orvalho do céu, até que lhe cresceram os cabelos como as penas da águia, e suas unhas, como as das aves.

33 In illa hora sermo completus fuit super Nebuchadnezer, et ab hominibus ejectus est, et herbam tanquam boves comedit, et rore cœlorum corpus ejus irrigatum fuit, donec pilus ejus quasi aquilæ crevit, et ungues ejus quasi avium.

O profeta conclui o que dissera, que assim que a voz ecoou do céu, Nabucodonosor foi expulso dentre os homens. É possível que alguma ocorrência tenha sido a causa da expulsão. Contudo, visto ser esta uma conjetura dúbia, prefiro deixar indeciso o que o Espírito Santo não revelou. Apenas gostaria de sugerir sucintamente que quando o rei se vangloria de que a Babilônia fora construída pelo vigor de sua mão, é provável que os nobres tenham ficado desgostosos com tal explosão de arrogância. Ou poderia haver falado assim, crendo haver alguma conspiração contra ele ou que alguma revolta estava prestes a acontecer. Mas isso não importa, pois Deus enviou sua palavra e, no mesmo instante, foi expulsou o rei Nabucodonosor da sociedade humana. Portanto ele diz: Na mesma hora, a **palavra se cumpriu**. Se houvesse transcorrido um longo tempo, a causa poderia ser atribuída ao acaso ou a outros meios inferiores. Entretanto, quando a voz e o efeito são assim conectados, o juízo é claro demais para ser obscurecido pela malignidade dos homens.

Ele diz que **foi expulso dentre os homens e passou a comer erva**, de modo tal que não se distinguia do gado. **Seu corpo foi molhado pela chuva**, porque, obviamente, ele passou a viver a céu aberto. Nós também somos freqüentemente molhados pela chuva, e ninguém pode escapar disso estando a céu aberto; e fre-

qüentemente turistas ensopados são convidados ao abrigo. Todavia, aqui o profeta está falando do juízo contínuo de Deus, que o rei não tinha um teto sob o qual pudesse esconder-se, mas que dormia nos campos. Portanto diz: **era molhado pelo orvalho do céu.**

Diz ainda: **suas unhas e cabelos cresceram como os das águias e das aves.** Esta passagem confirma ainda mais o que já se disse: que os sete tempos têm de ser explicados como sendo um tempo longo; pois seu cabelo não cresceria tanto em apenas sete meses, nem se tornaria tão disforme. Daí a mudança que o profeta descreve revelar de maneira bastante clara que o rei Nabucodonosor sofreu por muito tempo. Nem poderia haver-se humilhado tão rapidamente; porque, se o orgulho é indomável até mesmo num homem de classe média, imaginemos, pois, num grande monarca!

Então prossegue:

34 E ao fim daqueles dias eu, Nabucodonosor, elevei meus olhos ao céu e tornou-me a vir o entendimento, e eu bendisse o Altíssimo, e louvei e glorifiquei ao que vive para sempre, porque seu poder é o poder eterno, e seu reino, de geração em geração.

34 Et a fine dierum, ego Nebuchadnezer oculos meos in cœlum extuli, et intellectus meus ad me rediit, et excelsum benedixi, et viventem *in* secula laudavi et glorificavi, quia potestas ejus potestas seculi, et regnum ejus cum ætate et ætate.

Então o profeta novamente mostra o rei Nabucodonosor falando. Diz ele: **depois de passar aquele tempo, ele elevou seus olhos ao céu.** Não há dúvida de que ele tem em mente os sete anos. À luz do fato de que só então começou a erguer seus olhos ao céu, torna-se evidente quanto durou a cura de sua doença; isto é, o orgulho. Assim como o tratamento é difícil e longo quando alguma parte vital é corrupta, quase podre, também, visto que o orgulho se radica profundamente nos corações dos homens e permeia seu ego mais íntimo e infecciona tudo o que está no âmago da alma, ele não é facilmente erradicado – e isso é digno de nota. Também se nos ensina que Deus de tal maneira operou no íntimo de Nabucodonosor, através de sua palavra, que não produziu de imediato o desejado efeito de sua graça. Foi saudável a Nabucodonosor ser tratado de forma tão ignominiosa durante sete anos (ou

período parecido) e banido da sociedade humana. Mas não pôde perceber isso até que Deus lhe abrisse os olhos. O Senhor com freqüência nos disciplina de maneira semelhante e pouco a pouco nos convida, e ainda nos prepara, para o arrependimento; entretanto, não nos conscientizamos imediatamente de sua graça.

Estou sendo, porém, prolixo demais, por isso deixarei o restante para amanhã.

Deus Todo-Poderoso, visto que, mesmo quando nada somos, não cessamos de agradar-nos a nós mesmos e vivemos tão cegos por nossa vã autoconfiança e vãmente nos vangloriamos de nosso poder (que nada é), permite que aprendamos a desvencilhar-nos dessa pervertida disposição e nos tornemos plenamente sujeitos a ti, de modo a dependermos somente de tua graça e aprendermos que só estamos de pé e somos mantidos assim por causa de teu poder. E permite que também aprendamos a glorificar teu nome, para que não só obedeçamos a tua Palavra com genuína e pura humildade, mas também incessantemente imploremos teu auxílio e, destituídos de toda autoconfiança, possamos descansar na graça que é nosso único apoio, até que, por fim, nos reúnas em teu reino celestial onde poderemos desfrutar daquela bendita eternidade que conquistaste para nós através de teu Unigênito Filho. Amém.

22ª Exposição

Agora darei seguimento à frase que foi interrompida ontem.

Nabucodonosor afirma que levantou seus olhos ao céu e tornou a vir-lhe o entendimento. Disso inferimos que, por certo tempo, ele esteve fora de si. Mas, segundo minha opinião, ele não estava completamente sem sentidos a ponto de não poder sentir seus males; contudo, machucava-se muito e parecia um louco. Outros o considerariam um maníaco completo. Não discutirei este ponto; para mim é suficiente saber que ele estava fora da razão, de modo que possuía em si algo de bestial. Entretanto, parece-me provável que houvessem alguns resquícios de inteligência, para que sentisse algum tormento em função de sua ruína. Todavia, ele não levantou seus olhos ao céu enquanto Deus não lhe restituiu a razão. Pois, como dissemos ontem, os castigos de Deus não valem nada se ele não operar no íntimo através de seu Espírito. A expressão equivale dizer que o rei começou a crer que Deus era um juiz justo. Ainda que sua desgraça o tenha torturado por algum tempo, ele não olhou para a mão que o punia, como é expresso noutro lugar.[172] Portanto, começou a reconhecer que Deus é o vingador contra o orgulho, depois do tempo prefixado, do qual falamos, já haver passado. Mas os que levantam seus olhos ao céu, ao mesmo tempo os abaixam à terra. Nabucodonosor deveria, desse modo,

[172] Mg., Is 9.13.

ter acordado de sua letargia e volvido ao Deus do qual esquecera. Também deveria, no mesmo instante, ter-se prostrado em terra, porque agora teria recebido o salário de sua soberba. Ele ousara erguer sua cabeça acima da condição humana, quando roubou para si aquilo que pertencia somente a Deus. Não "levantou seus olhos ao céu" em vã confiança, como fizera anteriormente, quando se embriagara com o esplendor de sua monarquia, mas ele tinha o Senhor em tal conta, que foi lançado e prostrado ao pó.

Depois disso acrescenta: e **bendisse o Altíssimo, e louvei e glorifiquei** ao que vive para sempre. Tal mudança mostra que a principal causa do castigo infligido sobre o rei Nabucodonosor foi por haver ele despojado o Senhor da honra que, por direito, lhe pertence. Pois ele aqui descreve o fruto de seu arrependimento. Se essa atitude de bendizer ao Senhor fluiu do arrependimento, segue-se que Nabucodonosor foi antes sacrílego ao usurpar a Deus de sua legítima honra e ao querer exaltar-se, pondo-se em seu lugar, como já foi dito.

E à luz desse fato devemos aprender o que significa louvar a Deus de coração; ou seja, quando somos reduzidos a nada e reconhecemos e nos convencemos de que todas as coisas estão em sua vontade e que (como veremos adiante) ele é o soberano dos céus e da terra, de modo que sua vontade vigora como lei, razão e norma completa de justiça. Pois podemos cantar louvores a Deus com todo o vigor de nossos pulmões; todavia, isso não passará de mero fingimento. Porque ninguém o louva sinceramente, salvo aquele que lhe atribui todas as coisas que veremos em seguida.

E, em primeiro lugar, Nabucodonosor diz: **Porque seu poder é eternal**, afirma, **e seu reino, de geração em geração**. Em primeiro lugar, ele aqui confessa que Deus é o rei eternal, porque ele é grande. Pois contrasta esta perpetuidade com a fragilidade inerente dos seres humanos. Às vezes até mesmo os mais elevados, os monarcas de maior poder, não possuem qualquer estabilidade. Não só estão sujeitos às mudanças da fortuna (como os profanos comu-

mente a chamam), ou, melhor, dependentes da vontade de Deus, mas também simplesmente se desvanecem em sua vaidade. Vemos o mundo todo agitado, por assim dizer, como um mar bravio. Se existe paz numa ou em muitas partes, ainda assim uma nova e inesperada mudança pode ocorrer a qualquer momento, algo totalmente inolvidável. Como uma tempestade pode surgir num instante num céu calmo e sereno, também podemos ver o mesmo suceder nos assuntos humanos. Já que isso é assim, não existe condição estável na terra; especialmente as monarquias se vêem sacudidas por agitações violentas. O que, portanto, é aqui declarado pelo rei Nabucodonosor tem caráter perene, ou seja, que Deus é αὐτοκράτωρ[173] [*autokrator*], e sozinho sustenta seu reinado, o qual, conseqüentemente, está fora de qualquer risco de mudança. Este é o primeiro ponto.

E então prossegue:

35 E todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e ele opera segundo sua vontade com a hoste do céu e os moradores da terra; e não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: O que fazes?

35 Et omnes habitatores terræ quasi nihil reputantur, et secundum voluntatem suam facit in exercitu cœlorum, et *in* habitatoribus terræ; et non est qui prohibeat manum ejus, et dicat ei, Quid fecisti?

Nesta passagem, acrescenta-se a cláusula oposta, de modo a completar a antítese. Pois ainda que se deduza que nada há de estável ou sólido nos homens quando esse princípio é ativo (a saber, que Deus é o rei eternal), mesmo assim poucos raciocinam dessa forma. Todos dirão que concordam que Deus detém um estado estável e perpétuo. Mas, ainda assim não olham para seu próprio íntimo a fim de considerar seriamente sua fragilidade. Esquecidos de sua posição, desafiam ao próprio Deus. A explicação acrescida é indispensável – após haver Nabucodonosor louvado a Deus, dizendo que seu poder é eterno, acrescenta também o outro lado, a saber, **todos os moradores da terra são reputados em nada.** Alguns acreditam que כלה, *kela*, é uma palavra única e a consideram como algo acabado, pois כלה, *kala*, significa 'terminar' ou

[173] αὐτοκράτωρ: rei absoluto.

'completar'; às vezes significa também 'consumir'; por isso, crêem que a palavra é tirada – que os homens são considerados de conformidade com sua medida, mas que Deus é imensurável. No entanto, isso é grave. A opinião mais aceita é que ה, *he*, é aqui expressa no lugar de א, *aleph*; de maneira que Nabucodonosor está dizendo que os homens são reputados em nada; isto é, perante Deus. Agora percebemos o quanto as duas cláusulas se completam – Deus é o rei eternal; todavia, os homens não são nada. Pois se alguma coisa lhes é atribuída em separado, é, na mesma extensão, tomada pelo poder e reino supremos de Deus. Logo, segue-se que a vontade infalível de Deus não será mantida até que todos os mortais tenham sido reduzidos a nada. Ainda que os homens se façam importantes, Nabucodonosor aqui declara, pela ação do Espírito, que eles são nada – isto é, diante de Deus. A única razão pela qual tão altaneiramente se exaltam é porque são cegos mergulhados em sua própria escuridão. Contudo, quando são arrastados à luz, sentem sua própria οὐδένειαν [*oudeneian*]; ou seja, que são simplesmente 'nada'. Entretanto, o que quer que sejamos, depende da graça de Deus, a qual minuto após minuto nos sustenta e acresce novas forças. Assim, nossa parte é não fazer outra coisa senão subsistir em Deus. Pois, no mesmo instante em que ele retirar sua mão e o poder de seu Espírito, desapareceremos. Portanto, somos alguma coisa – mas em Deus. Em nós mesmos não somos nada.

Então prossegue: **Deus opera segundo sua vontade com a hoste do céu e os moradores da terra.** Pode parecer absurdo dizer que Deus age de acordo com sua vontade, como se não houvesse nele nenhuma moderação nem justiça nem norma de retidão. No entanto, devemos ter em mente o que já disse noutra instância, que os homens são governados por leis porque sua vontade é pervertida e exercida sem moderação, aqui ou acolá, por meio de seus desejos. Todavia, Deus é lei para si mesmo, porque sua vontade é justiça mais que perfeita. Assim, até onde as Escrituras põem diante de nós o poder divino e ordena que nos contentemos com ele, não está atribuindo a Deus um reinado tirânico, como dizem calu-

niosamente os ímpios. Nunca, porém, cessamos de contrariar a Deus e de pôr nossa razão contra seus planos secretos, levantando contra ele nosso questionamento, como se suas ações, as quais reprovamos, não fossem justas e sábias. Por isso, para que seu Espírito Santo detenha tal audácia, Deus declara que faz todas as coisas segundo sua vontade. Lembremo-nos, pois, quando se fizer menção de Deus, que nada que seja pervertido ou injusto pode ter nele qualquer guarida. Sua vontade não é satisfeita por desejos, mas é justiça suprema. Já que é assim, lembremo-nos também de quão grande e quão desenfreada e obstinada é nossa audácia, ao ousarmos erguer a voz e fazer esta ou aquela objeção contra Deus. Disso segue-se que se faz necessária esta doutrina que faz a modéstia controlar-nos – doutrina essa de que Deus faz todas as coisas conforme sua vontade; como também é expresso no Salmo: *"No céu está nosso Deus; e tudo faz como lhe agrada"*.[174]

Ora, à luz desta afirmativa deduzimos que nada acontece por acaso, mas qualquer coisa que aconteça no mundo depende da providência secreta de Deus. Nem se deve admitir, a esta altura, aquela distinção repugnante entre a permissão e a vontade divinas. Pois vemos que o Espírito Santo, que é o melhor mestre na arte da linguagem, aqui expressamente afirma duas coisas: que Deus age, e que age de acordo com sua vontade. Contudo, os fúteis especuladores dizem que essa permissão difere da vontade, como se o Senhor relutantemente consentisse naquilo que não pretende fazer! Nada é mais ridículo do que introduzir tal fraqueza em Deus! Então, ele acrescenta a eficácia do agir. Assim, Deus faz o que lhe agrada, diz Nabucodonosor. E ele não está falando num sentido carnal, mas, como já disse, pela operação do Espírito. Portanto, ele tem de ser ouvido como se fosse um profeta enviado dos céus.

Ora, lembremo-nos disto: o mundo é de tal forma administrado pela providência secreta de Deus que nada acontece além daquilo que ele ordenou e decretou, e que ele merecidamente deve ser

[174] Mg., Sl 115.3.

reconhecido como o Autor de todas as coisas. Alguns objetam dizendo que isso parece absurdo e que, seguindo este raciocínio, Deus é o Autor do pecado, já que nada acontece exceto por sua vontade; ou, melhor, quando tudo é fruto de sua própria ação. Entretanto, tal calúnia é facilmente refutada, porquanto Deus opera de maneira diferente dos homens. Pois quando alguém peca, Deus está agindo ali de seu modo; esse modo, porém, é totalmente diferente daquele exercido pela pessoa em questão; porquanto Deus está exercendo seu juízo (como quando se diz que ele cega e endurece). Quando, pois, Deus ordena aos réprobos ou ao diabo, ele os denuncia e os lança a todo gênero de licenciosidade. Quando o Senhor assim age, está exercendo seu juízo. Contudo, aquele que peca é merecidamente culpado; nem se pode designar a Deus como cúmplice de seu crime. Por quê? Porque Deus nada tem em comum com alguém no tocante ao pecado. Portanto, notamos que o que muitos crêem ser contradição, se harmoniza muito bem: Deus governa segundo sua vontade tudo quanto acontece na terra; todavia, ele não é o Autor do pecado. Por quê? Porque usa o diabo e todos os réprobos de uma forma tal, que sempre será um Juiz justo. A causa nem sempre nos será evidente, mas deve-se manter o princípio de que o poder supremo está nas mãos de Deus e, portanto, não procede argumentar contra seus juízos, mesmo quando aparentam incongruência.

Por essa razão, o texto flui coerentemente: **não há quem possa deter-lhe a mão, nem dizer-lhe: Por que fizeste isso?** Ao dizer Nabucodonosor que ninguém pode deter a mão de Deus, ele está zombando da loucura daqueles que não hesitam em levantar-se contra o Senhor. Se pudessem, levantariam um de seus dedos para deter sua mão; e mesmo quando se convencem de sua fraqueza, ainda prosseguem em sua fúria. Nabucodonosor corretamente mostra o quanto sua loucura é ridícula, exaltando-se excessivamente e pretendendo deter a Deus, ou tentando enclausurá-lo dentro de seus próprios limites; ou, ainda, forjando correntes que o prendam. Quando os homens assim prorrompem-se numa sacrílega

paixão, merecidamente ouvem uma gargalhada. Esse é o sentido das palavras que lemos aqui em Daniel.

Em seguida ele acrescenta que **ninguém lhe diz: Por que fizeste isso?** Sabemos o quanto as línguas correm soltas em total impudência, pois dificilmente um em cem se conservará no modesto curso de dar glória a Deus e de confessar que ele é justo em seus desígnios. No entanto, Nabucodonosor não está considerando aqui o que geralmente acontece entre os homens, e, sim, o que é correto. Portanto, afirma que Deus não pode ser corrigido (isto é, justamente), porque não importa o quanto os réprobos palrem, seus fúteis argumentos se desvanecem, e porque não são sustentados pela razão, não possuem nem mesmo um laivo de verdade. A essência disso é que a vontade de Deus se impõe como nossa lei, pois discutir com ele é perda de tempo; e porque, se nos permitimos tamanha licenciosidade, e se nossa loucura se prorrompe em desenfreado desejo de contender com Deus, não teremos sucesso algum. Pois Deus é justo em seus juízos, e por isso toda boca humana ficará em silêncio.[175] Eis a essência.

Entretanto, devemos observar esta afirmação: **A vontade de Deus é exercida com a hoste do céu e nos moradores da terra.** Por "hoste do céu" não entendo, como em alguns textos das Escrituras, o sol, a lua e as estrelas, e, sim, os anjos e até os demônios (que podem ser chamadas *celestiais* sem qualquer absurdo em virtude de sua origem; e também sabemos que eles são os principados do ar). Portanto, Daniel tem em mente os anjos, tanto quanto os demônios e os homens, os quais são governados pela vontade de Deus; e embora os ímpios corram de forma desenfreada, estão seguros pelo freio secreto de Deus e não podem seguir os ditames de seus desejos. Por essa razão, diz-se que Deus 'faz na hoste do céu e nos homens o que bem lhe apraz, porquanto tem os anjos que lhe são obedientes (a saber, os anjos eleitos); os demônios, porém, são obrigados a obedecer sua vontade mesmo quando relutam para

[175] Mg., Sl 51.6; isto é, 51.4.

fazer justamente o contrário. Evidentemente sabemos que os demônios são adversários em todas as suas ações, mas são, por fim, forçados a prestar obediência a Deus, não voluntariamente, mas por coerção.

Como o Senhor age nos anjos e nos demônios, assim o faz nos moradores da terra. Alguns, ele governa por seu Espírito; ou seja, os eleitos, que após serem regenerados por seu Espírito são de tal modo conduzidos por ele que sua retidão resplandece nitidamente em todas as suas ações. Ele também age nos réprobos, mas de outra forma. Pois os arrasta violentamente pela mão do diabo; também os guia por seu poder secreto, lança sobre eles um espírito de leviandade, cega-os e os satura com uma mente réproba, além de endurecer seus corações com pertinácia. Veja-se como Deus faz todas as coisas segundo sua vontade, nos homens e nos anjos!

Ora, no que diz respeito à condição externa, também existe certa diferença em seu modo de agir. Pois Deus põe este no alto; mas, àquele, ele lança abaixo. E assim vemos os ricos repentinamente se tornarem pobres. Levanta outros do monturo e os põe nos mais altos patamares da honra.[176] Os profanos o chamam de jogo da fortuna. Contudo, o governo da providência divina, ainda que incompreensível, é plenamente justo. Por conseguinte, Deus age nos homens e nos anjos de acordo com sua vontade. Mas, como dissemos antes, a ação interior é posta em primeiro lugar.

E então prossegue:

36 E naquele instante tornou-me a vir o entendimento, e, para a excelência de meu reino, voltaram minha glória e minha dignidade; e meus conselheiros e meus nobres me buscaram; e fui restabelecido em meu reino, e minha dignidade aumentou ainda mais.

36 Et in tempore illo intellectus meus rediit ad me, et ad excellentiam regni mei, decor meus et dignitas mea reversa est ad me: et me consiliarii mei et proceres mei requisierunt: et in regno meo confirmatus sum, et dignitas mea amplior aucta fuit mihi.

Aqui Nabucodonosor explica com maiores detalhes aquilo que já havia brevemente mencionado – que recobrara sua sanidade –, e

[176] Mg., Sl 113.7.

então enaltece a misericórdia de Deus, contentando-se com um castigo moderado e temporário, e declara que ele, por fim, lhe estendeu sua mão e de animal novamente o transformou num homem. (Não que ele fosse transformado em animal, como já dissemos, mas porque fora lançado em ignomínia, tornando-se semelhante aos animais selvagens e alimentando-se com eles. Aquela deformação foi tão horrenda que a restituição da vida normal poderia com razão ser chamada de nova criação. E assim Nabucodonosor tinha boas razões para celebrar tão grandiosamente a graça divina.)

Naquele instante tornou-me a vir o entendimento. Ele disse isso uma vez; mas a inteligência e a razão são benefícios divinos, tão inestimáveis, que Nabucodonosor põe suas palavras em alto relevo, confessando que experimentara singular graça do Senhor ao ser restaurado à sanidade.

Ao mesmo tempo, ele acrescenta que **quando tornou-lhe a vir a glória e a excelência de seu reino, foi procurado por seus conselheiros e nobres.** A história completa é desconhecida; o memorial daqueles tempos está sepultado. Mas é provável que, ao final de tudo, os príncipes do reino se volveram com clemência e decidiram receber novamente seu rei banido. Não cremos que fizeram isso movidos por seu próprio desígnio, pois Deus os usou de forma tal que não tinham consciência de estar cumprindo o que ele determinara. Haviam ouvido a voz celeste: **A ti se diz, ó rei Nabucodonosor, teu reino já foi removido de ti etc.** Este fato teria se tornado conhecido de todos e aclamado em todos os lugares. Não obstante, sabemos quão facilmente o esquecimento se apodera das pessoas quando Deus fala. Então, embora os príncipes não soubessem que estavam engajados no trabalho do Senhor, acenaram para seu rei convidando-o de volta. Desse modo, ele voltou à dignidade de seu reino; na verdade lhe foi adicionada uma dignidade maior do que a anterior.

Finalmente ele diz:

37 Agora eu, Nabucodonosor, louvo 37 Nunc ego Nebuchadnezer laudo,

e exalto e glorifico ao Rei do céu; porque todas as suas obras são verdadeiras, e os seus caminhos justos, e pode humilhar aos que andam na soberba.

et extollo, et glorifico Regem cœlorum: quia omnia opera ejus veritas, et viæ ejus judicium: et eos qui ambulant in superbia potest humiliare.

Este é o final da declaração. Nabucodonosor associa uma franca confissão de sua culpa aos louvores de Deus. Pois o que ele diz acerca dos soberbos, sem dúvida está aplicando especialmente a si mesmo, como se estivesse dizendo: "Deus quis pôr diante de todos uma prova extraordinária para que todos soubessem que os soberbos são humilhados por sua mão. Eu estava inchado pela soberba; Deus me corrigiu com tão terrível castigo, que, agora, o meu exemplo irá beneficiar a todos". Diz aqui que o rei Nabucodonosor não só agradece a Deus, mas, ao mesmo tempo, confessa que foi culpado, e que enfrentara merecidamente tal dificuldade, porque sua soberba não poderia ser corrigida com um tratamento mais leve.

Ele, contudo, primeiro afirma: **Louvo, exalto e glorifico ao Rei do céu.** Este acúmulo de palavras indubitavelmente procederam de sua forte emoção. Ao mesmo tempo, deve-se produzir uma antítese à luz do princípio que vimos anteriormente, ou seja, que Deus nunca é corretamente louvado, exceto quando a miséria humana é descoberta; Deus nunca é justamente exaltado, exceto quando a arrogância humana é destruída; o Senhor nunca é glorificado, exceto quando os homens são lançados por terra envoltos em sua ignomínia. Portanto, nesta passagem, quando Nabucodonosor "louva, exalta e glorifica a Deus", ao mesmo tempo confessa, como antes, que ele e todos os outros mortais nada são, não merecem louvor algum, senão que são dignos de toda ignomínia.

Em seguida, acrescenta: **porque todas as suas obras são verdadeiras.** Aqui קשוט, *kesot*, é subentendido como 'justiça' ou 'integridade'. Pois דיני אמת, *dine emez*, são qualificadas de "verdadeiros juízos"; todavia, aqui elas apontam para a eqüidade. Assim: *"todas as obras de Deus são verdadeiras"*; isto é, "são íntegras", como se dissesse que não há nas obras divinas nada digno de culpa. Em seguida vem a explicação: **todos os seus caminhos são justos.** À

luz disso notamos que aqui se louva a perfeita retidão de Deus. No entanto, isso deve ser uma referência à pessoa de Nabucodonosor, como se estivesse dizendo: "Deus não me tratou com demasiada rigidez; não tenho nenhuma queixa contra ele, nem murmuro contra seu nome por haver sido severo demais comigo. Confesso que qualquer castigo que eu sofrer será merecido". Por quê? **Porque todos os caminhos do Senhor são justos**; ou seja, há neles retidão suprema. Por conseguinte, **todas as suas obras são verdadeiras**; isto é, não se encontra nelas qualquer injustiça, nada que seja ardiloso; em tudo brilha a retidão suprema. Portanto, vemos que, por meio destas palavras, Nabucodonosor condena-se a si próprio, com sua própria boca, ao declarar a justiça divina em todas as suas obras. Esta generalização (como a chamam) não impede que Nabucodonosor espontânea e publicamente se apresente culpado diante do tribunal do Senhor; todavia, a expressão assume mais vigor quando ele se admoesta por seu próprio exemplo, confessando publicamente que Deus é justo e reto e verdadeiro em tudo quanto faz.

E isso é digno de nota, porque a muitos não é difícil celebrar a justiça e retidão de Deus quando são tratados como gostariam que fossem; se Deus, porém, começa a tratá-los com mais severidade, então passam a cuspir seu veneno e a contender com Deus, transformando-o em Deus injusto e cruel. Ao confessar Nabucodonosor aqui, sem reservas, mesmo depois de ser tão abruptamente castigado, que Deus é justo e verdadeiro em todas as suas obras, sua confissão não contém fingimento. O que disse só poderia vir do âmago de seu coração, pois que experimentara o rigor do juízo divino.

Ao final, ele acrescenta: **Ele pode humilhar aos que andam na soberba**. Aqui Nabucodonosor declara ainda mais francamente sua desgraça; pois, uma vez seu castigo tornando-se conhecido de todos, não se envergonhou de admitir sua culpa perante o mundo. Da mesma maneira que Deus quis que sua loucura fosse detestável em todos os lugares, quando lançou sobre ele um exemplo tão horrível de castigo, agora Nabucodonosor também se põe a declarar que merecera aquele tão severo castigo em decorrência de sua so-

berba. E aqui notamos que o poder de Deus se une à retidão, como dissemos anteriormente. Ele não atribui a Deus nenhuma tirania injusta. Porque, depois de confessar que todos os caminhos de Deus são justos, Nabucodonosor imediatamente acrescenta que ele mesmo fora soberbo. E assim, indubitavelmente, expunha sua ignomínia perante os homens para que Deus fosse glorificado.

E esta é a genuína forma de louvar a Deus, não só confessando que somos uma nulidade, mas também reconhecendo nossas mazelas. Não só reconhecendo em nosso íntimo que somos completamente culpados perante ele, mas também, quando houver necessidade, fazendo a mesma declaração entre os mortais. E ao utilizar o rei o verbo 'humilhar', deve-se entender a humilhação externa. Pois Nabucodonosor foi humilhado quando Deus o precipitou na floresta com o fim de viver uma vida comum aos animais selvagens. Entretanto, ele foi humilhado também em outro aspecto, ou seja, como um dos filhos de Deus. Portanto houve uma dupla humilhação; Nabucodonosor, porém, está se referindo, aqui, à primeira humilhação, ou seja, que Deus lança no pó da terra os soberbos. Esta é uma das formas de se humilhar; tal humilhação, porém, não produzirá resultados se Deus em seguida não nos controlar com um espírito de brandura. E assim, Nabucodonosor não está aqui incluindo a graça divina, ainda que essa graça mereça registro e excelsa proclamação, nem inclui neste edito tudo o que se poderia exigir de um santo homem que fora educado na escola de Deus; não obstante, ao atribuir supremo poder a Deus, mostra que tirara grande proveito de seus castigos; também louva sua justiça e retidão, além de confessar sua própria culpa e testificar que fora justo seu castigo divinamente imposto.

Deus Todo-Poderoso, já que a doença da soberba, pela qual fomos corrompidos em nosso pai Adão, está tão arraigada em todos nós, permite que aprendamos a examinar-nos interiormente e sentir-nos devidamente desgostosos com o que virmos; além disso, que possamos sentir que não há em nós nenhuma sabedoria, nenhuma retidão senão somente no Senhor; para que

busquemos refúgio em tua misericórdia; em primeiro lugar, admitindo que somos condenados à morte eterna, mas que, dependendo de tua bondade que condescendes em oferecer-nos através de teu evangelho, dependendo também do Mediador que nos deste, não hesitemos em fugir em tua direção e em chamar-te de Pai, e que, regenerados por teu Espírito, possamos andar em verdadeira humildade e modéstia, até que, por fim, tu nos conduzas àquele reino celestial que preparaste para nós pelo sangue de teu Unigênito Filho. Amém.

23ª Exposição

Capítulo 5

1 O rei Belsazar deu um grande banquete a mil de seus nobres, e bebeu vinho na presença dos mil.

1 Beltsazar rex fecit convivium magnum proceribus suis mille, et coram mille vinum bibit.

Daniel aqui relata a história do que aconteceu quando Babilônia foi capturada. Entrementes, porém, deixa que seus leitores considerem o juízo divino, o qual os profetas haviam previsto antes mesmo que o povo fosse introduzido no exílio. Aqui ele não usa um estilo profético, como veremos em breve, mas se contenta com uma narração direta. Entretanto, a utilidade da história pode ser apreendida à luz do que se segue; e assim, nossa presente tarefa consiste em refletir sobre o valor da história para a edificação da fé e do temor no Senhor.

Em primeiro lugar, devemos observar o período em que Belsazar celebrou tal banquete. Setenta anos haviam passado desde que Daniel e seus amigos foram levados para o exílio. Pois, embora mais tarde Nabucodonosor seja tido como pai de Belsazar, ainda é suficientemente certo que Evil-Merodaque reinasse entre eles. Não obstante, Evil-Merodaque reinou durante vinte e três anos. Alguns ainda contam dois reis antes de Belsazar; põem Neriglissar e depois Labasi-Marduque além dele. Estes dois somam oito anos. Metástenes[177] é a

[177] Veja-se p. 43, nota 29.

autoridade nisso e muitos o seguem. Todavia, é certo que Nabucodonosor, o Grande (que levou Daniel, e era filho de Nabucodonosor, o Primeiro), reinou por quarenta e cinco anos. Alguns atribuem dois desses anos ao reinado de seu pai. Seja como for, ele manteve o poder real por quarenta e cinco anos. Ora, somem-se vinte e três anos para Evil-Merodaque, e então chegamos a sessenta e oito anos. Belsazar reinou durante oito anos. Portanto, vemos que setenta e dois anos se passaram desde a época em que Daniel foi levado para o cativeiro. Metástenes atribui trinta anos ao reinado de Evil-Merodaque; só então os oito anos lhe são somados. Assim, a soma resultaria em mais de oitenta anos. E isso é bem provável. No entanto, Metástenes parece incorreto ao diferenciar os reis quando só os nomes eram diferentes. Porquanto Heródoto[178] não chama Belsazar o rei de quem estamos falando. Chama Labynetus a seu pai, e atribui o mesmo nome a Belsazar. Por isso, parece que Metástenes enganou-se quanto aos nomes. No que tange à consideração do tempo, porém, espontaneamente aceito o que ele diz, a saber, que Evil-Merodaque reinou por trinta anos.

Ao lidarmos com os setenta anos que Jeremias predisse, não devemos começar pelo exílio de Daniel, nem pela queda da cidade, e, sim, pelas calamidades ocorridas entre a primeira vitória do rei Nabucodonosor (granjeada enquanto seu pai era vivo) e a queima e destruição do templo e da cidade. Pois, como dissemos noutra ocasião, ele voltou a sua própria nação para evitar que alguma revolta ocorresse durante sua ausência. Assim, para chegar-se aos setenta anos, no final dos quais Deus determinou o fim do cativeiro de seu povo, provavelmente teremos que aumentar o reinado de Evil-Merodaque para mais vinte e três anos. Mesmo assim, há pouca diferença no fato propriamente dito. Pois, logo depois que Nabucodonosor regressou, levou embora o rei, ainda que a cidade continuasse ilesa. Mas, embora o templo continuasse ainda de pé, Deus infligiu sobre o povo um castigo muitíssimo pesado; foi semelhante à última catástrofe, ou, pelo menos, não muito menos que isso.

[178] Mg., Heródoto, 1; isto é, *História* 1:74, 77, 188.

Seja como for, descobrimos que Belsazar celebrou este banquete quando o tempo do livramento já era iminente.

E aqui devemos considerar a providência de Deus que administra cada segundo do tempo, para que os ímpios, assim que o tempo de sua ruína chegar, espontaneamente corram para ela. Assim aconteceu a esse rei perverso. Revelou surpreendente estupidez preparando um esplêndido jantar, recheado de delícias, mesmo quando a cidade se achava sitiada. Porquanto Ciro há muito tempo iniciara o sitio à cidade com um grande exército. O desditoso lugar já estava dominado em sua metade. E, mesmo assim, como em franco desprezo a Deus, organizou um suntuoso banquete para mil convidados. À luz deste fato podemos corretamente imaginar quão ruidoso foi o repasto e quão extravagante. Porque, quando se tem apenas dez ou vinte convidados, há muito o que organizar-se, e com isso muito tumulto – se é que se vai empreendê-lo com estilo. Com todos os preparativos reais, porém, para mil nobres, a mulher do rei e suas concubinas – com tamanha multidão reunida –, teriam que procurar comida e iguarias por toda parte. Isso poderia parecer inacreditável. Entretanto Xenofonte,[179] ainda que romanceie muitas coisas e não observe a seriedade ou a confiabilidade histórica, pois, como orador público de Ciro, procura cantar seus louvores – apesar de zombar de muitas coisas, neste assunto ele não tinha razão ou motivo algum para mentir, e afirma que o rei tinha um suprimento de milho que poderia suportar o sitio de Babilônia por dez anos ou muitos mais. Além disso, com razão compara Babilônia como sendo por si mesma uma região, pois a extensão da cidade era tão grande que poderia parecer inacreditável. E obviamente era também muito populosa; não obstante, já que haviam trazido o suprimento de milho de toda a Ásia, não surpreende que os babilônios tivessem um estoque de comida capaz de os sustentar por tão longo tempo, mesmo que fossem cortados seus contatos com o mundo.

[179] Xenofonte, *Cyopaedia* 7:5:13.

Não obstante, há algo anormal e terrível nesse banquete. Enquanto o rei, que deveria pessoalmente estar de prontidão, ou pelo menos haver colocado sentinelas para que a cidade não fosse surpreendida, naquele momento, envolvia sua mente em festança, como se estivesse desfrutando de paz perene, sem qualquer risco de inimigos externos, constitui algo muitíssimo estranho! Entretanto, estava ele em guerra com um dos homens mais energéticos que já viveram. Ciro possuía uma inteligência tão extraordinária, que de muito superava a todos os demais em presteza de ação. Enquanto Belsazar estava sendo tão furiosamente atacado, é estarrecedora sua indolência em ainda celebrar banquete. Xenofonte afirma que aquele era um dia de festa.[180] De nada valia a visão dos judeus que os caldeus fossem vitoriosos sobre os persas. Pois Xenofonte, neste ponto, é confiável (isto é, quando não se põe a contar mentiras da parte de Ciro, é um dos autores mais sérios e dignos de crédito; mas quando deseja louvar a Ciro, desconhece os limites) – mas, neste aspecto, é um bom historiador, afirmando que os babilônios consideravam aquele um dia solene de festa anual.

Também conta como Babilônia foi capturada pelos seus generais Gobrias e Gábata. Pois Belsazar havia castrado o primeiro com o fim de humilhá-lo e assassinado o filho do segundo enquanto o pai ainda vivia.[181] Por tal razão, um ardia de desejo por vingança pela morte de seu filho, e o outro por sua ignomínia; e conspiraram juntos. Sucedeu que Ciro desviou muitos braços do Eufrates, e assim Babilônia foi inesperadamente capturada.

No entanto, devemos observar que a cidade foi capturada duas vezes; pois, doutra maneira, as profecias não poderiam ser críveis. Quando os profetas ameaçam Babilônia com a vingança divina, afirmam que seus inimigos serão muito ferozes, não à procura de ouro ou prata, mas com um apetite por sangue humano; também narram as atrocidades mais medonhas, que costumeiramente se

[180] *Cyropaedia* 7:5:15.
[181] *Cyropaedia* 4:6:2-7; 5:2:28.

praticam na guerra.[182] Mas nada disso ocorreu quando a Babilônia foi tomada por Ciro. Todavia, quando os babilônios se livraram desse jugo e se libertaram do governo persa, Dario recobrou a cidade através das ações de Zopyrus, que mutilou o seu próprio corpo e fingiu deixar-se usar tão cruelmente pelo rei ao ponto de dispor-se a trair a cidade. Deduzimos que foi nessa ocasião que os babilônios foram tratados tão duramente; três mil nobres foram crucificados. E o que aconteceu ao povo comum, nada menos que três mil foram eliminados, pendurados em cadafalsos ou até crucificados. Portanto, é evidente que o castigo dos babilônios foi temporariamente adiado, ainda que estivessem durante esse período sujeitos a um governo estrangeiro e de serem tratados mal e insolentemente pelos persas, reduzidos, aliás, a trabalho-escravo. O uso de armas foi proibido, e desde o primeiro dia foram instruídos a servir a Ciro, não ousando brandir uma espada sequer.

Faz-se necessário mencionar essas coisas sucintamente, para que aprendamos que os assuntos humanos são administrados pelo juízo secreto de Deus; que ele lança abaixo os réprobos quando seu castigo está pronto. À luz desse fato temos aqui um claro exemplo no rei Belsazar. O tempo do livramento previsto por Jeremias havia chegado,[183] os setenta anos haviam passado. Babilônia estava sitiada. Agora os judeus podiam erguer suas cabeças em viva esperança, pois a vinda de Ciro poderia ultrapassar a todas as crenças. De repente, ele irrompera das montanhas da Pérsia que, naquela época, era uma nação retrógrada. Portanto, quando Ciro subitamente surgiu como um pé-de-vento, a mudança poderia dar aos judeus alguma esperança; mas enquanto ele ficara por tanto tempo na retaguarda, por assim dizer, enquanto a cidade era sitiada, poderiam ter-se desanimado. Então, enquanto Belsazar celebra uma festa, com seus nobres, Ciro poderia deitá-lo fora, como dizem, com a facilidade com que se faz um jogo. Mas, enquanto isso, o Senhor

[182] Mg., Jr 50.42; isto é, 50.41–51.35.
[183] Mg., Jr 25.11.

não estava no céu sentado ociosamente. Ele entorpeceu a mente desse ímpio rei, de modo que ele mesmo entregou-se ao castigo de livre e espontânea vontade. Ninguém o trai; ele mesmo se oferece. Como tal aconteceu, senão porque Deus o entregara a seu inimigo? E tudo ocorreu conforme o decreto que Jeremias proclamara.[184] Portanto, ainda que Daniel nos conte uma história; é nossa tarefa (como já disse) refletir sobre coisas muito mais grandiosas – pois Deus, que prometera liberdade a seu povo, agora estende sua mão, saindo de seu lugar secreto e cumprindo o que fizera prever pelos profetas.

Então prossegue, dizendo que **o rei Belsazar bebia vinho na presença dos mil**. Alguns dos rabinos afirmam que ele competia com seus mil nobres para igualar-se a todos na intemperança da bebida. Mas isso é um tanto ridículo. Quando diz que *bebia vinho na presença dos mil*, sua referência é ao costume da nação. Pois era raro os reis caldeus promoverem banquetes. Usualmente festejavam sozinhos, como atualmente procedem os reis da Europa. Pois acreditam que, se a mesa for preparada para uma só pessoa, isso aumenta sua dignidade. Os reis caldeus possuíam uma arrogância semelhante. Portanto, quando o profeta diz que *Belsazar bebia vinho na presença dos mil*, indica algo fora do comum: esse solene banquete estava fora da rotina diária, e, mais ainda, o rei tinha seus nobres em tão alta conta que os recebeu como companheiros de mesa. Pois a conjetura de alguns, de que ele bebia vinho abertamente porque geralmente se embriagava sem a presença de testemunhas, é bastante fraca. N*a presença*, pois, deve ser considerado como uma indicação de comunhão ou sociedade.

Prossigamos:

2 Belsazar ordenou, na degustação do vinho, que trouxessem os utensílios de ouro e de prata, que Nabucodonosor, seu pai, carregara do templo que estava em Jerusalém, para que o rei, seus

2 Beltsazar præcepit in gustu, *vel*, *sapore*, vini, ut afferrent vasa auri et argenti, quæ asportaverat, *vel*, *extulerat*, Nebuchadnezer pater ejus ex templo quod *est* in Jerusalem, ut biberent in

[184] Mg., Jr 25.26.

grandes, suas mulheres e concubinas bebessem neles.

illis rex, et proceres ejus, uxores et concubinæ.

Aqui o rei Belsazar apressa seu castigo. Provoca a furiosa ira divina contra si, como se se entediasse com a delonga do juízo divino contra si. Foi isso o que eu disse: quando a ruína ameaça a casa, os ímpios abrem as portas e os portões, segundo afirma Salomão.[185] Portanto, quando Deus pretende executar seu juízo, impele à frente os perversos por um impulso secreto, para que corram a seu encontro como que movidos por sua própria vontade e tragam sobre si uma célere destruição. Foi isso o que fez Belsazar. A displicência foi um sinal de insensibilidade; e esta, por sua vez, foi um sinal da ira divina; separar tempo para os prazeres em meio a todos os seus problemas e o perigo. Entretanto, tal cegueira mostra a vingança divina ainda mais claramente; insatisfeito com sua própria intemperança e com seus prazeres inoportunos, o rei, abertamente, declarou guerra contra Deus.

Ordenou que os utensílios dourados e prateados que Nabucodonosor havia removido lhe fossem trazidos. Parece que os utensílios estavam guardados no tesouro público. Com isso deduz-se que, enquanto viveu, Nabucodonosor jamais abusou dos utensílios dessa forma. Tampouco lemos que Evil-Merodaque fizesse semelhante coisa. Agora, porém, Belsazar, deliberadamente, se propõe a insultar a Deus. Pois não há dúvida de que ordenou a vinda dos utensílios por puro esporte, procurando realçar novamente a vitória sobre o verdadeiro Deus, como veremos em breve.

O profeta afirma que Nabucodonosor era o pai de Belsazar; todavia, já explicamos em que sentido isso deve ser entendido. É bastante comum, em todas as línguas, chamar avós e bisavós, e mesmo trisavós, de 'pais'. Assim, está escrito que Belsazar é 'filho' do rei Nabucodonosor porque procedeu de sua semente e pertencia a sua linhagem. Veremos isso mais adiante.

Há quem pense ser Evil-Merodaque aquele que foi castigado

[185] Mg., Pv 17.16; isto é, 17.19.

com a terrível doença mencionada no último capítulo. E é possível que também tenha sido denominado de Nabucodonosor. No entanto, não somos compelidos a aceitar seu ponto de vista. Pois seria muito estulto, ante a ocorrência do vocábulo 'pai', chegar precipitadamente a tal conjetura.

O profeta diz que Belsazar ordenou isso na degustação do vinho. טעם, *teem*, significa 'saborear'; portanto não há dúvida de que ele está falando do sabor. Entretanto, já que isso é metaforicamente permutado visando ao entendimento, alguns explicam que o vinho o impeliu e que a embriaguez usurpou o espaço da razão e do juízo. "A noite, o amor e o vinho", diz alguém, "são persuasores imoderados".[186] Mas tal explicação parece-me forçada. Compreendo simplesmente que Belsazar, ao deixar-se aquecer pelo vinho, ordenou que os utensílios fossem trazidos. E esse é o ponto de vista mais comum.

Quando, pois, o sabor do vinho prevaleceu – isto é, quando o vinho havia dominado os sentidos do rei – então ordenou que os utensílios fossem trazidos. E é importante notar isso, para aprendermos a tomar cuidado com toda e qualquer intemperança em relação à bebida. Somos muitíssimo propensos a comprometernos e a proferir toda sorte de desígnios quando o sabor do vinho perturba nossos sentidos. Portanto, o vinho deve ser usado com sobriedade, para que não só revigore nosso corpo, mas também nossa mente e nossos sentidos; não para que debilite e enfraqueça nossos corpos e nem, muito menos, entorpeça nossos sentidos. O que é mais do que normal, como se vê declarado nos provérbios populares – "a soberba nasce da embriaguez".[187] Daí também o poeta haver cantado a um Baco coroado[188] – pois os beberrões intemperantes são enaltecidos, e até mesmo os mais blasfemos acre-

[186] Mg., Ovídio, 1. *Amores Elegeia* 6; isto é, *Amores* 1:6:59.
[187] Cf. Erasmo, *Adages* III. vii 53.
[188] Leia-se *coronatum* ('coroado') por *cornutum* ('cornudo'). Baco era descrito variadamente como 'coroado' e 'chifrudo'. O contexto aqui interpreta 'coroado' como o mais provável.

ditam ser reis. Então, o será dos verdadeiros reis quando esquecem de si próprios e sonham não apenas em ser reis dos reis, mas até mesmo deuses? Esse, pois, é o vício que o profeta quis indicar quando afirmou: *Belsazar ordenou na degustação do vinho que os utensílios lhe fossem trazidos.*

E prossegue:

3 Então trouxeram os utensílios de ouro, que foram tirados do templo da casa de Deus, que está em Jerusalém. E o rei bebeu neles, seus grandes, sua mulher e suas concubinas.	3 Tunc attulerunt vasa aurea quæ extulerant ex templo domus Dei quæ erat in Jerusalem: et biberunt in illis rex, et proceres ejus, et uxor, et concubinæ ipisus.
4 Beberam o vinho, e deram louvores aos deuses de ouro, de prata, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra.	4 Biberunt vinum, et laudarunt deos aureos, et argenteos, æreos, ferreos, ligneos, et lapideos.

Aqui o profeta mostra mais clara e nitidamente que o rei insultou o verdadeiro e único Deus quando ordenou que os utensílios fossem trazidos. Pois quando foram trazidos, **deram louvores**, diz ele, a **todos os seus deuses de ouro e prata**. Isto é, como um insulto dirigido contra o verdadeiro Deus, louvaram seus falsos deuses como se lhes oferecessem ações de graças – como Habacuque também afirma,[189] como se realmente estivessem sacrificando a sua própria diligência, a sua própria força, como o profeta Daniel também afirma nesta passagem. Entretanto, cobriram a glória do verdadeiro Deus e louvaram a seus próprios deuses. E esta é também a razão pela qual o profeta expressamente menciona que os utensílios foram tirados **do templo da casa de Deus**. Pois aqui ele enfatiza a perversidade do rei e de seus nobres, levantando seus chifres contra o Deus de Israel. Portanto, é preciso apresentar uma antítese entre o Deus que ordenou que se lhe construísse um templo e que sacrifícios lhe fossem oferecidos em Jerusalém e os falsos deuses. E ao insurgir-se Belsazar, deliberadamente, contra Deus, na verdade atraía sobre si o castigo divino. Ele não só tirana e cruelmente oprimiu os desditosos judeus, como também dramatizou a

[189] Mg., Hc 1.16.

vitória sobre o Deus deles; ou seja, sobre o Criador do céu e da terra. Tal loucura apressou sua destruição final. Todavia, isso aconteceu porque o tempo do livramento havia chegado. É por esse motivo que digo que o rei foi, por um impulso secreto de Deus, levado à loucura que apressaria a vingança.

Diz ele: **beberam vinho e deram louvores a seus deuses**. O profeta não está atribuindo à embriaguês o louvor aos deuses, ainda que indiretamente afirme que sua impudência foi agravada pelo vinho. Pois se alguém está em casa e sóbrio, por que se levantaria tão vergonhosamente contra Deus? Todavia, uma vez estando os seus corações dominados pela perversidade, sua intemperança em relação à bebida age como um acessório, inflamando-a, por assim dizer. É isso, pois, o que o profeta parece significar quando repete que *beberam*. Pois havia afirmado: **o rei e os nobres, sua mulher e concubinas beberam**. Ora, pela segunda vez ele enfatiza a mesma coisa usando quase as mesmas palavras – *beberam*. Contudo, acrescenta **beberam o vinho**. Como se estivesse dizendo que sua loucura foi ainda mais inflamada quando se deixaram excitar pelo calor do vinho.

Então **deram louvores aos deuses de prata etc.** Aqui, o profeta, num tom de insulto, fala dos deuses de *ouro, prata, e de bronze, e de madeira, e de pedra*; pois sabemos que Deus não tem afinidade alguma com o ouro ou a prata. Portanto, seu verdadeiro semblante não pode ser descrito por meio de materiais corruptíveis. É por essa razão que o profeta aqui diz que todos os deuses adorados pelos babilônios eram de *ouro, prata, bronze, madeira e pedra*. É evidente que é a pura verdade que os gentios nunca foram suficientemente loucos em pensar que a essência de Deus fosse de ouro ou prata ou pedra; senão que as chamam de imagens dos deuses. Todavia, visto que em sua opinião o poder e a majestade de Deus sempre estiveram encerrados na pedra, na madeira, no ouro e na prata, é justo que o profeta condene sua estupidez fora de controle; pois sabemos quão sinceramente procuram encontrar subterfúgios para sua idolatria. E nos tempos atuais, o papado é a clara prova de

que aos supersticiosos nunca falta uma camuflagem quando desejam justificar seus erros. Portanto, aqui o profeta não permite tais vãs justificativas com as quais os babilônios e seus semelhantes disfarçavam sua maldade.

Entretanto, ele afirma que *seus deuses eram de ouro e prata*. Por quê? Porque, embora confessassem verbalmente que os deuses reinam nos céus (pois recebiam tão grande multidão de deuses, que a deidade suprema ficava, por assim dizer, envolvida em densas trevas) – embora, pois, os babilônios confessassem que os deuses habitavam os céus, mesmo assim precisavam recorrer a estátuas e imagens. Portanto, o profeta mui merecidamente os culpa por adorarem deuses de ouro e de prata.

Não obstante, quando diz que **então os utensílios foram trazidos**, fica patente que os servos desse tirano obedeciam até mesmo às piores ordens; pois sem demora os utensílios foram trazidos do tesouro público. Daí Daniel sugerir que todos os servos estavam prontos a executar a vontade real – prontos a agradar um homem embriagado, quase um bruto.

Ao mesmo tempo, porém, ainda mostra o quanto é breve a exultação dos bêbados, pois declara:

5 No mesmo instante, uns dedos de mão de homem apareceram e escreviam defronte do candeeiro, no reboco da parede do palácio real; e o rei viu a palma da mão que escrevia.	5 In illa hora, egressi sunt digiti manus hominis, et scribebant e regione lucernæ super calcem parietis palatii regis, et rex cernebat palmam manus scribentis.

Aqui Daniel começa a relatar como a situação reverteu-se. Naquele exato momento, o rei percebeu que algo angustiante e desastroso estava acontecendo. Entretanto, de pronto não sabia o que era; apenas percebia que Deus estava fornecendo algum sinal como presságio sinistro, como costumavam dizer os gentios de então. Deus, assim, apresentou-lhes um prelúdio diante do rei inflamado em tão louca bebedeira juntamente com seus nobres.

E assim **apareceu a mão de homem**, diz o profeta. Ele a chama de *mão de homem* em virtude de sua semelhança ou forma.

Pois é certo que não era a mão de homem; mas porque tinha a forma desta, ele assim a chamou. E as Escrituras freqüentemente usam essa forma de expressão, especialmente quando se referem à símbolos exteriores. Portanto, esta é, por assim dizer, uma expressão sacramental. Porquanto Deus mesmo escreveu através de seu poder; contudo, o rei Belsazar viu a figura de um homem escrevendo na parede.

E **surgiram**, portanto, os dedos de uma mão. Ao afirma que os dedos surgiram, isso confirma sobejamente a certeza do milagre. Pois, se Belsazar não houvera presenciado esse estágio inicial, poderia haver imaginado que a mão fosse ali posta como um truque. Todavia, visto que antes a parede estivera completamente vazia, e de repente apareceu uma mão, é facilmente deduzível que ela era um emblema celestial pelo qual o Senhor queria mostrar ao rei algo significativo.

E **surgiram** os dedos de **uma mão**, diz ele, e **escreviam defronte** do candelabro. Naturalmente, esse banquete foi realizado à noite; e Babilônia foi capturada no meio da noite. Nem surpreende o fato de a festa haver prosseguido por um bom tempo. Pois os intemperantes não acreditam em moderação e vivem habituados a festas luxuriantes. Admito que, geralmente, não festejavam no meio da noite, mas quando realizavam algum banquete esplêndido e suntuoso, não criam que a luz do dia fosse suficiente, a menos que houvessem comido tanto ao ponto de estourar (por assim dizer).

E assim, **uma mão apareceu defronte** do **candelabro**; portanto, era ainda mais nítido. E, acrescenta o profeta, "a mão escrevia no reboco da parede do palácio". Se porventura alguém dissesse ao rei que a semelhança de uma mão aparecera, poderia surgir dúvida; o profeta, porém, afirma que o rei era a própria testemunha ocular. Porquanto Deus queria aterrorizá-lo, como veremos em breve. Por isso, o Senhor expõe diante dele um espetáculo.

O **rei compreendeu**; é provável que os nobres não hajam entendido. Posteriormente, veremos que somente o rei foi tomado

por terror, ainda que alguns começassem a compartilhar de sua ansiedade. Pois quando viram o rosto do rei transfigurado e carregado de horror, também começaram a tremer – ainda que todos tentassem agarrar-se a algum conforto. Deus planejara, de algum modo, chamar o ímpio rei a comparecer perante seu trono de juízo, fazendo a mão humana surgir à vista de todos. O que ele escreveu – bem, o que ele escreveu veremos em seu devido tempo.

Deus Todo-Poderoso, já que somos tão propensos ao esquecimento, ao ponto de saciarmos com extrema avidez nossos prazeres carnais, faze com que cada um de nós, sem delonga, recorde teus juízos, para que possamos andar cuidadosamente perante o Senhor e a nos atemorizarmos com teus justos juízos, não te provocando com nossa obstinação e outras mazelas; mas, que de tal maneira nos sujeitemos a ti que, erguidos e sustentados por tua mão, possamos continuar no curso de teu santo chamamento até que, por fim, tu nos leves para o reino celestial que para nós conquistaste pelo sangue de teu Unigênito Filho. Amém.

24ª Exposição

6 Então o semblante do rei se transformou, e seus pensamentos o aterrorizaram e as juntas de seus lombos se relaxaram e seus joelhos batiam um contra o outro.

6 Tunc Regis vultus muratus est: et cogitationes ejus terruerunt eum, et ligamina lumborum ejus solvebantur, et poplites ejus invicem collisi sunt.

Aqui Daniel mostra que o rei foi dominado pelo medo; nem é preciso concluir que ele estava aterrorizado sem razão. Usando muitos detalhes, ele expressa que o rei ficou perturbado; e assim fica fácil de notar que o caso era sério. Pois ele deveria estar tão abatido ao ponto de todos perceberem que Deus estava, por assim dizer, em seu trono de juízo e o julgava culpado. Dissemos anteriormente (e Daniel também o mostra) quão presunçosa era a soberba real, e sua displicência era clara prova de sua culpa. Pois enquanto deveria estar cuidando diariamente dos assuntos relacionados ao cerco, ele celebrava um banquete solene, como se tudo estivesse na mais perfeita paz. Disso fica evidente que uma certa intoxicação do espírito se apoderara dele, de tal modo que nem mesmo podia sentir sua maldade. É por essa razão que Deus o desperta; ou, melhor, o sacode de seu torpor, pois já não podia mais ser levado de volta a uma mente sadia por um método comum. Entretanto, estar ele em extremo atemorizado pode parecer um oportuno preparo para o arrependimento. Todavia, ele nos mostra, em sua pessoa, o que notamos em Esaú, o qual não só demonstrou uma certa tristeza quando se viu deserdado, mas buscou ainda a bênção de seu pai,

com grande pranto e lamentação.[190] Contudo, era muito tarde. Agora se relata o mesmo em relação ao rei Belsazar.

No entanto, os detalhes precisam ser observados em ordem: Daniel afirma que **o semblante do rei** se **transfigurou**; depois, as **juntas de seus lombos se relaxaram e ele ficou perturbado**, ou aterrorizado, **por causa de seus pensamentos**; finalmente, ele acrescenta: **seus joelhos batiam um contra o outro**. (Pois o vocábulo significa estritamente "chocar-se contra".) O profeta mostra a realidade com base nos sinais: o rei Belsazar ficou terrivelmente assustado com a visão que já foi relatada. Não há dúvida, como disse antes, que tal terror era proveniente do despertamento divino. Pois sabemos que os réprobos, mesmo quando o Senhor claramente lhes mostra que está assentando em seu trono de justiça, contudo permanecem insensatos, indiferentes a qualquer medo. Entretanto, Deus queria afetar a mente deste rei ímpio, para que ele não usasse a ignorância como escusa.

E é mister que se observe que Deus toca os corações humanos de várias maneiras – não falo somente dos réprobos, mas também dos eleitos. Pois conhecemos alguns dos melhores homens diminuírem o passo, deixando-se tomar de lentidão quando Deus os chama a juízo. Assim também se faz necessário conduzi-los através de chicotadas, porquanto jamais irão a Deus por sua livre e espontânea vontade. É claro que o Senhor pode mover suas mentes sem o uso de violência, mas ele quer mostrar-nos, como num espelho, quão terrível é nossa lentidão e preguiça, pois jamais nos submetemos a sua Palavra senão com relutância. Portanto, até seus próprios filhos ele tem que domar com chicotadas, quando se recusam tirar proveito somente de sua Palavra. Quanto aos réprobos, ele geralmente põe a descoberto sua obstinação, convidando-os carinhosamente antes de exercer seu ofício de Juiz. E quando essa tática não funciona, ele ameaça; quando as próprias ameaças são inúteis e ineficazes, ele os convoca a comparecerem diante de seu tribunal.

[190] Mg., Gn 27.34.

Quanto ao rei babilônio, Deus consentiu que Daniel permanecesse calado; visto que a ingratidão ou soberba do rei havia fechado as portas, Daniel não se viu capaz de assumir e exercer seu dever de mestre, como se preparara para fazê-lo. Por isso, o rei de Babilônia privou-se de um bom mestre. Entretanto, Deus de súbito surge como Juiz através da escrita – sobre a qual algo já foi dito sucintamente, mas ainda há muito a ser dito em seu devido tempo. De qualquer forma, notamos que o rei Belsazar não só foi avisado de sua iminente destruição, através de um sinal externo, mas também foi estremecido em seu íntimo, para que reconhecesse que teria que acertar suas contas com Deus. Pois, como já disse, os réprobos freqüentemente encaram tudo como se fosse uma piada, ainda que Deus lhes mostre ser ele seu Juiz. Todavia, o Senhor agiu de modo diferente em relação ao rei Belsazar. Queria que ele fosse golpeado pelo terror, para que prestasse mais atenção à escrita da parede. Esse terror era, como disse dantes, uma preparação para o arrependimento. Não obstante, o rei fracassa em meio ao percurso – o que vemos suceder a muitos daqueles que estremecem diante da voz de Deus ou diante dos sinais de sua vingança enquanto os adverte, mas logo esquecem-se e deixam de compreender o claro ensino de que tanto necessitam.

E Esaú constituiu um exemplo semelhante.[191] Ele desprezou a graça divina quando ouviu que fora destituído (e isso pela mão divina) da herança prometida. Considerou a bênção como um conto de fadas até sentir que tudo aquilo era muito sério; então começou a lamentar-se, mas sem qualquer resultado positivo. O rei Belsazar foi atribulado do mesmo modo. Mesmo no final, como veremos, assim que Daniel explicou-lhe a escritura na parede, ele permaneceu indiferente à situação real, e simplesmente honrou a Daniel com uma insígnia real. Entretanto, isso foi útil por outra razão – Deus demonstrou sua glória fazendo os nobres afetados e o assunto revelado; e Dario, que capturou a cidade juntamente com

[191] Mg., Gn 25.33; isto é, 25.33-34.

Ciro, seu genro, entendeu que não alcançara a vitória por intermédio de sua própria diligência e poder, nem porque foi auxiliado pelos dois sátrapas, Gobrias e Gábata, mas porque todo o sucesso fora realizado pelo poder de Deus. E assim Deus mostra, como num espelho, que ele é o Vingador de seu povo, como havia prometido setenta anos atrás.

E prossegue:

7 O rei ordenou em alta voz que os magos, os caldeus e os astrólogos fossem trazidos; e o rei falou e disse aos sábios de Babilônia: Qualquer que ler esta escritura e me declarar sua interpretação, será vestido de púrpura e trará uma corrente de ouro em seu pescoço, e reinará como o terceiro no reino.

7 Clamavit rex fortiter, ut introducerentur magi, Chaldæi, et astrologi, et loquutus est rex, et dixit sapientibus Babylonis, Quisquis legerit scripturam hanc, et interpretationem ejus indicaverit mihi, purpura vestietur, et torques ex auro, *hoc est*, *aureus*, super collum ejus, et tertius in regno dominabitur.

O profeta relata que o rei Belsazar procurava uma solução para sua ansiedade. E disso novamente deduzimos que sua mente estava tão profundamente perturbada, que sentia ser-lhe impossível escapar da mão divina. Do contrário, não teria convocado tão urgentemente os sábios em meio ao banquete. Além disso, o profeta também afirma que ele **clamou em alta voz**; e à luz desse fato é evidente que ele estava tão aturdido, que esqueceu que era o rei; pois clamar em tão alta voz, à mesa, não se harmonizava com sua dignidade. Entretanto, Deus havia retirado dele toda a soberba. O rei se viu forçado a gritar em alto brado como se fosse demente.

Entretanto, é oportuno ponderarmos sobre qual foi seu tratamento e remédio. Ele ordenou que os **caldeus, magos e astrólogos fossem chamados**. Deste fato deduzimos o quanto os homens são propensos à vaidade, à mentira e à fraude. Daniel teria que ser o primeiro dentre os caldeus. Sua resposta tornou-se memorável notória quando predisse ao avô do rei Belsazar que o mesmo se tornaria semelhente a animais selvagens. Desde que esta profecia se provou mediante o resultado, sua autoridade por certo deveria ter se disseminado por mais de mil anos. Ele estava diariamente diante do rei, e ainda assim foi deixado de lado; e o rei con-

vocou os caldeus e os astrólogos e os adivinhadores e os magos. É bem verdade que os magos, astrólogos e caldeus eram, naquele momento, tão respeitados que empanavam a reputação de Daniel. Pensavam constituir-se numa desgraça que um cativo fosse preferido a seus próprios doutores, pois tinham consciência de que sua fama era proeminente entre todas as nações, pois só eles eram sábios. Portanto, já que visavam a manter a imagem de que eram quase que conselheiros de Deus, não surpreende que tenham desprezado um estrangeiro. Todavia, isso, diante de Deus, não tem a menor importância.

Portanto, o que se pode dizer em defesa deste rei ímpio? Seu avô fora um memorável exemplo da vingança divina, ao ser expulso da companhia humana e a viver na companhia dos brutos, aliás, com as bestas selvagens. E tal fato não podia ser visto como um evento fortuito, porquanto Deus o advertira por intermédio de um sonho e em seguida lhe dera um profeta para ser o intérprete do oráculo e da visão. Como já disse antes, o neto do rei Nabucodonosor ignorou tal exemplo, insultando o Deus de Israel, profanando os utensílios de seu templo e representando, como num teatro, a vitória como se fora de seus próprios ídolos. Mas assim que o Senhor mostrou o emblema de seu juízo, o rei chamou os magos e caldeus, ignorando a Daniel. Como poderia haver justificativa para tal atitude? E assim percebemos, como já disse, que o coração humano se inclina muitíssimo para os embustes de Satanás; e o provérbio é verdadeiro: "O mundo ama ser enganado".[192]

E isso é digno de nota, porquanto nos dias atuais muitos alegremente encobririam e protegeriam sua ignorância quando surgissem distúrbios. Contudo, a resposta é fácil; eles voluntariamente se fazem cegos; mais ainda, fecham seus olhos à manifesta luz. Pois se Deus tornou inescusável ao rei Belsazar, quando uma vez o

[192] De origem desconhecida, encontrado no livro *Ship of Fools* (Navio de tolos) de Sebastian Brant (1494), Lutero (exemplo dado, *Werke* [Weimarer Ausgabe], vol. 29, p. 40), e na obra *Paradoxa* de Sebastian Franck (1554).

profeta lhe fora trazido, de que adiantaria hoje esconder-nos atrás de justificativas, como: "Ó! Se eu pudesse ao menos ter certeza da vontade de Deus, imediatamente me sujeitaria a ele!" Porquanto o Senhor diariamente clama intensamente e nos convida, nos mostrando o caminho. Todavia, não há ninguém que lhe responda ou o siga – ou, pelo menos, são mui poucos os que o fazem.

Por isso devemos considerar diligentemente o exemplo do rei de Babilônia, ao percebermos o quanto ele é bastante assíduo, porém não busca a Deus da maneira como deveria. Por quê? Porque ele caminhava por caminhos tortuosos. Ele se via preso; não conseguia fugir do juízo divino. Mas, ainda assim, ele busca alívio em seus magos e caldeus; ou seja, em seus impostores. Pois eles já haviam sido desmascarados uma vez, e duas vezes, como vimos. Este fato deveria ser famoso e notório entre o povo. E assim notamos que o rei Belsazar estava cego. Fechou seus olhos para a luz outorgada – do mesmo modo como quase todo o mundo se encontra cego; na verdade ele não perambulava no meio da escuridão, senão que, quando a luz é oferecida, fecha seus olhos como a rejeitar a graça divina e a desejar correr deliberadamente em direção ao perigo. E isso é muitíssimo comum.

Então o profeta afirma que **o rei prometeu aos sábios, dizendo que quem lesse a escritura, a esse lhe seria dada uma corrente de ouro;** e, a seguir, **ele seria vestido de púrpura; seria o terceiro no reino.** Em decorrência disso, é evidente que ele não se deixou tocar sinceramente por um mínimo de temor ao Senhor. E tal contradição pode ser vista nos réprobos. Eles tremem diante do juízo divino, mas seu orgulho íntimo não é corrigido; pelo contrário, revela-se, como vemos neste rei. Pois **seus joelhos batiam um contra o outro, e as juntas de seus lombos se relaxaram;** em suma, não havia sequer uma parte de seu corpo que não estivesse tremendo. O rei estava quase morto de terror; o medo de Deus permeou todos os seus sentidos. Não obstante, notamos que ainda existia orgulho oculto em sua mente, e por fim ele prorrompeu com uma promessa de que *quem interpretasse a escritura se tor-*

naria o terceiro no reino. Deus já o depusera de sua dignidade real; ainda assim, ele deseja exaltar outras pessoas, em franca oposição ao Senhor. O que isso significa? Notamos que, ao mesmo tempo que os réprobos se amedrontam, todavia nutrem uma oculta obstinação em seu íntimo, para que Deus nunca os sujeite. É claro que evidencial muitos sinais de quebrantamento; no entanto, se alguém avaliar atentamente todas as suas ações e palavras, entenderá o que o profeta aqui relata sobre o rei Belsazar – eles se enfurecem contra Deus e não sendo nem dóceis nem submissos, embora revelem assombro. Vimos isso parcialmente neste versículo e ainda o veremos mais claramente no final do capítulo.

Quanto ao final deste versículo, quando o rei afirma: **ele reinará como o terceiro no reino**, não se sabe ao certo se ele está prometendo uma terça parte do reino, ou se diz que o mesmo seria de fato o terceiro. Pois muitos crêem que a rainha, que ele imediatamente menciona, era a mulher do rei Nabucodonosor e avó do rei Belsazar.[193]

E prossegue:

8 Então entraram todos os sábios do rei, e não puderam ler a escritura e revelar ao rei a interpretação.	8 Tunc ingressi sunt omnes sapientes regis, et non potuerunt scripturam legere, et interpretationem ejus patefacere regi.
9 Então o rei Belsazar ficou muito atemorizado e seu semblante mudou nele, e seus príncipes ficaram assombrados.	9 Tunc rex Beltisazar multum territus fuit, et vultus ejus mutatus fuit super eum, *in eo*: et principes ejus *fuerunt* obstupefacti.

Aqui Daniel relata que o rei foi ludibriado em sua crença, depositando suas esperanças nos magos, astrólogos, caldeus e genethliacs para a interpretação da escritura. Nenhum deles foi capaz de lê-la. Assim, ele sofre em virtude de sua própria ingratidão, ao considerar como alguém sem valor o profeta de Deus, ainda que soubesse que o que fora previsto em relação a seu avô tinha se concre-

[193] O argumento de Calvino parece ser que, se a rainha fosse a mulher de Belsazar, ela seria a segunda no reino e Daniel então poderia ser o terceiro.

tizado, e que Daniel sempre se destacara em sabedoria. Portanto, havia muitas evidências suficientemente sólidas de sua vocação [profética]. E já que Belsazar de tal sorte desprezara a bênção incomparável de Deus, ele é deixado sem conselho algum e descobre que convocara em vão a todos os caldeus e astrólogos.

Entretanto, Daniel aqui afirma que não houve um capaz de ler a escritura ou de revelar ao rei sua interpretação. Já que isso parece absurdo, os rabinos devotam muito esforço a esta passagem. Alguns crêem que as letras foram transpostas; outros conjeturam que as letras foram alteradas para que pudessem ter um valor igual; e ainda outros supõem que a pontuação [*characteres*] foi modificada. Dissemos, porém, noutro lugar que os judeus eram audaciosos em suas adivinhações sempre que um motivo plausível não lhes ocorria. Entretanto, não há necessidade de tais conjeturas, pois é provável que, ou a escritura tenha sido posta diante do rei e ocultada de todos os caldeus, ou que estavam todos tão cegos que, vendo não viam – como o Senhor com freqüência denuncia a semelhante estupidez dos judeus. Conhecemos o que ele declara através de Isaías: "A lei será para vós como um livro selado. Se for dito a alguém: Lê isto, o livro está selado, ele responderá: Não posso. Ou o livro estará aberto, mas todos vós estareis tão cegos, e mesmo aqueles que agora parecem ser os mais perspicazes dirão que são homens iletrados e incultos".[194] Deus pronunciou esta ameaça aos judeus, e sabemos que ela se cumpriu e ainda está se cumprindo nos dias de hoje, porquanto um véu está posto em seus olhos, como afirma Paulo, de modo que continuam cegos mesmo em meio à mais clara luz.[195] O que há de surpreendente em que o mesmo se dê com os caldeus, de forma a não conseguirem ler a escritura? Portanto, que necessidade há de aventurar-se alguém com adivinhações acerca de letras transpostas ou coisas escritas em ordem diferente ou na colocação de uma coisa em lugar de outra, de

[194] Mg., Is 29.10; isto é, 29.11-12.
[195] Mg., 2Co 3.14.

maneira que o vocábulo תקל, *tekel*, venha primeiro, e מנא, מנא, *mene, mene*, depois? Isso é muitíssimo frívolo. É certo que Deus pretendia falar ao rei acerca de sua iminente queda; por essa razão, ele sentiu-se atribulado, não ao ponto de arrepender-se, mas para que sua indolência fosse inescusável; e então, quer quisesse quer não, buscou socorro, pois sabia que estava tratando com Deus.

Ora, no tocante à escritura, não estava Deus livre para, de acordo com sua vontade, dirigir-se numa ocasião a um só homem, e noutras, a muitos? Portanto, Deus queria que o rei Belsazar se conscientizasse da escritura. Não obstante, todos os magos, como cegos, não conseguiram ler a escritura. Quanto à interpretação, não é surpresa alguma de ficarem perplexos. Pois o Senhor falou por enigma quando disse: "MENE, MENE", e depois: "TEKEL" (isto é, "pesado"), "PERES" ("está dividido"). Se os magos tivessem lido estas quatro palavras cem vezes, não teriam conseguido sequer adivinhar, nem extrair sentido algum do que elas significavam. Pois a frase constituía uma predição alegórica até que um intérprete fosse divinamente designado. Quanto às letras propriamente ditas, porém, não deveríamos sentir-nos surpresos com o fato de os olhos dos magos ficarem embaciados, porquanto esta era a vontade de Deus, o qual queria convocar o rei a comparecer diante de seu tribunal, como já dissemos antes.

O profeta diz que o **rei estava atemorizado, seu semblante ficou transfigurado; os príncipes também estavam perturbados**. Era preciso acentuar o senso de que este era o juízo divino, a fim de que o assunto não ficasse oculto. Pois, como veremos adiante, naquela mesma noite o rei Belsazar foi morto. Ciro entrou na cidade enquanto os babilônios festejavam e despreocupadamente desfrutando de seus prazeres. Em meio à bebedeira, essa extraordinária prova do juízo divino poderia ter sido imediatamente sepultada, a menos que fosse posta à plena luz por meio de muitas circunstâncias. Por isso, Daniel repete que *o rei estava perturbado*; ou seja, ao constatar que não havia conselho ou auxílio algum em seus magos e astrólogos. Ele também afirma que *seus príncipes estavam*

assombrados; pois não somente o rei, mas toda a corte, teriam que ser perturbados, para que o relatório de tudo isso ecoasse não só por toda a cidade, mas também por todas as nações estrangeiras. Pois não há dúvida de que Ciro, posteriormente, tenha se deixado instruir por esta profecia. Daniel não teria sido tão favorecido e tratado com tamanha honra se o caso não fosse conhecido.

E então prossegue:

10 Por causa das palavras do rei e dos nobres, a rainha entrou na casa do banquete, e falou e disse: Ó rei, vive para sempre! Não permitas que teus pensamentos te atemorizem, nem que se mude teu semblante.

10 Regina propter verba regis et procerum in domum symposii, ingressa est, loquuta est et dixit, Rex, in æternum vive: ne terreant te cogitationes tuæ, et vultus tuus ne mutetur.

11 Há um homem em teu reino, no qual habita o espírito dos deuses santos; e nos dias de teu pai, nele foram encontrados entendimento e erudição e sabedoria, como se fosse a sabedoria dos deuses. E o rei Nabucodonosor, teu pai, o constituiu chefe dos magos, astrólogos, caldeus e vaticinadores – teu pai o rei.

11 Est vir in regno tuo, in quo spiritus *est* deorum sanctorum: et in diebus patris tui intelligentia, et scientia, et sapientia quasi sapientia deorum reperta est in eo: et Rex Nebuchadnezzer pater tuus magistrum magorum, astrologorum, Chaldæorum, aruspicum constituit ipsum, pater tuus rex, *inquam*.

Aqui Daniel relata que foi trazido perante o rei para ler e interpretar a escritura. Ele diz que a rainha foi responsável por isso. Não há dúvidas quanto à sua identidade - se ela é a mulher do rei Belsazar ou sua avó. É provável que fosse uma mulher idosa, que podia contar sobre os tempos do rei Nabucodonosor. Mesmo assim, tal conjetura talvez não seja suficientemente forte. Prefiro suspender qualquer juízo aqui do que fazer afirmação imprudente; apesar de já termos visto que sua mulher estava sentada junto dele.

Todavia, o que podemos inferir com certeza, à luz das palavras do profeta, precisa ser cuidadosamente avaliado, ou seja, que o rei é repreendido por sua ingratidão, não admitindo Daniel entre seus magos, caldeus e astrólogos. É claro que o santo homem não pretendia ser contado entre eles, e preferiria merecer que Deus destruísse nele o espírito profético do que misturar-se com os impostores. Portanto, fica bem claro que ele não estava com eles. O rei

Nabucodonosor o constituíra chefe de todos os magos; ele não pretendia usar tal honra, pois, como acabei de dizer, preferiria ele mesmo privar-se de seu dom profético singular. Temos consciência de que todos nós somos mui propensos a deixar-nos levar pelos atrativos do mundo. Especialmente quando a ambição nos cega e perturba todos os nossos sentidos. Não existe peste pior; pois quando alguém percebe que lhe é possível adquirir estima ou honra, não atenta para o que é certo ou o que Deus permite, senão que se deixa levar como por cego frenesi. O mesmo poderia ter acontecido a Daniel, se ele não fora impedido por genuína atitude de santidade; ao contrário, repudiou a honra que lhe fora oferecida pelo rei Nabucodonosor. Portanto, ele nunca quis ser reconhecido entre os vaticinadores, astrólogos e impostores afins que enganavam a nação com seus truques.

Foi então que ocorreu de a rainha agora relatar que "havia um certo Daniel". No entanto, tal fato não poderia ser para o rei uma justificativa plausível, pois (como já foi dito) Daniel se tornara mui famoso, por um tempo mui longo; a Deus agradara-se distingui-lo com um emblema incontestável, para que todos fixassem suas mentes nele como se fosse ele um anjo celestial. Fazer o rei Belsazar vista grossa sobre a existência de tal profeta em seu reino constitui crueldade e um nítido retrato de sua insensível indolência. Portanto, Deus tencionara censurar o rei Belsazar através de uma mulher, quando ela afirma: Não **permitas que teus** pensamentos **te turbem**. Percebendo que ele está aterrorizado, ela suavemente o acalma. Não obstante, mostra que ele está cometendo um erro grave, perambulando por caminhos tortuosos, mas que pode imediatamente tomar o caminho certo, pois Deus pusera nas mãos de seu profeta uma tocha que teria irradiado luz, não houvera o rei Belsazar espontaneamente preferido caminhar na escuridão, como fazem todos os réprobos. Em suma, podemos visualizar nesse rei um erro comum a toda a raça humana – ninguém se desvia do caminho senão aquele que, ou entrega-se a sua ignorância, ou prefere que toda a luz se extinga.

Então diz a rainha: o **espírito dos deuses santos está em Daniel**. Já explicamos em outro lugar o que ela quis dizer com isso. Pois não surpreende o fato de os gentios falarem nesses termos, pois eram incapazes de distinguir entre o Deus único e os anjos; e, indiscriminadamente, chamavam deuses a tudo o que parecia divino e celestial. Por esse motivo é que a rainha chama os anjos de "deuses santos", e situa Deus entre tal hoste. Entretanto, é nossa tarefa reconhecer o Deus único para que só ele esteja nas alturas, e mesmo os anjos sejam situados em suas posições, para que nenhuma excelência na terra ou no céu obscureça a glória do Deus único. Visto que as Escrituras insistem em que o Senhor seja visto em posição suprema, nada é tão arrogante do que não dobrar-se a sua majestade. Todavia, aqui notamos quão necessário é que sejamos ensinados acerca da unicidade de Deus; pois, desde o início do mundo, os homens sempre estiveram convencidos de que existe uma Deidade suprema. Não obstante, com o passar do tempo, seus pensamentos se dissolveram e Deus desapareceu deles. Seu próximo passo foi misturá-lo com os anjos, de sorte que disseminou completa confusão. Portanto, ao vermos isso, saibamos que necessitamos das Escrituras como nosso guia e mestre e nossa radiante luz, para que nada imaginemos de Deus, senão o que ele quer soberanamente revelar-nos.

Deus Todo-Poderoso, visto que incessantemente nos falas por intermédio de teus profetas, e não permites que perambulemos na escuridão do erro; permitas que estejamos atentos a tua voz, e que nos mostremos ansiosos por tua instrução e a ti submissos; especialmente quando nos concedes mestres que possuem todos os tesouros da sabedoria e da erudição, faz com que de tal maneira nos sujeitemos a teu Unigênito Filho, que mantenhamos o curso certo de tua santa vocação, perseguindo sempre e pressurosamente o objetivo para o qual nos chamaste, até que todas as lutas deste mundo sejam vencidas e por fim cheguemos àquele bendito descanso que ganhaste para nós através do sangue de teu próprio Filho. Amém.

25ª Exposição

Ontem começamos a elucidar a passagem em que Daniel relata que o rei Belsazar foi aconselhado pela rainha a convocá-lo. E dissemos que isso foi mais do que suficiente para sentenciar o rei de ingratidão; ingratidão essa por haver descartado um profeta de Deus, tão excelente, quando aquela memorável profecia que já estudamos indubitavelmente era bem notória e passava por todas as bocas, de maneira tal que o santo homem teria que ser considerado uma perene autoridade.

Ora, Daniel afirma que a rainha entrou na casa do banquete; e à luz desse fato podemos extrair provável hipótese de que ela não era a mulher do rei, e, sim, sua avó. Já declarei que não quero discutir sobre isso, pois em coisas duvidosas qualquer um tem o direito de pensar livremente o que quiser. No entanto, duas coisas são inconsistentes, a saber: que o rei estivesse festejando com sua mulher e suas concubinas, e só depois a rainha entrasse na casa do banquete. Por isso deduzimos que 'rainha' era um título de cortesia, e que ela possuía, se não poder, pelo menos autoridade e estima. E esse fato é confirmado pelo testemunho de Heródoto,[196] o qual louva a mulher do rei Nabucodonosor (a quem chama Labynetus); ele a louva por seu bom senso (e a chama Nitocris). Portanto, é consistente que essa mulher estivesse ausente da festa; era

[196] Mg., Heródoto, 1; isto é, *História* 1:185.

muitíssimo distoante de sua idade e austeridade comer com aqueles que visavam ao excesso. Daí ela entrar na casa do banquete e aconselhar o rei com referência a Daniel.

E agora ela acrescenta a razão por que Daniel fora instituído como chefe de todos os magos, arioles, vaticinadores e caldeus:

12 Porquanto um espírito excelente, conhecimento e inteligência, interpretação de sonhos, revelação de enigmas e a solução de casos difíceis são encontrados nele, em Daniel, a quem o rei dera o nome de Beltessazar. E agora, que Daniel seja chamado para que revele a interpretação.

12 Propterea quod spiritus excellens, et intelligentia, et cognitio, interpretatio somniorum, et arcanorum revelatio, et solutio nodorum inventa est in eo, *nempe* Daniel, cui rex imposuerit nomen Beltsazar: et nunc Daniel vocetur, et interpretationem patefaciat.

A rainha aqui fornece a razão pela qual Daniel obteve a dignidade de ser considerado o chefe e mestre de todos os sábios – pois, conforme ela afirma, uma excelência de espírito foi nele encontrada, porque interpretou sonhos, revelou segredos, solucionou dificuldades. Ela enumera os dons que Daniel possuía, e assim prova que ele superava a todos os magos, de tal sorte que não havia dentre eles nenhum que se lhe comparasse. É certo que os magos se gabavam de ser intérpretes de sonhos, de que eram capazes de solucionar todas as dificuldades e explicar os enigmas. Todavia, sua vaidade e bazófia sem sentido já haviam sido desmascaradas duas vezes. Portanto, a rainha com razão reivindica para Daniel esses três dons, visando a revelar que ele superava a todos os demais. Então ela justifica seu raciocínio, dizendo que fora o próprio rei quem lhe dera seu nome. Acerca do nome 'Beltessazar', já falamos noutra ocasião; mas, neste conselho, a rainha então diz que esse nome lhe fora dado para que Belsazar soubesse que o profeta fora muito estimado e honrado por seu avô. Ela aqui usa a palavra 'pai', pois sabe que Belsazar desprezava os de 'fora', visto que a razão demandava que se submetesse ao juízo de seu avô, a quem todos sabiam ser um homem notável, apesar de havê-lo Deus humilhado durante um período, como já vimos e conforme Daniel agora reitera.

Continuemos:

13 Então Daniel foi levado à presença do rei. O rei falou, e disse a Daniel: És tu, Daniel, dentre os filhos dos cativos de Judá, a quem o rei, meu pai, trouxe de Judá?

14 Tenho ouvido dizer a teu respeito, que o espírito dos deuses está em ti, e que entendimento, inteligência e excelente sabedoria se acham em ti.

15 E então os sábios e os arioles foram trazidos perante mim para lerem esta escritura e me revelarem sua interpretação; e não puderam dar a interpretação do enigma.

16 E ouvi dizer de ti, que podes solucionar casos difíceis e explicar enigmas. Ora, se puderes ler a escritura e revelar-me sua interpretação, serás vestido de púrpura e terás uma corrente de ouro ao pescoço, e governarás como o terceiro no reino.

13 Tunc Daniel adductus est coram rege: loquutus est rex, et dixit Danieli, Tu *ne es* ille Daniel, qui, ex fillis captivitatis Jehudah, quem abduxit rex pater meus e Jehudah.

14 Et audivi de te, quod spiritus deorum in te, et intelligentia, et cognitio, et sapientia excellens, inventa sit in te.

15 Et nunc producti sunt coram me sapientes, arioli, qui scripturam hanc legerent, et interpretationem ejus patefacerent mihi: et non potuerunt interpretationem sermonis indicare.

16 Et ego audivi de te, quod possis nodos solvere, et arcana explicare: nunc si poteris scripturam legere et interpretationem ejus patefacere mihi, purpura vestieris, et torques ex auro super collum tuum, et tertius in regno dominaberis.

Aqui o rei não reconhece sua negligência, mas insolentemente interroga a Daniel – e o interroga como se fosse um prisioneiro: És tu, Daniel, dos cativos de Judá, que meu pai trouxe? Ele parece falar desdenhosamente visando a colocar Daniel na posição de servil submissão. E ainda podemos ler esta frase como se Belsazar estivesse inquirindo com admiração: És realmente tu, Daniel, aquele de quem tenho ouvido dizer? Há muito que ouvira dizer, e pensou não significar nada. Agora, porém, quando a necessidade suprema o pressiona, ele devota a Daniel um pouco de respeito. Portanto, tenho ouvido dizer que o espírito dos deuses está em ti, que podes solucionar dificuldades e revelar enigmas.

Quanto à expressão, "espírito dos deuses", já dissemos que o rei Belsazar nutria o costume de todas as nações, de confundir promiscuamente os anjos com Deus; pois aquelas almas miseráveis não podiam exaltar o Senhor da maneira correta, tendo os anjos, por assim dizer, sob os seus pés. Entretanto, esta afirmação mostra

que os homens nunca foram tão brutais ao ponto de não atribuir a Deus toda e qualquer excelência. Pois notamos que mesmo os escritores pagãos denominam de "benefícios dos deuses" a tudo quanto é útil ao homem, ou aquilo que possui alguma excelência ou valor. Daí os caldeus denominarem o dom do discernimento ou o raro e extraordinário tirocínio de "espírito dos deuses". Pois sabiam que os homens não adquirem nem obtêm o ofício profético com base em seu próprio esforço, senão que é um dom celestial. Por isso, são forçados a render louvores a Deus; visto, porém, serlhes o verdadeiro Deus desconhecido, falavam movidos pela perplexidade. Por isso, como já disse, denominavam os anjos de 'deuses', porque, na profunda escuridão de sua ignorância, não conseguiam distinguir quem era o Deus verdadeiro.

Seja o que for, Belsazar revela em que conta tinha Daniel. Todavia, afirma que tudo isso lhe é conhecido em virtude de relatos vindos de outras pessoas. Uma vez mais, sua negligência é traída. Ele deveria ter conhecimento do profeta pelo dever e pela experiência. No entanto, ele contentou-se simplesmente no rumor, e assim comprova-se quão arrogantemente negligenciara o que o professor lhe deixara de herança; ainda assim, nem sequer pondera ou se dispõe a confessar seu franco opróbrio. Não obstante, Deus às vezes arranca dos ímpios uma confissão através da qual a si mesmo se condenam, ainda quando isso é precisamente aquilo do qual mais desesperadamente tentam escapar.

Aqui também está a substância do que ele diz: **Todos os sábios e os genethliacs – ou arioles – foram trazidos perante mim para que lessem a escritura e me revelassem sua interpretação. E não puderam**, afirma ele. Porquanto Deus o castigara quando, em sua extrema necessidade, mostrou ao rei que os caldeus e todos os arioles eram incapazes de fazer por ele qualquer coisa que fosse, ainda que os haja favorecido. Ao sentir-se completamente desapontado em suas esperanças, reconheceu que fora enganado, apoiando-se nos magos e nos arioles, embora estivessem equipados para aconselhá-lo durante o tempo em que os conservasse a seu lado.

Nesse ínterim, enquanto o santo profeta era preterido, tornara-se algo intolerável para Deus, e com razão. Esse fato Belsazar confunde sem querer. É por esta razão que disse que a sua confissão não foi sincera ou voluntária, mas, sim, arrancada pela força através do impulso secreto de Deus.

Ele também promete a Daniel o que prometera aos magos: **Se leres esta escritura**, diz ele, **serás vestido de púrpura, e terás uma corrente de ouro ao pescoço e governarás como o terceiro no reino**. Naquele instante, o fim de seu reinado estava próximo – loucos como esse são agitados e inquietados de todas as formas; em meio a seus temores, não possuem solidez alguma, entusiasmam-se tanto que pensam em subir – ou mesmo voar – aos céus. Portanto, ainda que esse tirano trema diante do juízo divino, ele mantém uma secreta obstinação em seu coração e acreditava que seria rei para sempre, ao prometer a outrem riqueza e toda sorte de presentes.

E então prossegue:

17 Então Daniel respondeu e disse na presença do rei: Que teus presentes sejam para ti; e dá teus prêmios a outrem. Todavia, lerei a escritura para o rei e revelar-lhe-ei a interpretação.

17 Tunc respondit Daniel, et dixit coram rege, Dona tua tibi sint, et munera tua alteri da: tamen scripturam legam regi, et interpretationem *ejus* patefaciam ei.

Aqui, em primeiro lugar, Daniel rejeitou os presentes oferecidos. Não lemos que isso fosse feito anteriormente; aliás, descobrimos que o presente do rei Nabucodonosor foi aceito. A razão desta diferença pode ter sido intencional, pois é improvável que o profeta tenha mudado de idéia, propósito ou atitude. Mas, o que tinha em mente, aceitando as honrarias do rei Nabucodonosor, e então recusando a dignidade oferecida? Daí surgir outra questão: no final do capítulo veremos que ele é vestido de púrpura e um arauto proclama o decreto de que ele reinará como terceiro. Portanto, tudo indica que, ou o profeta esqueceu-se de si mesmo quando deixou-se vestir de púrpura, o que tão altaneiramente recusara, ou inquerimos por que falou assim e em seguida deixa de recusar o adorno com a insígnia real.

Quanto à primeira pergunta, não tenho dúvida de que ele quis retrucar asperamente ao ímpio Belsazar, homem esse para quem não havia a menor esperança; mas também porque houve um pouco de retidão no rei Nabucodonosor, e o profeta nutria esperança sobre ele, por isso o tratara com mais brandura. Quanto ao rei Belsazar, ele merecia ser tratado com mais dureza, pois sua sorte chegara ao fim. Não tenho dúvida de que essa foi a razão da diferença; o profeta se mantivera firme e imparcial em seu caminho; contudo, seu ofício o obrigava a fazer distinção entre duas pessoas diferentes. Portanto, visto que o rei Belsazar se mostrava mais relutante e obstinado que seu avô, Daniel demonstrou menos respeito para com ele. Além disso, o período de sujeição estava quase no fim, e com ele estava a necessidade de honrar ao monarca caldeu.

Com respeito à aparente contradição entre sua réplica e o evento que veremos mais adiante, não pareceria absurdo que o profeta de início declare que nada tinha a ver com os presentes do rei; aliás, que os desprezava, e no entanto não contenderá com demasiada veemência; no caso em que se pensasse que ele agia com astúcia tentando escapar do perigo. Portanto, ele queria mostrar sua invencível coragem em ambos os aspectos – quando, incialmente, declarava que os presentes do rei nada significavam para ele (pois sabia que o tempo de seu reinado era breve); e, depois, que aceitava a púrpura e as demais insígnias. Pois teria sido culpado se permanecesse em sua recusa – um sinal de covardia que o levaria à suspeição de traição. Por esse motivo, o profeta mostra quão nobremente despreza toda a dignidade oferecida pelo rei Belsazar – um homem já praticamente morto.

Ao mesmo tempo, ele se mostra destemido diante de qualquer perigo. Pois a destruição do rei era iminente, e em poucas horas, talvez naquela mesma hora a cidade era capturada. Daniel, ao aceitar a púrpura, mostra que, se necessário fosse, não fugiria à morte. Porquanto ele estaria mais seguro em sua obscuridade, convivendo com pessoas comuns e não na corte; se porventura houvera sido considerado como um dos escravos, poderia estar a salvo do peri-

go. Portanto, ao não hesitar em aceitar a púrpura, mostra que não estava amedrontado.

Nesse ínterim, não há dúvida alguma de que sua declaração: **Teus presentes sejam para ti, e dês teus prêmios a outrem!** significa: "Não tenho o menor interesse neles", querendo o profeta humilhar a estúpida e obtusa arrogância do rei que, naquele momento, continuava a inflar-se. Ao desprezar a liberalidade real, de maneira tão intrépida, sem dúvida ele tencionava corrigir sua soberba que ainda se sobressaía, ou, pelo menos, ferir ou aguilhoar sua mente para que sentisse o juízo divino – juízo esse do qual um pouco depois Daniel seria o arauto e testemunha.

E então prossegue:

18 Ó rei, o Deus Altíssimo deu o reino, a grandeza, a excelência e o esplendor a teu pai, Nabucodonosor.

19 E por causa da grandeza que lhe deu, todos os povos, nações e línguas tremiam e temiam em sua presença. A quem queria, matava, e a quem queria, golpeava; a quem queria, exaltava; e a quem queria, abatia.

20 Quando, porém, seu coração elevou-se e seu espírito fortaleceu-se com a soberba, ele foi derribado do trono de seu reino, e sua glória lhe foi tirada.

18 O rex, Deus excelsus imperium, et magnitudinem, et præstantiam, et splendorem dedit Nebuchadnezer patri tuo.

19 Et ob magnitudinem quam dederat ei, omnes populi, gentes et linguæ tremuerunt, et formidarunt a conspectu ejus: quem volebat, occidebat: et quem volebat *percutere*, percutiebat: et quem volebat *attollere*, attollebat: et quem volebat *dejicere*, dejiciebat.

20 Quando autem elevatum fuit cor ejus, et spiritus ejus roboratus est ad superbiam, dejectus fuit e solio regni, et gloriam abstulerunt ab eo.

Antes que Daniel recitasse a escritura e apresentasse sua interpretação, ele adverte o rei Belsazar quanto à fonte desta maravilha. Pois não teria feito bem, começando com a escritura. Se houvera dito *"Mene, mene"* (como vemos no final do capítulo), o rei não teria tirado proveito algum de um discurso tão abrupto. Contudo, Daniel mostra, aqui, que não há nada de surpreendente no fato de Deus estender sua mão – ou de exibir a aparência de uma mão – a escrever a destruição do rei, porquanto este fora inflexível na provocação de sua ira. Vemos então porque Daniel inicia com a afirmação de que o rei Nabucodonosor fora o monarca supremo, que

sujeitara o mundo todo sob seus pés, que todos tremiam em sua presença; e, então, que fora derribado do trono de seu reino – tudo isso para que ficasse ainda mais claro que Belsazar não pecara por ignorância; pois deveria ter se comportado com modéstia, mantendo diante dos olhos aquele extraordinário e memorável exemplo de seu avô. Já que aquela admoestação familiar de nada adiantara, Daniel mostra que é chegado o tempo de Deus declarar publicamente sua ira, e isso por meio de um portento aterrorizante. Eis a síntese.

Quanto às palavras, porém, primeiramente ele diz: **Ao rei Nabucodonosor foi dado, das mãos de Deus, o reino, a majestade, a grandeza, e o esplendor**; como se estivesse afirmando: "Ele foi magnificamente adornado a fim de ser o supremo monarca do mundo inteiro". Dissemos noutro lugar, e Daniel o reitera em várias instâncias, que os reinos não são dados aos homens por acaso, mas pela divina providência – como também declara Paulo: "Não há poder senão o que vem de Deus".[197] E o Senhor quer que a sua providência seja contemplada de um modo especial nesses reinos. Pois ainda que cuide do mundo todo, e no governo da raça humana o que parece ser um detalhe mínimo ainda é governado por sua mão, todavia sua providência especial brilha através dos reinos deste mundo. Não obstante, já que tratei deste assunto com mais detalhe noutra instância, e ainda nos depararemos com esta doutrina mais vezes, baste-nos um leve toque neste ponto principal, ou seja, que os reis terrenos são entronizados pela mão de Deus, e não pelo acaso.

E para confirmar essa doutrina, Daniel acrescenta: **por causa da grandeza que Deus lhe conferiu, todos os mortais tremiam em sua presença**. E com estas palavras o profeta tem em mente que a glória de Deus é gravada nos reis por tanto tempo quanto o Senhor quiser que reinem. Isso não pode ser descrito com precisão, mas a realidade demonstra suficientemente que os reis são divinamente investidos com autoridade a fim de manter em suas mãos e sob sua vontade uma grande multidão de pessoas. Ora, não há

[197] Mg., Rm 13.1.

quem não deseje ser o primeiro entre os mortais. Portanto, como é possível que, com a ambição tão arraigada nos corações de todos, muitos milhares se sujeitem a uma só pessoa e consintam em se deixar governar, e tolerem até mesmo variadas indignidades? Qual é a origem disso senão que o Senhor arma com espada e poder àqueles que ele quer que sejam chefes? Portanto, tal motivo deve ser cuidadosamente observado, quando o profeta diz que todos tremiam na presença do rei Nabucodonosor, porquanto Deus o havia armado com majestade; isto é, ele queria que o rei fosse preeminente no mundo. Não obstante, o Senhor detém várias razões, e geralmente nos é oculta a razão por que ele exalta este homem e humilha aquele. Mesmo assim, está além de toda e qualquer controvérsia o fato de que nenhum rei possui poder algum salvo quando o Senhor estende sua mão e o sustenta. Não obstante, quando ele quer subtrair-lhes o poder, eles caem por livre e espontânea vontade – não que exista algo de fortuito nas mudanças, mas porque Deus, como se acha escrito no livro de Jó, faz cair a espada daqueles a quem previamente cingira com ela.[198]

Então prossegue: **A quem queria matar, matava; a quem queria golpear, golpeava.** Há quem creia que aqui se descreve o abuso do poder real. Prefiro entender as palavras de maneira simples, ou seja, que Nabucodonosor, segundo sua vontade, era capaz de abater uns e exaltar outros; que estava em seu poder dar vida a uns e matar a outros. Portanto, não atribuo estes termos a uma licenciosidade tirânica, como se Nabucodonosor houvera assassinado muitas pessoas inocentes e derramado sangue humano sem causa; que houvera despojado a muitos de suas fortunas e enriquecido a outros com honras ou com riquezas. Entendo simplesmente que estava em suas mãos matar ou dar a vida, exaltar ou abater. Em suma, a meu ver aqui Daniel está descrevendo o poder infinito que os reis possuem, de modo que podem soberanamente decidir sobre seus súditos – não porque esta é a coisa certa, mas porque todos se

[198] Mg., Jó 12.18.

calam. Pois todos são forçados a aprovar tudo quanto lhes agrade, ou, pelo menos, ninguém ousa contestar. Já que tamanha é a licenciosidade dos reis, aqui Daniel (com o intuito de mostrar que o rei Nabucodonosor fora exaltado, não por mérito de sua própria diligência, nem por seus próprios planos e muito menos por sua própria sorte) diz que fora armado com reinado supremo, e era terrível para com todos, pois o Senhor lhe havia conferido a insígnia de sua própria glória. Entrementes, é mister que os reis observem cuidadosamente o que lhes é lícito e o que Deus lhes permite. Pois, assim como possuem o reino, também deveriam considerar que algum dia terão de prestar contas ao Rei Altíssimo. Desse fato não deduzimos que os reis são designados por Deus sem qualquer condição, de modo que se vêem livres para fazerem o que bem quiserem; contudo, como disse, o profeta está falando do poder real. E já que os reis possuem o poder de vida e/ou morte, ele afirma que a vida de todos estava nas mãos do rei Nabucodonosor.

Então acrescenta: **quando seu coração exaltou-se, então foi abatido**, ou 'expulso', **do trono do reino e o despojaram de sua excelência**. Ele prossegue com sua narrativa, pois deseja mostrar ao rei Belsazar que Deus tolera por algum tempo a insolência daqueles que se esquecem dele quando obtêm o poder supremo. Assim, querendo mostrar isso, em seguida afirma: "o rei Nabucodonosor, teu avô, foi um monarca supremo. Não recebeu o governo nem o manteve por si mesmo, senão porque o obteve da mão de Deus. Ora, sua mudança foi extraordinária prova de que o orgulho daqueles que são ingratos a Deus e não reconhecem que estão no governo em virtude de seu benefício não pode ser tolerado para sempre". Por isso, **quando seu coração**, diz ele ainda, **exaltou-se e seu espírito fortaleceu-se em soberba**, uma mudança repentina ocorreu. Compete a ti e a toda tua posteridade deixar-se instruir com isso, para que o orgulho não mais vos engane. Ao contrário, deixa que o exemplo de teu pai te atinja (como veremos mais tarde). "Desse modo esta escritura é posta diante de ti, ó rei, para que possas compreender que a destruição de tua vida e de teu reino está próxima".

Deus Todo-Poderoso já que a cada um de nós é designada uma posição, faz com que nos contentemos com nossa parte, e que, quando nos humilhares, possamos submeter-nos espontaneamente a ti e consentir em sermos governados por ti, não almejando qualquer posição elevada que nos lance na destruição; e que cada um de nós viva modestamente, de modo que sempre sejas preeminente em nosso meio; que não determinemos nada, a não ser o esforço de devotarmos a ti nosso trabalho, bem como a nossos irmãos a quem estamos unidos, para que assim teu nome seja glorificado através de todos nós, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

26ª Exposição

Na frase que começamos a elucidar ontem devemos observar a expressão na qual Daniel diz que *"o coração do rei Nabucodonosor fortaleceu-se com o orgulho*. Ele quer dizer que o rei não foi repentinamente entronizado pela estupidez, como os homens fúteis o são por qualquer causa, e mesmo sem qualquer prévio estado de espírito interior. O profeta desejava expressar algo mais; o orgulho fora nutrido por um longo período, como se dissesse que o rei não fora tomado de surpresa por alguma vaidade, mas que se deixara exercitar por sua soberba, de sorte que acresceu-lhe a obstinação e a insensibilidade. Além disso, o número verbal é mudado; alguns atribuem o plural aos anjos que, por ordem divina, trouxeram privações ao rei. Entretanto, creio que os verbos devem ser tomados indefinidamente, ou seja, que sua glória lhe seria tirada – vimos expressões semelhantes anteriormente.

E prossegue:

21 E foi expulso dentre os filhos dos homens, e seu coração foi associado com os animais, e sua morada foi com os jumentos monteses; deram-lhe a comer erva como aos bois, e seu corpo foi lavado com o orvalho do céu, até que reconhecesse que o Deus Altíssimo governa o reino dos homens, e a quem quer constitui sobre ele.

21 Et a filiis hominium exterminatus fuit: et cor ejus cum bestiis positum est: et cum onagris habitatio ejus: herba sicut tauros cibaverunt eum: et rore cœli corpus ejus irrigatum fuit, donec cognosceret quod dominetur Deus excelsus in regno hominum, et quem velit imponat in illo.

Este versículo não requer uma explicação longa, pois Daniel

está apenas repetindo o que já escrevera noutro lugar, ou seja, que o avô do rei, Nabucodonosor, ainda que não se houvera transformado num animal, foi deposto da comunidade dos homens e todo seu corpo foi deformado; mais ainda, que ele mesmo repugnara os costumes humanos, preferindo viver com os animais selvagens. Isso constituiu uma anormalidade terrível, especialmente num monarca de grandeza tão notória; e constituiu um exemplo que mereceu ser passado de geração para geração, sim, a milhares de eras – se é que aquela monarquia duraria tanto. Entretanto, a perversa negligência de seu neto em esquecer tão rapidamente tal evidência é merecidamente repreendida. Sendo esse então o motivo de Daniel repetir a história.

Ele foi deposto, afirma ele, dentre os filhos dos homens; seu coração foi associado com as bestas – ou seja, por certo tempo ele perdera seu raciocínio e juízo. E sabemos que a principal diferença entre os homens e os animais selvagens é que os homens discernem e julgam, e que os animais são conduzidos por seus sentidos ou instintos. Assim, o Senhor forneceu na pessoa do rei um memorável exemplo, despojando-o de toda a razão e entendimento.

Sua morada, diz ele, era com os jumentos monteses; aquele que, outrora, vivera num dos mais famosos palácios do mundo inteiro, para o qual todos os orientais daquela época olhavam e no qual buscavam justiça. Além disso, para alguém que se acostumara a receber adoração como um deus, era um terrível castigo continuar vivendo com os animais selvagens – para ele que desfrutara de todos os prazeres e se habituara com um tratamento excessivamente opulento, pela riqueza que seu país lhe podia proporcionar, ter seu alimento de ervas como os bois, especialmente sabendo nós que os orientais se inclinam mais ao prazer do que os demais, e que Babilônia se considerava a mãe de toda luxúria. Portanto, já que a condição do rei foi mudada tão vertiginosamente, ninguém poderia ser tão ignorante que chegasse a crer que tal ocorrera por acaso, e, sim, que isso proviera do excepcional e extraordinário juízo divino.

Em seguida ele acrescenta o que já foi expresso antes, ou seja,

que **seu corpo foi lavado com o orvalho do céu até que reconhecesse que o Deus Altíssimo governa o reino dos homens.** Aqui uma vez mais ele expressa o propósito do castigo – que Nabucodonosor viesse a sentir que fora divinamente instituído rei e que todos os reis mortais só ficam de pé enquanto Deus os sustenta com sua destra e poder. Eles crêem estar acima de todo e qualquer acidente fortuito, e ainda que se gabem verbalmente que reinam "pela graça de Deus", menosprezam todas as deidades e transferem para si toda sua glória. Esta loucura aflige a todos os reis, como se pode deduzir destas palavras. Pois se o rei Nabucodonosor se deixara convencer de que os reis são designados por Deus, que dependem de sua vontade e que permanecem ou caem conforme seus eternos decretos, não haveria necessidade de seu castigo – os termos expressamente afirmam isso. Portanto, ele bane o Senhor do governo do mundo. Todavia, tal atitude é comum a todos os reis terrenos, como acabei de dizer. É claro que todos proclamam o contrário, o Espírito Santo, porém, não dá a menor importância a tais falsas declarações, como são chamadas. E assim, na pessoa do rei Nabucodonosor, é posta diante de nós, como num espelho, a inebriante autoconfiança pertencente a todos os reis; eles acreditam estar de pé por suas próprias forças e se isentam do controle divino, como se Deus não estivesse assentado no céu como juiz. Daí, Nabucodonosor precisara ser humilhado até aprender que Deus reina sobre a terra (pois a opinião comum é que ele confinou-se no céu, como se sentisse contente em nada fazer e com nada preocupar-se com respeito à raça humana).

Por fim ele acrescenta: **e a quem queria, designava**, ou "colocava no comando". Isso melhor expressa o que dissera obscuramente – como Nabucodonosor, ao ser domado e subjugado por tão duro castigo, aprendeu que Deus reina sobre a terra. Pois quando os reis terrenos percebem que têm boas defesas e que possuem grandes recursos e podem convocar grandes exércitos segundo seu desejo, e ainda quando percebem que são o terror universal, acreditam que Deus não detém nenhum direito, e não conseguem conce-

ber que pode ocorrer alguma mudança – é isso o que se diz no Salmo sobre todos os soberbos;[199] e Isaías, no mesmo sentido, diz: "Mesmo que venha a tempestade ou o dilúvio cubra toda a terra, o mal não nos atingirá."[200] É como se estivessem dizendo: "Mesmo que Deus troveje do céu, ainda assim estaremos sãos e salvos de todo mal e perigo". É disso que os reis se persuadem. Por conseguinte, só começam a admitir que o Senhor é o rei da terra quando sentem que está em suas mãos o poder abater aqueles a quem ele outrora exaltara, e exaltar os humildes e submissos, como vimos noutra ocasião. Portanto, o final do versículo é, por assim dizer, uma explicação da afirmativa anterior.

Então prossegue:

22 E tu, Belsazar, seu filho, não humilhaste teu coração; ainda que sabias tudo isso.

22 Et tu filius ejus Beltsazar, non humiliasti cor tuum: qua propter totum hoc cognoveras.

Aqui Daniel mostra porque relatou o que já ouvimos sobre o castigo do rei Nabucodonosor. Pois Belsazar deveria ter-se deixado afetar de tal maneira por aquela advertência em sua família, que também se deixasse sujeitar por Deus. Porquanto pode muito bem ser que seu pai, Evil-Merodaque, se houvera esquecido do castigo. Todavia, visto que não era tão impudente ao ponto de pôr-se contra o Senhor ou de abusar da verdadeira e genuína piedade, Deus o livrou, mesmo sendo tirano e perverso como de fato o era, mas que possuía um certo grau de domínio próprio. Quanto a seu neto, Belsazar, entretanto, era ele por demais intolerável. E por esse motivo o Senhor estendeu sua mão contra ele.

Isso é o que o profeta agora ensina: **Tu és seu filho**, diz ele. Tal circunstância deveria ser ainda mais constrangedora; não carecia que saísse em delongada procura por um exemplo entre os povos estrangeiros, porque podia muito bem aprender em casa mesmo tudo o que lhe era necessário e útil saber. E ele magnifica a falta em

[199] Mg., Sl 10.6.
[200] Mg., Is 28.15.

outros termos, pois afirma: **todavia, sabias tudo isso.** Porquanto os homens apelam para a ignorância com o intuito de suavizar a culpa de seus crimes. Entretanto, não existe justificativa alguma para aqueles que pecam intencional e voluntariamente. Por isso o profeta condena o rei por sua manifesta desobediência; como se quisesse dizer que o rei provocara a ira divina deliberadamente, de sorte que o terrível e grande juízo que aguarda a todos os soberbos não lhe era desconhecido, visto que fora testemunhado de uma forma por demais clara e notável em seu próprio avô, o que deveria permanecer perenemente diante de seus olhos.

Ele continua:

23 E contra o Senhor do céu te exaltaste, e os utensílios de sua casa trouxeste a tua presença; e tu, e teus grandes, tuas mulheres e tuas concubinas, bebestes vinho neles, e deste louvores aos deuses de prata, de ouro, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra, que não vêem, não ouvem, nem compreendem; e não honraste a Deus, em cuja mão está tua alma e a de todos os que te pertencem.

23 Et contra Dominum cœli te extulisti; et vasa domus ejus, protulerunt en conspectum tuum: et tu, et proceres tui, uxores tuæ, et concubinæ tuæ vinum bibistis in illis: et deos argenti, *hoc est*, *argenteos*, et aureos, æneos, ferreos, ligneos, et lapideos, qui non vident, et non audiunt, et non intelligunt, laudasti: et Deum, cui *est* in manu ejus anima tua, et cujus omnia tua, non honorasti.

O profeta prossegue com sua exposição, confirmando o que disse, ou seja, que o rei Belsazar era intratável e que se deixara cegar deliberadamente ante o castigo divino. **Pois te exaltaste,** afirma ele, **contra o Senhor do céu.** Se ele se houvera levantado cruelmente contra os homens, o erro já seria merecedor de castigo. Mas, ao provocar intencionalmente o Senhor, sua arrogância se afigurou em extremo intolerável. Assim, o profeta outra vez põe em realce a soberba real e diz que "ele se exaltou contra o Rei dos céus". Ao mesmo tempo, o profeta explica de que maneira ele fez isso: **ordenaste que os utensílios do templo fossem trazidos à tua presença e bebeste neles.** Ora, isso constituía uma profanação e um sacrilégio imperdoável.

Belsazar, porém, não ficou satisfeito em apenas abusar dos utensílios sagrados para servir a sua própria luxúria e torpe embriaguez,

profanando-os com suas concubinas e meretrizes. Acrescenta-se a isso um desrespeito ainda mais sério contra Deus, quando, então, deste louvores aos deuses de prata e de ouro, de bronze e de ferro, de madeira e de pedra que nada sentem. Isso jamais fora feito antes; Daniel, em seu papel de professor, não apresenta seu relatório tão sucintamente como o fizera numa circunstância anterior. Quando, bem no início deste mesmo capítulo, afirma que Belsazar celebrava aquele infame banquete, ele escreve como historiador. Agora, porém, como já disse, ele desempenha seu ofício de professor. *D*iz ele: deste louvores aos deuses fabricados de materiais corruptíveis, que nem vêem, nem ouvem, nem compreendem. No entanto, defraudaste ao Deus vivente de sua honra, em cuja mão se acha tua vida, de quem dependes e de quem procede tudo quanto afirmas ser teu. Portanto, já que desprezas tanto o Deus vivo, que tem sido tão bondoso para contigo, quão infame e vergonhosa é tua ingratidão! Notamos, portanto, que aqui o profeta é extremamente severo e condena o tirano ímpio por seu sacrilégio e insana impudência e torpe ingratidão contra o Senhor.

Presentemente, ele prossegue (passo rapidamente por essas coisas, porquanto já foram tratadas noutra ocasião):

24 Então da parte dele foi enviada a parte de uma mão que traçou esta escritura.	24 Tunc a conspectu ejus missa est particula manus, et scriptura hæc notata *fuit*.

O advérbio בֵּאדַיִן, ***bedain***, ['então'], contém a significativa afirmação de que a vingança divina ou a declaração da vingança está próxima. Daniel mostra que Deus tinha sido, por um longo tempo, paciente para com o rei Belsazar e não lançara mão precipitadamente de seus instrumentos para executar seu castigo. Entretanto, o Senhor começou a exibir seu juízo e a sentar-se em seu tribunal no momento em que a soberba de Belsazar se tornou irrecuperável, sua incredulidade por demais intolerável. Notamos, pois, que ***bedain*** tem que ser lido de maneira enfática, como se o profeta estivesse dizendo: Tu não podes reclamar da rapidez do castigo, como se o Senhor o houvera mandado antes do tempo. Não podes

dizer que Deus precipitou-se neste castigo. Detém-te para pensares e considera de quantas maneiras e por quanto tempo tens provocado sua ira. E no tocante a este último crime, certamente chegaste ao clímax da incredulidade quando aquela mão te apareceu. Por isso o Senhor agora está te arrastando rumo ao castigo em tempo hábil ou oportuno. Até aqui ele tolerou a ti e a teus crimes. Depois de tanta tolerância, o que resta, quando te gabas contra ele com incrível soberba, a não ser puxar ele o freio? – pois tu és irreversivelmente sem condição de reforma; não há esperança de correção.

Ele diz 'dele' para que Belsazar não mais perguntasse donde veio a mão. Da parte dele, diz o profeta; ou seja, "esta mão é testemunha da vingança do céu. Não penses que ele constitui algum espectro passageiro, mas aprende que Deus revela por intermédio dessa figura que teus crimes o desagradaram e que agora chegaste ao ponto culminante, o castigo está sazonado e pronto". Diz ainda: E traçou esta escritura; como se quisesse dizer que os olhos do rei Belsazar não se enganaram: esta era a mão de Deus; isto é, "enviada da parte dele", como infalível testemunha de sua vingança.

Em seguida ele acrescenta:

25 E esta, pois, é a escritura que se traçou: MENE, MENE, TEKEL, UPHARSIN.	25 Et hæc *est* scriptura quæ notata *est*, MENE, MENE, numeratum est, numeratum est, TEKEL, appensum est, UPHARSIN, et dividentes.
26 Eis a interpretação da escrita: MENE, Deus contou e cumpriu [terminou] teu reino.	26 Hæc interpretatio est sermonis: MENE, numeravit Deus regnum tuum et complevit.
27 TEKEL, foste pesado em balança e achado em falta.	27 TEKEL, appende, *vel*, *appensum est*, appensus es in trutina, et inventus es deficiens.
28 PERES, teu reino é dividido e dado aos medos e aos persas.	28 PERES *pro upharsin*, divisum est regnum tuum, et datum Medis et persis.

Aqui Daniel explica as quatro palavras traçadas na parede. O rei não pôde lê-las, ou em virtude de sua obtusidade ou porque Deus entorpecera todos os seus sentidos e, por assim dizer, enfraquecera seus olhos, como dissemos anteriormente. E o mesmo deve

ser dito acerca dos magos e arioles. Pois poderiam ter lido a escritura se não fossem cegados por Deus.

Portanto, em primeiro lugar, Daniel recita as quatro palavras, **Mene, Mene, Tekel, Upharsin**. Em seguida fornece a interpretação. Um vocábulo, **Mene**, é traçado duas vezes. Alguns fazem distinção, dizendo que os anos da vida do rei foram contados, e depois o tempo de seu reinado. Todavia, isso não me parece suficientemente sólido. Creio que a palavra foi traçada duas vezes à guisa de ênfase; como se o profeta estivesse dizendo que o número já havia sido completado. Porquanto os deslizes célere se acumulam, conforme afirma o ditado comum. Portanto, para que o rei Belsazar compreendesse que tanto sua própria vida quanto seu reino chegaram ao fim, o Senhor confirma que o número está completo; como se dissesse que nem sequer um segundo de tempo se poderia acrescentar ao fim predeterminado. E é assim que o próprio Daniel interpreta a seqüência: **Deus contou teu reino**, diz ele; ou seja, Deus determinou e definiu um fim para teu reino. Portanto, é necessário que aceites o fim; e teu tempo esgotou-se.

Ainda que o Senhor aqui se dirija a um rei em particular, e embora ponha diante de seus olhos a escritura, podemos deduzir uma doutrina geral do evento: Deus prefixa um tempo definido para todos os reinos. As Escrituras também declaram o mesmo sobre a vida de cada um de nós.[201] Se o Senhor prescreve os dias para cada indivíduo, certamente essa atitude é ainda mais pertinente em relação a todos os impérios, pois sua existência é ainda mais notável. Por conseguinte, saibamos nós que não só os reis vivem e morrem segundo a vontade de Deus, mas também seus reinos são transformados (como dissemos antes) e são por ele estabelecidos de maneira tal que ele mesmo prescreve infalivelmente seu fim. Deveríamos buscar consolo neste fato sempre que virmos os tiranos seguindo em frente desesperadamente, sem qualquer moderação em sua licenciosidade e selvageria. Sempre que se excederem,

[201] Mg., Jó 14.5.

como se quisessem confundir céu e terra, lembremo-nos desta mensagem: "Teus anos estão contados". O Senhor determinou quanto tempo devem reinar. Ele não se engana. Pois, a menos que soubesse que seria útil para a igreja e para os eleitos ter os tiranos correndo soltos por um período, certamente logo os impediria. Contudo, visto que desde o início ele "determinou o número", saibamos que o tempo de sua vingança ainda não está maduro, embora os obrigue a usar tão descontroladamente seu próprio poder e reinado; dádivas a eles concedidas por Deus.

Então segue-se a explicação da palavra *Tekel*. Tekel, diz ele, porque pesado foste na balança e achado em falta. Aqui Daniel mostra que o Senhor regula seus próprios juízos como se segurasse a balança em suas mãos. É uma similitude tomada de um costume humano. Sabemos por que as balanças são usadas – para fazer uma distribuição precisa. Por isso, diz-se que Deus faz todas as coisas segundo pesos e medidas,[202] porque não faz nada de maneira confusa, senão que usa de tanta moderação que nunca a encontraremos nem a mais, nem a menos, como habitualmente se diz. É por esta razão que Daniel afirma que Belsazar *"foste pesado na balança"*; Deus não estava com pressa de pôr seu castigo em prática; todavia, com justiça pune o rei conforme seu método e seu reinado perpétuo – pois ele foi *"achado em falta"*; ou seja, como algo que se vai desvanecendo, como se ele fosse algo sem substância. É como se estivesse dizendo: " Tu crês que tua dignidade deveria ser poupada. Porque recebes toda homenagem, pensas que mereces honra. Estás errado", afirma ele, "o juízo divino é bem diferente. O Senhor não usa balanças comuns, senão que tem suas próprias balanças, e nelas foste "encontrado em falta"; isto é, não vales para nada, ou, melhor, és um homem de nenhum valor. Não há dúvida de que, ao ouvir essas palavras, o tirano teria se sentido um tanto exasperado. Todavia, a hora do fim chegara; ele precisava ouvir a voz do arauto. E, sem dúvida, Deus refreou sua ferocidade, para que não se virasse contra Daniel.

[202] Mg., Wisd. 11.21; isto é, 11.20.

Finalmente, ele acrescenta פרס, *Peres*, à palavra *Pharsin*, porque **teu reino é dividido** – a saber, **pelos medos e persas**. Indubitavelmente, Deus quis dizer, com estas palavras, que a destruição da monarquia era iminente. Quando, pois, ele diz, *Upharsin* e *dividirão*, significa que a monarquia não mais ficaria de pé, pois pretende esmiuçá-la e/ou quebrá-la. Contudo, o profeta está aludindo mui convenientemente à divisão que foi feita entre os medos e os persas. E assim a reprimenda é duplicada, pois Babilônia teria que servir a muitos mestres. Por si só já é muito sério e difícil para uma nação que reteve o poder por toda parte e por muito tempo se ver forçada a carregar o fardo de um único senhor, quando é vencida. Mas se existem dois senhores, a indignidade é magnificada. Por isso, aqui Daniel mostra que Deus não seria o único vingador ao destruir a monarquia de Babilônia, mas que haveria um peso a mais no castigo, quando medos e persas dominassem sobre ela. É evidente o fato de que a cidade foi tomada pela força e ação de Ciro. Todavia, visto que Ciro deu a seu sogro a honra de ser admitido na divisão do reinado, diz-se que os medos e persas compartilharam do reino, ainda que, estritamente falando, não houvesse nenhuma divisão real. Depois disso, Ciro, tomado pela insaciável ambição e avareza, foi desviado para outros expedientes. Dario, porém, que já contava com mais de sessenta anos, como veremos, viveu tranqüilamente em casa. Como é bem conhecido, ele era medo. Se formos acreditar em várias histórias, sua irmã, a mãe de Ciro, fora, por assim dizer, banida para a Pérsia, já que o oráculo proclamou a grandeza de Ciro. Seu avô o depusera, e mais tarde vingou-se dessa injúria, mas não tão cruelmente ao ponto de tirar sua vida. Porquanto quis que ele permanecesse com um pouco de dignidade e fez dele um sátrapa. Mas logo depois seu filho reinou entre os medos com o consentimento de Ciro; e então Ciro casou-se com a filha dele; de sorte que, tanto em virtude de laços familiares quanto em agradecimento por esse novo relacionamento, ele quis tê-lo como sócio no reino. Este é o antecedente sobre o qual Daniel disse que a monarquia seria celeremente dividida, porque os medos e os persas a dividiram entre si.

Então prossegue:

29 Então Belsazar ordenou e vestiram a Daniel de púrpura, e puseram uma corrente de ouro em seu pescoço. E proclamaram que passaria a ser o terceiro no governo de seu reino.

29 Tunc jussit Beltsazar, et vestierunt Danielem purpura, et torques aureus super collum ejus: et clamabant coram ipso quod dominaretur tertius in regno.

É estranho que o rei assim ordenasse depois de ser tão rudemente tratado pelo profeta. Parece que ele não demonstrou nenhuma irritação nesse momento. Anteriormente ele teria se inflamado cem vezes e sentenciado o santo profeta de Deus a mil mortes. Por que, pois, ele agora ordena que o profeta seja adornado com as insígnias reais; que seja proclamado por seu próprio arauto como o terceiro no reino? Há quem creia que isso aconteceu porque as leis reais eram sacrossantas para os babilônios, até mesmo suas palavras constituíam lei, e pretendiam que tudo o que fosse declarado se mantivesse firme e inviolável. Crê-se, pois, que o rei Belsazar estava ostentando a inviolabilidade de suas promessas. Entretanto, considero que ele estava, no primeiro instante, estupefato, e embora ouvisse bem o que o profeta dissera, se mantinha praticamente como um cepo ou uma pedra. Mais ainda, penso que fez isso tendo em vista a si mesmo e sua própria segurança. Pois poderia tornar-se desprezível aos olhos de seus nobres. E assim, para mostrar que era indiferente, ordenou que Daniel fosse adornado com a insígnia real como se a ameaça passasse por ele sem qualquer efeito. Na verdade, ele não desprezou o que o profeta disse, mas desejava convencer seus sátrapas e a todos os convidados de que Deus lhe havia ameaçado não com a intenção de cumprir tão severo castigo, mas apenas para amedrontá-lo. E quando os reis ficam aterrorizados, sempre cuidam para não dar sinais de nervosismo; do contrário, acreditam que sua autoridade seria abalada. Assim, para resguardar um pouco de respeito entre seus súditos, ele decide mostrar uma aparência particularmente segura e sem medo. Este, sem dúvida alguma, era o propósito do tirano ao ordenar que Daniel fosse vestido de púrpura e adornado com a insígnia real.

Deus Todo-Poderoso, permite que aquilo que uma vez proclamaste como prova de tua ira contra todos os soberbos nos seja útil no dia de hoje; e que, advertidos pelo castigo de um só homem, possamos aprender a nos comportar humilde e modestamente e a não desejar a grandeza que te desagrada, senão que, de tal maneira permanecermos em nossa posição para servir-te e exaltar e glorificar teu santo nome; que nada nos venha separar de ti, mas que consigamos carregar teu fardo neste mundo e deixar-nos ser governados por ti, para que, por fim, alcancemos o bem-aventurado descanso e a parte do reino celestial que preparaste para nós e que para nós foi conquistado pelo sangue de teu Unigênito Filho. Amém.

27ª Exposição

30 Naquela mesma noite o rei dos caldeus foi morto.

31 E Dario, o medo, recebeu o reino, quando contava com sessenta e dois anos de idade.

30 In illa nocte occisus *fuit* Beltsazar rex Chaldæorum.

31 Et Darius the Medus accepit regnum, cum natus *esset* annos sexaginta et duos.

Aqui Daniel relata sucintamente que a profecia se cumpriu naquela mesma noite. Como explicamos anteriormente, esse era um dia de festa em que os babilônios celebravam anualmente, e que um banquete solene fora preparado. Essa foi a ocasião em que a cidade se viu traída por dois sátrapas, Gobrias e Gábata (pois é assim que Xenofonte os chama).[203] Nesta passagem, os rabinos, em seu modo habitual, traem sua desfaçatez e ignorância quando palreiam e se vangloriam de coisas que não conhecem. Pois afirmam que esse rei foi assassinado porque um dos guardas ouvira as palavras do profeta e quis acelerar o juízo celeste – como se o veredicto divino dependesse da vontade de um homem pagão! Ignoramos tais balelas infantis e devemos restringir-nos à verdade histórica; Belsazar foi capturado durante seu licencioso e liberal banquete, quando já se embebedara, tanto ele quanto seus nobres e suas concubinas.

Entretanto, devemos ainda observar aqui a maravilhosa e divina graça com relação ao profeta. Porquanto ele deveria ter perecido juntamente com os demais. Ele foi vestido de púrpura; pouco mais

[203] Xenofonte, *Cyropaedia* 7:5:24-32.

de uma hora se passara quando os persas e medos tomaram a cidade; em meio ao tumulto, ele dificilmente teria escapado se o Senhor não o tivera coberto com a sombra de sua mão. Portanto, vemos que Deus cuida dos seus e os livra dos maiores perigos, como se os estivesse tirando para fora do sepulcro. Não há dúvida de que em meio ao alvoroço o santo profeta se sentia muito agitado; porquanto ele não era nenhum bloco de madeira. Não obstante, ele precisava ser exercitado para que soubesse que Deus era o infalível protetor de sua vida e a fim de preparar-se ainda mais para servi-lo; pois ele nada vê melhor do que lançar sobre Deus todos os seus cuidados.

Daniel acrescenta que o **reino foi transferido para o rei dos** medos, a quem chama de 'Dario', mas a quem Xenofonte dá o nome de 'Cyaxares'. O certo é que, pela diligência de Ciro e sob seu comando, Babilônia foi capturada. Pois ele era um guerreiro tenaz e possuía autoridade suprema. Mas aqui não se lhe faz menção alguma. Todavia, Xenofonte relata que Cyaxares (que é aqui chamado de Dario) era o sogro de Ciro e também que era respeitado na mais elevada honra e estima.[204] Portanto, não surpreende que Daniel o coloque diante de nós como rei. Ciro estava contente com o poder, o louvor e a fama da vitória; o título, ele prontamente cedeu ao sogro, a quem via como um homem idoso e um tanto preguiçoso.

Não obstante, não se sabe ao certo se ele era filho de Astyages e, portanto, tio de Ciro. Porquanto muitos historiadores concordam que Astyages era o avô de Ciro e que sua filha foi destinada a Cambyses, pois ele havia descoberto por intermédio de astrólogos que dela viria o descendente que possuiria o poder sobre toda a Ásia. E também acrescentam que ele ordenou que o infante Ciro fosse morto. Todavia, já que isso é incerto, prefiro deixar a questão sem decisão. A mim me parece provável que Dario fosse tanto o tio quanto o sogro de Ciro. Apesar de que, se formos acreditar em Xenofonte, Ciro ainda era solteiro no período em que capturou

[204] *Cyropaedia* 8:5:19-20.

Babilônia.[205] Pois seu sogro-tio lhe pedira que lhe trouxesse reforços quando se viu em desigualdade com os babilônios e assírios. Seja como for, o que o profeta aqui relata não é inconsistente: Dario, o rei dos medos, manteve o domínio, porque Ciro, a despeito de ser mais forte e superior, lhe permitiu ser o rei de Babilônia como que uma espécie de arrendamento. E assim ele reinava sobre os caldeus apenas em título.

E prossegue:

Capítulo 6

1 Pareceu bem a Dario constituir sobre o reino cento e vinte governadores das províncias, que estivessem por todo o reino;

2 E sobre eles três sátrapas, dos quais Daniel era um, e aos quais os governadores das províncias deveriam prestar contas, para que o rei não sofresse dano.

1 Placuit coram Dario, et præfecit super regnum præsides provinciarum centum et viginti, qui essent in toto regno.

2 Et super illos *essent*, *atque ut essent super eos*, satrapæ tres, quorum Daniel unus *esset*: et ut præsides provinciarum illis redderent rationem: et rex non pateretur damnum.

Aqui novamente percebemos que o profeta esteve sempre sob o cuidado divino, não tanto por razão particular ou por consideração, mas para que os infelizes exilados e cativos pudessem receber algum alívio em seu destino por intermédio das atividades e bondade desse santo homem, porquanto o Senhor planejara estender sua mão sobre os judeus através de Daniel. E merecidamente podemos chamá-lo de "a mão de Deus que sustentava os judeus"; pois a verdade é que os persas, raça bárbara, não teriam sido, por sua própria natureza governadores misericordiosamente por Deus, não houvera este introduzido seu servo Daniel com o fim de socorrer seu povo. Portanto, é indispensável observar no contexto da história que Daniel foi escolhido por Dario como um dos três prefeitos supremos. Ele exercera o terceiro lugar sob o rei Belsazar, ainda que

[205] *Cyropaedia* 8:5:19-20, 28.

por apenas um curto período. No entanto, ao ser ele condecorado com tantas honrarias, isso poderia ter gerado malevolência sob o novo rei. Todavia, é provável que Dario tenha recebido informação sobre as muitas coisas que Daniel anteriormente relatou, ou seja, que a mão vista na parede, cuja escritura fora Daniel o intérprete, e que fora ele o enviado do céu para proclamar a destruição do rei Belsazar. Pois a não ser que tudo isso fosse relatado a Dario, Daniel jamais teria recebido de suas mãos tanta autoridade. Pois o rei possuía em suas próprias forças homens em número suficiente. E sabemos que um general vitorioso vive rodeado de famintos, todos a espera de uma parte no butim. Por isso Dario jamais teria tomado sob sua proteção este estrangeiro e prisioneiro, a quem investiu de tamanha honra e poder, a menos que percebesse que com toda certeza Daniel era um profeta de Deus e seu arauto que havia anunciado a destruição da monarquia babilônia. Disso deduzimos que viera de Deus ser contado Daniel entre os primeiros sátrapas e de ser o terceiro no reino; daí tornar-se esse fato notório aos ouvidos do rei Dario mais rapidamente. Pois se Daniel houvera sido humilhado pelo rei Belsazar, então ele teria ficado em casa bem escondido. Entretanto, o rei, ao vê-lo resplandecente, com a insígnia real, indaga por sua identidade. Ouve como ele conquistara tais honrarias; e assim fica a par de que ele é aquele profeta de Deus e o designa como um dos três prefeitos. Dessa forma a providência divina novamente se exibe ante nossos olhos; Deus não só conservou seu servo em segurança, mas também providenciou a segurança de toda a Igreja, a fim de que os judeus não fossem mais e mais oprimidos em virtude dessas mudanças.

Em seguida, porém, acrescenta-se uma tentação; tentação essa que poderia trazer desânimo tanto ao santo homem quanto a todo o povo. Pois diz o profeta:

3 Então Daniel se revelou superior a todos esses sátrapas e governadores das províncias; além disto, visto que havia nele um espírito mais excelente, o rei pensava em exaltá-lo sobre todo o reino.

3 Tunc Daniel ipse fuit superior, supra satrapas et præsides provinciarum: propterea quod spiritus amplior, *vel præstantior*, in ipso *erat*: et rex cogitabat eum erigere super totum regnum.

4 Então os sátrapas e os governadores das províncias procuravam encontrar uma ocasião contra Daniel da parte do reino, e nenhuma ocasião e nenhuma culpa puderam encontrar; porquanto ele era fiel, e não se achava nele nenhuma falta e nenhuma culpa.

5 Então disseram esses homens: Nunca acharemos nesse Daniel ocasião alguma, a não ser que a procuremos contra ele na lei de seu Deus.

4 Tunc satrapæ, et præsides provinciarum quæsierunt occasionem invenire contra Danielem a parte regni, et omnem occasionem, et nullum crimen potuerunt invenire: qui verax ipse: et nulla culpa, et nullum crimen, inveniebatur in ipso.

5 Tunc viri illi dixerunt, non inveniemus in hoc Daniele ullam occasionem, nisi inveniamus in ipso ob legem Dei sui.

Ora, como eu disse, o profeta relata que surgiu de repente uma tentação que poderia ter desanimado tanto a ele quanto ao povo eleito. Pois ainda que Daniel fosse o único a ser lançado na cova dos leões, como veremos mais adiante, não obstante, se ele não houvera sido posto em liberdade, a situação do povo teria se tornado ainda mais difícil e tumultuada. Pois sabemos que os homens maus impudentemente maltratam os infelizes e inocentes quando vêem algo adverso acontecer-lhes. Se Daniel houvera sido ferido pelos leões, ter-se-ia insurgido uma grande revolta contra os judeus. Deus, portanto, aqui não só exercita a fé e a paciência de seu servo, mas também prova os judeus trazendo-lhes o mesmo sofrimento. Porque, na pessoa de um homem, viram-se todos prestes a enfrentar um sofrimento extremo, se Deus inesperadamente não lhes enviara ajuda – como de fato ele o fez.

Em primeiro lugar, Daniel diz que ele se distinguia entre todos porque um espírito mais excelente nele estava. Nem sempre sucede que aqueles que possuem sabedoria ou outros dons desfrutem também da graça de obter autoridade e favor. Notamos nas cortes dos reis que os lugares mais elevados são ocupados por bestas selvagens. Pois, sem querer repetir velhas histórias, os reis de hoje são quase todos estúpidos e brutos; são como cavalos e jumentos entre os animais selvagens; de modo que, quanto mais ousado for e mais descaradamente empurrar alguém, mais autoridade se granjeia nas cortes. Entretanto, quando Daniel afirma que *era mais excelente*, ele nos apresenta um duplo benefício provindo

de Deus: que ele fora dotado de um espírito superior; e que Dario, aqui, reconheceu esse espírito, e portanto, assim que percebeu nele um homem diligente e dotado de sabedoria incomum, então o magnificou. Portanto, procuremos entender o que o profeta aqui pretende ensinar, ou seja, que ele fora divinamente dotado de prudência e de outros dons; e também que o rei Dario era um bom juiz, capaz de avaliar sua prudência e outras virtudes, e com isso o manteve em sua estima.

Portanto, **e porque um espírito mais excelente estava nele, ele superou** a todos os demais, ele afirma; o **rei ainda pensou em elevá-lo em todo o reino**; ou seja, torná-lo chefe dos três sátrapas. Mas, embora isso lhe constituísse um singular privilégio, pelo qual o Senhor imediatamente honrou a seu povo e ao profeta, ainda assim devemos lamentar a negligência dos reis nos dias de hoje, os quais arrogantemente desprezam os dons de Deus nos melhores homens, aqueles que possuem capacidade de manter elevadas posições de grande vantagem para o povo. Eles conservam, porém, aqueles que se deixam conduzir pela estupidez por seus prazeres, e prosseguem sendo exatamente o que são – homens dados à avareza e ao furto, cruéis e completamente dominados pela concupiscência. Quando não conseguimos ver qualquer consideração nos reis, não procurando descobrir os que são dignos do governo e de poder, então a condição do mundo realmente se torna deplorável; pois, para nós, por assim dizer, é um espelho da vingança divina, quando os reis se revelam extremamente carentes do espírito de discernimento. No último dia bastará que o rei Dario os condene. Ele possuía tanto discernimento, que não hesitou em designar um estrangeiro e um cativo sobre todos os sátrapas. Foi verdadeiramente régio, mais ainda, revelou-se uma virtude heróica, haver Dario posto um cativo como cabeça de todos os seus próprios conterrâneos. Não obstante, os reis de hoje não pensam em outra coisa senão em elevar seus alcoviteiros e bufões, ou qualquer um que os bajule. A ninguém mais elevam senão os imprestáveis, a quem o Senhor estigmatiza como ignominiosos. E ainda que seja

espantoso que recebam eles a consideração dos homens, são exatamente esses "os reis dos reis"! Os reis atuais não são melhores que os escravos. E isso sucede por causa de sua preguiça, porquanto tentam escapar as todas as suas obrigações. Por isso se vêem forçados a entregar o governo a outrem e a manter o mero título. Tais coisas, como eu disse, são provas insofismáveis da ira divina; pois o mundo é indigno; mundo sobre o qual Deus hoje estende sua mão como governador.

Ora, no tocante à inveja dos nobres, notamos que o vício tem predominado em todas as eras, de sorte que, os que aspiram grandeza, não podem tolerar a virtude. Cônscios de seu próprio mal, necessariamente se deixam irritar pela virtude de outros. Todavia, não deve parecer estranho que os persas, que foram submetidos aos mais duros labores e enfrentaram toda sorte de perigos, não suportassem que um homem obscuro e ignoto fosse simplesmente incluído em sua companhia, chegando mesmo a tornar-se chefe, como se fosse seu superior. Portanto, aparentemente sua inveja era revestida de razão ou, pelo menos, era justificada. Mas, o fato de alguém devotar-se exageradamente a seu próprio benefício, sem considerar a boa vontade do povo, merece sempre ser condenado. Todo aquele que aspira o poder e pensa exclusivamente em si próprio, e não nas condições comuns do povo, tem de ser realmente avarento, ganancioso, cruel e incrédulo. Em suma, ele ignora sua obrigação pessoal. Quando, pois, os nobres do reino invejaram a Daniel, simplesmente manifestaram sua própria malícia, porquanto não revelaram a mínima consideração pelo bem público; ao contrário, procuraram atrair e assambarcar tudo para si.

Ora, é aqui neste exemplo que descobrimos donde emana a inveja. E bom que observemos isso cuidadosamente, porquanto nada é mais fácil do que saltar de um vício para o outro. Aquele que inveja perde toda a retidão e tenta fazer com que toda a culpa seja transferida para o adversário. Esses nobres consideravam como sendo menosprezo ou descaso o fato de Daniel ser preferido em detrimento deles. Ainda que se detivessem por aqui, aquele vício, como

eu disse, teria sido um emblema de sua perversa natureza. Não obstante, avançam ainda mais e buscam ocasião ou uma falha em Daniel. E assim constatamos que a inveja os incita a um flagrante erro. Por conseguinte, todos os invejosos estão, por assim dizer, perenemente em guarda, observando aqueles cuja fortuna tanto ambicionam, na esperança de oprimi-los por alguma razão. Este é um dos pontos. Todavia, quando não descobrem falta alguma, então pisoteiam toda a justiça e de forma sínica, desumana e não menos cruel do que traiçoeira, passam a destruir seu inimigo. Daniel então faz um relato visando a realçar a inveja deles.

Ele afirma que inicialmente **buscaram ocasião** e **não encontraram nenhuma**. Em seguida acrescenta que a ocasião que buscavam não procedia de uma causa justa, mas de desonestidade. Pois, indubitavelmente, tinham ciência de que Daniel era um homem bom e aprovado por Deus. Por isso, quando armam a cilada ao santo profeta, é como se estivessem travando guerra com o próprio Deus. Contudo, estavam cegos por seu perverso sentimento de inveja. Donde, porém, procede a inveja? Simplesmente da ambição. Portanto, descobrimos que a ambição é a pior das pestes; dela nasce a inveja; e da inveja emanam, por sua vez, a traição e a crueldade.

Entretanto, através de seu exemplo, Daniel também nos admoesta a devotarmo-nos à integridade, de modo a não darmos ocasião aos malevolentes e vis para nos flagrarem. Não existe melhor defesa para nós contra os invejosos e caluniadores do que vivermos reta e inocentemente. Pois ainda que armem ciladas por todos os lados, não terão sucesso, pois nossa inocência será como que um escudo a repelir sua malícia.

Entrementes, observamos que Daniel não escapara completamente. Buscavam pretexto contra ele noutra coisa – no culto a Deus. Não obstante, novamente aprendamos desse fato que a santidade e o devotamento à santidade deveriam ser para nós mais importantes do que a própria vida. Daniel foi fiel e irrepreensível em seu trabalho e na execução de suas obrigações, de sorte que calou a

boca daqueles que lhe eram hostis e caluniadores. Portanto, a integridade, como eu já disse, é o melhor escudo.

Uma vez mais Daniel se viu em perigo, porquanto não interrompeu seu culto e sincera confissão a Deus. Por essa razão, devemos corajosamente suportar os perigos todas as vezes que o serviço do Senhor estiver em jogo. Porquanto nossa vida transitória não nos deve ser mais valiosa do que o mais santo dos motivos – que a honra de Deus permaneça imaculada. Portanto, notamos que, de um certo prisma, estamos sendo aqui treinados para cultivarmos a integridade, porque não seremos capazes de estar seguros mais do que quando armados com boa consciência; como também Pedro, em sua primeira epístola,[206] nos exorta da mesma forma. Diante desse fato, qualquer que seja nosso temor e qualquer que seja o resultado, mesmo que cem mortes nos golpeiem, não é certo trairmos o santo serviço do Senhor. Daniel não hesitou em enfrentar a morte e entrar na cova dos leões para proclamar que adorava o Deus de Israel.

Ora, à luz do fato de que os nobres se insurgiram neste plano cruel e bárbaro para perseguir Daniel, a pretexto de religião, podemos uma vez mais inferir quão cegas e loucas são a ambição e a inveja quando dominam as mentes dos homens. Pois, para eles, lutar contra Deus não significa nada. Não atacaram Daniel como um homem, senão que deflagraram uma louca e sacrílega batalha, com o intuito de destruir o serviço de Deus simplesmente para satisfazer seu asqueroso anelo por poder. É por isso que eu disse que somos advertidos através deste exemplo a manter-nos atentos à ambição e a fugir dela – bem como de toda inveja oriunda dela .

Entretanto, eis a natureza desse crime contra a Lei de Deus:

6 Então os sátrapas e governadores das províncias se reuniram com o rei e assim lhe falaram: ó Rei Dario, vive para sempre!

6 Tunc satrapæ et provinciarum præsides illi sociat sunt apud regem, et sic locuti sunt ei: Dari rex, in æternum vive.

[206] Mg., 1Pe 3.16.

7 Todos os sátrapas do reino, os nobres e governadores das províncias, os conselheiros e líderes, concordaram em que se decrete um estatuto do rei, e se confirme um edito, que qualquer homem que fizer petição a qualquer deus e homem durante trinta dias, a não ser a ti, ó rei, seja lançado na cova dos leões.

7 Consilium ceperunt omnes satrapæ regni proceres et præsides provinciarum, consiliarii, et duces, ut statuatur statutum regis, et sanciatur edictum, ut quisquis petierit petitionem ab ullo deo et homine usque ad dies triginta *hos*, præterquam a te, rex, projiciatur in speluncam leonum.

Através de tão sórdido conluio, os nobres do reino almejavam destronar o santo profeta de Deus, ou seja: para que ele fosse lançado na cova dos leões e morresse, ou então que traísse a profissão externa de seu culto a Deus. Todavia, sabiam que ele era bastante decidido em não conservar sua vida por tamanha impiedade. Portanto, concluem que não havia esperanças para ele. Acreditavam que eram muito espertos; não obstante, como veremos, Deus surgiu como seu oponente e socorreu a seu servo.

Entrementes, sua busca pela destruição de Daniel, com esse pretexto, revelou malícia pior que detestável. Ainda que eles mesmos não adorassem o Deus de Israel, contudo sabiam que o profeta era santo e reto. Além disso, haviam experimentado o poder deste Deus que lhes era desconhecido. Não condenaram Daniel com base nesse fato; não podiam, através de um erro dele, nem mesmo mudar a religião que ele professava. É por isso que afirmei que se deixaram envolver tanto pela crueldade, em virtude do ódio pelo homem, que golpearam a Deus. Que o Senhor devia ser adorado era algo que não lhes pode ser oculto. Eles mesmos adoravam deuses desconhecidos e não ousavam condenar o culto ao Deus de Israel. E assim notamos que o diabo os fascinara, tornando-os ousados em determinar tal crime contra o santo profeta.

Entretanto, não se conhece a ocasião em que tiraram tal vantagem. A conjetura de alguns é que isso aconteceu porque Dario não podia tolerar a glória de seu genro. Pois, sendo ele velho e o outro na flor da juventude, concluiu que era desprezado. Portanto, alguns consideram que o próprio Dario foi tomado por uma inveja secreta e assim deu abertura a seus nobres para que enganasse um homem idoso, infeliz e muito crédulo, ofuscando, por assim dizer,

seus olhos. Não obstante, tal conjetura não me parece suficientemente sólida. Não estou, contudo, muito preocupado com isso; pois é possível que, no início desse novo reino, eles quisessem congratular-se com o rei, engendrando algo novo e inusitado – atitude essa que, com freqüência, vemos adotada pelos aduladores da realeza. Dessa forma, poderiam enganar um homem idoso, cuja monarquia recentemente fora ampliada. Até o momento, ele havia apenas governado os medos. Os caldeus, os assírios e muitas outras nações foram então acrescidas a seu império. É bem possível que tal acréscimo o haja embriagado com uma glória evanescente; e os nobres também hajam concluído que tinham um motivo plausível para decretarem a honra divina. Por conseguinte, só esta razão me parece suficiente, e não inquiro com demasiada preocupação, pois abraço o que é provável e o que nos ocorre, por assim dizer, segundo a divina vontade.

O restante deixarei para amanhã.

Deus Todo-Poderoso, assim como guiaste teu servo Daniel, quando honras o cercavam de todos os lados, e quando ele foi elevado à mais alta dignidade, e sempre prosseguiu devotado à integridade e caminhou imaculadamente em meio a grande e geral licenciosidade, faz com que aprendamos a manter-nos na moderada condição a que nos confinas, ou que vivamos contentes com nossa pobreza e cuidemos ainda mais de manter-nos imaculados para contigo, e também em relação àqueles com quem comungamos, de modo que teu nome seja glorificado em nós, e que, protegidos por teu auxílio, possamos seguir vigorosamente avante, não obstante a malícia dos homens e as astúcias de Satanás nos sitiarem por todos os lados e os abomináveis nos armarem ciladas e nos atacarem como bestas selvagens; que mesmo assim permaneçamos seguros sob tua proteção; e mesmo que precisemos enfrentar cem mortes, que aprendamos a viver e a morrer por ti, para que teu nome seja sempre glorificado em nós, por Cristo Jesus, nosso Senhor. Amém.

28ª Exposição

Ontem afirmei que os nobres, armando uma cilada contra Daniel, se deixaram levar por sua louca fúria e ousaram elaborar um edito para o rei, o qual é citado pelo próprio Daniel. Era algo intolerável que o rei subtraísse dos deuses toda a honra; mesmo assim ele subscreveu o edito, como veremos adiante – simplesmente como um meio para testar a obediência de seu povo, a quem ele, num passado recente, subjugara pela mão de seu genro. Pois não há dúvida de que ele intentava dominar os caldeus, que até esse momento foram predominantes. E sabemos que o poder gera uma coragem feroz. Porque os caldeus reinaram antes por toda parte, mostravam-se muitíssimo difíceis de se domar e se sujeitar à obediência; ainda mais agora, quando se viram servos daqueles que, noutra época, os haviam invejado. Porquanto sabemos que várias guerras foram travadas entre eles e os medos. E assim, ainda que se deixaram subjugar na guerra, suas mentes continuavam indomadas. Por isso, Dario planejara pôr sua obediência à prova – ou seja, esse era seu motivo. Ele não provocava deliberadamente a ira dos deuses, senão que, ao considerar os homens, esqueceu-se da deidade e colocou-se a si mesmo no lugar dos deuses, como se estivesse em suas mãos transformar o poder dos céus em seu próprio poder. Isso, como disse, se constituiu num terrível sacrilégio. Não obstante, se alguém pudesse sondar os corações dos reis, dificilmente encontraria um entre cem que não desprezasse

igualmente toda e qualquer divindade. Pois ainda que professem que reinam "pela graça de Deus", como afirmamos ontem, gostam de ser adorados em lugar dele. E asim vemos quão facilmente os aduladores persuadem os reis a fazerem algo que pareça glorificar sua própria grandeza.

E prossegue:

8 Agora, ó rei, sanciona o decreto e sela a escritura para que não seja mudada, segundo a lei dos medos e dos persas, que não se pode revogar.

9 E então o rei Dario selou a escritura e o edito.

8 Nunc, rex, statue edictum, et obsigna scripturam, quæ non ad mutandum, secundum legem Medorum et Persarum, quæ non transit.

9 Itaque *ipse* rex Darius obsignavit scripturam et edictum.

Desse fato, como já disse, põe sobejamente em evidência o quanto as mentes dos reis são propensas a deixar-se enganar quando vêem uma chance de prosperar e ampliar sua dignidade. Porquanto o rei não tira tempo para discutir o assunto com seus nobres, mas simplesmente assina o decreto – só porque tem em vista ser vantajoso para si e para seus sucessores ter os caldeus em plena obediência ao ponto de se disporem a negar seus próprios deuses em vez de recusar uma ordem sua.

Quanto às palavras, alguns traduzem אסרא, *esara*, como 'escritura', e a explicam como 'inscrever'; pois sabemos que as leis eram, no passado, inscritas em tabuletas de bronze. Todavia, interpreto a palavra de maneira mais simples, a saber: que solicitam ao rei que sele a escritura; ou seja, o decreto, quando já escrito, tinha que receber a chancela do rei.

Para que não se revogue, afirmam eles – "para que não seja alterada"; isto é, o edito era inviolável, segundo a lei dos medos e dos persas, que não se revoga; ou seja, "para que não passe" (assim como Cristo também diz: "Passarão o céu e terra, minhas palavras, porém, não passarão";[207] em outras palavras, "nunca se tornarão sem efeito").

[207] Mg., Mt 24.35; Mc 13.31.

Juntam os medos aos persas, e isso ilustra o que eu disse anteriormente, que Ciro e Dario reinavam em conjunto, como associados. Pois ainda que Dario fora condecorado com maior dignidade no fim de sua vida, o poder descansava nas mãos de Ciro. Além disso, não se pode argumentar que seus filhos fossem herdeiros de cada um dos reinos e também da monarquia oriental (senão quando começassem a guerrear uns contra os outros). Ora, o que reivindicam para a lei dos medos e dos persas, dizendo que "ela é imutável", é, sem sombra de dúvida, digno de louvor em termos de lei – ou seja, que sua autoridade é sacrossanta e que elas continuam em vigor e permanecem exercendo efeito; pois quando as leis começam a variar, muitas pessoas passam a sofrer injustiças; e nenhum direito individual estará incólume senão quando a lei é perpétua. E, ainda, se as leis pudessem ser cortadas e mudadas, o capricho substituirá a eqüidade. Pois se os que são muito poderosos se deixam corromper por meio de subornos, promulgarão um edito agora e outro depois. Desta forma, nenhuma justiça pode florescer quando existe excessiva liberdade na mudança das leis. E, ao mesmo tempo, é sábio lembrar, em primeiro lugar, que nenhum rei pode promulgar um edito ou anular uma lei sem antes ponderar grave e maduramente; em segundo lugar, que os reis devem cuidar para que não sejam enganados por truques astutos e solertes, como acontece com freqüência. Portanto, a constância nos reis e em seus editos deve ser aprovada e aplaudida enquanto a prudência e a justiça forem postas em primeiro lugar. Contudo, logo veremos que os reis são néscios e gostam que se pense deles que são inabaláveis, e por isso pervertem completamente o que é reto por sua obstinação. Não obstante, veremos isso mais adiante, em seu devido lugar.

E então prossegue:

10 Daniel, porém, quando soube que a escritura fora selada, veio a sua casa (com as janelas de seu quarto abertas na direção de Jerusalém), e três vezes ao dia ele se punha de joelhos e orava e confessava diante de seu Deus como

10 Daniel autem ubi cognovit quod obsignata *esset* scriptura, venit, *vel ingressus est*, in domum suam (fenestræ autem apertæ *erant* ei in cœnaculo suo versus Jerusalem) et temporibus tribus in die, inclinabat se super genua sua,

havia feito desde o princípio.

et precabatur, et confitebatur coram Deo suo, quemadmodum fecerat a pristino illo tempore.

Então Daniel relata que o Espírito de Deus o havia dotado com fortaleza de modo a oferecer sua vida em sacrifício a Deus; pois sabia que não haveria esperança alguma de perdão se descobrissem que ele violava o decreto real. Também sabia que o rei não estaria livre para perdoá-lo mesmo que o desejasse – como ficou provado pelo resultado. Portanto, com a morte diante de seus olhos, o profeta preferiu enfrentá-la corajosamente do que desistir de sua obrigação para com a piedade. É preciso observar que aqui a questão não era o louvor íntimo oferecido a Deus, e, sim, a prática exterior da religião. Se Daniel fora proibido de orar, a força com com que se achava investido poderia muito bem parecer necessária. Mas, na atual conjuntura, muitos podem imaginar que ele estava correndo em direção ao perigo e desperdiçando sua vida sem uma razão plausível, já que lhe fora proibida só a prática externa do louvor. Todavia, Daniel não está aqui alardeando sua própria virtude; o Espírito está falando por intermédio de sua boca. E assim devemos ter em mente que tão imensa coragem do santo profeta foi agradável a Deus. E seu livramento revela o quanto sua piedade foi aprovada ao preferir entregar sua própria vida do que mudar seu modo costumeiro de adorar o Senhor.

Sabemos que o principal sacrifício exigido por Deus é a invocação. Pois é assim que damos testemunho de ser ele o Autor de todo o bem que nos cerca; também damos provas de nossa fé quando nos volvemos a ele e lançamos todas as nossas ansiedades sobre seus ombros, lançando a seus pés todos os nossos desejos. Portanto, já que a oração tem primazia na adoração e no serviço a Deus, certamente não é um assunto de somenos importância que o rei proibisse alguém de orar ao Senhor. Era, aliás, um manifesto e uma absoluta e crassa negação da piedade.

Uma vez mais deduzimos deste relato quão cega era a soberba do rei ao subscrever um decreto tão ímpio e detestável, e quão

grande era o desejo dos nobres que, para destruir Daniel, buscaram, até as últimas conseqüências, livrar-se de toda devoção, tentando arrancar o próprio Senhor Deus do céu. Pois o que resta quando os homens crêem ser capazes de sobreviver sem a ajuda divina e displicentemente esquecem-se de Deus? Sabemos que, se ele não nos segurasse por seu poder a todo instante, seríamos reduzidos a nada. E assim, quando o rei proibiu que se fizesse alguma oração durante um mês, seu intuito era, como eu disse antes, exigir que todos os indivíduos negassem a Deus. Por tal motivo, Daniel não podia obedecer ao decreto sem injuriar gravemente ao Senhor e sem distanciar-se de sua prática religiosa; pois, como afirmei, este é o principal sacrifício requerido por Deus. Portanto, não surpreende que Daniel houvesse destemidamente desrespeitado tão sacrílego edito.

Ora, no tocante à profissão religiosa, também se fez necessário que ele testificasse perante os homens que se mantinha firme no serviço cúltico do Senhor. Porque, se mudasse qualquer coisa em seus hábitos, isso constituiria uma indireta abjuração. Ele não teria dito abertamente que desprezava a Deus em virtude da ordem de Dario, mas a simples mudança teria sido um sinal de traiçoeira apostasia. E sabemos que Deus demanda não apenas fé no coração e afeição íntima, mas também o testemunho e a confissão de nossa piedade. Se Daniel não quisesse ser considerado o mais infame dos apóstatas, então teria que manter-se firme na santa prática segundo seu costume.

Não obstante, ele se acostumara a orar a Deus com suas janelas abertas. Ele se mantém em sua trajetória para que ninguém objetasse dizendo que ele se pusera temporariamente a agradar a um rei terreno e a degradar a adoração devida a Deus. Ah, se nos dias de hoje esta doutrina estivesse gravada nos corações de todos como deveria! Não obstante, muitos riem do exemplo do profeta; aliás, não abertamente, mas fica em plena evidência que, para eles, Daniel revelou-se muito ingênuo e inconseqüente, enfrentando o perigo desnecessariamente ou a troco de nada. Pois dessa forma sepa-

ram a fé da confissão, ao ponto de crerem que a fé pode permanecer sã mesmo quando enterrada, e para fugirem de cem cruzes renunciam a uma profissão religiosa pura e sincera.

Portanto, tenhamos em mente que não devemos simplesmente oferecer a Deus em nossos corações o sacrifício de oração, mas também se requer uma profissão de fé pública, para que pelo menos se notifique que somos genuínos servos do Senhor. Não estou dizendo que devamos proclamar todos os nossos sentimentos e deixar-nos imediatamente arrastar à morte pelos inimigos de Deus e do evangelho. Contudo afirmo que estas duas coisas estão ligadas – fé e confissão; e que de modo algum podem ser separadas. Entretanto, a confissão é dupla. Ou declaramos aberta e francamente o que está em nossas mentes, ou, o quanto for necessário, observamos o culto devido a Deus de tal maneira que não demos qualquer sinal de perverso ou incrédulo pretexto, como se estivéssemos renunciando toda e qualquer inclinação à piedade. Quanto à declaração de fé, não é necessário que a professemos sempre e em todos os lugares; nossa constância no serviço do Senhor, porém, deve ser perene, pois jamais se justificará qualquer simulação de traição ou apostasia.

Portanto, Daniel não quis tocar trombeta, convocando ostensivamente os caldeus, quando quis orar, mas apresentou seus desejos e orações em seu quarto como de costume. Mas não fingiu completo esquecimento da piedade quando viu sua fé posta à prova, nem quando o provaram para ver se se manteria firme nela. O profeta expressamente declara que veio para sua casa após ter tomado conhecimento do edito selado. Indubitavelmente, se ele fora convocado ao conselho não teria fechado sua boca. Não obstante, o restante dos nobres mostrou-se astucioso e o excluiu para que não interferisse, e criam que o reparo viria muito tarde – aliás, criam que isso jamais aconteceria; e o próprio Daniel sabia muito bem que se destinava a morrer. Desse modo, se porventura houvera sido admitido pelo rei ao conselho, teria cumprido sua tarefa e destemidamente interferido. Visto, porém, que

o decreto já havia sido selado e removida a oportunidade de o rei ser avisado, o profeta foi para casa.

Deve-se observar esse fato para que aprendamos que não se pode, de modo algum, justificar os conselheiros dos reis, pois são eles que deliberada e precipitadamente desaparecem tão logo percebem o perigo de emitir-se uma opinião, e são eles mesmos que acreditam que Deus fica satisfeito quando logram êxito. Não obstante, não há nada que se possa dizer em favor de tamanha pusilanimidade. E nem podem esconder-se atrás do exemplo de Daniel, porque, como eu já disse, ele fora excluído pela astúcia e malícia dos nobres, ficando impossibilitado de interferir e avisar o rei a tempo, como habitualmente fazia.

Então afirma que as **janelas estavam abertas na direção de Jerusalém**. Pergunta-se se era preciso que Daniel abrisse as janelas. Pois alguém poderia objetar, dizendo que isso foi feito com base numa noção muito leviana; pois se Deus permeia os céus e a terra, com que propósito abriria ele as janelas na direção de Jerusalém? Entretanto, indubitavelmente o profeta animou-se em ardente oração justamente em virtude dessa assistência. Porquanto ele orava em favor da libertação do povo, e quando volvia seus olhos para Jerusalém, a visão da cidade, por assim dizer, enchia de alegria sua mente. Por essa razão, o profeta abria suas janelas, não em referência a Deus, como se o Senhor o ouvisse mais facilmente quando o céu se abrisse entre sua casa e Judéia; ao contrário disso, era em referência a si mesmo, e atentava simplesmente para sua própria debilidade. Ora, se o santo profeta, que vivia em constante oração, necessitava de tanto auxílio, deveríamos verificar se nossa atual indolência não carece de estímulos ainda maiores. E assim aprendamos que, se porventura sentirmos que estamos por demais morosos em nossa oração, frios demais em nossas devoções, então que envidemos todo esforço no sentido de instigar nosso zelo e corrigir a indolência de que temos consciência. Este, pois, era o propósito do profeta, *quando abria suas janelas em direção a Jerusalém*.

Além disso, por meio desse símbolo, ele queria mostrar a si

mesmo e aos de sua casa que estava perseverando na esperança e confiança da redenção prometida. E assim enquanto orava a Deus tinha Jerusalém diante de seus olhos. Não que seus olhos fossem capazes de alcançar terra tão distante, senão que volvia seu olhar para Jerusalém como se quisesse dizer que era um peregrino entre os caldeus, não obstante ali, entre eles, ser rico e possuir grande poder, além de ocupar uma das mais altas posições. Por conseguinte, desejava ele que todos soubessem que seu coração era posto na herança prometida, embora estivesse exilado dela por um longo período. Essa era a segunda razão pela qual abria as janelas.

Contudo, ele afirma que **diariamente orava em três ocasiões**. E isso também é digno de nota, pois a não ser que estabeleçamos horas definidas para a oração, facilmente negligenciaremos a prática. Por isso, embora Daniel fosse constante e profuso em oração, ainda assim impôs a si o rito solene de prostrar-se perante o Senhor três vezes ao dia. Portanto, quando nos levantamos pela manhã, equivale a brutal preguiça não começarmos o dia clamando ao Senhor. O mesmo se dá também quando nos deitamos. E também, quando estamos prestes a ingerir o alimento, e em outras horas, da maneira que cada um julgar conveniente para si. Deus nos permite esta liberdade, porém cada um de nós tem que sentir sua fraqueza e buscar auxílio. É por esse mesmo motivo que Daniel se acostumara a orar três vezes ao dia.

E acrescenta-se um sinal de sua ansiedade quando afirma que prostrava-se de joelhos. Não que ajoelhar-se seja em si mesmo necessário quando oramos, mas, porque necessitamos de estímulos, como dissemos, dobrar os joelhos é uma atitude muito importante. Em primeiro lugar, porque somos advertidos de que só podemos apresentar-nos diante de Deus de maneira humilde e reverente. E, em segundo lugar, para que nossas mentes estejam melhor preparadas para a oração sincera. E este símbolo de adoração é aceitável aos olhos do Senhor. Portanto, não era supérfluo que Daniel declarasse que *caía de joelhos todas as vezes que pretendia orar a Deus*.

Ora, ao dizer que orava e confessava diante de Deus, ou "louvava ao Senhor", isso também deve ser cuidadosamente observado. Pois, em suas orações, muitos simplesmente resmungam ao Senhor. Embora avidamente peçam por isso ou aquilo, são levados por um ardor imoderado e, como eu disse, censuram a Deus quando oram, pretendendo que ele prontamente cumpra seus desejos. Em vista disso, Daniel junta a suas orações louvores e ações de graças – assim como Paulo nos exorta: "Sejam vossas petições conhecidas diante de Deus", diz ele, "com ações de graça";[208] como se estivesse dizendo que as orações e promessas só podem ser corretamente expressas quando bendizemos seu nome santo, mesmo quando ele não atende nossos desejos de imediato.

E tal qualidade deve ser observada em Daniel: ele fora um exilado por um longo tempo e experimentara inúmeras e difíceis comoções; mesmo assim, ele celebra louvores a Deus. Quem de nós se acha treinado com tamanha paciência para louvar a Deus quando, durante três ou quatro anos, tenha sido sobrecarregados com muitas dificuldades? Ao contrário, dificilmente passa um dia sem que nossos desejos venham à tona de forma incandecente, de sorte que prorrompamos em ataque contra Deus. O fato de Daniel conseguir perseverar no louvor a Deus quando se via tão oprimido por dificuldades, dores e problemas constitui uma extraordinária prova de invencível paciência. Com certeza significa uma ação contínua ao usar ele o pronome demonstrativo דְּנָה, *dena*, o qual indica uma prática regular, *assim como fizera pela primeira vez*. Ao indicar o tempo, ele denota, como afirmei, perseverança; que ele se habituara a orar; não uma ou duas vezes, mas todos os dias, constantemente, praticava essa piedosa obrigação.

E em seguida prossegue:

11 Então aqueles homens se juntaram e encontraram Daniel orando e intercedendo diante de seu Deus.	11 Tunc viri illi sociati sunt, et invenerunt Danielem orantem et precantem coram Deo suo.

[208] Mg., Fp 4.6.

Aqui, os nobres de Dario denunciam seu ardiloso comportamento enquanto espreitam a Daniel; e assim o fazem por mútua conspiração. Porquanto seu único intento, ao promulgar o editos era conseguir a morte de Daniel. Portanto, concordam juntos e apanham *Daniel orando e intercedendo diante de seu Deus*. Se Daniel houvera orado em segredo, não estaria exposto a suas intrigas. No entanto, ele não hesitou em enfrentar a morte. Pois estava ciente do propósito do decreto, e sabia que os nobres viriam. E assim vemos que ele vai ao encontro da morte por livre e espontânea vontade; e por nenhuma outra razão senão para manter puro o louvor de Deus, mesmo num ato religioso externo. Fora com aqueles que desejam encobrir sua traição com o pretexto de não correr precipitadamente em direção ao perigo, para que, quando os maus os sitiarem de todos os lados, tenham como tomar cuidado para não jogar fora suas vidas de maneira irrefletida! De acordo com eles, Daniel foi culpado de grande ingenuidade e tolice, enfrentando certos perigos consciente e intencionalmente. Já dissemos, porém, que esse perigo não poderia ser evitado sem que houvesse indireta apostasia do Senhor. Porquanto teria imediatamente ouvido a acusação: "Por que renunciaste teu costume diário? Por que fechaste as janelas? Por que não ousaste orar a teu Deus? Fica em evidência que o rei é mais importante para ti do que a reverência e o temor devidos a Deus". Por isso, já que dessa maneira teria reduzido a honra do Senhor, Daniel intencionalmente, como já vimos, se ofereceu como sacrifício para a morte.

Também somos com seu exemplo ensinados que, por mais sutil e disfarçadamente se comportem, as ciladas serão sempre armadas para os filhos de Deus. Não obstante, seu prudente comportamento não deve estender-se, tornando-os espertos ou previdentes demais. Isto é, devem atentar para sua segurança de forma tal que não se esqueçam do que Deus ordena e de quanto sua reputação é preciosa a seus olhos e de quão necessária é a confissão de fé – naturalmente, em seu devido lugar e tempo.

E então prossegue:

12 Então vieram e disseram diante do rei a respeito do interdito real: Não selaste um edito, que, por trinta dias, todo homem que buscar algum deus ou homem, a não ser a ti, ó rei, seja lançado na cova dos leões? O rei respondeu e disse: Esta palavra é certa segundo a lei dos medos e dos persas, que não se pode revogar.

12 Tunc accesserunt et dixerunt coram rege super edicto regio, An non edictum obsignasti, ne quisquam homo peteret ab ullo deo vel homine, usque ad triginta dies *hos*, præterquam abs te, rex, projiceretur in speluncam leonum? Respondit rex et dixit, Firmus est sermo secundum legem Medorum et Persarum, quæ non transit.

Então os nobres de Dario se apresentam perante o rei cheios de triunfo. Aproximam-se dele, porém, astuciosamente. Pois não falam diretamente de Daniel, a quem, bem sabiam, o rei amava. Simplesmente repetem o que haviam dito, que o edito não podia ser revogado, porque a lei dos medos e dos persas era inviolável, e não podia ser invalidada. O quanto lhes era permitido, novamente ratificam o edito, para que depois o rei não se visse livre, nem ousasse retratar-se do que ordenara. Tal sagacidade é digna de observação; indiretamente previnem o rei e, por assim dizer, confundem sua mente para que viesse em seguida reivindicar o direito de anular sua palavra. Por isso, **eles vêm e tecem considerações sobre o edito real**, afirma ele. Eles se mantêm calados sobre Daniel; em vez disso, começam a falar do decreto real, com o intuito de enlear o rei mais e mais.

Ele prossegue dizendo que o **rei respondeu que a palavra era verdadeira**. Aqui notamos quão avidamente os reis gostam de ser constantemente louvados. Mas não distinguem entre constância e obstinação. Porquanto os reis deveriam manter-se firmes em seus decretos ao ponto de não sentir-se envergonhados em retratar-se daquilo que porventura promulgaram precipitadamente. Portanto, se algo impensado escapou, a prudência e a eqüidade demandam que seu erro seja corrigido. Entretanto, quando todo respeito pela justiça é pisoteado e ainda pretendem que tudo o que ordenaram, não importa quão irrefletidamente, continue de pé, o resultado é o máximo domínio da insensatez. Não deveriam, como dissemos, fingir que sua obstinação equivalesse a constância.

O restante, porém, fica para amanhã.

Deus Todo-Poderoso, já que nos compraste pelo precioso sangue de teu Filho, não permitas que sejamos nossos próprios mestres, mas que nos devotemos a ti em inabalável obediência, para que possamos aplicar nossas mentes a uma plena consagração e assim ofereçamos a ti corpo e alma em sacrifício; que estejamos preparados para enfrentar centenas de mortes em vez de trairmos o genuíno e sincero louvor devido ao Senhor; especialmente, que possamos exercitar-nos em orações para que, a todo momento, recorramos a ti e nos lancemos ao teu cuidado paternal, de maneira que nos governes pelo teu Espírito até o fim. Guarda-nos e sustenta-nos até nos congregarmos naquele reino celestial, o qual teu Unigénito Filho conquistou para nós com seu sangue. Amém.

29ª Exposição

Começamos ontem a explicar o que Daniel relatou acerca da calúnia sobre ele lançada perante o rei Dario. Os nobres do reino, como dissemos, atacaram o rei com sagacidade. Se houvessem feito de Daniel seu ponto de partida, o rei poderia ter-lhes interrompido abruptamente. Começam, porém, falando dos editos reais. Mostram quão perigoso seria se a autoridade de todos os decretos reais não fosse sólida. E notamos que, com esse subterfúgio, eles conseguiram o que almejavam. Com isso, o rei confirma o que disseram, ou seja, que seria grave erro se o que fora promulgado em nome do rei se tornasse ineficaz. Pois os reis se deleitam em sua importância pessoal e procuram fazer com que tudo o que lhes é aprazível seja considerado um oráculo. O edito de Dario, proibindo orações dirigidas a Deus, era algo impiedoso e detestável. Todavia, ele ainda queria que o decreto permanecesse inviolável; pois, do contrário, sua majestade estaria minada entre seus súditos. Entretanto, ele não vê as conseqüências. E assim somos ensinados, por esse exemplo, que não há virtude mais rara nos reis do que a moderação; não obstante, nenhuma se fazia mais necessária. Pois, quanto maior a liberdade, mais cuidado deveriam ter tomado em soltar as rédeas de seus desejos. Seu pensamento, porém, é que qualquer desejo seu seria lícito.

E prossegue:

13 Então falaram e disseram diante do

13 Tunc loquuti sunt, et dixerunt co-

rei, esse Daniel, que é dos filhos dos cativos de Judá, não prestou atenção em ti, ó rei, nem no interdito que selaste; e três vezes ao dia faz sua petição.

ram rege: Daniel, qui *est* ex filiis captivitatis Jehudah, non posuit super te, rex, sensum, neque ad edictum quod obsignasti: et vicibus tribus in die precatur petitionem suam.

Ora, assim que os caluniadores percebem que o rei Dario não mais pisa terreno firme para defender a causa de Daniel, expõem mais livremente o que antes mantiveram oculto. Pois se houvessem começado com Daniel, como dissemos, sua acusação poderia, de súbito, ter sido refutada ou enfraquecida. Mas, depois que o rei expressa seu veredicto, ou seja, que a declaração era genuína, que segundo a lei dos medos e dos persas os editos reais tinham que continuar inalterados – quando, pois, isso ocorreu, então chegaram à pessoa em pauta.

Esse Daniel, afirmam eles, que é dos cativos de Judá, não prestou atenção em ti, ó rei; ou no edito que selaste. Ao dizerem que Daniel era "dos cativos de Judá", não há dúvida de que estão tornando seu crime ainda mais detestável. Pois, se algum caldeu ousasse desprezar o edito do rei, mesmo tal temeridade teria sido inescusável. Quando, porém, Daniel, que recentemente fora um escravo e um cativo entre os caldeus, ousara desprezar a autoridade real, que por direito mantinha a posse de todos os caldeus, a atitude parece ainda menos tolerável. É como se dissessem: "Esse antigo cativo estava entre teus servos; tu és o rei, e os chefes a quem ele estava sujeito estão sob teu domínio, porque tu os derrotaste. No entanto, esse cativo, esse estrangeiro, esse homem de condição servil está, não obstante, dominando sobre ti". Vemos, pois, que estavam tentando exasperar a mente do rei com essa circunstância, dizendo: *"ele é um dos cativos"*.

Ora, o discurso deles não contém um mínimo de retidão. Estão, por todos os meios possíveis, tentando incitar o rei a agir, inflamando sua ira contra Daniel. *"Ele não prestou atenção a ti, ó rei"*; ou seja, "ele não levou em conta quem tu és". Desse modo, "tua majestade foi por ele desprezada". Em seguida, *"no edito que tu selaste"*. Aqui temos outra ampliação. *"Daniel não deu atenção nem*

a ti, nem ao decreto". "Tolerarás isso?" Por fim, declaram o fato propriamente dito: que **ele ora três vezes ao dia**. Essa era a simples história. "Daniel não obedecera tua ordem, pois continua orando a seu Deus". Todavia, como eu disse, exageram o crime ao acusarem Daniel de soberba, rebelião e obstinação. Notamos, pois, por que meios Daniel foi oprimido por esses mal-intencionados.

Então prossegue:

14 Então o rei, tendo ouvido a palavra, ficou muito triste consigo mesmo e pôs seu coração em Daniel para salvá-lo; e até o pôr-do-sol procurou ansiosamente livrá-lo.

15 Então aqueles homens foram juntos ao rei, e disseram: Tu sabes, ó rei, que é lei dos medos e dos persas que nenhum edito ou estatuto que o rei sancione se pode mudar.

14 Tunc rex, postquam sermonem audivit, valde tristatus est, in se: et ad Danielem apposuit cor, ad ipsum servandum: et usque ad occasum solis fuit solicitus ad ipsum eruendum.

15 Tunc conglobati sunt viri illi ad regem, et dixerunt, Scias, rex, quod lex Medis et Persis *est*, ut omne edictum et statutum quod rex statuerit, non mutetur.

Em primeiro lugar, Daniel relata que o rei ficou perturbado quando percebeu a malícia de seus nobres; algo que antes lhe escapara. Pois jamais passaria por sua mente o que realmente estava por trás ou aonde desejavam chegar. Agora, porém, enxerga que fora enganado e encurralado. Por esse motivo, sentia-se perturbado. Isso novamente nos ensina o quanto os reis deveriam suspeitar dos conselhos solertes. Eles se acham cercados de todos os lados por pessoas traiçoeiras, cujo único propósito é enriquecer-se através de falsas acusações ou pela ação de seus inimigos, numa ocasião ou noutra, oprimindo aqueles que esperam despojar, e ainda noutra oportunidade simplesmente favorecendo as causas do mal. Já que os reis estão rodeados de tantas armadilhas, deveriam ter mais cuidado e pondo mais atenção nos suspeitos de astúcia. Do contrário perceberão tarde demais que foram enganados, quando não houver mais remédio, em parte porque temem e em parte porque desejam cultivar sua reputação. E prefeririam ofender a Deus do que passar por inconstantes aos olhos dos homens. E é justamente por ser sua reputação tão sagrada que os reis endossam o mal já colimado, mesmo quando sua consciência os reprovem. E se a própria eqüi-

dade é posta diante de seus olhos, ela não é freio suficientemente forte para contê-los, quando a ambição os atrai para a direção oposta, e não querem que sua fama seja prejudicada entre os homens.

Tal exemplo é posto diante de nós na pessoa de Dario. A princípio, diz-se que **ele ficou triste com a palavra que ouviu e procurou ansiosamente** até o **pôr-do-sol descobrir** como poderia **livrar da morte a Daniel**. Ele queria fazer isso – se sua fama ficasse sã e salva; e, além disso, se também pudesse agradar os nobres. Por um lado, porém, ele temia o perigo, caso uma conspiração dos príncipes provocasse uma revolução; e, por outro lado, sentiu-se movido pela estúpida vergonha de não querer incorrer na ignomínia da volubilidade, a qual certamente enfrentaria. Dessa forma, foi vencido e cedeu aos caprichos dos maus. Não obstante procurar, até o pôr-do-sol uma forma de livrar Daniel, ainda assim, como eu disse, a perversa vergonha prevaleceu, bem como o medo do perigo.

Pois quando não repousamos no auxílio divino, inevitavelmente vacilamos em todo o tempo, ainda que sejamos bem-intencionados. Pilatos desejava livrar a Cristo, porém ficou atemorizado ante as ameaças do povo, quando gritaram que ele havia ofendido a César.[209] E isso não surpreende, pois somente a fé é que constitui o firme e perfeito apoio no qual podemos confiar, cumprindo nossa obrigação destemidamente e superando todo medo. Entretanto, quando não há fé, como já disse, a vacilação nos lança de um lado para o outro. Assim aconteceu que Dario, temendo uma possível conspiração da parte de seus nobres, entregou o inocente Daniel à sua sanha cruel. Em seguida veio a vergonha, como a chamei, de não querer parecer um homem imponderado, que de repente revoga o seu edito, quando a lei dos medos e dos persas rezava que toda e qualquer palavra procedente dos reis era inviolável.

Esse fato Daniel relata em seguida. Pois afirma que **aqueles homens se congregaram,** ao verem que o rei titubeava e, por assim dizer, oscilava; tornaram-se autoritários e quase o atacaram.

[209] Mg., Jo 19.12.

Dizer que se congregaram equivale dizer que tencionaram atemorizar o rei Dario. Sabe, ó rei, dizem eles. Ele de fato sabia, e eles não lhe diziam nada novo. Entretanto, asseveravam de modo ameaçador: "O quê? não vês que o nome dos reis daqui em diante não reterá autoridade alguma se teu edito for escarnecido impunemente? Permitirás que te ridicularizem?" Em suma, queriam dizer que ele não seria rei a menos que se vingasse da injúria a ele feita por Daniel, o qual não se encurvara diante de sua autoridade. Sabe, ó rei, que com os medos e os persas (...); ele era o rei dos medos. Entretanto, é como se houvessem dito: "Que rumor se espalhará por todos os teus reinos? Tu sabes que até o presente momento a regra mantida entre os medos e os persas é de que o rei não deve mudar seus editos. Se deres tal exemplo, não se erguerão imediatamente contra ti todos os teus súditos? Não serás desprezível a seus olhos?" Portanto, notamos que aqui os sátrapas se opõem corajosamente a seu rei e o impedem de mudar de idéia. E, visando a movê-lo ainda mais, associam o edito ao estatuto que o rei fizera, caso não permitisse que o que ratificara muitas vezes, usando as mesmas palavras, fosse tratado como algo sem valor.

E prossegue:

16 Então o rei ordenou e levaram Daniel e o lançaram na cova dos leões. O rei replicou e disse a Daniel: Teu Deus, a quem serves continuamente, que ele te livre.

16 Tunc rex loquutus est, et adduxerunt Danielem, et projecerunt *eum* in foveam leonum. Respondit rex, et dixit Danieli, Deus tuus quem tu colis ipsum jugiter, ipse liberabit te.

O rei, como dissemos, sentiu-se amedrontado com a ameaça dos nobres, e condenou Daniel à morte. Disso inferimos que os reis recebem a justa recompensa de seu orgulho quando se vêem forçados a obedecer a seus sicofantas. Como foi que Dario se deixara enganar pela astúcia de seus príncipes? Porque cria que sua autoridade se fortaleceria, testando a obediência de todos, ao ordenar que ninguém orasse a nenhum de seus deuses ou a algum homem durante todo um mês. Portanto cria que seria superior aos deuses e homens se experimentasse tal obediência em todos os seus súditos. E assim vemos como os príncipes se levantam contra ele

de maneira impudente, advertindo-o do extremo perigo caso não lhes obedecesse. E assim observamos que, quando os reis se tornam demasiadamente majestosos, também se expõem à ignomínia; se tornam escravos de seus próprios escravos.

E isso é muito comum entre os príncipes terrenos. Os que possuem autoridade e favor de sua parte, os aplaudem em tudo e os adoram. Não existe tipo algum de adulação que não conheçam, contanto que lhes granjeie favor. Entrementes, que liberdade possuem seus ídolos? Não se lhes deixa autoridade alguma. Não podem nem mesmo familiarizar-se com seus amigos mais íntimos e fiéis, enquanto se vêem vigiados por seus guardas. Em suma, comparem-nos aos infelizes encarcerados numa estreita prisão, a alguém que se acha trancado na mais profunda masmorra, alguém que tenha sobre si três de quatro guardas – esse tal é mais livre do que os reis. Mas, como eu disse, essa é o justo castigo de Deus; porque, quando não podem confinar-se à ordem e hierarquia dos homens, mas procuram transpor as nuvens e ser iguais a Deus, faz-se mister que sejam expostos ao ridículo. Por esse motivo é que servem a todos os seus criados, não ousam sugerir nada que parta de si mesmos, não possuem nenhum amigo real, não ousam chamar esse ou aquele homem, nem confiar seus desejos à pessoas de sua escolha. Assim, pois, reinam como escravos dos reinos terrenos, porque não reconhecem que fazem parte da ordem dos mortais.

Foi isso que ocorreu ao rei Dario; chamou Daniel a juízo e ordenou que fosse lançado na cova dos leões. Seus nobres o forçaram a tomar tal atitude, e ele, sem o querer, lhes obedeceu. Devemos, porém, observar a causa: ele recentemente esquecera que era um mortal, e pretendeu tomar o controle de Deus, como se desejasse arrastá-lo do céu. Pois se o Senhor está nos céus, então é a ele que devemos orar. Dario, não obstante, proibiu a todos de formular uma oração. Isso visava a aniquilar o poder divino, o quanto lhe fosse possível. Agora se vê forçado a obedecer até mesmo a seus súditos, ainda quando eles o tiranizavam quase abjetamente.

Ora, Daniel acrescenta que o **rei assim lhe falou: Que teu**

Deus, a quem continuamente serves, ou, "a quem adoras continuamente", **te salve**. Como dissemos, este vocábulo pode ser considerado como opcional. Não há dúvida de que Dario realmente nutria tal desejo. Todavia, a frase também pode ser tomada da seguinte forma: "Teu Deus, a quem serves, te salvará"; como se estivesse dizendo: "Não sou meu próprio senhor. Fui varrido como por uma tempestade; os nobres estão me forçando, contra a minha vontade, a cometer este crime. Portanto, agora te entrego, bem como tua vida, a Deus, já que não está em meu poder salvar-te" – como se com tal desculpa ele estivesse diminuindo sua própria culpa e transferindo para Deus o poder de salvar o profeta. Por essa razão alguns louvam a piedade do rei Dario. Não obstante, embora eu admita que esta afirmativa nos revela sua clemência e humanidade, é indubitável que não existia nele sequer um traço de piedade, quando quis adornar-se com o que usurpara do Senhor. Pois ainda que os supersticiosos não temam a Deus de maneira séria, contudo retêm algum terror dele. Aqui, porém, o rei deseja aniquilar toda e qualquer deidade. Que tipo de piedade era essa? Portanto, devemos louvar a clemência em Dario, sim, porém seu sacrílego orgulho é absolutamente inescusável.

Em seguida, por que tratou ele a Daniel de forma tão humana? Porque encontrara nele um servo fiel. Portanto, foi seu amor próprio que o inclinou à clemência. Ele não se comportaria da mesma forma em relação aos outros. Se cem ou mesmo mil judeus houvessem sido arrastados diante do tribunal, o rei displicentemente teria condenado a todos por não terem adaptado seus costumes ao decreto. Com eles, teria sido rígido, impiedoso e cruel. Contudo, poupou a Daniel por amor a sua própria conveniência e porque o profeta caíra em seu favor. Muito embora tal espírito humanitário seja louvável, nenhum sinal de santidade se viu nele.

Ainda assim ele afirma: "Que *teu Deus, a quem serves, te salve*" – ou seja, ele descobrira previamente que Daniel profetizara a queda da monarquia caldaica. Isso o convenceu de que o Deus de Israel conhecia de antemão todas as coisas e que tudo estava sujeito a sua

vontade. Não obstante, ele não o serve nem permite que outros o sirvam. Pois, até onde isso lhe era possível, destituiu o Senhor de seus direitos. E assim, a despeito de aqui atribuir a Deus o poder de livramento, ele não o faz de coração. Mesmo que o fizesse, sua impiedade é pior ainda, privando de seus direitos Àquele que crê ser o verdadeiro e único Deus, Aquele que é dotado de poder supremo; e não passando ele de cinzas e pó, ousa colocar-se no lugar dele.

E assim prossegue:

17 E uma pedra foi trazida e posta sobre a boca da cova; selou-a o rei com seu anel, e com o anel de seus nobres, para que nada se mudasse a respeito de Daniel.

17 Ed adductus fuit lapis unus et positus super os speluncæ: et obsignavit eum rexannulo suo et annulo procerum suorum, ne mutaretur placitum in Daniele.

Não há dúvida de que era o propósito de Deus que os nobres selassem, com seus próprios anéis, a pedra que bloqueava a boca da cova, para que o milagre fosse ainda mais notável. Porque, no dia seguinte, veio o rei e o timbre dos anéis estava intato; ou seja, o timbre permanecia intocado. Desse fato fica claro que não foi através de artifícios humanos que o servo de Deus permaneceu ileso, mas pela intervenção do céu. Todavia, vemos com quanta audácia os nobres forçaram o rei a concordar com todas as suas decisões. Pois poderia parecer que ele fizera o bastante entregando-lhes um homem que lhe era tão querido e fiel, ordenando que fosse lançado na cova dos leões. Não obstante, ainda não se contentam com a flexibilidade do rei. Extorquem dele algo mais – que feche a boca da cova e ainda que todos selem a pedra, para o caso de alguém tentar resgatar a Daniel.

Descobrimos que, uma vez que a liberdade é roubada, as comportas são abertas; especialmente quando alguém, por sua própria culpa, se converte num escravo ou se entrega à vontade dos ímpios. Pois, a princípio, tal escravidão não se revela tão forte ao ponto de fazer com que um homem, homem esse que parece ser livre, faça isso ou aquilo, ou qualquer coisa que se lhe ordene. Mas quando ele mesmo se entrega à escravidão, como já disse, então se vê força-

do a pecar paulatinamente, sem fim nem moderação. Por exemplo, quando alguém não cumpre sua obrigação, movido pelo medo dos homens passa às lisonjas ou a alguma outra disposição pervertida, certamente fará concessões aqui e ali, não só em atenção a solicitações, mas também a qualquer ordem por mais ríspida seja ela. Uma vez, porém, desiste de sua liberdade, como já afirmei, então se verá forçado a fazer coisas vergonhosas em atendimento às ordens de qualquer um. É possível um médico ou um pastor de alguma igreja ser flexível em virtude de ambição. Aquele que dele conseguir algo retornará uma segunda vez. "O quê? Você ousa me negar? Ontem ou anteontem não consegui de você isso ou aquilo?" Dessa forma, ele se vê forçado a pecar uma segunda vez em prol da pessoa a quem se entregou; e uma terceira vez se verá forçado a pecar, e assim até o fim, *ad infinitum*. Assim também, se os príncipes, que não só são livres, mas também governam a outros, se permitirem ser amarrados por uma má consciência, renunciam a toda sua autoridade sendo puxados em todas as direções em conseqüência dos desejos de seus súditos.

Portanto, este exemplo do rei Dario é posto diante de nós; homem que, após entregar Daniel a um injusto castigo, somou a isso que a **cova fosse fechada**, e que **a pedra fosse selada**. Com que fim? **Caso a decisão fosse mudada**; ou seja, caso ele ousasse fazer alguma coisa em prol de Daniel. E assim vemos que o rei sujeitou-se a grande ignomínia; primeiro porque sua honestidade fora impugnada pelos nobres, como se quisessem dizer que não confiavam nele; ainda que tenha ordenado que Daniel fosse lançado na cova dos leões, tomaram precauções contra seu possível livramento. Não permitiriam que ele tentasse coisa alguma. E assim vemos que, insolentemente, denigrem o crédito de seu rei e, além disso, usurpam o poder em detrimento dele para impedi-lo de sequer ousar retirar a pedra que fora selada – a não ser, talvez, que ele pretendesse cometer fraude, rompendo um selo público; ato que seria equivalente à violação das tábuas da lei e que lhe imputaria o título de defraudador. Por conseguinte, esta passagem nos admoes-

ta a não nos vendermos à escravidão dos desejos de outras pessoas. Que cada um sirva a seu próximo na medida em que o amor e o costume permitam; contudo, que ninguém permita ser desviado, em qualquer direção, por uma má consciência; pois quando ele deixa de ser livre, se vê forçado a tolerar muitos insultos e a obedecer às mais detestáveis ordens – como vemos suceder aos alcoviteiros e a outros que ministram ou à avareza dos príncipes ou a sua ambição e crueldade. Pois, uma vez os reis comecem a endividar-se, convertem-se nos mais infelizes escravos e não conseguem escapar da definitiva compulsão de um serviço obsceno, cem vezes provocando a oposição de Deus e dos homens.

E então prossegue:

18 Então o rei foi para seu palácio e passou a noite em jejum, e instrumentos musicais não foram trazidos à sua presença e o sono fugiu dele.

18 Tunc profectus est rex in palatium suum, et pernoctavit in jejunio, *jejunus*, et instrumenta musica non fuerit allata coram ipso, et somnus *etiam* discessit ab eo.

Aqui Daniel fala do tardio arrependimento do rei. Ainda que estivesse tão aflito, contudo não corrigiu seu erro. E isso sucede a muitos que não são endurecidos em decorrência de seu desprezo por Deus e de sua própria depravação. São arrastados por outros e se enchem de desgostos por seus vícios. Ainda assim seguem em frente. Quem dera fossem raros os exemplos desse mal! Não obstante, eles se concretizam em todos os lugares, bem diante de nossos olhos. Dessa maneira Dario se põe à nossa frente como uma espécie de intermediário entre os perversos e criminosos e os justos e sábios. Aqueles que são completamente maus não hesitam em desafiar e em opor-se a Deus; desvencilham-se de todo seu medo e vergonha e se deixam levar por seus vis desejos. Aqueles, porém, que se deixam reger pelo temor do Senhor, ainda que passem por difíceis combates contra a carne, colocam em si próprios aquele freio que doma suas perversas afeições. Há outros homens "meio-termo" ou intermédios que, como eu disse, ainda não foram totalmente entorpecidos em sua malícia, e nem estão satisfeitos com

seus vícios, porém ainda assim os seguem como se estivessem presos a uma corda.

Assim era Dario. Pois quando percebeu que estava preso pelos nobres, deveria ter rejeitado com firmeza suas calúnias e resistido como homem; ainda mais, deveria tê-los acusado de abusarem de sua condescendência, porém não agiu assim, ao contrário, cedeu à violenta arremetida de seus grandes. Entrementes, ele se condói em seu palácio, abstendo-se de comida e de todos os prazeres. E assim demonstrando que o mal não lhe agrada. Todavia, se engaja nele.

Daí percebermos que, quando pecamos, não basta que nossa consciência nos torture e demos vazão a algum tipo de remorso. Para que o nosso pesar nos leve ao arrependimento precisamos ir além disso, como também nos preceitua Paulo.[210] Todavia, Dario, por assim dizer, atola-se celeremente no lodaçal. Enquanto se lamentava, deixa de assumir a atitude correta para corrigir o erro que havia cometido. Houve um começo de arrependimento, porém só um começo. Portanto, torna-se um imperativo que aquele que tem consciência de seus erros, então que lance mão do arrependimento; e quando sentir uma ponta de remorso, que siga em frente e não dê a mínima trégua e não se permita um mínimo de paz. Isso deve ser aprendido à luz do exemplo dado, ao relatar Daniel que o rei Dario passou toda a noite em angústia.

Então prossegue:

19 Então, pela manhã, ao romper do dia, o rei levantou-se e, apressadamente, veio à cova dos leões.

20 E chegando-se perto da cova, chamou por Daniel com voz triste. O rei falou e disse a Daniel: Daniel, servo do Deus vivo; porventura teu Deus, a quem continuamente serves, foi capaz de livrar-te dos leões?

19 Tunc rex in aurora, surrexit cum illucesceret, et in festinatione, ad speluncam leonum venit.

20 Et cum appropinquasset ad foveam, ad Danielem in voce tristi, *aut*, *lugubri*, clamavit, loquutus est rex, et dixit Danieli, Daniel serve Dei viventis, Deus tuus quem tu colis ipsum jupiter, an potuit ad servandum te a leonibus?

Aqui o rei começa a comportar-se com um pouco mais de fir-

[210] Mg., 2Co 7.10.

meza; ou seja, quando vai à cova. Anteriormente, ele ficara tão assustado que dera causa ganha aos nobres e esqueceu-se de sua dignidade real, como se houvera com eles se comprometido como um escravo. Agora, porém, não teme sua inveja ou suas vis palavras. Portanto, veio cedo à cova dos leões, afirma ele, com os primeiros raios de luz; isto é, antes que o sol surgisse no horizonte, um pouco antes da alva; veio à cova, e apressadamente. E assim vemos que ele estava possuído de uma dor amarga, a qual superou a todos os seus medos anteriores. Pois é possível que ainda estivesse amedrontado e naturalmente não se esquecera da terrível ameaça: "Tu não possuirás mais poder, a menos que te vingues de tamanho insulto contra teu decreto". Não obstante, como já disse, a angústia superou o medo. E ainda assim nos sentimos impossibilitados de exaltar qualquer piedade nesse homem, ou mesmo algum vislumbre de humanidade; porque, embora viesse à cova e chamasse por Daniel com lastimosa voz, ele não indignou-se contra os nobres enquanto não veio ver se o servo de Deus fora preservado com vida. Só então concebeu um novo espírito, como veremos. Entretanto, ele ainda persiste em sua pusilanimidade e se encontra, por assim dizer, naquele grau mediano entre os perversos polemistas e os sinceros servos do Senhor que, munidos de justo afeto, seguem o que acham ser direito.

Deus Todo-Poderoso, visto que nos mostras, através do exemplo de teu servo Daniel, em que tipo de constância devemos perseverar no sincero louvor de tua Deidade, permite que caminhemos em verdadeira bravura, e de tal maneira nos devotemos a ti, que não sejamos desviados nem para lá, nem para cá conforme os imoderados desejos dos homens, senão que nos mantenhamos firmes em teu santo chamamento; e assim, tendo vencido todos os perigos, por fim alcancemos o fruto da vitória, a bendita imortalidade que está preparada para nós nos céus através de Cristo, nosso Senhor. Amém.

30ª Exposição

Em nossa última preleção, o tempo obrigou-me a cortar ao meio uma frase em que Daniel relata que o rei achegou-se à cova. Agora o profeta registra as palavras reais: **Daniel, servo do Deus vivo, teu Deus, a quem continuamente serves, porventura foi capaz de livrar-te?** Dario declara que o Deus de Israel é o Deus vivo. Mas se existe um Deus vivo, então isso exclui todos os deuses imaginários, aqueles que os homens inventam com base em suas próprias imaginações. Porquanto, necessariamente, existe uma Deidade; e este princípio se mantém verdadeiro mesmo entre os pagãos. Ainda quando, depois disso, cada um retorne a seus sonhos, todos confessam que não existem muitos deuses. Podem até mesmo dividir a Deus, porém não podem negar que ele é o único Deus. Portanto, ao prestar Dario tributo ao Deus de Israel, ele estava confessando que todos os demais deuses eram meras invenções. Não obstante, como eu disse, não significa que os pagãos aderem com firmeza a este princípio, pois logo depois ele desaparece de seus pensamentos. E assim esta passagem não prova que o rei Dario estivesse verdadeiramente convertido (como parece a alguns) e que abraçasse com sinceridade a verdadeira religião. Porquanto ele sempre serviu a seus ídolos, mas concluiu ser suficiente reservar um lugar de supremacia ao Deus de Israel. Todavia, como sabemos, Deus não admite sociedade, visto ser zeloso de sua própria glória.[211] Portanto Dario

[211] Mg., Is 42.8.

se mostrou muito débil ao declarar que o Deus a quem Daniel servia era excelente acima de todos os deuses; pois quando o Senhor reina, todos os ídolos devem, obrigatoriamente, reduzir-se a nada – segundo também se acha expresso no Salmo: "Deus reina; que todos os deuses dos gentios sejam destruídos".[212] Dario não foi tão longe ao ponto de devotar-se ao verdadeiro e único Deus; mesmo assim, se viu compelido a oferecer a mais elevada honra ao Deus de Israel, enquanto permanecia sempre imerso em suas costumeiras superstições.

Em seguida ele acrescenta: **Teu Deus, a quem continuamente serves, porventura foi capaz de livrar-te dos leões?** Aqui ele fala dubiamente, como fazem os incrédulos que pensam estar esperançosos, mas, na verdade, não possuem estabilidade nem firmeza alguma em suas mentes. Eu diria que não passou de uma invocação da natureza; ou seja, algum instinto secreto que impele os homens a fugirem naturalmente de Deus. Contudo, visto que raramente um entre cem confia na Palavra de Deus, todos clamam por ele em momentos de perigo. Desejam experimentar se Deus está disposto a ajudá-los e a socorrê-los em suas necessidades; ainda assim, como eu disse, não há a menor convicção sólida em seus corações.

Tal foi a atitude do rei Dario: **Porventura teu Deus foi capaz de livrar-te?**, diz ele, como se alguém duvidasse do poder de Deus. Se houvera dito: "Teu Deus livrou-te?", a pergunta ainda seria tolerável. Porquanto Deus não se acha preso a alguma regra que lhe obrigue a sempre livrar seu povo da morte, como é bem notório. Isso está plenamente em suas mãos. Quando, pois, ele entrega seu povo à vontade dos ímpios, seu poder não é diminuído, pois tudo depende tão-somente de sua vontade – a decisão de salvar ou não. Entretanto, seu poder certamente não deve ser posto em dúvida. Desse fato deduzimos que Dario jamais chegou a converter-se genuinamente; ele nada sabia, de maneira clara, sobre o verdadeiro e úni-

[212] Cf., Sl 97.1, 7.

co Deus, mas foi dominado por um temor cego que, querendo ele ou não, o compeliu a tributar ao Deus de Israel a mais elevada honra. Não obstante, essa não foi uma confissão espontânea, e, sim, forçada.

Ele prossegue:

21 Então Daniel falou ao rei: Ó rei, vive para sempre.

22 Meu Deus enviou seu anjo e fechou a boca aos leões, e eles não me fizeram dano algum, porque diante dele achou-se inocência em mim; e também diante de ti, ó rei, não cometi delito algum.

21 Tunc Daniel cum rege loquutus est, rex, in eternum vive.

22 Deus meus misit angelum suum, et conclusit os leonum, et non nocuerunt mihi: quoniam coram ipso innocentia, inventa est in me: atque atiam coram te, rex, pravitatem non commisi.

Aqui Daniel responde humilde e amavelmente ao rei sob cuja ordem ele fora lançado na cova. Com toda justiça, ele poderia estar bravo e haver protestado por ter sido abandonado tão cruelmente. Porquanto o rei Dario o tinha como um servo fiel, cujo trabalho lhe havia sido útil. Ao perceber que ele fora oprimido por calúnias injustas, não expressou-se tão seriamente quanto deveria; por fim, até sucumbiu às ameaças de seus nobres e ordenou que Daniel fosse jogado na cova. Portanto, Daniel poderia, como eu disse, ter censurado a crueldade e infidelidade do rei. Ele não fez isso, mas escondeu a injúria, pois bastava-lhe que, através de sua libertação, a glória de Deus fosse magnificamente celebrada. Pois a luta do santo profeta era por nada menos que isso. Ele inclusive orou pelo bem-estar do rei. E ainda que tenha usado uma fórmula comum, quando exclama: **Ó rei, vive para sempre**, uma expressão que flui de seu coração, isto é: "Que o Senhor prolongue tua vida e te abençoe continuamente". Muitos saúdam seus reis assim, mas de forma vazia – e mesmo seus associados. Mas não há dúvida alguma de que, de coração, Daniel desejou ao rei tanto vida longa quanto alegria.

Em seguida ele acrescenta: **Meu Deus**, afirma ele, **enviou seu anjo e fechou a boca aos leões**. Aqui vemos Daniel claramente atribuindo aos anjos a função de socorrer, de tal forma que todo o poder descansa em Deus. Ele afirma que fora salvo pela mão e pelo trabalho de um anjo; mas tem no anjo um ministro de seu livramento, e não seu autor. Portanto, é **Deus**, diz ele, quem enviou

um anjo. Já vimos como os caldeus com freqüência os chamavam de "deuses santos". Contudo, Daniel aqui concede exclusivamente a Deus, e de forma convicta, a glória que lhe é devida. Nem apresenta uma hoste de deuses, conforme a opinião sempre prevalecente entre os pagãos. Portanto, em primeiro lugar, ele declara a unidade de Deus; então acrescenta que os anjos estão à mão para auxiliar os servos de Deus – todavia, assim o fazem porque é uma tarefa a eles imposta. Portanto, todo o louvor do livramento está exclusivamente em Deus; porquanto os anjos não trazem auxílio a qualquer um que deseja, nem se deixam mover ao sabor de sua própria vontade; simplesmente obedecem à diretriz de Deus.

Também devemos observar o que se segue: Deus fechou a boca aos leões. Pois, através destas palavras, o profeta ensina que os leões e as bestas mais selvagens estão nas mãos de Deus e são refreados por seu freio secreto, para que não ataquem, nem se tornem de forma alguma nocivos, porquanto o Senhor deseja humilhar nossa soberba. Saibamos também que não existe animal tão selvagem, disposto a feri-nos com suas garras e dentes, a menos que Deus solte as rédeas que os prendem.

Esta doutrina é extremamente útil para nosso conhecimento, pois tememos ao sinal do menor perigo, até mesmo com o farfalhar de uma folha caindo. Mas já que temos que enfrentar variados perigos oriundos de diversas frentes (pois estamos cercados por centenas de mortes vindas de todos os lados), seremos inquietados pela pior das ansiedades a menos que nos lembremos que, não só nossa vida é guardada por Deus, mas que nada nos é prejudicial se ele mesmo não o dirigir por sua escolha e ordem. Isso deve estender-se até mesmo aos demônios e aos homens abomináveis e cruéis. Porquanto sabemos que o diabo está sempre ocupado com nossa destruição e assemelha-se a um leão que ruge. Pois ele corre de um lado para outro à procura de uma presa para devorar, como afirma Pedro em sua Primeira Epístola.[213] Notamos também como os ímpi-

[213] Mg., 1Pe 5.8.

os planejam nossa morte, a todo instante, e como sua fúria arde contra nós. Contudo Deus, que pode fechar a boca dos leões, do mesmo modo também pode refrear o diabo e todos os homens perversos, de sorte que eles não nos molestarão a não ser que tenham a permissão divina. Até mesmo a experiência nos ensina que tanto o diabo quanto todos os ímpios são restringidos por Deus. Pois se seu poder não se interpusesse a fim de repelir as incontáveis injúrias que pesam sobre nós, seríamos destruídos a todo instante. Portanto, saibamos que é por causa desse especial benefício de Deus que, ainda por um dia, permanecemos seguros em meio à ferocidade e ira de nossos inimigos.

Entretanto, Daniel diz que os leões não lhe fizeram mal ou injúria alguma, porque diante de Deus nele foi achada justiça. Palavras pelas quais ele quer dizer que fora preservado porque Deus queria proclamar sua glória e o louvor que ordenou em sua lei. Porquanto aqui o profeta não está exaltando jactanciosamente sua justiça; ao contrário disso, ele está mostrando que fora libertado porque o Senhor queria testificar através de evidências claras e definidas que ele aprovava o louvor pelo qual Daniel lutou até a morte. E assim vemos que Daniel atribuiu tudo àquela aprovação do culto divino. A suma de tudo é que o profeta era o defensor de uma causa piedosa e santa e estava preparado a sofrer a morte, não em virtude de uma idéia estúpida, não em obediência a um impulso precipitado, não movido por um zelo confuso, mas porque estava convencido de que estava adorando ao Deus vivo. Então ele afirma que fora preservado porque era o defensor de uma causa piedosa e santa. Essa é a essência.

À luz desse fato podemos prontamente inferir quão obtusos são os papistas que, à luz deste texto e de textos afins, tentam construir a retidão que tem por base as obras e méritos [humanos]. "Oh, Daniel foi salvo porque se achou justiça nele aos olhos de Deus. Portanto, Deus retribui a qualquer um segundo os méritos das obras dele!" Não obstante, o propósito primordial de Daniel deve ser levado em conta. Pois, como já disse, ele não estava van-

gloriando-se de seus méritos, mas desejava que o livramento que Deus lhe dera fosse um vivo testemunho do verdadeiro e puro louvor, para que o rei Dario se envergonhasse e para que todas as superstições se revelassem como heresias. Acima de tudo, o profeta queria apresentar seu protesto contra aquele edito sacrílego, porquanto Dario se apropriara indebitamente de tão supremo poder visando a abolir, por assim dizer, toda a Deidade. Portanto, com o intuito de advertir a Dario, Daniel diz que sua causa era justa.

Para tornar a explicação mais fácil, observe-se que existe certa diferença entre a salvação eterna e os livramentos especiais. Deus nos livra da morte eterna e nos adota para a esperança de uma vida eterna, não por encontrar alguma retidão em nós, mas porque ele livremente nos elege. Assim sendo, ele aperfeiçoa sua obra em nós sem levar em conta quaisquer obras nossas. Portanto, no que tange à salvação eterna, não pode haver a menor dúvida em relação à justiça; pois quando Deus nos examina, não encontra em nós nada que não seja digno de condenação. Mas no que diz respeito aos livramentos particulares, então o Senhor pode considerar a retidão de uma pessoa – não que a mesma seja propriedade nossa, mas de quem ele governa por meio de seu Espírito para que seja obediente a seu chamado, a esses também estende sua mão; e quando se encontram em perigo por tentar prestar-lhe obediência, ele os livra. É precisamente como se alguém dissesse que Deus favorece as boas causas. Entretanto, isso não tem nada a ver com méritos [humanos]. Daí, no que tange a este versículo, os papistas também são muito ineptos e infantis quando dele extraem méritos [humanos]. Daniel não queria dizer outra coisa senão proclamar o culto puro pertencente ao único Deus; como se estivesse dizendo que o Senhor não só cuidou pessoalmente dele, mas que deve existir outra razão para sua libertação, a saber: que Deus quis mostrar através daquele acontecimento e por meio daquela provação que sua causa era justa.

Ele acrescenta: **E também diante de ti, ó rei, não cometi crime algum.** É verdade que o profeta violara o edito real. Por que

então ele não admite isso honestamente? E ainda, por que insiste que não havia pecado contra o rei? Simplesmente porque ele se conduzira com fidelidade em todas as suas obrigações devidas à justiça; e por isso podia isentar-se da calúnia, a qual bem sabia lhe haver sido imputada, de haver desprezado a autoridade real. Porquanto Daniel não estava tão ligado ao rei dos persas que o Senhor não pudesse reivindicar para si o que não lhe podia ser tirado. Sabemos que os impérios terrenos são estabelecidos por Deus, porém com a condição que não se detraia dele nada, e que só ele seja supremo, e assim todos os governantes e os grandes do mundo se vêem forçados, em suas posições, a submeter-se a sua glória. Portanto, já que Daniel não podia obedecer ao edito real sem renegar a Deus, como vimos anteriormente, ele não cometia pecado contra o rei quando firmemente continuou sua costumeira e pia prática da oração, oferecida ao Senhor três vezes ao dia.

E para que isso se torne ainda mais claro, devemos lembrar-nos das palavras de Pedro: "Temei a Deus, honrai ao rei".[214] Essas duas coisas estão entrelaçadas e não podem separar-se uma da outra. Desse modo, o temor do Senhor deve vir primeiro, se é que os reis desejam manter sua autoridade. Pois se alguém se esquece de Deus e passa a reverenciar príncipes terrenos, o mesmo se põe a andar de costas para frente, pervertendo toda a ordem da natureza. Portanto, em primeiro lugar, que Deus seja temido; os príncipes terrenos manterão sua autoridade, mas de forma tal que Deus seja sempre supremo, como já disse antes.

Daniel, pois, aqui corretamente se defende, dizendo que **ele não havia cometido falta alguma perante o rei** – precisamente porque fora compelido a obedecer à lei de Deus, desconsiderou o que o rei ordenara em contrário. Pois os príncipes terrenos abdicam de seu poder quando se levantam contra Deus – pior ainda, são indignos de ser tidos no número dos homens. Em vez de obedecê-los quando se mostram tão insolentes ao ponto de quererem

[214] Mg., 1Pe 2.17.

até mesmo despojar o Senhor de seu direito e, por assim dizer, ocupar seu trono, como se fossem capazes de arrancá-lo dos céus, deveríamos cuspir em seus rostos. Portanto, agora atentemos para o significado desta passagem.

E assim ele prossegue:

23 Então o rei alegrou-se sobremaneira. Ordenou que Daniel fosse retirado da cova. E Daniel foi retirado da cova; e nenhum dano se achou nele, porque crera em seu Deus.

23 Tunc rex valde exhilaratus in se, *vel*, *super*, *eo*, Danielem jussit educi ex spelunca: et eductus fuit Daniel ex spelunca: et nulla corruptio, *vel*, *læsio*, inventa fuit in eo: quia credidit, *vel*, *confisus est*, Deo suo.

Daniel confirma o que antes registrara sobre os sentimentos do rei Dario. Assim como em seu palácio ele dera rédeas soltas a sua ansiedade, abstendo-se de toda comida e bebida e renunciando a todos os prazeres e deleites, assim também agora se regozija ao saber que o santo servo de Deus fora maravilhosamente salvo da morte.

Em seguida acrescenta: E pela ordem do rei, Daniel foi retirado da cova; e nenhum dano foi nele encontrado. Não se pode atribuir tal coisa à fortuna. Dessa maneira Deus declarava seu grandioso poder, fazendo Daniel escapar com segurança, incólume dos leões. Ele teria sido despedaçado, caso o Senhor não houvera fechado a boca aos leões. No entanto, o milagre de não encontrar-se em seu corpo nenhum ferimento, nenhum arranhão, não teve apenas uma pequena serventia. O fato de os leões terem-no poupado se deu pelo secreto auxílio do Senhor. E isso também tornou-se mais evidente quando seus acusadores foram lançados imediatamente na cova e dilacerados e devorados pelos leões, conforme o profeta acrescenta um pouco adiante.

Deve observar-se a razão apresentada: ele foi salvo porque confiara em seu Deus. Pois com freqüência sucede que alguém, ao defender uma boa causa, adoeça e não tenha êxito; porque incumbiu-se de algo que, de outro modo, seria digno de louvor; ao contrário, confiou em seus próprios planos, sabedoria e energia. Não surpreende, pois, que o êxito seja negado àqueles que se em-

penham pela defesa de boas causas, como ocorre com todos os profanos. Porquanto as histórias de todos os períodos testificam que mesmo aqueles que acalentam causas justas freqüentemente falham. Todavia, isso ocorre em virtude de sua perversa autoconfiança, visto seu propósito não ser o de servir a Deus; ao contrário, saem em busca do louvor e aplausos do mundo. A ambição conduziu-os e contentaram-se com seus próprios conselhos. Daí surgir aquele provérbio de Bruto: "A virtude é de nenhuma valia".[215] Ele pensava estar sendo maltratado ao lutar pela preservação da liberdade do povo romano. Não considerou que os deuses eram propícios, e, sim, insensíveis. Como se Deus saísse em auxílio de alguém que jamais esperou nele, nem jamais invocou seu nome! Pois temos conhecimento do quanto o espírito daquele homem era arrogante. Apresentei apenas um exemplo; não obstante, se avaliarmos cuidadosamente o que motiva todos os incrédulos quando arduamente lutam em prol das boas causas, descobriremos sempre que o que prevalece é a ambição. Daí, não surpreende que Deus os ponha em crise, pois são indignos de desfrutar sua ajuda.

Daniel declara que fora conservado incólume porque confiara em seu Deus. E esse é o ponto que o apóstolo deseja enfatizar no décimo primeiro capítulo de Hebreus, quando afirma que pela fé alguns foram resgatados, ou salvos, da boca de leões.[216] E assim ele especifica a causa por que Daniel escapara em segurança, e nos chama de volta à fé. Todavia, devemos ter em mente, aqui, o que significa e o que envolve o verbo 'crer'. Pois o profeta não só ensina que fora preservado porque creu que o Deus de Israel era o verdadeiro e único Deus, Criador do céu e terra, mas também porque confiara-lhe sua vida, pois que descansara em sua graça, porquanto se convencera de que, se o servisse, haveria um resultado feliz. Afirma que *ele confiara em Deus* porquanto Daniel se convencera de que sua vida estava nas mãos divinas e que a esperança depositada

[215] Dio Cassius, *Roman History* (História Romana) 47:49.
[216] Mg., Hb 11.33.

nele não era vã; e enfrentou o perigo corajosa e destemidamente em defesa da verdadeira adoração devida a Deus.

Vemos, pois, que o verbo 'crer' não deve ser tomado em termo tão fraco como o imaginam os papistas – com suas idéias resultantes de "fé implícita", "fé inerte" ou "fé informe". Pois acreditam que a fé nada mais é que uma confusa apreensão da Deidade. Quando compreendemos que existe algum Deus, os papistas pensam ser isso fé. No entanto, o Espírito Santo nos ensina algo muito diferente. Porquanto devemos lembrar-nos do que o apóstolo diz, a saber, que não cremos verdadeiramente em Deus a não ser quando nos convencemos de que ele é o galardoador de todos que o buscam.[217] Portanto, a fé inclui a convicção de que Deus não decepcionará seus adoradores.

Ora, devemos ter em mente o modo como o Senhor deve ser buscado. Deus não é buscado através de tola soberba, como se através de nossos méritos fôssemos capazes de obrigá-lo em relação a nós. Ele é buscado pela fé; ele é buscado através da humildade; ele é buscado através da invocação. Quando nos convencemos de que Deus é o galardoador de todos os que o buscam e sabemos como ele deve ser buscado, isso constitui a verdadeira fé. Portanto, Daniel não nutriu qualquer dúvida de que Deus o livraria, porque não duvidava do ensinamento acerca da piedade que aprendera na infância, e no qual se apoiava sempre que invocava o Senhor. Foi esta, pois, a causa de sua libertação.

Entrementes, é também verdade que Daniel não creu em Deus em virtude do resultado final que lhe fora revelado. Ao contrário, ele submeteu sua vida a Deus porque estava preparado para morrer. Antes de ser lançado na cova e exposto aos leões, Daniel não tinha como saber se Deus planejara libertá-lo, assim como também vimos anteriormente em relação a seus amigos: "Se Deus quiser, ele nos resgatará; mas, se não, estamos preparados para adorá-lo e

[217] Mg., Hb 11.6.

a não obedecer a seu edito'.[218] E se Daniel houvera sido avisado sobre o resultado, sua constância não seria digna de louvor. Entretanto, uma vez que ele se dispusera a enfrentar a morte destemidamente em prol da adoração de seu Deus, e podia negar-se a si mesmo e renunciar ao mundo, este evento constituiu uma prova séria e genuína de sua fé e firmeza. *Ele confiara em Deus*, não porque buscava tal milagre, mas porque sabia que seria abençoado se se mantivesse firme na pura adoração do Senhor. Assim como diz Paulo: "Cristo é para mim lucro, quer na vida quer na morte";[219] portanto, Daniel descansou no auxílio divino, mas fechou seus olhos para o resultado final e não ficou em extremo ansioso quanto a sua vida. Entretanto, visto que sua mente estava fixada na esperança de uma vida superior, mesmo que isso significasse que teria de morrer cem mortes, ele não cessaria de confiar. Porquanto nossa fé se estende para além das fronteiras desta transitória e corruptível vida – como se sabe muito bem de todos os santos.

Em seguida vem o que já mencionei sucintamente:

24 E o rei ordenou e trouxeram aqueles homens que haviam preparado acusação contra ele, ou seja, Daniel; e os lançaram para dentro da cova dos leões, a eles, seus filhos e suas mulheres; e ainda não tinham chegado ao fundo da cova, quando os leões lançaram-se sobre eles, e quebraram todos os seus ossos.

24 Et jussit rex, et adduxerunt viros illos qui instruxerant accusationem adversus eum, nempe Danielem: et in foveam, *speluncam*, leonum projecti sunt ipsi, liberi ipsorum, et uxores eorum, et nondum pervenerant ad fundum, speluncæ, quando dominati sunt, in eos leones, et omnia ossa eorum fregerunt.

Nesta circunstância, o poder de Deus em preservar a Daniel brilha ainda mais nitidamente, pois aqueles que cruelmente haviam acusado o profeta foram imediatamente despedaçados pelos leões. Pois se alguém disser que os leões estavam satisfeitos, ou que existia alguma outra razão por que não devoraram a Daniel, então, por que ao ser ele retirado aquelas feras foram impelidas com tamanha fúria, que dilaceraram e devoraram não só um homem, mas

[218] Mg., Dn 3.17-18.
[219] Mg., Fp 1.21.

um grande grupo? E nenhum dos tantos nobres escapou. E mais ainda, suas mulheres foram trazidas, e até mesmo seus filhos. Quase não houve leões em suficiente número para tamanha oferta de carne. E ainda assim todos eles pereceram. Como foi possível que só Daniel escapasse? Indubitavelmente, vemos que Deus pretendia salientar seu poder através dessa comparação, caso alguém objetasse dizendo que os leões deixaram Daniel em paz porque estavam bem alimentados e não tinham apetite para presa alguma. Pois ter-se-iam saciado com três ou quatro homens. Todavia, devoraram homens, mulheres e crianças. À luz desse fato fica evidente que as bocas dos leões foram fechadas por Deus, enquanto Daniel era mantido em segurança a noite toda; contudo estes pereceram imediatamente, assim que chegaram ao fundo da cova. Portanto, uma vez mais observamos as bestas sendo impelidas com tamanha e súbita fúria, que não esperaram nem mesmo que chegassem ao chão, senão que os dilaceraram enquanto caíam.

O restante deixaremos para amanhã.

Deus Todo-Poderoso, uma vez que fomos criados por ti e postos neste mundo, e também nutridos por tua liberalidade, tendo em vista que nossas vidas fossem consagradas a ti, faz com que estejamos preparados para viver e morrer por ti, e que nada busquemos além da manutenção do culto, puro e sincero, à tua Divindade; e assim permite que descansemos em teu auxílio para que não hesitemos em enfrentar todos os perigos e arrostar a própria morte, sem delonga, a qualquer hora que parecer-te bem; confiando não só em tua perene promessa, mas também nas muitas provas que nos deste no passado, para que saibamos que teu poder está vivo ainda hoje e que serás nosso libertador em qualquer situação, quer vivos quer mortos; de sorte que, a despeito de tudo, sejamos abençoados por continuarmos a confiar em teu nome e a testemunhar de uma genuína confissão, até que, por fim, sejamos arrebanhados em teu reino celestial, o qual conquistaste para nós pelo sangue de teu Unigênito Filho. Amém.

31ª Exposição

Ao final da preleção de ontem, os inimigos de Daniel, que o haviam maligna, invejosa e cruelmente acusado, foram, assim que lançados dentro da cova dos leões, despedaçados juntamente com suas mulheres e filhos. À luz desse fato, como dissemos, o milagre é realçado ainda mais. Aprendamos, pois, uma vez mais que os leões são de tal maneira governados pela mão divina que não lhes é permitido exercitar sua selvageria em todos os lugares ou contra todas as pessoas, mas somente quando o Senhor os predispõe. Pois assim diz o Salmo 91: "Pisarás o leão e a áspide, calcarás aos pés o leão e o dragão".[220] Mas, por outro lado, Deus adverte os descrentes, por intermédio do profeta: "Leões levantar-se-ão contra ti se fugires de tua casa".[221] Vemos, pois, que Deus contém a selvageria dos leões quanto bem lhe parecer; entretanto, os excita à fúria quando deseja punir os homens.

Todavia, não devemos discutir com ansiedade se foi ou não um castigo justo lançar as mulheres e crianças dentro da cova. Parece ser uma estável regral da eqüidade que a punição não se transferirá aos inocentes, especialmente quando a questão envolve a vida ou a morte. Pois embora em todas as eras e em cidades bem estabelecidas aceita-se que muitos castigos envolvam crianças juntamente

[220] Mg., Sl 91.13.
[221] Mg., Am 5.19.

com seus pais, como, por exemplo, no confisco de bens, ou quando a questão é de violência e em crime de *lèse majesté*, e, além disso, em julgamentos criminais, a infâmia dos pais envolve as crianças; ainda assim é muito mais difícil matar as crianças juntamente com seus pais quando não podem ser culpadas do mesmo crime. Contudo, embora isso não fosse costumeiro, não devemos condená-lo de imediato. Vemos como Deus ordena que famílias inteiras fossem exterminadas da terra como sinal de seu ódio. No entanto, Deus é um juiz justo e sempre mantém moderação em sua severidade. Dessa forma, esse exemplo não pode ser condenado em sua totalidade. Devemos deixá-lo sem decisão. Sabemos que os reis orientais exerciam um governo temível e bárbaro, ou, melhor, uma terrível tirania sobre seu povos. E assim ninguém precisa desgastar-se muito em relação a essa questão. O rei Dario lamentou-se por haver sido tão enganado. Por essa razão, requereu punição sobre os vis caluniadores, não só porque haviam oprimido Daniel injustamente, mas porque ele mesmo também se viu afetado pela injúria. Ele desejava vingar-se, e não de Daniel; e insatisfeito com o mero castigo contra seus nobres, ainda ordenou que levassem seus filhos para a mesma execução.

E prossegue:

25 Então o rei Dario escreveu a todos os povos e nações e línguas, que habitam em toda a terra: Paz vos seja multiplicada.

26 Um decreto foi por mim estabelecido em todo o domínio de meu reino, pelo qual tremam e temam perante a visão do Deus de Daniel; porque ele é o Deus vivo e permanece para sempre, e seu reino não será destruído e seu domínio até o fim;

27 Livrando e salvando e dando sinais e milagres no céu e na terra; que livrou a Daniel das garras dos leões.

25 Tunc Darius rex, scripsit omnibus populis, et gentibus, et linguis qui habbitabant in tota terra, Pax vestra multiplicetur.

26 A me positum est decretum in omni dominatione, regni mei, ut sint metuentes et paventes, a conspectu Dei Danielis; quia ipse *est* Deus virus, et permanens in seculum: et regnum ejus non corrumpetur, et dominatio ejus usque in finem.

27 Eripiens et liberans, et edens signa et miracula in cœlo et in terra: qui eripuit Danielem e manu leonum.

Aqui Daniel acrescenta um edito que o rei desejava proclamar. Nesse edito, o rei declara que se comoveu tanto pela libertação de

Daniel, que tributou toda a suprema glória ao Deus de Israel. Ainda assim, não creio que isso prova a sólida piedade do rei do modo como alguns intérpretes aqui imoderadamente o exaltam, como se ele houvera se arrependido publicamente e abraçado a pura religião prescrita na Lei de Moisés. Não se pode deduzir das palavras do edito nada desse teor. E os próprios fatos declaram que seu governo nunca se purgou de superstições. Portanto, o rei Dario permitiu que seus súditos adorassem ídolos e não cessou de macular-se da mesma forma. Todavia, ele desejava colocar o Deus de Israel no mais elevado posto, como se pudesse misturar a água e o fogo. E sobre isso já falamos.

Os homens profanos acreditam terem já cumprido sua obrigação em relação ao verdadeiro Deus se não o desprezam completamente, simplesmente por lhe concederem algum espaço. Especialmente se o põem acima dos demais ídolos, acreditam que o Senhor se sente satisfeito. Entretanto, isso é inútil, uma vez que todas as superstições não são abolidas, Deus de forma alguma conservará os direitos deles, pois ele não permite sócios. Desse modo, esta passagem não revela nenhuma piedade genuína e séria no rei Dario. A única coisa correta a inferir-se é que ele se deixou mover pelo milagre e foi impulsionado a celebrar a glória e a fama do Deus de Israel por todas as regiões de seu reino. Em suma, assim como o rei Dario se viu movido de forma tão específica, também não se deixou progredir além desse sentimento específico. Ele não reconheceu o poder e a bondade do Senhor em todos os aspectos, senão que prendeu-se àquele exemplo particular que fora posto diante de seus olhos. Portanto, não lhe era possível ter um conhecimento abrangente do Deus de Israel e devotar-se à sincera e verdadeira piedade. Mas, como eu já disse, ele desejava que o Senhor figurasse entre seus demais deuses, e realmente até mesmo se destacasse, mas de modo que ele não estivesse sozinho. Não obstante, Deus repudia tal gênero de semi-adoração. Portanto, não há razão para crermos que o rei Dario deva ser tão altamente louvado.

Não obstante, por intermédio de seu exemplo ele condenará a

todos os que atualmente professam ser 'católicos' ou 'cristãos', reis e "defensores da fé",[222] e ainda assim não só oprimem a verdadeira piedade, mas ainda, o quanto lhes é possível, abalam todo o culto devido a Deus e de bom grado extinguiriam do mundo seu próprio. Exercem tirania contra todos os santos; estabelecem superstições ímpias por sua crueldade. Dario será o justo juiz deles, e o edito que Daniel cita bastará para condenar a todos eles.

Então ele diz que o **edito foi escrito a todos os povos e nações e línguas que habitavam toda a terra**. Notamos que Dario pretendia não só fazer conhecido o poder de Deus aos povos vizinhos, mas também cuidou em publicá-lo por toda parte. Assim, não escreveu apenas à Ásia e Caldéia, mas até mesmo aos medos e persas. Ele jamais reinou sobre a Pérsia, mas seu genro o instituíra sócio no trono e sua autoridade também tinha validade por lá. E isso é o que se deve entender por *toda a terra*. Não se fala aqui de todo o mundo inabitado, mas da monarquia que cobria quase todo o Leste. Pois naquele tempo os medos e persas reinavam do mar até o Egito. Já que seu império era tão vasto, Daniel tem um bom motivo para dizer que o decreto foi publicado em *toda a terra*.

Paz vos seja multiplicada. Somos informados de que os reis apaziguam assim seus súditos e usam prefácios lisonjeiros com o intuito de granjear mais facilmente suas vontades – bem como para manter seus súditos mais obedientes. E não lhes custa nada desejar paz a seus súditos. Ainda, como disse anteriormente, eles geralmente a utilizam como isca para 'pescar' a boa vontade dos que os servem, para que os súditos estejam preparados a carregar seu fardo. Por meio do vocábulo 'paz', como bem sabemos, denota-se uma condição próspera; como se estivesse dizendo: "Que vivais bem e felizes".

Em seguida, ele acrescenta que o **decreto foi estabelecido em sua presença**; ou seja, o rei ordenou a todos os seus súditos valen-

[222] Veja-se p. 23, nota 4.

do-se da força de sua autoridade. Pois esta é uma expressão poderosa. Portanto, o edito foi estabelecido por mim – isto é, "se minha autoridade e poder prevalecem entre vós, obedecei-me no que respeita a esta questão".

Pelo qual, afirma ele, todos tremam; ou, "que todos tremam"; e temam diante do Deus de Daniel. Por 'temor' e 'tremor' ele nada mais queria dizer além de 'reverência'. Mas assim falou como todos os gentios fazem quando temem o nome de Deus. Mas ainda parece querer expressar que o poder do Deus de Israel se fizera plenamente visível; poder que realmente deveria afetar a todos, para que o servissem reverentemente, com tremor e temor.

Esse modo de falar parte de um princípio correto, já que a adoração legítima nunca é rendida ao Senhor a menos que os homens se humilhem. Deus se qualifica com freqüência de *terrível*, não porque queira compelir seus servos pelo medo, mas porque, como dissemos, as mentes humanas nunca se dispõem devidamente a reverenciar [a Deus] senão quando sinceramente compreendem e percebem o poder de Deus, de forma tal que se atemorizem diante de seu juízo. Mas se é só o medo que age em suas mentes, não são capazes de transformá-las em piedade; pois é oportuno que nos lembremos do dito expresso no Salmo: "Contigo está a propiciação, para que sejas temido".[223] E assim Deus não pode ser corretamente adorado ou temido a menos que nos convençamos de que ele é acessível às nossas súplicas; e mais ainda, a não ser que nos convençamos de que ele nos é propício. Não obstante, é mister que comece com temor e tremor aquele que deseja humilhar a soberba de sua carne. Esse é o significado das palavras usadas aqui: para que todos temam e tremam diante do Deus de Israel.

Além disso, o rei o chama de Deus de Daniel – não um deus que Daniel porventura inventara para si, mas Aquele de quem ele era servo. Podemos corretamente chamar Júpiter de deus dos gre-

[223] Mg., Sl 130.4.

gos, pois ele é a deificação de sua idiotice, e desse modo obtém fama e celebridade por todo o mundo. Todavia, Júpiter e Minerva, bem como toda a hoste de deuses falsos extraem seus nomes de sua própria origem. Há ainda outra razão para que o rei Dario chamasse Àquele a quem Daniel adorava de *o Deus de Daniel*. Ele é também chamado "o Deus de Abraão", não porque recebesse sua autoridade como se ela fosse dada por permissão de Abraão, mas porque Deus se revelara a esse seu servo.

Expliquemos isso mais claramente. Por que ele foi chamado "o Deus de Daniel" e não "o Deus dos babilônios"? Precisamente porque Daniel, como havia aprendido na Lei de Moisés, adorava com pureza o Deus que fizera sua aliança com Abraão e com os santos pais, e que adotara os israelitas como povo peculiar. Isso, pois, dependia da adoração prescrita na Lei, mas a adoração dependia da aliança. Desse modo, o nome de Daniel não é posto aqui como se ele possuísse a liberdade de inventar ou imaginar um deus, mas porque adorava o Deus que se revelara em sua palavra. Em suma, esta expressão deve ser resolvida da seguinte maneira: que todos devem temer ao Deus que fez aliança com Abraão e sua semente, e que escolheu para si aquele povo singular; que ensinou a forma do verdadeiro e legítimo culto e revelou-o em sua lei, e a quem Daniel adorava. Portanto, dessa forma podemos entender o que isso significa.

E assim aprendamos a distinguir o verdadeiro Deus de todos os ídolos de invenção humana, se é que desejamos ver nosso louvor aprovado. Pois muitos acreditam que estão adorando a Deus, mas simplesmente perambulam por entre toda espécie de erros e não desfrutam comunhão com o único e verdadeiro Deus. No entanto, tão confuso louvor não passa de perversidade, nada mais além de profanação da genuína piedade. Devemos prender-nos à distinção que fiz e manter nossas mentes sempre dentro dos limites da Palavra, para que não nos distanciemos do legítimo Deus – isto é, se realmente desejamos conservá-lo e seguir a religião que lhe apraz. Digo que devemos manter-nos dentro dos limites da Palavra e a não desviar-nos dela para qualquer outra direção. Pois repenti-

namente enfrentaríamos os infindáveis logros do diabo, caso não nos mantenhamos, por assim dizer, presos à Palavra.

Quanto a Dario, é evidente que ele o reconheceu como o supremo Deus; contudo, como já disse, ele não abandonou as seitas fictícias e pervertidas às quais se amoldara. Não obstante, tal mistura é intolerável aos olhos do Senhor.

Ele acrescenta que **ele é vivo e permanece para sempre**. Aqui o rei certamente reduz a nada todos os deuses falsos. Já dissemos, porém, que o evento por si só revela isso claramente, ou seja, que os pagãos erguem suas mentes ao Deus supremo de forma tal que, de imediato, se desvanecem. Se com firmeza reconhecessem o verdadeiro Deus, imediatamente teriam destruído todas as suas invenções. Entretanto, pensam que é suficiente conceder ao Senhor a posição mais elevada. Enquanto isso, somam-lhe deuses menores, de sorte que ele acaba ficando escondido no meio de uma multidão, por assim dizer, mesmo quando atribuem-lhe uma certa eminência. Tal foi o motivo e tal o propósito de Dario, que não lhe restou nenhuma visão, pura ou sincera, da singular essência de Deus, senão que engendrou o mais elevado poder que repousa no Deus de Israel, enquanto outras nações poderiam continuar servindo a seus próprios deuses. Assim descobrimos que o rei não deixara as superstições que assimilara desde a infância. E portanto não há razão alguma para que sua piedade seja exaltada, exceto neste "ato específico", como o chamam. Ainda assim o Senhor arrancou de seus lábios a confissão que descreve sua natureza.

Ele o chama de **Deus vivo**, não só porque o Senhor possua vida em si mesmo, mas porque ela provém dele, pois ele é também a fonte e a origem da vida. O adjetivo, pois, deve ser tomado ativamente, ou seja, que Deus não vive simplesmente, mas também possui a vida inerentemente; e ainda ele é vivificador, ou seja, não existe vida a não ser exclusivamente nele.

Então prossegue, dizendo que ele **permanece em perpetuidade**. Dessa forma, o rei o distingue de todas as criaturas, nas quais

nada existe de sólido ou estável. Pois sabemos que não só o que se encontra debaixo do céu é propenso a infindáveis mudanças, mas também o próprio céu. Daí, o Senhor se distingue de todas as criaturas, já que ele não sofre mudança alguma, mas perpetuamente permanece o mesmo.

E acrescenta que seu reino não é destruído e seu domínio permanece até o fim. Aqui ele mais claramente expressa o que disse anteriormente sobre o sólido status de Deus. O Senhor não só permanece em sua existência essencial, mas também exerce seu poder em todo o mundo e, porque governa o mundo através de seu poder, sustenta todas as coisas. Pois se apenas houvera dito que Deus subsiste perpetuamente, poderia surgir em nossa mente (vis e limitados como somos) o pensamento de que Deus, em sua existência essencial, não se propende a mudança alguma – e não compreenderíamos que seu poder se difunde por toda parte. Por conseguinte, esta explicação é digna de nota, visto que Dario expressamente afirma que "o reino de Deus não é destruído e seu domínio permanece até o fim".

Em segundo lugar, ele chama Deus de *libertador*. Aqueles que se prendem a este edito como se fosse um luzente testemunho de piedade, afirmam que Dario estava falando de uma maneira quase evangélica, e que tornou-se um arauto da misericórdia divina. Não obstante, como já dissemos, Dario nunca abraçou a doutrina abrangente das Escrituras; doutrina essa que declara que Deus misericordiosamente cuida dos seus e os ajuda, porque ele é misericordioso e os julga necessitados de seu favor paterno. O rei Dario não entendeu a causa. Ele presenciara a libertação de Daniel, exemplo específico da graça de Deus. Portanto, Dario apenas sentiu parcialmente que o Senhor é propício a seus servos e está sempre pronto a salvá-los e a socorrê-los.

Entretanto, isso seria de todo frágil se, ao mesmo tempo, a causa não fosse adicionada: portanto, Deus é o libertador, porquanto dignou-se eleger a seus servos, e porque testificou que seria

seu Pai; porque está atento às orações; porque perdoa quando pecam. A não ser que a esperança de libertação tenha como fundamento a livre adoção e misericórdia de Deus, certamente resultará em conhecimento e eficiência parciais. Dario não fala aqui como se fora instruído verdadeira e corretamente sobre a misericórdia divina, mas simplesmente afirma que ele é o libertador daqueles que lhe pertencem. Ele corretamente deduz que o Senhor é o libertador, **pois salvou a Daniel das garras dos leões**; isto é, "do poder e da fúria dos leões". Dario raciocina corretamente, quando à luz de tal exemplo deduz a doutrina de forma mais plena, ou seja, que está no poder de Deus salvar e resgatar seu próprio povo tantas vezes quantas lhe aprouver. Mas, ainda assim, embora reconheça o poder visível do Senhor, num ato, a causa principal lhe escapa, ou seja, que Deus abraçara Daniel, assim como fez com outros filhos de Abraão, e o salvou em virtude de seu favor paterno.

Daí, para que esta doutrina nos seja útil e toque eficazmente nossas mentes – que Deus é o libertador –, devemos em primeiro lugar decidir que somos recebidos em sua graça sob os termos de que ele nos perdoa e não trata conosco segundo merecemos, mas nos trata amavelmente, como se fôssemos crianças, em consonância com sua imensurável bondade. Que tenhamos isso em mente.

Finalmente, ele afirma que **dá sinais e maravilhas no céu e na terra**. Isso deve ser uma referência a seu reinado e domínio, os quais foram mencionados anteriormente. Dario, porém, continua insistindo no atual espetáculo. Ele percebe que Daniel conservado incólume junto dos leões; assistira a todos os demais serem despedaçados; constituindo-se estas em manifestas provas do poder de Deus. Corretamente, pois, ele diz que [Deus] *dá milagres e sinais*. Mas não há dúvida alguma de que Dario também tinha se inteirado dos outros sinais que foram feitos antes que ele se apoderasse da monarquia. Indubitavelmente, o rei ouvira falar de tudo o que sucedera aos reis Nabucodonosor e Belsazar; o último, a quem o próprio Dario assassinara para ocupar seu reino. Assim, ele coleciona vários testemunhos do poder de Deus, juntamente com a forma

como o Senhor revelara sua glória ao resgatar Daniel. Em suma, se Dario houvesse renunciado suas superstições, isso, sim, teria constituído uma confissão pura e franca e completamente santa. E visto que não deixou de servir a seus deuses falsos, mas sempre se apegou em suas habituais poluições, sua piedade não pode ser louvada; nem se pode deduzir daqui uma conversão genuína e sincera, à luz desse decreto. Este é o resumo.

Então o profeta continua:

28 Daniel, pois, prosperou no reinado de Dario, e no reinado de Ciro, o persa.

28 Daniel autem ipse prospere egit in regno Darii et in regno Cyri Persæ.

Ou: "ele passou de um lado para outro": pois צלח, *zalah*, na verdade significa 'atravessar', e o sentido é metafórico quando tomado por 'prosperar'. Seja o que for, não duvido que aqui exista uma tácita antítese entre o reino dos persas e a monarquia caldaica; ou seja, mais clara e sucintamente, entre a dupla condição de Daniel. Pois Daniel às vezes decaía quando sob a autoridade de Nabucodonosor, como dissemos; depois, no final, quando a destruição da monarquia era eminente, ele novamente foi elevado à proeminência; no entanto, durante quase todo o reinado caldaico, tornou-se obscuro e desprezado. É claro que todos ouviam falar dele como um profeta extraordinário e gigante, porém foi rejeitado pela corte; e quando, por algum tempo, se viu sentado junto ao portão real, desfrutando das mais altas honrarias, subitamente foi dispensado. Enquanto durou a monarquia caldaica, Daniel não foi mantido em alta estima ou honra. Sob a monarquia dos persas e medos, entretanto, ele prosperou, ou seja, manteve alta contínua posição. Ciro e Dario não foram tão negligentes ao ponto de ignorarem de imediato o quão maravilhosamente Deus operara por meio de suas mãos.

Aprecio o termo 'atravessar', pois indica, como disse, uma carreira de honra contínua. Não só o rei Dario o exaltara, mas também Ciro; ao ouvir falar de sua fama, conservou o profeta em sua presença, entre seus nobres. E é suficientemente claro que ele deixou Babilônia e foi para outro lugar. Contudo, é provável que não

tenha permanecido muito tempo com os medos. Porquanto, algum tempo depois, Dario, ou Ciaxares, morreu e, já que não tinha nenhum herdeiro do sexo masculino, todo o poder passou para as mãos de Ciro (que também era seu sobrinho, por meio de sua irmã, e também seu genro, pois se casara com sua filha). Não há dúvidas de que aqui Daniel comemora o favor e a bondade de Deus em relação a sua vida, pois não era um conforto habitual obterem os exilados altos favores dentre os povos bárbaros e estrangeiros, tampouco desfrutar do mais alto grau de honra, recebendo reverência de todos. Desse modo, Deus amenizou a crueza do exílio com esse conforto.

Uma vez mais, Daniel não está pensando somente em si, mas também no propósito de tão elevada posição. Porquanto Deus pretendia que seu próprio nome fosse publicado e celebrado por todas essas regiões, onde Daniel era notável. Pois ninguém poderia pôr os olhos no profeta sem ponderar sobre a glória e o poder do Deus de Israel. E isso é o que Daniel queria dizer.

Por outro lado, não pode haver dúvida de que a perda de sua terra natal constituía um pesado e amargo fardo para o profeta – não como geralmente o é para outras pessoas, mas porque a terra de Canaã era a herança peculiar do povo de Deus. Portanto, quando Daniel se viu roubado e levado para longe, isto é, para a Média, e finalmente para a Pérsia, de sorte que não havia qualquer esperança de regresso, incontestavelmente ele se lamentava sem cessar. Pois preferia aquela promessa da graça divina e da adoção paterna, a terra de Canaã, do que a todos os picos de esplendor disponíveis entre os gentios. Não se pode duvidar que o que no passado fora escrito por Davi estivesse gravado em seu coração: "Prefiro estar nas cortes do Senhor a estar em meio à mais alta riqueza dos perversos"; e: "Prefiro ser o mais humilde na casa de meu Deus a habitar nas tendas dos perversos".[224] Isso Daniel aprendera.

[224] Mg., Sl 84.11; isto é, 84.10.

E não constituia debalde louvor o fato de Ezequiel tê-lo situado entre os três homens mais santos que existiram desde o início do mundo.[225] Era um grande privilégio, quando ainda em sua juventude, ou até mesmo durante a meia idade, associar-se a Jó e a Noé como o terceiro de uma rara, e mesmo quase incrível, santidade. Já que ele era um homem de tal estirpe, não podemos duvidar de que se sentisse afetado pelo mais profundo sofrimento, vendo-se destinado a perpétuo exílio, sem esperanças de regressar e adorar a Deus em seu templo, oferecendo sacrifícios com os demais. Todavia, não se mostrou ingrato para com o Senhor e planejou testemunhar que era cônscio de sua inusitada benevolência, pois, muito embora fosse um exilado, separado de sua terra natal, e mesmo tratado com desprezo entre os próprios cativos, foi também tratado com honra entre os medos e persas. Esse, pois, é seu significado direito.

É verdade que, após a morte de Dario, como acabei de mencionar, Ciro tenha assambarcado toda a monarquia; e veremos mais adiante, em seu devido lugar, que Daniel viveu com Ciro, o qual reinou durante trinta anos. Portanto, um longo período transcorreu entre sua morte e a morte de Dario. O fato de que uma mudança nos reinos não tenha prejudicado o estado de Daniel, como freqüentemente sucede, não se deu sem a presença de um maravilhoso plano de Deus. (Porquanto uma nova soberania, como bem sabemos, é como uma total mudança no mundo.) Daniel, porém, sempre manteve sua posição, para que a bondade divina fosse nele visível, e aonde quer que fosse pudesse testificar da graça de Deus através de sua vida.

Não irei mais adiante. Amanhã passaremos às profecias.

Deus Todo-Poderoso, já que desejas, mesmo cercados como estamos de inúmeros erros humanos, que testifiquemos de teu poder, faz com que hoje não estejamos cegos em meio à grande luz que nos é mostrada pelo Sol da Justiça, Cristo, teu Filho; e também

[225] Mg., 14.14; ou seja, Ez 14.12-20.

que não nos envergonhemos, beneficiando-nos com as palavras dos gentios, desacostumados a tua lei, mas instruídos a celebrar magnificentemente teu santíssimo nome diante de um único milagre; portanto, que possamos aprender com este exemplo a reconhecer-te não só como o verdadeiro e supremo Deus, mas também como o único. E mesmo depois que nos uniste a ti, selando tua aliança com o sangue de teu Unigênito Filho, permite que nos seguremos no Senhor com genuína fé, e assim renunciemos a todas as nuvens de erros, para que sempre estejamos atentos à luz para a qual nos convidas e por meio da qual nos diriges; até que, por fim, alcancemos a presença de tua glória e majestade; de sorte que, conformados a ti, possamos, afinal, desfrutar da essência daquela glória que agora visualizamos só em parte. Amém.

Índice onomástico

Abarbanel (160, 251)
Abede-Nego. *Consultar* Azarias
Abraão (45)
Acabe (255, 285)
Adriático (154)
Agostinho (203, 209, 236)
Alexandre (o Grande) (37, 43, 138-43, 150-51, 153, 166)
Alexandre Severo (filho de Mammea) (150)
Ananias (Sadraque) (55-6, 66, 77, 108, 179, 196-200, 202, 205, 208-09, 211-12, 214, 217, 220-21, 223-25, 227-28, 230, 232)
Antíoco (151, 155, 162)
Ahtony. *Consultar* Chevalier
Apolo (112, 177, 187)
Aqueronte (25)
Arão (76)
Arioque (103-06, 124-26)
Aristóteles (83, 84)
Ásia (148, 151, 159)
Aspenaz (46)
Assíria (184)
Astiages (358)
Augusto (83, 151, 163, 172)
Azarias (Abede-Nego) (55, 56)

Babilônia, (283-84, 286-87, 289, 293)
Rainha de, (328, 331-32, 336)
Baco (316)
Barbinel. *Consultar* Abarbanel
Bel (188)
Belsazar (22, 23ª–26ª Expo.)
Beltessazar (Daniel) (243, 245-46, 262-63, 265)
Brant, Sebastian (326)
Bruto (400)
Budé, Jean (17)

Caldeus (Magos) (52, 76, 5ª–6ª Expo., 124-28, 241-47, 325-31, 335, 337)
Calígula (164)
Calpúrnia (83)
Cambises (358)
Castellio (237)
Chevalier, Antoine (81, 160)
Cícero (84, 153, 187)
Cipriano (203)
Ciro (79, 137, 142, 148, 311-13, 325, 330-31, 354, 358-59, 370, 413-15)
Cleópatra (139, 151)
Constantino (163)
Cornélio (173)
Crasso (145)
Ciaxares (Dario) (148, 358, 414)

Daniel, *passim*. *Consultar também* Beltessazar

Dario (22, 166, 313, 324, 354, 27ª–31ª Expo.)
Davi (104)
Dio Cassius (83, 400)
Dura (181, 183)

Egito (37, 42, 52, 64, 71, 139, 151)
Elizabete I (81)
Eliseu (217)
Epicuro (115, 260)
Erasmo (25, 240, 316)
Esaú (322, 324)
Espanha (154)
Eufrates (47, 312)
Evil-Merodaque (309-10, 315, 348)
Ezequias (104)

Faraó (172)
Fársalus (83)
Filipe (da Macedônia) (151)
Filipos (83)
França (15, 17, 23)
Franck, Sebastian (326)
Fúrias, as (25)

Gábata (312, 325, 357)
Gália (154)
Gellius, Aulus (91)
Genebra (81, 237)
Gilby, A. (18)
Gobrias (312, 325, 357)
Grécia (138, 151, 154)
Guerra Púnica, Segunda (154)

Heliogábalo (25, 164)
Herodes (23)
Heródoto (310, 334)
Homero (85, 169)

Império Babilônio (9ª Expo., 146-49, 153, 161, 167)
Império Macedônio (9ª Expo., 153, 159-63, 167, 313)
Império Persa (9ª Expo., 151, 153, 161, 352-54, 357, 370, 407, 413)
Império Romano (9ª Expo., 151-53, 159, 163-64, 235, 262)
Império Turco (136, 159, 160, 165)

Jeoaquim (41, 44, 45)
Jerônimo (251)
Jerusalém (39, 41, 143, 251, 370, 374-75)
Jó (415)
Joinviller, Charles (17)
José (58, 85, 106, 174, 179)
Josefo (42, 43, 47)
Josias (104)
Judas Macabeus (28)
Júlio César (83, 152, 163)
Júpiter (188, 408, 409)
Juvenal (205, 229)

Labasi-Marduque (309)
Labineto (310, 334)
Lutero (326)

Macabeus (28)
Macrobius (84)
Maria, Virgem (155, 160-65, 260)
Medos (22, 9ª Expo., 148, 152-54, 351, 354, 357, 369, 407)
Melzar (66)
Megástenes/Metástenes (43, 309, 310)
Mesaque. *Consultar* Misael
Minerva (409)
Miriã (76)
Misael (Mesaque) (55, 3ª–4ª Expo., 108, 179, 14ª–16ª Expo.)
Moisés (53, 70, 71, 76)
Murray, J.A.H. (278)
Myers, T. (18)

Nabucodonosor I (41, 309, 310)
Nabucodonosor II (22, 2ª–6ª Expo., 8ª–10ª Expo., 158, 169-70, 12ª–22ª Expo., 309-10, 314, 326, 328, 331-32, 334, 338-40, 342-43)
Nauck, A. (93)
Nazireus (69)

Nero (163)
Netanyahu, B. (160)
Nínive (137, 148)
Ninus (287)
Nitocris (334)
Noé (415)

Orígenes (251)
Ovídio (316)

Pedro (apóstolo) (173, 215-16)
Pilatos (383)
Pitra, J.B. (251)
Platônicos (84, 102)
Plutarco (83, 138)
Pompeu (145, 152, 163)
Potifar (46, 106)
Ptolomeu (139)

Quintiliano (153)

Sadraque. *Consultar* Ananias
Semiramis (287)
Sêneca (93)
Servetus (237)
Sinear (41)
Síria (37, 39, 139, 151)
Sócrates (187)
Sófocles (93)
Sorbona (25)

Tauro, Monte (151)
Trajano (163)
Tróia (159)

Valerius Maximus (138)
Virgílio (169, 188)

Xenofonte (188-87, 311-12, 358)

Zopyrus (313)

Índice de referências bíblicas

Gênesis
8.13-18 (222)
25.33-34 (324)
27.34 (323)
37.5-10 (86)
37.36 (46)
39.1 (106)
40.3-4 (46)
41.40 (179)
42.15 (174)

Êxodo
3.21-22 (64)
9.27 (172)
10.16 (172)
16.4-36 (73)
19.18 (24)

Levítico
20.27 (94)

Números
6.1-4 (69)
12.6 (76, 108)

Deuteronômio
8.3 (70)
18.10-12 (76)

1 Reis
21.27-29 (255, 285)

2 Reis
6.15 (217)

Ester
1.19 (257)

Jó
12.18 (292, 342)
14.5 (352)

Salmos
2.9 (141)
2.12 (167)
10.6 (348)
18.27 (288)
22.15 (50)
30.6 (240)
30.7 (240)
34.7 (217)
40.3 (111)
51.4 (302)
68.20 (209)
75.6-7 (117, 260)
80.1 (45)
84.10 (414)
89.7 (218)
91.1, 7 (393)
91.11 (217)
91.13 (404)
99.1 (45)
102.18 (166)
103.20 (253)
106.46 (63)
113.7 (260, 303)
115.3 (300)
118.22 (156)
127.1 (287)
129.1-4 (29)
130.4 (408)
132.13-14 (45)
145.18 (110)

Provérbios
8.15 (140)
15.1 (96)
17.19 (315)

Isaías
8.7-8 (149)
8.14 (156)
9.13 (296)
11.1 (156)
13.15-18 (149)
28.11 (86)
28.15 (348)
29.10-12 (86)
29.11-12 (329)
37.16 (45)
40.31 (50)
42.8 (392)

42.9-10 (111)
48.3, 4, 5 (176)
54.11 (29)
60.12 (165)
63.5 (168)

Jeremias
1.10 (268)
9.1 (267)
24.1-10 (43)
25.11 (313)
25.12 (22, 27)
25.26 (314)
29.7 (263)
29.10 (22, 27)
50.41–51.35 (313)

Ezequiel
14.12-20 (43, 415)
21.25-27 (156)

Daniel
2.31-35 (26)
3.17-18 (402)
5.2ss. (135)
5.26-28 (23)
6.7 (21)
9.20-27 (30)
9.24 (36)
11.35 (29)
12.1 (32)
12.10 (30)

Amós
5.19 (404)

Miquéias
5.2 (168)

Habacuque
1.16 (317)

Ageu
2.7 (24)

Zacarias
3.9 (156)

A Sabedoria de Salomão
11.20 (353)

1 Macabeus
1.56 (155)

Mateus
2.3, 16ss. (23)
5.11 (213)
10.29-31 (39)
10.32 (213)
24.35 (369)

Marcos
8.38 (213)
13.31 (369)

Lucas
1.52 (260)
12.6-7 (39)
21.19 (26)
23.31 (44)

João
4.24 (192)
18.36 (162)
19.12 (383)

Atos
7.22 (53)
10.25-26 (173)
12.3-19 (215)

Romanos
2.4-5 (285)
8.10 (166)
13.1 (260, 341)
13.5 (265)
14.23 (226)
16.27 (113)

1 Coríntios
2.14 (127, 186)
7.31 (140)
7.34 (192)

2 Coríntios
2.16 (30)
2.17 (95, 179)
3.14 (329)
5.4 (210)
7.10 (390)

Gálatas
5.25 (224)

Filipenses
1.21 (402)
4.6 (376)
4.12 (72)

Colossenses
1.5 (31)

1 Tessalonicenses
5.23 (192)

1 Timóteo
6.16 (120)

Tito
2.12-13 (31)

Hebreus
11.6 (401)
11.26 (71)
11.33 (400)

Tiago
1.6-8 (109)
4.6 (288)

1 Pedro
1.5 (167)
2.17 (398)
3.16 (365)
5.5 (288)
5.8 (395)

Índice de palavras

Palavras Hebraicas e Aramaicas

א – *aleph* (247, 299)
אנס – *anas* (247)
אסרא – *csara* (369)
ארך – *arach* (276)
אשפים – *assaphim* (88)

בארין – *bedaim* (350)
ברם – *beram* (128)

דיני אסץ – *dine emcz* (305)
דנה – *dena* (376)

ה – *he* (299)
היה – *haiah* (79)

הרטומים – *hartummin* (88)

טעם – *teem* (105, 316)
טבח – *tabah* (105)

כה – *coah* (50)
כלה – *kala (kela)* (298)
כשדים – *casdim* (89)

מהלך – *mehallech* (284)
מכשפים – *mecasphim* (88)
מלך – *malach* (275)
מלכי – *milchi* (275)
מלחה – *millethah* (92)

מנא – *mene* (330)
מנחה – *minha* (172)

נסה – *nasa* (247)

ספר – *sepher* (50)
עטה – *etah* (105)

פרוק – *peruk* (275)
פרחמים – *partemim* (47)
פרס – *Peres* (354)
פתגמא – *pithgama* (257)

צלה – *zalah* (413)

קשוט – *kesot* (305)
רב טבחים – *rab tabbahim* (106)

שביבא – *sebiba* (214)
שלה – *seleh* (239)
שלוה – *saluah* (240)

תקל – *tekel* (330)

Transliteraçõcs Hebraicas e Aramaicas

Haddamin (93)
Mene (330, 340, 351-52)
Peres (330, 351, 354)
Pharsin/Upharsin (351-52, 354)
Perah (47)
sarisim (46)
Tekel (330, 351-53)

Palavras Gregas

αὐτοκράτωρ (298)
δαιμόνια (84)
ἐκ διός ἐστιν ὄναρ (85)
θεῖα (84)
θεόπεμπτα (84)
μαντική (83)
σύδένειαν (299)
συμπάθεια (266)

DANIEL

Declaração de João Calvino:

A respeito de minha doutrina, ensinei fielmente e Deus me deu a graça de escrever. Fiz isso de modo mais fiel possível e nunca corrompi uma só passagem das Escrituras, nem conscientemente as distorci. Quando fui tentado a requintes, resisti à tentação e sempre estudei a simplicidade. Nunca escrevi nada com ódio de alguém, mas sempre coloquei fielmente diante de mim o que julguei ser a glória de Deus.

Fides REFORMATA, vol. IV, nº 2, p. 155, julho – dezembro de 1999, citado e traduzido pelo Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa.

EDIÇÕES PARAKLETOS